Do autor

Iniciando a biografia do meu herói, Alexei Fedorovich Karamazov, fico um tanto perplexo. A saber: embora eu chame Alexei Fedorovich de meu herói, eu mesmo sei que ele não é de forma alguma uma grande pessoa e, portanto, prevejo perguntas inevitáveis ​​​​como esta: o que há de tão notável em seu Alexei Fedorovich que você o escolheu como seu herói? O que ele fez? Quem é conhecido e o quê? Por que eu, leitor, deveria perder tempo estudando os fatos de sua vida?

A última pergunta é a mais fatal, porque só posso responder: “Talvez você veja por si mesmo no romance”. Bem, se lerem o romance e não o virem, não concordarão com a notabilidade do meu Alexei Fedorovich? Digo isso porque prevejo isso com pesar. Para mim é notável, mas duvido muito que terei tempo de prová-lo ao leitor. O facto é que talvez se trate de um número, mas um número incerto, não esclarecido. No entanto, seria estranho exigir clareza das pessoas numa época como a nossa. Uma coisa é, talvez, certa: este é um homem estranho, até excêntrico. Mas a estranheza e a excentricidade têm mais probabilidade de prejudicar do que de dar direito à atenção, especialmente quando todos se esforçam para unir os particulares e encontrar pelo menos algum bom senso na confusão geral. Um excêntrico é, na maioria dos casos, particular e isolado. Não é?

Agora, se você não concorda com esta última tese e responde: “Nem sempre” ou “nem sempre”, então talvez eu me sinta encorajado pelo significado do meu herói Alexei Fedorovich. Pois não só o excêntrico “nem sempre” é particular e isolado, mas, pelo contrário, acontece que às vezes ele carrega dentro de si o cerne do todo, e o resto das pessoas de sua época - todos, por algum vento flutuante, por algum motivo me afastei dele...

Porém, eu não me permitiria essas explicações muito desinteressantes e vagas e começaria de forma simples, simples, sem prefácio: se você gostar, eles vão ler de qualquer maneira; mas o problema é que tenho uma biografia, mas dois romances. O segundo romance principal é a atividade do meu herói em nosso tempo, precisamente em nosso momento atual. O primeiro romance aconteceu há treze anos, e quase não existe romance, mas apenas um momento da primeira juventude do meu herói. É impossível para mim prescindir deste primeiro romance, porque muita coisa no segundo romance se tornaria incompreensível. Mas desta forma a minha dificuldade inicial torna-se ainda mais complicada: se eu, isto é, o próprio biógrafo, achar que mesmo um romance seria talvez desnecessário para um herói tão modesto e indefinido, então como é aparecer com dois e como explicar tamanha arrogância da minha parte?

Perdido na resolução desses problemas, decido contorná-los sem qualquer permissão. É claro que o leitor perspicaz já adivinhou há muito tempo o que eu queria dizer desde o início, e só ficou irritado comigo porque eu estava desperdiçando palavras infrutíferas e tempo precioso. Vou responder com exatidão: desperdicei palavras infrutíferas e um tempo precioso, em primeiro lugar, por educação e, em segundo lugar, por astúcia: “afinal, dizem, eu te avisei de uma coisa com antecedência”. Porém, fico até feliz que meu romance se divida em dois contos “com a unidade essencial do todo”: ao conhecer o primeiro conto, o leitor decidirá por si mesmo: vale a pena assumir o segundo? Claro que ninguém está vinculado a nada, você pode jogar fora o livro de duas páginas da primeira história, para não revelar mais. Mas há leitores tão delicados que certamente desejarão ler até o fim para não se enganarem em um julgamento imparcial, como, por exemplo, todos os críticos russos. Então, diante dessas pessoas, meu coração ainda fica mais leve: apesar de todo o rigor e consciência, ainda lhes dou a desculpa mais legítima para abandonarem a história já no primeiro episódio do romance. Bem, isso é tudo o prefácio. Concordo plenamente que é supérfluo, mas como já foi escrito, deixe-o ficar.

Agora vamos ao que interessa.

I. Fedor Pavlovich Karamazov

Alexey Fedorovich Karamazov era o terceiro filho do proprietário de terras do nosso distrito, Fyodor Pavlovich Karamazov, tão famoso em sua época (e ainda hoje lembrado entre nós) por sua trágica e sombria morte, ocorrida há exatos treze anos e sobre a qual irei relatar. em seu devido lugar. Agora direi sobre este “proprietário de terras” (como o chamávamos, embora ele quase não tenha vivido toda a sua vida na sua propriedade) apenas que ele era um tipo estranho, que se encontra com bastante frequência, nomeadamente, o tipo de pessoa que não é apenas inútil e depravado, mas ao mesmo tempo estúpido - mas um daqueles estúpidos que sabem administrar perfeitamente seus assuntos imobiliários, e apenas estes, ao que parece. Fyodor Pavlovich, por exemplo, começou com quase nada, era o menor proprietário de terras, corria para jantar na mesa dos outros, se esforçava para se tornar um parasita, mas na época de sua morte tinha até cem mil rublos em dinheiro puro. E, ao mesmo tempo, durante toda a sua vida ele continuou a ser um dos malucos mais estúpidos de todo o nosso distrito. Repito mais uma vez: isso não é estupidez; A maioria desses loucos é bastante inteligente e astuta - ou seja, estupidez, e também algum tipo especial, nacional.

Ele foi casado duas vezes e teve três filhos - o mais velho, Dmitry Fedorovich, da primeira esposa, e os outros dois, Ivan e Alexey, da segunda. A primeira esposa de Fyodor Pavlovich pertencia a uma família bastante rica e nobre de nobres, os Miusovs, também proprietários de terras do nosso distrito. Como exatamente aconteceu que uma garota com dote, e até linda e, ainda por cima, uma das garotas espertas e animadas, tão comum em nossa geração atual, mas que apareceu no passado, poderia se casar com um tão insignificante “ cérebro”, como todos o chamavam então, não vou explicar muito. Afinal, conheci uma menina, da última geração “romântica”, que, após vários anos de amor misterioso por um cavalheiro, com quem, no entanto, sempre poderia casar da forma mais tranquila, acabou inventando obstáculos intransponíveis para si mesma e em uma noite de tempestade correu de uma margem alta que parecia um penhasco para um rio bastante profundo e rápido e morreu nele inteiramente por seus próprios caprichos, apenas porque se assemelhava à Ofélia de Shakespeare, e mesmo assim, mesmo que este penhasco, planejado e amado por ela há tanto tempo, não é tão pitoresco, e se em seu lugar houvesse apenas uma prosaica margem plana, então o suicídio poderia nem ter acontecido. Este facto é verdade, e devemos pensar que na nossa vida russa, nas últimas duas ou três gerações, aconteceram alguns factos semelhantes ou semelhantes. Da mesma forma, a acção de Adelaida Ivanovna Miusova foi, sem dúvida, um eco das tendências alheias e também um pensamento cativo de irritação. Ela pode ter querido declarar a independência feminina, ir contra as condições sociais, contra o despotismo do seu parentesco e da sua família, e uma fantasia obsequiosa convenceu-a, digamos apenas por um momento, de que Fyodor Pavlovich, apesar da sua posição como um parasita, -on, ainda é uma das pessoas mais corajosas e zombeteiras daquela época, em transição para tudo melhor, enquanto ele era apenas um bobo da corte malvado e nada mais. O mais curioso é que o assunto se deixou levar, e isso seduziu muito Adelaida Ivanovna. Fyodor Pavlovich, até pelo seu status social, estava muito preparado para todas essas passagens naquela época, pois desejava apaixonadamente estabelecer sua carreira, pelo menos de alguma forma; Era muito tentador agarrar-se a bons parentes e receber um dote. Quanto ao amor mútuo, parece que não existia - nem por parte da noiva, nem por parte dele, apesar até da beleza de Adelaide Ivanovna. Portanto, este incidente foi talvez o único desse tipo na vida de Fyodor Pavlovich, a pessoa mais voluptuosa de toda a sua vida, num instante pronto para se agarrar a qualquer saia, desde que ela o acenasse. E, no entanto, essa mulher por si só não lhe causou nenhuma impressão especial do lado apaixonado.

Adelaida Ivanovna, imediatamente após ser levada, viu instantaneamente que só desprezava o marido e nada mais. Assim, as consequências do casamento tornaram-se evidentes com extrema rapidez. Apesar de a família logo se reconciliar com o acontecimento e atribuir um dote ao fugitivo, a vida mais caótica e as cenas eternas começaram entre os cônjuges. Disseram que a jovem esposa mostrava incomparavelmente mais nobreza e sublimidade do que Fyodor Pavlovich, que, como se sabe agora, tirou dela todo o seu dinheiro de uma vez, até vinte e cinco mil, ela acabara de recebê-lo, então milhares estes desde então decididamente afundaram na água por ela. Por muito tempo e com todas as suas forças, ele tentou com todas as suas forças transferir para seu nome a aldeia e uma casa bastante boa na cidade, que também lhe ia como dote, por meio de algum ato adequado, e provavelmente o faria. consegui isso por puro, por assim dizer, desprezo e auto-aversão, que ele despertava em sua esposa a cada minuto com sua extorsão e súplica desavergonhadas, por puro cansaço mental, apenas para se livrar disso. Mas, felizmente, a família de Adelaida Ivanovna interveio e limitou o ataque. É sabido que aconteciam brigas frequentes entre os cônjuges, mas segundo a lenda, não foi Fyodor Pavlovich quem bateu, mas Adelaida Ivanovna, uma senhora de temperamento explosivo, corajosa, de pele escura, impaciente, dotada de notável força física. Finalmente, ela abandonou a casa e fugiu de Fyodor Pavlovich com um professor seminarista que estava morrendo de pobreza, deixando Fyodor Pavlovich nos braços de Mitya, de três anos. Fyodor Pavlovich instantaneamente iniciou um harém inteiro na casa e a embriaguez mais escandalosa, e durante os intervalos ele viajou por quase toda a província e reclamou entre lágrimas a todos e a todos sobre Adelaide Ivanovna que o havia deixado, e relatou tais detalhes que seria muito embaraçoso contar à esposa sobre sua vida conjugal. O principal é que ele parecia satisfeito e até lisonjeado por desempenhar seu engraçado papel de cônjuge ofendido diante de todos e até pintar os detalhes de sua ofensa com embelezamento. “Pense que você, Fyodor Pavlovich, recebeu o posto, então está feliz, apesar de toda a sua dor”, disseram-lhe os escarnecedores. Muitos ainda acrescentaram que ele ficou feliz por aparecer com a renovada aparência de bobo da corte e que propositalmente, para intensificar o riso, fingiu não perceber sua situação cômica. Quem sabe, porém, talvez tenha sido ingênuo nele. Finalmente ele conseguiu descobrir vestígios de seu fugitivo. A pobrezinha acabou em São Petersburgo, para onde se mudou com o seu seminarista e onde embarcou abnegadamente na mais completa emancipação. Fyodor Pavlovich imediatamente se ocupou e começou a se preparar para São Petersburgo - para quê? - Claro, ele mesmo não sabia. Na verdade, talvez ele tivesse ido então; mas, tendo tomado tal decisão, considerou-se imediatamente que tinha um direito especial, por uma questão de alegria, antes da estrada, de mergulhar novamente na mais ilimitada embriaguez. E foi nessa época que a família de sua esposa recebeu a notícia de sua morte em São Petersburgo. Ela morreu de repente, em algum lugar do sótão, segundo algumas lendas de tifo, e segundo outras, como se fosse de fome. Fyodor Pavlovich soube da morte de sua esposa bêbado, dizem, ele correu pela rua e começou a gritar, erguendo as mãos para o céu de alegria: “agora você solta”, e para outros ele chorou amargamente como um pequeno criança e a tal ponto que, dizem, foi até uma pena observá-lo, apesar de todo o desgosto por ele. É bem possível que tenha sido as duas coisas, isto é, que ele se alegrou com sua libertação e chorou pelo libertador, todos juntos. Na maioria dos casos, as pessoas, mesmo os vilões, são muito mais ingênuas e simplórias do que geralmente presumimos sobre elas. E nós também.

II. Mandei meu primeiro filho embora

Claro, pode-se imaginar que tipo de professor e pai tal pessoa poderia ser. O que aconteceu com ele como pai foi exatamente o que deveria acontecer, ou seja, ele abandonou total e completamente o filho, que morava com Adelaide Ivanovna, não por maldade para com ele ou não por algum sentimento conjugal ofendido, mas simplesmente porque esqueci dele completamente. Enquanto ele incomodava a todos com suas lágrimas e reclamações, e transformava sua casa em um covil depravado, o menino Mitya, de três anos, foi levado aos seus cuidados pelo fiel servo desta casa, Gregory, e se ele não tivesse cuidado dele então, talvez não houvesse ninguém para trocar a camisa da criança. Além disso, aconteceu que os familiares maternos da criança também pareceram esquecê-la a princípio. Seu avô, isto é, o próprio Sr. Miusov, pai de Adelaida Ivanovna, não estava mais vivo; Sua esposa viúva, a avó de Mitya, que se mudou para Moscou, ficou muito doente e suas irmãs se casaram, então Mitya teve que ficar com o servo de Grigory por quase um ano inteiro e morar em sua cabana no pátio. Porém, se o pai tivesse se lembrado dele (ele realmente não poderia deixar de saber de sua existência), ele mesmo o teria mandado de volta para a cabana, pois a criança ainda teria interferido em seu comportamento turbulento. Mas aconteceu que o primo da falecida Adelaide Ivanovna, Pyotr Aleksandrovich Miusov, voltou de Paris, que então sobreviveu por muitos anos no exterior, então ainda muito jovem, mas uma pessoa especial entre os Miusovs, esclarecido, metropolitano, estrangeiro, e, além disso, durante toda a sua vida foi um europeu e, no final da vida, um liberal dos anos quarenta e cinquenta. Ao longo de sua carreira, ele esteve em contato com muitas das pessoas mais liberais de sua época, tanto na Rússia quanto no exterior, conheceu pessoalmente Proudhon e Bakunin e adorou especialmente lembrar e falar, no final de suas viagens, sobre os três dias da revolução parisiense de fevereiro de 1948, sugerindo que ele próprio quase participou dela nas barricadas. Foi uma das lembranças mais alegres de sua juventude. Ele tinha uma fortuna independente, segundo a proporção anterior de cerca de mil almas. A sua excelente propriedade ficava imediatamente à saída da nossa cidade e fazia fronteira com o terreno do nosso famoso mosteiro, com o qual Pedro Alexandrovich, ainda muito jovem, assim que recebeu uma herança, iniciou imediatamente um processo interminável pelo direito a alguns uma espécie de pesca no rio, ou derrubada na floresta, não sei ao certo, mas até considerei meu dever cívico e esclarecido iniciar o processo com os “clérigos”. Tendo ouvido tudo sobre Adelaida Ivanovna, de quem, é claro, ele se lembrava e até notou uma vez, e sabendo que Mitya permaneceu, ele, apesar de toda a sua indignação juvenil e desprezo por Fyodor Pavlovich, envolveu-se neste assunto. Foi aqui que conheceu Fyodor Pavlovich pela primeira vez. Ele disse-lhe diretamente que gostaria de se encarregar de criar o filho. Ele contou muito tempo depois, como característica, que quando começou a falar com Fyodor Pavlovich sobre Mitya, por algum tempo ele pareceu completamente inconsciente de que tipo de criança estava falando, e até pareceu surpreso por ter em algum lugar ali é um filho pequeno em casa. Se pudesse haver um exagero na história de Piotr Alexandrovich, então ainda deveria haver algo semelhante à verdade. Mas, na verdade, Fyodor Pavlovich adorou durante toda a vida se apresentar, de repente desempenhar algum papel inesperado diante de você e, o mais importante, às vezes sem qualquer necessidade, até mesmo para prejudicar diretamente a si mesmo, como no presente caso. Essa característica, entretanto, é característica de muitas pessoas, e até mesmo de pessoas muito inteligentes, não como Fyodor Pavlovich. Piotr Alexandrovich perseguiu o assunto com ardor e foi até nomeado (juntamente com Fyodor Pavlovich) como tutor da criança, porque, afinal, a mãe ainda tinha a propriedade, a casa e a propriedade sobrando. Na verdade, Mitya foi morar com esse primo, mas ele não tinha família própria e, como ele próprio, mal tendo se acomodado e garantido as receitas monetárias de suas propriedades, imediatamente voltou correndo para Paris por um longo tempo, confiou a criança a um de seus primos, para uma senhora de Moscou. Acontece que, tendo-se estabelecido em Paris, esqueceu-se do filho, sobretudo quando chegou aquela mesma revolução de fevereiro, que tanto capturou a sua imaginação e da qual não pôde mais esquecer durante toda a vida. A senhora de Moscou morreu e Mitya mudou-se para uma de suas filhas casadas. Parece que ele mudou o ninho pela quarta vez. Não vou me estender sobre isso agora, até porque ainda tenho muito a dizer sobre esse primogênito de Fyodor Pavlovich, e agora me limito apenas às informações mais necessárias sobre ele, sem as quais é impossível para mim até começar um romance.

Em primeiro lugar, este Dmitry Fedorovich foi um dos três filhos de Fyodor Pavlovich, que cresceu na convicção de que ainda tinha alguma riqueza e que quando atingisse a idade adulta seria independente. A juventude e a infância foram desordenadas: não terminou os estudos no ginásio, depois foi parar na escola militar, depois foi parar no Cáucaso, ganhou um favor, travou um duelo, foi rebaixado, foi promovido novamente, fez muitas farras e, comparativamente falando, viveu com bastante dinheiro. Ele começou a recebê-los de Fyodor Pavlovich somente quando atingiu a maioridade e, até então, contraiu dívidas. Reconheci e vi Fyodor Pavlovich, meu pai, pela primeira vez depois que ele atingiu a maioridade, quando ele veio deliberadamente à nossa região para explicar-lhe sobre sua propriedade. Parece que ele ainda não gostava dos pais; Não ficou muito tempo com ele e saiu rapidamente, tendo conseguido apenas receber dele uma certa quantia, e tendo feito com ele algum acordo quanto ao posterior recebimento de rendimentos do espólio, dos quais (fato interessante) ele tinha nem lucratividade nem valor naquela época de Fyodor Pavlovich e não o alcançaram. Fyodor Pavlovich notou então, desde a primeira vez (e isto deve ser lembrado), que Mitya tinha um conceito exagerado e incorreto de sua condição. Fyodor Pavlovich ficou muito satisfeito com isso, tendo em mente seus cálculos especiais. Deduziu apenas que o jovem era frívolo, violento, apaixonado, impaciente, brincalhão, e que, só para agarrar algo temporariamente e, claro, pelo menos por pouco tempo, imediatamente se acalmava. Foi isso que Fyodor Pavlovich começou a explorar, ou seja, a escapar com pequenas esmolas, expulsões temporárias, e no final aconteceu que quando, já quatro anos depois, Mitya, tendo perdido a paciência, veio outra vez à nossa cidade para terminar completamente as coisas com seus pais, então de repente descobriu, para sua maior surpresa, que ele não tinha mais nada, que era até difícil de contar, que ele já havia roubado de Fyodor Pavlovich todo o valor de sua propriedade em dinheiro, e talvez até lhe devesse dinheiro; que para tais e tais transações, nas quais ele mesmo desejou realizar, ele não tem o direito de exigir mais nada, etc., etc. O jovem ficou pasmo, suspeitou de mentira, engano e quase perdeu a paciência e parecia ter perdido a cabeça. Foi esta circunstância que levou à catástrofe, cuja apresentação será o tema do meu primeiro romance introdutório, ou melhor, o seu lado externo. Mas enquanto passo para este romance, também preciso falar sobre os outros dois filhos de Fyodor Pavlovich, irmãos de Mitya, e explicar de onde eles vieram.

III. Segundo casamento e segundos filhos

Fyodor Pavlovich, tendo mandado embora Mitya, de quatro anos, logo depois se casou pela segunda vez. Este segundo casamento durou cerca de oito anos. Ele tomou esta sua segunda esposa, também muito jovem, Sofya Ivanovna, de outra província, que visitou num pequeno negócio contratado, com algum líquido em companhia. Embora Fyodor Pavlovich farrasse, bebesse e se tornasse turbulento, ele nunca parou de investir seu capital e sempre administrou seus negócios com sucesso, embora, é claro, quase sempre de maneira astuta. Sofya Ivanovna era uma das “órfãs”, sem raízes desde a infância, filha de algum diácono sombrio, que cresceu na rica casa de seu benfeitor, professor e algoz, esposa de um nobre velho general, viúva do general Vorokhov. Não sei os detalhes, mas só ouvi dizer que depois que a aluna, mansa, meiga e não correspondida, foi tirada do laço que havia pendurado em um prego no armário, foi tão difícil para ela suportar a desobediência e censuras eternas a esta velha aparentemente não má, mas ela era apenas uma tirana intolerável por causa da ociosidade. Fyodor Pavlovich ofereceu-lhe a mão, perguntaram por ele e expulsaram-no, e aqui ele novamente, como no primeiro casamento, ofereceu-se para levar o órfão embora. É muito, muito possível que ela nem tivesse se casado com ele por nada se tivesse aprendido mais detalhes sobre ele em tempo hábil. Mas foi em outra província; e o que uma jovem de dezesseis anos poderia entender, exceto que era melhor ir para o rio do que ficar com o benfeitor. Então a pobrezinha trocou a sua benfeitora pela sua benfeitora. Fyodor Pavlovich desta vez não pegou um centavo, porque a esposa do general ficou zangada, não deu nada e, além disso, amaldiçoou os dois; mas ele não esperava aproveitar desta vez, mas foi seduzido apenas pela beleza notável da garota inocente e, mais importante, por sua aparência inocente, que o impressionou, um homem voluptuoso e até então um amante cruel apenas da beleza feminina áspera . “Aqueles olhos inocentes cortaram minha alma como uma navalha”, ele costumava dizer mais tarde, rindo repugnantemente à sua maneira. Contudo, numa pessoa depravada isto só poderia ser uma atração voluptuosa. Sem receber nenhuma recompensa, Fyodor Pavlovich não fez cerimônia com sua esposa e, aproveitando o fato de ela ser, por assim dizer, “culpada” diante dele, e de quase “deixá-la fora de perigo”, aproveitando por sua fenomenal humildade e irresponsabilidade, ele até pisoteou a mais comum decência conjugal. Mulheres más entravam em sua casa, ali mesmo na presença de sua esposa, e aconteciam orgias. Como característica, relatarei que o servo Grigory, um raciocinador sombrio, estúpido e teimoso que odiava a ex-senhora Adelaida Ivanovna, desta vez ficou ao lado da nova senhora, defendeu e repreendeu Fyodor Pavlovich por ela de uma forma quase inaceitável para um servo, e uma vez até acabou com uma orgia e todas as mulheres ultrajantes que vieram à força. Posteriormente, a infeliz jovem, assustada desde a infância, contraiu algum tipo de doença nervosa feminina, mais comum entre as pessoas comuns entre as mulheres da aldeia, chamadas de panelinhas por causa dessa doença. Desta doença, com terríveis ataques histéricos, a paciente às vezes até enlouquecia. No entanto, ela deu à luz dois filhos a Fyodor Pavlovich, Ivan e Alexei, o primeiro no primeiro ano de casamento e o segundo três anos depois. Quando ela morreu, o menino Alexei tinha quatro anos e, embora seja estranho, sei que ele se lembrou da mãe pelo resto da vida, como se fosse um sonho, claro. Após a morte dela, aconteceu com os dois meninos quase exatamente a mesma coisa que com o primeiro, Mitya: eles foram completamente esquecidos e abandonados pelo pai e acabaram com o mesmo Gregório e também em sua cabana. Foi na cabana que a velha, esposa do general tirano, benfeitora e professora da mãe, os encontrou. Ela ainda estava viva e durante todos os oito anos, ela não conseguia esquecer o insulto infligido a ela. Ela teve as informações mais precisas sobre a vida de sua “Sophia” durante todos os oito anos, e ouvindo o quão doente ela estava e quais desgraças a cercavam, ela disse em voz alta para seus seguidores duas ou três vezes: “Isso é o que ela precisa, é disso que ela precisa.” Deus me enviou por ingratidão.”

Exatamente três meses após a morte de Sofia Ivanovna, a esposa do general veio de repente pessoalmente à nossa cidade e diretamente ao apartamento de Fyodor Pavlovich, e ela ficou na cidade apenas meia hora, mas fez muito. Já era noite. Fyodor Pavlovich, que ela não via há oito anos, revelou-se bêbado para ela. Dizem que ela instantaneamente, sem qualquer explicação, apenas o viu, deu-lhe dois nobres e sonoros tapas na cara e puxou seu topete de cima para baixo três vezes, depois, sem acrescentar uma palavra, foi direto para a cabana para o dois meninos. Percebendo à primeira vista que eles não estavam lavados e com roupa suja, ela imediatamente deu um tapa na cara do próprio Gregory e anunciou-lhe que estava levando os dois filhos para sua casa, depois os tirou com o que estavam vestindo, embrulhou-os em um cobertor, colocou-os em uma carruagem e levou-os para sua cidade. Grigory suportou esse tapa na cara como um escravo devotado, não disse uma palavra rude e, quando acompanhou a velha senhora até a carruagem, curvou-se para ela pela cintura e disse de forma impressionante que “Deus a pagará pelos órfãos. ” “Mas ainda assim, você é um idiota!” A esposa do general gritou para ele enquanto se afastava. Fyodor Pavlovich, tendo considerado todo o assunto, descobriu que era uma coisa boa e no seu acordo formal sobre a educação dos filhos com a esposa do general, não recusou um único ponto. Ele mesmo percorreu a cidade para falar sobre as bofetadas que recebeu.

Acontece que a esposa do general morreu logo depois, mas em seu testamento, porém, ela deu aos dois pequenos mil rublos cada, “para sua educação, e para que todo esse dinheiro fosse certamente gasto com eles, mas para que fosse seria suficiente até atingirem a idade adulta, porque tal esmola é suficiente para essas crianças, e se alguém quiser, que ele mesmo desembolse, e assim por diante, e assim por diante.” Eu mesmo não li o testamento, mas ouvi dizer que havia algo estranho desse tipo e expresso de maneira muito peculiar. O principal herdeiro da velha revelou-se um homem honesto, o líder provincial da nobreza daquela província, Efim Petrovich Polenov. Tendo escrito para Fyodor Pavlovich e instantaneamente adivinhado que não seria possível obter dinheiro dele para criar seus próprios filhos (embora ele nunca tenha recusado diretamente, mas apenas sempre adiado nesses casos, às vezes até expressando suas sensibilidades), ele participou do órfãos pessoalmente e principalmente se apaixonou pelo mais novo deles, Alexei, tanto que ele cresceu em sua família por muito tempo. Peço ao leitor que perceba desde o início. E se os jovens deviam a alguém a sua educação e educação para o resto da vida, era a este Efim Petrovich, o homem mais nobre e humano, daqueles que raramente se encontram. Ele guardava para os pequenos os mil, deixados pela mulher do general, de forma inviolável, para que, quando chegassem à idade adulta, aumentassem em percentagens, cada um até dois, levantava-os com o seu próprio dinheiro, e claro, gastava muito mais. do que mil para cada um. Mais uma vez, não entrarei em uma história detalhada de sua infância e juventude, mas delinearei apenas as circunstâncias mais importantes. Porém, sobre o mais velho, Ivan, direi apenas que ele cresceu como uma espécie de jovem sombrio e fechado, longe de ser tímido, mas como se desde os dez anos tivesse penetrado no fato de que eles ainda estavam crescendo na família de outra pessoa e nos favores de outras pessoas, e que têm algum tipo de pai sobre quem é vergonhoso até falar, e assim por diante. e assim por diante. Esse menino logo, quase na infância (pelo menos como foi relatado), começou a demonstrar algumas habilidades extraordinárias e brilhantes de aprendizagem. Não sei exatamente, mas de alguma forma aconteceu que ele se separou da família de Efim Petrovich aos quase treze anos, indo para um dos ginásios e internatos de Moscou com um professor experiente e então famoso, amigo de infância de Efim Petrovich. O próprio Ivan disse mais tarde que tudo aconteceu, por assim dizer, “pelo ardor pelas boas ações” de Efim Petrovich, que se deixou levar pela ideia de que um menino com habilidades geniais deveria ser criado por um professor brilhante. Porém, nem Efim Petrovich nem o brilhante professor estavam vivos quando o jovem, formado no ensino médio, ingressou na universidade. Como Efim Petrovich administrou mal e o recebimento do dinheiro dos próprios filhos legado pela esposa do general tirano, que já havia aumentado de mil para dois por cento, foi retardado devido a várias formalidades e atrasos completamente inevitáveis ​​​​em nosso país, o jovem teve um período muito difícil nos primeiros dois anos de universidade, pois durante todo esse tempo foi obrigado a se alimentar e se sustentar e ao mesmo tempo estudar. Note-se que ele nem sequer quis tentar corresponder-se com o pai - talvez por orgulho, por desprezo por ele, ou talvez por um frio bom senso, que lhe dizia que não receberia qualquer sério apoio de seu pai. Seja como for, o jovem não ficou perdido e conseguiu um emprego, primeiro dando aulas por dois copeques, e depois correndo pelas redações dos jornais e entregando artigos de dez linhas sobre incidentes de rua, assinados “Testemunha ocular. ” Esses artigos, dizem, sempre foram compostos de forma tão curiosa e picante que rapidamente entraram em circulação, e só nisso o jovem mostrou toda a sua superioridade prática e mental sobre aquela parte numerosa, sempre necessitada e infeliz de nossa juventude estudantil de ambos os sexos. , que, nas capitais, como sempre, de manhã à noite, bate às portas de vários jornais e revistas, sem encontrar nada melhor do que a eterna repetição do mesmo pedido de traduções do francês ou de correspondência. Tendo conhecido os editores, Ivan Fedorovich nunca rompeu relações com eles e, nos últimos anos de universidade, começou a publicar análises muito talentosas de livros sobre diversos temas especiais, tornando-se até famoso no meio literário. No entanto, só muito recentemente ele conseguiu atrair acidentalmente atenção especial para si mesmo em um círculo muito maior de leitores, de modo que muitas pessoas imediatamente o notaram e se lembraram dele. Foi um caso bastante curioso. Já tendo saído da universidade e se preparando para ir para o exterior com seus dois mil, Ivan Fedorovich publicou repentinamente um estranho artigo em um dos grandes jornais, que atraiu a atenção até de não especialistas e, o mais importante, sobre um assunto aparentemente completamente desconhecido para ele, porque ele havia se formado no curso de ciências naturais. O artigo foi escrito sobre a questão do tribunal da igreja que surgiu em todos os lugares naquela época. Analisando alguns dos pareceres já apresentados sobre esta questão, expressou também a sua opinião pessoal. O principal foi o tom e a surpresa maravilhosa da conclusão. Enquanto isso, muitos dos clérigos consideravam decididamente o autor como um dos seus. E de repente, ao lado deles, não só os cidadãos, mas até os próprios ateus começaram a aplaudir. No final, algumas pessoas astutas decidiram que todo o artigo era apenas uma farsa ousada e uma zombaria. Menciono este caso especialmente porque este artigo penetrou prontamente em nosso famoso mosteiro nos subúrbios, onde geralmente se interessavam pela questão emergente do tribunal da igreja - penetrou e causou total perplexidade. Ao saber o nome do autor, interessaram-se pelo fato de ele ser natural de nossa cidade e filho “deste mesmo Fyodor Pavlovich”. E então, de repente, neste exato momento, o próprio autor veio até nós.

Por que Ivan Fedorovich veio até nós então? Lembro-me de me fazer essa pergunta com uma espécie de quase ansiedade. Esta chegada fatal, que foi o início de tantas consequências, durante muito tempo depois permaneceu quase sempre para mim uma questão de incerteza. Em geral, a julgar por isso, era estranho que um jovem tão culto, tão orgulhoso e cauteloso na aparência, aparecesse de repente em uma casa tão feia, para um pai que o ignorou durante toda a vida, não o conhecia e fez não me lembro, e embora é claro que não lhe daria dinheiro em hipótese alguma, se seu filho lhe pedisse, mas durante toda a vida ele teve medo de que seus filhos, Ivan e Alexei, também viessem pedir dinheiro. E assim o jovem se instala na casa de tal pai, mora com ele um ou dois meses, e ambos se dão o melhor possível. Este último surpreendeu especialmente não só a mim, mas também a muitos outros. Piotr Aleksandrovich Miusov, que mencionei acima, um parente distante de Fyodor Pavlovich através de sua primeira esposa, por acaso estava conosco novamente, em sua propriedade suburbana, vindo de Paris, onde já havia se estabelecido completamente. Lembro-me que foi ele quem mais se surpreendeu ao conhecer um homem extremamente jovem que o interessava, com quem às vezes trocava conhecimentos, não sem dor interior. “Ele está orgulhoso”, contou-nos então sobre ele, “ele sempre conseguirá um centavo, até agora tem dinheiro para ir para o exterior - o que ele quer aqui? É claro para todos que ele não procurou o pai por dinheiro, porque de qualquer forma o pai não o dará. Ele não gosta de beber vinho e ser debochado, mas o velho não consegue viver sem ele, eles se dão muito bem! Era verdade; o jovem teve até uma influência visível sobre o velho; às vezes ele quase começou a parecer obedecê-lo, embora às vezes fosse extremamente e até cruelmente obstinado; Às vezes ele até começou a se comportar de maneira mais decente...

Só mais tarde foi explicado que Ivan Fedorovich veio em parte a pedido e a negócios de seu irmão mais velho, Dmitry Fedorovich, a quem ele reconheceu e viu pela primeira vez em sua infância, também quase ao mesmo tempo, nesta mesma visita, mas com quem, no entanto, ele manteve correspondência antes mesmo de sua chegada de Moscou em uma ocasião importante relativa a Dmitry Fedorovich. O que foi, o leitor descobrirá em detalhes no devido tempo. No entanto, mesmo quando eu já sabia dessa circunstância especial, tudo me parecia misterioso em Ivan Fedorovich, e sua chegada até nós ainda era inexplicável.

Acrescentarei também que Ivan Fedorovich apareceu então como mediador e conciliador entre seu pai e seu irmão mais velho, Dmitry Fedorovich, que então iniciou uma grande briga e até uma ação formal contra seu pai.

Esta família, repito, então todos se reuniram pela primeira vez na vida, e alguns de seus membros se viram pela primeira vez na vida. Apenas um filho mais novo, Alexey Fedorovich, já morava conosco há um ano e por isso veio até nós antes de todos os irmãos. É sobre esse Alexei que tenho mais dificuldade de falar em meu prefácio atual, antes de trazê-lo ao palco do romance. Mas terei que escrever um prefácio sobre ele, pelo menos para esclarecer antecipadamente um ponto muito estranho, a saber: sou forçado a apresentar meu futuro herói aos leitores desde a primeira cena de seu romance na lentilha d'água de um novato. Sim, ele já morava em nosso mosteiro há cerca de um ano e, ao que parecia, estava se preparando para se isolar nele pelo resto da vida.

4. Terceiro filho Alyosha

Ele tinha então apenas vinte anos (seu irmão Ivan tinha então vinte e quatro anos e seu irmão mais velho, Dmitry, vinte e oito). Em primeiro lugar, declaro que este jovem, Alyosha, não era de todo um fanático e, na minha opinião, pelo menos, nem sequer um místico. Vou lhe contar antecipadamente minha opinião completa: ele foi simplesmente um antigo amante da humanidade, e se ele pegou o caminho do mosteiro, foi apenas porque naquela época só isso o atingiu e lhe apresentou, por assim dizer, o resultado ideal do anseio da alma das trevas da malícia mundana para a luz do amor dele. E esta estrada só o impressionou porque nela conheceu uma criatura extraordinária em sua opinião - o nosso famoso ancião do mosteiro Zósima, a quem se apegou com todo o primeiro amor ardente do seu coração insaciável. Porém, não discuto que ele já era muito estranho desde o berço. Aliás, já mencionei sobre ele que, tendo deixado a mãe por apenas quatro anos, lembrou-se dela mais tarde para o resto da vida, de seu rosto, de suas carícias, “como se ela estivesse viva diante de mim”. Essas memórias podem ser lembradas (e todos sabem disso) desde muito cedo, mesmo a partir dos dois anos de idade, mas apenas aparecendo ao longo da vida como pontos brilhantes da escuridão, como se fosse um canto rasgado de uma enorme imagem que se apagou e desapareceu, exceto por este canto. Com ele acontecia exatamente a mesma coisa: lembrava-se de uma noite, de verão, tranquila, de uma janela aberta, dos raios oblíquos do sol poente (os raios oblíquos eram o que ele mais lembrava), no quarto do canto havia uma imagem, em diante dele uma lâmpada acesa, e diante da imagem de joelhos, soluçando como se estivesse histérica, com gritos e gritos, sua mãe, que o agarrou com as duas mãos, abraçou-o com força até a dor e rezou para o Mãe de Deus para ele, estendendo-o do seu abraço com as duas mãos até a imagem como se estivesse sob o manto da Mãe de Deus... e de repente a babá entra correndo e arranca-o dela assustada. Aqui está uma foto! Alyosha também se lembrou do rosto de sua mãe naquele momento: ele disse que era frenético, mas lindo, a julgar pelo quanto conseguia lembrar. Mas ele raramente gostava de confiar esta memória a alguém. Na infância e na juventude foi um pouco expansivo e até um pouco falante, mas não por desconfiança, não por timidez ou insociabilidade sombria, muito pelo contrário, mas por outra coisa, por algum tipo de preocupação interna, na verdade pessoal, a outras não relacionadas. , mas tão importante para ele que parecia esquecer os outros por causa disso. Mas ele amava as pessoas: parecia ter vivido toda a sua vida acreditando completamente nas pessoas, mas ninguém jamais o considerou um simplório ou uma pessoa ingênua. Havia algo nele que dizia e inspirava (e durante toda a sua vida depois) que ele não queria ser juiz das pessoas, que não iria querer julgar a si mesmo e não condenaria ninguém por nada. Parecia até que ele permitia tudo, sem condenar em nada, embora muitas vezes ficasse muito triste. Além disso, neste sentido, ele chegou a tal ponto que ninguém poderia surpreendê-lo ou assustá-lo, e isso mesmo na sua mais tenra juventude. Aparecendo aos vinte e poucos anos para o pai, positivamente em um covil de devassidão suja, ele, casto e puro, só se afastava silenciosamente quando era insuportável olhar, mas sem a menor aparência de desprezo ou condenação a ninguém. Seu pai, que já foi um parasita e, portanto, um homem sensível e sensível a se ofender, a princípio o cumprimentou com desconfiança e melancolia (“ele diz que fica muito calado e pensa muito consigo mesmo”), mas logo terminou abraçando-o terrivelmente e beijando-o, não mais de duas semanas depois, embora com lágrimas de embriaguez, com uma sensibilidade de embriaguez, mas é claro que tendo-o amado sincera e profundamente, e de uma forma que, é claro, alguém como ele nunca tinha capaz de amar alguém...

E todos amavam esse jovem, onde quer que ele aparecesse, e isso desde a infância. Encontrando-se na casa de seu benfeitor e educador, Efim Petrovich Polenov, ele apegou tanto a si todos desta família que ali foi decididamente considerado como se fosse seu próprio filho. E, no entanto, ele entrou nesta casa numa infância em que não se pode esperar de uma criança a astúcia calculista, a astúcia ou a arte de obter favores e ser querido, a capacidade de se apaixonar. Portanto, ele continha o dom de despertar um amor especial por si mesmo, por assim dizer, na própria natureza, de forma simples e direta. A mesma coisa aconteceu com ele na escola e, no entanto, ao que parece, ele era precisamente o tipo de criança que desperta a desconfiança dos companheiros, às vezes o ridículo e talvez até o ódio. Por exemplo, ele ficou pensativo e pareceu se desconectar. Desde a infância ele adorava ir para um canto e ler livros, mas seus companheiros o amavam tanto que alguém poderia chamá-lo de favorito de todos durante toda a sua permanência na escola. Ele raramente era brincalhão, raramente mesmo alegre, mas todos, olhando para ele, imediatamente perceberam que isso não se devia a qualquer melancolia nele, que, pelo contrário, ele era equilibrado e claro. Ele nunca quis expor entre seus pares. Talvez seja por isso que ele nunca teve medo de ninguém, mas enquanto isso os meninos perceberam imediatamente que ele não estava nada orgulhoso de seu destemor, mas parecia não entender que era corajoso e destemido. Nunca me lembrei do insulto. Aconteceu que uma hora depois da ofensa ele respondeu ao agressor, ou falou pessoalmente com ele, com um olhar tão confiante e claro, como se nada tivesse acontecido entre eles. E não é que ele fingiu que acidentalmente esqueceu ou perdoou deliberadamente a ofensa, mas simplesmente não a considerou uma ofensa, e isso cativou e conquistou decisivamente os filhos. Havia nele apenas um traço, que em todas as turmas do ginásio, do mais baixo ao mais alto, despertava nos seus companheiros uma vontade constante de zombar dele, mas não por ridículo malicioso, mas porque era divertido para eles. Essa característica nele era modéstia e castidade selvagens e frenéticas. Ele não conseguia ouvir certas palavras e certas conversas sobre mulheres. Essas palavras e conversas “famosas”, infelizmente, são inerradicáveis ​​nas escolas. Os meninos puros de alma e de coração, quase ainda crianças, muitas vezes gostam de conversar entre si nas aulas e até em voz alta sobre essas coisas, fotos e imagens que nem sempre os soldados falam, aliás, os soldados não sabem muito e; não entendo o que já é familiar, desta forma, às crianças ainda tão pequenas da nossa inteligente e alta sociedade. Provavelmente ainda não há depravação moral aqui, também não há cinismo real, depravado, interno, mas há um externo, e muitas vezes é considerado por eles como algo até delicado, sutil, corajoso e digno de imitação. Vendo que “Alyoshka Karamazov”, quando começaram a falar “sobre isso”, rapidamente tapava seus ouvidos com os dedos, às vezes formavam uma multidão ao lado dele de propósito e, tirando à força as mãos de seus ouvidos, gritavam obscenidades para ele em ambos ouvidos, e ele lutou e caiu no chão, deitou-se, cobriu-se, e tudo isso sem dizer uma palavra a eles, sem xingar, suportando silenciosamente o insulto. No final, porém, eles o deixaram sozinho e não o provocaram mais com “a garota”; além disso, olharam para ele nesse sentido com pesar. Aliás, em suas aulas ele sempre se destacou entre os melhores nos estudos, mas nunca foi premiado em primeiro lugar.

Quando Efim Petrovich morreu, Alyosha passou mais dois anos no ginásio provincial. A inconsolável esposa de Yefim Petrovich, quase imediatamente após sua morte, foi por muito tempo para a Itália com toda a família, toda composta por mulheres, e Alyosha acabou na casa de umas duas senhoras que ele nunca tinha visto antes, como -parentes distantes de Efim Petrovich, mas em que condições ele próprio não sabia. Seu traço característico, e até muito característico, era que ele nunca se importava com os meios de vida. Nisso ele era o completo oposto de seu irmão mais velho, Ivan Fedorovich, que passou os primeiros dois anos na universidade alimentando-se com seu próprio trabalho e, desde a infância, sentiu amargamente que vivia do pão alheio de seu benfeitor. Mas esse estranho traço no caráter de Alexei, ao que parece, não poderia ser condenado com muita severidade, porque quem mal o reconheceu, imediatamente, quando surgiu uma pergunta a esse respeito, teve certeza de que Alexei era certamente um daqueles jovens, mais ou menos como santos tolos, a quem, se de repente conseguisse um capital inteiro, não hesitaria em dá-lo à primeira exigência, ou por uma boa ação, ou talvez até mesmo a um malandro esperto, se lhe pedisse. E, de modo geral, ele parecia não saber o valor do dinheiro, claro que não no sentido literal. Quando lhe deram uma mesada, que ele próprio nunca pediu, ou ele ficou semanas sem saber o que fazer com ela, ou não cuidou muito bem dela; Pyotr Aleksandrovich Miusov, um homem muito sensível em relação ao dinheiro e à honestidade burguesa, uma vez, posteriormente, olhando atentamente para Alexei, proferiu o seguinte aforismo sobre ele: “Aqui pode estar a única pessoa no mundo que você de repente deixa sozinha e sem dinheiro em um área de uma cidade estranha com um milhão de habitantes, e ele nunca perecerá ou morrerá de fome e frio, porque será alimentado em um instante, receberá um lar em um instante, e se não conseguirem um lar, ele conseguirá um lar num instante, e isso não lhe custará nenhum esforço ou nenhuma humilhação, e que não lhe impôs nenhum fardo, mas talvez, pelo contrário, ele será considerado um prazer.”

Ele não terminou o curso no ginásio; ele ainda tinha um ano inteiro quando de repente anunciou às suas damas que iria falar com seu pai sobre algum assunto que lhe veio à cabeça. Eles ficaram com muita pena dele e não queriam deixá-lo entrar. A viagem foi muito barata e as senhoras não lhe permitiram penhorar o relógio, presente da família do benfeitor antes de partir para o estrangeiro, mas forneceram-lhe luxuosamente fundos, até um vestido e roupa de cama novos. No entanto, ele devolveu metade do dinheiro, anunciando que definitivamente queria ficar na terceira classe. Chegando em nossa cidade, ele respondeu às primeiras perguntas de seus pais: “Por que exatamente você veio sem concluir o curso?” não respondeu nada diretamente, mas foi, como dizem, extraordinariamente atencioso. Logo foi descoberto que ele estava procurando o túmulo de sua mãe. Ele até admitiu então que era só para isso que ele veio. Mas esta não é toda a razão da sua chegada. É muito provável que ele mesmo não soubesse então e não pudesse explicar por nada: o que exatamente surgiu de repente de sua alma e o atraiu irresistivelmente para algum caminho novo, desconhecido, mas já inevitável. Fyodor Pavlovich não pôde mostrar-lhe onde enterrou sua segunda esposa, porque ele nunca tinha ido ao túmulo dela depois que o caixão foi preenchido e, devido ao passar do tempo, ele esqueceu completamente onde ela foi enterrada...

Falando de Fiódor Pavlovich. Ele não morava em nossa cidade há muito tempo. Três ou quatro anos após a morte de sua segunda esposa, ele foi para o sul da Rússia e finalmente acabou em Odessa, onde morou por vários anos consecutivos. Ele primeiro conheceu, em suas próprias palavras, “muitos judeus, líquidos, judeus e pequenos judeus”, e acabou sendo aceito não apenas pelos judeus, mas “também pelos judeus”. É preciso pensar que durante esse período de sua vida ele desenvolveu uma habilidade especial de ganhar e espremer dinheiro. Ele finalmente retornou à nossa cidade apenas três anos antes da chegada de Aliócha. Seus antigos conhecidos o consideravam terrivelmente velho, embora ele não fosse tão velho assim. Ele se comportou não apenas com mais nobreza, mas de alguma forma com mais atrevimento. Por exemplo, surgiu uma necessidade descarada de o velho bobo vestir os outros como bobos. Ele adorava fazer atos ultrajantes com o sexo feminino, não tanto quanto antes, mas de forma ainda mais repugnante. Ele rapidamente se tornou o fundador de muitas novas tabernas no condado. Estava claro que ele tinha talvez até cem mil, ou talvez um pouco menos. Muitos dos residentes da cidade e do condado imediatamente lhe deviam dinheiro, com a garantia mais segura, é claro. Ultimamente, porém, ele tinha ficado um tanto flácido, de alguma forma começou a perder a serenidade e a auto-responsabilidade, até caiu numa espécie de frivolidade, começou uma coisa e terminou com outra, de alguma forma ficou distraído e ficou bêbado cada vez mais, e se não fosse o mesmo lacaio Grigory, que também já estava bastante velho naquela época e às vezes cuidava dele quase como um tutor, então talvez Fyodor Pavlovich não teria vivido sem problemas especiais. A chegada de Alyosha parecia ter um efeito sobre ele até mesmo do lado moral, como se algo tivesse despertado neste velho atemporal de algo que há muito havia morrido em sua alma: “Você sabe”, ele começou a dizer com frequência a Alyosha , olhando atentamente para ele, "Por que você se parece com ela, como uma camarilha?" Foi assim que ele chamou sua falecida esposa, a mãe de Alyosha. O túmulo da “camarilha” foi finalmente mostrado a Alyosha pelo lacaio Grigory. Ele o levou ao cemitério de nossa cidade e lá, em um canto distante, mostrou-lhe uma laje de ferro fundido barata, mas bem cuidada, na qual havia até uma inscrição com o nome, posição, anos e ano de morte do falecido, e em na parte inferior havia até algo inscrito como uma quadra dos antigos poemas de cemitério comumente usados ​​nos túmulos das pessoas comuns. Para minha surpresa, esta laje acabou sendo obra de Gregory. Foi ele mesmo quem o ergueu sobre o túmulo da pobre “camarilha” e às suas próprias custas, depois que Fyodor Pavlovich, a quem já havia incomodado muitas vezes com lembranças deste túmulo, finalmente partiu para Odessa, desistindo não só dos túmulos . mas também por todas as minhas memórias. Alyosha não demonstrou nenhuma sensibilidade especial no túmulo de sua mãe; ele apenas ouviu a história importante e razoável de Gregory sobre a construção da laje, ficou com os olhos baixos e saiu sem dizer uma palavra. Desde então, talvez eu nem tenha ido ao cemitério o ano todo. Mas este pequeno episódio também afetou Fyodor Pavlovich e foi muito original. De repente, ele pegou mil rublos e os levou ao nosso mosteiro para homenagear a alma de sua esposa, mas não a segunda, não a mãe de Alyosha, não a “panelinha”, mas a primeira, Adelaida Ivanovna, que bateu nele. Na noite daquele dia, ele ficou bêbado e amaldiçoou Aliocha contra os monges. Ele próprio estava longe de ser uma pessoa religiosa; uma pessoa nunca pode colocar uma vela de cinco copeques na frente de uma imagem. Tais assuntos têm estranhas explosões de sentimentos repentinos e pensamentos repentinos.

Já falei que ele é muito flácido. Naquela época, sua fisionomia representava algo que testemunhava nitidamente as características e a essência de toda a sua vida. Além das longas e carnudas olheiras sob os olhinhos, sempre insolentes, desconfiados e zombeteiros, além das muitas rugas profundas no rosto pequeno mas gordo, pendurado no queixo pontudo havia também um grande pomo de adão, carnudo e oblongo como uma carteira, que lhe dava uma aparência repugnantemente voluptuosa. Acrescente-se a isso uma boca longa e carnívora, com lábios carnudos, sob os quais se viam pequenos fragmentos de dentes pretos, quase cariados. Ele gaguejava toda vez que começava a falar. Porém, ele próprio gostava de brincar com seu rosto, embora pareça que ficou satisfeito com isso. Apontou especialmente para o nariz, não muito grande, mas muito fino, com uma protuberância muito proeminente: “verdadeiro romano”, disse ele, “junto com o pomo de Adão, a verdadeira fisionomia de um antigo patrício romano dos tempos de declínio. ” Ele parecia orgulhoso disso.

E logo depois de encontrar o túmulo de sua mãe, Aliócha anunciou-lhe de repente que queria entrar para um mosteiro e que os monges estavam prontos para admiti-lo como noviço. Explicou ao mesmo tempo que esse era o seu desejo extremo e que pedia a sua permissão solene, como o seu pai. O velho já sabia que o Ancião Zósima, que se refugiou no mosteiro do mosteiro, causou uma impressão especial no seu “menino calado”.

“Este ancião é, obviamente, o monge mais honesto que eles têm”, disse ele, ouvindo Alyosha em silêncio e pensativamente, mas quase nada surpreso com seu pedido. - Hm, então é para lá que você quer ir, meu menino quieto! “Ele estava meio bêbado e de repente sorriu com seu sorriso longo, meio bêbado, mas não desprovido de astúcia e astúcia embriagada:“ Hm, tive um pressentimento de que você acabaria fazendo algo assim, consegue imaginar isso? Era para lá que você estava indo. Bem, talvez você tenha seus próprios dois mil, esse é o seu dote, e eu, meu anjo, nunca te abandonarei, e mesmo agora contribuirei com o que for devido a você, se eles pedirem. Bem, se eles não perguntam, por que nos incomodar, certo? Afinal, você gasta dinheiro como um canário, dois grãos por semana... Hm. Você sabe, em um mosteiro há um assentamento no sopé, e todo mundo lá sabe que só vivem “esposas de mosteiro”, é assim que as chamam lá, umas trinta esposas, eu acho... eu estava lá, e, você sabe, é interessante, à sua maneira, claro, no sentido da diversidade. A única coisa ruim é que o russo é terrível, ainda não existem mulheres francesas, mas poderia haver alguns meios nobres. Eles vão verificar e vir. Bem, não há nada aqui, não há esposas de mosteiros aqui e há cerca de duzentos monges. Honestamente. Fasters. Confesso... Hum. Então você quer se juntar aos monges? Mas tenho pena de você, Alyosha, de verdade, acredite, eu te amei... Porém, aqui está uma oportunidade: rogai por nós, pecadores, pecamos demais enquanto estamos sentados aqui. Fiquei pensando: quem vai orar por mim? Existe tal pessoa no mundo? Querido garoto, sou terrivelmente estúpido sobre isso, talvez você não acredite em mim? Terrível. Veja bem: não importa o quão estúpido eu seja sobre isso, ainda penso nisso, penso nisso o tempo todo, ocasionalmente, é claro, não o tempo todo. Afinal, acho impossível que os demônios se esqueçam de me arrastar com seus ganchos para si quando eu morrer. Bem, estou pensando: ganchos? De onde eles os tiraram? De quê? Ferro? Onde eles são forjados? Que tipo de fábrica eles têm lá? Afinal, lá no mosteiro os monges provavelmente acreditam que no inferno, por exemplo, existe um teto. Mas estou pronto para acreditar no inferno só para não ter teto; parece ser mais delicado, mais esclarecido, luterano, claro. Mas, em essência, isso realmente importa: com teto ou sem teto? Afinal, essa é a maldita questão! Bem, se não há teto, então não há ganchos. E se não tem ganchos, então está tudo de lado, o que significa mais uma vez que é incrível: quem vai me arrastar com ganchos, porque se não me arrastarem, então o que vai acontecer, onde está a verdade no mundo? Il faudrait les inventor, estes ganchos são para mim de propósito, só para mim, porque se você soubesse, Alyosha, que vergonha eu sou!..

“Não há ganchos aí”, disse Alyosha calma e seriamente, olhando para o pai.

- Sim, sim, apenas as sombras dos ganchos. Eu sei, eu sei. Foi assim que um francês descreveu o inferno: J'ai vu l'ombre d'un cocher, qui avec l'ombre d'une brosse frottait l'ombre d'une carosse. Como você sabe, minha querida, que não existem ganchos? Você ficará com os monges. caso contrário, você começará a beber. Mas vá em frente, chegue lá à verdade e venha contar: afinal, será mais fácil ir para o outro mundo se você souber com certeza o que é lá. E será mais decente para você com os monges do que comigo, com um velho bêbado e com as meninas... mesmo que nada te toque como um anjo. Bem, talvez nada te toque aí também, é por isso que estou permitindo, porque espero o último. O diabo não comeu sua mente. Você vai queimar e sair, você vai se recuperar e voltar. E vou esperar por você: afinal, sinto que você é a única pessoa na terra que não me condenou, você é meu querido menino, eu sinto isso, não posso deixar de sentir!..

E ele até começou a choramingar. Ele era sentimental. Ele estava zangado e sentimental.

V. Anciãos

Talvez um dos leitores pense que meu jovem era uma natureza doentia, extática e pouco desenvolvida, um sonhador pálido, um homenzinho atrofiado e perdido. Pelo contrário, Aliócha naquela época era um adolescente de dezenove anos, imponente, de bochechas vermelhas e olhos brilhantes, cheio de saúde. Naquela época ele era até muito bonito, esguio, de estatura mediana, cabelos escuros, rosto oval regular, embora um tanto alongado, com olhos cinza-escuros brilhantes e bem espaçados, muito pensativo e aparentemente muito calmo. Dirão, talvez, que bochechas vermelhas não interferem nem no fanatismo nem no misticismo; mas parece-me que Aliócha era ainda mais realista do que qualquer outra pessoa. Ah, claro, no mosteiro ele acreditava completamente em milagres, mas, na minha opinião, milagres nunca confundirão um realista. Não são os milagres que convencem um realista a acreditar. Um verdadeiro realista, se não for um crente, sempre encontrará em si mesmo a força e a capacidade de não acreditar em um milagre, e se um milagre se tornar um fato irresistível diante dele, então ele preferirá não acreditar em seus sentimentos do que admitir o fato. Se ele o admitir, o admitirá como um fato natural, mas até então desconhecido para ele. Num realista, a fé não nasce de um milagre, mas um milagre da fé. Se um realista acredita, então, precisamente por causa do seu realismo, ele certamente deve admitir um milagre. O Apóstolo Tomé declarou que não acreditaria até ver isso, e quando viu, disse: “Meu Senhor e meu Deus!” Um milagre o fez acreditar? Muito provavelmente não, e ele acreditou apenas porque quis acreditar, e talvez já acreditasse completamente, no lugar secreto do seu ser, mesmo quando disse: “Não acreditarei até ver”.

Dirão, talvez, que Aliocha era estúpido, subdesenvolvido, não concluiu o curso e assim por diante. É verdade que ele não concluiu o curso, mas dizer que ele era chato ou burro seria uma grande injustiça. Vou apenas repetir o que disse acima: ele iniciou esse caminho apenas porque naquele momento só isso o atingiu e lhe apresentou imediatamente todo o ideal do resultado de sua alma, que corria das trevas para a luz. Acrescente que ele era um jovem, em parte já do nosso último tempo, isto é, honesto por natureza, exigindo a verdade, buscando-a e acreditando nela, e tendo acreditado, exigindo nela a participação imediata com todas as forças de sua alma, exigindo uma façanha rápida, com uma vontade indispensável, embora sacrificasse tudo por essa façanha, até a vida. Embora, infelizmente, estes jovens não compreendam que o sacrifício da vida pode ser o mais fácil de todos os sacrifícios em muitos desses casos, e que sacrificar, por exemplo, cinco ou seis anos da sua juventude efervescente por um ensino difícil, difícil, por ciência, pelo menos apenas para aumentar dez vezes suas forças para servir à mesma verdade e à mesma façanha que amavam e que se propunham realizar - tal sacrifício muitas vezes está quase completamente além das forças de muitos deles. Alyosha escolheu apenas o caminho oposto a todos os outros, mas com a mesma sede de conquistas rápidas. Assim que ele, depois de pensar seriamente, foi atingido pela convicção de que a imortalidade e Deus existem, ele imediatamente disse a si mesmo: “Quero viver para a imortalidade, mas não aceito meio-comprometimento”. Da mesma forma, se ele tivesse decidido que não existe imortalidade nem Deus, ele se tornaria agora um ateu e um socialista (pois o socialismo não é apenas uma questão dos trabalhadores, ou do chamado quarto estado, mas é principalmente uma questão de questão ateísta, uma questão do ateísmo da encarnação moderna, a questão da Torre de Babel, que é construída precisamente sem Deus, não para alcançar o céu da terra, mas para trazer o céu à terra). Parecia até estranho e impossível para Aliocha viver como antes. Diz-se: “Dê tudo e siga-me se quiser ser perfeito”. Aliócha disse consigo mesmo: “Não posso dar dois rublos em vez de ‘apenas’, e em vez de ‘siga-me’ só posso ir à missa”. Das lembranças de sua infância, algo pode ter sido preservado sobre nosso mosteiro suburbano, onde sua mãe podia levá-lo à missa. Talvez os raios oblíquos do sol poente diante da imagem que a mãe grudenta o estendia também tenham surtido efeito. Pensativo, ele veio até nós então, talvez só para ver se estava tudo aqui ou se eram apenas dois rublos, e - no mosteiro ele conheceu esse velho...

Este presbítero, como já expliquei acima, era o Ancião Zosima; mas aqui seria necessário dizer algumas palavras sobre o que geralmente são os “anciãos” nos nossos mosteiros, e é uma pena que não me sinta muito competente e firme neste caminho. Contudo, tentarei relatar em pequenas palavras e numa apresentação superficial. E em primeiro lugar, pessoas especiais e competentes afirmam que os presbíteros e presbíteros apareceram conosco, em nossos mosteiros russos, muito recentemente, nem mesmo há cem anos, enquanto em todo o Oriente Ortodoxo, especialmente no Sinai e em Athos, eles já existem há muito tempo. mil anos. Eles afirmam que o presbitério existia em nossa Rus' nos tempos antigos, ou certamente deveria ter existido, mas devido aos desastres da Rússia, da região tártara, da agitação e da interrupção das relações anteriores com o Oriente após a conquista de Constantinopla, esta instituição foi esquecido entre nós e os mais velhos foram interrompidos. Foi revivido aqui novamente a partir do final do século passado por um dos grandes ascetas (como é chamado) Paisiy Velichkovsky e seus discípulos, mas até hoje, mesmo quase cem anos depois, ainda existe em muito poucos mosteiros. , e às vezes foi até submetido a quase perseguição, como uma inovação inédita na Rússia. Floresceu especialmente aqui na Rússia, em um famoso deserto, Kozelskaya Optina. Não sei dizer quando e por quem foi plantado em nosso mosteiro suburbano, mas já era considerado a terceira sucessão de anciãos, e o Ancião Zosima foi o último deles, mas já estava quase morrendo de fraqueza e doença, e eles nem sabia como substituí-lo por quem. A questão para o nosso mosteiro era importante, visto que o nosso mosteiro não era particularmente famoso até então: não havia nele relíquias de santos, não foram revelados ícones milagrosos, não houve sequer lendas gloriosas associadas à nossa história, não houve registos históricos por trás dele façanhas e méritos para a pátria. Ela floresceu e tornou-se famosa em toda a Rússia precisamente por causa dos mais velhos, para ver e ouvir a quem os peregrinos afluíam até nós em massa de toda a Rússia, a milhares de quilômetros de distância. Então, o que é um ancião? O mais velho é aquele que leva a sua alma, a sua vontade para a alma dele e para a vontade dele. Tendo escolhido um presbítero, você renuncia à sua vontade e a entrega a ele em total obediência, com total abnegação. Esta tentação, esta terrível escola de vida, quem se condena aceita voluntariamente na esperança de, depois de uma longa prova, conquistar-se, dominar-se para poder finalmente alcançar, através da obediência ao longo da vida, a liberdade já perfeita, ou seja, , liberdade de si mesmo, para evitar o destino daqueles que viveram a vida inteira, mas não se encontraram em si mesmos / Esta invenção, isto é, o presbitério, não é teórica, mas foi derivada no Oriente da prática, que em nosso tempo já tem milhares de anos. As responsabilidades para com os mais velhos não são como a “obediência” comum, que sempre existiu em nossos mosteiros russos. Aqui são reconhecidas a confissão eterna de todos aqueles que se esforçam ao mais velho e o vínculo indestrutível entre quem prende e quem está preso. Dizem, por exemplo, que certa vez, nos tempos mais antigos do cristianismo, um desses noviços, não tendo cumprido uma certa obediência que lhe foi confiada pelo mais velho, deixou o mosteiro e veio para outro país, da Síria ao Egito. Lá, depois de longos e grandes feitos, ele finalmente teve a honra de suportar a tortura e o martírio pela fé. Quando a igreja estava sepultando seu corpo, já o homenageando como santo, de repente, com a exclamação do diácono: “Afastem-se, catecúmenos”, o caixão com o corpo do mártir deitado nele foi arrancado de seu lugar e jogado fora da igreja, e assim por diante até três vezes. E finalmente eles apenas aprenderam que este santo portador da paixão havia violado a obediência e abandonado o mais velho e, portanto, não poderia ser perdoado sem a permissão do mais velho, mesmo apesar de suas grandes façanhas. Mas quando o ancião chamado o libertou da obediência, só então seu sepultamento poderia ocorrer. Claro, tudo isso é apenas uma lenda antiga, mas aqui está uma história recente: um de nossos monges modernos estava se salvando em Athos e de repente seu mais velho ordenou que ele deixasse Athos, que ele amava como um santuário, como um refúgio tranquilo, ao fundo da sua alma e ir primeiro a Jerusalém para adorar os lugares sagrados, e depois voltar à Rússia, ao Norte, à Sibéria: “Você pertence a lá, não aqui”. O monge angustiado e angustiado veio a Constantinopla ao Patriarca Ecumênico e implorou-lhe que permitisse sua obediência, e o Bispo Ecumênico respondeu-lhe que não só ele, o Patriarca Ecumênico, não poderia resolver o problema, mas não havia e não poderia ser tal poder em toda a terra, que poderia libertá-lo da obediência, uma vez já imposta pelo mais velho, exceto apenas o poder do próprio mais velho que o impôs. Assim, os mais velhos são dotados de um poder em certos casos, ilimitado e incompreensível. É por isso que em muitos mosteiros os nossos mais velhos foram inicialmente quase perseguidos. Enquanto isso, os mais velhos imediatamente começaram a ser altamente respeitados entre o povo. Por exemplo, tanto as pessoas comuns como as pessoas mais nobres acorreram aos anciãos do nosso mosteiro para se prostrarem diante deles, confessar-lhes as suas dúvidas, os seus pecados, os seus sofrimentos e pedir conselhos e orientações. Vendo isso, os oponentes dos mais velhos gritaram, junto com outras acusações, que aqui o sacramento da confissão estava sendo degradado de forma autocrática e frívola, embora a confissão contínua da alma ao mais velho por seu noviço ou leigo não fosse realizada de forma alguma como um sacramento. O resultado final, porém, foi que os mais velhos resistiram e, pouco a pouco, se estabeleceram em mosteiros russos. É também verdade que esta ferramenta comprovada e já milenar para o renascimento moral do homem da escravidão para a liberdade e para o aperfeiçoamento moral pode transformar-se numa arma de dois gumes, de modo que talvez conduza outros, em vez da humildade e autocontrole final, ao contrário, ao próprio orgulho satânico, então - há correntes, não liberdade.

O Élder Zosima tinha cerca de sessenta e cinco anos, vinha de proprietários de terras, já na primeira juventude foi militar e serviu no Cáucaso como oficial chefe. Sem dúvida, ele atingiu Aliocha com alguma propriedade especial de sua alma. Alyosha morava na mesma cela do mais velho, que o amava muito e permitiu que ele fosse até ele. Deve-se notar que Alyosha, que naquela época morava no mosteiro, ainda não estava vinculado a nada, podia ir a qualquer lugar mesmo por dias inteiros, e se usasse batina, era voluntariamente, para não diferir de ninguém em o mosteiro. Mas é claro que ele mesmo gostou. Talvez a imaginação juvenil de Aliocha tenha sido grandemente influenciada por esse poder e glória que cercavam constantemente o mais velho. Muitas pessoas disseram sobre o Ancião Zósima que, tendo permitido entrar em si por tantos anos todos que vieram a ele para confessar seus corações e que tinham sede de conselhos e palavras médicas dele, ele aceitou tantas revelações, contrições e consciências em sua alma que no final, ele adquiriu uma visão já tão sutil que, desde o primeiro olhar para o rosto de um estranho que veio até ele, ele pôde adivinhar: com o que ele veio, o que ele precisava e até que tipo de tormento atormentava sua consciência, e às vezes surpreendeu, confundiu e quase assustou aquele que veio com tanto conhecimento de seu segredo antes de dizer uma palavra. Mas, ao mesmo tempo, Aliocha quase sempre notava que muitos, quase todos, que vinham ao mais velho pela primeira vez para uma conversa solitária, entravam com medo e ansiedade, e quase sempre o deixavam alegre e alegre, e o rosto mais sombrio se voltava feliz, Aliocha estava incomumente. Também era surpreendente que o mais velho não fosse nada rígido; pelo contrário, ele sempre foi quase alegre em seus modos. Os monges diziam sobre ele que sua alma se apega a quem é mais pecador, e quem é mais pecador amará mais a todos. Entre os monges havia, mesmo no final da vida do mais velho, pessoas que o odiavam e tinham inveja, mas tornaram-se poucos e permaneceram em silêncio, embora entre eles estivessem várias pessoas muito famosas e importantes no mosteiro, como como um dos monges mais antigos, o grande homem silencioso e um extraordinário veloz. Mas ainda assim, a grande maioria sem dúvida ficou do lado do Ancião Zósima, e muitos deles até o amaram de todo o coração, ardente e sinceramente; alguns eram quase fanaticamente ligados a ele. Essas pessoas diziam diretamente, embora não em voz alta, que ele era um santo, que não havia mais dúvidas sobre isso e, prevendo sua morte iminente, esperavam milagres imediatos e grande glória em um futuro muito próximo do falecido em o mosteiro. Aliocha acreditava inquestionavelmente no poder milagroso do mais velho, assim como acreditava inquestionavelmente na história do caixão voando para fora da igreja. Ele viu quantos daqueles que vieram com crianças doentes ou parentes adultos e oraram para que o mais velho impusesse as mãos sobre eles e lesse uma oração sobre eles, voltaram rapidamente, e outros no dia seguinte, voltaram e, caindo em lágrimas diante do mais velho , eles lhe agradeceram por curar seus enfermos. Se realmente houve uma cura ou apenas uma melhora natural no curso da doença, para Alyosha a questão não existia, pois ele já acreditava plenamente no poder espiritual de seu professor, e sua glória era, por assim dizer, sua próprio triunfo. Seu coração tremia especialmente, e ele parecia brilhar todo quando o mais velho saiu para a multidão de peregrinos do povo que esperava que ele deixasse o skete nos portões do mosteiro, propositalmente para ver o mais velho e ser abençoado por ele, que veio de toda a Rússia. Prostraram-se diante dele, choraram, beijaram-lhe os pés, beijaram o chão. em que ele está, eles gritaram, as mulheres estenderam seus filhos para ele, trouxeram camarilhas doentes. O ancião falou com eles, leu uma breve oração sobre eles, abençoou-os e despediu-os. Recentemente, devido a ataques de doença, ele às vezes ficava tão fraco que mal conseguia sair da cela; e os peregrinos às vezes esperavam no mosteiro pela sua saída durante vários dias. Para Aliocha não havia dúvida de por que o amavam tanto, por que se atiravam diante dele e choravam de emoção quando viam apenas seu rosto. Oh, ele entendeu perfeitamente bem que para a alma humilde do plebeu russo, exausta pelo trabalho e pela dor e, o mais importante, pela injustiça eterna e pelo pecado eterno, tanto o seu quanto o do mundo, não há necessidade e consolo mais forte do que encontrar um santuário ou um santo, prostrar-se diante dele e adorá-lo: “Se temos pecado, mentira e tentação, então ainda há algum lugar na terra, algum lugar santo e supremo; ele tem a verdade, ele conhece a verdade; Isso significa que ela não morre na terra e, portanto, um dia ela virá até nós e reinará por toda a terra, como prometido.” Aliocha sabia que era exatamente assim que o povo se sentia e até raciocinava, ele entendia isso, mas o fato de o mais velho ser justamente esse santo, esse guardião da verdade de Deus aos olhos do povo - ele não tinha nenhuma dúvida disso, e ele mesmo, junto com esses homens chorando e suas mulheres doentes, entregando seus filhos ao velho. A convicção de que a morte do ancião traria uma glória extraordinária ao mosteiro reinou na alma de Aliócha, talvez ainda mais forte do que a de qualquer outra pessoa no mosteiro. E, em geral, durante todo esse tempo, algum tipo de deleite interior profundo e ardente irrompeu cada vez mais forte em seu coração. Não o incomodava nem um pouco que este velho ainda estivesse sozinho diante dele: “mesmo assim, ele é santo, em seu coração está o segredo da renovação para todos, o poder que finalmente estabelecerá a verdade na terra e todos irão sejam santos e amem-se uns aos outros e não haverá nem ricos nem pobres, nem exaltados nem humilhados, mas todos serão como filhos de Deus, e o verdadeiro reino de Cristo virá”. Foi com isso que o coração de Aliócha sonhou.

Parece que Aliocha ficou muito impressionado com a chegada de seus dois irmãos, que ele nem conhecia antes. Ele se tornou amigo de seu irmão Dmitry Fedorovich mais cedo e mais próximo, embora tenha chegado mais tarde do que seu outro (meio-irmão), Ivan Fedorovich. Ele estava muito interessado em conhecer seu irmão Ivan, mas já vivia há dois meses e, embora se vissem com frequência, ainda não se davam bem: o próprio Aliocha estava em silêncio e parecia estar esperando por alguma coisa, como se tivesse vergonha de alguma coisa, e irmão Ivan, embora Aliocha tenha notado a princípio seus olhares longos e curiosos para ele, parece que logo parou de pensar nele. Alyosha percebeu isso com certo embaraço. Ele atribuiu a indiferença do irmão à diferença de idade e principalmente de escolaridade. Mas Aliocha também pensou outra coisa: a falta de curiosidade e interesse de Ivan por ele poderia ter vindo de algo completamente desconhecido para Aliocha. Por algum motivo, parecia-lhe que Ivan estava ocupado com alguma coisa, algo interno e importante, que lutava por algum objetivo, que poderia ser muito difícil, então não tinha tempo para ele, e que este era o único o razão pela qual ele olha distraidamente para Alyosha. Alyosha também pensou se havia algum tipo de desprezo por ele, pelo novato estúpido, por parte do ateu erudito. Ele sabia absolutamente que seu irmão era ateu. Ele não poderia se ofender com esse desprezo, se é que existia, mas ainda assim, com uma espécie de constrangimento incompreensível e alarmante, esperou que o irmão quisesse se aproximar dele. O irmão Dmitry Fedorovich falou do irmão Ivan com o mais profundo respeito e falou sobre ele com uma visão especial. Com ele, Alyosha aprendeu todos os detalhes daquele assunto importante, que recentemente uniu os dois irmãos mais velhos a uma conexão estreita e maravilhosa. As críticas entusiásticas de Dmitry ao irmão Ivan eram ainda mais características aos olhos de Alyosha porque o irmão Dmitry era um homem quase completamente inculto em comparação com Ivan, e ambos, colocados juntos, pareciam constituir um contraste tão marcante em personalidade e caráter que era poderia Seria impossível pensar em duas pessoas mais diferentes entre si.

Foi nesta altura que se realizou uma reunião, ou melhor, uma reunião familiar de todos os membros desta família discordante na cela do ancião, que teve uma influência extraordinária sobre Aliocha. O pretexto para esta reunião era, de facto, falso. Então foram precisamente as divergências sobre a herança e os acordos de propriedade de Dmitry Fedorovich com seu pai, Fyodor Pavlovich, que aparentemente chegaram a um ponto impossível. O relacionamento piorou e tornou-se insuportável. Fyodor Pavlovich, ao que parece, foi o primeiro e, ao que parece, em tom de brincadeira, a sugerir a ideia de todos se reunirem na cela do Ancião Zósima e, embora não recorrendo à sua mediação direta, ainda assim chegarem a um acordo de uma forma mais maneira decente, em que a posição e o rosto do mais velho pudessem ter algo inspirador e conciliador. Dmitry Fedorovich, que nunca visitou o mais velho nem o viu, é claro que pensou que queriam assustá-lo com o mais velho; mas como ele próprio se recriminou secretamente por muitas explosões especialmente duras numa discussão recente com seu pai, ele aceitou o desafio. Aliás, observe que ele não morava na casa do pai, como Ivan Fedorovich, mas separadamente, do outro lado da cidade. Aconteceu então que Pyotr Aleksandrovich Miusov, que morava conosco naquela época, aproveitou especialmente essa ideia de Fyodor Pavlovich. Liberal dos anos quarenta e cinquenta, livre-pensador e ateu, ele, talvez por tédio, ou talvez por diversão frívola, teve um papel extraordinário neste assunto. De repente, ele quis olhar para o mosteiro e para o “santo”. Como as suas disputas de longa data com o mosteiro ainda estavam em curso e os litígios ainda se arrastavam sobre a fronteira terrestre das suas posses, sobre alguns direitos de derrubar na floresta e pescar no rio, etc., ele apressou-se em aproveitar esta situação. sob o pretexto de que gostaria de chegar a um acordo com o Padre Superior: é possível de alguma forma encerrar amigavelmente as suas disputas? Um visitante tão bem intencionado, é claro, poderia ter sido recebido no mosteiro com mais atenção e consideração do que alguém simplesmente curioso. Como resultado de todas estas considerações, alguma influência interna poderia ter sido estabelecida no mosteiro sobre o ancião doente, que recentemente quase nunca saía da sua cela e recusava até visitas comuns por motivo de doença. Terminou com o mais velho dando seu consentimento e o dia foi marcado. “Quem me fez dividir entre eles?” Ele afirmou apenas com um sorriso para Alyosha.

Ao saber da data, Alyosha ficou muito envergonhado. Se algum desses litigantes e briguentos pudesse olhar seriamente para este congresso, então, sem dúvida, apenas o irmão Dmitry; o resto virá de objetivos frívolos e pode ser ofensivo para os mais velhos - foi isso que Alyosha entendeu. Os irmãos Ivan e Miusov sairão por curiosidade, talvez os mais rudes, e seu pai pode ser por algum tipo de bufonaria e cena de atuação. Ah, embora Alyosha estivesse em silêncio, ele já conhecia seu pai bastante e profundamente. Repito, esse menino não era tão simplório quanto todos pensavam. Com um sentimento pesado, ele esperou pelo dia marcado. Sem dúvida, ele estava muito preocupado consigo mesmo, em seu coração, que de alguma forma todas essas desavenças familiares acabassem. No entanto, sua preocupação mais importante era com o mais velho: ele tremia por ele, por sua glória, tinha medo de insultos contra ele, principalmente do ridículo sutil e educado de Miusov e das omissões - os modos altivos do erudito Ivan, então tudo lhe pareceu. Quis até arriscar avisar o mais velho, contar-lhe alguma coisa sobre essas pessoas que poderiam chegar, mas pensou e ficou em silêncio. Somente na véspera do dia marcado, por meio de um conhecido, ele transmitiu ao irmão Dmitry que o amava muito e esperava que ele cumprisse suas promessas. Dmitry ficou pensativo porque não conseguia se lembrar de nada que lhe prometesse tal coisa, ele apenas respondeu com uma carta que faria o possível para se conter “diante da baixeza” e, embora respeite profundamente o mais velho e o irmão Ivan, ele está convencido de que aqui está algum tipo de armadilha ou comédia indigna. “No entanto, prefiro engolir a língua do que economizar no respeito pelo homem santo que você tanto respeita”, Dmitry terminou sua carta. Alyosha não ficou muito encorajado com isso.

I. Chegamos ao mosteiro

Acabou sendo um dia lindo, quente e claro. Foi no final de agosto. Um encontro com o mais velho foi marcado agora, depois da missa tardia, por volta do meio-dia e meia. Nossos visitantes do mosteiro, porém, não compareceram à missa, mas chegaram bem a tempo para um exame preliminar. Chegaram em duas carruagens; na primeira carruagem, numa carruagem elegante puxada por uma parelha de cavalos caros, chegou Piotr Aleksandrovich Miusov, com seu parente distante, um homem muito jovem, de cerca de vinte anos, Piotr Fomich Kalganov. Este jovem preparava-se para entrar na universidade; Miusov, com quem por algum motivo ainda vivia, tentou-o a ir com ele para o estrangeiro, para Zurique ou Jena, para ali ingressar na universidade e concluir o curso. O jovem ainda não decidiu. Ele estava pensativo e aparentemente distraído. Seu rosto era agradável, sua constituição era forte e sua altura era bastante alta. Havia uma estranha quietude em seu olhar: como todas as pessoas muito distraídas, ele às vezes olhava para você à queima-roupa e por muito tempo, e ainda assim não te via. Ele estava calado e um tanto estranho, mas acontecia - porém, não de outra forma senão com alguém um a um - que de repente ele se tornava terrivelmente falante, impetuoso, risonho, às vezes rindo sabe Deus de quê. Mas sua animação desapareceu tão rápida e repentinamente quanto surgira. Ele estava sempre bem vestido e até elegantemente; ele já tinha alguma fortuna independente e esperava muito mais. Eu era amigo de Alyosha.

Fyodor Pavlovich e seu filho Ivan Fyodorovich cavalgaram em uma carruagem muito dilapidada, barulhenta, mas espaçosa, em um par de velhos cavalos cinzentos, que estavam bem atrás da carruagem de Miusov. A hora e a data foram informadas a Dmitry Fedorovich no dia anterior, mas ele estava atrasado. Os visitantes deixaram as carruagens na cerca do hotel e entraram a pé pelos portões do mosteiro. Além de Fyodor Pavlovich, os outros três parecem nunca ter visto nenhum mosteiro, e Miusov, talvez há trinta anos, nem sequer vai à igreja. Ele olhou em volta com alguma curiosidade, não sem uma certa arrogância. Mas para a sua mente observadora, além da igreja e das dependências, que eram, no entanto, bastante comuns, nada aparecia no interior do mosteiro. As últimas pessoas saíram da igreja, tirando os chapéus e fazendo o sinal da cruz. Entre as pessoas comuns havia também visitantes da alta sociedade, duas ou três senhoras, um general muito idoso; eles estavam todos hospedados no hotel. Os mendigos cercaram imediatamente os nossos visitantes, mas ninguém lhes deu nada. Apenas Petrusha Kalganov tirou da bolsa uma moeda de dez copeques e, apressado e envergonhado sabe-se lá por quê, entregou-a rapidamente a uma mulher, dizendo rapidamente: “divida igualmente”. Nenhum de seus companheiros notou nada sobre isso, então ele não tinha nada do que se envergonhar; mas, percebendo isso, ficou ainda mais envergonhado.

Foi estranho; eles deveriam realmente ser esperados e talvez até com alguma honra: um doou recentemente mais mil rublos, e o outro era um rico proprietário de terras e uma pessoa muito educada, por assim dizer, de quem todos dependiam em parte para pescar no rio, como uma reviravolta de resultado que o processo poderia tomar. E ainda assim nenhum dos funcionários os atende. Miusov distraidamente olhou para as lápides perto da igreja e quis observar que essas sepulturas devem ter custado caro àqueles que as enterraram pelo direito de serem enterradas em um lugar tão “sagrado”, mas permaneceu em silêncio: a simples ironia liberal estava degenerando nele quase em raiva.

“Droga, a quem devo perguntar aqui, nessa confusão... Isso precisa ser decidido, porque o tempo está se esgotando”, disse ele de repente, como se falasse consigo mesmo.

De repente, um senhor idoso e careca, com um amplo casaco de verão e olhos doces, aproximou-se deles. Levantando o chapéu e balbuciando com mel, ele se apresentou a todos como o proprietário de terras de Tula, Maximov. Ele imediatamente ficou sob os cuidados de nossos viajantes.

“O Ancião Zosima mora num esquete, numa ermida, a quatrocentos passos do mosteiro, através de uma pequena floresta, através de um pequeno bosque...

“Eu também sei disso, senhor, através da floresta”, respondeu-lhe Fyodor Pavlovich, “mas não nos lembramos bem da estrada, não vamos lá há muito tempo”.

- Mas através deste portão, e direto pela linha... pela linha. Vamos. Não faria por favor... eu mesmo... eu mesmo... Aqui, aqui...

Eles deixaram o portão e seguiram pela floresta. O proprietário de terras Maksimov, um homem de cerca de sessenta anos, não apenas caminhou, mas quase correu de lado, examinando todos com uma curiosidade convulsiva, quase impossível. Havia algo arregalado em seus olhos.

“Veja, estamos indo até esse velho a negócios”, observou Miusov severamente, “recebemos, por assim dizer, uma audiência “com essa pessoa” e, portanto, embora estejamos gratos a você pela viagem, nós não vou pedir que vocês entrem juntos.

- Eu estava, estava, já estava... Un chevalier parfait! - e o proprietário estalou o dedo no ar.

-Quem é esse cavaleiro? - perguntou Miusov.

- Ancião, ancião magnífico, ancião... Honra e glória ao mosteiro. Zósima. Este é um homem tão velho...

Mas sua fala desordenada foi interrompida por uma freira encapuzada que alcançou os viajantes, de baixa estatura, muito pálida e desgastada. Fyodor Pavlovich e Miusov pararam. O monge disse com uma reverência extremamente educada, quase da cintura:

- Padre Abade, depois de visitá-los no mosteiro, pede humildemente a todos vocês, senhores, que façam uma refeição com ele. À uma hora, não mais tarde. E você também”, ele se virou para Maximov.

- Certamente farei isso! - gritou Fyodor Pavlovich, terrivelmente encantado com o convite, - com certeza. E você sabe, todos nós demos nossa palavra de nos comportarmos decentemente aqui... E você, Piotr Alexandrovich, por favor?

- Por que não? Por que vim aqui, se não para ver todos os costumes locais? A única coisa que me falta é que agora estou com você, Fyodor Pavlovich...

- Sim, Dmitry Fedorovich ainda não existe.

- Sim, e seria ótimo se ele economizasse, estou satisfeito com toda essa sua pinta, e ainda por cima com você? “Então estaremos lá para jantar, graças ao Padre Abade”, ele se virou para a freira.

“Não, devo levá-lo até o próprio ancião”, respondeu o monge.

“E se for assim, vou ao Padre Abade, enquanto isso, vou direto ao Padre Abade”, disse o proprietário de terras Maksimov.

“O Padre Abade está ocupado no momento, mas como você deseja...” o monge disse hesitante.

“Um velho chato”, comentou Miusov em voz alta enquanto o proprietário de terras Maksimov corria de volta para o mosteiro.

“Ele se parece com von Zon”, disse Fyodor Pavlovich de repente.

- Isso é tudo que você sabe... Por que ele se parece com o von-Zon? Você mesmo viu von-Zon?

— Eu vi o cartão dele. Pelo menos não pelas características faciais, mas por algo inexplicável. A segunda cópia mais pura de von-Zon. Eu sempre reconheço isso apenas pelo rosto dele.

- Talvez; você é um especialista nisso. Apenas isto, Fyodor Pavlovich, você mesmo se dignou a mencionar que demos nossa palavra de nos comportarmos decentemente, lembre-se. Estou lhe dizendo, espere. Se você começar a agir como um bufão, não pretendo ser colocado no mesmo nível que você aqui... Veja como ele é um homem”, ele se virou para o monge, “tenho medo de entrar em uma vida decente. pessoas com ele.”

Um sorriso fino e silencioso apareceu nos lábios pálidos e exangues da freira, não sem astúcia, mas ele não respondeu, e era evidente que permanecia em silêncio por auto-estima. Miusov franziu ainda mais a testa.

“Oh, malditos sejam todos, é apenas uma aparência que foi desenvolvida ao longo dos séculos, mas em essência é charlatanismo e bobagem!” passou por sua cabeça.

- Aqui está o mosteiro, chegamos! - gritou Fyodor Pavlovich, - a cerca e os portões estão trancados.

E ele começou a colocar grandes cruzes na frente dos santos escritas acima dos portões e nas laterais dos portões.

“Eles não vão para o mosteiro de outra pessoa com suas próprias regras”, observou ele. “Tem vinte e cinco santos aqui no esquete, olhando uns para os outros e comendo repolho. E nem uma única mulher entrará por esses portões, isso é o que é especialmente notável. E isso é realmente verdade. Mas como soube que o velho aceitava damas? - ele de repente se virou para a freira.

- Da gente comum, do gênero feminino e agora aqui, ali, deitado na galeria, esperando. E para as senhoras de alto escalão, há dois quartos construídos aqui na galeria, mas fora da cerca, essas mesmas janelas, e o velho sai até elas pela passagem interna quando está são, ou seja, ainda fora do cerca. E agora uma senhora, uma proprietária de terras de Kharkov, a Sra. Khokhlakova, está esperando com sua filha relaxada. Ele provavelmente prometeu se assumir para eles, embora nos últimos tempos tenha ficado tão relaxado que mal aparece para as pessoas.

- Então, afinal, foi aberta uma brecha para as senhoras do mosteiro. Não pense, santo padre, que sou alguma coisa, sou assim mesmo. Você sabe, no Monte Athos, você já ouviu falar, não só as mulheres não podem visitar, mas também as mulheres e até mesmo nenhuma criatura feminina, galinhas, perus, bezerros...

“Fyodor Pavlovich, vou me virar e deixar você aqui sozinho, e você será levado para fora daqui pela mão sem mim, eu prevejo isso.”

- Por que estou incomodando você, Piotr Alexandrovich? Olhem”, gritou de repente, saindo da cerca do mosteiro, “olhem para o vale de rosas onde eles vivem!”

Na verdade, embora não houvesse rosas agora, havia muitas flores de outono raras e lindas onde quer que pudessem ser plantadas. Eles aparentemente foram criados por uma mão experiente. Canteiros de flores foram construídos nas cercas das igrejas e entre os túmulos. A casa onde ficava a cela do ancião, de madeira, térrea, com galeria na frente da entrada, também era cercada de flores.

— Isso aconteceu sob o comando do ancião anterior, Barsanuphius? Dizem que ele não gostava de elegância, ele pulava e batia até no chão das mulheres com um pedaço de pau”, observou Fyodor Pavlovich, subindo até a varanda.

“O Ancião Barsanuphius às vezes parecia um idiota, mas eles também contam muitas bobagens. “Nunca bati em ninguém com um pedaço de pau”, respondeu o monge. "Agora, senhores, esperem um minuto, vou falar sobre vocês."

- Fyodor Pavlovich, pela última vez há uma condição, ouviu? “Comporte-se bem ou eu retribuirei”, Miusov conseguiu murmurar mais uma vez.

“Não se sabe por que você está tão entusiasmado”, comentou Fyodor Pavlovich zombeteiramente, “ou você tem medo dos pecados?” Afinal, dizem que ele sabe pelos olhos quem vem com o quê. E como você valoriza a opinião deles, você, um cavalheiro tão parisiense e progressista, até me surpreendeu, é isso!

Mas Miusov não teve tempo de responder a esse sarcasmo; eles foram convidados a entrar. Ele chegou meio irritado...

“Bem, agora eu me conheço de antemão, vou ficar irritado, vou discutir... vou começar a ficar animado e vou humilhar a mim mesmo e à ideia”, passou por sua cabeça.

II. velho bobo da corte

Eles entraram na sala quase simultaneamente com o velho, que, ao aparecerem, apareceu imediatamente de seu quarto. Na cela, ainda antes, dois hieromonges skete esperavam que deixassem o mais velho, um era o pai bibliotecário e o outro era o padre Paisius, um homem doente, embora não velho, mas muito, como diziam dele, um cientista. Além disso, parado num canto (e permaneceu de pé o tempo todo depois), estava um menino, com cerca de vinte e dois anos, vestindo sobrecasaca civil, seminarista e futuro teólogo, patrocinado por algum motivo pelo mosteiro e pelo irmãos. Ele era bastante alto, com um rosto fresco, maçãs do rosto largas e olhos castanhos estreitos, inteligentes e atentos. O rosto expressava total respeito, mas decente, sem insinuações visíveis. Ele nem sequer cumprimentou os convidados que entraram com uma reverência, como uma pessoa que não era igual a eles, mas, pelo contrário, subordinada e dependente.

O Ancião Zósima saiu acompanhado do noviço e de Aliocha. Os hieromonges levantaram-se e saudaram-no com uma reverência profunda, tocando o chão com os dedos e depois, abençoando-o, beijaram-lhe a mão. Depois de abençoá-los, o ancião respondeu a cada um deles com uma reverência igualmente profunda, tocando o chão com os dedos, e pediu a cada um deles uma bênção para si mesmo. Toda a cerimónia decorreu com muita seriedade, nada como uma espécie de ritual quotidiano, mas quase com algum tipo de sentimento. No entanto, pareceu a Miusov que tudo estava sendo feito com sugestão deliberada. Ele ficou na frente de todos os seus camaradas que entraram com ele. Deveria. - e ele estava até pensando nisso ontem à noite - apesar de qualquer ideia, apenas por simples educação (já que esses são os costumes aqui), de subir e ser abençoado pelo mais velho, pelo menos para ser abençoado, se não para beijar o mão. Mas agora, vendo todas essas reverências e beijos dos hieromonges, ele mudou de ideia em um segundo: de maneira importante e séria, ele fez uma reverência bastante profunda e secular e foi até a cadeira. Fyodor Pavlovich fez exatamente o mesmo, desta vez imitando completamente Miusov como um macaco. Ivan Fedorovich fez uma reverência muito importante e educada, mas também manteve as mãos ao lado do corpo, e Kalganov ficou tão envergonhado que nem se curvou. O mais velho baixou a mão, que havia sido levantada para abençoar, e, outra vez curvando-se diante deles, pediu que todos se sentassem. O sangue manchou as bochechas de Aliócha; ele sentiu vergonha. Seus pressentimentos se tornaram realidade.

O mais velho sentou-se num sofá de couro de mogno, muito antigo, e colocou os convidados, exceto os dois hieromonges, contra a parede oposta, os quatro lado a lado, em quatro cadeiras de mogno estofadas em couro preto e muito gasto. Os hieromonges sentaram-se de cada lado, um na porta e outro na janela. O seminarista, Aliócha e o noviço permaneceram de pé. A cela inteira era muito pequena e tinha uma aparência bastante lenta. As coisas e os móveis eram rústicos, pobres e apenas necessários. Na janela há dois vasos de flores e no canto muitos ícones - um deles é da Virgem Maria, enorme e provavelmente pintado muito antes do cisma. Uma lâmpada brilhava na frente dela. Perto dela estão dois outros ícones em vestes brilhantes, depois ao lado deles estão feitos querubins, ovos de porcelana, uma cruz católica feita de marfim com a Mater dolorosa abraçando-a e várias gravuras estrangeiras dos grandes artistas italianos dos séculos passados. Ao lado dessas gravuras elegantes e caras havia várias folhas das litografias russas mais comuns de santos, mártires, prelados, etc., vendidas por centavos em todas as feiras. Havia vários retratos litográficos de bispos russos contemporâneos e ex-bispos, mas em paredes diferentes. Miusov rapidamente olhou para todas essas “coisas oficiais” e fixou o olhar no velho. Respeitava a própria opinião, tinha nele essa fraqueza, pelo menos perdoável, tendo em conta que já tinha cinquenta anos - idade em que uma pessoa inteligente, secular e rica torna-se sempre mais respeitosa consigo mesma, por vezes até involuntariamente.

Desde o primeiro momento ele não gostou do mais velho. Na verdade, havia algo no rosto do velho que muitas pessoas além de Miusov não teriam gostado. Era um homem baixo e corcunda, com pernas muito fracas, tinha apenas sessenta e cinco anos, mas devido à doença parecia muito mais velho, pelo menos dez anos mais velho. Todo o seu rosto, porém, estava muito seco e pontilhado de pequenas rugas, principalmente perto dos olhos. Os olhos eram pequenos, claros, rápidos e brilhantes, como dois pontos brilhantes. Os cabelos grisalhos permaneciam apenas nas têmporas, a barba era minúscula e rala, em forma de cunha, e os lábios, que muitas vezes sorriam, eram finos como dois fios. O nariz não é tão comprido, mas pontudo, como o de um pássaro.

“Ao que tudo indica, ela é uma pequena alma malvada e mesquinha e arrogante.” voou pela cabeça de Miusov. Em geral, ele estava muito insatisfeito consigo mesmo.

O bater do relógio ajudou a iniciar a conversa. O pequeno relógio de parede barato com pesos bateu exatamente meia-noite.

“Já está quase na hora”, gritou Fyodor Pavlovich, “e meu filho Dmitry Fyodorovich ainda não chegou”. Peço desculpas por ele, santo ancião! (Alyosha estremeceu diante do “ancião sagrado”.) Eu mesmo sou sempre cuidadoso, minuto a minuto, lembrando que a precisão é a polidez dos reis...

“Mas pelo menos você não é um rei”, murmurou Miusov, imediatamente incapaz de se conter.

- Sim, isso mesmo, não o rei. E imagine, Piotr Alexandrovich, porque eu mesmo sabia disso, por Deus! E é sempre a coisa errada que eu digo! Sua Reverência! - exclamou ele com uma espécie de pathos instantâneo: - Você vê diante de você um bobo da corte, um bobo da verdade! Eu recomendo. Um velho hábito, infelizmente! E o que há de errado é que às vezes eu minto, até com a intenção, com a intenção de fazer as pessoas rirem e ser agradável. Você tem que ser agradável, não é? Cheguei a uma pequena cidade há cerca de sete anos, havia alguns negócios acontecendo lá e fiz companhia com alguns comerciantes. Vamos ao policial, porque tínhamos que pedir alguma coisa e convidá-lo para vir até nós. Sai o policial, um homem alto, gordo, loiro e sombrio. — os sujeitos mais perigosos em tais casos: o fígado, o fígado. Fui direto até ele, e você sabe, com a arrogância de uma socialite: “Sr. policial, seja, eu digo, nosso Napravnik, por assim dizer! Que tipo de guia é esse, ele diz? “Já posso perceber desde o primeiro meio segundo que o assunto não deu certo, ele está sério, teimoso:“ Eu, digo, queria brincar, para diversão geral, já que o Sr. Napravnik é nosso famoso mestre de banda russo, e só precisamos disso para a harmonia do nosso empreendimento desta forma.” “Desculpe”, diz ele, “não permitirei que os policiais façam trocadilhos com minha posição”. Ele se vira e sai. Eu o sigo gritando: “sim, sim, você é um policial, não um Napravnik!” “Não”, diz ele, já que já foi dito, isso significa que sou Napravnik. E imagine, porque nosso negócio está chateado! E eu sou assim, sou sempre assim. Certamente irei me prejudicar com minha própria bondade! Certa vez, há muitos anos, eu disse a uma pessoa até influente: “Sua esposa é uma mulher delicada, senhor” - no sentido de honra, por assim dizer, qualidades morais, e de repente ele me respondeu: “Você fez cócegas dela? " Não resisti, de repente, deixa eu, eu acho, ser gentil: “sim, eu digo, ele me fez cócegas, senhor”, bom, então ele me fez cócegas... Só que isso aconteceu há muito tempo, então não é é uma pena contar; Estou sempre me machucando assim!

“Você está fazendo isso agora”, Miusov murmurou com desgosto.

O mais velho examinou silenciosamente os dois.

- Como se! Imagine, eu também sabia disso, Piotr Alexandrovich, e você até sabia: eu tive um pressentimento do que estava fazendo, acabei de começar a falar, e você até sabia, eu tive um pressentimento de que você seria o primeiro a me notar . Nestes segundos, quando vejo que minha piada não está funcionando, reverência, tanto as bochechas quanto a gengiva inferior começam a secar, quase como se estivesse acontecendo uma cãibra; Tenho isso desde a minha juventude, quando era um parasita dos nobres e ganhava o pão vivendo. Sou um bobo da corte radical, desde o nascimento, é a mesma coisa, Reverência, que sou um tolo; Não discuto que possa haver um espírito impuro em mim, porém, de pequeno calibre, eu teria escolhido outro apartamento que fosse mais importante, mas não o seu, Piotr Alexandrovich, e seu apartamento não é importante. Mas eu acredito, eu acredito em Deus. Só recentemente duvidei disso, mas agora estou sentado esperando por grandes palavras. Eu, Reverência, como o filósofo Diderot. Você sabe, Santo Padre, como o filósofo Diderot apareceu ao Metropolita Platão sob a Imperatriz Catarina? Ele chega e imediatamente: “Deus não existe”. Ao que o grande santo levanta o dedo e responde: “A fala de um louco em seu coração não é Deus!” Ele estava a seus pés: “Eu creio, ele grita e eu aceito o batismo”. Então eles o batizaram imediatamente. A princesa Dashkova foi a sucessora e Potemkin o padrinho...

- Fyodor Pavlovich, isso é insuportável! Afinal, você mesmo sabe que está mentindo e que essa piada estúpida não é verdade, por que está desabando? - Miusov disse com a voz trêmula, completamente incapaz de se conter.

“Durante toda a minha vida tive o pressentimento de que isso não era verdade!” - Fyodor Pavlovich exclamou com entusiasmo. “Eu lhes direi, senhores, mas direi toda a verdade: um grande velhinho!” Perdoe-me, eu mesmo inventei a última coisa sobre o batismo de Dideroth, só por um minuto, foi assim que contei, mas isso nunca me ocorreu antes. Eu adicionei para adicionar tempero. É por isso que estou desabando, Piotr Alexandrovich, para ser mais gentil. Mas às vezes nem sei porquê. E quanto a Diderot, ouvi isto: “a fala de um louco” vinte vezes dos proprietários locais, ainda na minha juventude, como vivi com eles; A propósito, também ouvi falar de Mavra Fominishny pela sua tia, Pyotr Alexandrovich. Eles ainda estão convencidos de que o ateu Diderot veio ao Metropolita Platão para discutir sobre Deus...

Miusov levantou-se, não só perdendo a paciência, mas até parecendo ter esquecido. Ele ficou furioso e percebeu que isso o tornava ridículo. Na verdade, algo completamente impossível aconteceu na cela. Nesta mesma cela, talvez durante quarenta ou cinquenta anos, mesmo sob o comando dos anciãos anteriores, os visitantes vinham se reunindo, mas sempre com a mais profunda reverência, nada menos. Quase todos os que foram internados, ao entrarem na cela, compreenderam que estavam a receber uma grande misericórdia. Muitos caíram de joelhos e não se levantaram durante toda a visita. Muitas das pessoas “mais elevadas” e mesmo as mais eruditas, aliás, algumas das pessoas de pensamento livre que vieram por curiosidade ou por algum outro motivo, entrando na cela com todos ou tendo uma reunião privada, fizeram disso o seu principal dever, de cada um, o mais profundo respeito e delicadeza durante todo o encontro, principalmente porque não houve dinheiro envolvido, mas apenas amor e misericórdia por um lado, e por outro - arrependimento e sede para resolver alguma questão difícil da alma ou um momento difícil na vida do próprio coração. Então, de repente, tal bufonaria, que Fyodor Pavlovich descobriu, desrespeitosa com o lugar em que se encontrava, causou espanto e surpresa nas testemunhas, pelo menos em algumas delas. Os hieromonges, porém, não mudaram em nada suas fisionomias, observaram com muita atenção o que o mais velho diria, mas, ao que parece, já se preparavam para se levantar como Miusov. Alyosha estava pronto para chorar e ficou com a cabeça baixa. O que lhe parecia mais estranho era que seu irmão, Ivan Fedorovich, o único em quem ele confiava e o único que tinha tanta influência sobre seu pai que poderia detê-lo, estava agora sentado completamente imóvel em sua cadeira, com os olhos baixos e , aparentemente, com algum tipo de Ele até esperava com curiosidade curiosa como tudo iria acabar, como se ele próprio fosse um completo estranho aqui. Alyosha não conseguia nem olhar para Rakitin (o seminarista), que também era muito familiar e quase próximo de Alyosha: ele conhecia seus pensamentos (embora só Alyosha em todo o mosteiro os conhecesse).

“Perdoe-me...” começou Miusov, virando-se para o mais velho, “que eu também possa parecer a você um participante desta piada indigna”. O meu erro é que acreditei que mesmo alguém como Fyodor Pavlovich, ao visitar uma pessoa tão respeitável, quereria compreender os seus deveres... Não percebi. que você terá que se desculpar justamente pelo fato de ter entrado com ele...

Piotr Alexandrovich não terminou de falar e, completamente envergonhado, ia sair da sala.

“Não se preocupe, eu imploro”, o velho levantou-se de repente de seu lugar sobre as pernas frágeis e, pegando Piotr Alexandrovich pelas duas mãos, recostou-o na cadeira. - Fique calmo, por favor. “Peço especialmente que você seja meu convidado”, e com uma reverência, ele se virou e sentou-se novamente em seu sofá.

“Grande Ancião, diga-me, estou insultando você com minha vivacidade ou não?” - gritou Fyodor Pavlovich de repente, agarrando os braços das cadeiras com as duas mãos e como se se preparasse para pular delas em resposta à resposta.

“Peço-lhe sinceramente que não se preocupe nem fique envergonhado”, disse-lhe o mais velho de forma impressionante... “Não seja tímido, sinta-se completamente à vontade.” E o mais importante, não tenha tanta vergonha de si mesmo, porque isso é tudo que resulta disso.

- Assim como em casa? Ou seja, na sua forma natural? Ah, isso é muito, demais, mas aceito com emoção! Você sabe, abençoado pai, não me desafie a parecer natural, não corra riscos... eu mesmo não alcançarei a aparência natural. Estou avisando para protegê-lo. Pois bem, o resto ainda está sujeito à escuridão do desconhecido, mesmo que alguns quisessem me pintar. Isto é o que eu digo a você, Piotr Alexandrovich, e a você, ser santíssimo, é isso que eu digo: eu derramo minha alegria! “Ele se levantou e, levantando as mãos, disse: “Bem-aventurado o ventre que te gerou e os seios que te alimentaram, especialmente os seios!” Agora há pouco com a sua observação: “Não tenha tanta vergonha de si mesmo, porque isso é tudo o que resulta disso” - com essa observação você pareceu me perfurar e me ler por dentro. É exatamente assim que tudo me parece quando entro na sala das pessoas, que sou mais malvado que todos os outros e que todos me tomam por um bobo da corte, então “deixe-me realmente bancar o bobo da corte, não tenho medo de suas opiniões, porque cada um de vocês é mais cruel comigo!” Por isso sou um bufão, um bufão por vergonha, um grande velhinho, por vergonha. Só por desconfiança eu fico turbulento. Afinal, se ao menos eu tivesse certeza, ao entrar, de que todos imediatamente me considerariam a pessoa mais legal e inteligente - Senhor! Que pessoa gentil eu seria então! Professor! - De repente ele caiu de joelhos. -O que devo fazer para herdar a vida eterna?

Ainda era difícil decidir: ele estava brincando ou estava realmente emocionado?

O mais velho olhou para ele e disse com um sorriso:

“Você mesmo sabe há muito tempo o que precisa ser feito, você tem inteligência suficiente: não se entregue à embriaguez e à intemperança verbal, não se entregue à sensualidade e principalmente à adoração do dinheiro, e feche suas casas de bebida, se não puder faça todos eles, depois pelo menos dois ou três. E o mais importante, o mais importante, não minta.

- Então, isso é sobre Diderot ou algo assim?

- Não, não é como Diderot. O principal é não mentir para si mesmo. Quem mente para si mesmo e ouve as suas próprias mentiras chega a tal ponto que não discerne mais nenhuma verdade, nem em si mesmo nem ao seu redor, e, portanto, começa a desrespeitar a si mesmo e aos outros. Não respeitando ninguém, deixa de amar, e para, não tendo amor, se ocupar e se divertir, se entrega às paixões e aos doces grosseiros, e chega à bestialidade completa em seus vícios, e tudo desde mentiras contínuas a ambos pessoas e ele mesmo. Aquele que mente para si mesmo antes de tudo pode ficar ofendido. Afinal, às vezes é muito gostoso ficar ofendido, não é mesmo? E afinal, uma pessoa sabe que ninguém o ofendeu, mas que ele inventou um insulto para si mesmo e mentiu pela beleza, exagerou para criar uma imagem, apegou-se a uma palavra e fez de uma ervilha uma montanha - ele mesmo sabe disso e, no entanto, é o primeiro a se ofender, é ofendido até o prazer, até a sensação de maior prazer, e assim alcança a verdadeira inimizade... Vamos, levante-se. sente-se, peço-lhe muito, porque todos estes também são gestos falsos...

- Bendito homem! Deixe-me beijar sua mão”, Fyodor Pavlovich deu um pulo e beijou rapidamente a mão magra do velho. - Exatamente, é bom ficar ofendido. Você disse isso tão bem que nunca ouvi isso antes. Precisamente, durante toda a minha vida fui ofendido a ponto de ser agradável, por uma questão de estética fui ofendido, pois não é apenas agradável, mas às vezes belo ser ofendido; - foi isso que você esqueceu, velhinho: lindo! Vou escrever isso em um livro! E eu menti, menti, absolutamente toda a minha vida, todos os dias e horas. Verdadeiramente sou uma mentira e o pai da mentira! Porém, parece que ele não é o pai da mentira, sou eu quem fica se confundindo nos textos, bom, pelo menos o filho da mentira, e isso bastará. Só que... você é meu anjo... às vezes você pode falar de Diderot! Diderot não vai doer, mas outra palavra vai. O grande ancião, aliás, esqueceu, mas desde o terceiro ano resolveu perguntar aqui, vir aqui e descobrir com urgência e perguntar: só não mande Piotr Alexandrovich interromper. Isto é o que eu pergunto: é justo, grande pai, que em Cheti-Minea se fale em algum lugar sobre um santo fazedor de maravilhas que foi torturado por sua fé e quando finalmente lhe cortaram a cabeça, ele se levantou, ergueu a cabeça, e “beijou-a gentilmente”, e caminhou por um longo tempo, carregando-a nos braços e “beijou-a gentilmente”. Isso é justo ou não, pais honestos?

“Não, é injusto”, disse o mais velho.

“Nada parecido existe em todos os Chetyi-Mineas.” De que santo você está falando que está escrito assim? - perguntou o hieromonge, o pai bibliotecário.

- Não sei qual. Eu não sei e não sei. Ele foi enganado, disseram. Eu ouvi e, você sabe, quem contou? Mas Pyotr Aleksandrovich Miusov, é por isso que Diderot estava zangado agora, foi o que ele disse.

“Eu nunca te contei isso, nunca falo com você.”

- É verdade, você não me contou; mas você me disse na empresa onde eu estava que esse caso tinha quatro anos. É por isso que mencionei que você abalou minha fé com esta história engraçada, Piotr Alexandrovich. Você não sabia disso, você não sabia, mas voltei para casa com a fé abalada e desde então tenho ficado cada vez mais abalado. Sim, Piotr Alexandrovich, você foi a causa da grande queda! Este não é Diderot, senhor!

Fyodor Pavlovich ficou pateticamente excitado, embora já estivesse completamente claro para todos que ele estava se apresentando novamente. Mas Miusov ainda estava dolorosamente ferido.

“Que bobagem, e é tudo bobagem”, ele murmurou. - Eu realmente posso ter dito isso uma vez... mas não para você. Eu mesmo disse. Ouvi isso em Paris, de um francês, que supostamente em nosso Chetyi-Minea eles liam isso na missa... Ele é um homem muito culto que estudou especialmente as estatísticas da Rússia... viveu na Rússia por muito tempo.. . Eu não li o Chet'i-Minea... e além disso não vou ler... Nunca se sabe o que está acontecendo na hora do almoço?.. Estávamos almoçando então...

- Sim, você estava almoçando então, mas perdi a fé! - provocou Fyodor Pavlovich.

- O que me importa a sua fé! - Miusov ia gritar, mas de repente se conteve, dizendo com desprezo: - você literalmente mancha tudo que toca.

O mais velho levantou-se de repente:

“Perdoem-me, senhores, por deixá-los apenas alguns minutos”, disse ele, dirigindo-se a todos os visitantes, “mas aqueles que chegaram ainda mais cedo do que vocês estão esperando por mim”. Mas você ainda não mente”, acrescentou, virando-se para Fyodor Pavlovich com uma expressão alegre.

Ele saiu da cela, Alyosha e o noviço correram para levá-lo escada abaixo. Alyosha estava sem fôlego, estava feliz por ir embora, mas também estava feliz porque o velho não estava ofendido e estava alegre. O mais velho dirigiu-se à galeria para abençoar aqueles que o esperavam. Mas Fyodor Pavlovich ainda o deteve na porta de sua cela:

- Homem muito abençoado! - gritou ele com sentimento, - deixe-me beijar sua mão de novo! Não, você ainda pode falar com você, você ainda pode viver! Você acha que eu sempre minto e faço papel de palhaço assim? Saiba que foi assim que eu me apresentei o tempo todo de propósito, para testar você. Era eu quem estava te sentindo o tempo todo, é possível conviver com você? Existe algum lugar para minha humildade com seu orgulho? Estou lhe dando uma carta de recomendação: posso morar com você! E agora estou em silêncio, estou em silêncio o tempo todo. Vou sentar em uma cadeira e calar a boca. Agora, Piotr Alexandrovich, eu lhe digo, você é a pessoa mais importante que resta... por dez minutos...

III. Acreditando nas mulheres

Abaixo, perto da galeria de madeira presa à parede externa da cerca, desta vez todas as mulheres, cerca de vinte mulheres, amontoavam-se. Eles foram notificados de que o mais velho finalmente sairia e se reuniram em antecipação. Os proprietários de terras Khokhlakovs também saíram para a galeria, também esperando o mais velho, mas na sala reservada aos visitantes nobres. Eram duas: mãe e filha. A mãe da senhora Khokhlakova, uma senhora rica e sempre vestida com bom gosto, ainda era uma pessoa bastante jovem e muito bonita, um pouco pálida, com olhos muito vivos e quase totalmente negros. Ela não tinha mais de trinta e três anos e era viúva há cinco. Sua filha de quatorze anos sofria de paralisia das pernas. A pobre menina não conseguiu andar durante seis meses e foi carregada numa longa cadeira reclinável sobre rodas. Era um rosto lindo, um pouco magro por causa da doença, mas alegre. “Algo divertido brilhou em seus olhos grandes e escuros com cílios longos. Desde a primavera, a mãe planejava levá-la para o exterior, mas no verão atrasaram-se nos preparativos da propriedade. Já viviam na nossa cidade há cerca de uma semana, mais a negócios do que em peregrinação, mas já uma vez, há três dias, visitaram o mais velho. Agora eles voltaram de repente, embora soubessem que o mais velho quase não conseguia receber ninguém e, implorando com urgência, pediram mais uma vez “a felicidade de ver o grande curador”. Enquanto esperava a saída do mais velho, a mãe estava sentada em uma cadeira ao lado das poltronas da filha, e a dois passos dela estava um velho monge, não do mosteiro local, mas um visitante de um mosteiro distante e pouco conhecido do norte. . Ele também queria ser abençoado pelo mais velho. Mas o velho que apareceu na galeria foi primeiro direto ao povo. A multidão comprimia-se em direção ao pórtico de três degraus que ligava a galeria baixa ao campo. O mais velho subiu no degrau mais alto, colocou o epitrachelion e começou a abençoar as mulheres que se aglomeravam em sua direção. Eles puxaram um dos grupos em sua direção com as duas mãos. Ela, assim que viu o velho, de repente começou a soluçar, gritando absurdamente, e começou a tremer toda, como se estivesse em um parto doente. Depois de colocar o epitrachelion em sua cabeça, o ancião leu uma breve oração sobre ela, e ela imediatamente ficou quieta e se acalmou. Não sei como é agora, mas na minha infância muitas vezes vi e ouvi essas panelinhas em aldeias e mosteiros. Eles eram trazidos para a missa, gritavam ou latiam como cachorros para toda a igreja, mas quando os presentes eram trazidos e eles eram levados aos presentes, a “posse” cessava imediatamente, e os enfermos sempre se acalmavam por um tempo. Quando criança, isso me surpreendeu e surpreendeu muito. Mas então ouvi de outros proprietários e principalmente dos meus professores municipais, em resposta às minhas perguntas, que tudo isso é um fingimento para não funcionar, e que isso sempre pode ser erradicado com a devida severidade, e várias anedotas foram citadas para confirmar esse. Mas mais tarde fiquei surpreendido ao saber através de médicos especialistas que não havia qualquer pretensão aqui, que esta é uma doença feminina terrível, e parece predominantemente na nossa Rússia, testemunhando o difícil destino das nossas mulheres rurais, uma doença que ocorre de exaustão trabalhar muito logo após trabalho duro, parto incorreto, sem qualquer assistência médica; além disso, da dor desesperadora, dos espancamentos, etc., que outras naturezas femininas ainda não conseguem suportar, segundo o exemplo geral. A estranha e instantânea cura de uma mulher furiosa e espancada, assim que foi conduzida aos presentes, o que me foi explicado por fingimento e, além disso, por uma artimanha arranjada quase pelos próprios “clérigos”, provavelmente também aconteceu no maneira mais natural, e as mulheres que a conduziram aos presentes, e o mais importante, a própria mulher doente acreditava plenamente, como uma verdade estabelecida, que o espírito imundo que se apoderou da mulher doente nunca poderia suportar se ela, a mulher doente, foi levada até os presentes e curvou-se diante deles. E portanto, o que sempre acontecia (e deveria ter acontecido) numa mulher nervosa e, claro, também mentalmente doente, era um abalo indispensável de todo o seu corpo no momento da adoração antes dos presentes, um abalo provocado pela expectativa de uma inevitável milagre de cura e a mais completa fé de que isso aconteceria. E isso aconteceu mesmo que apenas por um minuto. Exatamente da mesma forma aconteceu agora, assim que o mais velho cobriu a doente com o epitraquelio.

Muitas das mulheres que se aproximavam dele explodiram em lágrimas de ternura e alegria causadas pelo efeito do momento; outros estavam ansiosos para beijar pelo menos a bainha de suas roupas, outros lamentavam alguma coisa. Ele abençoou a todos e conversou com outros. Ele já conhecia Klikusha, ela não foi trazida de longe, de uma aldeia a apenas seis milhas do mosteiro, e já havia sido trazida para ele antes.

- Mas está distante! - Ele apontou para uma mulher que não era nada velha, mas muito magra e emaciada, não só bronzeada, mas como se todo o rosto estivesse enegrecido. Ela ficou de joelhos e olhou para o mais velho com um olhar imóvel. Havia algo frenético em seu olhar.

- De longe, pai, de longe, a trezentos quilômetros de distância. De longe, pai, de longe”, disse a mulher com voz monótona, de alguma forma balançando a cabeça suavemente de um lado para o outro e apoiando o rosto na palma da mão. Ela falou como se estivesse lamentando. Há uma dor silenciosa e sofrida entre o povo; ele se fecha em si mesmo e fica em silêncio. Mas há também uma dor que se dilacera: irrompe uma vez em lágrimas e a partir desse momento desaparece em lamentações. Isto é especialmente verdadeiro para as mulheres. Mas não é mais fácil do que a dor silenciosa. As lamentações satisfazem aqui apenas envenenando ainda mais e dilacerando o coração. Essa dor não quer consolo; alimenta-se do sentimento de sua insaciabilidade. As lamentações são apenas uma necessidade de irritar continuamente a ferida.

- Você tem que ser filisteu? - continuou o velho, olhando-a com curiosidade.

- Somos urbanos, pai, urbanos, somos camponeses, mas urbanos, moramos na cidade. Vim ver você, pai. Ouvimos falar de você, pai, ouvimos. Ela enterrou seu filho bebê e foi orar a Deus. Visitei três mosteiros, mas eles me disseram: “Venha, Nastasyushka, e aqui, para você, isto é, minha querida, para você”. Eu vim, ontem estava na estação e hoje vim até você.

-Por que você está chorando?

“É uma pena para o meu filho, pai, ele tinha três anos, faltavam apenas três meses e teria três anos.” Estou atormentado pelo meu filho, pai, pelo meu filho. Ficou o último filho, Nikitushka e eu tínhamos quatro, mas nossos filhos não estão de pé, não estão de pé, desejados, não estão de pé. Enterrei os três primeiros, não tive muita pena deles, mas enterrei este último e não posso esquecê-lo. Isso mesmo, ele está aqui na minha frente, ele não vai embora. Secou minha alma. Vou olhar sua cueca, sua camisa e suas botas e uivar. Vou expor o que sobrou dele, todas as suas coisas, vou olhar e uivar. Digo a Nikitushka, meu marido: deixe-me ir, mestre, em peregrinação. Ele é taxista, não somos pobres, pai, não somos pobres, dirigimos nossos próprios táxis, sustentamos tudo o que temos, tanto cavalos quanto carruagem. De que bem precisamos agora? Ele começou a adoecer sem mim, Nikitushka é meu, provavelmente é assim, e antes mesmo: assim que eu me virar, ele vai enfraquecer. E agora eu nem penso nele. Este já é o terceiro mês longe de casa. Esqueci, esqueci de tudo e não quero lembrar; e o que farei com ele agora? Eu terminei com ele, terminei, terminei com todos. E agora eu não olharia para minha casa e minha propriedade, e não veria absolutamente nada!

“Aqui está, mãe”, disse o mais velho, “um dia o antigo grande santo viu no templo uma mãe como você, chorando, e também por seu bebê, o único que o Senhor também havia chamado”. “Ou você não sabe”, disse-lhe o santo, quão ousados ​​​​são esses bebês diante do trono de Deus? Não há ninguém mais ousado do que eles no reino dos céus: Tu, Senhor, deste-nos a vida, dizem a Deus, e assim que a vimos, tu a tiraste de nós. E eles perguntam e pedem com tanta ousadia que o Senhor imediatamente lhes dá a categoria de anjo. “E portanto”, disse o santo, “alegre-se, mulher, e não chore, e seu bebê agora permanece com o Senhor na hoste de seus anjos”. Foi o que o santo disse à esposa que chorava nos tempos antigos. Ele era um grande santo e não podia mentir para ela. Portanto, você também, mãe, saiba que seu bebê provavelmente agora estará diante do trono de Deus, se alegrará e se divertirá e orará a Deus por você. E, portanto, você também chora, mas alegre-se.

A mulher o ouviu, apoiando o rosto com a mão e olhando para baixo. Ela respirou fundo.

“Desta forma, Nikitushka me consolou, em uma palavra, quando você disse: “Você é irracional”, disse ele, “por que você está chorando, nosso filho provavelmente agora está cantando para o Senhor Deus junto com os anjos”. Ele me fala isso, mas ele mesmo está chorando, vejo como estou chorando também. “Eu sei”, digo eu, Nikitushka, onde ele poderia estar senão com o Senhor Deus, só aqui, conosco agora, Nikitushka, não, ao lado dele, assim como ele se sentou antes! E mesmo que eu olhasse para ele apenas uma vez, gostaria de olhar para ele novamente, apenas uma vez, e não iria até ele, não diria uma palavra, me esconderia no canto, só para ver ele por um minuto, para ouvi-lo brincar no quintal, ele chegava e gritava com sua vozinha: “Mamãe, onde você está?” Se ao menos eu pudesse ouvi-lo andar pela sala com suas perninhas uma vez, apenas uma vez, apenas uma vez, com suas perninhas, tap-tap, e tantas vezes, muitas vezes, lembro como ele costumava correr em minha direção, gritar e rir , se eu pudesse ouvir suas pernas, eu o teria ouvido, eu o teria reconhecido! Sim, não, pai, não, e nunca o ouvirei! Aqui está o cinturão dele, mas ele não está lá, e agora nunca mais o verei nem ouvirei!..

Ela tirou do peito o cinto trançado do menino e, assim que olhou para ele, começou a tremer em soluços, cobrindo os olhos com os dedos, por onde as lágrimas de repente correram em um riacho.

“E este”, disse o mais velho, “é o antigo “Rachel chora pelos filhos e não pode ser consolada porque eles não estão lá”, e este é o limite na terra para vocês, mães. E não se console, e você não precisa ser consolado, não se console e chore, apenas toda vez que você chorar, lembre-se inabalavelmente que seu filho é o único dos anjos de Deus, daí ele olha para você e te vê e se alegra com suas lágrimas e para elas aponta para Deus. E por muito tempo você continuará experimentando esse grande choro materno, mas no final ele se transformará em uma alegria tranquila para você, e suas lágrimas amargas serão apenas lágrimas de ternura silenciosa e limpeza sincera, salvando-o dos pecados. E vou me lembrar do seu bebê pelo repouso, qual era o nome dele?

- Alexei, pai.

-É um nome fofo. Em Alexey, um homem de Deus?

- Deus, pai, Deus, Alexei o homem de Deus!

- Que santo! Vou lembrar, mãe, vou lembrar da sua tristeza em oração, e vou lembrar do seu marido pela sua saúde. É apenas um pecado você deixá-lo. Vá até seu marido e cuide dele. Seu filho verá daí que você abandonou o pai dele, e ele chorará por você: por que você está perturbando a felicidade dele? Afinal, ele está vivo, vivo, pois a alma vive para sempre, e ele não está em casa, mas está invisivelmente ao seu lado. Como ele vai entrar em casa, já que você diz que odiava sua casa? Para quem ele irá se não encontrar vocês juntos, pai e mãe? Agora você sonha com ele e sofre, e então ele lhe enviará sonhos gentis. Vá até seu marido, mãe, vá hoje mesmo.

“Eu irei, querido, irei de acordo com a sua palavra.” Você desmontou meu coração. Nikitushka, você é meu Nikitushka, você está esperando por mim, minha querida, você está esperando! - a mulher começou a lamentar, mas o mais velho já havia se voltado para uma velha, vestida não de estranha, mas de cidade. Estava claro em seus olhos que ela tinha alguns assuntos a tratar e que viera contar algo a ele. Ela se autodenominava viúva de um suboficial, não de longe, apenas de nossa própria cidade. O filho dela, Vasenka, serviu em algum lugar no comissariado, mas foi para a Sibéria, para Irkutsk. Escrevi de lá duas vezes, mas agora parei de escrever por um ano. Ela perguntou sobre ele, mas na verdade não sabia onde descobrir.

“Outro dia, Stepanida Ilyinishna Bedryagina, esposa de um rico comerciante, me disse: pegue”, diz ela, Prokhorovna, e escreva, diz ela, seu filho para lembrança, leve-o à igreja e lembre-se dele para o morto. Sua alma, diz ele, ficará triste e ele escreverá uma carta. E isso, diz Stepanida Ilyinishna, é verdade e foi testado muitas vezes. Mas só estou pensando... Você é a nossa luz, isso é verdade ou não, e será bom?

- E não pense nisso. É uma pena perguntar isso. E como é possível que uma alma viva e até mesmo a própria mãe sejam lembradas pelo seu repouso? Este é um grande pecado, como a feitiçaria, só que por sua ignorância só é perdoado. E é melhor você orar à Rainha dos Céus, sua rápida intercessora e ajudadora, pela saúde dele, para que ela o perdoe por seu pensamento errado. E eis o que mais lhe direi, Prokhorovna: ou ele mesmo voltará para você em breve, seu filho, ou provavelmente enviará uma carta. Então você sabe. Vá e fique em paz daqui em diante. Seu filho está vivo, eu lhe digo.

“Você é nosso querido, Deus o recompense, você é nosso benfeitor, você é um líder de oração por todos nós e por nossos pecados...”

E o mais velho já havia notado na multidão dois olhares ardentes de uma camponesa exausta, aparentemente tuberculosa, embora ainda jovem, olhando em sua direção. Ela olhou silenciosamente, seus olhos pediam algo, mas ela parecia com medo de se aproximar.

- O que você está fazendo, querido?

“Resolva minha alma, querido”, ela disse calma e lentamente, ajoelhou-se e curvou-se aos pés dele.

“Eu pequei, querido pai, tenho medo do meu pecado.”

O mais velho sentou-se no último degrau, a mulher se aproximou dele sem se levantar.

“Estou viúva há três anos”, ela começou meio sussurrando, parecendo estremecer. “Foi difícil ser casado, ele era velho, me batia muito.” Ele ficou doente; Penso, olhando para ele: se ele se recuperar e se levantar de novo, o que acontecerá? E então esse mesmo pensamento me veio à mente...

“Espere”, disse o velho e levou o ouvido direto aos lábios dela. A mulher começou a continuar num sussurro baixo, de modo que quase nada podia ser ouvido. Ela veio logo.

- Terceiro ano? - perguntou o velho.

- Terceiro ano. No começo não pensei, mas agora comecei a passar mal, a melancolia pegou...

- De longe?

- A quinhentas milhas de distância.

— Você disse isso em confissão?

“Eu disse isso, eu disse duas vezes.”

- Você teve permissão para comungar?

- Admitido. Com medo; Tenho medo de morrer.

- Não tenha medo de nada, e nunca tenha medo, e não fique triste. Se ao menos o arrependimento não escassear em você, Deus perdoará tudo. E não existe tal pecado e não pode existir em toda a terra, que Deus não perdoaria aos verdadeiramente arrependidos. E uma pessoa não pode, de forma alguma, cometer um pecado tão grande que esgotaria o amor infinito de Deus. Pode haver tal pecado que exceda o amor de Deus? Apenas preocupe-se com o arrependimento, incessantemente, e afaste completamente o medo. Acredite que Deus te ama mais do que você pode imaginar, mesmo que ele te ame com o seu pecado e no seu pecado. E há mais alegria no céu para um arrependido do que para dez justos, foi dito há muito tempo. Vá e não tenha medo. Não fique chateado com as pessoas, não fique bravo com os insultos. Perdoe o falecido em seu coração por tudo que o ofendeu; reconcilie-se verdadeiramente com ele. Se você se arrepende, você ama. E se você ama, então você já é de Deus... Com amor tudo se compra, tudo se salva. Se eu, uma pessoa pecadora como você, fosse tocado por você e tivesse pena de você, quanto mais Deus teria. O amor é um tesouro tão inestimável que você pode comprar o mundo inteiro com ele e redimir não apenas os seus, mas também os pecados dos outros. Vá e não tenha medo.

Ele o cruzou três vezes, tirou-o do pescoço e colocou o ícone nele. Ela silenciosamente se curvou para ele no chão. Ele se levantou e olhou alegremente para uma mulher saudável com um bebê nos braços.

- De Vyshegorye, querido.

- Porém, a seis quilômetros daqui, eu estava definhando com a criança. O que você quer?

- Vim olhar para você. Eu visitei você, esqueci? Você não tem uma boa memória se já me esqueceu. Disseram-nos que você está doente, acho, bom, eu mesmo irei vê-lo: então eu vejo você, mas quão doente você está? Você viverá mais vinte anos, realmente, Deus te abençoe! E você nunca sabe quem ora por você, você vai ficar doente?

- Obrigado por tudo, querido.

- Aliás, meu pedido não é grande: aqui estão sessenta copeques, dê, querido, para alguém que é mais pobre que eu. Eu fui aqui e pensei: seria melhor dar através dele, ele já sabe para quem dar.

- Obrigado, querido, obrigado, gentil. Amo você. Eu definitivamente farei isso. Uma garota em seus braços?

- Menina, luz, Lizaveta.

“Deus abençoe vocês dois, você e a bebê Lizaveta.” Você fez meu coração feliz, mãe. Adeus, queridos, adeus, queridos, queridos.

Ele abençoou a todos e curvou-se profundamente a todos.

4. Senhora de pouca fé

A proprietária de terras que chegava, olhando toda a cena da conversa com o povo e sua bênção, derramou lágrimas silenciosas e enxugou-as com um lenço. Ela era uma senhora sensível da sociedade, com inclinações que, em muitos aspectos, eram sinceramente gentis. Quando o mais velho finalmente se aproximou dela, ela o cumprimentou com entusiasmo:

“Eu aguentei tanto, tanto, olhando toda essa cena comovente...” ela não finalizou de emoção. - Ah, eu entendo que o povo te ama, eu mesmo amo o povo, quero amá-lo, e como não amar o povo, nosso lindo povo russo, simplório em sua grandeza!

— Como está a saúde da sua filha? Você queria falar comigo de novo?

“Ah, eu perguntei com urgência, implorei, estava pronto para me ajoelhar e me ajoelhar por pelo menos três dias na frente de suas janelas até que você me deixasse entrar.” Viemos até você, grande curador, para expressar toda a nossa entusiástica gratidão. Afinal, você curou minha Lisa, curou-a completamente, e o que - orando por ela na quinta-feira, impondo suas mãos sobre ela. Corremos para beijar essas mãos, para expressar nossos sentimentos e nossa reverência!

- Como você se curou assim? Ela ainda está deitada na cadeira, não está?

“Mas as febres noturnas desapareceram completamente, já faz dois dias, desde quinta-feira”, apressou-se a senhora, nervosa. Não só isso: suas pernas ficaram mais fortes. Hoje de manhã ela acordou saudável, dormiu a noite toda, olha o rubor dela, os olhos brilhantes. Aí ela continuou chorando, mas agora está rindo, alegre, alegre. Hoje ela exigiu veementemente que fosse colocada de pé para ficar de pé, e ficou um minuto inteiro sozinha, sem nenhum apoio. Ela aposta que em duas semanas estará dançando quadrilha. Liguei para o médico local, Herzenstube; ele encolhe os ombros e diz: estou surpreso, estou perplexo. E você quer que não incomodemos você, não voemos até aqui, não agradeçamos? Lise, obrigado, obrigado!

O rosto fofo e risonho de Lise de repente ficou sério, ela sentou-se na cadeira o máximo que pôde e, olhando para o velho, cruzou as mãos na frente dele, mas não aguentou e de repente riu...

- Estou nele, nele! - Ela apontou para Alyosha, com uma irritação infantil consigo mesma por não aguentar e rindo. Quem olhasse para Aliocha, que estava um passo atrás do velho, teria notado um rápido rubor em seu rosto, que instantaneamente inundou suas bochechas. Seus olhos brilharam e olharam para baixo.

“Ela tem uma missão para você, Alexei Fedorovich... Como vai sua saúde”, continuou a mãe, virando-se de repente para Aliocha e estendendo-lhe a mão encantadoramente estendida. O mais velho olhou em volta e de repente olhou atentamente para Alyosha. Ele se aproximou de Lisa e, sorrindo de forma estranha e estranha, estendeu a mão para ela. Lise fez uma cara importante.

“Katerina Ivanovna lhe envia isto através de mim”, ela entregou-lhe uma pequena carta. “Ela pede especialmente que você venha até ela, mas rápido, rápido, e não para enganar, mas para vir sem falta.”

- Ela me pede para entrar? Eu para ela... Por quê? - Alyosha murmurou com profunda surpresa. Seu rosto de repente ficou completamente preocupado.

“Ah, é tudo sobre Dmitry Fedorovich e... todos esses incidentes recentes”, explicou a mãe rapidamente. - Katerina Ivanovna agora tomou uma decisão... mas para isso ela definitivamente precisa ver você... por quê? Claro que não sei, mas ela perguntou o mais rápido possível. E você o fará, provavelmente o fará, até o sentimento cristão dita...

“Eu só a vi uma vez”, continuou Alyosha com a mesma perplexidade.

- Oh, esta é uma criatura tão elevada, tão inatingível!.. Só pelo sofrimento dela... Imagine o que ela suportou, o que ela está suportando agora, imagine o que a espera... tudo isso é terrível, terrível!

“Tudo bem, eu irei”, decidiu Aliocha, passando os olhos pelo bilhete curto e misterioso, que, além de um pedido convincente para vir, não continha nenhuma explicação.

“Oh, como isso será doce e maravilhoso da sua parte”, Lise gritou de repente, toda animada. “Mas eu falo para minha mãe: ele não vai aceitar nada, está tentando se salvar.” Ah, como você é maravilhoso! Afinal, sempre achei você maravilhoso, é isso que tenho o prazer de te contar agora!

- Lise! - disse a mãe de forma impressionante, mas sorriu imediatamente.

“Você também se esqueceu de nós, Alexey Fedorovich, você não quer nos visitar de jeito nenhum: e mesmo assim Lise me disse duas vezes que ela se sente bem só com você.” - Alyosha ergueu os olhos baixos, de repente corou de novo, e de novo de repente, sem saber por quê, sorriu. No entanto, o mais velho não o observou mais. Ele conversou com um monge visitante que, como já dissemos, esperava sua saída perto das cadeiras Lise. Ele era aparentemente um dos monges mais simples, ou seja, de categoria simples, com uma visão de mundo curta e inviolável, mas crente e teimoso à sua maneira. Ele se declarou de algum lugar no extremo norte, de Obdorsk, de São Silvestre, de um mosteiro pobre de apenas nove monges. O mais velho o abençoou e o convidou a ir à sua cela sempre que quisesse.

- Como você se atreve a fazer essas coisas? - perguntou o monge de repente, apontando de forma impressionante e solene para Lise. Ele sugeriu sua “cura”.

— Claro, é muito cedo para falar sobre isso. O alívio ainda não é uma cura completa e pode ter ocorrido por outros motivos. Mas se alguma coisa aconteceu, não foi pelo poder de ninguém, exceto pela vontade de Deus. Tudo vem de Deus. Visite-me, pai”, acrescentou ao monge, “caso contrário não posso fazer isso o tempo todo; Estou doente e sei que meus dias estão contados.

“Ah, não, não, Deus não vai tirar você de nós, você vai viver muito, muito tempo”, gritou a mãe. - E do que você está doente? Você parece tão saudável, alegre, feliz.

“Sinto-me extraordinariamente melhor hoje, mas já sei que é só um minuto.” Agora entendo minha doença inequivocamente. Se pareço tão alegre para você, então nada poderia me agradar tanto quanto fazer tal observação. Pois as pessoas foram criadas para a felicidade, e quem é completamente feliz é diretamente digno de dizer a si mesmo: “Cumpri a aliança de Deus nesta terra”. Todos os justos, todos os santos, todos os santos mártires estavam todos felizes.

“Oh, como você fala, que palavras ousadas e elevadas”, exclamou a mãe. - Você fala e é como se estivesse perfurando. Enquanto isso, felicidade, felicidade - onde está? Quem pode dizer para si mesmo que está feliz? Ah, se você tivesse a gentileza de nos permitir vê-lo novamente hoje, então ouça tudo o que eu não te contei da última vez, não ousei te contar, tudo que estou sofrendo tanto, e por há tanto tempo, há muito tempo! Estou sofrendo, me perdoe, estou sofrendo...” E ela cruzou as mãos na frente dele com uma espécie de sentimento quente e impetuoso.

- O que há de especial?

- Eu sofro... de descrença...

- Descrença em Deus?

- Ah, não, não, não me atrevo nem a pensar nisso, mas a vida futura é um grande mistério! E ninguém, ninguém responde! Ouça, você é um curador, você é um conhecedor da alma humana; É claro que não me atrevo a fingir que você acredita completamente em mim, mas garanto-lhe com a maior palavra que não estou dizendo isso agora por frivolidade, que esse pensamento sobre uma futura vida após a morte a ponto de sofrer me excita, ao ponto do horror e do medo... E eu não sei , a quem recorrer, não ousei toda a minha vida... E agora me atrevo a recorrer a você... Oh Deus, que tipo de pessoa que você vai me considerar agora! - Ela apertou as mãos.

“Não se preocupe com a minha opinião”, respondeu o mais velho. “Acredito plenamente na sinceridade da sua melancolia.”

- Ah, como sou grato a você! Veja: fecho os olhos e penso: se todos acreditam, então de onde veio isso? E aqui eles afirmam que tudo isso veio primeiro do medo de fenômenos naturais ameaçadores e que tudo isso não existe. Bem, acho que durante toda a minha vida acreditei que morreria e de repente não haveria nada, e apenas “uma bardana cresceria no túmulo”, como li um escritor. É horrível! Como, como restaurar a fé? Porém, eu só acreditei quando era criança, mecanicamente, sem pensar em nada... Como, como provar isso, venho agora me prostrar diante de você e lhe perguntar sobre isso. Afinal, se eu perder o presente caso, ninguém me responderá pelo resto da vida. Como provar, como ter certeza? Ah, meu infortúnio! Eu fico parado e vejo ao meu redor que ninguém se importa, quase todo mundo, ninguém se importa com isso agora, mas eu sozinho não aguento. Isso é assassino, assassino!

- Sem dúvida, assassino. Mas nada pode ser provado aqui, mas é possível ser convencido.

- Como? Como?

— A experiência do amor ativo. Tente amar seu próximo de forma ativa e incansável. Ao ter sucesso no amor, você se convencerá da existência de Deus e da imortalidade de sua alma. Se você chegar ao ponto de total auto-sacrifício no amor ao próximo, sem dúvida acreditará e sem dúvida poderá até entrar em sua alma. Foi testado, isso é certo.

- Amor ativo? Aí vem a pergunta de novo, e que pergunta, que pergunta! Você vê: eu amo tanto a humanidade que, acredite, às vezes sonho em desistir de tudo, de tudo que tenho, deixar Lise e me tornar uma irmã de misericórdia. Fecho os olhos, penso e sonho, e nesses momentos sinto uma força irresistível dentro de mim. Nenhuma ferida, nenhuma úlcera purulenta poderia me assustar. Eu faria curativos e lavaria com minhas próprias mãos, seria enfermeira desses sofredores, estou pronta para beijar essas úlceras...

“E é muito bom que sua mente sonhe com isso e nada mais.” Não, não, por acaso você realmente fará alguma boa ação.

- Sim, mas quanto tempo eu conseguiria sobreviver nessa vida? - a senhora continuou calorosamente e quase como se estivesse frenética. - Esta é a questão mais importante! Esta é a minha pergunta mais dolorosa. Fecho os olhos e me pergunto: quanto tempo você aguentaria esse caminho? E se o paciente, cujas úlceras você está lavando, não lhe responde imediatamente com gratidão, mas pelo contrário começa a atormentá-lo com caprichos, não valorizando nem percebendo seu atendimento humano, começa a gritar com você, a exigir rudemente, até a reclamar alguns superiores (assim como muitas vezes acontece com aqueles que estão muito sofrendo) - e então? Seu amor durará ou não? E agora, imagine, com um estremecimento já decidi isto: se há algo que possa amortecer imediatamente o meu amor “ativo” pela humanidade, então é apenas a ingratidão. Em suma, sou trabalhador remunerado, exijo pagamento imediato, ou seja, elogio para mim mesmo e pagamento por amor com amor. Caso contrário não sou capaz de amar ninguém!

Ela teve um ataque da mais sincera autoflagelação e, ao terminar, olhou para o mais velho com determinação desafiadora.

“Mas isso foi exatamente como um médico me disse há muito tempo”, observou o mais velho. “O homem já era idoso e sem dúvida inteligente. Ele falou tão francamente quanto você, embora de brincadeira, mas de brincadeira triste; Eu, diz ele, amo a humanidade, mas estou surpreso comigo mesmo: quanto mais amo a humanidade em geral, menos amo as pessoas em particular, isto é, separadamente, como indivíduos. Em meus sonhos, diz ele, muitas vezes tive pensamentos apaixonados sobre servir a humanidade e talvez eu realmente iria à cruz pelas pessoas se de repente isso fosse necessário de alguma forma, mas enquanto isso não sou capaz de viver no mesmo quarto com ninguém por dois dias, o que sei por experiência própria. Ele é um pouco próximo de mim e agora sua personalidade esmaga meu orgulho e restringe minha liberdade. Um dia posso odiar até a melhor pessoa: um porque demora muito para almoçar, outro porque está com o nariz escorrendo e assoa o nariz constantemente. Eu, diz ele, me torno inimigo das pessoas, assim que elas me tocam um pouco. Mas sempre aconteceu que quanto mais eu odiava as pessoas em particular, mais ardente se tornava meu amor pela humanidade em geral.

- Mas o que fazer? O que fazer neste caso? Precisamos nos desesperar aqui?

- Não, porque basta você lamentar isso. Faça o que puder e isso será feito por você. Você já fez muito, porque conseguiu se reconhecer de forma tão profunda e sincera! Se você agora falou comigo com tanta sinceridade, como agora de mim, apenas para receber elogios por sua veracidade, então é claro que você não alcançará nada nas façanhas do amor ativo; então tudo permanecerá apenas em seus sonhos, e toda a sua vida piscará como um fantasma. Aqui, é claro, você esquecerá sua vida futura e, no final, de alguma forma se acalmará.

- Você me esmagou! Só agora, neste momento, como você disse, percebi que na verdade só esperava o seu elogio à minha sinceridade quando lhe disse que não suportava a ingratidão. Você me sugeriu, me pegou e me explicou!

-Você está falando mesmo? Bem, agora, depois de tal confissão sua, acredito que você é sincero e de bom coração. Se você não alcançar a felicidade, lembre-se sempre de que está no bom caminho e tente não abandoná-lo. O principal é evitar mentiras, todas as mentiras, mentiras principalmente para você mesmo. Observe suas mentiras e analise-as a cada hora, a cada minuto. Evite o nojo, tanto dos outros quanto de si mesmo: o que parece ruim dentro de você é purificado pelo simples fato de você perceber isso em si mesmo. Evite também o medo, embora o medo seja apenas consequência de qualquer mentira. Nunca tenha medo da sua própria covardia em alcançar o amor; nem tenha muito medo das suas más ações. Lamento não poder dizer-lhe nada mais encorajador, pois o amor ativo, comparado ao amor sonhador, é uma coisa cruel e aterrorizante. O amor sonhador anseia por uma conquista rápida, rapidamente satisfeito e que todos possam olhar. Aí chega mesmo ao ponto de eles até darem a vida, se não durasse muito, mas acontecesse rápido, como se estivesse no palco, e para que todos olhassem e elogiassem. O amor ativo é trabalho e resistência e, para outros, talvez seja uma ciência completa. Mas prevejo que naquele exato momento em que você olhar com horror para o fato de que, apesar de todos os seus esforços, você não apenas não avançou em direção ao seu objetivo, mas até parece ter se afastado dele - nesse exato momento, eu prevejo isto é para você, de repente você alcançará seu objetivo e verá claramente acima de você o poder milagroso do Senhor, que o amou o tempo todo e que o guiou misteriosamente o tempo todo. Lamento não poder ficar mais com você, eles estão me esperando. Adeus.

A senhora estava chorando.

- Lise, Lise, abençoe ela, abençoe ela! - ela de repente se agitou toda.

- E você não deveria amá-la. “Eu vi como ela pregava peças o tempo todo”, disse o mais velho brincando. - Por que você ria do Alexei o tempo todo?

E Lise realmente fazia esse truque o tempo todo. Ela já havia notado há muito tempo, desde a última vez, que Aliocha estava envergonhado e tentava não olhar para ela, e isso começou a diverti-la terrivelmente. Ela esperou atentamente e capturou o olhar dele: incapaz de resistir ao olhar teimosamente dirigido a ele, Alyosha não, não, e de repente, involuntariamente, com uma força irresistível, ele mesmo olhou para ela, e imediatamente ela sorriu um sorriso triunfante direto em seus olhos . Alyosha ficou envergonhado e ainda mais irritado. Finalmente, ele se afastou completamente dela e se escondeu nas costas do velho. Depois de alguns minutos, ele novamente, atraído pela mesma força irresistível, virou-se para ver se estavam olhando para ele ou não, e viu que Lise, quase pendurada na cadeira, olhava para ele de lado e esperava com toda a sua força para ele olhar; Ao captar o olhar dele, ela riu tanto que nem o mais velho aguentou:

- Por que você está envergonhando tanto ele, atrevida?

Lise de repente, de forma bastante inesperada, corou, seus olhos brilharam, seu rosto ficou terrivelmente sério e, com uma reclamação quente e indignada, ela de repente falou rápida e nervosamente:

- Por que ele esqueceu tudo? Ele me carregava pouco nos braços, brincávamos com ele. Afinal, ele veio me ensinar a ler, sabia? Há dois anos, quando se despediu, disse que nunca esqueceria que somos amigos eternos, eternos, eternos! E agora ele de repente está com medo de mim, vou comê-lo ou o quê? Por que ele não quer vir, por que ele não fala? Por que ele não quer vir até nós? Você não o deixa entrar? Sabemos que ele vai a todos os lugares. É indecente eu ligar para ele, ele deveria ter sido o primeiro a lembrar, se não esqueceu. Não, senhor, ele está se salvando agora! Por que você colocou essa lentilha comprida nele... Ele vai correr e cair...

E de repente ela, sem aguentar, cobriu o rosto com a mão e riu terrivelmente, incontrolavelmente, com sua risada longa, nervosa, trêmula e inaudível. O mais velho ouviu-a sorrindo e abençoou-a com ternura; quando ela começou a beijar a mão dele, de repente ela a pressionou contra os olhos e começou a chorar:

“Não fique zangado comigo, sou um tolo, não valho nada... e Alyosha pode estar certo, muito certo, ao dizer que não quer ir para um lugar tão engraçado.”

“Com certeza vou enviar”, decidiu o mais velho.

V. Seja, seja!

A ausência do ancião da cela durou cerca de vinte e cinco minutos. Já era meio-dia e meia e Dmitry Fedorovich, para quem todos estavam reunidos, ainda estava desaparecido. Mas quase pareciam ter se esquecido dele, e quando o mais velho entrou novamente na cela, encontrou a conversa geral mais animada entre seus convidados. Em primeiro lugar, Ivan Fedorovich e os dois hieromonges participaram da conversa. Miusov também se envolveu, aparentemente com muito entusiasmo, na conversa, mas novamente não teve sorte; ele aparentemente estava em segundo plano e eles nem lhe respondiam muito, então essa nova circunstância apenas intensificou sua irritabilidade acumulada. O fato é que ele já havia tido algumas escaramuças com Ivan Fedorovich no conhecimento, e não suportava parte de sua negligência consigo mesmo a sangue frio: “Até agora, pelo menos, ele estava no auge de tudo o que é avançado na Europa , e esta é uma nova geração que está nos ignorando resolutamente”, pensou consigo mesmo. Fyodor Pavlovich, que deu sua palavra de se sentar em uma cadeira e calar a boca, ficou em silêncio por algum tempo, mas com um sorriso zombeteiro observou seu vizinho Piotr Alexandrovich e aparentemente se alegrou com sua irritabilidade. Há muito tempo ele planejava recompensá-lo por alguma coisa e agora não queria perder a oportunidade. Por fim, não aguentou mais, inclinou-se sobre o ombro do vizinho e em voz baixa voltou a provocá-lo:

- Afinal, por que você simplesmente não foi embora depois do “beijo gentil” e concordou em ficar em companhia tão indecente? Mas porque se sentiram humilhados e insultados e ficaram para mostrar a sua inteligência em busca de vingança. Agora você não irá embora até mostrar a eles sua inteligência.

- Você de novo? Vou embora agora, pelo contrário.

- Mais tarde, mais tarde que todo mundo, você vai embora! - Fyodor Pavlovich cutucou novamente. Isso foi quase no exato momento do retorno do ancião.

A discussão cessou por um minuto, mas o mais velho, sentando-se em seu lugar original, olhou para todos em volta, como se os desafiasse calorosamente a continuar. Alyosha, que estudou quase todas as expressões do seu rosto, viu claramente que ele estava terrivelmente cansado e dominado por si mesmo. Recentemente, suas doenças fizeram com que ele desmaiasse devido à exaustão. Quase a mesma palidez de antes de desmaiar agora se espalhava por seu rosto, seus lábios ficaram brancos. Mas ele obviamente não queria dissolver a reunião; parecia que ele tinha algum tipo de objetivo próprio - o quê? Aliócha observou-o atentamente.

“Estamos falando do artigo mais interessante deles”, disse Hieromonk Joseph, o bibliotecário, virando-se para o mais velho e apontando para Ivan Fedorovich. — Eles apresentam muitas coisas novas, mas parece que a ideia tem dois fins. Quanto à questão do tribunal público-igreja e à amplitude da sua lei, eles responderam com um artigo de revista a um clérigo, que escreveu um livro inteiro sobre esta questão...

“Infelizmente, não li seu artigo, mas ouvi falar dele”, respondeu o mais velho, olhando atentamente e vigilantemente para Ivan Fedorovich.

“Eles se posicionam num ponto muito curioso”, continuou o pai-bibliotecário, “aparentemente rejeitam completamente a separação entre Igreja e Estado na questão do tribunal público-igreja”.

- Isso é interessante, mas em que sentido? - perguntou o mais velho Ivan Fedorovich.

Ele finalmente respondeu, mas não de uma maneira condescendentemente educada, como Aliócha temera no dia anterior, mas com modéstia e moderação, com visível cortesia e aparentemente sem o menor motivo oculto.

- Parto da posição de que esta mistura de elementos, isto é, as essências da Igreja e do Estado tomadas separadamente, será certamente eterna, apesar de ser impossível e de nunca poder ser trazida não apenas ao normal , mas mesmo em qualquer grau, um estado agradável, porque a mentira está na própria base da questão. Um compromisso entre o Estado e a Igreja em questões como, por exemplo, o julgamento, na minha opinião, é impossível na sua essência absoluta e pura. O clérigo a quem objetei afirma que a Igreja ocupa um lugar preciso e definido no Estado. Opus-lhe que, pelo contrário, a Igreja deveria conter todo o Estado dentro de si, e não ocupar apenas um determinado canto dele, e que se agora, por alguma razão, isso for impossível, então, na essência das coisas, ela deve, sem dúvida, ser definido como o objetivo direto e principal de todo o desenvolvimento futuro da sociedade cristã.

- Absolutamente justo! - Padre Paisiy, um hieromonge silencioso e erudito, disse com firmeza e nervosismo.

- Puro ultramontanismo! - gritou Miusov, cruzando as pernas impacientemente.

- Eh, nem temos montanhas! - exclamou o Padre Joseph e, voltando-se para o mais velho, continuou: - respondem, entre outras coisas, às seguintes disposições “fundamentais e essenciais” do seu adversário, um clérigo, veja bem. Primeiro: que “nenhuma união social pode ou deve arrogar-se o poder de dispor dos direitos civis e políticos dos seus membros”. Segundo: que “o poder penal e judiciário-civil não deve pertencer à igreja e não é compatível com a sua natureza tanto como instituição divina como como união de pessoas para fins religiosos” e, finalmente, em terceiro lugar: que “a igreja é um reino não é deste mundo”...

- Um jogo de palavras indigno para um clérigo! - Padre Paisiy não aguentou e interrompeu novamente. “Eu li este livro ao qual você se opôs”, ele se voltou para Ivan Fedorovich, “e fiquei surpreso com as palavras do clérigo de que “a igreja é um reino que não é deste mundo”. Se não for deste mundo, então não poderá existir na terra. No Santo Evangelho as palavras “não deste mundo” são usadas no sentido errado. É impossível brincar com tais palavras. Nosso Senhor Jesus Cristo veio precisamente para estabelecer a igreja na terra. O reino dos céus, é claro, não é deste mundo, mas está no céu, mas só se entra nele através da igreja, que é fundada e estabelecida na terra. Portanto, trocadilhos seculares nesse sentido são impossíveis e indignos. A Igreja é verdadeiramente um reino, e está destinada a reinar, e no final deve aparecer como um reino em toda a terra, sem dúvida - para o qual temos uma promessa...

De repente ele ficou em silêncio, como se estivesse se contendo. Ivan Fedorovich, depois de ouvi-lo com respeito e atenção, com extrema calma, mas ainda com boa vontade e inocência, continuou, voltando-se para o mais velho:

— A ideia do meu artigo é que nos tempos antigos, nos primeiros três séculos do Cristianismo, o Cristianismo na terra era apenas uma igreja e havia apenas uma igreja. Quando o Estado pagão romano quis tornar-se cristão, certamente aconteceu que, tendo-se tornado cristão, incluiu apenas a Igreja, mas continuou a permanecer um Estado pagão como antes, em muitas das suas funções. Na verdade, isso é sem dúvida o que deveria ter acontecido. Mas em Roma, como Estado, resta demasiado da civilização e da sabedoria pagã, como, por exemplo, os próprios objectivos e fundamentos do Estado. A Igreja de Cristo, tendo entrado no estado, sem dúvida, não poderia ceder nada dos seus fundamentos, da pedra sobre a qual se firmava, e só poderia perseguir nada além dos seus objetivos, uma vez firmemente estabelecidos e indicados pelo Senhor. ele mesmo, entre outras coisas: converter o mundo inteiro e, portanto, todo o antigo estado pagão, na igreja. Assim (isto é, para os propósitos do futuro), não é a igreja que deveria procurar um lugar definido no Estado, como “toda união social” ou como uma “união de pessoas para fins religiosos” (como o autor de quem eu me oponho à igreja coloca isso), mas pelo contrário, todo terreno o estado deveria posteriormente se transformar completamente na igreja, e se tornar nada mais do que apenas uma igreja e já tendo rejeitado todos os seus objetivos que são diferentes da igreja. No entanto, isso não o humilhará de forma alguma, não tirará nem sua honra ou glória como um grande estado, nem a glória de seus governantes, mas apenas o afastará do caminho falso, ainda pagão e errôneo, para o caminho certo e verdadeiro. estrada, a única que leva aos objetivos eternos. É por isso que o autor do livro sobre os Fundamentos da Igreja-Tribunal Público teria julgado correctamente se, ao procurar e propor estes fundamentos, os tivesse olhado como um compromisso temporário, necessário no nosso tempo pecaminoso e inacabado, mas nada mais. Mas assim que o autor destes fundamentos ousa declarar que os fundamentos que agora propõe, alguns dos quais o Padre José agora enumerou, são fundamentos inabaláveis, espontâneos e eternos. isso já vai diretamente contra a igreja e seu propósito santo, eterno e inabalável. Aqui está meu artigo completo, seu esboço completo.

“Isto é, em poucas palavras”, disse novamente o Padre Paisius, enfatizando cada palavra: “de acordo com outras teorias, que se tornaram demasiado claras no nosso século XIX, a Igreja deveria renascer num estado, como se de um nível inferior para um superior forma, para que nela desapareçam, dando lugar à ciência, ao espírito dos tempos e à civilização. Se ela não quiser e resistir, então ela receberá apenas um certo canto no estado, e mesmo assim sob supervisão - e isso está em toda parte em nosso tempo nas terras europeias modernas. De acordo com a compreensão e a esperança russas, não é necessário que a igreja degenere em estado, de um tipo inferior para um tipo superior, mas, pelo contrário, o estado deveria acabar sendo digno de se tornar a única igreja e nada mais . Acorde, acorde!

“Bem, eu admito, você me encorajou um pouco agora”, Miusov sorriu, cruzando as pernas novamente. “Até onde eu entendo, esta é, portanto, a realização de algum ideal, infinitamente distante, na segunda vinda.” Tanto faz. Um maravilhoso sonho utópico sobre o desaparecimento de guerras, diplomatas, bancos, etc. Algo até semelhante ao socialismo. Caso contrário, pensei que tudo isto era sério e que a Igreja iria agora, por exemplo, julgar casos criminais e impor varas e trabalhos forçados, e talvez a pena de morte.

- Sim, se mesmo agora houvesse apenas um tribunal público da igreja, então mesmo agora a igreja não enviaria pessoas para trabalhos forçados ou para a pena de morte. O crime e a visão dele deveriam sem dúvida ter mudado naquela época, é claro, pouco a pouco, não de repente e não agora, mas mesmo assim muito em breve...” Ivan Fedorovich disse calmamente e sem pestanejar.

-Você está falando sério? - Miusov olhou para ele atentamente.

“Se tudo se tornasse igreja, então a igreja excomungaria os criminosos e desobedientes, e não cortaria cabeças”, continuou Ivan Fedorovich. “Eu lhe pergunto, para onde iria uma pessoa excomungada?” Afinal, então ele teria que deixar não só as pessoas, como agora, mas também deixar Cristo. Afinal, com o seu crime ele teria se rebelado não só contra as pessoas, mas também contra a Igreja de Cristo. Isso ainda é verdade hoje em sentido estrito, mas ainda não foi anunciado, e a consciência do criminoso atual muitas, muitas vezes entra em transações consigo mesma: “Dizem que roubei, mas não vou à igreja, Não sou inimigo de Cristo”, é o que o atual diz para si mesmo, o criminoso está em todo lugar, mas então, quando a igreja tomar o lugar do Estado, então seria difícil para ele dizer isso. , talvez com a negação de toda a igreja em toda a terra: “Todos, dizem, estão enganados, todos fugiram, todos são uma igreja falsa, eu sou o único assassino e o ladrão é a igreja cristã justa”. Isto é muito difícil de dizer a si mesmo; requer condições enormes, circunstâncias que não ocorrem com frequência. Agora, por outro lado, tomemos a visão da própria Igreja sobre o crime: não deveria mudar da atual, quase pagã, e do corte mecânico de um membro infectado, como é feito agora para a proteção da sociedade , transformar, e isso já é completo e não falso, na ideia de renascer novamente o homem, sobre sua ressurreição e sua salvação...

- Então, o que é isso? “Não estou mais entendendo de novo”, interrompeu Miusov, “é algum tipo de sonho de novo”. Algo sem forma e impossível de entender. Como é essa excomunhão, que tipo de excomunhão? Suspeito que você esteja apenas se divertindo, Ivan Fedorovich.

“Mas agora é realmente a mesma coisa”, o velho falou de repente, e todos se viraram para ele ao mesmo tempo; - afinal, se não existisse a Igreja de Cristo agora, então não haveria dissuasão para o criminoso e nem mesmo punição para ele mais tarde, ou seja, um castigo real, não mecânico, como diziam agora, e que só irrita o coração em na maioria dos casos, mas o castigo real, o único real, o único assustador e pacificador, que consiste na consciência da própria consciência.

- Como assim, posso perguntar? - Miusov perguntou com viva curiosidade.

“É assim que as coisas são”, começou o mais velho. - Todos esses exilados para trabalhar, e primeiro com espancamentos, não corrigem ninguém e, o mais importante, não detêm quase nenhum criminoso, e o número de crimes não só não diminui, mas quanto mais longe, mais aumenta. Afinal, você deve concordar com isso. E acontece que a sociedade não é protegida de forma alguma desta forma, pois embora um membro prejudicial seja isolado mecanicamente e exilado para longe, fora da vista, outro criminoso aparece imediatamente em seu lugar, e talvez outros dois. Se há algo que protege a sociedade mesmo em nosso tempo, e até mesmo corrige o próprio criminoso e o regenera em outra pessoa, então esta, novamente, é a única lei de Cristo, que se reflete na consciência da própria consciência. Somente percebendo a sua culpa como filho da sociedade de Cristo, isto é, da igreja, é que ele reconhece a sua culpa perante a própria sociedade, isto é, perante a igreja. Assim, é apenas perante a Igreja que um criminoso moderno é capaz de admitir a sua culpa, e não tanto perante o Estado. Agora, se o tribunal pertencesse à sociedade como uma igreja, então saberia quem trazer de volta da excomunhão e trazer de volta ao seu rebanho. Agora a igreja, não tendo nenhum tribunal ativo, mas tendo apenas a possibilidade de condenação moral, ela própria se afasta da punição ativa do criminoso. Ela não o excomunga de si mesma, mas apenas não o deixa com a edificação paterna. Além disso, ele até tenta manter toda a comunhão da igreja cristã com o criminoso: admite-o nos serviços religiosos, nos dons sagrados, dá-lhe esmolas e trata-o mais como um cativo do que como um culpado. E o que teria acontecido com o criminoso, meu Deus! E se a sociedade cristã, isto é, a igreja, o rejeitasse, tal como a lei civil o rejeita e isola? O que teria acontecido se a Igreja o tivesse punido com a sua excomunhão imediatamente e sempre como resultado da punição da lei estadual? Sim, não poderia haver maior desespero, pelo menos para um criminoso russo, pois os criminosos russos ainda acreditam. Mas quem sabe: talvez algo terrível tivesse acontecido então - poderia ter havido uma perda de fé no coração desesperado do criminoso, e depois? Mas a própria igreja, como uma mãe terna e amorosa, evita a punição ativa, pois mesmo sem a sua punição o culpado foi punido de forma muito dolorosa pelo tribunal estadual, e pelo menos alguém precisa sentir pena dele. O principal é eliminado porque o tribunal da igreja é o único tribunal que contém a verdade e não pode ser combinado com nenhum outro tribunal, pelo que pode ser combinado essencial e moralmente mesmo num compromisso temporário. Você não pode mais realizar transações aqui. Dizem que um criminoso estrangeiro raramente se arrepende, porque mesmo os ensinamentos mais modernos o confirmam na ideia de que o seu crime não é um crime, mas apenas uma rebelião contra uma força injustamente opressora. A sociedade isola-o de si mesma, de forma bastante mecânica, com uma força que triunfa sobre ele, e acompanha esta excomunhão com ódio (pelo menos é assim que falam de si próprios na Europa) - ódio e completa indiferença e esquecimento relativamente ao seu futuro destino, como disse o seu irmão . Assim, tudo acontece sem o menor arrependimento da igreja, porque em muitos casos não existem igrejas ali, e apenas permanecem o clero e os magníficos edifícios da igreja, enquanto as próprias igrejas há muito lutam por uma transição de uma forma inferior , como uma igreja, para uma forma superior, como um estado, para desaparecer completamente nele. Assim parece, pelo menos em terras luteranas. Em Roma, durante mil anos, em vez da Igreja, foi proclamado um Estado. E, portanto, o próprio criminoso não é mais membro da igreja e, excomungado, permanece desesperado. Se ele regressa à sociedade, é muitas vezes com tanto ódio que a própria sociedade parece excomungar-se. Você pode julgar por si mesmo como isso terminará. Em muitos casos, parece que nós também o fazemos; mas o fato é que além dos tribunais instituídos, temos também uma igreja, que nunca perde a comunicação com o criminoso, como com seu querido e ainda querido filho, e além disso, existe e é preservada, mesmo que apenas mentalmente, e o tribunal da igreja, agora, embora inativo, ainda vive para o futuro, pelo menos em sonho, e sem dúvida pelo próprio criminoso. reconhecido pelo instinto de sua alma. Também é verdade que o que foi dito aqui há pouco é que se o tribunal da igreja realmente viesse, e com toda a sua força, isto é, se toda a sociedade se voltasse apenas para a igreja, então não apenas o tribunal da igreja influenciar a correção do criminoso como nunca antes não afeta agora, mas talvez os próprios crimes diminuíssem em uma quantidade incrível. E a Igreja, não há dúvida, compreenderia o futuro criminoso e o futuro crime, em muitos casos, de forma completamente diferente do que faz agora, e seria capaz de devolver os excomungados, avisar o conspirador e reviver os caídos. É verdade”, o mais velho sorriu, “agora a própria sociedade cristã ainda não está pronta e se baseia apenas em sete pessoas justas; mas como não se escasseiam, permanece inabalável, aguardando a sua transformação completa de uma sociedade como uma união quase pagã numa única igreja universal e governante. Seja, seja, mesmo no fim dos tempos, pois só isso está destinado a acontecer! E não há necessidade de se confundir com os tempos e as estações, pois o segredo dos tempos e das estações está na sabedoria de Deus, na sua previsão e no seu amor. E o que, segundo os cálculos humanos, pode ainda ser muito remoto, mas pela predestinação de Deus pode já estar às vésperas do seu aparecimento, às portas. Esta última coisa, acorde, acorde.

- Acordar! acordar! - Padre Paisiy confirmou com reverência e severidade.

- Estranho, extremamente estranho! - disse Miusov, e não tanto com veemência, mas como que com uma espécie de indignação oculta.

-O que parece tão estranho para você? - Padre Joseph perguntou com cautela.

- O que é isso realmente? - exclamou Miusov. como se de repente irrompesse: - o estado é eliminado na terra, e a igreja é elevada ao nível de estado! Isto não é apenas ultramontanismo, é arquiultramontanismo! O Papa Gregório Sétimo nunca imaginou isso!

- Absolutamente o contrário, por favor, entenda! - disse o padre Paisiy severamente, - não é a igreja que se volta para o estado, entenda isso. Essa é Roma e o seu sonho. Esta é a terceira tentação do diabo! Mas, pelo contrário, o estado se transforma em igreja, ascende à igreja e se torna a igreja em toda a terra - o que é completamente oposto ao ultramontanismo, e a Roma, e à sua interpretação, e é apenas o grande propósito da Ortodoxia na terra. Do Oriente esta estrela brilhará.

Miusov fez uma pausa impressionante. Toda a sua figura expressava a sua extraordinária dignidade. Um sorriso condescendente apareceu em seus lábios. Alyosha assistiu a tudo com o coração batendo rapidamente. Toda essa conversa o preocupou profundamente. Ele acidentalmente olhou para Rakitin; ele ficou imóvel em seu antigo lugar perto da porta, ouvindo atentamente e espiando, embora com os olhos baixos. Mas pelo rubor intenso em suas bochechas, Aliocha adivinhou que Rakitin, ao que parecia, não estava menos excitado do que ele; Alyosha sabia por que ele estava animado.

“Deixem-me contar uma pequena anedota, senhores”, disse Miusov de repente, de forma impressionante e com um olhar particularmente digno. “Em Paris, há vários anos, logo após o golpe de dezembro, tive uma vez a oportunidade, ao fazer uma visita a uma pessoa muito, muito importante e gestora da época, de conhecer um cavalheiro muito curioso. Esse indivíduo não era apenas um detetive, mas uma espécie de gerente de toda uma equipe de detetives políticos – à sua maneira, uma posição bastante influente. Achando a ocasião, eu, por extrema curiosidade, comecei a conversar com ele; e como não foi recebido por um conhecido, mas como um funcionário subordinado que veio com um certo tipo de relatório, então, vendo por sua parte como fui recebido por seu superior, ele me honrou com alguma franqueza - bem, é claro, para até certo ponto, então - fui mais educado do que franco, tal como os franceses sabem ser educados, sobretudo porque me viam como estrangeiro. Mas eu o entendi muito. O tema era sobre revolucionários socialistas, que, aliás, eram perseguidos. Omitindo a essência da conversa, citarei apenas uma observação muito interessante que este senhor explodiu de repente: “Nós”, disse ele, “na verdade, todos esses socialistas-anarquistas, ateus e revolucionários, não temos muito medo; nós os seguimos e seus movimentos são conhecidos por nós. Mas entre eles, embora não muitos, há várias pessoas especiais: são crentes em Deus e cristãos, e ao mesmo tempo socialistas. Estes são os que mais tememos, são pessoas terríveis! Um socialista cristão é pior que um socialista ateu.” Essas palavras me atingiram então, mas agora, senhores, elas de alguma forma voltaram à minha mente...

— Então você as aplica a nós e nos vê como socialistas? - Padre Paisiy perguntou direta e sem rodeios. Mas antes que Piotr Alexandrovich pensasse em responder, a porta se abriu e Dmitry Fedorovich, que estava tão atrasado, entrou. Na verdade, era como se tivessem parado de esperar por ele, e sua aparição repentina até causou alguma surpresa no primeiro momento.

VI. Por que essa pessoa vive?

Dmitry Fedorovich, um jovem de 28 anos, de estatura média e rosto agradável, parecia, no entanto, muito mais velho do que realmente era. Ele era musculoso e era possível perceber nele uma força física considerável, no entanto, seu rosto parecia expressar algo doloroso. Seu rosto era magro, as bochechas encovadas e a cor delas lançava uma espécie de amarelo doentio. Olhos escuros bastante grandes rolaram e olharam, embora aparentemente com firme persistência, mas de alguma forma vagamente. Mesmo quando estava preocupado e falava com irritação, seu olhar parecia desobedecer ao seu humor interior e expressar outra coisa, às vezes completamente inconsistente com o momento presente. “É difícil saber o que ele está pensando”, diziam às vezes aqueles que conversavam com ele. Outros, que viram algo pensativo e sombrio em seus olhos, ficaram repentinamente maravilhados com sua risada repentina, que atestava os pensamentos alegres e brincalhões que estavam nele justamente no momento em que ele olhava com tanta tristeza. Porém, alguma dor em seu rosto naquele momento poderia ser compreensível: todos sabiam ou ouviram falar da vida extremamente ansiosa e “folia” que ele havia recentemente se entregado conosco, assim como todos sabiam da extraordinária irritação a que ele chegava nas brigas. com seu pai por causa de disputa de dinheiro. Já havia diversas piadas sobre isso circulando pela cidade. É verdade que ele era irritável por natureza, “de uma mente espasmódica e irregular”, como o nosso magistrado Semyon Ivanovich Kachalnikov caracteristicamente disse sobre ele numa reunião. Ele entrou vestido de maneira imaculada e elegante, com sobrecasaca abotoada, luvas pretas e cartola nas mãos. Como militar recém-aposentado, ele usava bigode e raspava a barba. Seu cabelo castanho escuro estava cortado curto e penteado para a frente nas têmporas. Ele caminhou resolutamente, amplamente e de maneira inteligente. Ele parou por um momento na soleira e, olhando para todos em volta, foi direto até o velho, adivinhando o dono nele. Ele curvou-se profundamente diante dele e pediu uma bênção. O mais velho levantou-se e o abençoou; Dmitry Fedorovich beijou sua mão respeitosamente e disse com extraordinária excitação, quase com irritação:

"Sinto muito por fazer você esperar tanto tempo." Mas o servo Smerdyakov, enviado pelo padre, respondeu à minha persistente pergunta sobre a hora e respondeu-me duas vezes no tom mais decisivo de que a hora havia sido marcada. Agora de repente descubro...

“Não se preocupe”, interrompeu o mais velho, “nada, chegamos um pouco atrasados, não tem problema...”

“Estou extremamente grato a você e não poderia esperar menos de sua gentileza.” - Depois de interromper isso, Dmitry Fedorovich curvou-se novamente e, de repente, voltando-se para seu “pai”, fez a mesma reverência respeitosa e profunda a ele. Era óbvio que ele havia pensado nessa reverência com antecedência e com sinceridade, considerando seu dever expressar assim seu respeito e boas intenções. Fyodor Pavlovich, embora pego de surpresa, imediatamente se recuperou à sua maneira: em resposta à reverência de Dmitry Fyodorovich, ele pulou da cadeira e respondeu ao filho exatamente com a mesma reverência profunda. Seu rosto de repente tornou-se importante e impressionante, o que, no entanto, deu-lhe uma expressão decididamente zangada. Então, curvando-se silenciosamente para todos os presentes, Dmitry Fedorovich com seus passos largos e decididos caminhou até a janela, sentou-se na única cadeira restante, não muito longe do Padre Paisius, e, avançando na cadeira, imediatamente se preparou para ouvir para a continuação de sua conversa interrompida.

A aparição de Dmitry Fedorovich não durou mais do que dois minutos e a conversa não pôde deixar de ser retomada. Mas desta vez Piotr Aleksandrovich não considerou necessário responder à pergunta persistente e quase irritável do Padre Paisiy.

“Deixe-me recusar este tópico”, disse ele com alguma casualidade secular. — Este tópico também é complicado. Aqui Ivan Fedorovich sorri para nós: ele deve ter algo interessante também para este caso. Basta perguntar a ele.

“Nada de especial, exceto uma pequena observação”, respondeu imediatamente Ivan Fedorovich, “de que o liberalismo europeu em geral, e mesmo o nosso amadorismo liberal russo, muitas vezes e durante muito tempo tem confundido os resultados finais do socialismo com os cristãos”. Esta conclusão selvagem é, obviamente, um traço característico. No entanto, verifica-se que não são apenas os liberais e os amadores que confundem o socialismo com o cristianismo, mas juntamente com eles, em muitos casos, os gendarmes, ou seja, os estrangeiros, claro. A sua anedota parisiense é bastante típica, Piotr Alexandrovich.

“Em geral, peço novamente permissão para deixar este assunto”, repetiu Piotr Alexandrovich, “mas em vez disso, senhores, contarei outra anedota sobre o próprio Ivan Fedorovich, muito interessante e característica”. Há não mais de cinco dias, numa sociedade local, predominantemente feminina, ele declarou solenemente, numa discussão, que não há absolutamente nada em toda a terra que possa forçar as pessoas a amar a sua própria espécie, o que é a lei da natureza: por um pessoa amar a humanidade - não existe de forma alguma, e que se existe e existiu amor na terra até agora, não é da lei natural, mas apenas porque as pessoas acreditaram na sua imortalidade. Ivan Fedorovich acrescentou entre parênteses que é nisso que consiste toda a lei natural, portanto, se você destruir a fé da humanidade em sua imortalidade, não apenas o amor secará imediatamente nela, mas também toda a força viva para continuar a vida do mundo . Além disso, nada será imoral, tudo será permitido, até a antropofagia. Mas isto não é suficiente: ele terminou com a afirmação de que para cada pessoa privada, por exemplo, como nós agora, que não acredita nem em Deus nem na sua própria imortalidade, a lei moral da natureza deve mudar imediatamente em completo contraste com a anterior. , religioso, e que o egoísmo chega até à vilania não só deveria ser permitido a uma pessoa, mas até mesmo reconhecido como necessário, o resultado mais razoável e quase o mais nobre em sua posição. Deste paradoxo, senhores, vocês podem concluir sobre tudo o mais que nosso querido excêntrico e paradoxal Ivan Fedorovich se digna a proclamar e ainda pretende proclamar.

“Com licença”, gritou Dmitry Fedorovich de repente, “para não ouvir mal: “A atrocidade não deveria apenas ser permitida, mas até mesmo reconhecida como a maneira mais necessária e mais inteligente de sair da situação de todo ateu!” Então ou não?

“Exatamente”, disse o padre Paisiy.

- Vou lembrar.

Dito isso, Dmitry Fedorovich ficou em silêncio tão repentinamente quanto entrou na conversa. Todos olharam para ele com curiosidade.

“Você está realmente tão convencido sobre as consequências do esgotamento da fé das pessoas na imortalidade de suas almas?” - o mais velho perguntou de repente a Ivan Fedorovich.

- Sim, eu afirmei isso. Não há virtude se não houver imortalidade.

- Você é abençoado se acredita assim, ou já está muito infeliz!

- Por que você está infeliz? - Ivan Fedorovich sorriu.

- Porque, muito provavelmente, você mesmo não acredita na imortalidade da sua alma, nem mesmo no que escreveu sobre a igreja e a questão da igreja.

“Talvez você esteja certo!.. Mas ainda assim, eu não estava realmente brincando...” Ivan Fedorovich de repente confessou estranhamente, embora rapidamente corando.

- Não estávamos brincando, é verdade. Essa ideia ainda não foi resolvida em seu coração e o atormenta. Mas o mártir às vezes gosta de se divertir com o seu desespero, como se também por desespero. Enquanto, por desespero, você se diverte - tanto com artigos de revistas quanto com disputas seculares, não acreditando em sua própria dialética e sorrindo para si mesmo com dor no coração... Esse problema não foi resolvido em você, e isso é sua grande dor, pois requer urgentemente uma resolução...

- Isso pode ser resolvido em mim? Resolvido em uma direção positiva? - Ivan Fedorovich continuou perguntando estranhamente, ainda olhando para o mais velho com um sorriso inexplicável.

“Se você não consegue decidir ser positivo, então nunca decidirá ser negativo, você mesmo conhece essa propriedade do seu coração; e este é todo o seu tormento. Mas agradeça ao Criador por lhe dar um coração superior, capaz de sofrer tal tormento, “para raciocinar no alto e buscar no alto, pois a nossa residência é no céu”. Deus conceda que a decisão do seu coração recaia sobre você ainda na terra, e que Deus abençoe seus caminhos!

O mais velho levantou a mão e quis tirar Ivan Fedorovich de seu assento. Mas de repente ele se levantou da cadeira, caminhou até ele, aceitou sua bênção e, beijando sua mão, voltou silenciosamente ao seu lugar. Sua aparência era firme e séria. Este ato, e toda a conversa anterior com Ivan Fedorovich, inesperada de Ivan Fedorovich, de alguma forma impressionou a todos com seu mistério e até mesmo com algum tipo de solenidade, de modo que todos ficaram em silêncio por um minuto, e o rosto de Alyosha expressou quase medo. Mas Miusov de repente ergueu os ombros e, no mesmo momento, Fyodor Pavlovich saltou da cadeira.

- Divino e santo ancião! - gritou apontando para Ivan Fedorovich: - Este é meu filho, carne da minha carne, minha carne amada! Este é o meu mais respeitoso, por assim dizer, Karl More. e este filho que acaba de entrar, Dmitry Fedorovich, e contra quem estou buscando justiça de você, é o mais desrespeitoso Franz Mohr, ambos os Ladrões de Schiller, e eu, neste caso, sou Regierender Graf von Moor! Julgue e salve! Precisamos não apenas de suas orações, mas também de suas profecias.

- Fale sem bobagens e não comece insultando sua família. - respondeu o velho com voz fraca e exausta. Ele aparentemente estava ficando cansado à medida que avançava, e perdia visivelmente as forças.

- Uma comédia indigna, da qual já pressentia quando cheguei aqui! - Dmitry Fedorovich exclamou indignado e também pulou da cadeira. “Perdoe-me, reverendo padre”, ele se virou para o mais velho, “sou uma pessoa sem instrução e nem sei como chamá-lo, mas você foi enganado e foi muito gentil, permitindo-nos morar com você .” O pai só precisa de um escândalo, para quê - esse é o seu cálculo. Ele sempre tem seus próprios cálculos. Mas acho que agora sei por que...

- Todo mundo me culpa, todos eles! - gritou Fyodor Pavlovich por sua vez - assim acusa Pyotr Alexandrovich. Eles acusaram, Piotr Alexandrovich, eles acusaram! - De repente ele se virou para Miusov, embora não tenha pensado em interrompê-lo. - Acusam-me de esconder o dinheiro dos filhos por uma bota e levar de frente; mas com licença, não existe um tribunal? Lá eles vão te dizer, Dmitry Fedorovich, com base em seus próprios recibos, cartas e acordos, quanto você tinha, quanto você destruiu e quanto sobrou! Por que Piotr Alexandrovich evita fazer julgamentos? Dmitry Fedorovich não é estranho para ele. Porque tudo é por minha conta, e Dmitry Fedorovich no final ainda me deve, e não apenas um pouco, mas vários milhares, senhor, dos quais tenho todos os documentos! Afinal, a cidade está crepitando e trovejando com sua folia! E onde serviu anteriormente, pagou mil e dois mil pela sedução de moças honestas; isto, Dmitry Fedorovich, nós sabemos, senhor, nos detalhes mais secretos, e vou prová-lo... Santo Padre, você acredita: ele se apaixonou pela mais nobre das meninas, de um bom lar, de uma fortuna, filha de seu ex-patrão, um valente coronel, homenageado, que tinha Anna com espadas no pescoço, comprometeu a moça com uma proposta de casamento, agora ela está aqui, agora ela é órfã, sua noiva, e ele, diante de seus olhos, vai até uma sedutora local. Mas embora esta sedutora vivesse, por assim dizer, em casamento civil com um homem respeitável, ela tinha um caráter independente, uma fortaleza inexpugnável para todos, igual a uma esposa legal, porque era virtuosa - sim, senhor! santos padres, ela é virtuosa! E Dmitry Fedorovich quer destrancar esta fortaleza com chave de ouro, e é por isso que agora está se exibindo para mim, quer arrancar dinheiro de mim, mas enquanto isso ele já desperdiçou milhares com essa sedutora; É por isso que ele constantemente pede dinheiro emprestado e, a propósito, de quem você acha? Devo dizer não, Mitya?

- Fique em silêncio! - gritou Dmitry Fedorovich, - espere até eu sair, e não se atreva a sujar a donzela mais nobre na minha frente... Só o fato de você se atrever a mencioná-la é uma vergonha para ela... Eu não vou permita!

Ele estava sem fôlego.

- Mitya! Mitya! - Fyodor Pavlovich chorou nervosamente e espremindo as lágrimas, “para que serve a bênção dos pais? Bem, droga, o que vai acontecer então?

- Desavergonhado e pretendente! - Dmitry Fedorovich latiu furiosamente.

- Este é o pai dele, pai! E os outros? Senhores, imaginem: está aqui um homem pobre, mas respeitável, um capitão aposentado, que passou por infortúnio, demitido do serviço, mas secretamente, não pela corte, mantendo toda a sua honra, sobrecarregado com uma grande família. E há três semanas, nosso Dmitry Fedorovich, em uma taverna, agarrou-o pela barba, arrastou-o para a rua pela mesma barba e espancou-o publicamente na rua, tudo porque ele era um advogado não oficial em um dos meus casos .

- É tudo mentira! Por fora é verdade, por dentro é mentira! - Dmitry Fedorovich tremia de raiva. - Pai! Não justifico minhas ações; Sim, admito publicamente: agi como uma fera com este capitão e agora me arrependo e me abomino pela raiva brutal, mas este seu capitão, seu advogado, foi até esta mesma senhora, de quem você diz que é uma sedutora , e comecei a propor a ela em seu nome, para que ela pegasse minhas letras de câmbio que você tem e as submetesse a mim para me aprisionar com essas letras, se eu incomodar muito você no pagamento de propriedades. Agora você me censura por ter uma queda por esta senhora, quando você mesmo a ensinou a me atrair! Afinal, ela conta na sua cara, ela mesma contou para mim, rindo de você! Você quer me trancar só porque tem ciúme de mim por ela, porque você mesmo começou a se aproximar dessa mulher com seu amor, e de novo eu sei de tudo isso, e de novo ela riu, você ouve, rindo de você recontado. Então um brinde a você. povo santo, este homem, este pai repreendendo seu filho depravado! Senhores são testemunhas, perdoem minha raiva, mas tive o pressentimento de que esse velho traiçoeiro havia chamado todos vocês aqui para um escândalo. Fui para perdoar, se ele me estendesse a mão, para perdoar e pedir perdão! Mas como ele insultou neste exato momento não só a mim, mas também à mais nobre donzela, cujo nome nem me atrevo a dizer em vão por reverência a ela, resolvi revelar publicamente todo o seu jogo, mesmo que ele seja meu pai! ..

Ele não podia mais continuar. Seus olhos brilhavam, ele respirava pesadamente. Mas todos na cela estavam entusiasmados. Todos, exceto o velho, levantaram-se preocupados. Os padres hieromonge olharam severamente, mas mesmo assim esperaram pela vontade do mais velho. O mesmo estava completamente pálido, mas não de excitação, mas de dolorosa impotência. Um sorriso suplicante brilhou em seus lábios; ele ocasionalmente levantava a mão, como se quisesse deter as pessoas furiosas, e é claro que seu único gesto teria sido suficiente para parar a cena; mas ele mesmo parecia esperar outra coisa e olhava atentamente, como se quisesse entender outra coisa, como se ainda não tivesse entendido alguma coisa por si mesmo. Finalmente, Pyotr Aleksandrovich Miusov finalmente se sentiu humilhado e desonrado.

“Todos somos culpados pelo escândalo que aconteceu!” - disse ele veementemente, - mas eu ainda não tive nenhum pressentimento quando cheguei aqui, embora soubesse com quem estava lidando... Isso deve acabar agora! Reverendo, acredite que eu não sabia exatamente todos os detalhes aqui descobertos, não queria acreditar neles, e só agora estou descobrindo pela primeira vez... O pai tem ciúmes do filho pelo mau comportamento da mulher e ele mesmo conspira com a mesma criatura para colocar seu filho na prisão... E assim em tal e tal companhia me obrigou a vir aqui... Fui enganado, declaro a todos que eles têm me enganou tanto quanto os outros...

- Dmitry Fedorovich! - Fyodor Pavlovich gritou de repente com uma voz que não era a dele, - se você não fosse meu filho, então naquele exato momento eu o desafiaria para um duelo... com pistolas, a uma distância de três passos... através de um lenço! através de um lenço! - finalizou, batendo com os dois pés.

Velhos mentirosos, que passaram a vida inteira atuando, têm momentos em que ficam tão entusiasmados que chegam a tremer e chorar de excitação, apesar do fato de que mesmo naquele exato momento (ou um segundo depois) eles poderiam sussurrar para si mesmos: “Depois tudo, você está mentindo, seu velho sem-vergonha, porque você é um ator até agora, apesar de toda a sua raiva “santa” e momento “santo” de raiva.”

Dmitry Fedorovich franziu a testa terrivelmente e olhou para o pai com desprezo inexprimível:

“Eu pensei... eu pensei”, ele disse de alguma forma calma e contidamente, “que eu viria para minha terra natal com o anjo da minha alma, minha noiva, para valorizar sua velhice, mas vejo apenas um voluptuoso depravado e um comediante vil!

- Para um duelo! - o velho gritou novamente, engasgando e espirrando saliva a cada palavra. “E você, Pyotr Aleksandrovich Miusov, saiba, senhor, que talvez em toda a sua família não haja e não tenha havido mulheres mais elevadas e mais honestas - você ouve, mais honestas - mulheres como esta criatura em sua opinião, como você se atreveu a chamá-la agora!" E você, Dmitry Fedorovich, trocou sua noiva por essa mesma “criatura”, portanto você mesmo julgou que sua noiva não vale a sola, é assim que essa criatura é!

- Envergonhado! - Padre Joseph explodiu de repente.

- Vergonhoso e vergonhoso! - Kalganov, que estava em silêncio o tempo todo, gritou de repente com sua voz adolescente, tremendo de excitação e corando todo.

- Por que essa pessoa vive? - Dmitry Fedorovich rosnou estupidamente, quase em um frenesi de raiva, de alguma forma erguendo os ombros extremamente e quase curvando-se como resultado, “não, diga-me, ainda é possível permitir que ele desonre a terra consigo mesmo”, ele olhou em volta para todos, apontando para o velho com a mão. Ele falou devagar e com moderação.

“Vocês ouvem, vocês ouvem, monges, o parricídio”, Fyodor Pavlovich atacou o padre Joseph. - Aqui está a resposta para a sua “vergonha”! O que é uma vergonha? Esta “criatura”, esta “mulher de mau comportamento” pode ser mais santa do que vocês mesmos, senhores, hieromonges fugitivos! Ela pode ter caído na juventude, devorada pelo ambiente, mas ela “amou muito”, e Cristo perdoou aquele que muito amou...

“Cristo não perdoou por tal amor...” o manso Padre Joseph explodiu impacientemente.

- Não, por este, por este, monges, por este! Você está economizando aqui com repolho e pensando que é justo! Você come peixinhos, um peixinho por dia, e acha que pode comprar Deus com peixinhos!

- Impossível, impossível! - foi ouvido na cela por todos os lados.

Mas toda essa cena, que chegou à desgraça, parou da maneira mais inesperada. De repente, o velho levantou-se da cadeira. Quase completamente perdido de medo por ele e por todos, Alyosha conseguiu segurar sua mão. O mais velho deu um passo em direção a Dmitry Fedorovich e, ao alcançá-lo, ajoelhou-se diante dele. Alyosha pensou que ele havia caído da impotência, mas não foi o caso. Ajoelhando-se, o mais velho curvou-se aos pés de Dmitry Fedorovich com uma reverência completa, distinta e consciente, e até tocou o chão com a testa. Alyosha ficou tão surpreso que nem teve tempo de apoiá-lo quando ele se levantou. Um leve sorriso brilhou levemente em seus lábios.

- Desculpe! Desculpe a todos! - disse ele, curvando-se para seus convidados em todas as direções.

Dmitry Fedorovich ficou parado por alguns momentos, como se estivesse surpreso: curve-se - o que é isso? Finalmente, ele gritou de repente: “Oh, Deus!” e, cobrindo o rosto com as mãos, saiu correndo da sala. Todos os convidados o seguiram em multidão, sem sequer se despedirem ou se curvarem ao dono por vergonha. Apenas os hieromonges subiram novamente para receber a bênção.

- O que há nos pés dele, é algum tipo de emblema? - Fyodor Pavlovich, que de repente ficou subjugado por algum motivo, tentou iniciar uma conversa, embora não ousasse dirigir-se a ninguém pessoalmente. Naquele momento todos estavam saindo da cerca do mosteiro.

“Não sou responsável pelo hospício ou pelo insano”, Miusov respondeu imediatamente com raiva, “mas vou me livrar de sua companhia, Fyodor Pavlovich, e, acredite, para sempre”. Onde está esse velho monge?

Mas “este monge”, isto é, aquele que os convidou há pouco para jantar com o abade, não o deixou esperando. Ele imediatamente conheceu os convidados, assim que eles saíram da varanda da cela do ancião, como se ele estivesse esperando por eles o tempo todo.

- Faça-me um favor, venerável padre, testemunhe a todos o meu profundo respeito ao Padre Abade e perdoe-me pessoalmente, Miusova, diante de sua Reverência, que devido a circunstâncias imprevistas inesperadas, nunca poderei ter a honra de participar de sua refeição, apesar todo o meu sincero “Meu desejo”, disse Piotr Alexandrovich irritado ao monge.

- Mas o imprevisto sou eu! - Fyodor Pavlovich atendeu imediatamente. “Escute, pai, é Piotr Alexandrovich quem não quer ficar comigo, caso contrário ele teria ido embora imediatamente.” E vá, Piotr Alexandrovich, por favor, dê as boas-vindas ao Padre Abade e - bom apetite para você! Saiba que sou eu quem foge, não você. Em casa, em casa, como em casa, mas aqui me sinto incapaz, Piotr Alexandrovich, meu querido parente.

“Eu não sou seu parente e nunca fui, sua pessoa humilde!”

“Eu falei isso de propósito para te irritar, porque você está evitando ser parente, embora você ainda seja um parente, não importa o quanto você finja, vou provar isso de acordo com o calendário; Vou mandar cavalos para você, Ivan Fedorovich, no devido tempo, fique se quiser também. Você, Piotr Aleksandrovich, até a decência agora ordena que você compareça diante do Padre Abade, você deve se desculpar pela bagunça que fizemos lá...

- É verdade que você está indo embora? Você está mentindo?

- Piotr Alexandrovich, como ouso depois do que aconteceu! Me empolguei, desculpe, senhores, me empolguei! E além disso, estou chocado! Sim, é uma pena. Senhores, um tem o coração de Alexandre, o Grande, e outro tem o coração de cachorro de Fidelka. Sou como minha cadela Fidelka. Ladrão! Bem, depois de uma escapadela dessas, e até para o almoço, devorar molhos monásticos? Tenho vergonha, não posso, desculpe!

“O diabo sabe, mas como ele engana!” Miusov parou para pensar, seguindo o bobo da corte com um olhar perplexo. Ele se virou e, percebendo que Piotr Alexandrovich o observava, mandou-lhe um beijo com a mão.

- Você está indo para o abade? - Miusov perguntou abruptamente a Ivan Fedorovich.

- Por que não? Além disso, fui especialmente convidado pelo abade de ontem.

“Infelizmente, sinto-me quase compelido a vir a este maldito jantar”, continuou Miusov com a mesma irritabilidade amarga, nem sequer prestando atenção ao facto de a freira estar a ouvir. “Pelo menos precisamos nos desculpar pelo que fizemos aqui e explicar que não fomos nós... O que você acha?”

- Sim, precisamos esclarecer que não somos nós. Além disso, o padre não estará lá”, observou Ivan Fedorovich.

- Sim, até com seu pai! Maldito almoço!

E ainda assim todos caminharam. A freira ficou em silêncio e ouviu. No caminho pelo bosque, só notou uma vez que o padre superior estava esperando há muito tempo e que estavam mais de meia hora atrasados. Eles não lhe responderam. Miusov olhou para Ivan Fedorovich com ódio:

“Mas ele vai almoçar como se nada tivesse acontecido!” - ele pensou. - “A testa de cobre e a consciência de Karamazov.”

VII. Seminarista-carreirista

Alyosha trouxe seu velho para o quarto e sentou-o na cama. Era uma sala muito pequena, com a mobília necessária; a cama era estreita, de ferro, e em vez de colchão só havia feltro. No canto, perto dos ícones, havia um púlpito, e sobre ele havia uma cruz e um Evangelho. O velho caiu na cama, indefeso; seus olhos brilhavam e ele respirava pesadamente. Depois de se sentar, ele olhou atentamente e como se estivesse pensando em algo para Alyosha.

- Vá, querido, vá, Porfiry e eu já bastamos, mas se apresse. Você é necessário lá, vá jantar ao Padre Superior e sirva.

“Abençoe-me para ficar aqui”, disse Alyosha com uma voz suplicante.

- Você é necessário lá. Não há paz lá. Você servirá e será útil. Demônios surgirão, leia sua oração. E saiba, filho (o mais velho gostava de chamá-lo assim), que no futuro não há lugar para você aqui. Lembre-se disso, jovem. Assim que Deus se dignar a descansar comigo, saia do mosteiro. Apenas vá.

Aliócha estremeceu.

-O que você está fazendo? Este ainda não é o seu lugar. Eu te abençoo pela grande obediência no mundo. Você ainda tem muito que viajar. E você terá que se casar, você deve. Você terá que aguentar tudo até chegar novamente. E haverá muito o que fazer. Mas não duvido de você, é por isso que estou enviando você. Cristo está com você. Salve-o e ele o salvará. Você verá uma grande dor e nessa dor você será feliz. Aqui está uma prova para você: procure a felicidade na dor. Trabalhe, trabalhe incansavelmente. Lembre-se da minha palavra de agora em diante, pois embora eu ainda fale com você, não só os meus dias, mas também as minhas horas estão contados.

O rosto de Alyosha mostrou novamente um movimento forte. Os cantos de seus lábios tremiam.

-O que você está fazendo de novo? — o velho sorriu baixinho. “Deixe os mundanos verem seus mortos com lágrimas, mas aqui nos regozijamos com a partida de nosso pai.” Nós nos regozijamos e oramos por ele. Deixe-me em paz. Você precisa orar. Vá e se apresse. Esteja perto de seus irmãos. Sim, não sobre um, mas sobre ambos.

O ancião levantou a mão para abençoar. Era impossível objetar, embora Aliocha realmente quisesse ficar. Ele ainda queria perguntar, e até a pergunta saiu de sua boca: o que significava essa prostração ao irmão Dmitry? mas ele não se atreveu a perguntar. Ele sabia que o próprio mais velho lhe teria explicado, sem perguntar, se isso fosse possível. Mas isso significa que não era a vontade dele. E este arco atingiu Alyosha terrivelmente; ele acreditava cegamente que havia um significado misterioso nisso. Misterioso e talvez até terrível. Quando ele saiu da cerca do mosteiro para chegar ao mosteiro a tempo para o jantar do abade (claro, apenas para servir à mesa), seu coração de repente afundou dolorosamente e ele parou no lugar: era como se as palavras do ancião que previu sua morte iminente. O que o mais velho previu, e com tanta precisão, sem dúvida aconteceria; Mas como pode ele ficar sem ele, como pode não vê-lo, não ouvi-lo? E para onde ele irá? Ele me diz para não chorar e sair do mosteiro, Senhor! Há muito tempo que Aliócha não sentia tanta melancolia. Ele caminhou rapidamente pela floresta que separava o mosteiro do mosteiro e, sem conseguir nem suportar os pensamentos, eles o oprimiam tanto, que começou a olhar para os pinheiros centenários de ambos os lados do caminho da floresta. A transição não foi longa, não passou de quinhentos passos; àquela hora seria impossível encontrar alguém, mas de repente, na primeira curva do caminho, ele notou Rakitin. Ele estava esperando por alguém.

"Você não está esperando por mim?" - Alyosha perguntou ao alcançá-lo.

“Exatamente você”, Rakitin sorriu. - Você corre para o Padre Superior. Eu sei; ele tem uma mesa. Desde o momento em que recebi o bispo com o general Pakhatov, lembre-se, nunca existiu tal mesa. Não estarei aí, mas você vai servir os molhos. Diga-me, Alexey, uma coisa: o que esse sonho significa? Isso é o que eu queria perguntar.

- Que sonho?

- E aqui está uma reverência ao seu irmão Dmitry Fedorovich. E ele bateu na testa!

-Você está falando do Padre Zosima?

— Sim, para o padre Zosima.

- Testa?

- Ah, ele se expressou de forma desrespeitosa! Bem, que seja desrespeitoso. Então, o que esse sonho significa?

- Não sei, Misha, o que isso significa.

“Eu sabia que ele não explicaria isso para você.” É claro que não há nada de sábio aqui, apenas um disparate aparentemente sempre presente. Mas o truque foi feito de propósito. Agora todos os santos da cidade começarão a falar e a espalhar por toda a província: “O que dizem que este sonho significa?” Na minha opinião, o velho é muito perspicaz: farejava a criminalidade. Sua casa fede.

- Que crime?

Aparentemente, Rakitin queria dizer alguma coisa.

- Vai ficar na sua família, essa criminalidade. Isso acontecerá entre seus irmãos e seu pai rico. Então o padre Zosima bateu na testa, só para garantir. Então o que vai acontecer: “Ah, afinal, foi isso que o santo ancião previu, profetizou” - embora que tipo de profecia haja nisso ele bateu na testa? Não, isto, dizem, era um emblema, uma alegoria, e sabe-se lá o quê! Eles vão glorificar e lembrar: dizem que previram o crime e notaram o criminoso. Entre os santos tolos é tudo assim: alguém é batizado numa taberna, mas atira pedras numa igreja. O mesmo acontece com o seu ancião: acabe com o justo com uma vara e curve-se aos pés do assassino.

- Que crime? Que assassino! O que você? - Alyosha ficou enraizado no local e Rakitin parou também.

- Qual deles? Como se você não soubesse? Aposto que você já pensou sobre isso sozinho. Aliás, isso é interessante: escute, Alyosha, você sempre fala a verdade, embora sempre se sente entre duas cadeiras: você já pensou ou não, responda?

“Eu pensei”, Alyosha respondeu calmamente. Até Rakitin ficou envergonhado.

- O que você? Você realmente achou isso? - ele gritou.

“Eu... eu realmente não pensei”, murmurou Alyosha, “mas quando você começou a falar sobre isso de forma tão estranha agora, pareceu-me que eu mesmo estava pensando nisso.”

- Você vê (e como você expressou isso claramente), entende? Hoje, olhando para o pai e o irmão Mitenka, você pensou em crime? Então, não estou enganado?

“Espere, espere”, interrompeu Aliocha ansiosamente, “como você vê tudo isso?... Por que isso o ocupa tanto, essa é a primeira coisa.”

— Duas questões são distintas, mas naturais. Responderei cada uma separadamente. Por que eu vejo isso? Eu não veria nada aqui se Dmitry Fedorovich, seu irmão, de repente hoje não entendesse tudo como é, de uma vez e de repente, tudo como ele é. Por alguma razão, isso o capturou de uma só vez. Essas pessoas honestas, mas vigorosas, têm uma linha que não deve ser ultrapassada. Caso contrário, ele esfaqueará o papai com uma faca. E papai é um bêbado e dissipador destemperado, nunca entendeu os limites de nada - os dois não resistiram e os dois cairiam na vala...

- Não, Misha, não, pelo menos isso, então você me encorajou. Não chegaremos a isso.

- Por que você está tremendo? Você sabe a coisa? Ele pode ser um homem honesto, Mitenka (ele é estúpido, mas é honesto); mas ele é um homem voluptuoso. Aqui está a sua definição e toda a essência interior. Foi seu pai quem lhe transmitiu sua vil volúpia. Afinal, só estou surpreso com você, Alyosha: como você é virgem? Afinal, você é Karamazov! Afinal, em sua família a voluptuosidade chegou ao ponto da inflamação. Bem, essas três pessoas voluptuosas agora estão se observando... com facas atrás da bota. Três pessoas bateram cabeça e você provavelmente é o quarto.

"Você está errado sobre esta mulher." Dmitry... a despreza”, disse Alyosha de alguma forma, estremecendo.

- Grushenka? Não, irmão, ele não o despreza. Uma vez que ele trocou sua noiva por ela na realidade, ele não a despreza. Aqui... aqui, irmão, está algo que você não entende agora. Aí a pessoa se apaixona por alguma beleza, pelo corpo de uma mulher, ou mesmo por apenas uma parte do corpo de uma mulher (uma pessoa voluptuosa pode entender isso), aí ele vai dar seus próprios filhos por ela, vender seu pai e sua mãe, A Rússia e a pátria; sendo honesto, ele irá roubar; sendo manso, ele abaterá; sendo fiel, ele trapaceará. O cantor de pernas femininas, Pushkin, cantou em versos sobre pernas femininas; outros não cantam, mas não conseguem olhar para os pés sem cãibras. Mas não são só pernas... Aqui, irmão, o desprezo não ajuda, mesmo que ele desprezasse Grushenka. E ele despreza isso, mas não consegue se desvencilhar.

“Eu entendo isso”, Alyosha deixou escapar de repente.

- Realmente? E, de fato, significa que você entende isso, se você deixou escapar tanto desde a primeira palavra que entendeu”, disse Rakitin com orgulho. "Você deixou escapar acidentalmente, saiu." Tanto mais preciosa é a confissão: significa que o assunto já te é familiar, já pensei nisso, na voluptuosidade! Ah, você virgem! Você, Alyoshka, está quieto, você é um santo, eu concordo, mas você está quieto e o diabo sabe o que você não pensou, o diabo sabe o que você já sabe! Virgem, e já passei por tantas profundezas, já faz muito tempo que te observo. Você mesmo é Karamazov, você é completamente Karamazov - portanto, a raça e a seleção significam alguma coisa. Segundo seu pai, ele é um homem voluptuoso e, segundo sua mãe, um santo tolo. Por que você está tremendo? Estou dizendo a verdade? Quer saber: Grushenka me pediu “traga ele (isto é, você), vou roubar a lentilha d’água dele”. Mas assim como eu pedi: traz, traz! Só pensei: por que ela está tão curiosa sobre você? Você sabe, ela é extraordinária e também é uma mulher!

"Curve-se, diga que não irei", Alyosha sorriu ironicamente. Fale, Mikhail, sobre o que você planejou, e então eu lhe contarei meu pensamento.

- O que há para terminar, está tudo claro. Tudo isso, irmão, é música antiga. Se você também é uma pessoa voluptuosa, o que dizer do seu meio-irmão Ivan? Afinal, ele também é Karamazov. Esta é toda a sua pergunta Karamazov: voluptuosos, gananciosos e santos tolos! Seu irmão Ivan agora publica artigos teológicos como uma piada sobre algum cálculo estúpido e desconhecido, sendo ele próprio ateu, e ele mesmo admite essa maldade - esse irmão, Ivan. Além disso, ele está tentando conseguir uma noiva de seu irmão Mitya e parece que alcançará esse objetivo. E como: com o consentimento do próprio Mitenka, porque o próprio Mitenka está entregando sua noiva a ele, só para se livrar dela e ir rapidamente para Grushenka. E tudo isso, com toda a sua nobreza e altruísmo, observe isso. Estas são as pessoas mais fatais! O diabo vai resolver você depois disso: ele mesmo reconhece sua própria maldade e cai na maldade! Ouça mais: o velho pai de Mitenka agora cruza seu caminho. Afinal, ele de repente ficou louco por Grushenka, porque sua saliva escorre quando ele apenas olha para ela. Afinal, foi só por causa dela sozinha na cela que ele fez tanto escândalo, só porque Miusov se atreveu a chamá-la de criatura dissoluta. Apaixonou-se pior que um gato. Antes, ela só o servia aqui para alguns negócios obscuros e negócios de taverna por um salário, mas agora ele de repente adivinhou e viu, enlouqueceu, apresentou ofertas, não honestas, é claro. Pois bem, eles vão colidir, pai e filho, neste caminho. E Grushenka ainda não fala nem de um nem de outro, mas provoca os dois, procurando qual deles dá mais lucro, porque embora você possa arrancar muito dinheiro do seu pai, ele não vai se casar, e talvez no final ele esperará que a bolsa seja banida. Nesse caso, Mitenka tem seu próprio preço; Ele não tem dinheiro, mas é capaz de se casar. Sim, senhor, capaz de se casar! Abandonar sua noiva, de beleza incomparável, Katerina Ivanovna, uma rica nobre e filha do coronel, e casar-se com Grushenka, a ex-mulher mantida por um velho comerciante, um homem depravado e prefeito de Samsonov. Tudo isso poderia realmente levar a uma colisão criminosa. E é isso que seu irmão Ivan está esperando, aqui está ele em framboesa: ele vai adquirir Katerina Ivanovna, por quem anseia, e também vai levar seu dote de sessenta mil. Para um homem pequeno e nu como ele, isso é bastante atraente para começar. E observe para si mesmo: ele não apenas não ofenderá Mitya, mas até o emprestará para o túmulo. Afinal, provavelmente sei que o próprio Mitenka gritou bem alto, na semana passada, bêbado na taberna, com os ciganos, que não era digno da sua noiva Katenka, mas o irmão Ivan é tão digno. E a própria Katerina Ivanovna, é claro, no final não rejeitará um encantador como Ivan Fedorovich; afinal, ela já está oscilando entre os dois. E como esse Ivan seduziu todos vocês para que todos o reverenciassem? E ele ri de você: estou sentado na framboesa e, às suas custas, estou lhe dando uma guloseima.

- Por que você sabe de tudo isso? Por que você fala tão afirmativamente? - Alyosha perguntou de repente e franzindo a testa.

- Por que você está perguntando agora e tem medo da minha resposta antecipadamente? Isso significa que você mesmo concorda que eu disse a verdade.

- Você não ama Ivan. Ivan não ficará lisonjeado com dinheiro.

- Realmente? E a beleza de Katerina Ivanovna? Não é só dinheiro, embora sessenta mil seja uma coisa sedutora.

- Ivan está olhando mais alto. Ivan nem ficaria lisonjeado por milhares. Ivan não está em busca de dinheiro ou paz de espírito. Ele pode estar procurando por tormento.

- Que tipo de sonho é esse? Oh você... nobres!

- Eh, Misha, a alma dele está tempestuosa. Sua mente está em cativeiro. Ele contém um pensamento grande e não resolvido. Ele é daqueles que não precisa de milhões, mas precisa resolver o pensamento.

- Roubo literário, Alyoshka. Você parafraseou seu mais velho. Ei, Ivan te perguntou uma charada! - Rakitin gritou com raiva óbvia. Ele até mudou de rosto e seus lábios ficaram distorcidos. - E o enigma é estúpido, não há nada para adivinhar. Use seu cérebro e você entenderá. Seu artigo é engraçado e absurdo. Acabei de ouvir sua teoria estúpida: “Se não existe imortalidade da alma, não existe virtude, o que significa que tudo é permitido”. (Aliás, irmão Mitenka lembra como ele gritou: “Vou lembrar!”). Uma teoria tentadora para canalhas... Juro, isso é estúpido... não para canalhas, mas para fanfarras escolares com “profundidade de pensamento insolúvel”. Ele é um fanfarrão, mas a questão toda é: “Por um lado, você não pode deixar de confessar e, por outro, você não pode deixar de confessar!” Toda a sua teoria é maldade! A humanidade encontrará dentro de si a força para viver pela virtude, mesmo sem acreditar na imortalidade da alma! No amor à liberdade, à igualdade, à fraternidade ele encontrará...

Rakitin ficou animado e quase não se conteve. Mas de repente, como se estivesse se lembrando de algo, ele parou.

“Bem, isso é o suficiente,” ele sorriu ainda mais ironicamente do que antes. - Por que você está rindo? Você acha que sou vulgar?

- Não. Nem pensei em pensar que você era vulgar. Você é inteligente, mas... deixe isso, eu sorri tolamente. Eu entendo que você pode ficar animado, Misha. Pela sua paixão, imaginei que você mesmo não é indiferente a Katerina Ivanovna, eu, irmão, há muito suspeitava disso e, portanto, você não ama o irmão Ivan. Você está com ciúmes dele?

— E também tenho ciúmes do dinheiro dela? Adicionar mais ou o quê?

- Não, não vou acrescentar nada sobre dinheiro, não vou te ofender.

"Eu acredito porque você disse isso, mas dane-se você e seu irmão Ivan de novo!" Ninguém entenderá que mesmo sem Katerina Ivanovna alguém poderia muito bem não gostar dele. E por que vou amá-lo, droga! Afinal, ele mesmo se digna a me repreender. Por que não tenho o direito de repreendê-lo?

“Nunca o ouvi dizer nada sobre você, bom ou ruim; ele não fala nada sobre você.

“E ouvi dizer que anteontem, na casa de Katerina Ivanovna, ele me tratou da pior maneira possível. E quem, irmão, fica com ciúmes de quem depois disso - não sei! Dignei-me a expressar a ideia de que se não concordar com uma carreira de arquimandrita num futuro muito próximo, e não decidir cortar o cabelo, certamente partirei para São Petersburgo e ingressarei em uma revista grossa, certamente o departamento de crítica, escreverei durante dez anos e no final transferirei a revista para mim. Depois irei publicá-lo novamente, e certamente numa direção liberal e ateísta, com um tom socialista, mesmo com um pequeno vislumbre de socialismo, mas mantendo os ouvidos abertos, isto é, em essência, mantendo os nossos e os seus e desviando os olhos dos tolos. O fim da minha carreira, de acordo com a interpretação do seu irmão, é que um toque de socialismo não me impedirá de colocar o dinheiro da assinatura numa conta corrente e colocá-lo em circulação ocasionalmente, sob a liderança de algum judeu, até que eu construa um banco permanente casa em São Petersburgo, a fim de transferir a redação para ela e deixar os moradores entrarem nos demais andares. Ele até designou um lugar para a casa: na ponte New Kamenny, sobre o Neva, que está sendo projetada, dizem, em São Petersburgo, de Liteinaya a Vyborgskaya...

- Ah, Misha, talvez assim seja, tudo se tornará realidade, até a última palavra! - Alyosha gritou de repente, incapaz de se conter e sorrindo alegremente.

- E você se entrega ao sarcasmo, Alexey Fedorovich.

- Não, não, estou brincando, desculpe. Tenho algo completamente diferente em mente. Permita-me, porém: quem poderia lhe contar tais detalhes e de quem você poderia ouvir falar deles? Você não poderia estar pessoalmente com Katerina Ivanovna quando ele estava falando sobre você?

“Eu não estava lá, mas Dmitry Fedorovich estava, e ouvi com meus próprios ouvidos de Dmitry Fedorovich, ou seja, se você quiser, ele não me contou, mas eu ouvi, é claro, involuntariamente, porque eu estava sentado no quarto de Grushenka.” e não pôde sair o tempo todo que Dmitry Fedorovich esteve no quarto ao lado.

- Ah sim, esqueci, ela é sua parente...

- Um parente? Esta Grushenka é minha parente? - Rakitin gritou de repente, corando todo. - Você está louco ou o quê? O cérebro não está bem.

- E o quê? Não é um parente? Foi o que ouvi...

-Onde você pôde ouvir isso? Não, senhores Karamazov, finjam ser algum tipo de grande e antigo nobre, enquanto aquele pai corria como um bobo da corte nas mesas dos outros e ficava à mercê na cozinha. Digamos que eu seja apenas filho de um padre e uma praga diante de vocês, nobres, mas não me insultem tão alegre e dissolutamente. Também tenho a honra, Alexey Fedorovich. Não posso ser parente de Grushenka, uma garota pública, por favor, entenda, senhor!

Rakitin ficou muito irritado.

“Com licença, pelo amor de Deus, eu não poderia ter adivinhado e, além disso, quão pública ela é?” Ela é... assim? - Alyosha corou de repente. - Repito para você, ouvi dizer que é um parente. Você vai vê-la muitas vezes e você mesmo me disse que não tem ligações amorosas com ela... Nunca pensei que você a desprezasse tanto! Ela é realmente digna disso?

- Se eu visitá-la, posso ter meus próprios motivos, bom, isso é o suficiente para você. Quanto ao relacionamento, seu irmão, ou mesmo o próprio padre, em breve irá impô-lo a você, e não a mim, como parente. Bem, aqui estamos. Melhor ir para a cozinha. Sim! o que é isso, o que é isso? Você está atrasado? Eles não poderiam ter jantado tão cedo, não é? Os Karamazovs fizeram papel de bobo aqui de novo? Provavelmente sim. Aqui está seu pai e Ivan Fedorovich atrás dele. Foram eles que escaparam do abade. Lá, padre Isidoro grita alguma coisa para eles da varanda. Sim, e seu pai grita e agita os braços, repreende de verdade. Bah, lá está Miusov em uma carruagem, você vê que ele está vindo. Então o proprietário de terras Maksimov foge - mas há um escândalo aqui; Isso significa que não houve almoço! Eles realmente mataram o abade? Talvez eles tenham sido pregados? Valeria a pena!..

Rakitin exclamou não em vão. O escândalo realmente aconteceu, inédito e inesperado. Tudo aconteceu “por inspiração”.

VIII. Escândalo

Quando Miusov e Ivan Fedorovich já estavam entrando no abade, um processo delicado desse tipo rapidamente ocorreu em Piotr Alexandrovich, pois em uma pessoa sinceramente decente e delicada, ele ficou com vergonha de ficar com raiva. Ele sentiu consigo mesmo que, em essência, deveria ter desrespeitado tanto o péssimo Fyodor Pavlovich que não deveria ter perdido a compostura na cela do velho e ficar tão perdido quanto acabou ficando. “Pelo menos os monges não têm culpa de nada aqui”, ele decidiu de repente na varanda do abade, “e se há pessoas decentes aqui (este padre Nikolai abade também parece ser da nobreza), então por que não estar com eles doce, gentil e educado?..” “Não vou discutir, vou até concordar, vou te atrair com educação e... e... finalmente, vou provar a eles que sou não a companhia desse Esopo, desse bobo da corte, desse pierrot, e eu me meti em problemas assim como todos eles..."

Ele decidiu ceder a polêmica derrubada da floresta e essa pesca (onde estava tudo isso - ele mesmo não sabia) para eles finalmente, de uma vez por todas, hoje, até porque tudo isso valia muito pouco, e parar todos os seus reivindicações contra o mosteiro.

Todas essas boas intenções se fortaleceram ainda mais quando entraram na sala de jantar do Padre Superior. No entanto, ele não tinha sala de jantar, porque na verdade só tinha dois quartos em toda a sala, embora fossem muito mais espaçosos e confortáveis ​​que os do velho. Mas a decoração dos quartos também não era particularmente confortável: os móveis eram de couro, mogno, antiquados dos anos vinte; até o chão não estava pintado; mas tudo brilhava de limpeza, havia muitas flores caras nas janelas; mas o principal luxo naquele momento era naturalmente a mesa suntuosamente posta, embora falando aqui relativamente falando: a toalha estava limpa, os pratos brilhavam; três tipos de pão perfeitamente assado, duas garrafas de vinho, duas garrafas de excelente mel monástico e uma grande jarra de vidro com kvass monástico, famoso na cervejaria. Não havia vodca alguma. Rakitin relatou mais tarde que desta vez o jantar foi preparado com cinco pratos: sopa de peixe com esterlina e tortas de peixe; depois peixe cozido, de alguma forma perfeito e especialmente cozido; depois costeletas de peixe vermelho, sorvete e compota e, por fim, uma geleia tipo manjar branco. Rakitin percebeu tudo isso, não resistiu e olhou deliberadamente para a cozinha do abade, com a qual também tinha ligações. Ele tinha conexões em todos os lugares e tinha linguagem em todos os lugares. Ele tinha um coração muito inquieto e invejoso. Ele estava completamente consciente de suas consideráveis ​​habilidades, mas as exagerava nervosamente em sua presunção. Ele provavelmente sabia que seria um ativista à sua maneira, mas Alyosha, que era muito apegado a ele, estava atormentado pelo fato de seu amigo Rakitin ser desonesto e absolutamente não perceber isso, pelo contrário, sabendo por si mesmo que não roubaria dinheiro da mesa, finalmente se considerou um homem da mais alta honestidade. Não apenas Alyosha, mas ninguém mais poderia fazer nada aqui.

Rakitin, sendo uma pessoa pequena, não pôde ser convidado para jantar, mas o Padre Joseph e o Padre Paisiy foram convidados, e com eles outro hieromonge. Já esperavam o abade na sala de jantar quando Piotr Alexandrovich, Kalganov e Ivan Fedorovich entraram. O proprietário de terras Maksimov também esperava à margem. O Padre Superior avançou até o meio da sala para cumprimentar os convidados. Ele era um velho alto, magro, mas ainda forte, de cabelos pretos, muito grisalhos, com um rosto longo, magro e importante. Ele curvou-se diante dos convidados em silêncio, mas desta vez eles foram abençoados. Miusov até arriscou beijar a mão, mas o abade de alguma forma a puxou a tempo e o beijo não aconteceu. Mas desta vez Ivan Fedorovich e Kalganov foram completamente abençoados, ou seja, com o beijo das pessoas mais simplórias e comuns.

“Devemos pedir desculpas veementemente, Reverência”, começou Piotr Alexandrovich, sorrindo educadamente, mas ainda em um tom importante e respeitoso, “para pedir desculpas por estarmos sozinhos sem nosso companheiro convidado, Fyodor Pavlovich; ele foi forçado a evitar sua refeição, e não sem razão. Na cela do Reverendo Padre Zósima, levado pela infeliz rixa familiar com o filho, pronunciou várias palavras completamente inoportunas... numa palavra, completamente indecentes... o que, ao que parece (olhou para os hieromonges ), Vossa Reverência já sabe. E por isso, reconhecendo-se culpado e sinceramente arrependido, sentiu vergonha e, não conseguindo superá-la, pediu a nós, a mim e a seu filho, Ivan Fedorovich, que declarássemos a vocês todo o nosso sincero pesar, contrição e arrependimento... Em uma palavra, ele espera e quer compensar tudo depois, e agora, pedindo sua bênção, pede que você esqueça o que aconteceu...

Miusov ficou em silêncio. Tendo proferido as últimas palavras de seu discurso, ele permaneceu completamente satisfeito consigo mesmo, a tal ponto que nenhum vestígio de irritação recente permaneceu em sua alma. Ele amou plena e sinceramente a humanidade novamente. O abade, tendo-o ouvido com atenção, baixou ligeiramente a cabeça e respondeu:

- Lamento profundamente a ausência. Talvez durante a nossa refeição ele nos amasse, assim como nós o amamos. Sejam bem-vindos, senhores, para dar uma mordida.

Ele ficou diante da imagem e começou a orar em voz alta. Todos baixaram a cabeça respeitosamente, e o proprietário de terras Maksimov até se inclinou especialmente para a frente, cruzando as mãos à sua frente em especial reverência.

E foi aqui que Fyodor Pavlovich deu o último joelho. Note-se que ele queria muito ir embora e sentia realmente a impossibilidade, depois do seu comportamento vergonhoso na cela do ancião, de ir almoçar com o abade como se nada tivesse acontecido. Não é que ele tivesse tanta vergonha de si mesmo e se culpasse; talvez até muito pelo contrário; mas ainda assim ele achava que era indecente jantar. Mas assim que seu carrinho barulhento foi levado para a varanda do hotel, ele, já entrando nele, parou de repente. Ele se lembrou das próprias palavras do mais velho: “Ainda me parece, quando entro em algum lugar, que sou mais cruel do que todos os outros e que todos me consideram um bobo da corte - então deixe-me realmente bancar o bobo da corte, porque cada um de você é mais estúpido e cruel do que eu. Ele queria se vingar de todos por seus próprios truques sujos. De repente, ele se lembrou de como uma vez, mesmo antes, eles lhe perguntaram uma vez: “Por que você odeia tanto fulano de tal?” E ele respondeu então, num acesso de descaramento bufão: “Mas aqui está o porquê: é verdade que ele não fez nada comigo, mas por outro lado, eu fiz um truque sujo e descarado com ele, e assim que Eu consegui, imediatamente o odiei por isso.” Lembrando-se disso agora, ele sorriu silenciosa e cruelmente em um momento de reflexão. Seus olhos brilharam e até seus lábios começaram a tremer. “Se eu comecei, deixe-me terminar”, ele decidiu de repente. Seu sentimento mais íntimo naquele momento poderia ser expresso nestas palavras: “Afinal, agora você não pode se reabilitar, então deixe-me cuspir neles até que fiquem sem vergonha: não tenho vergonha, dizem, de você, e isso é todos!" Ele ordenou ao cocheiro que esperasse e ele voltou rapidamente ao mosteiro e foi direto ao abade. Ele ainda não sabia bem o que iria fazer, mas sabia que não conseguiria mais se controlar e - com apenas um empurrão - agora chegaria instantaneamente ao limite final de alguma abominação - mas apenas abominação, e de forma alguma alguma crime ou truque semelhante, pelo qual o tribunal pode punir. Neste último caso, ele sempre soube se conter e até se questionou sobre isso em outros casos. Ele apareceu na sala de jantar do abade exatamente no momento em que a oração terminou e todos se dirigiram à mesa. Parando na soleira, ele olhou para a companhia e deu uma risada longa, atrevida e maligna, olhando corajosamente nos olhos de todos.

- E pensaram que eu tinha saído, mas aqui estou! - ele gritou para todo o salão.

Por um momento todos olharam para ele à queima-roupa e ficaram em silêncio, e de repente todos sentiram que algo nojento, absurdo, com um escândalo indubitável iria acontecer. Piotr Alexandrovich passou imediatamente do estado de espírito mais complacente para o mais feroz. Tudo o que havia desaparecido e se acalmado em seu coração ressuscitou e ressuscitou ao mesmo tempo.

- Não, eu não aguento isso! - ele gritou, “Eu não consigo de jeito nenhum e... eu simplesmente não consigo!”

O sangue correu para sua cabeça. Ele até ficou confuso, mas não deu tempo para uma sílaba e pegou o chapéu.

-O que ele não pode fazer? - gritou Fyodor Pavlovich, - “não tem como e não tem como ele conseguir?” Reverência, devo entrar? Você está aceitando um companheiro?

“Pedimos misericórdia do fundo do coração”, respondeu o abade. - Senhores! “Permita-me”, acrescentou de repente, “pedir-lhe de todo o coração, deixando para trás suas brigas ocasionais, que se reúnam em amor e harmonia familiar, com oração ao Senhor, em nossa humilde refeição...

“Não, não, é impossível”, gritou Piotr Alexandrovich, como se estivesse fora de controle.

“E se é impossível para Piotr Alexandrovich, é impossível para mim, e não vou ficar.” Foi com isso que eu fui. Agora estarei com Piotr Alexandrovich em todos os lugares: você vai, Piotr Alexandrovich, e eu irei, você fica e eu ficarei. Você realmente o picou com consentimento de parentesco, Padre Abade: ele não se reconhece como meu parente? Está certo, Von Sohn? Aqui está von-Sohn de pé. Olá, Von Sohn.

- Você... isso é para mim, senhor? - murmurou o espantado proprietário de terras Maksimov.

“Claro que você”, gritou Fyodor Pavlovich. - E então para quem? Não cabe ao Padre Superior ser von-Zon!

- Mas eu não sou von-Sohn, sou Maximov.

- Não, você é von-Zon. Vossa Reverência, você sabe o que é von-Sohn? O julgamento foi muito criminoso: ele foi morto em um bordel - é assim que esses lugares são chamados, eu acho -, morto e roubado, e apesar de sua idade venerável, eles o colocaram em uma caixa, selaram-no e o enviaram de St. De Petersburgo a Moscou em um vagão de bagagem, para conseguir um número. E quando estavam abatendo, os dançarinos pródigos cantavam canções e tocavam harpa, ou seja, danças de piano. Então este é o mesmo von-Zon. Ele ressuscitou dos mortos, não foi, von-Sohn?

- O que é isso? Como isso é possível? — vozes foram ouvidas no grupo de hieromonges.

- Vamos! - gritou Piotr Alexandrovich, virando-se para Kalganov.

- Não, senhor, com licença! - Fyodor Pavlovich interrompeu estridentemente, dando mais um passo para dentro da sala, - deixe-me terminar. Lá na cela caluniaram-me por alegadamente me comportar de forma desrespeitosa, nomeadamente por gritar sobre os peixinhos. Pyotr Aleksandrovich Miusov, meu parente, gosta de ter plus de noblesse que de sincerite em seu discurso, mas eu, por sua vez, gosto de ter plus de sincerite que de noblesse em meu discurso, e - eu não dou a mínima para noblesse ! Está certo, Von Sohn? Com licença, padre superior, embora eu seja um bobo da corte e me faça passar por um bobo da corte, sou um cavaleiro de honra e quero expressar isso. Sim, senhor, sou um cavaleiro de honra, mas em Piotr Alexandrovich há orgulho reprimido e nada mais. Talvez eu tenha vindo aqui agora para dar uma olhada e expressar minha opinião. Meu filho Alexei está sendo salvo aqui; Eu sou pai, me preocupo com o destino dele e devo me preocupar. Eu escutei e me apresentei, e assisti às escondidas, e agora quero dar a vocês o último ato da apresentação. Como estamos? Conosco, o que cai é o que fica ali. Conosco, uma vez que cai, fica lá para sempre. Não importa como seja! Eu quero me levantar. Santos Padres, estou indignado com vocês. A confissão é um grande sacramento, diante do qual reverencio e estou pronto para me prostrar, e de repente todos na cela estão de joelhos e confessando em voz alta. É permitido confessar em voz alta? Os Santos Padres estabeleceram a confissão de ouvido, então somente a sua confissão será um sacramento, e isso tem sido feito desde os tempos antigos. Como posso explicar para ele na frente de todo mundo que eu, por exemplo, sou isso e aquilo... bom, isso é, isso e aquilo, sabe? Às vezes é indecente dizer. Então isso é um escândalo! Não, pais, provavelmente vocês serão atraídos para o Khlistismo aqui... Na primeira oportunidade, escreverei ao Sínodo e levarei meu filho Alexei para casa...

Notabene aqui. Fyodor Pavlovich ouviu onde os sinos tocavam. Houve uma vez uma fofoca maldosa que chegou até mesmo ao bispo (não apenas no nosso, mas também em outros mosteiros onde o presbitério foi estabelecido) de que os presbíteros eram muito respeitados, em detrimento até mesmo do posto de abade, e que, entre outras coisas, os presbíteros estariam supostamente abusando do sacramento da confissão e assim por diante. e assim por diante. São ridículas as acusações que surgiram sozinhas em sua época, aqui e em todos os lugares. Mas o demônio estúpido, que pegou e carregou Fyodor Pavlovich com seus próprios nervos para algum lugar cada vez mais fundo em vergonhosas profundezas, sugeriu-lhe esta antiga acusação, da qual o próprio Fyodor Pavlovich não entendeu a primeira palavra. E ele não foi capaz de expressá-lo com competência, especialmente porque desta vez ninguém na cela do ancião estava de joelhos ou confessando em voz alta, então Fyodor Pavlovich não conseguia ver nada parecido e falava apenas de velhos rumores e fofocas que de alguma forma me lembrava . Mas, tendo expressado sua estupidez, ele sentiu que havia proferido um absurdo absurdo e, de repente, quis provar imediatamente aos seus ouvintes, e principalmente a si mesmo, que o que ele havia dito não era nenhum absurdo. E embora soubesse perfeitamente que a cada palavra futura acrescentaria cada vez mais absurdos às bobagens já ditas, não se conteve e voou como se de uma montanha.

- Que maldade! - gritou Piotr Alexandrovich.

“Desculpe”, disse o abade de repente. - Foi dito desde os tempos antigos: “E começaram a dizer muitas coisas contra mim, até algumas coisas ruins. E quando ouvi tudo, disse dentro de mim: “Este é o remédio de Jesus, e Ele o enviou para curar minha alma vaidosa”. E por isso agradecemos com humildade, precioso hóspede!

E ele se curvou para Fyodor Pavlovich pela cintura.

- Te-te-te! Hipocrisia e frases antigas! Frases antigas e gestos antigos! As velhas mentiras e prostrações burocráticas! Nós conhecemos esses arcos! “Um beijo nos lábios e uma adaga no coração”, como em Ladrões de Schiller. Pais, não gosto da falsidade, mas quero a verdade! Mas a verdade não está nos peixinhos, e eu proclamei-a! Padres, monges, por que vocês estão jejuando? Por que você está esperando sua recompensa no céu por isso? Então, por causa dessa recompensa, irei rápido! Não, santo monge, seja virtuoso na vida, traga benefícios à sociedade, sem se limitar a um mosteiro com pão pronto e sem esperar uma recompensa lá em cima - assim será mais difícil. Eu também, Padre Superior, posso dizer bem as coisas. O que eles têm reservado aqui? — ele se aproximou da mesa. - Antigo porto fabril, mel engarrafado pelos irmãos Eliseev, ah, sim, pais! Não se parecem com peixinhos. Olha, os pais nos deram umas mamadeiras, hehehehe! Quem trouxe tudo aqui? Este é um homem russo, um trabalhador esforçado, que traz para cá o dinheiro que ganha com as mãos calejadas, arrancando-o da família e das necessidades do Estado! Afinal, vocês, santos padres, sugam o povo!

“Isso é completamente indigno de você”, disse Padre Joseph. Padre Paisiy permaneceu teimosamente em silêncio. Miusov correu para fora da sala, seguido por Kalganov.

- Bem, pais, estou seguindo Piotr Alexandrovich! Eu não irei mais até você, você vai implorar de joelhos, eu não irei. Eu lhe enviei mil rublos, então seus olhos estão arregalados de novo, he-he-he! Não, não vou adicionar ainda. Eu me vingo da minha juventude passada, de toda a minha humilhação! - Ele bateu com o punho na mesa num ataque de emoção fabricada. — Este mosteiro significou muito na minha vida! Derramei muitas lágrimas amargas por causa dele! Você colocou minha esposa, a camarilha, contra mim. Você me amaldiçoou em sete catedrais e me fez em pedaços! Chega, pais, esta é uma era liberal, a era dos navios a vapor e das ferrovias. Você não receberá nada de mim, nem mil, nem cem rublos, nem cem copeques!

Notabene novamente. Nosso mosteiro nunca significou nada de especial em sua vida, e ele nunca derramou lágrimas amargas por causa disso. Mas ele ficou tão entusiasmado com as lágrimas inventadas que por um momento quase não acreditou; Até comecei a chorar de emoção; mas naquele exato momento senti que era hora de virar as flechas para trás. O abade baixou a cabeça diante de sua mentira maligna e disse novamente de forma impressionante:

- É dito novamente: “Suporta com alegria a desonra que chega a você involuntariamente, e não se envergonhe, e odeie aquele que te desonra”. Isso é o que faremos.

- Te-te-te, estou chorando! e outras bobagens! Mantenham a calma, pais, e eu irei. E levo meu filho Alexei daqui pela autoridade parental para sempre. Ivan Fedorovich, meu filho mais respeitoso, deixe-me ordenar que você me siga! Von-Zon, por que você deveria ficar aqui? Venha para minha cidade agora. Estou me divertindo. Só uma espécie de layout, em vez de óleo vegetal vou servir um porco com mingau; vamos almoçar; Vou colocar um pouco de conhaque e depois um pouco de licor; Mamurovka está aí... Ei, von-Zon, não perca a sua felicidade!

Ele saiu gritando e gesticulando. Foi nesse momento que Rakitin o viu saindo e apontou-o para Alyosha.

- Alexei! - gritou-lhe o pai de longe, ao vê-lo, - hoje venha morar comigo completamente, e traga um travesseiro e um colchão, e para que seu espírito não cheire aqui.

Aliócha parou, imóvel, observando silenciosa e cuidadosamente a cena. Enquanto isso, Fyodor Pavlovich subiu na carruagem e, atrás dele, sem sequer se virar para Alyosha para se despedir, Ivan Fyodorovich começou a subir silenciosa e taciturnamente. Mas então ocorreu outra cena palhaçada e quase inacreditável que compensou o episódio. De repente, o proprietário de terras Maksimov apareceu ao pé da carruagem. Ele veio correndo sem fôlego para não se atrasar. Rakitin e Alyosha o viram correndo. Ele estava com tanta pressa que, impacientemente, levantou o pé até o degrau onde ainda estava a perna esquerda de Ivan Fedorovich e, agarrando o corpo, começou a pular na carruagem:

- Eu e eu estamos com você! - gritou ele, pulando para cima e para baixo, rindo uma risada pequena e alegre, com felicidade no rosto e pronto para tudo, - me leve também!

“Bem, eu não disse”, gritou Fyodor Pavlovich com entusiasmo, “que este é von Sohn!” Que este é um verdadeiro von-Zon ressuscitado dos mortos! Como você saiu de lá? O que você disse aí e como conseguiu fugir do almoço? Afinal, você deve ter uma testa de cobre! Eu tenho testa e eu, irmão, estou surpreso com a sua! Salte, pule rápido! Deixe-o ir, Vanya, vai ser divertido. Ele de alguma forma ficará a seus pés aqui. Você pode se deitar, von Sohn? Vamos colocá-lo no almoço com o cocheiro?.. Pule na luche, von-Zon!..

Mas Ivan Fedorovich, que já havia se sentado, silenciosamente e com todas as suas forças de repente empurrou Maksimov no peito, e ele voou para longe. Se você não caiu, foi só por acidente.

- Vamos! - Ivan Fedorovich gritou com raiva para o cocheiro.

- Bem, o que você está fazendo? O que você está fazendo? Por que você está fazendo isso com ele? - Fyodor Pavlovich deu um pulo, mas a carruagem já havia começado a se mover. Ivan Fedorovich não respondeu.

- Olha, você! “Depois de ficar em silêncio por dois minutos, Fyodor Pavlovich disse novamente, olhando de soslaio para o filho: “Você mesmo começou todo este mosteiro, você mesmo o instigou, você mesmo o aprovou, por que está com raiva agora?”

“Já estou farto dessas bobagens, pelo menos agora descanse um pouco”, retrucou Ivan Fedorovich severamente.

Fyodor Pavlovich ficou novamente em silêncio por dois minutos.

“Conhaque seria bom agora”, ele comentou sentenciosamente. Mas Ivan Fedorovich não respondeu.

“Chegaremos lá e você tomará uma bebida.”

Ivan Fedorovich permaneceu em silêncio.

Fyodor Pavlovich esperou mais dois minutos:

“Mas ainda vou tirar Alyoshka do mosteiro, apesar de ser muito desagradável para você, respeitoso Karl von Maur.”

Ivan Fedorovich ergueu os ombros com desdém e, virando-se, começou a olhar para a estrada. Então eles não conversaram até chegar em casa.

I. No quarto do criado

A casa de Fyodor Pavlovich Karamazov ficava longe de ficar no centro da cidade, mas também não ficava na periferia. Era um tanto surrado, mas tinha uma aparência agradável: térreo, com mezanino, pintado de cinza e com telhado de ferro vermelho. No entanto, ainda aguentava muito tempo, era espaçoso e confortável. Havia muitos armários diferentes, esconderijos diferentes e escadas inesperadas. Havia ratos ali, mas Fyodor Pavlovich não estava totalmente zangado com eles: “ainda não é tão chato à noite quando você fica sozinho”. Mas na verdade ele tinha o hábito de deixar os empregados irem para o anexo à noite e se trancar sozinho em casa a noite toda. Este anexo ficava no pátio, era grande e forte; Fyodor Pavlovich também determinou que deveria haver uma cozinha, embora houvesse uma cozinha na casa; Ele não gostava do cheiro da cozinha e a comida era trazida pelo quintal no inverno e no verão. Em geral, a casa foi construída para uma família numerosa, podendo acomodar cinco vezes mais senhores e empregados. Mas na época de nossa história, apenas Fyodor Pavlovich e Ivan Fedorovich moravam na casa, e na ala humana havia apenas três servos: o velho Grigory, a velha Marfa, sua esposa, e o servo Smerdyakov, ainda jovem. Temos que falar um pouco mais sobre esses três funcionários. Porém, já falamos o suficiente sobre o velho Grigory Vasilyevich Kutuzov. Ele era um homem firme e inabalável, movendo-se teimosa e diretamente em direção ao seu ponto de vista, mesmo que esse ponto, por algum motivo (muitas vezes surpreendentemente ilógico), permanecesse diante dele como uma verdade imutável. De modo geral, ele era honesto e incorruptível. Sua esposa, Marfa Ignatievna, apesar de ter se curvado inquestionavelmente à vontade do marido durante toda a vida, importunou-o terrivelmente, por exemplo, imediatamente após a libertação dos camponeses, para que deixasse Fyodor Pavlovich e fosse para Moscou e iniciasse algum tipo de negócio comercial lá (eles tinham algum tipo de dinheiro); mas Gregório decidiu então e de uma vez por todas que a mulher estava mentindo, “porque toda mulher é desonesta”, mas que eles não deveriam abandonar seu antigo mestre, não importa quem ele fosse, “porque esse é seu dever”.

- Você entende que existe uma dívida? - voltou-se para Marfa Ignatievna.

“Eu entendo o dever, Grigory Vasilyevich, mas que dever temos aqui para ficarmos aqui, não entendo nada”, respondeu Marfa Ignatievna com firmeza.

- E não entendo, mas vai ser assim. De agora em diante, fique em silêncio. E assim aconteceu: eles não foram embora, mas Fyodor Pavlovich atribuiu-lhes um salário, pequeno, e pagou o salário. Gregory também sabia que tinha uma influência inegável sobre o mestre. Ele sentiu isso, e era justo: o bufão astuto e teimoso, Fyodor Pavlovich, de caráter muito forte “em algumas coisas da vida”, como ele mesmo disse, era, para sua surpresa, bastante fraco em caráter em alguns outras “coisas da vida”. E ele mesmo sabia quais, sabia e tinha medo de muitas coisas. Em algumas coisas da vida era preciso manter os olhos abertos, e ao mesmo tempo era difícil sem uma pessoa fiel, e Gregório era a pessoa mais fiel. Aconteceu até que Fyodor Pavlovich pôde ser espancado muitas vezes durante sua carreira, e espancado dolorosamente, e Grigory sempre vinha em seu socorro, embora cada vez ele lesse instruções para ele depois disso. Mas as surras por si só não teriam assustado Fyodor Pavlovich: houve casos extremos, mesmo muito sutis e complexos, em que o próprio Fyodor Pavlovich talvez não tivesse sido capaz de determinar aquela necessidade extraordinária de uma pessoa fiel e próxima, que às vezes ele instantaneamente e incompreensivelmente de repente começou a sentir-se dentro de si mesmo. Eram casos quase dolorosos: o mais depravado e em sua voluptuosidade muitas vezes cruel, como um inseto maligno, Fyodor Pavlovich de repente sentia em si mesmo às vezes, em momentos de embriaguez, medo espiritual e tremores morais, quase, por assim dizer, até ecoando fisicamente em seu alma. “Minha alma realmente treme na garganta nessas horas”, ele dizia às vezes. Era nesses momentos que ele adorava ter uma pessoa assim por perto, por perto, talvez até não naquele quarto, mas no anexo, um devotado, firme, nada parecido com ele, não depravado, que pelo menos tudo isso eu vi a devassidão que estava acontecendo e conhecia todos os segredos, mas ainda assim, por devoção, eu permitiria tudo, não resistiria, o mais importante, não censuraria e não ameaçaria com nada, nem neste século nem no futuro; e se necessário, ele o teria protegido - de quem? De alguém desconhecido, mas assustador e perigoso. A questão era precisamente que certamente haveria outra pessoa, velha e amigável, para telefonar para ele num momento de doença, apenas para olhar em seu rosto, talvez para trocar uma palavra, até mesmo algum tipo de estranho, e se ele não fizesse nada, não se ele está com raiva, então de alguma forma seu coração fica mais leve, e se ele está com raiva, bem, então ele fica mais triste. Acontecia (mas muito raramente) que Fyodor Pavlovich ia até o anexo mesmo à noite para acordar Grigory para que ele fosse até ele por um momento. Ele vinha, e Fyodor Pavlovich começava a falar das coisas mais triviais e logo o deixava ir, às vezes até com ridículo e piada, e ele cuspia, ia para a cama e dormia o sono de um homem justo. Algo semelhante aconteceu com Fyodor Pavlovich após a chegada de Aliócha. Alyosha “perfurou seu coração” pelo fato de “viver, ver tudo e não condenar nada”. Além disso, trouxe consigo uma coisa inédita: uma total falta de desprezo por ele, o velho, pelo contrário, um carinho constante e um carinho completamente natural e direto por ele, que tão pouco merecia. Tudo isso foi uma surpresa completa para o velho vagabundo e sem família, completamente inesperado para ele, que até então amava apenas “sujeira”. Depois que Aliócha partiu, ele admitiu para si mesmo que entendia algo que não queria entender antes.

Já mencionei no início da minha história como Grigory odiava Adelaida Ivanovna, primeira esposa de Fyodor Pavlovich e mãe de seu primeiro filho, Dmitry Fedorovich, e como, pelo contrário, defendeu sua segunda esposa, a camarilha, Sofya Ivanovna , contra o próprio mestre e contra todos, quem pensaria em dizer uma palavra ruim ou frívola sobre ela? Nele, a simpatia por essa infeliz mulher se transformou em algo sagrado, de modo que mesmo vinte anos depois ele não teria tolerado nem mesmo uma insinuação ruim sobre ela de ninguém e teria imediatamente se oposto ao ofensor. Na aparência, Grigory era um homem frio e importante, não falante, proferindo palavras pesadas e impensadas. Da mesma forma, seria impossível esclarecer nele à primeira vista se ele amava ou não sua esposa não correspondida e submissa, mas enquanto isso ele a amava de verdade e ela, é claro, entendia isso. Esta Marfa Ignatievna não só não era uma mulher estúpida, mas talvez mais inteligente que o marido, pelo menos mais razoável do que ele nos assuntos cotidianos, e ainda assim ela se submeteu a ele de forma resignada e não correspondida, desde o início do casamento, e sem dúvida o respeitou. por sua superioridade espiritual. É notável que ambos, ao longo da vida, tenham falado muito pouco um com o outro, exceto sobre as coisas mais necessárias e atuais. O importante e majestoso Grigory sempre pensava sozinho em todos os seus assuntos e preocupações, de modo que Marfa Ignatievna de uma vez por todas percebeu há muito tempo que ele não precisava de nenhum conselho dela. Ela sentiu que o marido apreciava o seu silêncio e reconhecia a sua inteligência por isso. Ele nunca bateu nela, talvez apenas uma vez, e apenas levemente. No primeiro ano do casamento de Adelaide Ivanovna com Fyodor Pavlovich, uma vez na aldeia, as meninas e mulheres da aldeia, então ainda servas, reuniram-se no pátio da mansão para cantar e dançar. Começaram “nos bolsos”, e de repente Marfa Ignatievna, então ainda jovem, saltou na frente do coro e dançou o “russo” de uma maneira especial, não no estilo de aldeia como as mulheres, mas como ela dançava quando ela era jardineira dos ricos Miusovs no teatro da casa do proprietário de terras, onde um mestre de dança de Moscou ensinava os atores a dançar. Grigory viu como sua esposa andava e, em casa, em sua cabana, uma hora depois, ensinou-a, puxando-a um pouco pelos cabelos. Mas esse foi o fim das surras de uma vez por todas e nunca mais se repetiram em toda a sua vida, e Marfa Ignatievna se arrependeu de dançar a partir de então.

Deus não lhes deu filhos; houve apenas um filho, e ele morreu. Aparentemente Gregório adorava crianças, nem escondia isso, ou seja, não tinha vergonha de demonstrar. Ele pegou Dmitry Fedorovich nos braços quando Adelaida Ivanovna fugiu quando era um menino de três anos e mexeu com ele por quase um ano, penteou-o ele mesmo e até o lavou em um cocho. Em seguida, ele se preocupou com Ivan Fedorovich e Alyosha, pelo que recebeu um tapa na cara; mas já falei sobre tudo isso. Seu próprio filho o agradou com apenas uma esperança, quando Marfa Ignatievna ainda estava grávida. Quando ele nasceu, ele atingiu seu coração com tristeza e horror. O fato é que esse menino nasceu com seis dedos. Vendo isso, Gregório ficou tão morto que não apenas permaneceu em silêncio até o dia do batismo, mas também foi deliberadamente ao jardim para permanecer em silêncio. Era primavera e ele passou três dias cavando sulcos na horta da horta. No terceiro dia o bebê teve que ser batizado; A essa altura, Gregory já havia percebido algo. Entrando na cabana, onde o clero se reunia e os convidados vinham, e finalmente o próprio Fyodor Pavlovich, que apareceu pessoalmente como sucessor, de repente declarou que a criança “não deveria ser batizada de jeito nenhum”, disse ele calmamente, não expandir as palavras, mal pronunciou uma palavra, mas apenas olhou fixa e atentamente para o padre.

- Por que é que? - perguntou o padre com alegre surpresa.

“Porque é... um dragão...” murmurou Grigory.

- Como um dragão, que tipo de dragão?

Gregory ficou em silêncio por algum tempo.

“Ocorreu uma mistura da natureza...” ele murmurou, embora muito vagamente, mas com muita firmeza, e aparentemente sem querer se expandir ainda mais.

Eles riram e, claro, o pobre bebê foi batizado. Gregório orou diligentemente na pia batismal, mas não mudou de opinião sobre o recém-nascido. Porém, ele não interferiu em nada, apenas durante as duas semanas que viveu o menino doente, ele mal olhou para ele, nem quis notá-lo e na maior parte do tempo saiu da cabana. Mas quando o menino morreu de candidíase duas semanas depois, ele mesmo o colocou no caixão, olhou para ele com profunda melancolia e, quando encheram sua cova rasa, ele se ajoelhou e curvou-se diante da cova no chão. Desde então, durante muitos anos ele nunca mencionou seu filho, e Marfa Ignatyevna nunca mencionou seu filho na frente dele, e quando ela falava com alguém sobre seu “bebê”, ela falava em um sussurro, embora não houvesse nenhum Grigory Vasilievich. De acordo com a observação de Marfa Ignatievna, desde aquele túmulo ele começou a se concentrar principalmente no “divino”, lendo o Cheti-Minea, principalmente em silêncio e sozinho, sempre colocando seus grandes óculos redondos prateados. Raramente leio em voz alta, exceto durante a Grande Quaresma. Ele amou o livro de Jó, obteve de algum lugar uma lista de palavras e sermões de “nosso pai portador de Deus, Isaque, o Sírio”, leu-o com persistência e com muitos filhos, não entendeu quase nada nele, mas por isso, talvez, ele mais apreciei e adorei este livro. Mais recentemente, ele começou a ouvir e se aprofundar no Khlistismo, para o qual havia uma oportunidade na vizinhança, aparentemente ficou chocado, mas não se dignou a se converter a uma nova fé. A inteligibilidade “do divino” certamente deu à sua fisionomia uma importância ainda maior.

Talvez ele estivesse inclinado ao misticismo. E então, como que propositalmente, o nascimento do seu bebé de seis dedos e a sua morte coincidiram com outro acontecimento muito estranho, inesperado e original, que deixou um “selo” na sua alma, como ele próprio disse mais tarde. Acontece que no mesmo dia em que o bebê de seis dedos foi enterrado, Marfa Ignatievna, ao acordar à noite, ouviu como se fosse o choro de um recém-nascido. Ela se assustou e acordou o marido. Ele ouviu e percebeu que era mais provável que fosse alguém gemendo, “como uma mulher”. Ele se levantou, se vestiu; Era uma noite de maio bastante quente. Saindo para a varanda, ouviu claramente os gemidos vindos do jardim. Mas o jardim ficava trancado do quintal à noite, e era impossível entrar nele exceto por esta entrada, pois havia uma cerca forte e alta ao redor de todo o jardim. Voltando para casa, Grigory acendeu a lanterna, pegou a chave do jardim e, sem prestar atenção ao horror histérico de sua esposa, que ainda insistia que ouviu uma criança chorando e que provavelmente era seu filho chorando e chamando-a, ele foi silenciosamente para o jardim. Então ele percebeu claramente que os gemidos vinham da casa de banhos, que ficava no jardim, não muito longe do portão, e que era realmente uma mulher quem estava gemendo. Ao abrir o balneário, viu um espetáculo que o deixou pasmo: o santo tolo da cidade, vagando pelas ruas e conhecido em toda a cidade, apelidado de Lizaveta, a Fedorenta, havia entrado no balneário e acabava de dar à luz um bebê. O bebê estava deitado ao lado dela e ela morreu ao lado dele. Ela não disse nada, só porque não conseguia falar. Mas tudo isso precisa ser explicado separadamente...

II. Lizaveta fedorenta

Houve uma circunstância especial que chocou profundamente Gregory, fortalecendo finalmente nele uma suspeita anterior desagradável e repugnante. Esta Lizaveta Stinking era uma menina muito baixa, “dois arshins e um pequeno”, como muitas das velhas piedosas de nossa cidade se lembraram dela de maneira tocante após sua morte. Seu rosto de vinte anos, saudável, largo e corado, era completamente idiota; o olhar é imóvel e desagradável, embora calmo. Ela caminhou a vida toda, tanto no verão quanto no inverno, descalça e vestindo apenas uma camisa de mangas compridas. Seus cabelos quase pretos, extremamente grossos, cacheados, como os de um carneiro, estavam presos na cabeça em forma de uma espécie de gorro enorme. Além disso, estavam sempre sujos no chão, na lama, com folhas, lascas e lascas grudadas, pois ela sempre dormia no chão e na lama. Seu pai era um comerciante sem-teto, falido e doente, Ilya, que bebia muito e viveu por muitos anos como trabalhador com alguns proprietários ricos, também nossos habitantes da cidade. A mãe de Lizaveta morreu há muito tempo. Sempre doente e zangado, Ilya espancou Lizaveta de forma desumana quando ela voltou para casa. Mas ela raramente vinha, porque vivia por toda a cidade como uma idiota. E os proprietários de Ilya, e o próprio Ilya, e até mesmo muitas pessoas compassivas da cidade, principalmente mercadores e mulheres comerciantes, tentaram mais de uma vez vestir Lizaveta com mais decência do que apenas com uma camisa, e no inverno eles sempre colocavam um casaco de pele de carneiro nela , e calce botas; mas ela geralmente, permitindo que tudo lhe fosse colocado sem questionar, saía e em algum lugar, principalmente no alpendre da igreja da catedral, certamente tirava tudo o que lhe havia sido doado - fosse um lenço, uma saia, um casaco de pele de carneiro, botas - ela deixei tudo no lugar e saí descalço e ainda com a mesma camisa. Uma vez aconteceu que o novo governador de nossa província, ao visitar nossa cidade, ficou muito ofendido em seus melhores sentimentos ao ver Lizaveta, e embora percebesse que ela era uma “tola santa”, como lhe relataram, ele ainda fingiu o fato de ela ser uma garota andando por aí apenas com uma camisa viola a decência e, portanto, isso não deveria acontecer no futuro. Mas o governador foi embora e Lizaveta ficou como estava. Finalmente, seu pai morreu e ela tornou-se ainda mais querida por todos os peregrinos da cidade, como uma órfã. Na verdade, todos pareciam amá-la, mesmo os meninos não a provocavam ou ofendiam, e nossos meninos, principalmente na escola, são pessoas alegres. Ela entrava em casas desconhecidas e ninguém a expulsava, pelo contrário, todos a acariciavam e lhe davam um centavo. Eles vão dar um centavo para ela, ela vai pegar e imediatamente pegar e colocar em alguma caneca, igreja ou prisão. Eles vão dar a ela um bagel ou um pãozinho no mercado, ela certamente irá dar o bagel ou um pãozinho para a primeira criança que encontrar, caso contrário ela vai parar uma de nossas senhoras mais ricas e dar a ele; e as senhoras até o aceitaram com alegria. Ela mesma não comeu nada além de pão preto e água. Ela entrava em uma loja rica, sentava-se, havia produtos caros, havia dinheiro, os proprietários nunca tinham medo dela, sabiam que mesmo que colocassem milhares de dinheiro na frente dela e se esquecessem, ela iria não tire um centavo disso. Ela raramente ia à igreja; ela dormia na varanda da igreja ou pulava a cerca de alguém (ainda temos muitas cercas em vez de cercas até hoje) no jardim de alguém. Ela voltava para casa, ou seja, para a casa dos donos com quem morava seu falecido pai, cerca de uma vez por semana, e no inverno ela vinha todos os dias, mas só à noite, e passava a noite na entrada ou no estábulo . Eles ficaram maravilhados com ela por poder suportar uma vida assim, mas ela já estava acostumada; Embora ela fosse pequena em estatura, ela tinha uma constituição excepcionalmente forte. Alguns de nossos senhores também alegaram que ela fez tudo isso apenas por orgulho, mas de alguma forma isso não combinava: ela não conseguia nem falar uma palavra e ocasionalmente apenas mexia a língua e murmurava - que tipo de orgulho é esse? Aconteceu então que um dia (foi há muito tempo), numa noite clara e quente de Setembro, numa lua cheia, bastante tarde em nossa opinião, um grupo embriagado de nossos cavalheiros que estavam em festa, cinco ou seis companheiros, estava voltando do clube “de costas” para suas casas. Em ambos os lados do beco havia uma cerca, atrás da qual se estendiam as hortas das casas adjacentes; a estrada dava para uma ponte sobre nossa longa e fedorenta poça, que às vezes chamamos de rio. Perto da cerca, entre urtigas e bardanas, nossa companhia viu Lizaveta dormindo. Os cavalheiros que estavam brincando pararam nela rindo e começaram a fazer piadas com todas as obscenidades possíveis. Um jovem cavalheiro de repente surgiu com uma pergunta completamente excêntrica sobre um tema impossível: “É possível, dizem, que alguém considere tal animal como uma mulher, mesmo agora, etc.” Todos decidiram com orgulho e desgosto que isso era impossível. Mas Fyodor Pavlovich estava neste grupo, e ele imediatamente pulou fora e decidiu que poderia ser considerado uma mulher, até mesmo muito, e que havia até algo de um tipo especial de picante aqui, etc., etc. , naquela época ele era demais para nós, solicitado elaboradamente para seu papel de bobo da corte, adorava pular e divertir os cavalheiros, com aparente igualdade é claro, mas na realidade ele era um completo grosseiro diante deles. Foi precisamente ao mesmo tempo que recebeu notícias de São Petersburgo sobre a morte da sua primeira mulher, Adelaide Ivanovna, e quando, com crepe no chapéu, bebeu e se comportou de forma tão escandalosa que alguns na cidade, mesmo os mais dissolutos, ficaram chocados quando olharam para ele. A turma, é claro, riu da opinião inesperada; um membro da gangue até começou a incitar Fyodor Pavlovich, mas os demais começaram a cuspir ainda mais, embora ainda com alegria excessiva, e finalmente todos seguiram seu caminho. Posteriormente, Fyodor Pavlovich jurou que ele e todos os outros partiram; talvez tenha sido exatamente isso que aconteceu, ninguém sabe ao certo e nunca soube, mas depois de cinco ou seis meses todos na cidade começaram a falar com sincera e extrema indignação sobre o fato de Lizaveta estar grávida, perguntando e pesquisando: de quem é o pecado, quem foi o infrator? Foi então que de repente um estranho boato se espalhou pela cidade de que o agressor era esse mesmo Fyodor Pavlovich. De onde veio esse boato? Daquela turma de cavalheiros ambulantes, naquela época restava apenas um participante na cidade, e mesmo assim um idoso e respeitável vereador de estado, que tinha família e filhas adultas e que não teria divulgado nada, mesmo que houvesse algo; os demais participantes, cerca de cinco pessoas, saíram naquele momento. Mas os rumores apontavam diretamente para Fyodor Pavlovich e continuavam apontando. Claro, ele nem mesmo fingiu fazer isso: ele nem mesmo respondia a alguns mercadores ou comerciantes. Então ele ficou orgulhoso e não falou de maneira diferente do que em sua companhia de funcionários e nobres, a quem tanto divertia. Foi nessa época que Gregório energicamente e com todas as suas forças defendeu seu mestre, e não apenas o defendeu de todas essas calúnias, mas também abusou e brigou por ele, e convenceu muitos. “Ela mesma, a inferior, é a culpada”, disse ele afirmativamente, e o agressor não era outro senão “Karp com um parafuso” (esse era o nome de um terrível prisioneiro conhecido na cidade naquela época, que por isso tempo havia escapado da prisão provincial e vivia secretamente em nossa cidade). Essa suposição parecia plausível, eles se lembraram de Karp, lembraram que naquelas mesmas noites, no outono, ele perambulou pela cidade e roubou três pessoas. Mas todo esse incidente e todos esses rumores não apenas não afastaram a simpatia geral do pobre santo tolo, mas todos começaram a protegê-la e protegê-la ainda mais. A comerciante Kondratieva, uma viúva rica, chegou a ordenar que no final de abril levasse Lizaveta para sua casa para que ela não fosse libertada até o nascimento. Eles guardavam vigilantemente; mas aconteceu que, apesar de toda a sua vigilância, Lizaveta, no último dia, à noite, de repente deixou Kondratyeva secretamente e se viu no jardim de Fyodor Pavlovich. Como ela escalou a alta e forte cerca do jardim em sua posição permanece um mistério. Alguns insistiram que ela foi “transferida”, outros que ela foi “transferida”. Muito provavelmente, tudo aconteceu, embora de uma forma muito sofisticada, mas natural, e Lizaveta, que sabia escalar cercas nos jardins de outras pessoas para passar a noite neles, de alguma forma subiu na cerca de Fyodor Pavlovich, e dela, embora com prejuízo para si mesma, pulou no jardim, apesar de sua posição. Grigory correu para Marfa Ignatievna e mandou-a ajudar Lizaveta, enquanto ele próprio corria atrás da velha parteira, uma mulher burguesa. A propósito, eu morava perto. O bebê foi salvo, mas Lizaveta morreu ao amanhecer. Gregório pegou o bebê, trouxe-o para dentro de casa, sentou a esposa e deitou-o no colo, bem ao lado do peito: “O filho de Deus é órfão de todos, e mais ainda de você e de mim. Nosso falecido enviou este, e este veio do filho de um demônio e de uma mulher justa. Coma e não chore no futuro. Foi assim que Marfa Ignatievna criou a criança. Eles o batizaram e o chamaram de Pavel, e por seu patronímico, todos eles próprios, sem decreto, passaram a chamá-lo de Fedorovich. Fyodor Pavlovich não contradisse nada e até achou tudo engraçado, embora continuasse a renunciar a tudo com todas as suas forças. A cidade gostou que ele levasse o enjeitado. Posteriormente, Fyodor Pavlovich inventou um nome para o enjeitado: ele o chamou de Smerdyakov, em homenagem ao apelido de sua mãe, Lizaveta Smerdyashchaya. Foi este Smerdyakov quem se tornou o segundo servo de Fyodor Pavlovich e viveu, no início da nossa história, no anexo junto com o velho Grigory e a velha Martha. Foi usado por cozinheiros. Eu realmente gostaria de dizer algo especial sobre ele, mas tenho vergonha de desviar a atenção do meu leitor por tanto tempo para lacaios tão comuns e, portanto, passo à minha história, esperando que algo sobre Smerdyakov surja de alguma forma por si só em o curso posterior da história.

III. Confissão de um coração caloroso. Em verso

Aliócha, tendo ouvido a ordem de seu pai, que lhe gritou da carruagem ao sair do mosteiro, permaneceu por algum tempo no local, em grande perplexidade. Não é que ele ficou ali como um pilar, isso não aconteceu com ele. Pelo contrário, apesar de toda a sua ansiedade, conseguiu imediatamente ir à cozinha do abade e descobrir o que o seu pai tinha feito lá em cima. Depois, porém, partiu, esperando que no caminho para a cidade tivesse de alguma forma tempo para resolver o problema que o atormentava. Direi de antemão: ele não teve o menor medo dos gritos e ordens do pai para voltar para casa, “com travesseiros e colchão”. Ele entendeu muito bem que a ordem de se mover, em voz alta e com um grito tão ostentoso, foi dada “com paixão”, por assim dizer, até pela beleza, como um comerciante que recentemente se deleitou em sua própria cidade, no dia do seu próprio nome. , e nos convidados, irritado por não terem lhe dado mais vodca, de repente começou a quebrar a própria louça, rasgar as roupas dele e da esposa, quebrar os móveis e, finalmente, os vidros da casa, e tudo de novo pela beleza, e tudo em da mesma forma. Claro que aconteceu agora com o papai. Amanhã, é claro, o festejado comerciante, sóbrio, arrependeu-se das xícaras e dos pratos quebrados. Alyosha sabia que o velho provavelmente o deixaria voltar para o mosteiro amanhã; talvez até o deixasse ir hoje; E ele tinha certeza de que o pai não iria querer ofender mais ninguém. Alyosha tinha certeza de que ninguém no mundo inteiro iria querer ofendê-lo, não apenas não iria querer, mas não poderia. Este foi um axioma para ele, dado de uma vez por todas, sem raciocínio, e nesse sentido ele avançou, sem qualquer hesitação.

Mas naquele momento despertava nele algum outro medo, de um tipo completamente diferente, e tanto mais doloroso porque ele próprio não conseguia defini-lo, a saber, o medo de uma mulher, e especificamente de Katerina Ivanovna, que tão urgentemente lhe implorou no dia anterior, transmitido a ele pelo Sr. com um bilhete de Zhoy Khokhlakova, venha até ela para alguma coisa. Essa exigência e a necessidade de ir definitivamente incutiram imediatamente em seu coração algum tipo de sentimento doloroso, e durante toda a manhã, quanto mais longe, mais, esse sentimento tornou-se cada vez mais doloroso nele, apesar de todas as cenas e aventuras subsequentes no mosteiro, e agora na casa do abade, e assim por diante. O que ele temia não era não saber sobre o que ela falaria com ele e o que ele responderia. E não eram das mulheres em geral que ele tinha medo nela: conhecia poucas mulheres, claro, mas mesmo assim, durante toda a sua vida, desde a infância até ao mosteiro, viveu apenas com elas. Ele tinha medo dessa mulher, a própria Katerina Ivanovna. Ele tinha medo dela desde a primeira vez que a viu. Ele a viu apenas uma ou duas vezes, talvez até três, e até uma vez acidentalmente falou algumas palavras com ela. Ele se lembrou da imagem dela como uma garota linda, orgulhosa e poderosa. Mas não era a beleza dela que o atormentava, mas outra coisa. Foi precisamente esta inexplicabilidade do seu medo que agora intensificou esse medo nele. Os objetivos dessa garota eram os mais nobres, ele sabia disso: ela procurava salvar seu irmão Dmitry, que já era culpado diante dela, e se esforçava por pura generosidade. E assim, apesar de sua consciência e da justiça que ele não podia deixar de dar a todos esses sentimentos maravilhosos e generosos, um arrepio percorreu suas costas, quanto mais perto ele se aproximava da casa dela.

Ele percebeu que não encontraria o irmão Ivan Fedorovich, que era tão próximo dela, com ela: o irmão Ivan provavelmente estava com o pai agora. Dmitry não seria pego com ainda mais precisão e ele pressentia o porquê. Portanto, a conversa acontecerá em privado. Eu realmente gostaria de ver seu irmão Dmitry antes dessa conversa fatídica e correr até ele. Sem mostrar a carta, ele poderia ter dito algo a ele. Mas o irmão Dmitry morava longe e provavelmente também não está em casa agora. Depois de ficar parado por um minuto, ele finalmente se decidiu. Depois de se benzer com a cruz habitual e apressada e imediatamente sorrir para alguma coisa, dirigiu-se firmemente para a sua terrível senhora.

Ele conhecia a casa dela. Mas se eu tivesse que ir até a rua Bolshaya, depois pela praça, etc., não seria muito perto. Nossa pequena cidade é extremamente dispersa e as distâncias podem ser bastante longas. Além disso, seu pai estava esperando por ele, talvez ele ainda não tivesse esquecido sua ordem, ele poderia se tornar caprichoso e por isso tinha que se apressar para chegar lá e ali. Por todas essas considerações, ele decidiu encurtar o caminho retrocedendo e conhecia todos esses movimentos da cidade como a palma da sua mão. Retroceder significava quase nenhuma estrada, ao longo de cercas desertas, às vezes até passar por cima de cercas alheias, passar por quintais alheios, onde, no entanto, todos o conheciam e todos o cumprimentavam. Dessa forma, ele poderia chegar duas vezes mais perto da rua Bolshaya. Aqui, num local, teve até de passar muito perto da casa do pai, nomeadamente passando pelo jardim do vizinho, que pertencia a uma casa pequena, em ruínas e torta, com quatro janelas. A dona desta casa era, como Aliocha sabia, uma burguesa da cidade, uma velha sem pernas, que morava com a filha, uma ex-empregada civilizada na capital, que morava recentemente na casa do general, e agora há um ano, devido devido à doença da velha, ela voltou para casa e ostentava vestidos chiques. Esta velha e sua filha, no entanto, caíram em uma pobreza terrível e até iam até a cozinha vizinha de Fyodor Pavlovich para comer sopa e pão todos os dias. Marfa Ignatievna se apresentou para eles de boa vontade. Mas quando minha filha veio tomar sopa, ela não vendeu nenhum de seus vestidos, e um deles tinha até cauda bem comprida. Alyosha soube desta última circunstância, e é claro, por acaso, com seu amigo Rakitin, que sabia absolutamente tudo em sua pequena cidade e, é claro, imediatamente se esqueceu disso. Mas, aproximando-se agora do jardim do vizinho, de repente lembrou-se precisamente desta cauda, ​​levantou rapidamente a cabeça caída e pensativa e... de repente tropeçou no encontro mais inesperado.

Atrás da cerca do jardim do vizinho, empoleirado em algo, estava seu irmão Dmitry Fedorovich, encostado no peito, e com todas as forças fez sinais para ele com as mãos, chamou-o e acenou, aparentemente com medo não apenas de gritar , mas até para dizer uma palavra em voz alta, para não ser ouvida. Alyosha imediatamente correu até a cerca.

“É bom que você mesmo tenha olhado para trás, caso contrário, quase gritei com você”, Dmitry Fedorovich sussurrou alegre e apressadamente para ele. - Entre aqui! Rápido! Ah, que bom que você veio. Eu estava pensando em você...

O próprio Alyosha ficou feliz e só se perguntou como pular a cerca. Mas “Mitya” com mão heróica agarrou seu cotovelo e o ajudou a pular. Depois de pegar na batina, Aliocha saltou com a agilidade de um rapaz descalço da cidade.

- Bom, vamos dar uma volta, vamos! - Mitya explodiu em um sussurro entusiasmado.

“Onde?”, Alyosha sussurrou, olhando em volta em todas as direções e se vendo em um jardim completamente vazio, onde não havia ninguém, exceto os dois. O jardim era pequeno, mas a casa do proprietário ainda ficava a menos de cinquenta passos deles. - Não tem ninguém aqui, por que você está sussurrando?

- Por que estou sussurrando? “Oh, droga”, Dmitry Fedorovich gritou de repente com sua voz mais plena, “por que estou sussurrando? Bem, você pode ver por si mesmo como a confusão da natureza pode surgir de repente. Estou aqui com um segredo e guardando um segredo. Haverá uma explicação no futuro, mas percebendo que é segredo, de repente comecei a falar em segredo e a sussurrar como um idiota, quando não deveria. Vamos! Aí está! Até então, fique quieto. Eu quero te beijar!

Glória ao mais alto do mundo,

Glória ao mais alto dentro de mim!..

Repeti isso bem na sua frente, sentado aqui...

O jardim era do tamanho de um dízimo ou um pouco mais, mas era cercado apenas por árvores ao redor, ao longo de todas as quatro cercas - macieiras, bordo, tília, bétula. O meio do jardim estava vazio, sob um gramado onde vários quilos de feno eram ceifados no verão. O jardim foi alugado pelo proprietário na primavera por alguns rublos. Havia também cristas com framboesas, groselhas e groselhas. tudo também fica perto das cercas; canteiros com verduras perto da casa, porém instalados recentemente. Dmitry Fedorovich conduziu o convidado até um canto do jardim, mais distante da casa. Ali, de repente, entre tílias densas e velhos arbustos de groselha e sabugueiro, viburno e lilás, apareceu algo como as ruínas de um antigo mirante verde, enegrecido e torto por paredes de treliça, mas com o topo coberto, e no qual estava ainda é possível se esconder da chuva. O mirante foi construído sabe Deus quando, segundo a lenda, há cerca de cinquenta anos, por algum então dono da casa, Alexander Karlovich von Schmidt, um tenente-coronel aposentado. Mas tudo já estava deteriorado, o chão estava podre, todas as tábuas estavam bambas, a madeira cheirava a umidade. No mirante havia uma mesa de madeira verde escavada no chão, e ao redor havia bancos, também verdes, onde ainda se podia sentar. Aliocha percebeu imediatamente o entusiasmo do irmão, mas, ao entrar no mirante, viu meia garrafa de conhaque e um copo sobre a mesa.

- Isso é conhaque! - Mitya riu, - e você já está olhando: “ele está ficando bêbado de novo”? Não confie no fantasma.

Não confie na multidão vazia e enganosa,

Esqueça suas dúvidas... -

Eu não fico bêbado, apenas “me trato”, como diz o seu porco Rakitin, que será vereador de estado e sempre dirá “eu trato ele”. Sente-se. Eu pegaria você, Alyoshka, e apertaria você contra meu peito, a ponto de esmagá-lo, porque no mundo inteiro... de verdade... de verdade... (entenda! entenda!) Eu amo apenas um você!

Ele disse a última linha em uma espécie de quase frenesi.

- Só você, e mais um, o “malvado”, por quem me apaixonei, e com isso, sumi. Mas apaixonar-se não significa amar. Você pode se apaixonar e odiar. Lembrar! Agora estou me divertindo conversando! Sente-se aqui na mesa, e eu estarei do lado, e olharei para você e falarei com você. Você ficará em silêncio e eu falarei tudo, porque chegou a hora. Mas, você sabe, eu decidi que tinha que falar bem baixo, porque aqui... aqui... os ouvidos mais inesperados poderiam se abrir. Vou explicar tudo, está dito: continua daqui em diante. Por que eu estava ansioso por você, com sede de você agora, todos esses dias, e agora? (Estou aqui há cinco dias desde que ancorei.) Todos esses dias? Porque vou te contar tudo sozinho, porque preciso, porque preciso de você, porque amanhã estou voando das nuvens, porque amanhã a vida vai acabar e começar. Você já experimentou, viu em um sonho como as pessoas caem de uma montanha em um buraco? Bem, agora não estou voando em um sonho. E não tenho medo, e não tenha medo. Isto é, receio, mas é doce para mim. Isto é, não é doce, mas uma delícia... Bem, droga, não importa o que seja. Espírito forte, espírito fraco, espírito de mulher – seja lá o que for! Vamos elogiar a natureza: você vê quanto sol tem, como o céu está claro, as folhas estão todas verdes, ainda é verão, são quatro horas da tarde, silêncio! Aonde você estava indo?

— Fui ver meu pai, mas primeiro queria ir até Katerina Ivanovna.

- Para ela e para o pai dela! Uau! Coincidência! Mas por que te chamei, por que te quis, por que tive fome e sede com todas as curvas da minha alma e até com as costelas? Para mandá-lo especificamente para seu pai, e depois para ela, para Katerina Ivanovna, e assim acabar com ela e seu pai. Envie um anjo. Eu poderia ter enviado qualquer um, mas tive que enviar um anjo. E então você vai até ela e seu pai.

- Você realmente queria me enviar? - Alyosha explodiu com uma expressão dolorosa no rosto.

- Espere, você sabia disso. E vejo que você entendeu tudo na hora. Mas fique quieto, fique quieto por enquanto. Não se desculpe e não chore!

Dmitry Fedorovich levantou-se, pensou e colocou o dedo na testa:

"Ela mesma ligou para você, ela escreveu uma carta para você, ou algo assim, é por isso que você foi até ela, caso contrário você teria ido?"

“Aqui está um bilhete”, Alyosha tirou-o do bolso. Mitya rapidamente repassou tudo.

- E você foi atrás deles! Oh deuses! Obrigado por guiá-lo ao longo do caminho e ele veio até mim como um peixinho dourado para o velho e tolo pescador de um conto de fadas. Ouça, Alyosha, ouça, irmão. Agora pretendo dizer tudo. Porque pelo menos alguém precisa ser informado. Já contei ao anjo no céu, mas devo contar também ao anjo na terra. Você é um anjo na terra. Você vai ouvir, vai julgar e vai perdoar... E é disso que preciso, que alguém superior me perdoe. Ouça: se duas criaturas de repente se separam de tudo o que é terreno e voam para o extraordinário, ou pelo menos uma delas, e antes disso, fugindo ou morrendo, vier até a outra e disser: faça-me isso e aquilo, algo que ninguém já pediu, eles perguntam, mas o que só pode ser pedido no leito de morte, então ele realmente não cumprirá... se for um amigo, se for um irmão?

“Eu farei isso, mas diga-me o que é e diga-me rapidamente”, disse Alyosha.

- Apresse-se... Hm. Não tenha pressa, Alyosha: você está com pressa e preocupado. Não há necessidade de pressa agora. Agora o mundo entrou numa nova rua. Eh Alyosha, é uma pena que você não tenha pensado em deleite! Mas o que estou dizendo a ele? Você não pensou nisso! Bem, eu, o burro, digo:

“Seja nobre, cara!”

De quem é esse versículo?

Alyosha decidiu esperar. Ele percebeu que todos os seus negócios agora só poderiam estar aqui. Mitya pensou por um minuto, apoiando o cotovelo na mesa e apoiando a cabeça na palma da mão. Ambos ficaram em silêncio.

“Lesha”, disse Mitya, “você não vai rir sozinho!” Gostaria de começar... a minha confissão... com um hino à alegria de Schiller. Um morra Freude! Mas não sei alemão, só sei An die Freude. Também não pense que estou conversando bêbado. Não estou bêbado. Conhaque é conhaque, mas preciso de duas garrafas para ficar bêbado, -

E o Silenus de rosto corado

Em um burro tropeçando,

mas ainda não bebi nem um quarto da garrafa e não estou forte. Não forte, mas forte porque tomou a decisão para sempre. Perdoe-me pelo trocadilho, você tem que me perdoar muito hoje, sem falar no trocadilho. Não se preocupe, não estou difamando, estou falando e vou direto ao ponto em pouco tempo. Não vou tirar o judeu da minha alma. Espere assim...

Ele ergueu a cabeça, pensou e de repente começou com entusiasmo: “O Troglodita era tímido, nu e selvagem escondido nas cavernas das rochas, O nômade vagou pelos campos e devastou os campos. O caçador, com lança e flechas, Grozen correu pelas florestas... Ai daqueles atirados pelas ondas Às costas inóspitas!

“Do pico olímpico

Mãe Ceres vem depois

A sequestrada Prosérpina:

Dick está diante de sua luz.

Sem canto, sem guloseimas

Não há deusa em parte alguma;

E em nenhum lugar há qualquer reverência a Deus

O templo não testifica.

“Os frutos dos campos e as uvas são doces

Eles não brilham nas festas;

Apenas os restos dos corpos estão fumegando

Em altares sangrentos.

E onde com um olhar triste

Ceres nem olha para lá -

Em profunda humilhação

Ele vê pessoas em todos os lugares!”

Os soluços explodiram de repente do peito de Mitya. Ele agarrou Aliócha pela mão.

- Amigo, amigo, na humilhação, na humilhação até agora. É terrível para uma pessoa suportar muita coisa na terra, é terrível para ela ter muitos problemas! Não pense que sou apenas um grosseiro na patente de oficial que bebe conhaque e devassidão. Irmão, quase só penso nisso, nesse homem humilhado, a menos que esteja mentindo. Deus não permita que eu agora não minta e me elogie. Porque penso nessa pessoa porque eu mesmo sou essa pessoa.

“Para que da baixeza da alma

Um homem poderia subir

Com a antiga mãe terra

Ele entrará em uma aliança para sempre.”

Mas o problema é o seguinte: como posso firmar uma aliança com a Terra para sempre? Não beijo o chão, não corto seu peito; Por que eu deveria me tornar um homem ou um pastor? Caminho e não sei se caí no fedor e na vergonha ou na luz e na alegria. É aí que reside o problema, porque tudo no mundo é um mistério! E quando por acaso mergulhei na mais profunda vergonha da depravação (e isso foi tudo o que aconteceu comigo), sempre li este poema sobre Ceres e sobre o homem. Isso me consertou? Nunca! Porque eu sou Karamázov. Porque se vou voar para o abismo, vou fazê-lo direito, de cabeça baixa e calcanhares para cima, e fico até satisfeito por ser nesta posição humilhante que caio e considero-a uma beleza para mim. E com essa mesma vergonha de repente começo o hino. Deixe-me ser amaldiçoado, deixe-me ser baixo e vil, mas deixe-me beijar a orla do manto com que meu Deus está vestido; Embora eu esteja seguindo o diabo ao mesmo tempo, ainda sou “teu filho, Senhor, e te amo, e sinto alegria, sem a qual o mundo não pode subsistir e existir.

"A alma da criação de Deus

Alegria eterna flui,

O poder secreto da fermentação

A taça da vida está em chamas;

Eu atraí a grama para a luz,

O caos se desenvolveu em sóis

E nos espaços, para o astrólogo

Incontrolável, derramado.

“No seio da boa natureza,

Tudo o que respira bebe alegria;

Todas as criaturas, todos os povos

Isso implica;

Ela nos deu amigos na desgraça,

Suco de uva, coroas de Harit,

Insetos - voluptuosidade...

O anjo é para Deus.”

Mas chega de poesia! Eu derramei lágrimas e você me deixou chorar. Que seja uma estupidez da qual todos rirão, mas você não. Então seus olhos estão queimando. Chega de poesia. Quero falar agora sobre os “insetos”, sobre aqueles a quem Deus dotou de voluptuosidade

“Os insetos têm voluptuosidade”! Eu, irmão, sou esse mesmo inseto, e isso é dito especificamente sobre mim. E somos todos Karamazov iguais, e em você, anjo, esse inseto vive, e em seu sangue dará origem a uma tempestade. São tempestades, porque a volúpia é uma tempestade, mais que uma tempestade! A beleza é uma coisa terrível e terrível! Terrível porque é indefinível, mas é impossível determinar porque Deus propôs apenas enigmas. Aqui as margens se encontram, aqui todas as contradições convivem. Eu, irmão, sou muito ignorante, mas pensei muito nisso. Existem muitos segredos! Muitos mistérios deprimem as pessoas na Terra. Resolva-o da melhor maneira possível e saia impune. Beleza! Além disso, não posso suportar que outra pessoa, ainda mais elevada de coração e de mente elevada, comece com o ideal de Nossa Senhora e termine com o ideal de Sodoma. Ainda mais terrível é aquele que, já com o ideal de Sodoma na alma, não nega o ideal de Nossa Senhora, e seu coração arde por isso, e arde verdadeiramente, verdadeiramente, como em sua juventude e irrepreensível. Não, o homem é largo, largo demais, eu restringiria. O diabo sabe o que é, é isso! O que parece vergonhoso para a mente é pura beleza para o coração. Existe beleza em Sodoma? Acreditar. que em Sodoma ela se senta para a grande maioria das pessoas - você sabia desse segredo ou não? O terrível é que a beleza não é apenas algo terrível, mas também misterioso. Aqui o diabo luta com Deus, e o campo de batalha são os corações das pessoas. Mas o que quer que doa, é disso que ele fala. Ouça, agora vamos ao que interessa.

4. Confissão de um coração caloroso. Em piadas

Eu estava festejando lá. Há pouco meu pai disse que paguei vários milhares para seduzir garotas. Este é um fantasma suíno e nunca aconteceu, e o que aconteceu, na verdade, “isso” não exigiu dinheiro. Tenho dinheiro - um acessório, o calor da minha alma, a mobília. Agora aqui está ela minha senhora, amanhã em seu lugar uma menina de rua. Faço os dois felizes, jogo punhados de dinheiro, música, barulho, ciganos. Sempre que há necessidade eu dou para ela, porque eles aceitam, eles aceitam com paixão, devo admitir, eles ficam felizes e agradecidos. As senhoras me amavam, nem todas, mas aconteceu, aconteceu; mas sempre adorei os becos, os recantos remotos e escuros atrás da praça - há aventuras, há surpresas, há pepitas na terra. Irmão, estou falando alegoricamente. Em nossa pequena cidade não existiam tais becos materiais, mas havia becos morais. Mas se você fosse como eu, entenderia o que isso significa. Ele adorava a devassidão, adorava a vergonha da devassidão. Adorei a crueldade: não sou um inseto, um inseto malvado? Diz-se - Karamazov! Como toda a cidade estava a fazer um piquenique, fomos em sete troikas; no escuro, no inverno, num trenó, comecei a apertar a mão de uma das moças da vizinha, e obriguei essa moça, filha de um oficial, pobre, meiga, mansa, não correspondida, a beijá-la. Ela permitiu, ela permitiu muito no escuro. Pensei, coitado, que amanhã iria buscá-la e pedir-lhe em casamento (afinal, eles me valorizavam mais como noivo); e depois disso não disse uma palavra a ela, nem uma palavra durante cinco meses. Vi como os olhos dela me observavam do canto do salão quando dançavam (e dançamos de vez em quando), vi como queimavam com uma luz - uma luz de mansa indignação. A única coisa que me divertia neste jogo era a minha voluptuosidade de inseto, que alimentava dentro de mim. Cinco meses depois, ela se casou com um oficial e foi embora... irritada e talvez ainda amorosa. Agora eles vivem felizes. Observe que eu não contei a ninguém, não glorifiquei isso; Embora eu tenha desejos baixos e ame a baixeza, não sou desonesto. Você cora, seus olhos brilham. Você já está farto dessa sujeira. E tudo isso ainda é só isso, as flores de Poldekok, embora o inseto cruel já crescesse, já se expandisse na alma. Aqui, irmão, está um álbum inteiro de memórias. Que Deus lhes envie muita saúde. Na hora de terminar, gostava de não brigar. E ele nunca traiu, nunca desonrou ninguém. Mas chega. Você realmente achou que eu te chamei aqui só por causa dessa besteira? Não, vou te contar uma coisa mais curiosa; mas não se surpreenda por não ter vergonha de você, mas até parecer feliz.

“É porque eu corei”, comentou Alyosha de repente. “Eu corei não por causa de seus discursos ou por causa de suas ações, mas porque sou igual a você.”

- É você? Bem, fui um pouco longe.

“Não, não muito longe”, disse Alyosha ansiosamente. (Aparentemente esse pensamento já estava nele há muito tempo.) - Todos os mesmos passos. Eu estou no nível mais baixo e você está no topo, por volta do décimo terceiro. É assim que eu vejo esse assunto, mas é tudo a mesma coisa, completamente homogêneo. Quem pisar no degrau de baixo certamente pisará no de cima.

- Então, não participe?

- Para quem puder, não participe de jeito nenhum.

- Você pode?

- Parece que não.

“Fique quieto, Alyosha, fique quieto, querido, quero beijar sua mão, só por ternura.” Aquela maldita Grushenka é especialista em gente, uma vez ela me disse que um dia iria te comer... Estou calado, estou calado! Das abominações, de um campo poluído de moscas, passemos à minha tragédia, também a um campo poluído de moscas, isto é, com toda espécie de baixeza. A questão é que embora o velho tenha mentido sobre a sedução de virgens, em essência, na minha tragédia, foi assim, embora tenha acontecido apenas uma vez, e mesmo assim não aconteceu. O velho que me censurou com mentiras nem sabe disso: nunca contei a ninguém, vou contar primeiro agora, claro, tirando o Ivan, o Ivan sabe tudo. Ele te conhecia há muito tempo. Mas Ivan é um túmulo.

- Ivan - monte?

- Sim.

Alyosha ouviu com muita atenção.

“Eu estava nesse batalhão, num batalhão de linha, mesmo sendo alferes, mas ainda estava sob vigilância, uma espécie de exilado. E a cidade me recebeu muito bem. Joguei fora muito dinheiro, eles acreditaram que eu era rico, eu mesmo acreditei. Mas devo tê-los agradado de alguma outra forma. Embora acenassem com a cabeça, eles amavam a lei. Meu tenente-coronel, um velho, não se apaixonou por mim de repente. Me escolheu; Sim, eu tinha uma mão e, além disso, toda a cidade estava atrás de mim, era muito impossível encontrar falhas. A culpa foi minha; deliberadamente não prestei o devido respeito. Eu estava orgulhoso. Este velho teimoso, um homem muito bom e um homem hospitaleiro e de boa índole, já teve duas esposas, ambas morreram. Um, o primeiro, era de família simples e lhe deixou uma filha, também simples. Ela já era comigo uma menina de vinte e quatro anos e morava com o pai junto com a tia, irmã da falecida mãe. A tia é uma simplicidade sem palavras, e a sobrinha, filha mais velha do tenente-coronel, é uma simplicidade viva. Adoro, quando me lembro, dizer uma palavra boa: nunca, minha querida, conheci uma personagem mais encantadora do que uma mulher, como esta menina, Agafya, o nome dela era - imagine só, Agafya Ivanovna. E ela não era nada má, no gosto russo - alta, rechonchuda, rechonchuda, com olhos lindos, um rosto, digamos, um tanto áspero. Ela não se casou, embora duas pessoas estivessem se casando, ela recusou e não perdeu a alegria. Eu me dava bem com ela - não desse jeito, não, aqui era limpo, mas de um jeito amigável. Afinal, muitas vezes me dava bem com as mulheres de maneira totalmente isenta de pecado e de maneira amigável. Converso com ela coisas tão francas que uau! e ela apenas ri. Muitas mulheres adoram a franqueza, veja bem, e ela também era uma menina, o que me deixou muito feliz. E aqui está outra coisa: você não poderia chamá-la de jovem. Viviam com o pai e a tia, de alguma forma humilhando-se voluntariamente, não sendo iguais ao resto da sociedade. Todos a amavam e precisavam dela, porque a costureira era nobre: ​​tinha talento, não exigia dinheiro pelos seus serviços, fazia por cortesia, mas quando davam, ela não se recusava a aceitar. . Tenente Coronel, aquele - para onde ir! O tenente-coronel foi uma das primeiras pessoas em nosso lugar. Ele viveu amplamente, hospedou toda a cidade, jantares, bailes. Quando cheguei e entrei no batalhão, começaram a falar por toda a cidade que logo a segunda filha do tenente-coronel, a mais linda das beldades, logo viria da capital para nós, e agora ela acabava de sair de um instituto da capital aristocrática . Esta segunda filha é a mesma Katerina Ivanovna, e já da segunda esposa do tenente-coronel. E esta segunda esposa, já falecida, era de uma nobre, uma espécie de grande casa de general, embora, como eu sei, ela também não trouxe nenhum dinheiro para o tenente-coronel. Então ela estava com seus parentes, e isso é tudo, a menos que houvesse alguma esperança, mas não havia nada em dinheiro. E no entanto, quando a universitária chegou (para ficar, e não para sempre), toda a nossa cidade parecia renovada, as nossas mais ilustres senhoras - duas excelentes, um coronel, e todos, todos depois deles, imediatamente participaram, arrebataram-no levantou-se, começou divertido, a rainha dos bailes, dos piqueniques, dos quadros vivos foram inventados para o benefício de algumas governantas. Estou calado, sou um bando, fugi com uma coisa naquele momento que fez a cidade toda enlouquecer. Vejo que ela me olhou de cima a baixo uma vez, era o comandante da bateria, mas eu não subi naquela hora: esqueci, dizem, de me apresentar. Aproximei-me dela um pouco mais tarde, também à noite, falei, mal olhei, franzi os lábios desdenhosos e, acho, espere, vou me vingar! Eu era o pior bourbon na maioria dos casos naquela época, e eu mesmo senti isso. O principal foi que senti que “Katenka” não era apenas uma estudante inocente, mas uma pessoa com carácter, orgulhosa e verdadeiramente virtuosa e, acima de tudo, com inteligência e educação, e eu não tinha nenhuma dessas coisas. Você acha que eu queria propor? Nada menos, eu só queria me vingar do fato de ser um cara tão bom, mas ela não sente isso. Enquanto isso, folia e caos. Finalmente, o tenente-coronel me prendeu por três dias. Foi nessa época que meu pai me mandou seis mil, depois que eu lhe enviei uma renúncia formal de tudo e de todos, ou seja, estamos “resolvidos” e não vou exigir mais nada. Eu não entendi nada então; Eu, irmão, até chegar aqui, e até os últimos dias, e talvez até hoje, não entendi nada de todas essas brigas financeiras entre meu pai e eu. Mas que se dane isso, isso vem depois. E então, tendo recebido esses seis, de repente soube por uma carta de um amigo sobre uma coisa muito curiosa para mim, a saber, que eles estavam insatisfeitos com nosso tenente-coronel, que suspeitavam que ele estivesse fora de serviço, em uma palavra, que seus inimigos estavam preparando um lanche para ele. E, de fato, o chefe da divisão chegou e nos repreendeu, valendo a pena. Então, um pouco mais tarde, ele recebeu ordem de renunciar. Não vou contar como tudo aconteceu em detalhes, ele realmente tinha inimigos, mas de repente na cidade houve um esfriamento excessivo em relação a ele e a toda a família, todos de repente pareceram desaparecer. Foi aí que surgiu a minha primeira coisa: conheci Agafya Ivanovna, com quem sempre mantive amizade, e disse: “Mas papai não tem quatro mil e quinhentos rublos em dinheiro do governo”. “O que você está dizendo, por que está dizendo isso? Recentemente o general esteve lá, todo mundo estava lá”... “Antes estavam, mas agora não estão.” Ela estava terrivelmente assustada: “Por favor, não me assuste, de quem você teve notícias?” “Não se preocupe, eu digo, não vou contar a ninguém, e você sabe que estou muito sério sobre isso, mas é isso que eu queria acrescentar a você sobre isso, também na forma, por assim dizer , de “qualquer caso” para acrescentar: quando exigem do pai quatro mil e quinhentos, mas ele não aceita, então por que levá-lo a julgamento e depois se tornar soldado na velhice, então é melhor você mandar me seu instituto secretamente, eles acabaram de me enviar o dinheiro, provavelmente darei a ela quatro mil, vou me foder e manterei o segredo sagrado. “Oh, que canalha você é”, diz ele! (foi o que ela disse) - que malvado você é, ela diz, um canalha! Como você ousa! Ela saiu com terrível indignação e eu gritei novamente para ela que o segredo seria guardado de forma sagrada e inviolável. Essas duas mulheres, ou seja, Agafya e sua tia, direi mais adiante, revelaram-se puros anjos em toda essa história, e adoravam verdadeiramente essa orgulhosa irmã Katya, humilhavam-se diante dela, eram suas criadas... Só Agafya essa coisa, então- Se tivermos uma conversa, passe para ela. Mais tarde, reconheci tudo como a palma da minha mão. Ela não escondeu, bem, mas é claro que era disso que eu precisava.

De repente, um novo major chega para receber o batalhão. Aceita. O velho tenente-coronel adoece repentinamente, não consegue se mover, fica dois dias em casa, não entrega dinheiro do governo. Nosso médico Kravchenko garantiu que estava muito doente. Só isso é o que eu sabia em segredo, e até há muito tempo: que o valor, quando era revisado pelos seus superiores, todas as vezes depois disso, e isso já faz quatro anos consecutivos, desapareceu por um tempo. O tenente-coronel emprestou-o ao mais fiel, o nosso comerciante, um velho viúvo. Trifonov, um homem barbudo com óculos dourados. Ele vai à feira, faz o que precisa fazer lá e imediatamente devolve o dinheiro intacto ao tenente-coronel, e ao mesmo tempo traz um presente da feira, e com os presentes, porcentagens. Só que desta vez (aprendi tudo isso por acaso com um adolescente, o filho babão de Trifonov, seu filho e herdeiro, o menino mais depravado que o mundo já produziu), desta vez, digo, Trifonov, voltando da feira, fez não devolver nada. O tenente-coronel correu até ele: “Nunca recebi nada de você e não pude receber nada”, foi a resposta. Pois bem, nosso tenente-coronel está sentado em casa, amarrou uma toalha na cabeça, estão aplicando os três pedaços de gelo em sua coroa; de repente, um mensageiro com um livro e uma ordem: “Deposite a quantia do governo, imediatamente, imediatamente, em duas horas”. Ele assinou a assinatura, depois vi essa assinatura no livro, levantou-se, disse que ia vestir o uniforme, correu para o quarto, pegou seu rifle de caça de cano duplo, carregou, rolou uma bala de soldado, pegou tirou a bota do pé direito, apoiou a arma no peito e começou a procurar o gatilho com o pé. Mas Agafya já desconfiava, lembrou-se das minhas palavras naquele momento, aproximou-se e espionou-o: invadiu, correu para ele por trás, abraçou-o, a arma disparou para o teto; ninguém ficou ferido; os outros entraram correndo, agarraram-no, tiraram-lhe a arma e seguraram-no pelas mãos... Depois aprendi tudo isto até ao fim. Eu estava sentado em casa então, era crepúsculo, e só queria sair, me vesti, penteei o cabelo, perfumei o lenço, peguei o boné, quando de repente a porta se abriu e - na minha frente, no meu apartamento, Katerina Ivanovna.

Coisas estranhas acontecem: ninguém na rua percebeu como ela caminhou em minha direção, então na cidade ela simplesmente desapareceu. Aluguei apartamento de duas funcionárias, velhinhas, elas me serviram, mulheres respeitosas, me obedeceram em tudo e, por ordem minha, as duas ficaram em silêncio, como armários de ferro fundido. Claro, entendi tudo imediatamente. Ela entrou e olhou diretamente para mim, seus olhos escuros pareciam decididos, até ousados, mas em seus lábios e ao redor de seus lábios, vejo, há indecisão.

“Minha irmã me disse que você dará quatro mil e quinhentos rublos se eu for buscá-los... para você pessoalmente.” Eu vim... me dá o dinheiro!.. - eu não aguentei, engasguei, fiquei com medo, minha voz parou, e as pontas dos meus lábios e as linhas ao redor dos meus lábios tremeram. - Alyoshka, você está ouvindo ou dormindo?

“Mitya, eu sei que você contará toda a verdade”, disse Alyosha entusiasmado.

- Vou contar mais a ela. Se toda a verdade for verdade, então foi assim, não vou me poupar. O primeiro pensamento foi Karamazovskaya. Uma vez, irmão, uma falange me mordeu, fiquei duas semanas no calor; Bom, e agora de repente, ouço, uma falange mordeu meu coração, um inseto malvado, entendeu? Eu medi com meus olhos. Você a viu? Afinal, ela é uma beleza. Não era por isso que ela era bonita naquela época. Ela era linda naquele momento porque era nobre, e eu era um canalha, porque ela estava na grandeza da sua generosidade e sacrifício pelo pai, e eu era um bicho. E agora ela depende inteiramente de mim, um bicho e um canalha, por toda parte, alma e corpo. Descrito. Vou te dizer francamente: esse pensamento, o pensamento da falange, capturou meu coração a tal ponto que quase sangrou de puro langor. Parecia que não poderia mais haver luta: apenas agir como um inseto, como uma tarântula malvada, sem nenhum arrependimento... Até me tirou o fôlego. Escute: afinal, claro, eu viria amanhã pedir sua mão para completar tudo isso da maneira mais nobre, por assim dizer, e para que ninguém, portanto, soubesse disso e não pudesse saber. Porque sou uma pessoa, embora tenha desejos baixos, mas sou honesto. E então, de repente, naquele mesmo segundo, alguém sussurrou em meu ouvido: “Mas amanhã, alguém assim, quando você vem com uma proposta de casamento, e não vem até você, mas manda o cocheiro te tirar do quintal. Jure por toda a cidade, não tenho medo de você! Olhei para a menina, minha voz não mentia: então é claro, assim será. Eles vão me expulsar, você pode julgar pelo meu rosto atual. A raiva começou a ferver em mim, tive vontade de jogar fora a coisa mais vil e porquinha de um comerciante: olhar para ela com zombaria e depois, parado na sua frente, e surpreendê-la com a entonação com que só um comerciante pode dizer:

- São quatro mil! Sim, eu estava brincando, do que você está falando? Muito credulamente, senhora, eles contaram. Provavelmente posso ganhar duzentos, mesmo com meu prazer e desejo, mas quatro mil não é o tipo de dinheiro, mocinha, para ser jogado fora com tanta frivolidade. Não havia necessidade de se preocupar.

Veja, é claro que eu teria perdido tudo, ela teria fugido, mas teria sido infernal, vingativo, e todo o resto teria valido a pena. Eu então uivaria de remorso a vida inteira, mas só agora para absorver essa coisa! Você acredita, isso nunca aconteceu comigo com nenhuma mulher, nem com uma única mulher, então naquele momento eu olhei para ela com ódio - e agora estou colocando uma cruz: olhei para esta por três ou cinco segundos com um ódio terrível - com o mesmo ódio do qual o amor, o amor mais louco, está a um fio de cabelo! Fui até a janela, encostei a testa no vidro congelado e lembro que minha testa queimava como gelo como fogo. Ele não segurou muito, não se preocupe, ele se virou, foi até a mesa, abriu a gaveta e tirou um bilhete sem nome de cinco mil e cinco por cento (eu tinha no meu vocabulário francês). Então ele silenciosamente mostrou a ela, dobrou, deu a ela, ele mesmo abriu a porta para ela no corredor e, recuando, curvou-se para ela pela cintura com a reverência mais respeitosa e sincera, acredite! Ela estremeceu toda, olhou atentamente por um segundo, ficou terrivelmente pálida, como uma toalha de mesa, e de repente, também sem dizer uma palavra, não com impulso, mas suavemente, profundamente, silenciosamente, ela se curvou toda e bem aos meus pés - com a testa no chão, não -instituto, em russo! Ela pulou e correu. Quando ela acabou, eu estava com minha espada; Peguei minha espada e tive vontade de me esfaquear ali mesmo, por quê - não sei, teria sido uma estupidez terrível, claro, mas deve ter sido de alegria. Você entende que pode se matar de outras delícias; mas não me esfaqueei, apenas beijei a espada e embainhei-a novamente - o que, entretanto, não poderia ter mencionado a você. E mesmo... Parece que agora, falando de todas as lutas, manchei um pouco para me elogiar. Mas que assim seja, que assim seja, e danem-se todos os espiões do coração humano! Aqui está todo o meu antigo “incidente” com Katerina Ivanovna. Agora, isso significa que o irmão Ivan sabe sobre ele, mas você - e isso é tudo!

Dmitry Fedorovich levantou-se, deu um passo e outro de excitação, tirou um lenço, enxugou o suor da testa e sentou-se novamente, mas não no lugar onde estava sentado antes, mas em outro lugar, no banco em frente , contra a outra parede, de modo que Aliocha teve que se virar completamente para ele.

V. Confissão de um coração caloroso. "Saltos para cima"

“Agora”, disse Alyosha, “eu conheço a primeira metade deste assunto.”

- A primeira metade você entende: isso é um drama, e aconteceu ali. O segundo tempo é uma tragédia e vai acontecer aqui.

“Ainda não entendo nada sobre o segundo tempo”, disse Alyosha.

- Quanto a mim? Eu realmente entendo?

- Espere, Dmitry, há uma palavra principal aqui. Me conta: você é noivo, noivo agora?

“Não me tornei noivo agora, mas apenas três meses depois disso. No dia seguinte, por acaso, disse a mim mesmo que o caso estava esgotado e encerrado, não haveria continuação. Fazer uma oferta de casamento me pareceu vil. De sua parte, ela morou em nossa cidade durante seis semanas depois disso - ela não deixou ninguém saber sobre si mesma. Exceto por um incidente: no dia seguinte à sua visita, a empregada deles se aproximou de mim e, sem dizer uma palavra, me entregou o pacote. O endereço na embalagem é: fulano de tal. Eu abro - o troco do ingresso é de 5.000. Foram necessários apenas quatro mil e quinhentos, mas a venda do quinto milésimo bilhete resultou em uma perda de duzentos rublos. Ela me enviou apenas duzentos e sessenta rublos, creio, não me lembro bem, e apenas dinheiro — nenhum bilhete, nenhuma palavra, nenhuma explicação. Procurei na bolsa algum tipo de sinal com um lápis - n-nada! Bem, gastei o tempo com os rublos restantes, então o novo major foi finalmente forçado a me repreender. Pois bem, o tenente-coronel entregou a soma do governo - com segurança e para surpresa de todos, porque ninguém esperava que o seu dinheiro estivesse intacto. Ele faleceu e adoeceu, adoeceu, ficou lá por três semanas, e de repente ocorreu um amolecimento no cérebro e morreu em cinco dias. Ele foi enterrado com honras militares; ainda não havia recebido sua demissão. Katerina Ivanovna, irmã e tia, tendo acabado de enterrar o pai, mudou-se para Moscou dez dias depois. E pouco antes de partir, no mesmo dia em que eles partiram (não os vi nem me despedi deles), recebi uma bolsinha, azul, de papel rendado, e nela só havia uma linha a lápis: “Eu' vou escrever para você, espere. PARA.". Isso é tudo.

Deixe-me explicar em poucas palavras. Em Moscou, seus negócios aconteceram na velocidade da luz e com a surpresa dos contos de fadas árabes. A esposa deste general, seu principal parente, perde repentinamente seus dois herdeiros mais próximos, suas duas sobrinhas mais próximas - ambas morrem de varíola na mesma semana. A velha chocada alegrou-se com Katya como se ela fosse sua própria filha, como uma estrela da salvação, atacou-a, imediatamente mudou o testamento a seu favor, mas isso é no futuro, mas por enquanto, direto em suas mãos - oitenta mil , aqui está o seu dote, faça com ele o que quiser. Mulher histérica, observei-a mais tarde em Moscou. Bem, de repente recebo quatro mil e quinhentos rublos pelo correio, é claro, estou perplexo e pasmo. Três dias depois chega a carta prometida. Ainda tenho, está sempre comigo e vou morrer com ele, quer me mostrar? Não deixe de ler: Oferecida como noiva, se oferece: “Eu amo, dizem, loucamente, mesmo que você não me ame, não importa, seja apenas meu marido. Não tenha medo - não vou te envergonhar de forma alguma, serei sua mobília, serei o tapete em que você pisa... Quero te amar para sempre, quero te salvar de você mesmo, .. Alyosha, não sou nem digno de recontar essas falas com minhas palavras vis e com meu tom vil, meu tom sempre vil, do qual nunca consegui me recuperar! Esta carta me perfurou até hoje, e é fácil para mim agora, é fácil para mim hoje? Então eu imediatamente escrevi uma resposta para ela (não havia como eu mesmo ir a Moscou). Escrevi em lágrimas; Tenho sempre vergonha de uma coisa: mencionei que ela agora é rica e tem um dote, e eu sou apenas um mendigo de bourbon - mencionei dinheiro! Eu deveria ter suportado, mas simplesmente escorregou da minha caneta. Então, ele imediatamente escreveu para Ivan em Moscou e explicou tudo para ele em uma carta, na medida do possível, a carta tinha seis folhas, e enviou Ivan para ela. O que você está olhando, o que você está olhando para mim? Bom, sim, Ivan se apaixonou por ela, está apaixonado agora, eu sei, fiz uma besteira do seu jeito, de uma forma secular, mas talvez só essa estupidez agora salve a todos nós! Uau! Você não vê como ela o honra, como ela o respeita? Como ela pode, depois de comparar nós dois, amar alguém como eu, mesmo depois de tudo o que aconteceu aqui?

“E tenho certeza de que ela ama alguém como você, e não alguém como ele.”

“Ela ama sua virtude, não eu”, Dmitry Fedorovich explodiu de repente, involuntariamente, mas quase com raiva. Ele riu, mas um segundo depois seus olhos brilharam, ele ficou vermelho e bateu na mesa com o punho.

“Eu juro, Alyosha”, ele exclamou com uma raiva terrível e sincera de si mesmo, “acredite ou não, mas assim como Deus é santo, e que Cristo é o Senhor, eu juro que, embora eu tenha sorrido agora com seus sentimentos mais elevados, eu saiba que sou um milhão de vezes mais insignificante de alma do que ela, e que seus melhores sentimentos são sinceros, como os de um anjo celestial! A tragédia é que tenho certeza disso. O que há de errado em uma pessoa recitar um pouquinho? Não estou recitando? Mas eu sou sincero, sincero. Quanto a Ivan, entendo com que maldição ele deve agora olhar para a natureza, e até com sua inteligência! Quem e o que é preferido? Dado ao monstro, que mesmo aqui, já sendo o noivo, e quando todos olhavam para ele, não conseguia conter seu comportamento desordeiro - fiz isso na frente da noiva, na frente da noiva! E alguém como eu é preferido, mas é rejeitado. Mas para quê? E porque a menina, por gratidão, quer estuprar sua vida e seu destino! Absurdo! Nunca disse nada a Ivan nesse sentido, Ivan, claro, também nunca me disse uma palavra ou a menor insinuação sobre isso; mas o destino acontecerá e o digno tomará o seu lugar, e o indigno desaparecerá para sempre no beco - em seu beco sujo, em seu beco amado e característico, e ali, na sujeira e no fedor, ele morrerá voluntariamente e com prazer. Menti sobre alguma coisa, minhas palavras estavam todas desgastadas, como se eu estivesse colocando ao acaso, mas já que decidi, que assim seja. Vou me afogar no beco e ela vai se casar com Ivan.

“Irmão, espere”, Alyosha interrompeu novamente com extrema preocupação, “afinal, há uma coisa que você ainda não me explicou: você é o noivo, afinal você é o noivo?” Como você quer terminar se ela, a noiva, não quer?

- Eu sou o noivo, formal e abençoado, tudo aconteceu em Moscou, na minha chegada, com desfile, com imagens, e da melhor forma possível. A esposa do general abençoou e, acredite, até parabenizou Katya: você escolheu, ela disse, bom, eu vejo através dele. E você acredita, ela não se apaixonou por Ivan e não o parabenizou. Em Moscou conversei muito com Katya, me descrevi para ela, com nobreza, precisão, sinceridade. Eu escutei tudo:

“Houve um constrangimento agradável,

Houve palavras ternas..."

Bem, as palavras eram orgulhosas. Ela então forçou de mim uma grande promessa de melhorar. Eu fiz uma promessa. E assim...

- O que?

- E então eu te liguei e te arrastei até aqui hoje, data de hoje - lembre-se! - para enviar você, e novamente hoje, para Katerina Ivanovna, e...

- O que?

- Para dizer a ela que nunca mais irei até ela, ele ordenou que ela se curvasse.

- Isso é possível?

“Sim, é por isso que estou mandando você em meu lugar, porque é impossível, caso contrário, como posso dizer isso a ela sozinho?”

- Onde você está indo?

- No beco.

- Então isso é para Grushenka! - Alyosha exclamou tristemente, apertando as mãos. - Será que Rakitin realmente disse a verdade? E eu pensei que você simplesmente se aproximou dela assim e acabou.

- Isso é para o noivo ir? Isso é realmente possível, especialmente com uma noiva assim e na frente das pessoas? Afinal, provavelmente tenho honra. Assim que comecei a frequentar Grushenka, imediatamente deixei de ser um noivo e uma pessoa honesta, porque entendo isso. O que você está assistindo? Você vê, primeiro de tudo eu fui bater nela. Eu descobri e agora tenho certeza que esse capitão do estado-maior, advogado do meu pai, foi entregue a Grushenka, que me deu a letra de câmbio para que ela pudesse recolhê-la, para que eu me acalmasse e terminasse. Eles queriam assustar. Mudei-me para vencer Grushenka. Eu a vi brevemente antes. Isso não surpreende. Ela sabia do velho comerciante, que agora também está doente e relaxado, mas ainda lhe deixará uma quantia significativa. Ele também sabia que adorava ganhar dinheiro, ganhava dinheiro, dava com juros maléficos, era um canalha, um canalha, sem piedade. Fui bater nela e fiquei com ela. Caiu uma trovoada, veio a peste, fiquei infectado e estou infectado desde então, e sei que tudo acabou, que nada mais vai acontecer. O ciclo dos tempos está completo. Esse é o meu negócio. E então, de repente, como que de propósito, três mil foram parar no meu bolso, de mendigo. Ela e eu somos daqui de Mokroye, fica a quarenta quilômetros daqui, temos ciganos lá, ciganos, champanhe, demos champanhe a todos os homens de lá, a todas as mulheres e meninas, e os transportamos aos milhares. Três dias depois, nu, mas falcão. O que você acha que o falcão alcançou? Ela nem demonstrou isso à distância. Estou lhe dizendo: dobre. Grushenka, a malandra, tem uma dessas curvas no corpo, que se refletia na perna, até no dedo mínimo da perna esquerda. Eu vi e beijei, mas só isso - juro! Ele diz: “Se você quiser eu me caso, porque você é um mendigo. Diga-me que você não vai me vencer e me deixar fazer o que eu quiser, então talvez eu saia”, ele ri. E agora ele ri!

Dmitry Fedorovich levantou-se quase com uma espécie de fúria; de repente ficou como se estivesse bêbado. Seus olhos de repente ficaram vermelhos.

“E você realmente quer se casar com ela?”

“Se ele quiser, ele fará na hora, mas se não quiser, eu fico assim; Serei zelador no quintal dela. Você... você, Alyosha... - ele parou de repente na frente dele e, agarrando-o pelos ombros, de repente começou a sacudi-lo com força: - mas você sabe, seu menino inocente, que tudo isso é bobagem, um disparate impensável, pois isto é uma tragédia! Descubra, Alexey, que posso ser uma pessoa baixa, com paixões baixas e perdidas, mas Dmitry Karamazov nunca pode ser um ladrão, um batedor de carteiras, um ladrão na frente. Pois bem, agora descubra que sou ladrão, sou ladrão nos bolsos e na frente! Pouco antes de eu ir bater em Grushenka, Katerina Ivanovna me ligou naquela mesma manhã e, em um segredo terrível, de modo que ninguém sabia por enquanto (não sei por que, aparentemente ela precisava), ela me pediu para ir ao cidade provincial e lá manda três mil pelo correio para Agafya Ivanovna, em Moscou, porque na cidade, para que não saibam aqui. Foi com esses três mil no bolso que acabei na casa de Grushenka, e eles os usaram para ir para Mokroe. Aí eu fingi que voei para a cidade, mas não mostrei o recibo postal para ela, falei que mandei, vou trazer o recibo, e ainda não trago, esqueci, senhor. Agora, o que você acha, hoje você vai dizer a ela: “mandaram você fazer uma reverência”, e ela vai te dizer: “E o dinheiro?” Você também pode dizer a ela: “Esta é uma pessoa baixa e voluptuosa e com sentimentos incontroláveis, uma criatura vil. Ele não mandou o seu dinheiro então, mas desperdiçou porque não resistiu como um animal baixo, mas ainda assim você poderia ter acrescentado: mas ele não é ladrão, aqui estão seus três mil, ele está mandando de volta, mande você mesmo para Agafya Ivanovna, e ele mesmo ordenou que você se curvasse. E agora de repente ela: “Onde está o dinheiro?”

- Mitya, você está infeliz, sim! Mas ainda não tanto quanto você pensa - não se mate de desespero, não mate!

- O que você acha, vou atirar em mim mesmo se não tiver dinheiro para devolver três mil? Esse é o ponto, não vou atirar em mim mesmo. Não posso fazer isso agora, talvez mais tarde, mas agora irei para Grushenka... Desaparece minha banha!

- E ela?

“Serei o marido dela, serei honrado como esposa e, se meu amante vier, irei para outro quarto.” Vou limpar as galochas sujas dos amigos dela, explodir o samovar, fazer recados...

“Katerina Ivanovna entenderá tudo”, disse Alyosha solenemente de repente, “ela compreenderá a profundidade de toda essa dor e se reconciliará”. Ela tem uma mente superior, porque é impossível ser mais infeliz do que você, ela verá por si mesma.

“Ela não vai aguentar tudo”, Mitya sorriu. “Aqui, irmão, há algo que nenhuma mulher consegue aceitar.” Você sabe qual é a melhor coisa a fazer?

- O que?

- Dê a ela três mil.

- Onde posso conseguir alguma coisa? Escute, eu tenho dois mil, o Ivan também vai dar mil, aqui estão três, pegue e devolva.

- E quando eles chegarem, seus três mil? Além disso, você também é menor de idade e é absolutamente necessário que você se despeça dela hoje, com ou sem dinheiro, porque não aguento mais, as coisas chegaram a esse ponto. Amanhã é tarde, tarde. Vou mandar você para o seu pai.

- Para seu pai?

- Sim. para seu pai antes dela. Ele tem três mil e pergunta.

- Mas ele, Mitya, não vai dar.

“Eu gostaria de poder, mas sei que ele não vai.” Você sabe, Alexey, o que significa desespero?

- Eu sei.

- Escute: legalmente ele não me deve nada. Eu escolhi tudo dele, tudo, eu sei disso. Mas moralmente ele me deve. então ou não? Afinal, ele passou dos vinte e oito mil da mãe e ganhou cem mil. Deixe-me dar apenas três mil de vinte e oito, apenas três, e ele tirará minha alma do inferno, e isso será creditado a ele por muitos pecados! Estou nesses três mil, aqui está uma ótima palavra para você - vou terminar e ele não ouvirá mais nada sobre mim. Esta é a última vez que dou a ele a chance de ser pai. Diga-lhe que o próprio Deus está lhe enviando esta oportunidade.

- Mitya, ele não vai dar por nada.

“Eu sei que ele não vai, eu sei disso perfeitamente.” E agora especialmente. Além disso, eu também sei disso: agora, outro dia, talvez ontem, ele descobriu pela primeira vez seriamente (enfatize seriamente) que Grushenka talvez não estivesse brincando e gostaria de se casar comigo. Ele conhece esse personagem, ele conhece esse gato. Pois bem, é mesmo possível que ele me dê dinheiro adicional, para contribuir para este caso, enquanto ele próprio não se lembra dela? Mas isso ainda não é suficiente, posso lhe dar ainda mais: sei que há cerca de cinco dias três mil rublos foram retirados dele, trocados por cartões de crédito de cem dólares e embalados em uma bolsa grande, sob cinco selos, e amarrado transversalmente com uma fita vermelha no topo. Você vê como sou detalhista! No pacote está escrito: “Ao meu anjo Grushenka, se ele quiser vir”, ele mesmo rabiscou, em silêncio e em segredo, e ninguém sabe que ele tem dinheiro, exceto o lacaio Smerdyakov, em cuja honestidade ele acredita como em si mesmo. Agora que ele está esperando por Grushenka há três ou quatro dias, esperando que ele venha buscar o pacote, ele a avisou e ela disse que “talvez eu vá”. Então, se ela vier para o velho, como posso casar com ela? Você entende agora por que estou sentado aqui em segredo e o que exatamente estou guardando?

- Dela?

- Dela. Foma aluga um armário dessas putas, as donas de casa locais. Foma é da nossa região, nosso ex-soldado. Ele os serve, os guarda à noite e sai para caçar perdizes durante o dia, e é para isso que ele vive. Eu me estabeleci aqui com ele; Nem ele nem as donas de casa sabem o segredo, ou seja, que eu sou o guarda daqui.

- Só Smerdyakov sabe?

- Ele está sozinho. Ele me avisará se ela for até o velho.

- Ele te contou sobre o pacote?

- Ele. O maior segredo. Mesmo Ivan não sabe sobre dinheiro nem nada. E o velho manda Ivan para Chermashnya passear por dois, três dias: um comprador apareceu em um bosque para cortar por oito mil, então o velho implora a Ivan: “ajuda, dizem, vá você mesmo” por dois , três dias, quero dizer. É ele quem quer que Grushenka venha sem ele.

“Então ele ainda está esperando por Grushenka hoje?”

- Não, ela não virá hoje, há sinais. Provavelmente não virá! - Mitya gritou de repente. “É nisso que Smerdyakov acredita.” O pai agora está bebendo, sentado à mesa com o irmão Ivan. Vá, Alexey, peça a ele esses três mil...

- Mitya, querido, o que há de errado com você! - exclamou Alyosha, saltando da cadeira e olhando para o frenético Dmitry Fedorovich. Por um momento ele pensou que estava louco.

- O que você? “Não estou louco”, disse Dmitry Fedorovich, olhando atentamente e até de alguma forma solenemente. “Não se preocupe, estou mandando você para o seu pai e sei o que estou dizendo: acredito em um milagre.”

- Um milagre?

- O milagre da providência de Deus. Deus conhece meu coração, Ele vê todo o meu desespero. Ele vê a imagem completa. Ele realmente permitirá que o horror aconteça? Alyosha, eu acredito em um milagre, vá!

- Eu vou. Diga-me, você vai esperar aqui?

“Vou, entendo que não será logo, que não posso vir assim e bater!” Ele está bêbado agora. Vou esperar três horas, e quatro, e cinco, e seis, e sete, mas saiba que hoje, ainda à meia-noite, você aparecerá para Katerina Ivanovna, com ou sem dinheiro, e dirá: Eu mandei você se curvar. Quero precisamente que você diga este versículo: “ele ordenou que se curvassem”.

- Mitya! E se Grushenka vier hoje... não hoje, amanhã ou depois de amanhã?

- Grushenka? Vou dar uma olhada, entrar e interferir...

- E se...

- Se for assim, eu mato você. Eu não vou sobreviver a isso.

-Quem você vai matar?

- Velho. Eu não vou matá-la.

- Irmão, o que você está dizendo!

“Não sei, não sei... Talvez eu não mate, ou talvez mate.” Tenho medo de que ele de repente se torne meu rosto odiado naquele exato momento. Odeio seu pomo de adão, seu nariz, seus olhos, sua zombaria desavergonhada. Sinto repulsa pessoal. É disso que tenho medo. Então não consigo resistir...

- Eu vou, Mitya. Acredito que Deus providenciará tudo como Ele sabe melhor, para que não haja horror.

- E vou sentar e esperar um milagre. Mas se isso não acontecer, então...

Alyosha foi pensativamente até seu pai.

VI. Smerdiakov

Na verdade, ele encontrou seu pai à mesa. A mesa, como sempre, estava posta no hall, embora na casa também houvesse uma verdadeira sala de jantar. Este salão era o maior cômodo da casa, mobiliado com alguma pretensão antiga. A mobília era antiga, branca, com estofamento vermelho, surrado e semi-seda. Nos espaços entre as janelas havia espelhos em molduras elaboradas com entalhes antigos, também brancos e dourados. Nas paredes, forradas com papel branco e em muitos pontos com papel de parede já rachado, havia dois grandes retratos - um de algum príncipe, que há cerca de trinta anos era governador-geral da região local, e de algum bispo, que também havia morreu há muito tempo. No canto frontal havia vários ícones, em frente aos quais uma lâmpada era acesa à noite... não tanto por reverência, mas para que a sala ficasse iluminada à noite. Fyodor Pavlovich ia para a cama muito tarde da noite, por volta das três ou quatro da manhã, e até então tudo acontecia, andando pelo quarto ou sentado numa poltrona e pensando. Tornei isso um hábito. Muitas vezes ele passava a noite completamente sozinho em casa, mandando os criados para o anexo, mas na maioria das vezes seu criado Smerdyakov ficava com ele à noite, dormindo em um banco no corredor. Quando Aliócha entrou, o jantar já estava terminado, mas a geleia e o café já haviam sido servidos. Fyodor Pavlovich adorava doces com conhaque depois do jantar. Ivan Fedorovich estava ali mesmo à mesa e também tomava café. Os criados Grigory e Smerdyakov estavam à mesa. Tanto os senhores como os servos estavam em uma animação visível e incomumente alegre. Fyodor Pavlovich riu alto e riu; Alyosha ouviu sua risada estridente, tão familiar para ele antes, vinda do corredor, e imediatamente concluiu, pelos sons das risadas, que seu pai ainda estava longe de estar bêbado, mas por enquanto estava apenas de bom humor.

- Aqui está ele, aqui está ele! - gritou Fyodor Pavlovich, de repente terrivelmente feliz com Alyosha. - Junte-se a nós, sente-se, tome um café - rápido, afinal, rápido, mas quente e gostoso! Não estou te convidando para um conhaque, você está jejuando, mas você quer, você quer? Não, prefiro lhe dar um pouco de licor, nobre! - Smerdyakov, vá até o armário, na segunda prateleira à direita, aqui estão as chaves, anda logo!

Alyosha começou a recusar bebidas alcoólicas.

“De qualquer forma, eles servirão não para você, mas para nós”, sorriu Fyodor Pavlovich. - Espera, você almoçou ou não?

“Almocei”, disse Aliocha, que, na verdade, só comeu um pedaço de pão e bebeu um copo de kvass na cozinha do abade. - Então tomarei café quente com prazer.

- Bonitinho! Bom trabalho! Ele vai tomar café. Devo aquecê-lo? Não, e agora está fervendo. Café nobre, Smerdyakovsky. Para o café e para os kulebyaks, tenho Smerdyakov como artista, e também para o ouvido, na verdade. Um dia chega ao seu ouvido, me avise com antecedência... Mas espere, espere, eu não acabei de dizer para você morar com colchão e travesseiros hoje? Você trouxe um colchão? hehehehehe!..

“Não, eu não trouxe”, Alyosha sorriu.

- Ah, você estava com medo, você estava com medo agora há pouco, você estava com medo? Oh, minha querida, como eu poderia ofendê-la? Escute, Ivan, não consigo vê-lo olhando nos olhos e rindo daquele jeito, não consigo. Toda a minha barriga começa a rir dele, eu o amo! Alyoshka, posso lhe dar uma bênção paterna. Alyosha levantou-se, mas Fyodor Pavlovich conseguiu mudar de ideia.

- Não, não, vou só te cruzar agora, sem mais nem menos, sente-se. Bem, agora você vai se divertir e falar sobre o seu assunto. Você vai rir. Nosso burro de Valaam falou, e como fala, como fala!

O burro de Valaam era o lacaio Smerdyakov. O homem ainda era jovem, tinha apenas vinte e quatro anos, era terrivelmente insociável e silencioso. Não que ele fosse selvagem ou tivesse vergonha de alguma coisa, não, pelo contrário, ele tinha um caráter arrogante e parecia desprezar a todos. Mas é impossível passar sem dizer pelo menos duas palavras sobre ele, e agora. Marfa Ignatievna e Grigory Vasilyevich o criaram, mas o menino cresceu “sem nenhuma gratidão”, como Grigory disse sobre ele, um menino selvagem e olhando para a luz do canto. Quando criança, ele adorava enforcar gatos e depois enterrá-los com cerimônia. Para isso vestiu um lençol, que parecia um manto, e cantou e agitou algo sobre o gato morto, como se estivesse queimando incenso. Tudo isso às escondidas, no maior sigilo. Grigory um dia o pegou neste exercício e o puniu dolorosamente com uma vara. Ele foi para um canto e olhou de soslaio por uma semana. “Ele não ama você e eu, esse monstro”, disse Grigory a Marfa Ignatievna, “e não ama ninguém. “Você é realmente um ser humano”, ele de repente se virou diretamente para Smerdyakov, “você não é um ser humano, você ficou com catarro de banheiro, é isso que você é”... Smerdyakov, como descobri mais tarde, poderia nunca o perdoe por essas palavras. Gregório ensinou-o a ler e a escrever e, aos doze anos, começou a ensinar-lhe história sagrada. Mas o assunto terminou imediatamente em nada. Um dia, logo no segundo ou terceiro período, o menino sorriu de repente.

-O que você está fazendo? - Grigory perguntou, olhando para ele ameaçadoramente por baixo dos óculos.

- Nada, senhor. Deus criou a luz no primeiro dia, e o sol, a lua e as estrelas no quarto dia. De onde brilhou a luz no primeiro dia?

Grigory ficou pasmo. O menino olhou zombeteiramente para a professora. Havia até algo arrogante em seu olhar. Grigory não aguentou. “E é daí que vem!” ele gritou e bateu furiosamente na bochecha do aluno. O menino suportou a bofetada sem dizer uma palavra, mas voltou a esconder-se num canto durante vários dias. Acontece que uma semana depois ele sofreu pela primeira vez na vida uma doença que não o abandonou para o resto da vida. Ao saber disso, Fyodor Pavlovich pareceu mudar repentinamente sua visão do menino. Antes ele olhava para ele com certa indiferença, embora nunca o repreendesse e quando o conhecia sempre lhe dava um lindo centavo. De bom humor, às vezes mandava algo doce da mesa para o menino. Mas aí, ao saber da doença, começou decididamente a cuidar dele, convidou um médico, começou a tratá-lo, mas descobriu-se que era impossível curá-lo. Em média, as convulsões ocorreram uma vez por mês e em horários diferentes. As convulsões também variaram em intensidade – algumas eram leves, outras muito graves. Fyodor Pavlovich proibiu estritamente Grigory de punir corporalmente o menino e começou a deixá-lo subir. Eu também proibi ensinar qualquer coisa a ele por enquanto. Mas uma vez, quando o menino já tinha quinze anos, Fyodor Pavlovich percebeu que ele perambulava pelo armário com livros e lia seus títulos através do vidro. Fyodor Pavlovich tinha alguns livros, centenas de volumes, mas ninguém jamais o vira lendo um livro. Ele imediatamente entregou a chave do armário a Smerdyakov: “Bem, leia, você será um bibliotecário, em vez de ficar no quintal, sente-se e leia. Leia este”, e Fyodor Pavlovich o levou para passear em Noites em uma Fazenda perto de Dikanka.

O pequeno leu, mas ficou insatisfeito, não sorriu nenhuma vez, pelo contrário, terminou franzindo a testa.

- Bem? Não é engraçado? - perguntou Fyodor Pavlovich. Smerdiakov ficou em silêncio.

- Responda-me, idiota.

“Tudo foi escrito sobre mentiras”, murmurou Smerdyakov, sorrindo.

- Bem, dê o fora, sua alma lacaia. Espere, aqui está a História Geral de Smaragdov, é tudo verdade, leia.

Mas Smerdyakov não leu nem dez páginas de Smaragdov, parecia chato; E então a estante fechou novamente. Rapidamente, Marfa e Grigory relataram a Fyodor Pavlovich que, aos poucos, uma espécie de desgosto terrível apareceu de repente em Smerdyakov: ele se senta à sopa, pega uma colher e olha e procura na sopa, se abaixa, olha, pega uma colher e leva-a até à luz.

- Uma barata ou o quê? - Grigory perguntaria.

“Uma mosca, talvez”, notará Martha.

O jovem limpo nunca respondia, mas acontecia o mesmo com o pão, e com a carne, e com todos os pratos: ele levantava um pedaço no garfo para a luz, examinava-o como se fosse um microscópio, demorava muito para decidir e finalmente decidir colocá-lo na boca. “Olha, que garotinho apareceu,” Grigory murmurou olhando para ele. Fyodor Pavlovich, tendo ouvido falar da nova qualidade de Smerdyakov, decidiu imediatamente que deveria ser cozinheiro e enviou-o para estudar em Moscou. Ele passou vários anos estudando e voltou com o rosto muito mudado. De repente, ele envelheceu de maneira incomum, completamente desproporcional à idade, murchou, ficou amarelo e começou a parecer um eunuco. Moralmente, ele voltou quase como antes de partir para Moscou: ainda era insociável e não sentia a menor necessidade da companhia de ninguém. Mesmo em Moscou, como relataram mais tarde, ele permaneceu em silêncio; A própria Moscou de alguma forma o interessou muito pouco, então ele apenas reconheceu algo nela e não prestou atenção a todo o resto. Até fui ao teatro uma vez, mas voltei silenciosamente e com desagrado. Mas ele veio de Moscou para nós com um bom vestido, sobrecasaca e cueca limpas, limpava com muito cuidado o vestido com uma escova, invariavelmente duas vezes por dia, e adorava limpar suas botas elegantes e fofas com um esmalte inglês especial para que brilhassem como um espelho. Ele acabou por ser um excelente cozinheiro. Fyodor Pavlovich deu-lhe um salário, e Smerdyakov usou quase todo esse salário em roupas, batom, perfume e assim por diante. Mas ele parecia desprezar o sexo feminino tanto quanto desprezava o sexo masculino, e se comportava de maneira calma, quase inacessível, com eles. Fyodor Pavlovich começou a olhar para ele de um ponto de vista ligeiramente diferente. O fato é que os ataques de sua doença epiléptica se intensificaram e naquela época a comida era preparada por Marfa Ignatievna, o que não fazia nada bem para Fyodor Pavlovich.

- Por que você tem convulsões com mais frequência? - Ele às vezes olhava de soslaio para o novo cozinheiro, olhando em seu rosto. - Pelo menos você casaria com alguém, quer uma esposa?..

Mas Smerdyakov apenas empalideceu de aborrecimento com esses discursos, mas não respondeu nada. Fyodor Pavlovich afastou-se, acenando com a mão. O principal é que ele estava confiante em sua honestidade, e isso de uma vez por todas, que não pegaria nem roubaria nada. Uma vez aconteceu que Fyodor Pavlovich, bêbado, jogou na lama de seu próprio quintal três pedaços de papel com as cores do arco-íris que acabara de receber e não os encontrou no dia seguinte: ele tinha acabado de correr para olhar nos bolsos e, de repente, todos os três os da cor do arco-íris já estavam em sua mesa. Onde? Smerdyakov pegou e trouxe ontem. “Bem, irmão, nunca vi ninguém como você”, retrucou Fyodor Pavlovich e deu-lhe dez rublos. Deve-se acrescentar que ele não apenas confiava em sua honestidade, mas por alguma razão até o amava, embora o sujeito o olhasse com tanta desconfiança quanto olhava para os outros e permanecesse em silêncio. Ele raramente falava. Se naquele momento alguém tivesse decidido perguntar, olhando para ele, o que esse cara está interessado e o que mais lhe passa pela cabeça, então seria impossível decidir olhando para ele. E mesmo assim, às vezes, em casa, ou mesmo no quintal ou na rua, ele parava, pensava e ficava ali parado dez minutos seguidos. Um fisionomista, olhando para ele, diria que não há pensamento ou pensamento aqui. e então algum tipo de contemplação. O pintor Kramskoy tem uma pintura maravilhosa chamada O Contemplador: ela retrata uma floresta no inverno, e na floresta, na estrada, com um cafetã esfarrapado e sapatos bastões, um camponês fica sozinho, vagando na mais profunda solidão, de pé e aparentemente perdido em pensamentos, mas não pensa e “contempla” algo. Se você o empurrasse, ele estremeceria e olharia para você como se estivesse acordando, mas sem entender nada. É verdade que ele teria acordado agora, mas se lhe perguntassem o que ele estava parado e pensando, ele provavelmente não se lembraria de nada, mas provavelmente teria abrigado dentro de si a impressão que teve durante sua contemplação. Essas impressões lhe são caras, e provavelmente ele as acumula, imperceptivelmente e sem nem perceber - por que e por que, claro, ele também não sabe: talvez de repente, tendo acumulado impressões ao longo de muitos anos, ele deixe tudo e vá a Jerusalém para vagar e se salvar, e talvez minha aldeia natal pegue fogo repentinamente, ou talvez ambos aconteçam juntos. Existem algumas pessoas que são contemplativas. Smerdyakov foi provavelmente um desses contempladores, e provavelmente também acumulou suas impressões avidamente, quase sem saber por quê.

VII. Controvérsia

Mas a jumenta de Balaão falou de repente. O assunto era estranho: pela manhã, Grigory, pegando mercadorias na loja do comerciante Lukyanov, ouviu falar dele sobre um soldado russo, que ele, em algum lugar distante da fronteira, entre os asiáticos, foi capturado por eles e foi forçado por sob medo da morte dolorosa e imediata, renunciou ao cristianismo e converteu-se ao islamismo, não aceitou mudar de fé e aceitou o tormento, deixou-se esfolar e morrer, glorificando e louvando a Cristo - feito esse que foi publicado justamente no jornal recebido dia. Gregory começou a falar sobre isso à mesa. Fyodor Pavlovich adorava antes, sempre depois da mesa, na sobremesa, rir e conversar, pelo menos até com Grigory. Desta vez eu estava com um humor leve e agradavelmente relaxado. Bebendo conhaque e ouvindo as notícias, ele percebeu que tal soldado deveria ser santificado imediatamente e sua pessoa esfolada deveria ser levada para algum mosteiro: “O povo receberá uma chuva de dinheiro”. Grigory estremeceu ao ver que Fyodor Pavlovich não ficou nem um pouco comovido, mas, por hábito, começou a blasfemar. Quando de repente Smerdyakov, parado na porta, sorriu. Muitas vezes Smerdyakov tinha permissão para ficar à mesa antes, ou seja, no final do jantar. Desde o momento em que Ivan Fedorovich chegou à nossa cidade, ele começou a aparecer para jantar quase todas as vezes.

- O que você está fazendo? - perguntou Fyodor Pavlovich, percebendo instantaneamente o sorriso e percebendo, é claro, que se referia a Grigory.

“E o que estou falando, senhor”, Smerdyakov falou de repente em voz alta e inesperadamente, “é que se o feito desse louvável soldado fosse muito grande, senhor, então, novamente, em minha opinião, não haveria pecado, mesmo se ele recusasse. ”por este acidente, do nome de Cristo e do seu próprio batismo, salvando assim a sua vida pelas boas ações, com as quais ao longo dos anos pôde expiar a covardia.

- Como pode não haver pecado? “Você está mentindo, por isso você irá direto para o inferno e lá eles vão te assar como cordeiro”, Fyodor Pavlovich pegou.

E foi então que Alyosha entrou. Fyodor Pavlovich, como vimos, estava extremamente feliz com Alyosha.

- No seu tema, no seu tema! - ele riu alegremente, sentando Alyosha para ouvir.

“Quanto ao cordeiro, isso não é verdade, senhor, e nada acontecerá com ele, senhor, e não deveria existir tal coisa, com toda a justiça”, observou Smerdyakov gravemente.

“Com toda a justiça”, gritou Fyodor Pavlovich com ainda mais alegria, cutucando Alyosha com o joelho.

- Ele é um canalha, é isso que ele é! - Gregory explodiu de repente. Ele olhou Smerdyakov diretamente nos olhos com raiva.

“Sobre o canalha, senhor, Grigory Vasilyevich”, refletiu Smerdyakov com calma e moderação, “mas é melhor julgar por si mesmo que desde que fui capturado pelos algozes da raça cristã e eles exigiram que eu amaldiçoasse o nome de Deus e recusasse meu santo batismo , então estou totalmente autorizado a fazer isso por minha própria razão, pois não haverá pecado aqui.

- Sim, você já disse, não descreva, mas prove! - gritou Fyodor Pavlovich.

- Irmão! - Grigory sussurrou com desdém.

“Sobre o fabricante de caldo também, espere e julgue por si mesmo sem xingar, Grigory Vasilyevich.” Pois assim que eu digo aos algozes: “Não, eu não sou cristão e amaldiçoo meu verdadeiro Deus”, então imediatamente, pelo mais alto tribunal divino, eu imediatamente e especificamente me torno amaldiçoado por anátema e o santo é excomungado da igreja completamente como se fosse um estrangeiro, mesmo que num momento, senhor, - não apenas assim que eu proferir isso, mas assim que penso em pronunciá-lo, de modo que nem um quarto de segundo passe, senhor, antes Estou excomungado - de uma forma ou de outra, Grigory Vasilyevich?

Ele se voltou para Grigory com visível prazer, respondendo essencialmente apenas às perguntas de Fyodor Pavlovich e compreendendo isso muito bem, mas fingindo deliberadamente que Grigory parecia estar lhe fazendo essas perguntas.

- Ivan! - Fyodor Pavlovich gritou de repente, “incline-se para o meu ouvido”. Ele arranjou tudo isso para você, ele quer que você o elogie. Você elogia.

Ivan Fedorovich ouviu com muita seriedade a mensagem entusiástica de seu pai.

“Pare, Smerdyakov, fique em silêncio um pouco”, gritou Fyodor Pavlovich novamente: “Ivan, incline-se novamente para o meu ouvido”. Ivan Fedorovich curvou-se novamente com o olhar mais sério.

- Eu te amo assim como Alyoshka. Não pense que eu não te amo. Conhaque?

- Dê. “No entanto, você está muito ocupado”, Ivan Fedorovich olhou atentamente para o pai. Ele observou Smerdyakov com extrema curiosidade.

“Você é um anátema mesmo agora”, Gregory explodiu de repente, “e como você, seu canalha, pode ousar raciocinar depois disso, se...

- Não xingue, Grigory, não xingue! - Fyodor Pavlovich interrompeu.

- Espere, Grigory Vasilyevich, pelo menos um pouco, senhor, e ouça mais, porque ainda não terminei tudo. Portanto, no exato momento em que sou imediatamente amaldiçoado por Deus, senhor, naquele momento mais elevado, senhor, já me tornei, por assim dizer, um estrangeiro, e meu batismo é removido de mim e imputado a nada, é que então? pelo menos isso, senhor?

“Conclua, irmão, rapidamente, conclua”, apressou-se Fyodor Pavlovich, tomando um gole de seu copo com prazer.

- E se não sou mais cristão, significa que não menti aos algozes quando perguntaram: “Sou cristão ou não cristão”, pois já fui seduzido pelo próprio Deus do meu cristianismo, devido apenas a um plano e antes mesmo que uma palavra pudesse ser dita, diga uma palavra aos algozes. E se já fui rebaixado, então de que maneira e com que justiça me perguntarão no outro mundo, como cristão, pelo fato de ter negado a Cristo, enquanto tinha apenas um pensamento, mesmo antes da renúncia, Eu já fui batizado seduzido? Se não sou mais cristão, não posso renunciar a Cristo, pois então não terei nada a que renunciar. Quem vai perguntar ao imundo tártaro Grigory Vasilyevich, mesmo no céu, pelo fato de ele não ter nascido cristão, e quem vai puni-lo por isso, raciocinando que não se pode arrancar duas peles de um boi. E mesmo que o próprio Deus Todo-Poderoso pergunte ao tártaro quando ele vai morrer, acho que será um castigo muito pequeno (já que é impossível não puni-lo de forma alguma), tendo raciocinado que não é culpa dele que se de pais imundos para imundo passou a existir. O Senhor Deus não pode pegar um tártaro à força e dizer sobre ele que ele era cristão? Afinal, isso significaria que o Senhor Todo-Poderoso contaria uma mentira completa. Mas pode o Senhor Todo-Poderoso do céu e da terra mentir, mesmo que seja com apenas uma palavra?

Grigory ficou pasmo e olhou para o orador com os olhos arregalados. Embora não entendesse bem o que diziam, de repente ele entendeu algo de todo esse lixo e parou com o olhar de um homem que de repente bateu com a testa na parede. Fyodor Pavlovich terminou o copo e caiu na gargalhada.

- Alyoshka, Alyoshka, como é! Ah, seu casuísta! Foi ele quem esteve com os jesuítas em algum lugar, Ivan. Oh, seu jesuíta fedorento; quem te ensinou? Mas só você mente, casuísta, mente, mente e mente. Não chore, Gregory, vamos transformá-lo em fumaça e poeira em um minuto. Diga-me uma coisa, burro: você pode estar certo diante de seus algozes, mas você mesmo ainda renunciou à sua fé e você mesmo diz que naquela mesma hora você foi amaldiçoado com anátema, e se você fosse anátema, então você não haverá tapinha em a cabeça no inferno por esse anátema. O que você acha disso, meu lindo jesuíta?

“Não há dúvida, senhor, de que neguei a mim mesmo, mas ainda assim não houve nenhum pecado especial aqui, senhor, e se houve um pecado, foi um pecado muito comum, senhor.”

- Que coisa comum, senhor!

“Você está mentindo, maldito,” Grigory sibilou.

“Julgue por si mesmo, Grigory Vasilyevich”, continuou Smerdyakov de maneira uniforme e serena, reconhecendo a vitória, mas como se fosse generoso com seu inimigo derrotado, “Julgue por si mesmo, Grigory Vasilyevich: afinal, é dito nas escrituras que se você tiver tenha fé até mesmo no menor grão e então diga a esta montanha para se mover para o mar, então ela comerá sem demora, ao seu primeiro pedido. Bem, Grigory Vasilyevich, se eu sou um incrédulo, e você é tão crente que até me repreende constantemente, então tente você mesmo contar esta montanha, não apenas no mar (porque o mar está longe daqui, senhor), mas pelo menos deslizou para o nosso rio fedorento, é isso que corre atrás do nosso jardim, você verá por si mesmo naquele exato momento que nada se moverá, senhor, e tudo permanecerá na mesma ordem e integridade, não importa o quanto você grite, senhor. E isso significa que você, Grigory Vasilyevich, não acredita da maneira adequada, mas apenas repreende os outros por isso de todas as maneiras possíveis. Mais uma vez, tendo em conta que ninguém no nosso tempo, não só você, mas absolutamente ninguém, mesmo das pessoas mais importantes até ao último camponês, senhor, será capaz de empurrar montanhas para o mar, excepto talvez um povo no toda a terra, existem muitos dois, e mesmo assim talvez em algum lugar no deserto egípcio eles sejam salvos em segredo, de modo que você não os encontrará - então, se for assim, senhor, se todos os outros se declararem incrédulos, então realmente todos estes outros, isto é, a população de toda a terra, senhor, exceto alguns daqueles dois eremitas, o Senhor amaldiçoará e, com a Sua misericórdia, tão conhecida, não perdoará nenhum deles? E, portanto, espero que, tendo duvidado uma vez, seja perdoado quando derramar lágrimas de arrependimento.

- Parar! - gritou Fyodor Pavlovich na apoteose do deleite: - então dois deles que podem mover montanhas, você ainda acha que eles existem? Ivan, corte a linha, escreva: todo o povo russo deu a sua opinião aqui!

“Você notou com razão que esta é uma característica popular na fé”, concordou Ivan Fedorovich com um sorriso de aprovação.

- Você concorda! Então, sim, se você concorda! Alyoshka, não é verdade? Afinal, esta é uma fé totalmente russa?

“Não, a fé de Smerdyakov não é russa”, disse Alyosha com seriedade e firmeza.

“Não estou falando da fé dele, estou falando dessa característica, desses dois eremitas, dessa única característica: afinal, está em russo, em russo?

“Sim, essa característica é completamente russa”, sorriu Alyosha.

“Sua palavra vale uma moeda de ouro, burro, e vou mandar para você hoje, mas senão você ainda está mentindo, mentindo e mentindo: saiba, idiota, que aqui todos nós simplesmente não acreditamos por frivolidade, porque não temos tempo: em primeiro lugar, as coisas levaram a melhor sobre mim, e em segundo lugar, Deus me deu pouco tempo, ele reservou apenas vinte e quatro horas por dia, então não havia tempo para dormir, não apenas para se arrepender. E você renunciou ali diante dos algozes, quando não tinha mais nada em que pensar, como a fé, e quando exatamente teve que mostrar sua fé! Então, irmão, é isso que eu penso?

- Faz as pazes, mas julgue por si mesmo, Grigory Vasilyevich, o que torna tudo mais fácil é que faz as pazes. Afinal, se eu tivesse acreditado na própria verdade, como se deveria acreditar, então teria sido realmente um pecado se eu não tivesse aceitado o tormento pela minha fé e me convertido à imunda fé muçulmana. Mas então não teria chegado ao tormento, senhor, então se naquele exato momento eu tivesse dito a esta montanha: mova-se e suprima o algoz, então ela teria se movido e naquele exato momento o esmagado como uma barata, e Eu teria ido embora como se nada tivesse acontecido, cantando e louvando a Deus. E se naquele exato momento eu tentasse tudo isso e gritasse deliberadamente para esta montanha: suprima esses algozes, mas ela não esmagou, então como você pode me dizer, eu não teria duvidado naquele momento, e mesmo em uma hora tão terrível da morte, grande medo? E sem isso eu já sei que não alcançarei totalmente o reino dos céus (pois a montanha não se moveu de acordo com a minha palavra, o que significa que eles realmente não acreditam na minha fé lá, e nenhuma recompensa muito grande me espera no próximo mundo), por que estou em cima disso, e sem nenhum benefício, vou me deixar esfolar? Pois mesmo que metade da minha pele já tivesse sido arrancada das minhas costas, mesmo assim esta montanha não teria se movido com a minha palavra ou choro. Sim, em tal momento não só pode surgir a confusão, mas mesmo por causa do medo e da própria razão, a pessoa pode tomar uma decisão, de modo que será completamente impossível raciocinar. Então, por que eu seria especialmente culpado aqui se, não vendo meu próprio benefício ou recompensa aqui ou ali, pelo menos eu poderia pelo menos salvar minha própria pele? E por isso, tendo grande confiança na misericórdia do Senhor, nutri-me a esperança de que serei completamente perdoado, senhor...

VIII. Para conhaque

A discussão acabou, mas, estranhamente, Fyodor Pavlovich, que estava tão divertido, de repente franziu a testa no final. Ele franziu a testa e tomou um gole de conhaque, que já era um copo a mais.

“Saiam, jesuítas”, gritou aos criados. - Vamos, Smerdiakov. Hoje vou mandar os chervonets prometidos e você vai. Não chore, Gregory, vá até Martha, ela vai te consolar e te fazer dormir. Eles não deixam os patifes ficarem em silêncio depois do jantar”, ele retrucou de repente, irritado quando os criados saíram imediatamente sob suas ordens. "Smerdyakov vem aqui todas as vezes no jantar agora, ele está tão curioso sobre você, o que você fez para agradá-lo tanto?" - acrescentou a Ivan Fedorovich.

“Absolutamente nada”, respondeu ele, “ele decidiu me respeitar; Este é um lacaio e um rude. Carne avançada, porém, quando chegar a hora.

— Avançado?

“Haverá outros e melhores, mas também haverá outros assim.” Primeiro existirão essas pessoas e depois delas surgirão outras melhores.

- Quando é o prazo?

— O foguete pegará fogo, mas pode não queimar. As pessoas ainda não gostam de ouvir esses fabricantes de caldo.

“É isso, irmão, esse tipo de burro de Valaam pensa e pensa, e o diabo sabe o que ele vai inventar.”

“Ele vai acumular pensamentos”, Ivan sorriu.

“Veja, eu sei que ele não me suporta, assim como todo mundo, e você mesmo assim, embora lhe pareça que ele “decidiu respeitar você”. Alyosha ainda mais, ele despreza Alyosha. Sim, ele não rouba, é isso, ele não é fofoqueiro, fica calado, não tira cópia de casa, faz kulebyaki lindamente e, além disso, que se dane ele, para ser sincero, é isso vale a pena falar sobre ele?

- Claro, não vale a pena.

“Quanto ao que ele pensa de si mesmo, então, de modo geral, um camponês russo precisa ser açoitado.” Sempre mantive isso. Nosso cara é um vigarista, não há necessidade de sentir pena dele, e é bom que às vezes eles batam nele até agora. A terra russa é forte com bétulas. As florestas serão destruídas, as terras russas desaparecerão. Eu defendo pessoas inteligentes. Paramos de bater nos homens, por grande inteligência, mas eles continuam a se açoitar. E eles fazem isso bem. É medido com a mesma medida, será medido com a mesma medida, ou seja lá o que for... Numa palavra, será medido. E a Rússia é nojenta. Meu amigo, se você soubesse o quanto eu odeio a Rússia... isto é, não a Rússia, mas todos esses vícios... e talvez até a Rússia. Tout cela c'est de la cochonnerie. Você sabe o que eu amo? Eu adoro inteligência.

- Você bebeu um copo novamente. Isso seria suficiente para você.

“Espere, farei mais um, e mais um, e depois terminarei.” Não, espere, você me interrompeu. Em Mokroye, de passagem, perguntei a um velho, e ele me disse: “Nós realmente amamos, diz ele, mais do que qualquer outra coisa, açoitar as meninas na sentença, e damos todas as chicotadas nos rapazes. Depois disso, o mesmo, que não foi açoitado, amanhã o cara o toma como noiva, então é costume das próprias meninas, diz ele.” Como são os Marqueses de Sade? O que você quiser, é espirituoso. Devíamos ir dar uma olhada, hein? Alyoshka, você está corando? Não tenha vergonha, querido. É uma pena que eu não tenha almoçado com o abade agora há pouco e não tenha contado aos monges sobre as garotas molhadas. Alyoshka, não fique com raiva por eu ter ofendido seu abade agora há pouco. Irmão, o mal toma conta de mim. Afinal, se existe um Deus. existe, - bem, é claro, então a culpa é minha e responderei, mas se não existe, é realmente necessário ainda tê-los, seus pais? Afinal, não basta cortar-lhes a cabeça, porque retardam o desenvolvimento. Você acredita, Ivan, que isso está me atormentando em meus sentimentos? Não, você não acredita, porque posso ver em seus olhos. Você acredita nas pessoas que sou apenas uma piada. Alyosha, você acredita que não sou apenas um bufão?

“Acredito que ele não é apenas um bufão.”

“E eu acredito que você acredita e diz isso com sinceridade.” Você olha com sinceridade e fala com sinceridade. Mas Ivan não é. Ivan é arrogante... Mesmo assim, eu poria fim ao seu mosteiro. Gostaríamos de levar todo esse misticismo de uma vez por todo o território russo e aboli-lo para finalmente tornar sábios todos os tolos. E quanta prata e ouro a casa da moeda receberia!

“Por que abolir isso”, disse Ivan.

“E para que a verdade possa brilhar rapidamente, é por isso.”

“Mas se esta verdade brilhar, você será primeiro roubado e depois... abolido.”

- Bah! Mas talvez você esteja certo. “Oh, eu sou um idiota”, Fyodor Pavlovich de repente deu um pulo, batendo levemente na testa. - Bem, então deixe seu mosteiro permanecer, Alyoshka, se for esse o caso. E nós, pessoas inteligentes, nos sentaremos aquecidos e beberemos conhaque. Você sabia, Ivan, que o próprio Deus deve ter planejado isso de propósito? Ivan, diga-me: Deus existe ou não? Espere: fale alto, fale sério! Por que você está rindo de novo?

“Eu rio de como você mesmo comentou espirituosamente sobre a crença de Smerdyakov na existência de dois anciãos que podem mover montanhas.”

- É realmente o mesmo agora?

- Muito.

“Bem, isso significa que sou russo e tenho traços russos, e você, um filósofo, também pode ser percebido por seus traços da mesma maneira.” Se você quiser, eu pego. Aposto que vou pegá-lo amanhã. Mas ainda diga: Deus existe ou não? Só sério! Eu preciso disso seriamente agora.

- Não, Deus não existe.

- Alyoshka, existe um Deus?

- Existe um Deus.

- Ivan, existe imortalidade, existe algum tipo de imortalidade, pelo menos pequena, minúscula?

- Também não existe imortalidade.

- Nenhum?

- Nenhum.

- Ou seja, um zero perfeito ou algo assim. Talvez haja algo? Mesmo assim, não é nada!

- Zero perfeito.

- Alyoshka, existe imortalidade?

- Comer.

- E quanto a Deus e à imortalidade?

- Deus e a imortalidade. Em Deus há imortalidade.

- Hum. É mais provável que Ivan esteja certo. Senhor, pense só em quanta fé uma pessoa deu, quanta força ela deu para esse sonho, e isso já dura tantos milhares de anos! Quem é que ri de uma pessoa assim? Ivan? Pela última vez e de forma decisiva: Deus existe ou não? É minha última vez!

- E pela última vez, não.

-Quem ri das pessoas, Ivan?

“Droga, deve ser”, Ivan Fedorovich sorriu.

- Existe um demônio?

- Não, e não existe diabo.

- É uma pena. Droga, o que eu teria feito depois disso com aquele que primeiro inventou Deus! Não basta pendurá-lo em um álamo amargo.

“A civilização não teria existido se Deus não tivesse sido inventado.”

- Não seria? Isso é sem Deus?

- Sim. E não haveria conhaque. Mas você ainda precisa tomar o conhaque.

- Espere, espere, espere, querido, mais uma bebida. Eu insultei Aliocha. Você não está com raiva, Alexey? Caro Alekseychik, você é meu, Alekseychik!

- Não, não estou com raiva. Eu conheço seus pensamentos. Seu coração é melhor que sua cabeça.

- Meu coração é melhor que minha cabeça? Senhor, quem mais está dizendo isso? Ivan, você ama Alyoshka?

- Eu amo.

- Amor. (Fyodor Pavlovich estava muito bêbado.) - Escute, Alyosha, fui rude com o mais velho agora há pouco. Mas eu estava animado. Mas esse velho é esperto, o que você acha, Ivan?

- Talvez seja isso.

- Sim, sim, il y a du Piron la-dedans. Este é um jesuíta, russo. Como um ser nobre, essa indignação oculta ferve nele pelo fato de ter que se apresentar... para puxar o santuário sobre si mesmo.

- Mas ele acredita em Deus.

- Nem um centavo. Você não sabia? Sim, ele mesmo diz isso para todos, ou seja, não para todos, mas para todas as pessoas inteligentes que vêm. Ele disse sem rodeios ao governador Shultz: credo, mas não sei o quê.

- Realmente?

- Isso mesmo. Mas eu o respeito. Há nele algo de Mefistofélico, ou melhor, de um Herói do nosso tempo... Arbenin, ou seja lá o que for... isto é, você vê, ele é uma pessoa voluptuosa; Ele é um homem tão voluptuoso que mesmo agora eu teria medo pela minha filha, ou pela minha esposa, se fosse me confessar a ele. Você sabe como ele começa a nos contar... Há três anos ele nos convidou para tomar um chá em sua casa, com um pouco de licor (as senhoras mandam licor para ele), e quando ele começou a pintar coisas velhas, nós rasgamos a barriga... Especialmente como ele curou um paralítico. “Se minhas pernas não doessem, eu dançaria uma dança para você”, diz ele. Como é? “Já joguei bastante”, diz ele, “no meu tempo”. Ele roubou sessenta mil do comerciante Demidov.

- O quê, você roubou?

- Ele trouxe para ele como uma pessoa gentil: “Guarda, irmão, tenho uma busca amanhã”. E ele salvou. “Você doou para a igreja”, diz ele. Eu digo a ele: você é um canalha, eu digo. Não, ele diz, ele não é canalha, mas eu sou largo... Mas não é ele... É outro. Fiquei confuso com outra pessoa... e não percebi. Bem, aqui está outro copo e basta; guarde a garrafa, Ivan. Eu estava mentindo, por que você não me impediu, Ivan... e me disse que eu estava mentindo?

- Eu sabia que você iria se conter.

"Você está mentindo, é por maldade comigo, sua única maldade." Você me despreza. Você veio até mim e me despreza em minha casa.

- vou embora; Conhaque faz você entender.

“Eu pedi a você, por Cristo Deus, que fosse para Chermashnya... por um dia, por dois, mas você não vai.”

“Eu irei amanhã, se você insistir.”

- Você não vai. Você quer me espionar aqui, é isso que você quer, sua alma maligna, é por isso que você não vai?

O velho não desistiu. Ele havia chegado àquele ponto de embriaguez em que algum bêbado, até então pacífico, certamente iria querer de repente ficar com raiva e se exibir.

- Por que você está olhando para mim? Como são seus olhos? Seus olhos olham para mim e me dizem: “Você é um bêbado”. Seus olhos desconfiados, seus olhos desdenhosos... Você veio sozinho. Aqui Alyoshka olha e seus olhos brilham. Alyosha não me despreza. Alexey, não ame Ivan...

- Não fique bravo com seu irmão! “Pare de ofendê-lo”, disse Alyosha de repente com insistência.

- Bem, acho que vou. Ugh, minha cabeça dói. Guarde o conhaque, Ivan, estou dizendo isso pela terceira vez. “Ele pensou por um momento e de repente sorriu longa e maliciosamente:“ Não fique zangado, Ivan, com o cérebro velho. Eu sei que você não me ama, mas ainda assim não fique com raiva. Não há razão para me amar. Você vai para Chermashnya, eu mesmo irei até você e trarei uma guloseima. Vou te mostrar uma garota lá, já a vejo lá há muito tempo. Enquanto ela ainda está descalça. Não tenha medo das sandálias, não despreze as pérolas!..

E ele beijou sua mão.

“Para mim,” ele de repente se animou, como se tivesse ficado sóbrio por um momento, tendo acabado de chegar ao seu assunto favorito, “para mim... Oh, vocês!” Filhos, seus porquinhos, para mim... nem em toda a minha vida houve uma mulher feia, essa é a minha regra! Você consegue entender isso? Mas como você pode entender: em vez de sangue, você ainda tem leite escorrendo, você não eclodiu! De acordo com minha regra, em cada mulher você pode encontrar coisas extremamente, caramba, interessantes que você não encontrará em mais ninguém – você só precisa ser capaz de encontrá-las, é aí que está o truque! Isso é talento! Para mim movimentos não existiam: o simples fato de ela ser mulher é metade de tudo... mas como você pode entender isso! Mesmo nos Vielfilms, às vezes você encontra algo que faz você se perguntar aos outros idiotas como eles a deixaram envelhecer e ainda não perceberam! Uma sandália e um sapato devem primeiro ser surpreendidos - é assim que você deve calçá-los. Você não sabia? É preciso surpreendê-la ao ponto da admiração, ao ponto do piercing, da vergonha de que um cavalheiro assim se apaixonasse por um verme como ela. É verdadeiramente glorioso que existam e sempre existam grosseiros e barões no mundo, então sempre haverá um tal depurador, e sempre seu mestre, e isso é tudo que você precisa para a felicidade da vida! Espere... escute, Alyoshka, sempre surpreendi sua falecida mãe, só que de uma forma diferente. Nunca acariciei ela, mas de repente, quando chegar o momento, de repente vou desmoronar na frente dela, rastejando de joelhos, beijando suas pernas, e sempre, sempre vou trazê-la, lembro-me assim é agora, para uma risada tão pequena, quebradiça, sonora, não alta, nervosa, especial. Ela era a única que ela tinha. Eu sei que sempre aconteceu que sempre começou assim a doença dela, que amanhã ela vai começar a dar um grito convulso, e que essa risadinha presente não significa nenhuma delícia, bom, afinal, pelo menos é um engano e delícia. Isto é o que significa ser capaz de encontrar o seu próprio traço em tudo! Uma vez que Belyavsky, o único cara bonito aqui e um homem rico, estava atrás dela e começou a vir me ver, de repente ele está aqui e me deu um tapa na cara, e na frente dela. Então ela, que ovelha - sim, pensei que ela fosse me bater por esse tapa na cara, porque como ela atacou: “Você, ele diz, agora está espancado, espancado, você levou um tapa na cara dele! Você, ele diz, me vendeu para ele... Como ele ousou bater em você na minha frente! E não se atreva a vir até mim, nunca, nunca! Agora corra, desafie-o para um duelo”... Então eu a levei ao mosteiro por humildade, os santos padres a repreenderam. Mas Deus me livre, Alyosha, eu nunca ofendi meu filho! Só uma vez, talvez uma vez, no primeiro ano: ela rezava muito naquela época, observava principalmente as festas da Mãe de Deus, e depois me levava dela para o escritório dela. Eu penso, deixe-me tirar esse misticismo dela! “Você vê, eu digo, você vê, aqui está a sua imagem, aqui está, aqui vou tirar. Olha, você o considera um milagre, mas agora vou cuspir nele na sua frente e não vou ganhar nada por isso!...” Quando ela a viu, Senhor, pensei: ela vai matar eu agora, mas ela simplesmente deu um pulo, juntou as mãos, e de repente ela cobriu o rosto com as mãos, tremeu toda e caiu no chão... assim mesmo ela afundou... Alyosha, Alyosha! O que há de errado com você, o que há de errado com você!

O velho deu um pulo de susto. Alyosha, desde o momento em que começou a falar de sua mãe, aos poucos seu rosto começou a mudar. Ele corou, seus olhos brilharam, seus lábios tremeram... O velho bêbado cuspia saliva e não percebeu nada até aquele exato minuto quando algo muito estranho aconteceu de repente com Alyosha, e foi com ele que exatamente a mesma coisa o que acabou de acontecer aconteceu novamente. Alyosha de repente pulou da mesa, exatamente como na história de sua mãe, juntou as mãos, depois cobriu o rosto com elas, caiu como se tivesse sido derrubado em uma cadeira e de repente começou a tremer por causa de um ataque histérico repentino, tremendo e lágrimas inaudíveis. O velho ficou especialmente impressionado com a extraordinária semelhança com sua mãe.

-Ivan, Ivan! dê-lhe um pouco de água logo. É igual a ela, exatamente igual a ela, igualzinho à mãe dele naquela época! Borrife água pela boca dele, foi o que fiz com aquele. Este é ele para sua mãe, para sua mãe...” ele murmurou para Ivan.

- Sim, e minha mãe, eu acho, era a mãe dele, o que você acha? - Ivan de repente explodiu com um desprezo irado e incontrolável. O velho estremeceu com seu olhar brilhante. Mas então algo muito estranho aconteceu, ainda que por apenas um segundo: o velho realmente parecia ter a ideia de que a mãe de Aliócha também era mãe de Ivan...

- Como está sua mãe? - ele murmurou, sem entender. -O que você está fazendo? De que tipo de mãe você está falando... mas ela é... Oh, droga! Mas ela também é sua! Ah, droga! Bom, irmão, isso é um eclipse como nunca antes, desculpe, mas pensei, Ivan... He-he-he! - Ele parou. Um sorriso longo, bêbado e sem sentido se espalhou por seu rosto. E de repente, naquele exato momento, um barulho terrível e trovão foi ouvido no corredor, gritos frenéticos foram ouvidos, a porta se abriu e Dmitry Fedorovich voou para o corredor. O velho correu para Ivan com medo:

- Ele vai matar, ele vai matar! Não me entregue, não me entregue! - gritou ele, agarrando a bainha do casaco de Ivan Fedorovich.

IX. Voluptuários

Agora, seguindo Dmitry Fedorovich, Grigory e Smerdyakov correram para o corredor. Eles estavam no corredor e brigaram com ele, não o deixaram entrar (devido às instruções do próprio Fyodor Pavlovich, dadas há vários dias). Aproveitando o fato de Dmitry Fedorovich irromper no corredor, ele parou por um minuto para olhar em volta. Grigory correu ao redor da mesa, fechou em ambas as metades os corredores opostos às portas de entrada que conduziam às câmaras internas, e ficou em frente à porta fechada, abrindo os dois braços em cruz e pronto para defender a entrada, por assim dizer, para o última gota. Vendo isso, Dmitry não gritou, mas até gritou e correu para Gregory.

- Então ela está aí! Eles a esconderam lá! Vá embora, canalha! “Ele puxou Grigory, mas o empurrou. Fora de si de raiva, Dmitry balançou e atingiu Grigory com toda a força. O velho desabou como se tivesse sido derrubado e Dmitry, saltando sobre ele, arrombou a porta. Smerdyakov permaneceu no corredor, do outro lado, pálido e trêmulo, colado de perto em Fiódor Pavlovich.

“Ela está aqui”, gritou Dmitry Fedorovich, “acabei de ver como ela se virou em direção à casa, mas não a alcancei”. Onde ela está? Onde ela está?

Este grito causou uma impressão incompreensível em Fyodor Pavlovich: “Ela está aqui!” Todo o medo o deixou.

- Segure-o, segure-o! - ele gritou e correu atrás de Dmitry Fedorovich. Grigory, entretanto, levantou-se do chão, mas ainda estava como se estivesse fora de si. Ivan Fedorovich e Alyosha correram atrás do pai. Na terceira sala, ouviu-se algo caindo repentinamente no chão, quebrando-se e tilintando: era um grande vaso de vidro (não caro) sobre um pedestal de mármore, que Dmitry Fedorovich tocou ao passar correndo.

- Ataca ele! - gritou o velho. - Guarda!.. Ivan Fedorovich e Alyosha finalmente alcançaram o velho e forçaram-no a entrar no corredor.

- Por que você está perseguindo ele! Ele realmente vai te matar lá! - Ivan Fedorovich gritou com raiva para o pai.

“Vanichka, Leshechka, ela deve estar aqui, Grushenka está aqui, ele mesmo diz, viu que ela passou correndo...

Ele estava sufocando. Desta vez ele não esperava Grushenka e, de repente, a notícia de que ela estava aqui o deixou louco imediatamente. Ele estava tremendo todo, parecia ter enlouquecido.

“Mas você viu por si mesmo que ela não veio!” - Ivan gritou.

- Ou talvez por aquela entrada?

- Mas está trancada aquela entrada, e você tem a chave...

Dmitry apareceu de repente novamente no corredor. É claro que ele encontrou aquela entrada trancada e, de fato, a chave da entrada trancada estava no bolso de Fyodor Pavlovich. Todas as janelas de todos os quartos também estavam trancadas; Portanto, Grushenka não conseguia passar de lugar nenhum e não conseguia pular de lugar nenhum.

- Segure-o! - gritou Fyodor Pavlovich, acabou de ver Dmitry de novo, - ele roubou dinheiro de mim lá no quarto! - E afastando-se de Ivan, ele novamente correu para Dmitry. Mas ele ergueu as duas mãos e de repente agarrou o velho pelos dois últimos tufos de cabelo que restavam em suas têmporas, puxou-o e bateu-o no chão com um rugido. Ele conseguiu acertar o rosto do homem deitado mais duas ou três vezes com o calcanhar. O velho gemeu estridentemente. Ivan Fedorovich, embora não tão forte quanto seu irmão Dmitry, agarrou-o pelos braços e arrancou-o do velho com todas as suas forças. Alyosha também o ajudou com todas as suas forças, abraçando seu irmão pela frente.

- Louco, porque você o matou! - Ivan gritou.

- Serve nele direitinho! - Dmitry exclamou sem fôlego. “Se eu não te matei, voltarei para te matar.” Não tenha cuidado!

-Dmitri! Saia daqui agora! - Alyosha gritou imperiosamente.

- Alexei! Diga-me sozinho, só acreditarei em você: ela estava aqui agora ou não? Eu mesmo a vi quando ela passou pela cerca do beco nesta direção. Eu gritei, ela fugiu...

"Eu juro para você, ela não estava aqui e ninguém estava esperando por ela aqui!"

- Mas eu vi ela... Então ela... Vou descobrir agora onde ela está... Adeus, Alexey! Agora, nem uma palavra para Esopo sobre dinheiro, mas para Katerina Ivanovna imediatamente e sem falta: “Eu ordenei que você se curvasse, você ordenou que você se curvasse, você nos ordenou que nos curvássemos!” Apenas curve-se e curve-se! Descreva a cena para ela.

Enquanto isso, Ivan e Grigory levantaram o velho e sentaram-no numa poltrona. Seu rosto estava ensanguentado, mas ele mesmo estava na memória e ouvia ansiosamente os gritos de Dmitry. Ainda lhe parecia que Grushenka estava realmente em algum lugar da casa. Dmitry Fedorovich olhou para ele com ódio ao sair.

- Não me arrependo do seu sangue! - exclamou ele, - cuida, velho, cuida do seu sonho, porque eu também tenho um sonho! Eu mesmo te amaldiçoo e te renuncio completamente...

Ele saiu correndo da sala.

“Ela está aqui, ela está bem aqui!” Smerdyakov, Smerdyakov”, o velho ofegou de forma quase inaudível, acenando para Smerdyakov com o dedo.

“Ela não está aqui, não, seu velho maluco”, Ivan gritou para ele com raiva. - Bem, ele desmaiou! Água, toalha! Vire-se, Smerdiakov!

Smerdyakov correu em busca de água. O velho foi finalmente despido, levado para o quarto e colocado na cama. Eles amarraram uma toalha molhada em volta da cabeça dele. Enfraquecido pelo conhaque, pelas sensações fortes e pelas surras, ele instantaneamente, assim que tocou no travesseiro, fechou os olhos e esqueceu. Ivan Fedorovich e Alyosha voltaram ao salão. Smerdyakov carregava os cacos de um vaso quebrado e Grigory estava à mesa, tristemente abatido.

“Não deveria molhar seu cabelo e ir para a cama também?” Alyosha virou-se para Grigory. “Nós cuidaremos dele aqui; seu irmão bateu em você de forma terrivelmente dolorosa... na cabeça.

- Ele me desafiou! - Grigory disse sombriamente e separadamente.

“Ele até desafiou meu pai, quanto mais você!” - observou Ivan Fedorovich, torcendo a boca.

“Eu o lavei no cocho... ele me desafiou!” - Gregory repetiu.

"Droga, se eu não o tivesse arrancado, ele provavelmente o teria matado." Esopo precisa de muito? - Ivan Fedorovich sussurrou para Alyosha.

- Deus me livre! - exclamou Aliócha.

- Por que salvá-lo? - Ivan continuou no mesmo sussurro, contorcendo o rosto com raiva. - Um réptil vai comer outro réptil, e os dois vão para lá!

Aliócha estremeceu.

“É claro que não permitirei que o assassinato seja cometido, assim como não permiti agora.” Fique aqui, Alyosha, vou sair e dar uma volta no quintal, minha cabeça está começando a doer.

Alyosha foi para o quarto do pai e sentou-se atrás das telas por cerca de uma hora. O velho de repente abriu os olhos e olhou para Alyosha em silêncio por um longo tempo, aparentemente lembrando e pensando. De repente, uma excitação extraordinária apareceu em seu rosto.

“Alyosha”, ele sussurrou cautelosamente, “onde está Ivan?”

- Lá fora ele está com dor de cabeça. Ele está cuidando de nós.

- Me dá o espelho, está ali, me dá!

Alyosha entregou-lhe um pequeno espelho redondo dobrável que ficava na cômoda. O velho olhou para ele: seu nariz estava bastante inchado e havia uma mancha roxa significativa na testa, acima da sobrancelha esquerda.

- O que Ivan diz? Alyosha, querido, meu único filho, tenho medo de Ivan; Tenho mais medo do Ivan do que dele. Eu sou o único que não tem medo de você...

- Não tenha medo de Ivan. Ivan está com raiva, mas ele irá proteger você.

- Alyosha, e aquele? Ele correu para Grushenka! Querido anjo, diga-me a verdade: Grushenka estava lá agora mesmo ou não?

- Ninguém a viu. É uma farsa, não foi!

- Afinal Mitka quer casar com ela, casar com ela!

"Ela não vai se casar com ele."

“Ele não vai, não vai, não vai, não vai, não vai por nada!”, o velho animou-se alegremente, como se não pudessem lhe contar nada! mais reconfortante naquele momento. Admirado, ele agarrou a mão de Aliocha e apertou-a com força contra o coração. Até lágrimas brilharam em seus olhos. “O ícone da Mãe de Deus de que lhe falei há pouco, leve-o para você e leve-o consigo.” E eu permito que você volte para o mosteiro... eu estava brincando agora há pouco, não fique com raiva. Minha cabeça dói, Alyosha... Lesha, satisfaça meu coração, seja um anjo, diga a verdade!

- Vocês estão falando se ela estava ou não? - Alyosha disse tristemente.

“Não, não, não, eu acredito em você, mas eis o seguinte: vá você mesmo até Grushenka ou veja-a; pergunte a ela rápido, o mais rápido possível, adivinhe com seus próprios olhos: para quem ela quer ir, eu ou ele? Bunda? O que? Você pode ou não pode?

“Se eu a vir, vou perguntar a ela”, murmurou Alyosha, envergonhado.

“Não, ela não vai te contar”, interrompeu o velho, “ela é inquieta”. Ela vai começar a beijar você e dizer o que quer para você. Ela é mentirosa, é sem vergonha, não, você não pode ir até ela, não pode!

- Sim, e não vai ficar bom, pai, não vai ficar nada bom.

-Para onde ele te mandou agora há pouco, gritando: “vai” quando ele fugiu?

- Mandei para Katerina Ivanovna.

- Por dinheiro? Pedir dinheiro?

- Não, não por dinheiro.

- Ele não tem dinheiro, nem um pouco. Ouça, Alyosha, vou me deitar durante a noite e pensar sobre isso, mas por enquanto você vai. Talvez você a conheça também... Venha me ver provavelmente amanhã de manhã; talvez. Direi uma palavrinha amanhã; você vai entrar?

- Eu vou entrar.

“Se você vier, finja que veio pessoalmente, que veio nos visitar.” Não conte a ninguém que eu liguei. Não diga uma palavra ao Ivan.

- Multar.

- Adeus, anjo, você me defendeu agora há pouco, nunca esquecerei. Vou te dizer uma palavra amanhã... só preciso pensar sobre isso...

- Como você se sente agora?

“Amanhã, amanhã vou me levantar e ir, completamente saudável, completamente saudável, completamente saudável!”

Caminhando pelo quintal, Aliocha encontrou o irmão Ivan em um banco perto do portão: ele estava sentado e escrevia algo em seu caderno com um lápis. Alyosha disse a Ivan que o velho havia acordado em sua memória e foi liberado para passar a noite no mosteiro.

“Alyosha, ficaria muito feliz em conhecê-lo amanhã de manhã”, disse Ivan, levantando-se e dizendo afavelmente: “a simpatia é até completamente inesperada para Alyosha”.

“Estarei com os Khokhlakovs amanhã”, respondeu Alyosha. “Provavelmente estarei na casa de Katerina Ivanovna amanhã também, se não te encontrar agora...”

- E agora, afinal, para Katerina Ivanovna? Isso é “arco, arco”? — Ivan sorriu de repente. Aliócha ficou envergonhado.

“Parece que entendi tudo, desde as exclamações recentes e algumas das anteriores.” Dmitry provavelmente pediu para você ir até ela e dizer que ele... bem... em uma palavra, “despede-se”?

- Irmão! Como todo esse horror terminará para o pai e Dmitry? - exclamou Aliócha.

- Você não pode adivinhar com certeza. Pode não ser nada: o assunto ficará confuso. Essa mulher é uma fera. De qualquer forma, o velho deveria ser mantido em casa e Dmitry não deveria ter permissão para entrar na casa.

- Irmão, deixe-me perguntar também: cada pessoa tem realmente o direito de decidir, olhando para as outras pessoas: qual delas é digna de viver e quem não é mais digna?

- Por que interferir na decisão de mérito? Esta questão é muitas vezes resolvida no coração das pessoas, não com base no mérito, mas por outras razões, muito mais naturais. Quanto ao direito, quem não tem o direito de desejar?

- Não é a morte de outro?

- Ou até a morte? Por que mentir para si mesmo quando todas as pessoas vivem dessa maneira e talvez não possam viver de outra maneira? Você está falando sobre minhas palavras recentemente de que “dois bastardos vão comer um ao outro”? Deixe-me perguntar neste caso: você me considera, como Dmitry, capaz de derramar o sangue de Esopo, enfim, matá-lo, hein?

- Do que você está falando, Ivan! Nunca pensei nisso! Sim, e não acho que Dmitry...

“Obrigado por isso, pelo menos”, Ivan sorriu. - Saiba que sempre irei protegê-lo. Mas neste caso, deixo para mim total liberdade em meus desejos. Adeus amanhã. “Não me julgue e não me olhe como um vilão”, acrescentou com um sorriso.

Eles apertaram as mãos com força como nunca antes. Aliocha sentiu que o próprio irmão foi o primeiro a dar um passo em sua direção e que o fez por alguma coisa, certamente com alguma intenção.

X. Ambos juntos

Aliocha deixou a casa de seu pai com o espírito abatido e deprimido ainda mais do que antes, quando foi até seu pai. Sua mente também parecia fragmentada e dispersa, ao mesmo tempo que ele próprio sentia medo de unir o que estava disperso e de retirar a ideia geral de todas as dolorosas contradições que viveu naquele dia. Algo quase beirava o desespero, o que nunca havia acontecido no coração de Aliócha. Acima de tudo pairava como uma montanha, a questão principal, fatal e insolúvel: como o pai e o irmão Dmitry acabarão diante dessa mulher terrível? Agora ele próprio era uma testemunha. Ele mesmo esteve presente aqui e os viu um na frente do outro. No entanto, apenas o irmão Dmitry poderia se revelar infeliz, completa e terrivelmente infeliz: ele estava protegido por um indubitável infortúnio. Aconteceu também que havia outras pessoas a quem tudo isso dizia respeito, e talvez muito mais do que Aliocha poderia ter pensado antes. Algo até misterioso saiu. O irmão Ivan deu um passo em sua direção, o que Alyosha desejava há tanto tempo, e por alguma razão ele mesmo agora sente que ficou assustado com esse passo de reaproximação. E aquelas mulheres? É uma coisa estranha: agora mesmo ele se dirigia para Katerina Ivanovna extremamente constrangido, mas agora não sentia nenhum; pelo contrário, ele correu em sua direção, como se esperasse receber instruções dela. Mas, no entanto, era aparentemente mais difícil transmitir-lhe a ordem agora do que antes: a questão dos três mil foi finalmente decidida, e o irmão Dmitry, agora sentindo-se desonesto e já sem qualquer esperança, é claro que não iria parar mais e não antes de qualquer queda. Além disso, ele também ordenou que a cena que acabara de acontecer na casa de seu pai fosse transmitida a Katerina Ivanovna.

Já eram sete horas e já estava escurecendo quando Aliocha entrou na casa de Katerina Ivanovna, que ocupava uma casa muito espaçosa e confortável na rua Bolshaya. Alyosha sabia que ela morava com duas tias. Uma delas, porém, era apenas a tia da irmã de Agafya Ivanovna; era aquela pessoa burra da casa do pai dela que cuidava dela lá junto com a irmã quando ela vinha do instituto até lá. A outra tia era uma senhora distinta e importante de Moscou, embora fosse pobre. Ouviu-se que os dois obedeciam a Katerina Ivanovna em tudo e estavam com ela apenas por etiqueta. Katerina Ivanovna obedecia apenas à sua benfeitora, a esposa do general, que permaneceu em Moscou devido a doença, e a quem era obrigada a enviar duas cartas com notícias detalhadas sobre si mesma todas as semanas.

Quando Alyosha entrou no corredor e pediu para se apresentar à empregada que abriu a porta, as pessoas no corredor obviamente já sabiam de sua chegada (talvez o tenham notado pela janela), mas Alyosha de repente ouviu algum barulho, o som de uma mulher correndo passos, farfalhar de vestidos, talvez duas ou três mulheres tenham saído correndo. Pareceu estranho a Aliocha que ele pudesse causar tanto rebuliço com sua chegada. No entanto, ele foi imediatamente conduzido para o corredor. Era uma sala grande, repleta de móveis elegantes e abundantes, nada provincianos. Havia muitos sofás e sofás, namoradeiras, mesas grandes e pequenas; havia quadros nas paredes, vasos e luminárias nas mesas, havia muitas flores, tinha até um aquário perto da janela. O crepúsculo deixou o quarto um pouco escuro. Aliocha viu uma mantilha de seda abandonada no sofá, onde obviamente estavam sentados, e na mesa em frente ao sofá duas xícaras inacabadas de chocolate, biscoitos, um prato de cristal com passas azuis e outro com doces. Alguém foi tratado. Alyosha percebeu que havia batido nos convidados e estremeceu. Mas naquele exato momento a cortina subiu e Katerina Ivanovna entrou com passos rápidos e apressados, com um sorriso alegre e de admiração, estendendo as duas mãos para Aliócha. Nesse mesmo momento a empregada entrou e colocou duas velas acesas sobre a mesa.

- Graças a Deus, finalmente você também! Eu só orei a Deus por você o dia todo! Sente-se.

A beleza de Katerina Ivanovna já havia impressionado Alyosha ainda antes, quando o irmão Dmitry, três semanas atrás, o trouxe até ela pela primeira vez para apresentá-lo e apresentá-lo, a pedido extremo de Katerina Ivanovna. Porém, não houve conversa entre eles naquela data. Acreditando que Alyosha estava muito envergonhado, Katerina Ivanovna parecia poupá-lo e conversava o tempo todo com Dmitry Fedorovich. Alyosha ficou em silêncio, mas viu muito bem. Ele ficou impressionado com a autoridade, a arrogância orgulhosa e a autoconfiança da garota arrogante. E tudo isto era inegável; Ele descobriu que seus grandes olhos negros e ardentes eram lindos e combinavam especialmente com seu rosto oblongo, pálido, até um pouco amarelo-pálido. Mas naqueles olhos, assim como no contorno daqueles lindos lábios, havia algo pelo qual, é claro, seu irmão poderia se apaixonar terrivelmente, mas que talvez não pudesse ser amado por muito tempo. Ele expressou quase diretamente seu pensamento a Dmitry quando o importunou após a visita, implorando-lhe que não escondesse a impressão que teve ao ver sua noiva.

“Você ficará feliz com ela, mas talvez... não calmamente feliz.”

“É isso, irmão, gente assim continua assim, não se submete ao destino.” Então você acha que não vou amá-la para sempre?

- Não, talvez você a ame para sempre, mas talvez nem sempre seja feliz com ela...

Aliócha então expressou sua opinião, corando e irritado consigo mesmo por, tendo sucumbido aos pedidos de seu irmão, ter expressado pensamentos tão “estúpidos”. Porque sua opinião lhe pareceu terrivelmente estúpida no exato momento em que a expressou. E ele sentiu vergonha de expressar sua opinião sobre uma mulher de forma tão imperiosa. Com maior espanto, ao primeiro olhar para Katerina Ivanovna correndo em sua direção, ele sentiu que talvez ele estivesse muito enganado. Desta vez, seu rosto brilhou com uma bondade genuína e simplória, uma sinceridade direta e ardente. De todo o “orgulho e arrogância” anterior que tanto surpreendeu Aliocha na época, apenas uma energia nobre e ousada e algum tipo de autoconfiança clara e poderosa eram perceptíveis agora. Aliocha compreendeu desde o primeiro olhar para ela, desde as primeiras palavras, que toda a tragédia da sua situação em relação à pessoa que tanto amava não era segredo para ela, que ela já poderia saber tudo, absolutamente tudo. E, no entanto, apesar de haver tanta luz em seu rosto, tanta fé no futuro, Alyosha de repente sentiu-se séria e deliberadamente culpado diante dela. Ele foi conquistado e atraído ao mesmo tempo. Além de tudo isso, ele percebeu desde as primeiras palavras dela que ela... em algum tipo de excitação forte, talvez muito incomum nela - uma excitação quase até semelhante a algum tipo de deleite.

“Eu estava esperando tanto por você porque só com você agora posso aprender toda a verdade – com mais ninguém!”

“Eu vim...” murmurou Alyosha, confuso, “Eu... ele me enviou...”

- Ah, ele te mandou, bom, foi disso que eu tive um pressentimento. Agora eu sei tudo, tudo! exclamou Ekaterina Ivanovna com os olhos brilhando de repente. "Espere, Alexey Fedorovich, vou lhe contar com antecedência por que estava esperando tanto por você." Veja, posso saber muito mais do que você mesmo; Eu não preciso ouvir de você. Isso é o que preciso de você: preciso saber sua última impressão pessoal sobre ele, preciso que você me diga da forma mais direta, crua e até mesmo rude (ah, tão rude quanto você quiser!) - como você mesmo olhe para ele agora e sua posição após seu encontro com ele hoje? Talvez fosse melhor do que se eu mesmo, a quem ele não quer mais ir, lhe explicasse pessoalmente. Você entende o que eu quero de você? Agora, por que ele mandou você para mim (eu sabia que ele iria mandar você!) - fale simplesmente, diga a última palavra!..

- Ele ordenou que você... se curvasse, e que ele nunca mais voltará... e que você se curvasse.

- Arco? Foi isso que ele disse, foi assim que ele disse?

- Sim.

— De passagem, talvez acidentalmente, ele errou numa palavra, colocou a palavra errada no lugar certo?

- Não, ele ordenou especificamente que eu transmitisse esta palavra: “reverência”. Ele me perguntou três vezes para que eu não esquecesse de contar a ele.

Katerina Ivanovna corou.

“Ajude-me agora, Alexey Fedorovich, agora preciso da sua ajuda: vou lhe contar o que penso e você me diz se acho que é verdade ou não?” Ouça, se ele tivesse me dito para me curvar brevemente, sem insistir em transmitir a palavra, sem enfatizar a palavra, então isso seria tudo... Isso seria o fim! Mas se ele insistiu especialmente nesta palavra, se ele instruiu você especialmente a não se esquecer de me transmitir esta reverência, então ele ficou excitado, talvez fora de si? Eu me decidi e tive medo da minha decisão! Ele não se afastou de mim com passos firmes, mas voou montanha abaixo. Enfatizar esta palavra não pode significar nada além de bravata...

- Sim, sim! - Alyosha confirmou calorosamente: “Eu também penso assim agora.”

- E se sim, então ele ainda não morreu! Ele está apenas desesperado, mas ainda posso salvá-lo. Espere: ele lhe contou alguma coisa sobre dinheiro, cerca de três mil?

“Ele não apenas disse isso, mas pode ter sido o que mais o matou.” “Ele disse que agora estava privado de honra e que agora isso não importa”, respondeu Alyosha com fervor, sentindo com todo o coração como a esperança estava fluindo em seu coração, e que de fato pode realmente haver uma saída e salvação para seu irmão. - Mas você... sabe desse dinheiro? - ele acrescentou e de repente parou.

“Eu já sei há muito tempo e provavelmente sei.” Perguntei em Moscou por telegrama e já sei há muito tempo que o dinheiro não foi recebido. Ele não enviou o dinheiro, mas fiquei em silêncio. Na última semana descobri o quanto ele precisava e ainda precisa de dinheiro... Estabeleci apenas um objetivo em tudo isso: que ele soubesse para quem voltar e quem era seu amigo mais fiel. Não, ele não quer acreditar que sou sua amiga mais fiel, não queria me conhecer, me olha apenas como mulher. Durante toda a semana fui atormentado por uma preocupação terrível: como poderia ter certeza de que ele não teria vergonha diante de mim desse desperdício de três mil? Ou seja, que ele tenha vergonha de todos e de si mesmo, mas que não tenha vergonha de mim. Afinal, ele diz tudo para Deus sem vergonha. Por que ele ainda não sabe o quanto posso suportar por ele? Por que, por que ele não me conhece, como ousa não me conhecer depois de tudo o que aconteceu? Eu quero salvá-lo para sempre. Deixe que ele me esqueça como sua noiva! E agora ele tem medo de mim por sua honra! Afinal, Alexey Fedorovich, ele não teve medo de se abrir com você? Por que ainda não mereci o mesmo?

Ela pronunciou suas últimas palavras em lágrimas; lágrimas escorreram de seus olhos.

“Devo contar a você”, disse Aliocha, também com a voz trêmula, “o que acabou de acontecer com o pai dele”. - E ele contou toda a cena, disse que foi mandado buscar dinheiro, que invadiu, bateu no pai, e depois disso ele especialmente e com urgência, mais uma vez confirmou a ele, Alyosha, para ir “reverenciar”... - Ele foi até esta mulher... - acrescentou calmamente Alyosha.

- Você acha que eu não suporto essa mulher? Ele acha que eu não vou suportar? Mas ele não vai se casar com ela”, ela riu de repente, nervosa, “pode Karamazov queimar com tanta paixão para sempre? Isso é paixão, não amor. Ele não vai se casar, porque ela não vai se casar com ele...” Katerina Ivanovna de repente sorriu estranhamente novamente.

“Ele pode se casar”, disse Aliocha com tristeza, olhando para baixo.

- Ele não vai casar, eu te digo! Essa garota é um anjo, você sabia disso? você sabe disso! - Katerina Ivanovna exclamou de repente com extraordinário fervor. - Esta é a mais fantástica das criaturas fantásticas! Sei o quanto ela é sedutora, mas também sei o quanto ela é gentil, firme e nobre. Por que você está me olhando assim, Alexey Fedorovich? Talvez você esteja surpreso com minhas palavras, talvez você não acredite em mim? Agrafena Alexandrovna, meu anjo! - gritou de repente para alguém, olhando para outra sala, - venha até nós, este é um homem querido, este é Alyosha, ele sabe tudo sobre nossos assuntos, mostre-se a ele!

“E eu estava apenas esperando atrás da cortina que você ligasse”, disse uma voz feminina gentil, até um tanto doce.

A cortina subiu e... a própria Grushenka, rindo e regozijando-se, aproximou-se da mesa. Alyosha parecia estar tremendo. Ele olhou para ela e não conseguia tirar os olhos dela. Aqui está ela, esta mulher terrível – uma “besta”, como o irmão Ivan disse sobre ela há meia hora. E, no entanto, diante dele estava o que parecia ser a criatura mais comum e simples de se olhar - uma mulher gentil e doce, digamos, linda, mas tão parecida com todas as outras mulheres bonitas, mas “comuns”! É verdade que ela era muito, muito boa — uma beleza russa, apaixonadamente amada por tantos. Ela era uma mulher bastante alta, um pouco mais baixa que Katerina Ivanovna (ela já era bastante alta) - rechonchuda, com movimentos corporais suaves, como se até inaudíveis, como se também mimada com alguma doçura especial, como sua voz. Ela não se aproximou como Katerina Ivanovna - com um andar poderoso e alegre; pelo contrário, é inaudível. Você não conseguia ouvir os pés dela no chão. Ela afundou suavemente em uma cadeira, farfalhando suavemente seu vestido de seda preto fofo e envolvendo delicadamente seu pescoço branco e rechonchudo e ombros largos em um caro xale de lã preta. Ela tinha vinte e dois anos e seu rosto expressava exatamente essa idade. Ela tinha a pele muito branca, com um tom de cor rosa claro intenso. O contorno de seu rosto parecia muito largo e seu maxilar inferior se projetava um pouco para a frente. O lábio superior era fino e o inferior, um tanto saliente, era duas vezes mais cheio e parecia inchado. Mas o mais maravilhoso e abundante cabelo castanho escuro, sobrancelhas escuras e lindos olhos azul-acinzentados com cílios longos certamente fariam a pessoa mais indiferente e distraída, mesmo em algum lugar no meio da multidão, em uma caminhada, em uma multidão, parar de repente na frente desse rosto e lembre-se disso por muito tempo. O que mais impressionou Aliocha neste rosto foi a sua expressão infantil e simplória. Ela parecia uma criança, alegrava-se com algo como uma criança, apenas se aproximava da mesa “alegre” e como se agora esperasse algo com a curiosidade mais infantil, impaciente e confiante. Seu olhar alegrou a alma - Alyosha sentiu isso. Havia algo mais nela que ele não poderia ou não teria sido capaz de explicar, mas que talvez também lhe falasse inconscientemente, a saber, mais uma vez, esta suavidade, a ternura dos movimentos do corpo, esta feminilidade. como a inaudibilidade desses movimentos. E ainda assim era um corpo poderoso e abundante. Sob o xale viam-se ombros largos e cheios e um peito alto e ainda bastante jovem. Este corpo pode ter prometido a forma da Vênus de Milo, embora certamente agora em proporções um tanto exageradas - isso estava previsto. Os conhecedores da beleza feminina russa poderiam prever com precisão, olhando para Grushenka, que essa beleza fresca e ainda jovem aos trinta anos perderá a harmonia, ficará embaçada, o próprio rosto ficará flácido, rugas aparecerão ao redor dos olhos e na testa extremamente rapidamente, a tez ficará áspera, talvez roxa - em uma palavra, beleza por um momento, beleza fugaz, que é tão freqüentemente encontrada nas mulheres russas. Aliocha, claro, não pensou nisso, mas embora encantado, ele, com uma espécie de sentimento desagradável e como se estivesse arrependido, perguntou-se: por que ela prolonga tanto as palavras e não consegue falar com naturalidade? Ela fez isso obviamente encontrando beleza nesse alongamento e na tonalidade intensamente doce das sílabas e dos sons. É claro que isso era apenas um mau hábito de mau gosto, atestando uma educação inferior, uma compreensão vulgar do que era decente, adquirida desde a infância. E, no entanto, essa pronúncia e entonação das palavras pareciam quase impossíveis para Aliocha, uma espécie de contradição com essa expressão infantilmente simplória e alegre de seu rosto, esse brilho tranquilo, feliz e infantil de seus olhos! Katerina Ivanovna imediatamente a sentou em uma cadeira em frente a Alyosha e beijou-a com entusiasmo várias vezes em seus lábios sorridentes. Ela definitivamente estava apaixonada por ela.

“Estamos nos encontrando pela primeira vez, Alexey Fedorovich”, disse ela em êxtase; - Eu queria conhecê-la, vê-la, queria ir até ela, mas conforme meu primeiro desejo, ela mesma veio. Eu sabia que com ela resolveríamos tudo, tudo! Então meu coração teve um pressentimento... Eles me imploraram para deixar essa etapa, mas eu tive um pressentimento do resultado e não me enganei. Grushenka me explicou tudo, todas as suas intenções; ela voou até aqui como um anjo bom e trouxe paz e alegria...

“Eles não me desprezaram, querida e digna jovem”, entoou Grushenka, ainda com o mesmo sorriso doce e alegre.

- E não se atreva a me dizer essas palavras, encantadora, feiticeira! Devo abominar você? Aqui vou beijar seu lábio inferior novamente. Ela está definitivamente inchada, então deveria inchar ainda mais, e de novo, de novo... Veja como ela ri, Alexey Fedorovich, seu coração está feliz, olhando para este anjo... - Alyosha corou e tremeu com um pequeno tremor imperceptível.

"Não me mate, querida jovem, mas posso não merecer seu carinho."

- Não vale a pena! Ela não vale a pena! - Katerina Ivanovna exclamou novamente com o mesmo fervor, - saiba, Alexey Fedorovich, que somos uma cabeça fantástica, que somos um coração obstinado, mas orgulhoso, orgulhoso! Somos nobres, Alexey Fedorovich, somos generosos, você sabia disso? Estávamos simplesmente infelizes. Muito cedo estávamos prontos para fazer qualquer sacrifício a uma pessoa indigna ou frívola. Tinha um, um também oficial, a gente se apaixonou por ele, trouxemos tudo para ele, foi há muito tempo, há cinco anos, mas ele esqueceu da gente, se casou. Agora ele é viúvo, escreveu, vem para cá - e saiba que só o amamos, só o amamos até agora e o amamos durante toda a vida! Ele virá e Grushenka ficará feliz novamente, mas durante todos esses cinco anos ela foi infeliz. Mas quem pode censurá-la, quem pode se gabar de seu favor! Esse velho sem pernas era comerciante, mas era mais parecido com nosso pai, nosso amigo, nosso protetor. Ele nos encontrou então em desespero, em agonia, abandonados por quem tanto amávamos... mas ela quis se afogar então, porque esse velho a salvou, a salvou!

“Você é muito protetora comigo, querida jovem, você é muito precipitada em tudo”, Grushenka falou lentamente novamente.

- Estou protegendo? Deveríamos defender, e até ousamos defender aqui? Grushenka, anjo, dê-me sua mão, olhe para esta mão rechonchuda, pequena e adorável, Alexey Fedorovich; Você vê ela, ela me trouxe felicidade e me ressuscitou, e agora vou beijá-la, tanto em cima quanto na palma da mão, aqui, aqui e aqui! - E ela beijou três vezes a mão verdadeiramente adorável, talvez muito rechonchuda, de Grushenka, como se estivesse em êxtase. A mesma, estendendo a mão, observou a “querida mocinha” com uma risada nervosa, retumbante e encantadora, e ela aparentemente ficou satisfeita por sua mão estar sendo beijada daquele jeito. “Talvez haja muita alegria”, passou pela cabeça de Alyosha. Ele corou. Seu coração estava especialmente inquieto o tempo todo.

“Não tenha vergonha de mim, querida jovem, por beijar minha mão daquele jeito na frente de Alexei Fedorovich.”

- Eu realmente queria te envergonhar? - Katerina Ivanovna disse um tanto surpresa, - ah, querida, como você me entende mal!

“Sim, talvez você também não me entenda muito bem, querida jovem, posso ser muito pior do que você vê.” Sou mau de coração, sou obstinado. Então, oprimi o pobre Dmitry Fedorovich apenas por causa do ridículo.

- Mas agora você vai salvá-lo. Você deu sua palavra. Você vai argumentar com ele, vai revelar que ama outra pessoa há muito tempo, e que agora está lhe oferecendo a mão...

- Ah não, eu não te dei essa palavra. Você mesmo me contou tudo isso, mas eu não dei a você.

“Então eu entendi você mal”, disse Katerina Ivanovna calmamente e como se estivesse um pouco pálida. - Você prometeu...

“Ah, não, senhora anjo, eu não prometi nada a você”, Grushenka interrompeu calma e uniformemente, com a mesma expressão alegre e inocente. “Agora você pode ver, digna jovem, como sou desagradável e autocrático diante de você.” O que eu quiser, eu farei. Talvez eu tenha prometido isso a você agora mesmo, mas agora estou pensando de novo: e se eu gostar dele de novo, Mitya, já que gostei muito dele, quase até gostei dele por uma hora. Talvez eu vá contar a ele agora para que ele possa ficar comigo a partir de hoje... Isso é o quão inconstante eu sou...

“O que você acabou de dizer... não foi nada...” Katerina Ivanovna mal sussurrou.

- Ah, agora mesmo! Mas sou terno e estúpido de coração. Pense só no que ele sofreu por minha causa! E se eu chegar em casa e sentir pena dele – e daí?

- Eu não esperava...

- Eh, mocinha, como você parece gentil e nobre diante de mim. Agora talvez você pare de me amar, tão tolo, pelo meu caráter. Dê-me sua doce mão, senhora anjo”, ela pediu com ternura e, como que com reverência, pegou a mão de Katerina Ivanovna. “Aqui estou, querida mocinha, vou pegar sua mão e assim como você me beija, você me beijou três vezes, mas eu teria que te beijar trezentas vezes para me vingar.” Sim, que assim seja, e então deixe Deus mandar, talvez eu seja um escravo completo de você e te agrade servilmente em tudo. Como Deus quiser, que assim seja, sem quaisquer acordos ou promessas entre si. Sua caneta, sua caneta é fofa, sua caneta! Você é uma jovem querida, você é minha beleza impossível!

Ela calmamente levou a mão aos lábios, embora com um propósito estranho: “se vingar” dos beijos. Katerina Ivanovna não tirou a mão: ela ouviu com tímida esperança a última promessa de Grushenka, embora também expressa de forma muito estranha, de agradá-la “servilmente”; ela olhou intensamente nos seus olhos: viu naqueles olhos a mesma expressão inocente e confiante, a mesma alegria clara... “Ela pode ser muito ingênua!” a esperança passou pelo coração de Katerina Ivanovna. Enquanto isso, Grushenka, como que admirada pela “querida mãozinha”, levou-a lentamente aos lábios. Mas de repente ela manteve a caneta perto dos lábios por dois ou três momentos, como se estivesse pensando em alguma coisa.

"E quer saber, senhora anjo", ela de repente falou lentamente com a voz mais terna e doce, "quer saber, vou pegar sua mão e não beijá-la." - E ela deu uma risada pequena e alegre.

- Como quiser... O que há de errado com você? - Katerina Ivanovna estremeceu de repente.

"E fique com a lembrança de que você beijou minha mão, mas eu não beijei a sua." “Algo de repente brilhou em seus olhos. Ela olhou atentamente para Katerina Ivanovna.

- Insolente! - Katerina Ivanovna disse de repente, como se de repente entendesse alguma coisa, ela corou e pulou da cadeira. Grushenka também se levantou lentamente.

"Então vou contar a Mitya agora como você beijou minha mão, mas não gosto nada de você." E como ele vai rir!

- Seu bastardo, saia!

“Oh, que vergonha, mocinha, ah, que vergonha, é até completamente obsceno para você, tais palavras, querida mocinha.”

- Olha, sua criatura corrupta! - gritou Katerina Ivanovna. Cada traço tremia em seu rosto completamente distorcido.

- Bem, ela é corrupta. Você mesma, quando menina, ia aos cavalheiros em busca de dinheiro ao anoitecer, trazendo sua beleza para vender, porque eu sei.

Katerina Ivanovna gritou e correu para ela, mas Alyosha a segurou com todas as suas forças:

- Nem um passo, nem uma palavra! Não diga nada, não responda nada, ela vai embora, ela vai embora agora!

Naquele momento, os dois parentes de Katerina Ivanovna correram para o quarto em resposta ao grito, e a empregada também entrou correndo. Todos correram para ela.

“E eu vou embora”, disse Grushenka, pegando a mantilha do sofá. - Alyosha, querido, leve-me para sair!

- Saia, saia rápido! - Alyosha cruzou as mãos na frente dela, implorando.

- Querido Alyoshinka, me acompanhe! Vou te dizer, querido, uma palavrinha linda, linda! Eu fiz isso por você, Alyoshinka, fiz essa cena. Mostre-me, minha querida, você vai gostar mais tarde.

Alyosha virou-se, torcendo as mãos. Grushenka, rindo alto, saiu correndo de casa.

Katerina Ivanovna teve uma convulsão. Ela estava soluçando, os espasmos a sufocavam. Todo mundo estava agitado em torno dela.

“Eu te avisei”, disse a tia mais velha, “eu impedi você de dar esse passo... você é muito ardente... como você ousou dar esse passo!” Você não conhece essas criaturas, mas dizem que esta é a pior de todas... Não, você é muito obstinado!

- É um tigre! - gritou Katerina Ivanovna. “Por que você me segurou, Alexey Fedorovich, eu teria batido nela, batido nela!”

Ela não conseguiu se conter na frente de Aliocha; talvez não quisesse se conter;

“Ela precisa ser chicoteada, no cadafalso, através do carrasco, na frente do povo, Alyosha recuou em direção à porta!”

- Mas Deus! - Katerina Ivanovna gritou de repente, levantando as mãos, - é ele! ele poderia ser tão desonesto, tão desumano! Afinal, ele contou a esta criatura o que aconteceu lá naquele dia fatídico, eternamente amaldiçoado! “Eles vieram vender beleza, querida mocinha!” Ela sabe! seu irmão é um canalha, Alexey Fedorovich!

Alyosha queria dizer alguma coisa, mas não conseguiu encontrar uma única palavra. Seu coração afundou ao ponto da dor.

- Vá embora, Alexei Fedorovich! Tenho vergonha, sou péssimo! amanhã... eu te imploro de joelhos, venha amanhã. Não julgue, me perdoe, não sei o que mais farei comigo mesmo!

Alyosha saiu para a rua, como se cambaleasse. Ele também queria chorar como ela. De repente, a empregada o alcançou.

“A jovem esqueceu de lhe entregar esta carta da Sra. Khokhlakova; eles a receberam desde o almoço.”

Alyosha aceitou automaticamente o pequeno envelope rosa e colocou-o, quase inconscientemente, no bolso.

XI. Outra reputação perdida

Da cidade ao mosteiro não passava de pouco mais de um quilômetro. Alyosha caminhou apressadamente pela estrada deserta àquela hora. Já era quase noite; a trinta passos de distância era difícil distinguir os objetos. Havia uma encruzilhada no meio da estrada. Na encruzilhada, debaixo de um salgueiro solitário, avistou-se uma figura. Aliocha acabava de entrar na encruzilhada quando uma figura saltou do lugar, correu para ele e gritou com voz frenética:

- Doçura ou travessura!

- Então é você, Mitya! - Alyosha, porém, ficou muito surpreso e estremeceu.

- Ha-ha-ha! Você não esperava por isso? Eu penso: onde posso esperar por você? Na casa dela? Há três estradas a partir daí e posso sentir sua falta. Por fim, resolvi esperar aqui, porque aqui ele certamente passaria, não havia outro caminho para o mosteiro. Bem, declare a verdade, me esmague como uma barata... O que há com você?

- Nada, irmão... estou com tanto medo. Ah, Dmitri! Agora mesmo, este é o sangue de seu pai (Alyosha começou a chorar, ele queria chorar há muito tempo, e agora de repente algo parecia rasgado em sua alma). “Você quase o matou... o amaldiçoou... e agora... aqui... agora... você está brincando... gostosuras ou travessuras!

- Ah, e daí? É indecente? Não combina com a situação?

- Não... estou tão...

- Parar. Olhe a noite: veja como a noite está sombria, as nuvens, como o vento aumentou! Eu me escondi aqui, debaixo de um salgueiro, esperando por você, e de repente pensei (Deus por você!): por que se preocupar mais, por que esperar? Aqui está um salgueiro, tem um lenço, tem uma camisa, agora você pode torcer uma corda, ajudar além e - não sobrecarregue mais a terra, não desonre mais com sua presença vil! E então ouço você chegando, - Senhor, “é como se algo me ocorresse de repente: mas então há uma pessoa que eu amo, porque aqui está ele, aqui está o homenzinho, meu querido irmão, a quem eu amo mais do que qualquer pessoa no mundo e que é a única que eu amo! E eu te amei tanto, te amei tanto naquele momento que pensei: vou me jogar no pescoço dele agora! Sim, um pensamento estúpido me ocorreu: “Vou diverti-lo, vou assustá-lo”. Gritei como um idiota: “carteira!” Perdoe a tolice - isso é apenas um absurdo, mas na minha alma... também é decente... Bem, droga, me diga o que há? O que ela disse? Esmague-me, bata-me, não tenha piedade! Você entrou em frenesi?

- Não, não é isso... Não foi nada disso, Mitya. Pronto... encontrei os dois lá agora.

- Quais ambos?

- Grushenka está com Katerina Ivanovna.

Dmitry Fedorovich ficou pasmo.

- Impossível! - ele gritou, - você está delirando! Ela tem Grushenka!

Alyosha contou tudo o que aconteceu com ele desde o momento em que entrou em Katerina Ivanovna. Ele falou cerca de dez minutos, não se pode dizer de maneira tão suave e coerente, mas parece que o transmitiu com clareza, captando as palavras mais importantes, os movimentos mais importantes e transmitindo vividamente, muitas vezes em uma linha, seus próprios sentimentos. O irmão Dmitry ouviu em silêncio, olhando diretamente para ele com terrível imobilidade, mas ficou claro para Alyosha que ele já havia entendido tudo, compreendido todo o fato. Mas seu rosto, à medida que a história avançava, tornava-se não apenas sombrio, mas também ameaçador. Ele franziu a testa, cerrou os dentes, seu olhar imóvel parecia ficar ainda mais imóvel, teimoso, mais terrível... Foi ainda mais inesperado quando de repente, com uma velocidade incompreensível, todo o seu rosto, até então zangado e feroz, mudou de uma vez, seus lábios comprimidos se separaram e Dmitry Fedorovich de repente explodiu na risada mais incontrolável e genuína. Ele literalmente caiu na gargalhada; por muito tempo não conseguiu nem falar de tanto rir.

“Eu nunca beijei minha mão!” Ela não a beijou e fugiu! - gritou ele com uma espécie de deleite doloroso, - também se poderia dizer com deleite atrevido, se esse deleite não fosse tão ingênua. - Então ela gritou que era um tigre! Existe um tigre! Então ela deveria ir para o cadafalso? Sim, sim, é necessário, é necessário, eu mesmo sou da opinião que é necessário, já é necessário há muito tempo! Veja, irmão, deixe que seja o cadafalso, mas você ainda precisa ficar bom primeiro. Eu entendo a rainha do atrevimento, toda ela está aqui, toda ela falou nesta caneta, infernal! Esta é a rainha de todas as garotas infernais que você pode imaginar no mundo! Uma delícia por si só! Então ela correu para casa? Agora eu... ah... vou correr até ela! Alyoshka, não me culpe, concordo que estrangulá-la não é suficiente...

- E Katerina Ivanovna! - Alyosha exclamou com tristeza.

“E eu vejo isso, vejo tudo e vejo como nunca antes!” Há toda uma descoberta de todos os quatro países do mundo, cinco, isto é! Que passo! Esta é exatamente a mesma Katenka, a universitária que não teve medo de correr até o policial absurdamente rude com a ideia generosa de salvar o pai, correndo o risco de ser terrivelmente insultada! Mas o nosso orgulho, mas a necessidade de risco, mas um desafio ao destino, um desafio ao infinito! Você está dizendo que essa mulher a impediu? Essa tia, você sabe, ela mesma é autocrática, essa é a irmã da esposa daquele general de Moscou, ela ergueu o nariz ainda mais do que isso, e o marido dela foi pego em peculato, perdeu tudo, seu patrimônio e tudo mais, e a esposa orgulhosa de repente baixou o tom e desde então não se levantou. Então ela segurou Katya, mas ela não deu ouvidos. “Posso conquistar tudo, dizem, tudo está sob meu controle; Quero enfeitiçar Grushenka” e - afinal, ela acreditou em si mesma, se forçou, quem é o culpado? Você acha que ela beijou deliberadamente a mão de Grushenka primeiro, com cálculos astutos? Não, ela realmente se apaixonou por Grushenka, ou seja, não por Grushenka, mas pelo seu próprio sonho, pelo seu delírio - porque é o meu sonho, o meu delírio! Querido Alyosha, como você escapou deles, dessas pessoas? Ele fugiu, pegando sua batina? Ha ha ha!

“Irmão, parece que você não prestou atenção em como ofendeu Katerina Ivanovna ao contar a Grushenka sobre aquele dia, e ela apenas disse a ela que você mesmo “foi vender beleza secretamente para cavalheiros!” Irmão, o que é maior que esse insulto? “Alyosha ficou muito atormentado pela ideia de que seu irmão estava definitivamente feliz com a humilhação de Katerina Ivanovna, embora, é claro, isso não pudesse ter acontecido.

- Bah! - Dmitry Fedorovich de repente franziu a testa terrivelmente e bateu na testa com a palma da mão. Ele acabou de perceber, embora Aliocha tenha contado tudo de uma vez, tanto o insulto quanto o grito de Katerina Ivanovna: “Seu irmão é um canalha!” “Sim, na verdade, talvez eu tenha contado a Grushenka sobre aquele “dia fatídico”, como diz Katya. Sim, é verdade, eu te disse, eu me lembro! Foi então, em Mokroye, eu estava bêbado, os ciganos cantavam... Mas eu estava chorando, eu também estava chorando, estava de joelhos, estava rezando para a imagem de Katya, e Grushenka entendeu isso. Ela entendeu tudo então, eu me lembro, ela mesma chorou... Droga! Poderia ser de outra forma agora? Aí eu chorei, mas agora... Agora tem uma “adaga no coração”! É assim com as mulheres.

Ele olhou para baixo e pensou.

- Sim, sou um canalha! “Sem dúvida um canalha”, disse ele de repente com uma voz sombria. - Não importa se ele chorou ou não, ele ainda é um canalha! Diga-lhes que aceito o nome, se isso servir de consolo. Bom, chega, adeus, que papo! Não há diversão. Você é o seu caminho e eu sou o meu. E não quero nos ver novamente, até o último minuto. Adeus, Alexei! “Ele apertou com força a mão de Aliocha e, ainda olhando para baixo e sem levantar a cabeça, como se tivesse perdido o controle, caminhou rapidamente em direção à cidade. Alyosha cuidou dele, não acreditando que ele iria embora tão de repente.

- Espere, Alexey, mais uma confissão, só para você! - Dmitry Fedorovich voltou de repente. - Olhe para mim, olhe bem: você vê, bem aqui, bem aqui - uma terrível desonra está sendo preparada. (Dizendo “aqui”, Dmitry Fedorovich bateu no peito com o punho e com um olhar tão estranho, como se a desonra estivesse e estivesse preservada aqui mesmo em seu peito, em algum lugar, talvez em seu bolso, ou pendurado costurado no pescoço.) - Você já me conhece: um canalha, um canalha admitido! Mas saiba que, não importa o que eu tenha feito antes, agora ou no futuro, nada, nada se compara em maldade com essa desonra que neste momento, neste momento, carrego aqui no peito, aqui, aqui, que atua e está acontecendo, e que sou completamente mestre em parar, posso parar ou realizar, tome nota disso! Bem, saiba que farei isso e não impedirei. Eu te contei tudo agora há pouco, mas não contei isso, porque nem eu tinha testa de bronze para fazer isso! Ainda posso parar; Parando, amanhã poderei recuperar metade da minha honra perdida, mas não vou parar, cometerei um plano vil, e serei sua testemunha antecipada de que digo isso com antecedência e com conhecimento de causa! Desgraça e tristeza! Não há nada a explicar, você descobrirá no devido tempo. Stinking Lane e Garota Infernal! Adeus. Não reze por mim, não valho a pena e não preciso de nada, não preciso de nada... não preciso de jeito nenhum! ausente!..

E ele saiu de repente, desta vez completamente. Alyosha foi ao mosteiro: “Como, como posso nunca vê-lo, o que ele diz?” Ele pensou descontroladamente: “Amanhã com certeza vou vê-lo e encontrá-lo, vou descobrir de propósito por que ele está dizendo essas coisas!”...

Ele caminhou ao redor do mosteiro e foi direto pelo pinhal até o mosteiro. Lá abriram a porta para ele, embora àquela hora ninguém pudesse entrar. Seu coração estremeceu ao entrar na cela do mais velho: “Por que, por que ele saiu, por que o mandou “ao mundo”? Aqui há silêncio, aqui há sacralidade, e ali há confusão, há trevas nas quais você imediatamente se perderá e se perderá..."

Na cela estavam o noviço Porfiry e o hieromonge Padre Paisiy, que vinha de hora em hora durante todo o dia para perguntar sobre a saúde do Padre Zósima, que, como Aliocha soube com medo, estava cada vez pior. Mesmo a habitual conversa noturna com os irmãos não poderia acontecer desta vez. Geralmente à noite, após o culto, todos os dias, antes de ir para a cama, os irmãos do mosteiro afluíam à cela do mais velho e todos lhe confessavam em voz alta os pecados de hoje, sonhos pecaminosos, pensamentos, tentações e até brigas entre si, se houver. ocorrido. Outros confessaram de joelhos. O mais velho permitiu, reconciliou, instruiu, impôs arrependimento, abençoou e libertou. Foi contra estas “confissões” fraternas que os adversários do presbitério se rebelaram, dizendo que se tratava de uma profanação da confissão como sacramento, quase uma blasfémia, embora isto fosse completamente diferente. Eles até apontaram às autoridades diocesanas que tais confissões não só não alcançam um bom objetivo, mas conduzem real e deliberadamente ao pecado e à tentação. Diz-se que muitos dos irmãos têm o encargo de ir até o mais velho, mas vêm de má vontade, porque todos vão, para que não sejam confundidos com pensamentos orgulhosos e rebeldes. Disseram que alguns dos irmãos, indo para a confissão noturna, concordaram antecipadamente entre si: “Eu, dizem, direi que fiquei zangado com você pela manhã, e você confirma”, para que tivessem algo para digamos, apenas para sair. Alyosha sabia que isso realmente acontecia às vezes. Ele também sabia que havia alguns irmãos que estavam muito indignados e que, segundo o costume, até as cartas de parentes recebidas pelos eremitas eram primeiro levadas ao mais velho, para que ele as abrisse e lesse diante dos destinatários. Supunha-se, é claro, que tudo isso deveria ser feito de forma livre e sincera, de todo o coração, em nome da humildade livre e da edificação salvadora, mas na realidade, como se viu, às vezes acontecia de maneira muito insincera, mas no pelo contrário, era artificial e falso. Mas o mais velho e experiente dos irmãos manteve-se firme, raciocinando que “aquele que sinceramente entrou nestas paredes para ser salvo, para aqueles todas essas obediências e façanhas, sem dúvida, provarão ser salvadores e lhes trarão grandes benefícios; quem, pelo contrário, está sobrecarregado e resmunga, ainda é como se não fosse monge e só tivesse vindo ao mosteiro em vão, tal pessoa tem um lugar no mundo. Mas você não pode ser protegido do pecado e do diabo, não apenas no mundo, mas também no templo e, portanto, não há sentido em ceder ao pecado”.

“Ele está enfraquecido, a sonolência se instalou”, disse o padre Paisiy a Alyosha em um sussurro, abençoando-o. - É até difícil acordar. Mas você também não precisa acordá-lo. Ele acordou por cerca de cinco minutos, pediu aos irmãos que levassem sua bênção e pediu aos irmãos orações noturnas por ele. Amanhã pretendo comungar novamente. Pensei em você, Alexey, perguntei se você já tinha ido embora, responderam que você estava na cidade. “É por isso que eu o abençoei; ali está o lugar dele, mas ainda não aqui”, foi isso que ele disse sobre você. Lembrei de você com carinho, com carinho, você entende o que foi premiado? Mas como ele determinou que você terá tempo no mundo por enquanto? Isso significa que ele prevê algo em seu destino! Entenda, Alexey, que se você retornar ao mundo, será como se fosse pela obediência que seu mais velho lhe confiou, e não por vãs frivolidades e nem por diversão mundana...

Padre Paisiy saiu. Que o mais velho estava partindo, não havia dúvida para Aliocha, embora pudesse viver mais um ou dois dias, Aliocha decidiu com firmeza e fervor que, apesar da promessa que havia feito de ver seu pai, os Khokhlakovs, seu irmão e Katerina Ivanovna, ele não sairia completamente do mosteiro amanhã e permaneceria com o mais velho até sua morte. Seu coração ardia de amor, e ele se censurou amargamente por poder por um momento ali, na cidade, até esquecer aquele que deixou no mosteiro em seu leito de morte e a quem honrou acima de tudo no mundo. Ele entrou no quarto do mais velho, ajoelhou-se e curvou-se diante do homem adormecido no chão. Ele está quieto. Ele dormia imóvel, mal respirando de maneira uniforme e quase imperceptível. Seu rosto estava calmo.

Voltando a outro quarto - o mesmo em que o mais velho recebia convidados pela manhã, Alyosha, quase sem se despir e tirando apenas as botas, deitou-se no sofá de couro, duro e estreito, onde sempre dormia, por um longo tempo. hora agora, todas as noites, trazendo apenas um travesseiro. O colchão sobre o qual seu pai havia gritado agora há pouco, ele havia esquecido há muito tempo de arrumar para si mesmo. Ele apenas tirou a batina e se cobriu com ela em vez de com um cobertor. Mas antes de ir para a cama, ele se ajoelhou e rezou longamente. Em sua oração fervorosa, ele não pediu a Deus que lhe explicasse sua confusão, mas apenas ansiava pela ternura alegre, a velha ternura que sempre visitava sua alma depois do louvor e glória a Deus, na qual geralmente consistia toda a sua oração pelo sono que se aproximava. . Essa alegria que o visitou o levou a um sono leve e tranquilo. Mesmo agora, enquanto orava, de repente ele sentiu acidentalmente em seu bolso aquela pequena bolsa rosa que a empregada de Katerina Ivanovna, que o havia alcançado na estrada, lhe entregou. Ele ficou envergonhado, mas terminou sua oração. Então, depois de alguma hesitação, abriu o pacote. Continha uma carta para ele, assinada por Lise, a filha muito pequena da Sra. Khokhlakova, que ria tanto dele pela manhã na frente do mais velho.

“Alexey Fedorovich”, escreveu ela, “estou escrevendo para você em segredo, de todos e de minha mãe, e eu sei. Como isso não é bom? Mas não posso mais viver se não contar o que nasceu em meu coração, e ninguém, exceto nós dois, deveria saber disso até que chegue a hora. Mas como posso dizer o que realmente quero dizer? Dizem que o papel não fica vermelho, garanto que isso não é verdade e que fica vermelho tanto quanto eu agora. Querido Alyosha, eu te amo, te amo desde a infância, desde Moscou, quando você era completamente diferente do que é agora, e te amo pelo resto da minha vida. Eu escolhi você de coração para me unir a você e, na velhice, terminar nossas vidas juntos. Claro, desde que você saia do mosteiro. Quanto aos nossos anos, esperaremos o tempo que a lei ordenar. Nessa altura certamente estarei recuperado, irei caminhar e dançar. Não pode haver nenhuma palavra sobre isso.

“Você vê como pensei em tudo, mas não consigo pensar em uma coisa: o que você vai pensar de mim quando ler isso? Continuo rindo e pregando peças, deixei você com raiva agora há pouco, mas garanto que pouco antes peguei minha caneta. Rezei à imagem da Mãe de Deus e agora rezo e quase choro.

“Meu segredo está em suas mãos, não sei quando você chega amanhã, e vou olhar para você. Ah, Alexey Fedorovich, e se eu novamente não resistir, como um idiota, e rir como fiz antes, olhando para você? Afinal, você me considerará um zombador desagradável e não acreditará em minha carta. Portanto, eu te imploro, querido, se você tiver compaixão de mim, quando vier amanhã, então não me olhe diretamente nos olhos, porque quando eu encontrar os seus, talvez eu certamente ria de repente, e além disso, você vai estar com esse vestido longo... Mesmo agora fico com muito frio só de pensar nisso e, portanto, quando você entrar, não olhe para mim por um tempo, mas olhe para a mamãe ou para a janela.. .

“Então eu te escrevi uma carta de amor, meu Deus, o que eu fiz! Alyosha, não me despreze, e se eu fiz algo muito ruim e te aborreceu, então me perdoe. Agora o segredo da minha reputação, talvez perdida para sempre, está nas suas mãos.

“Com certeza vou chorar hoje. Adeus, até o terrível adeus. Lise.

"R. S. Alyosha, só você definitivamente, definitivamente, definitivamente virá! Lise."

Alyosha leu com surpresa, leu duas vezes, pensou e de repente riu baixinho, docemente. Ele estremeceu; essa risada lhe pareceu pecaminosa. Mas um momento depois ele riu de novo, igualmente baixinho e feliz. Ele lentamente colocou a carta no envelope, benzeu-se e deitou-se. A confusão de sua alma passou de repente. “Senhor, tenha misericórdia de todos eles, agora mesmo, salve-os, infelizes e tempestuosos, e guie-os. Você tem meios: use seus próprios meios para salvá-los. Você é amor, vai mandar alegria para todos!” murmurou Aliocha, fazendo o sinal da cruz e adormecendo num sono sereno.

I. Padre Ferapont

De manhã cedo, antes do amanhecer, Aliocha foi acordado. O mais velho acordou e sentiu-se muito fraco, embora quisesse passar da cama para uma cadeira. Ele estava totalmente consciente; o seu rosto, embora muito cansado, era claro, quase alegre, e o seu olhar era alegre, amigável, convidativo. “Talvez eu não sobreviva a este dia”, disse ele a Aliocha; então ele desejou confessar-se e receber a comunhão imediatamente. Padre Paisiy sempre foi seu confessor. Após a conclusão de ambos os sacramentos, a unção começou. Os hieromonges se reuniram e a cela aos poucos foi ficando cheia de eremitas. Entretanto chegou o dia. Eles também começaram a vir do mosteiro. Terminado o culto, o ancião quis se despedir de todos e beijou todos. Devido à aglomeração da cela, os que chegaram primeiro saíram e deram lugar aos outros. Alyosha ficou ao lado do velho, que novamente se sentou em uma cadeira. Ele falava e ensinava o máximo que podia, sua voz, embora fraca, ainda era bastante firme. “Eu te ensinei por tantos anos, e por isso falei em voz alta por tantos anos, que era como se eu tivesse adquirido o hábito de falar, e enquanto eu te ensinava, tanto que teria sido quase mais É mais difícil para mim ficar calado do que falar, queridos pais e irmãos, mesmo e agora com a minha fraqueza”, brincou, olhando com ternura para aqueles que se aglomeravam ao seu redor. Alyosha mais tarde lembrou-se de algumas coisas que ele havia dito então. Mas embora falasse claramente e embora a sua voz fosse bastante firme, o seu discurso era bastante incoerente. Ele falava de muitas coisas, parecia que queria dizer tudo, expressar tudo mais uma vez, antes do momento da morte, de tudo o que não foi dito na vida, e não para ensinar só por ensinar, mas como se tivesse sede de compartilhar sua alegria e deleite com todos e tudo, para derramar mais uma vez na minha vida com meu coração...

“Amem-se, pais”, ensinou o mais velho (como Alyosha lembrou mais tarde). - Ame o povo de Deus. “Não somos mais santos que os mundanos porque viemos aqui e nos fechamos dentro destas paredes, mas pelo contrário, todos os que vieram aqui, pelo próprio fato de terem vindo, sabiam dentro de si que ele era pior do que todos os mundanos e todos e tudo na terra... E quanto mais tempo o monge vive dentro de seus próprios muros, mais sensivelmente ele deve estar ciente disso. Porque senão não havia razão para ele vir aqui. Quando ele perceber que não só é pior do que todos no mundo, mas também é culpado perante todas as pessoas por todos e por tudo, por todos os pecados humanos, globais e individuais, então apenas o objetivo da nossa unidade será alcançado. Pois saibam, queridos, que cada um de nós é sem dúvida culpado por todos e por tudo na terra, não apenas pela culpa mundial comum, mas individualmente cada um por todas as pessoas e por cada pessoa nesta terra. Esta consciência é a coroa do caminho monástico e de cada pessoa na terra. Pois os monges não são outras pessoas, mas apenas o que todas as pessoas na terra deveriam ser. Só então o nosso coração seria tocado pelo amor infinito e universal que não conhece saturação. Então cada um de vocês poderá ganhar o mundo inteiro com amor e lavar os pecados do mundo com suas lágrimas... Todos caminhem perto do seu coração, todos confessem a si mesmos incansavelmente. Não tenha medo do seu pecado, mesmo que o reconheça, desde que haja arrependimento, mas não estabeleça condições com Deus. Eu te digo, não fique orgulhoso. Não se orgulhe diante dos pequenos, e não se orgulhe diante dos grandes. Não odeie aqueles que te rejeitam, te desonram, te insultam e te caluniam. Não odeie os ateus, os caluniadores, os materialistas, mesmo os maus, não apenas os bons, pois há muitos bons entre eles, especialmente em nosso tempo. Lembre-se deles em oração assim: salve todos, Senhor, por quem não há quem orar, salve também aqueles que não querem orar a Ti. E acrescente aí: não é por orgulho que rogo por isso, Senhor, pois eu mesmo sou mais vil do que qualquer pessoa e qualquer coisa... Ame o povo de Deus, não deixe seus rebanhos serem levados por estranhos, pois se você adormecer na preguiça e no seu orgulho melindroso, e ainda mais na sua ganância, eles virão de todos os países e tirarão de você o seu rebanho. Interprete o Evangelho ao povo incansavelmente... Não cobice... Não ame a prata e o ouro, não os segure... Creia e segure a bandeira. Eleve-o bem alto..."

O mais velho, entretanto, falou de forma mais fragmentada do que foi declarado aqui e como Alyosha escreveu mais tarde. Às vezes ele parava de falar completamente, como se ganhasse forças, ficava sem fôlego, mas parecia encantado. Eles o ouviram com ternura, embora muitos se maravilhassem com suas palavras e vissem nelas trevas... Então se lembraram de todas essas palavras. Quando Alyosha saiu de sua cela por um minuto, ele ficou impressionado com a excitação geral e a expectativa dos irmãos que se aglomeravam dentro e ao redor da cela. Para alguns a expectativa era quase ansiosa, para outros era solene. Todos esperavam algo imediato e grandioso logo após a dormitório do presbítero. De certo ponto de vista, essa expectativa era quase frívola, mas mesmo os mais rígidos dos mais velhos estavam sujeitos a isso. O rosto do Ancião Hieromonk Paisius era o mais severo de todos. Alyosha saiu de sua cela apenas porque foi misteriosamente convocado, por meio de um monge, por Rakitin, que chegou da cidade, com uma estranha carta da Sra. Khokhlakova para Alyosha. Ela contou a Aliocha algumas notícias curiosas que chegaram em um momento extremamente oportuno. O fato é que ontem, entre as mulheres comuns crentes que vieram se curvar ao mais velho e serem abençoadas por ele, estava uma velha da cidade, Prokhorovna, viúva de um suboficial. Ela perguntou ao mais velho: ela poderia se lembrar de seu filho Vasenka, que havia ido de serviço para a Sibéria, para Irkutsk, e de quem ela não recebia notícias há um ano, em vez do falecido na igreja para seu repouso? Ao que o mais velho respondeu com severidade, proibindo e chamando esse tipo de lembrança de semelhante à bruxaria. Mas então, tendo-a perdoado por ignorância, acrescentou “como se estivesse olhando para o livro do futuro” (a Sra. Khokhlakova se expressou em sua carta) e consolo: “que seu filho Vasya está sem dúvida vivo, e que ou ele próprio virá até ela rapidamente, ou uma carta será enviada, e para que ela vá até sua casa e espere por isso. E daí? A Sra. Khokhlakova acrescentou encantada: “A profecia foi cumprida literalmente, e ainda mais do que isso”. Assim que a velha voltou para casa, recebeu imediatamente uma carta da Sibéria que já a esperava. Mas isso não é suficiente: nesta carta, escrita na estrada, de Yekaterinburg, Vasya notificou sua mãe que ele próprio iria para a Rússia, retornando com um funcionário, e que dentro de três semanas após receber esta carta, “ele espera abraçar sua mãe.” A Sra. ela exclamou, concluindo sua carta. Sua carta foi escrita às pressas, às pressas, a excitação do escritor ecoou em cada linha dela. Mas Alyosha não tinha nada a dizer aos irmãos, pois todos já sabiam de tudo: Rakitin, tendo enviado um monge atrás dele, instruiu-o, além disso, “a informar respeitosamente ao seu Reverendo Padre Paisius que ele, Rakitin, tem algo a ver com ele, mas de tal importância, que ele não ousa reservar nem um minuto para uma mensagem para ele, mas por sua insolência ele pede perdão terreno.” Como o monge informou o Padre Paisius do pedido de Rakitin antes de Alyosha, Alyosha, tendo chegado ao local, bastou apenas ler a carta e comunicá-la imediatamente ao Padre Paisius na forma de apenas um documento. E mesmo este homem severo e desconfiado, tendo lido, com a testa franzida, a notícia do “milagre”, não conseguiu conter completamente alguns de seus sentimentos íntimos. Seus olhos brilharam, seus lábios de repente sorriram de maneira importante e comovente.

- Vamos ver? - pareceu explodir dele de repente.

“Ou veremos de novo ou veremos de novo!” - repetiram os monges ao redor, mas o Padre Paisius, franzindo novamente a testa, pediu a todos, pelo menos por enquanto, que não contassem isso a ninguém em voz alta, “até que seja confirmado, pois há muita frivolidade na vida secular, e este incidente poderia ter acontecido naturalmente”, acrescentou cautelosamente, como que para limpar a consciência, mas quase não acreditando na sua própria reserva, que quem o ouviu viu muito bem. Naquela mesma hora, é claro, o “milagre” tornou-se conhecido por todo o mosteiro e por muitos até mesmo por aqueles que vieram ao mosteiro para a liturgia secular. Acima de tudo, parecia que o visitante de ontem do mosteiro de freiras “de São Silvestre”, de um pequeno mosteiro de Obdorskaya, no extremo norte, ficou impressionado com o milagre que havia acontecido. Ontem ele fez uma reverência ao mais velho, que estava perto da Sra. Khokhlakova, e, apontando-lhe a filha “curada” desta senhora, perguntou-lhe com alma: “Como você ousa fazer essas coisas?”

O fato é que agora ele já estava meio perplexo e quase não sabia em que acreditar. Ainda ontem à noite visitou o padre monástico Ferapont na sua cela especial atrás do apiário e ficou maravilhado com este encontro, que lhe causou uma impressão extraordinária e assustadora. Este ancião, Padre Ferapont, era o mesmo monge idoso, um grande jejuador e um homem de silêncio, que já mencionamos como adversário do Ancião Zosima, e o mais importante - do presbítero, que ele considerava uma inovação prejudicial e frívola. Este inimigo era extremamente perigoso, apesar de ele, sendo um homem silencioso, quase nunca dizer uma palavra a ninguém. A principal coisa que o tornou perigoso foi que muitos dos irmãos simpatizavam totalmente com ele, e muitas das pessoas do mundo que vieram o reverenciavam como um grande homem justo e asceta, apesar do fato de que, sem dúvida, o viam como um santo tolo. Mas a tolice era cativante. Este Padre Ferapont nunca foi ver o Ancião Zosima. Embora vivesse no mosteiro, não se incomodava muito com as regras do mosteiro, porque, novamente, se comportava como um santo tolo. Ele tinha setenta e cinco anos, senão mais, e morava atrás do apiário skete, no canto da parede, em uma velha cela de madeira, quase desabada, construída aqui na antiguidade, no século passado, por um também um grande homem, mais rápido e silencioso, o Padre Jonas, que viveu até aos cento e cinco anos, e sobre cujas façanhas ainda circulavam muitas histórias curiosas no mosteiro e nos seus arredores. O Padre Ferapont conseguiu que se instalasse finalmente, há cerca de sete anos, nesta cela muito isolada, ou seja, apenas numa cabana, mas que se assemelhava muito a uma capela, pois continha um número extremamente grande de imagens sacrificadas com aqueles brilhantes para sempre diante deles, o Padre Ferapont foi designado com lâmpadas doadas, como se fosse para cuidar delas e acendê-las. Ele comia, como diziam (e era verdade), apenas um quilo de pão a cada três dias, não mais; o apicultor que morava ali mesmo no apiário os trazia para ele a cada três dias, mas mesmo com esse apicultor que o servia, o padre Ferapont também raramente dizia uma palavra. Esses quatro quilos de pão, juntamente com a malva dominical, cuidadosamente enviados ao beato abade após a missa tardia, constituíam toda a sua alimentação semanal. A água em sua caneca era trocada todos os dias. Ele raramente aparecia na missa. Os fãs visitantes viram como ele às vezes ficava orando o dia todo, sem se levantar e sem olhar em volta. Se alguma vez ele conversava com eles, era baixo, abrupto, estranho e sempre quase rude. Havia, porém, casos muito raros em que ele começava a conversar com quem chegava, mas na maioria das vezes pronunciava apenas uma palavra estranha, que sempre representava um grande mistério para o visitante, e então, apesar de qualquer pedido, ele não diria nada em explicação. Ele não tinha categoria sacerdotal, era apenas um simples monge. Corria um boato muito estranho, entre as pessoas mais ignorantes, de que o Padre Ferapont se comunicava com os espíritos celestiais e apenas conversava com eles, por isso se calava com as pessoas. O monge Obdorsky, tendo se dirigido ao apiário por orientação do apicultor, também um monge muito silencioso e sombrio, dirigiu-se ao canto onde ficava a cela do padre Ferapont. “Talvez ele fale como se estivesse falando com um alienígena, ou talvez você não consiga tirar nada dele”, alertou o apicultor. “A freira se aproximou, como ele mesmo disse mais tarde, com o maior medo. A hora já era bem tarde. O padre Ferapont estava desta vez sentado à porta da cela, num banco baixo. Acima dele, um enorme e velho olmo fazia um leve barulho. O frio da noite estava se aproximando. O monge Obdorsk prostrou-se diante do abençoado e pediu uma bênção.

“Você quer que eu caia de cara na sua frente, monge?” - disse o padre Ferapont. - Erguer!

A freira levantou-se.

- Bênção e sendo abençoado, sente-se ao meu lado. Otkulev derrapou?

O que mais impressionou o pobre monge foi que o padre Ferapont, apesar de seu indubitável grande jejum, e de estar em idade tão avançada, ainda era um velho forte e alto na aparência, mantendo-se ereto, sem curvar-se, com um rosto fresco, embora magro, mas saudável. Sem dúvida, ele também manteve uma força considerável. Sua constituição era atlética. Apesar de sua ótima idade, ele não era nem completamente grisalho, com cabelos muito grossos, antes completamente pretos, na cabeça e na barba. Seus olhos eram cinzentos, grandes, luminosos, mas extremamente esbugalhados, o que era até impressionante. Ele falou com forte ênfase em o. Ele estava vestido com um longo sobretudo avermelhado, um tecido áspero de prisioneiro, como era seu antigo nome, e amarrado com uma corda grossa. O pescoço e o peito estão nus. A camisa de lona mais grossa, quase totalmente enegrecida, que não era tirada há meses, aparecia por baixo do sobretudo. Disseram que ele usava correntes de quinze quilos por baixo do casaco. Ele estava usando sapatos velhos que quase se desfaziam em seus pés descalços.

“Do pequeno mosteiro de Obdorsk, de São Selivester”, respondeu humildemente um monge visitante, com seus olhos rápidos e curiosos, embora um tanto assustados, observando o eremita.

- Visitei seu Selivester. Vivido. Seliverst é saudável?

O monge hesitou.

- Vocês são pessoas estúpidas! Como você jejua?

- Nossa refeição é preparada de acordo com o antigo skete taco: Na segunda-feira de Pentecostes, na quarta e sexta-feira não servem refeições. Às terças e quintas-feiras, os irmãos recebem pão branco, caldo com mel, amoras silvestres ou repolho salgado e aveia mista. No sábado, shti branco, macarrão de ervilha, mingau de suco, tudo com manteiga. Por semana temos peixe seco e mingau. Durante a Semana Santa, de segunda-feira até sábado à noite, durante seis dias, comia-se pão e água e não se cozinhavam poções, e isso era feito com abstinência; Mesmo que você possa comer e não tomar todos os dias, mas como foi dito na primeira semana. Na Sexta-feira Santa não há nada para comer, por isso no Sábado Santo devemos jejuar até a terceira hora e depois provar um pouco de pão e água e beber uma taça de vinho. Na Quinta-feira Santa comemos geléia sem óleo e bebemos vinho e outros alimentos secos. Pois o concílio de Laodicéia diz o seguinte sobre o Grande Bairro: “Pois não é digno permitir que a quarta semana da última semana seja desonrada”. É assim que acontece conosco. Mas o que é isso comparado a você, grande pai”, acrescentou o monge com encorajamento, “pois o ano todo, mesmo na Páscoa, você só come pão e água, e o que temos de pão para dois dias, você tem o suficiente para o todo semana." Sua grande abstinência é verdadeiramente maravilhosa.

- E os cogumelos do leite? - Padre Ferapont perguntou de repente, pronunciando a letra g com aspiração, quase como um idiota.

- Cogumelos de leite? - perguntou o monge surpreso.

- É isso. Vou deixar o pão deles sem precisar, mesmo que eu vá para a floresta, e lá viverei de fardos ou de frutas, mas eles não vão deixar o pão aqui, então estão amarrados ao diabo. Hoje em dia os desgraçados dizem que não adianta jejuar assim. Este é o seu raciocínio arrogante e imundo.

“Ah, é mesmo,” o monge suspirou.

- Você viu algum demônio entre eles? - perguntou o padre Ferapont.

- Quem tem isso? - perguntou timidamente o monge.

“Fui ver o abade no ano passado no Santo Pentecostes, mas não fui desde então.” Eu o vi sentado sobre o peito, escondido sob a batina, apenas com os chifres aparecendo; quem está olhando pelo bolso, seus olhos são rápidos, ele tem medo de mim; em cujo ventre se instalou, em seu ventre muito impuro, e no pescoço de alguém pendura, agarra-se e carrega-o, mas ele não o vê.

- Você vê? - perguntou o monge.

- Eu digo que vejo, vejo até o fim. Quando comecei a deixar o abade, vi - um estava escondido atrás de mim atrás da porta, mas ele era um homem muito experiente, com um arshin e meio ou mais de altura, mas sua cauda era grossa, marrom, longa, e o A ponta do rabo batia na fresta da porta, mas não sou estúpido, a porta - de repente ele bateu com ele e beliscou o rabo. Assim que ele gritou, ele começou a brigar, e eu fiz o sinal da cruz, três vezes, e o batizei. Aqui ele morreu como uma aranha estrangulada. Agora deve estar podre no canto, fede, mas eles não veem, não sentem o cheiro. Faz um ano que não vou. Só estou revelando isso a você como estrangeiro.

- Suas palavras são terríveis! “E o que, grande e abençoado pai”, ousaram cada vez mais monges, “é verdade que você tem grande fama, mesmo em terras distantes, como se tivesse comunicação contínua com o Espírito Santo?”

- Ele voa para longe. Acontece.

- Como ele voa? De que forma?

- Por pássaro.

— O Espírito Santo em forma de pomba?

- Ou o Espírito Santo, ou o Espírito Santo. O Espírito Santo pode descer com outro pássaro: às vezes como uma andorinha, às vezes como um pintassilgo e às vezes como um chapim.

- Como você reconhece isso de um chapim?

- Fala.

- Como ele fala, em que idioma?

- Humano.

- O que ele está te contando?

“Hoje ele anunciou que um tolo iria visitar e seria inapropriado perguntar.” Há muita coisa que você quer saber, monge.

“Suas palavras são terríveis, abençoado e santo padre”, o monge balançou a cabeça. Em seus olhos medrosos, porém, podia-se ver desconfiança.

- Você vê esta árvore? - Padre Ferapont perguntou após uma pausa.

- Entendo, abençoado pai.

“Você acha que é um olmo, mas na minha opinião é uma imagem diferente.”

- Qual deles? - Ele fez uma pausa em vão esperando pelas freiras.

- Acontece à noite. Você vê essas duas vadias? De noite, eis que Cristo me estende a mão e com essas mãos me procura, vejo claramente e tremo. Assustador, ah, assustador!

- O que há de tão terrível se fosse o próprio Cristo?

- E ele irá capturar e elevar.

- Vivo?

- E no espírito e na glória de Elias, você não ouviu, ou o quê? vou te abraçar e te levar embora...

Embora o monge Obdorsk, depois desta conversa, tenha regressado à cela que lhe foi indicada, um dos irmãos, mesmo bastante perplexo, o seu coração, sem dúvida, ainda estava mais voltado para o Padre Ferapont do que para o Padre Zosima. O monge Obdorsky era principalmente para jejuar, e um jejuador tão grande como o padre Ferapont não ficou surpreso ao ver “coisas maravilhosas”. Suas palavras, é claro, foram meio absurdas, mas o Senhor sabe o que estava contido nessas palavras, e pelo amor de Cristo, todos os santos tolos têm palavras e ações que não são assim. Ele estava pronto para acreditar no rabo beliscado do diabo não apenas alegoricamente, mas também no sentido literal, mentalmente e com prazer. Além disso, ainda antes, mesmo antes de vir para o mosteiro, tinha grande preconceito contra os mais velhos, que até agora conhecia apenas pelas histórias e, como muitos outros, considerava-os, como muitos outros, uma inovação prejudicial. Já estando no mosteiro, consegui perceber o murmúrio secreto de alguns irmãos frívolos que não concordavam com o presbitério. Ele também era um monge por natureza, bisbilhoteiro e ágil, com grande curiosidade por tudo. É por isso que a grande notícia do novo “milagre” realizado pelo Ancião Zósima o mergulhou em extrema perplexidade. Alyosha lembrou mais tarde como, entre os monges que se aglomeravam em direção ao mais velho e perto de sua cela, a figura de um curioso convidado de Obdorsky, correndo por toda parte, brilhou diante dele muitas vezes, ouvindo tudo e questionando a todos. Mas então ele prestou pouca atenção nele e só então se lembrou de tudo... E não teve tempo para isso: o Ancião Zosima, sentindo-se cansado novamente e deitando-se novamente na cama, abrindo de repente os olhos, lembrou-se dele e exigiu que ele voltasse para ele. Alyosha veio imediatamente correndo. Naquela época, apenas o padre Paisius, o padre Hieromonge Joseph e o noviço Porfiry estavam perto do mais velho. O mais velho, abrindo os olhos cansados ​​​​e olhando atentamente para Aliocha, perguntou-lhe de repente:

- Os seus estão esperando por você, filho?

Aliócha hesitou.

- Eles não precisam de você? Você prometeu estar lá para alguém ontem?

- Eu prometi... ao meu pai... aos meus irmãos... outros também...

- Você vê. Definitivamente vá. Não fique triste. Saiba que não morrerei sem dizer minha última palavra na terra na sua frente. Vou te dizer esta palavra, filho, e a lego a você. Para você, querido filho, porque você me ama. Agora, por enquanto, vá para aqueles que você prometeu.

Alyosha cedeu imediatamente, embora tenha sido difícil para ele partir. Mas a promessa de ouvir sua última palavra na terra e, o mais importante, como se lhe fosse legada por Aliocha, chocou sua alma de alegria. Ele se apressou para que, tendo terminado tudo na cidade, voltasse rapidamente. Foi o Padre Paisiy quem lhe deu uma palavra de despedida, que lhe causou uma impressão muito forte e inesperada. Foi quando os dois saíram da cela do idoso.

“Lembre-se, jovem, incansavelmente (como começou o Padre Paisius diretamente e sem qualquer preâmbulo), que a ciência mundana, unida em grande poder, desmantelou, especialmente no século passado, tudo o que nos foi legado nos livros do celestial santos, e depois de uma análise cruel por parte dos cientistas Deste mundo, absolutamente nada resta de todos os antigos santuários. Mas eles desmontaram pedaço por pedaço, mas olharam o todo, e foi até digno de surpresa a ponto de cegar. Considerando que o todo permanece diante de seus olhos inabalável como antes, e as portas do inferno não prevalecerão contra ele. Não viveu durante dezenove séculos e não vive ainda hoje nos movimentos das almas individuais e nos movimentos das massas? Mesmo nos movimentos das almas dos mesmos ateus que destruíram tudo, ele vive tão inabalável quanto antes! Pois aqueles que renunciam ao Cristianismo e se rebelam contra ele na sua essência são eles próprios da mesma imagem de Cristo e permanecem os mesmos, pois até agora nem a sua sabedoria nem o fervor dos seus corações foram capazes de criar outra imagem superior do homem e da sua dignidade. , como uma imagem indicada antigamente por Cristo. E quando houve tentativas, só saiu a feiúra. Lembre-se disso especialmente, jovem, pois você foi nomeado para o mundo pelo seu ancião que partiu. Talvez, lembrando-se deste grande dia, você não esqueça minhas palavras, por causa das sinceras palavras de despedida que lhe foram dadas, pois você é jovem e as tentações do mundo são pesadas e não estão em suas forças para suportar. Bem, agora vá, órfão.

Com esta palavra o Padre Paisius o abençoou. Saindo do mosteiro e refletindo sobre todas essas palavras repentinas, Alyosha de repente percebeu que naquele monge que até então havia sido rígido e severo com ele, ele agora encontrava um novo amigo inesperado e um novo líder que o amava apaixonadamente, como se o Élder Zósima tivesse legado ele para ele quando ele estava morrendo. “Ou talvez isso realmente tenha acontecido entre eles”, pensou Alyosha de repente. O seu raciocínio inesperado e erudito, que agora ouvia, precisamente este, e não qualquer outro, testemunhava apenas o ardor do coração do Padre Paisius: já tinha pressa em equipar o mais rapidamente possível a sua jovem mente para combater as tentações e proteger a jovem alma que lhe foi legada, uma cerca que eu mesmo não imaginava que fosse mais forte.

II. Na casa do meu pai

Em primeiro lugar, Alyosha foi até seu pai. Ao se aproximar, lembrou-se de que seu pai havia insistido no dia anterior para que ele de alguma forma entrasse às escondidas de seu irmão Ivan. "Por que? - Alyosha pensou de repente. “Se meu pai quer me contar algo sozinho, às escondidas, então por que eu deveria entrar em silêncio?” É verdade que ontem, na sua excitação, ele quis dizer mais alguma coisa, mas não teve tempo”, decidiu. No entanto, ele ficou muito feliz quando Marfa Ignatievna, que abriu o portão para ele (Grigory, descobriu-se, adoeceu e estava deitado no anexo), disse-lhe, em resposta à sua pergunta, que Ivan Fedorovich já havia saído há duas horas, senhor.

- E pai?

“Ele está acordado e tomando café”, respondeu Marfa Ignatievna com certa secura.

Aliócha entrou. O velho estava sentado sozinho à mesa, calçando sapatos e um casaco velho, e folheando algumas contas por diversão, mas sem muita atenção. Ele estava completamente sozinho em toda a casa (Smerdyakov também foi buscar provisões para o jantar). Mas não foram as pontuações que o ocuparam. Embora ele tenha saído da cama de manhã cedo e estivesse revigorado, ele ainda parecia cansado e fraco. Sua testa, onde enormes manchas roxas haviam crescido durante a noite, estava amarrada com um lenço vermelho. O nariz também ficou muito inchado durante a noite, e várias manchas, embora insignificantes, se formaram nele, mas definitivamente deram a todo o rosto uma aparência particularmente zangada e irritada. O próprio velho sabia disso e olhou hostilmente para Aliocha quando ele entrou.

“O café está frio”, ele gritou bruscamente, “não vou servir”. Eu, irmão. Hoje estou sentado em um dia de jejum e não estou convidando ninguém. Por que você veio?

“Para saber mais sobre sua saúde”, disse Alyosha.

- Sim. Além disso, eu mesmo disse para você vir ontem. É tudo bobagem. Foi em vão que ele se dignou a se preocupar. A propósito, eu sabia que você viria imediatamente...

Ele disse isso com o sentimento mais hostil. Enquanto isso, ele se levantou e olhou ansiosamente no espelho (talvez pela quadragésima vez esta manhã) para o nariz. Ele também começou a arrumar seu lenço vermelho de maneira mais bonita na testa.

“Vermelho é melhor, mas de branco parece um hospital”, comentou sentenciosamente. - Bem, o que você tem aí? Qual é o seu velho?

“Ele está muito doente, pode morrer hoje”, respondeu Aliócha, mas seu pai nem o ouviu e imediatamente esqueceu a pergunta.

“Ivan foi embora”, disse ele de repente. “Ele está arrancando sua noiva de Mitka com todas as suas forças, é por isso que ele mora aqui”, acrescentou com raiva e, torcendo a boca, olhou para Alyosha.

- Ele realmente te contou isso? - perguntou Aliócha.

- Sim, e eu disse isso há muito tempo. O que você acha: cerca de três semanas, como eu disse. Certamente ele não poderia me esfaquear secretamente e vir aqui? Você veio para alguma coisa?

- O que você faz! Por que você está dizendo isso? - Alyosha ficou terrivelmente envergonhado.

“Ele não pede dinheiro, é verdade, mas ainda assim não receberá um centavo de mim.” “Eu, querido Alexei Fedorovich, pretendo viver o maior tempo possível no mundo, se você soubesse disso, e portanto preciso de cada centavo, e quanto mais eu viver, mais necessário será”, continuou ele, andando de um lado para o outro. sala de canto a canto, com as mãos nos bolsos de seu largo e gorduroso casaco amarelo de verão Kolomyanka. “Agora ainda sou um homem, cinquenta e cinco no total, mas quero estar na linha de um homem por mais vinte anos, mas quando eu envelhecer ficarei imundo, eles não virão até mim com boa vontade então, bem, é aí que vou precisar de dinheiro.” Então agora estou economizando cada vez mais, e mais só para mim, senhor, meu querido filho Alexei Fedorovich, se você soubesse, porque quero viver na minha sujeira até o fim, se você soubesse disso. É mais doce na sujeira: todo mundo repreende, mas todo mundo vive nela, só que tudo é segredo, mas eu abertamente. Foi por causa da minha inocência que todos os bandidos me atacaram. Mas eu não quero ir para o seu paraíso, Alexey Fedorovich, você saberia disso, mas para uma pessoa decente seria indecente até ir ao seu paraíso, mesmo que haja um lá. Na minha opinião adormeci e não acordei, e não tem nada, lembre-se de mim se quiser, mas se não quiser, dane-se. Essa é a minha filosofia. Ontem o Ivan falou bem aqui, apesar de estarmos todos bêbados. Ivan é um fanfarrão e não tem essa bolsa de estudos... e também não tem nenhuma educação especial, ele fica calado e sorri silenciosamente para você - é só isso que ele usa.

Alyosha o ouviu e ficou em silêncio.

- Por que ele não fala comigo? E ele diz, ele desmorona assim; seu canalha Ivan! E vou me casar com Grushka agora, se quiser. Porque com dinheiro basta querer, Alexey Fedorovich, e tudo vai acontecer. Então Ivan tem medo disso mesmo e está me protegendo para que eu não me case, e por isso pressiona Mitka a se casar com Grushka: assim ele quer me salvar de Grushka (como se eu fosse deixar dinheiro para ele se eu não se case com Grushka!), e por outro lado, se Mitka se casar com Grushka, então Ivan ficará com sua noiva rica, que cálculo ele tem! Seu canalha Ivan!

- Como você está irritado. Este é você de ontem; “Você deveria ir se deitar”, disse Alyosha.

“Você diz isso”, comentou o velho de repente, como se isso lhe tivesse ocorrido pela primeira vez, “você diz isso, mas não estou zangado com você, mas com Ivan, se ele tivesse me contado isso muito coisa, eu teria ficado com raiva. Só tive momentos bons com você, caso contrário sou uma pessoa má.

“Você não é uma pessoa má, mas uma pessoa distorcida”, Alyosha sorriu.

- Escute, eu queria prender o ladrão Mitka hoje, e mesmo agora ainda não sei como vou decidir. Claro que, nos tempos da moda, costuma-se considerar os pais e as mães um preconceito, mas de acordo com as leis, ao que parece, mesmo no nosso tempo não é permitido puxar os pais velhos pelos cabelos, nem bater-lhes. a cara com os calcanhares no chão, na própria casa, ou vangloriar-se e matar completamente - tudo na frente de testemunhas, senhor. Se eu quisesse, poderia tê-lo distorcido e tê-lo trancafiado agora pelo que aconteceu ontem.

- Então você não quer reclamar, não?

- Ivan me dissuadiu. Eu não daria a mínima para Ivan, mas eu mesmo sei de uma coisa...

E, curvando-se para Aliocha, continuou num meio sussurro confidencial.

“Se eu o embosquei, o canalha, ela vai ouvir que eu o embosquei e correrá imediatamente até ele.” E se ele ouvir hoje que me bateu, um velho fraco, quase até a morte, então talvez ele o deixe e venha me ver... Este é o tipo de personagem com o qual somos dotados - apenas para fazer o oposto. Eu a conheço por completo! Por que você não bebe um pouco de conhaque? Pegue uma xícara de café gelado e eu sirvo um quarto de copo para você, faz bem ao paladar, irmão.

- Não, não, obrigado. “Vou levar este pão comigo se você me der”, disse Alyosha e, pegando um pão francês de três copeques, colocou-o no bolso da batina. “Você também não deveria beber conhaque”, aconselhou ele com cautela, olhando para o rosto do velho.

“Sua verdade é irritante, mas não lhe dá paz.” Mas só um copo... sou do armário...

Abriu o armário com a chave, serviu um copo, bebeu, trancou o armário e colocou a chave de volta no bolso.

“E isso é o suficiente, não vou beber muito.”

“Agora você se tornou mais gentil”, Alyosha sorriu.

- Hum! Eu te amo mesmo sem conhaque, mas com canalhas sou um canalha. Vanka não vai para Chermashnya - por quê? Ele precisa espionar: quanto darei a Grushenka se ela vier? Todos canalhas! Sim, não reconheço Ivan. Eu não o conheço de jeito nenhum. De onde veio isso? Não é a nossa alma. E exatamente o que vou deixar para ele? Sim, não vou deixar testamento, se você soubesse disso. E vou esmagar Mitka como uma barata. Eu esmago baratas pretas à noite com meus sapatos: elas clicam quando você pisa nelas. Seu Mitka também clicará. Seu Mitka, porque você o ama. Você o ama, mas não tenho medo de que você o ame. E se Ivan o amasse, eu teria medo de que ele o amasse. Mas Ivan não ama ninguém. O Ivan não é o nosso homem, essa gente como o Ivan, esse, irmão, não é o nosso povo, essa é a poeira que subiu... O vento vai soprar e a poeira vai passar... Ontem uma coisa estúpida passou pela minha cabeça quando Eu falei para você vir hoje: queria saber do Mitka, se ele tivesse mil, bom, outro, eu agora contaria se ele, um mendigo e um canalha, concordaria em fugir completamente, por cinco anos , ou melhor ainda, aos trinta e cinco, e sem Grushka e já desistindo completamente dela, hein?

“Eu... vou perguntar a ele...” murmurou Alyosha. - Se todos os três mil, então talvez ele...

- Você está mentindo! Não há necessidade de perguntar agora, não há necessidade de nada! Mudei de ideia. Foi ontem que a estupidez entrou estupidamente na minha cabeça. Não vou te dar nada, absolutamente nada, eu mesmo preciso do meu dinheiro”, o velho acenou com a mão. “De qualquer maneira, vou esmagá-lo como uma barata.” Não diga nada a ele, caso contrário ele ainda terá esperança. E você não tem absolutamente nada a ver comigo, vá em frente. Esta noiva, Katerina Ivanovna, que ele escondia de mim com tanto cuidado o tempo todo, vai se casar com ele ou não? Você foi vê-la ontem, eu acho?

“Ela não quer deixá-lo por nada.”

- Essas são as jovens gentis que eles amam, farristas e canalhas! Bobagem, vou te dizer, essas jovens são pálidas; ou algo assim... Bem! Se eu tivesse a juventude dele e a cara daquela época (porque eu era melhor que ele aos vinte e oito anos), teria vencido como ele. Ele é um malandro! Mas ele ainda não vai pegar Grushenka, ele não vai pegá-lo... Vou transformá-lo em lixo! Ele ficou furioso novamente com as últimas palavras.

“Vá também, você não tem nada a ver comigo hoje”, ele retrucou.

Alyosha veio se despedir e beijou-o no ombro.

-O que você está fazendo? — o velho ficou um pouco surpreso. - Te vejo mais tarde. - Você acha que não vamos te ver?

- De jeito nenhum, só fiz isso por acidente.

“Está tudo bem, eu, e eu sou assim mesmo...” o velho olhou para ele. - Ouça, ouça. - gritou atrás dele, - venha logo, e eu farei sopa de peixe, especial, não de hoje, não deixe de vir! Sim, amanhã, ouça, venha amanhã!

E assim que Aliocha saiu pela porta, voltou ao armário e bateu outro meio copo.

- Não farei isso de novo! - murmurou ele com um grunhido, trancou novamente o armário, colocou a chave novamente no bolso, depois foi para o quarto, deitou-se indefeso na cama e adormeceu num instante.

III. Entrou em contato com um aluno

“Graças a Deus ele não me perguntou sobre Grushenka”, pensou Alyosha por sua vez, deixando o pai e indo para a casa da Sra. Khokhlakova, “caso contrário, provavelmente eu teria que contar sobre o encontro de ontem com Grushenka”. Alyosha sentiu dolorosamente que durante a noite os lutadores haviam reunido novas forças e, com o dia seguinte, seus corações voltaram a pedra: “Pai está irritado e zangado, ele inventou algo e decidiu; e Dmitri? Ele também se fortaleceu durante a noite, ele também deve estar irritado e com raiva, e claro que também pensou em alguma coisa... Ah, definitivamente precisamos encontrá-lo hoje, não importa o que aconteça..."

Mas Alyosha não teve tempo para pensar por muito tempo: um incidente aconteceu de repente com ele no caminho, que, embora não fosse muito importante na aparência, o afetou muito. Assim que passou pela praça e entrou em um beco para sair na rua Mikhailovskaya, paralela à Bolshaya, mas separada dela apenas por uma vala (toda a nossa cidade está crivada de valas), ele viu abaixo, em frente à ponte, um pequeno grupo de escolares, todos crianças pequenas, de nove a doze anos no máximo. Eles voltavam da aula com suas bolsinhas nos ombros, outros com bolsas de couro nas alças, uns com jaquetas, outros com casacos, e outros com botas de cano alto com dobras na parte superior, que as crianças gostam especialmente de exibir. quando estão sendo mimados por pais ricos. Todo o grupo estava discutindo algo animadamente, aparentemente conferenciando. Aliocha nunca poderia passar indiferente pelas crianças, isso também acontecia com ele em Moscou e, embora gostasse mais de crianças de três anos ou mais, também gostava muito de crianças em idade escolar de dez e onze anos. E, portanto, por mais preocupado que estivesse agora, de repente ele quis se virar para eles e conversar. Ao se aproximar, ele olhou para seus rostos rosados ​​e animados e de repente viu que todos os meninos tinham uma pedra nas mãos, outros tinham duas. Além da vala, a cerca de trinta passos do grupo, estava parado perto da cerca outro menino, também estudante, também com uma bolsa ao lado, não mais de dez anos ou até menos alto - pálido, doentio e com olhos negros brilhantes. Ele observou cuidadosa e curiosamente um grupo de seis alunos, obviamente seus camaradas, que haviam acabado de sair da escola com ele, mas com quem ele aparentemente estava em inimizade. Alyosha se aproximou e, virando-se para um menino cacheado, loiro e ruivo de jaqueta preta, notou, olhando para ele:

“Quando eu usava uma bolsa como a sua, usávamos do lado esquerdo para que eu pudesse alcançá-la imediatamente com a mão direita; e você está com sua bolsa do lado direito, é difícil tirá-la.

Alyosha, sem qualquer astúcia premeditada, começou diretamente com esta observação profissional, mas um adulto não pode começar de outra forma se precisar conquistar diretamente a confiança de uma criança e especialmente de um grupo inteiro de crianças. É preciso começar com seriedade e eficiência e para que esteja em pé de igualdade; Alyosha entendeu isso instintivamente.

“Sim, ele é canhoto”, respondeu imediatamente outro menino, jovem e saudável, com cerca de onze anos. Todos os outros cinco rapazes fixaram os olhos em Aliócha.

“Ele até atira pedras com a mão esquerda”, observou o terceiro menino. Naquele momento, uma pedra voou para dentro do grupo, tocou levemente o menino canhoto, mas passou voando, embora tenha sido lançada com destreza e energia. O menino o deixou ir para trás da vala.

- Bata nele, coloque-o, Smurov! - todos gritaram. Mas Smurov (canhoto) não o deixou esperando e imediatamente revidou: jogou uma pedra no menino atrás da vala, mas não teve sucesso: a pedra caiu no chão. O menino atrás da vala imediatamente jogou outra pedra no grupo, desta vez diretamente em Aliocha, e atingiu-o com bastante dor no ombro. O menino atrás da vala tinha o bolso cheio de pedras preparadas. Isso podia ser visto a trinta passos dos bolsos fofos de seu casaco.

“Ele está mirando em você, ele está mirando em você de propósito.” Afinal, você é Karamazov, Karamazov? - os meninos gritaram rindo. - Bem, todos caíram nele de uma vez!

E seis pedras voaram para fora do grupo de uma vez. Um deles atingiu o menino na cabeça e ele caiu, mas ele imediatamente deu um pulo e começou a responder freneticamente ao grupo com pedras. Um tiroteio contínuo começou em ambos os lados, e muitos do grupo também tinham pedras preparadas nos bolsos.

- O que você está dizendo? Não é uma pena, senhores! Seis contra um, você o matará! - gritou Aliócha.

Ele saltou e ficou em direção às pedras voadoras para bloquear o menino atrás da vala. Três ou quatro se acalmaram por um momento.

- Ele mesmo começou! - gritou o menino de camisa vermelha com uma voz infantil irritada, - ele é um canalha, esfaqueou Krasotkin com um canivete na aula de Krasotkin agora há pouco, e o sangue escorreu. Krasotkin simplesmente não queria ganhar dinheiro, mas este precisa ser derrotado...

- Sim, para quê? Você está realmente brincando com ele?

- Mas ele te mandou uma pedra nas costas de novo. Ele conhece você. - gritaram as crianças. “Ele está jogando isso em você agora, não em nós.” É isso, bata nele de novo, não erre, Smurov!

E o tiroteio recomeçou, desta vez com muita raiva. O menino atrás da vala foi atingido no peito por uma pedra; ele gritou, chorou e subiu a colina correndo até a rua Mikhailovskaya. O grupo começou a gritar: “É, ele se acovardou, fugiu, é um pano!”

“Você ainda não sabe, Karamazov, o quão vil ele é, não basta matá-lo”, repetiu o menino de paletó, com olhos brilhantes, aparentemente mais velho que todos os outros.

- Como ele é? - perguntou Aliócha. — Fiscal, ou o quê? Os meninos se entreolharam como se estivessem sorrindo.

— Você vai para Mikhailovskaya? - continuou o mesmo garoto. - Então, alcance-o... Veja, ele parou de novo, esperando e olhando para você.

- Ele está olhando para você, ele está olhando para você! - os meninos atenderam.

- Então pergunte se ele gosta de uma esponja de banho desgrenhada. Ouça, basta perguntar.

Houve risadas gerais. Aliocha olhou para eles e eles olharam para ele.

“Não vá, ele vai te matar”, gritou Smurov em alerta.

“Senhores, não vou perguntar a ele sobre a toalha, porque provavelmente vocês estão brincando com ele de alguma forma, mas vou descobrir com ele por que vocês o odeiam tanto...”

“Descubra, descubra”, os meninos riram. Alyosha atravessou a ponte e subiu a colina, passando pela cerca, direto para o menino desgraçado.

“Olha”, eles gritaram para ele em advertência, “ele não terá medo de você, ele vai te esfaquear de repente, às escondidas... como Krasotkina...”

O menino esperou por ele sem se mover. Aproximando-se completamente, Aliocha viu diante de si uma criança de não mais de nove anos, fraca e baixa, de rosto pálido, magro e oblongo, com olhos grandes e escuros que o olhavam maliciosamente. Ele estava vestido com um casaco velho e surrado, do qual ficou feio. Braços nus projetavam-se das mangas. Havia uma grande mancha no joelho direito da calça, e na bota direita, na ponta do pé, onde ficava o dedão, havia um grande buraco, aparentemente manchado de tinta. Pedras estavam enfiadas nos dois bolsos abaulados de seu casaco. Alyosha parou dois passos à frente dele, olhando para ele interrogativamente. O menino, imediatamente adivinhando pelos olhos de Aliocha que não queria bater nele, também perdeu a coragem e até falou ele mesmo.

“Estou sozinho e são seis... Vou matá-los sozinho”, disse ele de repente, com os olhos brilhando.

“Uma pedra deve ter atingido você com muita dor”, observou Alyosha.

- E eu bati na cabeça do Smurov! - o menino gritou.

- Disseram-me lá que você me conhece e por alguma coisa atiraram uma pedra em mim? - perguntou Aliócha. O menino olhou para ele sombriamente.

- Eu não te conheço. Você me conhece? - Aliocha interrogou.

- Não incomode! - o menino gritou de repente irritado, mas sem se mover do lugar, como se ainda esperasse por alguma coisa, e novamente seus olhos brilharam de raiva.

“Tudo bem, vou”, disse Alyosha, “mas não conheço você e não estou brincando com você”. Eles me contaram como te provocam, mas eu não quero te provocar, adeus!

- Um monge de calças! - gritou o menino, ainda observando Aliocha com o mesmo olhar malvado e desafiador, e por falar nisso, ele fez uma pose, esperando que Aliocha certamente corresse para ele agora, mas Aliocha se virou, olhou para ele e foi embora. Mas antes que ele tivesse tempo de dar três passos, a maior pedra que estava em seu bolso, atirada pelo menino, atingiu-o dolorosamente nas costas.

- Então você está atrás? Então eles estão falando a verdade sobre você, que você ataca às escondidas? - Alyosha se virou novamente, mas desta vez o menino jogou furiosamente uma pedra em Alyosha novamente e bem no rosto, mas Alyosha conseguiu se proteger a tempo, e a pedra o atingiu no cotovelo.

- Você devia se envergonhar! O que eu fiz com você? - ele gritou. O menino esperava silenciosa e desafiadoramente apenas uma coisa: que agora Alyosha sem dúvida correria contra ele; Vendo que mesmo agora ele não estava com pressa, ficou completamente zangado como um animalzinho: saiu de seu lugar e correu para o próprio Aliocha, e antes que tivesse tempo de se mover, o menino zangado, abaixando a cabeça e agarrando sua mão esquerda com as duas mãos, mordeu dolorosamente o dedo do meio. Ele cravou os dentes nele e não o soltou por cerca de dez segundos. Alyosha gritou de dor, puxando o dedo com toda a força. O menino finalmente o soltou e saltou para a mesma distância. O dedo foi mordido dolorosamente, bem na unha, profundamente até o osso; o sangue fluiu. Aliocha pegou um lenço e envolveu-o com força na mão ferida. Ele embrulhou por quase um minuto inteiro. O menino ficou parado e esperou todo esse tempo. Finalmente Alyosha ergueu seu olhar tranquilo para ele.

"Tudo bem", ele disse, "você vê como você me mordeu dolorosamente, bem, isso é o suficiente, não é?" Agora me diga, o que eu fiz com você?

O menino olhou surpreso.

“Mesmo que eu não te conheça e esta seja a primeira vez que te vejo”, Alyosha continuou com a mesma calma, “mas é impossível que eu não fizesse nada com você - você não me torturaria. por nada.” Então, o que eu fiz e por que sou culpado diante de você, diga-me?

Em vez de responder, o menino de repente chorou alto, muito alto e de repente fugiu de Alyosha. Alyosha caminhou silenciosamente atrás dele até a rua Mikhailovskaya e por um longo tempo viu o menino correndo ao longe, sem diminuir o passo, sem olhar para trás, e certamente ainda chorando com a mesma voz. Fez questão, assim que teve tempo, de encontrá-lo e explicar esse enigma que o surpreendeu muito. Agora ele não tinha tempo.

4. Nos Khokhlakovs

Ele logo se aproximou da casa da Sra. Khokhlakova, uma casa de pedra, dela, de dois andares, linda, uma das melhores casas da nossa cidade. Embora a Sra. Khokhlakova vivesse principalmente em outra província, onde tinha uma propriedade, ou em Moscou, onde tinha sua própria casa, ela também tinha sua própria casa em nossa cidade, herdada de seus pais e avôs. E a sua propriedade, que ela possuía no nosso distrito, era a maior de todas as suas três propriedades, e ainda assim ela tinha vindo à nossa província muito raramente. Ela correu para Alyosha no corredor.

— Você recebeu uma carta sobre um novo milagre? - Ela falou rapidamente, nervosa.

"Sim, recebido."

— Eles distribuíram e mostraram para todo mundo? Ele devolveu seu filho para sua mãe!

“Ele vai morrer hoje”, disse Alyosha.

- Eu ouvi, eu sei, ah, como quero falar com você! Com você ou com alguém sobre tudo isso. Não, com você, com você! E que pena que não posso vê-lo! A cidade inteira está animada, todos estão esperando. Mas agora... você sabia que Katerina Ivanovna está sentada conosco?

- Ah, isso é feliz! - exclamou Aliócha. "Então, vou vê-la em sua casa ontem; ela me disse para definitivamente ir até ela hoje."

- Eu sei tudo, eu sei tudo. Ouvi todos os detalhes sobre o que aconteceu com ela ontem... e sobre todos esses horrores com esta... criatura. C'est trágico, e eu estaria no lugar dela - não sei o que faria no lugar dela! Mas seu irmão, Dmitry Fedorovich, é o que - oh meu Deus! Alexey Fedorovich, estou ficando confuso, imagine: agora seu irmão está sentado aí, ou seja, não o mesmo, não o terrível de ontem, mas outro, Ivan Fedorovich, sentado e conversando com ela: eles estão tendo uma conversa solene ... E se você apenas acreditasse que entre o que está acontecendo com eles agora é terrível, eu vou te dizer, é um colapso, é um conto de fadas terrível que você não pode acreditar em nada: ambos estão se arruinando porque ninguém sabe ora, eles próprios sabem disso e gostam disso. Eu estava esperando por você! Eu estava com saudades de você! O principal é que não aguento. Vou te contar tudo agora, mas agora outra coisa e o mais importante é - ah, até esqueci que isso é o mais importante: me diga, por que a Lise está histérica? Ela acabou de saber que você estava vindo e imediatamente começou a ficar histérica!

“Mamãe, está histérico com você agora, não comigo”, a voz de Lise de repente cantou na fresta da sala ao lado. A fresta era a menor e a voz estava tensa, assim quando você realmente quer rir, mas você. lute com todas as suas forças. Alyosha percebeu imediatamente essa rachadura, e Lise provavelmente estava olhando para ele de sua cadeira, mas ele não conseguia ver isso.

- Não é à toa, Lise, não é à toa... seus caprichos vão me deixar histérica, mas ela está tão doente, Alexey Fedorovich, ela ficou tão doente a noite toda, no calor, ela estava gemendo! Mal podia esperar pela manhã e pelo Herzenstube. Ele diz que não consegue entender nada e que deve esperar. Esse Herzenstube sempre chega e diz que não consegue entender nada. Assim que você se aproximou da casa, ela gritou e teve uma convulsão, e mandou ser transportada aqui para seu antigo quarto...

“Mãe, eu não sabia que ele vinha, não foi por causa dele que eu quis me mudar para este quarto.”

- Isso não é verdade, Lise, Yulia veio correndo avisar que Alexey Fedorovich estava vindo, ela estava em guarda.

- Querida mãe, isso é terrivelmente involuntário da sua parte. E se você quiser melhorar e dizer algo muito inteligente agora, então diga, querida mãe, ao gracioso senhor Alexei Fedorovich, que entrou, que ele já provou que não tem inteligência, que decidiu vir até nós hoje depois de ontem e apesar de todos estarem rindo dele.

- Lise, você se permite demais, e garanto que finalmente recorrerei a medidas rigorosas. Quem está rindo dele? Estou tão feliz que ele veio, eu preciso dele, preciso absolutamente dele. Oh, Alexey Fedorovich, estou extremamente infeliz!

- O que há com você, querida mãe?

- Ah, esses seus caprichos, Lise, inconstância, sua doença, essa noite terrível de calor, esse terrível e eterno Herzenstube, o mais importante, eterno, eterno e eterno! E finalmente tudo, tudo... E finalmente até esse milagre! Oh, como esse milagre me surpreendeu, como me chocou, querido Alexei Fedorovich! E tem essa tragédia agora na sala, que eu não aguento, não aguento, já te digo de antemão que não aguento. Pode ser uma comédia, não uma tragédia. Diga-me, o Élder Zosima ainda viverá até amanhã, ele viverá? Oh meu Deus! o que está acontecendo comigo, fecho os olhos a cada minuto e vejo que tudo é bobagem, tudo é bobagem.

“Eu realmente pediria a você”, interrompeu Aliocha de repente, “que me desse um pano limpo para amarrar meu dedo”. Eu o machuquei muito e agora ele me machuca terrivelmente.

Alyosha desdobrou o dedo mordido. O lenço estava fortemente manchado de sangue. A Sra. Khokhlakova gritou e fechou os olhos.

- Meu Deus, que ferida, é terrível! Mas assim que Lise viu o dedo de Aliócha pela fresta, ela imediatamente abriu a porta com toda a força.

“Entre, venha aqui para mim”, ela gritou insistente e imperiosamente, “agora chega de bobagens!” Oh meu Deus, por que você ficou em silêncio por tanto tempo? Ele poderia ter sangrado até a morte, mãe! Onde você está, como você está? Em primeiro lugar, água, água! Você precisa lavar a ferida, é só colocar na água fria para a dor parar, e segurar, segurar tudo... Depressa, despacha a água, mãe, para um copo de enxágue. “Depressa,” ela terminou nervosamente. Ela estava completamente assustada; O ferimento de Aliócha a atingiu terrivelmente.

- Não deveríamos mandar buscar o Herzenstube? - exclamou a Sra. Khokhlakova.

- Mãe, você vai me matar. Seu Herzenstube virá e dirá que não consegue entender! Água, água! Mãe, pelo amor de Deus, vá você mesma, apresse-se Yulia, que está presa em algum lugar e nunca poderá voltar logo! Apresse-se, mãe, senão eu morrerei...

- Sim, isso não é nada! - exclamou Alyosha, assustado com o susto deles.

Julia veio correndo com água. Alyosha mergulhou o dedo na água.

- Mãe, pelo amor de Deus, traga alguns fiapos; fiapos e aquela água lamacenta cáustica para cortes, qual é o nome disso! A gente tem, a gente tem, a gente tem... Mãe, você mesma sabe onde está a garrafa, no seu quarto no armário da direita tem uma garrafa grande e fiapos...

“Vou trazer tudo agora, Lise, só não grite nem se preocupe.” Você vê com que firmeza Alexey Fedorovich suporta seu infortúnio. E onde você poderia ter se machucado tanto, Alexey Fedorovich?

A Sra. Khokhlakova saiu apressadamente. Lise estava apenas esperando por isso.

“Em primeiro lugar, responda à pergunta”, ela falou rapidamente para Alyosha: “onde você se dignou a se machucar assim?” E então falarei com você sobre algo completamente diferente. Bem!

Aliócha, sentindo instintivamente que o tempo até o retorno da mãe era precioso para ela, apressadamente, omitindo e encurtando muita coisa, mas mesmo assim com precisão e clareza, contou-lhe sobre seu misterioso encontro com os alunos. Depois de ouvi-lo, Lise apertou as mãos:

- Bom, é possível, é possível você, mesmo com esse vestido, se envolver com meninos! - gritou ela com raiva, como se tivesse algum tipo de direito sobre ele, “depois disso, você mesmo é um menino, o menor menino que pode ser!” Porém, com certeza você vai descobrir mais sobre esse bad boy e me contar tudo, pois há algum tipo de segredo aqui. Agora a segunda coisa, mas primeiro a pergunta: você consegue. Alexei Fedorovich, apesar de sofrer de dores, fala de ninharias completas, mas fala com cautela?

“Eu absolutamente posso, e agora não sinto mais esse tipo de dor.”

- É porque seu dedo está na água. Precisa ser trocado imediatamente, pois esquentará rapidamente. Julia, traga imediatamente um pedaço de gelo do porão e um novo copo de água para enxaguar. Bem, agora que ela se foi, estou falando de negócios: imediatamente, querido Alexei Fedorovich, por favor, dê-me a carta que lhe enviei ontem - imediatamente, porque agora a mamãe pode vir, mas eu não quero...

— Não tenho uma carta comigo.

- Não é verdade, está com você. Eu sabia que você responderia assim. Você tem isso neste bolso. Fiquei com tanto remorso por causa dessa piada estúpida a noite toda. Vire a carta agora, devolva-a!

- Permanece lá.

“Mas você não pode me considerar uma menina, uma garotinha, depois da minha carta com uma piada tão estúpida!” Peço desculpas pela piada estúpida, mas com certeza você vai me trazer a carta, se realmente não a tem, traga-a hoje, com certeza, com certeza!

“É absolutamente impossível hoje, porque irei ao mosteiro e não irei até vocês por dois, três, talvez quatro dias, porque o Élder Zosima...

- Quatro dias, que bobagem! Escute, você riu muito de mim?

“Eu não ri nem um pouco.”

- Por que?

“Porque eu acreditei em absolutamente tudo.”

- Você me insulta!

- De jeito nenhum. Assim que li, pensei imediatamente que assim tudo aconteceria, porque assim que o Ancião Zósima morresse, eu teria que deixar o mosteiro. Depois continuarei o curso e passarei no exame, e quando chegar o prazo legal nos casaremos. Eu vou te amar. Embora ainda não tivesse tempo para pensar, pensei que não conseguiria encontrar uma esposa melhor do que você, mas o mais velho me disse para me casar...

- Mas eu sou uma aberração, eles me carregam em cadeiras! - Lisa riu com um rubor nas bochechas.

“Eu mesmo carregarei você na cadeira, mas tenho certeza de que você já estará recuperado.”

“Mas você está louco”, disse Lisa nervosamente, “de tal piada e de repente você fez tanta bobagem!.. Ah, aqui está a mãe, talvez isso seja muito útil.” Mãe, como você sempre se atrasa, é possível demorar tanto! Agora Julia está carregando gelo!

- Axe, Lise, não grite, o principal é não gritar. Isso me faz gritar... O que posso fazer se você mesmo colocou o fiapo em outro lugar... Eu procurei e procurei... Suspeito que você fez isso de propósito.

“Mas eu não poderia saber que ele viria com um dedo mordido, caso contrário, talvez eu realmente tivesse feito isso de propósito.” Mãe anjo, você está começando a dizer coisas extremamente espirituosas.

- Eles podem ser espirituosos, mas que sentimentos, Lise, pelo dedo de Alexei Fedorovich e tudo isso! Ah, querido Alexei Fedorovich, não são os detalhes que me matam, nem algum Herzenstube, mas tudo junto, tudo como um todo, é isso que não suporto.

“Chega, mãe, chega de Herzenstube”, Lisa riu alegremente, “vamos pegar um pouco de fiapos, mãe e água rapidamente”. É só uma loção de chumbo, Alexey Fedorovich, lembro o nome agora, mas é uma loção maravilhosa. Mãe, imagina, ele brigou com uns meninos na rua no caminho, e o menino mordeu ele, ele não é um homenzinho, ele mesmo não é um homenzinho, e ele pode, mãe, se casar depois, porque ele, imagina, ele quer casar, mãe. Imagine que ele é casado, não é engraçado, não é terrível?

E Lise continuou rindo com sua risadinha nervosa, olhando maliciosamente para Aliócha.

- Bem, como você pode se casar, Lise, e por que diabos você deveria fazer isso, e isso é completamente inapropriado para você... enquanto esse garoto pode estar bravo.

- Ah, mãe! Existem garotos malucos?

- Por que não acontecem, Lise, é como se eu tivesse falado alguma besteira. Seu filho foi mordido por um cachorro raivoso e se tornou um menino raivoso e, por sua vez, morderá alguém perto dele. Como ela fez um curativo em você, Alexey Fedorovich, eu nunca poderia ter feito isso. Você sente dor agora?

- Agora é muito pequeno.

- Você não tem medo de água? - Lise perguntou.

- Bom, já chega, Lise, talvez eu realmente tenha falado muito precipitadamente sobre o menino maluco, e você simplesmente tocou no assunto. Katerina Ivanovna acabou de descobrir que você veio, Alexey Fedorovich, e correu até mim, ela sente falta de você, sente falta de você.

- Ah, mãe! Vai lá sozinho, mas ele não pode ir agora, está sofrendo muito.

“Não estou sofrendo nada, posso ir muito bem...” disse Alyosha.

- Como! Você está indo embora? É você? É você?

- Bem? Afinal, quando eu terminar aí, voltarei e poderemos conversar de novo o quanto você quiser. E eu gostaria muito de ver Katerina Ivanovna o mais rápido possível, porque de qualquer forma quero muito voltar ao mosteiro o mais rápido possível hoje.

- Mãe, leve-o e leve-o embora rapidamente. Alexey Fedorovich, não se preocupe em vir me ver depois de Katerina Ivanovna, mas vá direto para o seu mosteiro, é onde você pertence! Mas eu quero dormir, não dormi a noite toda.

- Ah, Lise, isso são só brincadeiras da sua parte, mas e se você realmente adormecesse! - exclamou a Sra. Khokhlakova.

“Não sei o que estou fazendo... ficarei mais três minutos, até cinco, se você quiser”, murmurou Aliocha.

- Até cinco! Leve-o embora rápido, mãe, ele é um monstro!

-Lise, você é louca. Vamos lá, Alexey Fedorovich, ela está muito caprichosa hoje, tenho medo de irritá-la. Oh, que tristeza por uma mulher nervosa, Alexey Fedorovich! Mas, na verdade, ela pode querer dormir com você. Como você a deixou com sono tão rápido e como ela está feliz!

- Ah mãe, como você começou a falar docemente, eu te beijo, mamãe, por isso.

- E eu também te amo, Lise. Ouça, Alexey Fedorovich”, a Sra. Khokhlakova falou misteriosa e importantemente em um sussurro rápido. saindo com Alyosha, - não quero te inspirar em nada, nem levantar esse véu, mas você entra e vê por si mesmo tudo o que acontece lá, é terror, é a comédia mais fantástica: ela ama seu irmão Ivan Fedorovich e se convence com todas as suas forças de que ama seu irmão Dmitry Fedorovich. É horrível! Entrarei com você e, se não me expulsarem, esperarei até o fim.

V. Rasgo na sala

Mas na sala a conversa já estava terminando; Katerina Ivanovna estava muito animada, embora parecesse determinada. No minuto em que Alyosha e a Sra. Khokhlakova entraram, Ivan Fedorovich levantou-se para sair. Seu rosto estava um tanto pálido e Aliocha olhou para ele com preocupação. O fato é que aqui para Aliocha estava agora resolvida uma de suas dúvidas, um enigma inquieto que o atormentava há algum tempo. Há cerca de um mês, ele já havia ouvido várias vezes, e de diferentes lados, que o irmão Ivan amava Katerina Ivanovna e, o mais importante, realmente pretendia “ganhá-la” para longe de Mitya. Até muito recentemente, isso parecia monstruoso para Aliocha, embora o incomodasse muito. Ele amava os dois irmãos e temia tal rivalidade entre eles. Enquanto isso, o próprio Dmitry Fedorovich anunciou repentinamente a ele ontem que estava até feliz com a rivalidade de seu irmão Ivan e que isso o ajudaria, Dmitry, de muitas maneiras. O que isso ajudará? Ele deveria se casar com Grushenka? Mas Alyosha considerou este assunto desesperado e último. Além de tudo isso, Alyosha sem dúvida acreditava até ontem à noite que a própria Katerina Ivanovna amava apaixonada e teimosamente seu irmão Dmitry - mas só até ontem à noite ele acreditou. Além disso, por algum motivo ele estava imaginando tudo. que ela não pode amar alguém como Ivan, mas ama seu irmão Dmitry, e exatamente como ele é, apesar de toda a monstruosidade desse amor. Ontem, na cena com Grushenka, de repente ele pareceu imaginar outra coisa. A palavra “lágrima”, acabada de ser pronunciada pela Sra. Khokhlakova, quase o fez estremecer, porque foi naquela noite, meio acordado ao amanhecer, que de repente, provavelmente respondendo ao seu sonho, disse: “Lágrima, lágrima!” Ele sonhou a noite toda com a cena de ontem na casa de Katerina Ivanovna. Agora, de repente, a garantia direta e persistente da Sra. Khokhlakova de que Katerina Ivanovna ama seu irmão Ivan e apenas ela mesma, de propósito, por algum tipo de jogo, por “tensão”, está se enganando e se atormentando com seu amor fingido pois Dmitry, dentre alguns supostamente, ficaria grato”, Alyosha ficou surpreso: “Sim, talvez haja realmente verdade completa nessas mesmas palavras!” Mas neste caso, qual é a posição do irmão Ivan? Alyosha sentiu com algum instinto que uma personagem como Katerina Ivanovna precisava governar, mas ela só poderia governar alguém como Dmitry, e de forma alguma sobre alguém como Ivan. Pois Dmitry só poderia (digamos, pelo menos por muito tempo) finalmente se humilhar diante dela “para sua própria felicidade” (o que até Alyosha teria desejado), mas Ivan não, Ivan não poderia se humilhar diante dela, e essa humildade não lhe daria boa sorte. Por alguma razão, Alyosha formou involuntariamente tal conceito sobre Ivan. E todas essas hesitações e considerações passaram por sua mente naquele momento em que ele entrou na sala. Outro pensamento surgiu: de repente e incontrolavelmente: “E se ela não amar ninguém, nem um nem outro?” Noto que Alyosha parecia ter vergonha de tais pensamentos e censurou-se por eles quando eles vieram até ele no último mês: “Bem, o que eu entendo sobre o amor e as mulheres e como posso tomar tais decisões?” ele pensou com reprovação para si mesmo depois de cada pensamento ou suposição semelhante. E ainda assim era impossível não pensar. Ele compreendeu instintivamente que agora, por exemplo, no destino dos seus dois irmãos, esta rivalidade era uma questão demasiado importante e da qual dependia demasiado. “Um réptil comerá outro réptil”, disse ontem o irmão Ivan, falando irritado sobre seu pai e irmão Dmitry. Então o irmão Dmitry é um bastardo aos seus olhos e talvez já seja um bastardo há muito tempo? Não foi desde que o irmão Ivan reconheceu Katerina Ivanovna? Estas palavras, é claro, escaparam involuntariamente de Ivan ontem, mas é ainda mais importante que ele tenha feito isso involuntariamente. Se sim, que tipo de mundo é esse? Não serão estas, pelo contrário, novas razões para o ódio e a inimizade na sua família? E o mais importante, de quem ele, Alyosha, deveria sentir pena? E o que você deseja para todos? Ele ama os dois, mas o que cada um deles pode desejar em meio a tão terríveis contradições? Nessa confusão era possível perder-se completamente, mas o coração de Aliócha não suportava o desconhecido, porque a natureza do seu amor estava sempre ativa. Ele não podia amar passivamente; tendo amado, imediatamente começou a ajudar. E para isso era preciso traçar uma meta, era preciso saber com firmeza o que é bom e necessário para cada um deles, e tendo estabelecido a fidelidade à meta, era natural ajudar cada um deles. Mas em vez de um objetivo firme, havia apenas imprecisão e confusão em tudo. “Tear” já foi pronunciado! Mas o que ele poderia entender mesmo nesse colapso? Ele nem entende a primeira palavra de toda essa confusão!

Ao ver Aliocha, Katerina Ivanovna disse rápida e alegremente a Ivan Fedorovich, que já havia se levantado para ir embora:

- Só um minuto! Fique mais um minuto. Quero ouvir a opinião dessa pessoa em quem confio com todo o meu ser. Katerina Osipovna, também não vá embora”, acrescentou ela, voltando-se para a Sra. Ela sentou Alyosha ao lado dela, e Khokhlakova sentou-se do lado oposto, ao lado de Ivan Fedorovich.

“Todos os meus amigos estão aqui, todos que tenho no mundo, meus queridos amigos”, ela começou apaixonadamente com uma voz em que tremiam lágrimas sinceras de sofrimento, e o coração de Alyosha voltou-se para ela imediatamente. - Você, Alexey Fedorovich, você testemunhou esse... horror ontem e viu como eu era. Você não viu isso, Ivan Fedorovich, ele viu. O que ele pensou de mim ontem - não sei, só sei uma coisa: se a mesma coisa se repetisse hoje, agora, e eu teria expressado os mesmos sentimentos de ontem - os mesmos sentimentos, as mesmas palavras e as mesmas movimentos. Você se lembra dos meus movimentos, Alexey Fedorovich, você mesmo me segurou em um deles... (Dizendo isso, ela corou e seus olhos brilharam.) Declaro a você, Alexey Fedorovich, que não consigo aceitar nada. Escute, Alexey Fedorovich, nem sei se o amo agora. Tive pena dele, isso é uma má prova de amor. Se eu o tivesse amado, continuasse a amá-lo, então talvez não sentisse pena dele agora, mas pelo contrário, o odiaria...

Sua voz tremia e lágrimas brilhavam em seus cílios. Alyosha estremeceu por dentro: essa garota é verdadeira e sincera. - ele pensou, - e... e ela não ama mais Dmitry!

- Isso é verdade! Então! - exclamou a Sra. Khokhlakova.

“Espere, querida Katerina Osipovna, eu não disse o principal, não disse a última coisa que decidi naquela noite.” Sinto que minha decisão pode ser terrível para mim, mas tenho o pressentimento de que não vou trocá-la por nada, por nada, pelo resto da minha vida será assim. Meu querido, meu gentil, meu sempre e generoso conselheiro e profundo conhecedor dos corações, e o único amigo que tenho no mundo, Ivan Fedorovich, me aprova em tudo e elogia minha decisão... Ele o conhece.

“Sim, eu o aprovo”, disse Ivan Fedorovich em voz baixa, mas firme.

“Mas eu gostaria que Alyosha (ah, Alexey Fedorovich, me perdoe por simplesmente chamá-lo de Alyosha) – eu gostaria que Alexey Fedorovich me dissesse agora, na frente de meus dois amigos, se estou certo ou errado?” Tenho um pressentimento instintivo de que você, Alyosha, é meu querido irmão (porque você é meu querido irmão", ela disse novamente com entusiasmo, agarrando sua mão fria com sua mão quente, "Tenho um pressentimento de que sua decisão, sua aprovação, apesar todo o meu tormento, vai me dar paz de espírito, porque depois das suas palavras vou me acalmar e me reconciliar - tenho um pressentimento disso!

“Não sei o que você vai me perguntar”, disse Alyosha com o rosto vermelho, “só sei que te amo e desejo-lhe felicidade neste momento mais do que a mim mesmo! esses assuntos... - de repente, por algum motivo, ele se apressou em acrescentar.

“Nesses assuntos, Alexey Fedorovich, nesses assuntos agora o principal é a honra e o dever, e não sei o que mais, mas algo superior.” pode até ser superior ao próprio dever. Meu coração me fala desse sentimento irresistível e ele me atrai irresistivelmente. Porém, em poucas palavras, já tomei uma decisão: mesmo que ele se case com aquela... criatura (ela começou solenemente) a quem eu nunca, nunca poderei perdoar, ainda assim não vou deixá-lo! De agora em diante eu nunca, nunca vou deixá-lo! - ela disse com algum tipo de tensão de algum tipo de deleite pálido e torturado. - Ou seja, não é que eu o segui, chamei seu olhar a cada minuto, o atormentei - ah não, irei para outra cidade, onde você quiser, mas toda a minha vida, toda a minha vida vou observá-lo sem conseguir cansado. Quando ele ficar infeliz com ela, e isso certamente acontecerá imediatamente, então deixe-o vir até mim e ele encontrará uma amiga, uma irmã... Apenas uma irmã, é claro, e assim será para sempre, mas ele finalmente se convencer de que essa irmã é realmente sua irmã, amorosa e que sacrificou toda a sua vida por ele. Vou conseguir isso, vou insistir para que ele finalmente me reconheça e me transmita tudo sem vergonha! - ela exclamou como se estivesse em frenesi. “Serei o seu deus, a quem ele rezará”, e isso, pelo menos, ele me deve pela sua traição e pelo que sofri ontem por meio dele. E que ele veja ao longo de toda a sua vida que durante toda a minha vida serei fiel a ele e à minha palavra que lhe foi dada, apesar de ele ter sido infiel e infiel. Eu irei... eu me tornarei apenas um meio para a felicidade dele (ou como dizer), uma ferramenta, uma máquina para a felicidade dele, e isso pelo resto da vida dele, pelo resto da vida dele, e para que ele possa ver isso pelo resto da vida! Essa é toda a minha solução! Ivan Fedorovich me aprova ao mais alto grau.

Ela estava sem fôlego. Ela poderia ter sido muito mais digna, mais habilidosa e mais natural, ela gostaria de expressar seu pensamento, mas isso aconteceu de forma muito precipitada e nua. Havia muita contenção jovem, muito disso ecoava apenas a irritação de ontem, a necessidade de se orgulhar, ela mesma sentia isso. Seu rosto escureceu de repente, a expressão em seus olhos ficou ruim. Alyosha imediatamente percebeu tudo isso e a compaixão despertou em seu coração. E então o irmão Ivan acrescentou algo.

“Eu apenas expressei meus pensamentos”, disse ele. “Para qualquer outra pessoa, tudo isso teria sido quebrado, torturado, mas para você não é.” O outro estaria errado e você está certo. Não sei como motivar isso, mas vejo que você é sincero ao mais alto grau e, portanto, tem razão...

- Mas é só neste minuto... E o que é este minuto? Apenas o insulto de ontem – é isso que este minuto significa! - A senhora Khokhlakova de repente não resistiu, obviamente não querendo interferir, mas não resistiu e de repente disse um pensamento muito correto.

“Então, então”, Ivan interrompeu, com algum tipo de entusiasmo e aparentemente zangado por ter sido interrompido, “então, mas por outro, este minuto é apenas a impressão de ontem, e apenas um minuto, mas com a personagem de Katerina Ivanovna, este minuto vai durar a vida inteira.” O que para os outros é apenas uma promessa, é para ela um dever eterno, pesado, sombrio, talvez, mas incansável. E ela se alimentará do sentimento desse dever cumprido! Sua vida, Katerina Ivanovna, agora passará na dolorosa contemplação de seus próprios sentimentos, de sua própria façanha e de sua própria dor, mas mais tarde esse sofrimento se suavizará e sua vida se transformará na doce contemplação de uma empresa realizada de uma vez por todas. e orgulhoso, verdadeiramente orgulhoso à sua maneira, em todo caso, desesperado, mas derrotado por você, e essa consciência finalmente lhe dará a mais completa satisfação e o reconciliará com todo o resto...

Ele disse isso resolutamente com algum tipo de malícia, aparentemente de propósito, e talvez até sem querer esconder suas intenções, ou seja, que estava dizendo isso de propósito e em zombaria.

- Oh Deus, como isso é errado! - a Sra. Khokhlakova exclamou novamente.

- Alexei Fedorovich, diga-me! Preciso desesperadamente saber o que você vai me dizer! - exclamou Katerina Ivanovna e de repente começou a chorar. Alyosha levantou-se do sofá.

- Não é nada, nada! - ela continuou chorando, - é de frustração, desta noite, mas ao lado de dois amigos como você e seu irmão, ainda me sinto forte... porque eu sei... vocês dois nunca vão me abandonar.

“Infelizmente, posso ter que partir para Moscou amanhã e deixá-los por muito tempo... E isso, infelizmente, não pode ser mudado...” Ivan Fedorovich disse de repente.

- Amanhã, para Moscou! - Todo o rosto de Katerina Ivanovna se contorceu de repente, “mas... mas meu Deus, como isso é feliz!” - ela gritou em um instante com a voz completamente mudada, e em um instante ela afastou as lágrimas, de modo que não sobrou nenhum vestígio. Foi num instante que uma mudança surpreendente ocorreu nela, o que surpreendeu extremamente Alyosha: em vez da pobre e insultada menina que agora chorava de algum tipo de tensão em seus sentimentos, de repente apareceu uma mulher, completamente no controle de si mesma e até mesmo extremamente satisfeito com alguma coisa, como se de repente estivesse feliz com alguma coisa.

“Oh, não é que esteja feliz por eu estar deixando você, claro que não”, ela pareceu se corrigir de repente com um sorriso doce e secular, “um amigo como você não pode pensar isso; Pelo contrário, estou muito infeliz por perder você (de repente ela correu rapidamente para Ivan Fedorovich e, agarrando-o pelas duas mãos, apertou-as com uma sensação de calor); mas o que é feliz é que você mesmo, pessoalmente, agora poderá transmitir em Moscou, para minha tia e Agasha, toda a minha situação, todo o meu horror atual, com total franqueza com Agasha e poupando minha querida tia, já que você mesmo será capaz de fazer isso. Você não pode imaginar o quão infeliz eu estava ontem e esta manhã, me perguntando como vou escrever esta carta terrível para eles... porque não há como você transmitir isso em uma carta... Agora será fácil para que eu escreva, porque você está aí. Você estará lá e explicará tudo. Ah, como estou feliz! Mas estou muito feliz com isso, de novo, acredite. Você mesmo é, claro, insubstituível para mim... Vou correr e escrever uma carta agora”, concluiu ela de repente e até deu um passo para sair da sala.

- E Aliócha? E a opinião de Alexei Fedorovich, que você definitivamente queria ouvir? - gritou a Sra. Khokhlakova. Uma nota sarcástica e raivosa soou em suas palavras.

“Não esqueci isso”, Katerina Ivanovna fez uma pausa repentina, “e por que você está tão hostil comigo neste momento, Katerina Osipovna?” - ela disse com uma reprovação amarga e quente. - O que eu disse, eu confirmo. Preciso da opinião dele, não só isso: preciso da solução dele! O que quer que ele diga, assim será - é até que ponto, pelo contrário, anseio pelas suas palavras, Alexey Fedorovich... Mas o que há com você?

- Nunca pensei, não consigo imaginar isso! - Alyosha exclamou de repente com tristeza.

- O que, o que?

“Ele está indo para Moscou e você gritou que estava feliz.” - Você gritou de propósito! E então imediatamente começaram a explicar que você não estava feliz com isso, mas que, pelo contrário, você se arrependia disso... você estava perdendo um amigo - mas você também tocou isso de propósito... como em um teatro, em uma comédia!

- No teatro? Como?.. O que é isso? - exclamou Katerina Ivanovna com profundo espanto, corando e franzindo a testa.

“Não importa o quanto você garanta a ele que sente pena do amigo dele, você ainda insiste na cara dele que a felicidade reside no fato de ele estar indo embora...” Alyosha disse de alguma forma, completamente sem fôlego. Ele ficou à mesa e não se sentou.

- Do que você está falando, eu não entendo...

“Sim, eu mesmo não me conheço... de repente pareço ter uma epifania... sei que não estou dizendo isso bem, mas ainda direi tudo”, continuou Alyosha com o mesmo tremor e interseção voz: “Minha epifania é que você pode não amar seu irmão Dmitry... desde o início... Sim, e Dmitry pode não amar você de jeito nenhum... desde o início... mas apenas honras. .. Eu realmente não sei como me atrevo a fazer tudo isso agora, mas alguém precisa falar a verdade... porque ninguém aqui quer falar a verdade...

- Que verdade? - gritou Katerina Ivanovna, e algo histérico soou em sua voz.

“Aqui está”, murmurou Alyosha, como se estivesse voando do telhado; - Ligue para o Dmitry agora - eu vou encontrá-lo - e deixe ele vir aqui e pegar você pela mão, depois pegue o irmão Ivan pela mão e junte suas mãos. Porque você está torturando Ivan apenas porque o ama... e você o está torturando porque ama Dmitry apaixonadamente... você o ama numa mentira... porque você se confiou tanto...

Alyosha interrompeu-se e ficou em silêncio.

- Você... você... seu idiota, é isso que você é! - e Katerina Ivanovna retrucou de repente, com o rosto já pálido e os lábios curvados de raiva. Ivan Fedorovich riu de repente e se levantou. O chapéu estava em suas mãos.

“Você está enganado, meu bom Alyosha”, disse ele com uma expressão no rosto que Alyosha nunca tinha visto antes, com uma expressão de algum tipo de sinceridade juvenil e um sentimento forte e irreprimivelmente franco: “Katerina Ivanovna nunca me amou!” Ela sabia o tempo todo que eu a amava, embora eu nunca tenha dito a ela uma palavra sobre meu amor - ela sabia, mas não me amava. Também nunca fui amiga dela, nem por um dia: a mulher orgulhosa não precisava da minha amizade. Ela me manteve com ela para vingança contínua. Ela se vingou de mim e de mim por todos os insultos que ela constantemente e a cada minuto suportou de Dmitry durante todo esse período, insultos desde o primeiro encontro... Porque o primeiro encontro deles permaneceu em seu coração como um insulto. Assim é o coração dela! Tudo que eu fazia o tempo todo era ouvir o amor dela por ele. Estou indo agora, mas saiba, Katerina Ivanovna, que você realmente ama apenas ele. E à medida que os insultos continuam, há cada vez mais deles. Este é o seu colapso. Você o ama exatamente como ele é, você o ama como ele te insulta. Se ele melhorasse, você o abandonaria imediatamente e deixaria de amá-lo completamente. Mas você precisa que ele contemple continuamente sua façanha de fidelidade e o repreenda por sua infidelidade. E tudo isso é por causa do seu orgulho. Ah, há muito menosprezo e humilhação, mas tudo isso é por orgulho... Sou muito jovem e te amei demais. Sei que não seria necessário dizer-lhe que seria mais honroso da minha parte simplesmente deixá-lo; Não seria tão ofensivo para você. Mas estou viajando para longe e nunca chegarei. Isso é para sempre... Não quero ficar sentado ao lado da angústia... Porém, não sei mais falar, já disse tudo... Adeus, Katerina Ivanovna, você não pode ficar com raiva de eu, porque fui punido cem vezes mais que você: punido pelo fato de nunca mais ver você, não verei. Até a próxima. Eu não preciso da sua mão. Você me atormentou deliberadamente demais para que eu pudesse te perdoar neste momento... Então eu vou te perdoar, mas agora não preciso da sua mão.

Eu não quero o agradecimento, senhora,

acrescentou com um sorriso torto, provando, porém, de forma totalmente inesperada, que ele também era capaz de ler Schiller a ponto de memorizá-lo, coisa que Aliocha não teria acreditado antes. Ele saiu da sala sem sequer se despedir da anfitriã, a Sra. Khokhlakova. Aliocha apertou as mãos.

“Ivan”, gritou para ele, como se estivesse perdido, “volte, Ivan!” Não, não, ele nunca mais vai voltar! - ele exclamou novamente com uma visão triste, - mas sou eu, a culpa é minha, eu comecei! Ivan falou com raiva, não bem. Injusto e malvado... Ele deve voltar aqui, voltar, voltar... - Alyosha exclamou como um louco.

Katerina Ivanovna de repente entrou em outra sala.

“Você não fez nada, você agiu de maneira encantadora, como um anjo”, a Sra. Khokhlakova sussurrou rápida e entusiasticamente para o triste Alyosha. - Farei todos os esforços para que Ivan Fedorovich não vá embora...

A alegria brilhou em seu rosto, para grande desgosto de Aliócha; mas Katerina Ivanovna voltou de repente. Em suas mãos havia duas notas de arco-íris.

“Tenho um grande pedido para você, Alexey Fedorovich”, ela começou, dirigindo-se diretamente a Alyosha com uma voz aparentemente calma e uniforme, como se nada tivesse realmente acontecido agora. - Uma semana, - sim, parece que foi há uma semana, - Dmitry Fedorovich cometeu um ato acalorado e injusto, muito feio. Há um lugar ruim aqui, uma taverna. Nele ele conheceu um oficial aposentado, um capitão do estado-maior, que seu pai usava para alguns de seus negócios. Por algum motivo, irritado com esse capitão do estado-maior, Dmitry Fedorovich agarrou-o pela barba e, na frente de todos, levou-o para a rua dessa forma humilhante e levou-o pela rua por muito tempo, e dizem que o menino é filho deste capitão do estado-maior. que estuda na escola local, quando criança, vendo isso, correu e gritou alto e pediu pelo pai e correu até todos e pediu que o protegessem, e todos riram. Perdoe-me, Alexey Fedorovich, não consigo me lembrar sem indignação deste ato vergonhoso dele... uma daquelas ações que só Dmitry Fedorovich pode decidir fazer em sua raiva... e em suas paixões! Isso eu não consigo nem contar, não consigo... estou perdida nas palavras. Perguntei sobre esse homem ofendido e descobri que ele era um homem muito pobre. Seu sobrenome é Snigirev. Ele fez alguma coisa errada no serviço, foi desligado, não sei como te dizer isso, e agora ele e sua família, uma família infeliz de filhos doentes e uma esposa que parece louca, caíram em uma pobreza terrível. Ele está aqui na cidade há muito tempo, está fazendo alguma coisa, era escriturário em algum lugar, e de repente agora não pagam nada para ele. Eu olhei para você... isto é, pensei, - não sei, estou um tanto confuso, - veja, eu queria pedir a você, Alexey Fedorovich, - meu mais gentil Alexey Fedorovich, para ir até ele, encontre uma desculpa, vá até eles, ou seja, até esse capitão do estado-maior - oh Deus! como fico confuso, - e delicadamente, com cuidado, - assim que você sozinho conseguir fazer (Alyosha corou de repente) - poder dar-lhe essa ajuda, aqui, duzentos rublos. Ele provavelmente vai aceitar... ou seja, convencê-lo a aceitar... Ou não, como é? Veja bem, isso não é um pagamento a ele pela reconciliação, para que ele não reclame (porque parece querer reclamar), mas simplesmente simpatia, um desejo de ajudar, de mim, de mim, da noiva de Dmitry Fedorovich, e não de si mesmo... Em uma palavra, você pode fazer isso... Eu mesmo iria, mas você pode fazer isso muito melhor do que eu. Ele mora na rua Ozernaya, na casa do burguês Kalmykova... Pelo amor de Deus, Alexey Fedorovich, faça isso por mim, e agora... agora estou um pouco... cansado. Adeus...

De repente, ela se virou tão rapidamente e desapareceu atrás da cortina novamente que Alyosha não teve tempo de dizer uma palavra, mas ele queria dizê-la. Ele queria pedir perdão, se culpar, enfim, falar alguma coisa, porque seu coração estava cheio e ele não queria de jeito nenhum sair da sala sem ele. Mas a Sra. Khokhlakova agarrou-o pela mão e conduziu-o ela mesma para fora. No corredor ela o parou novamente, como antes.

- Orgulhosa, ela luta consigo mesma, mas gentil, charmosa, generosa! - a Sra. Khokhlakova exclamou em meio sussurro. - Ah, como eu a amo, principalmente às vezes, e como estou feliz com tudo, tudo de novo agora! Caro Alexey Fedorovich, você não sabia disso: saiba que todos nós, todos nós - eu, as duas tias dela - bem, todos, até Lise, há um mês inteiro desejamos e oramos para que ela se separe de seu favorito Dmitry Fedorovich, que não quer conhecê-la e não a ama de jeito nenhum, e se casaria com Ivan Fedorovich, um jovem educado e excelente que a ama mais do que tudo no mundo. Fizemos toda uma conspiração aqui, e talvez eu nem vá embora só por causa disso...

“Mas ela estava chorando, ofendida de novo!” - Aliócha gritou.

“Não acredite nas lágrimas de uma mulher, Alexey Fedorovich, neste caso sou sempre contra as mulheres, sou a favor dos homens.”

“Mãe, você o está estragando e arruinando”, a voz fina de Lise foi ouvida atrás da porta.

- Não, fui eu quem causou tudo isso, a culpa é minha! - repetiu o inconsolável Aliocha num acesso de dolorosa vergonha por sua explosão e até cobrindo o rosto com as mãos de vergonha.

“Pelo contrário, você agiu como um anjo, como um anjo, estou pronto para repetir isso milhares de milhares de vezes.”

“Mãe, por que ele agiu como um anjo?” A voz de Lise foi ouvida novamente.

“Por alguma razão, de repente imaginei, olhando para tudo isso”, continuou Alyosha, como se não tivesse ouvido Liza, “que ela ama Ivan, então eu disse essa bobagem... e o que vai acontecer agora!”

- Sim, com quem, com quem? - Lise exclamou: - Mãe, você quer muito me matar. Eu te pergunto - você não me responde.

Nesse momento a empregada entrou correndo.

- As coisas vão mal com Katerina Ivanovna... Eles estão chorando... histéricos, brigando.

“O que foi?” Lise gritou, já com uma voz alarmante. - Mãe, vai ficar histérico comigo, não com ela!

- Lise, pelo amor de Deus não grite, não me mate. Você ainda está em uma idade que não pode saber tudo o que os grandes sabem, virei correndo e lhe contarei tudo o que puder ser contado. Oh meu Deus! Eu corro, eu corro... A histeria é um bom sinal, Alexey Fedorovich, é excelente que ela esteja histérica. É exatamente assim que deveria ser. Neste caso, sou sempre contra as mulheres, contra todas estas histerias e lágrimas femininas. Julia, corra e diga que estou voando. E o fato de Ivan Fedorovich ter saído assim é culpa dela. Mas ele não vai embora. Lise, pelo amor de Deus, não grite! Ah sim, você não está gritando, sou eu gritando, perdoe sua mãe, mas estou encantada, encantada, encantada! E você notou, Alexey Fedorovich, que jovem Ivan Fedorovich saiu agora há pouco, disse tudo isso e foi embora! Eu pensei que ele era um grande cientista, um acadêmico, e de repente ele era tão ardente, franco e jovem, inexperiente e jovem, e foi tudo maravilhoso, maravilhoso, assim como você... E ele disse este poema alemão, bem, apenas como você! Mas eu corro, eu corro. Alexey Fedorovich, apresse-se neste pedido e volte o mais rápido possível. Lise, você precisa de alguma coisa? Pelo amor de Deus, não demore Alexei Fedorovich nem por um minuto, ele voltará para você agora...

A Sra. Khokhlakova finalmente fugiu. Alyosha, antes de ir, quis abrir a porta para Lise.

- Sem chance! - gritou Lise, - agora de jeito nenhum! Diga isso através da porta. Por que você se tornou um anjo? Esta é a única coisa que quero saber.

- Que estupidez terrível, Lise! Até a próxima.

- Não se atreva a sair assim! - Lise gritou.

- Lise, estou com sérios problemas! Estou me revirando agora, mas estou com muita, muita dor! E ele saiu correndo da sala.

VI. Quebre na cabana

Ele sentiu uma dor realmente séria, do tipo que raramente havia experimentado antes. Ele pulou e “tornou-se estúpido” - e no que importa: em sentimentos amorosos! “Mas o que eu entendo sobre isso, o que posso resolver nesses assuntos?” - repetiu para si mesmo pela centésima vez, corando, “ah, a vergonha não seria nada, a vergonha é apenas o castigo que me é devido - o problema é que agora serei sem dúvida a causa de novos infortúnios... E o mais velho mandou me reconciliar e unir. É assim que eles se conectam? Então, de repente, ele se lembrou novamente de como havia “unido as mãos” e sentiu-se terrivelmente envergonhado novamente. “Mesmo tendo feito tudo isso com sinceridade, tenho que ser mais inteligente para seguir em frente”, concluiu de repente e nem mesmo sorriu ao concluir.

A ordem de Katerina Ivanovna foi dada para a rua Ozernaya, e o irmão Dmitry morava bem aqui na estrada, não muito longe da rua Ozernaya, em um beco. Alyosha decidiu ir até ele, pelo menos antes do capitão do estado-maior, embora tivesse o pressentimento de que não encontraria seu irmão. Ele suspeitava que poderia de alguma forma se esconder dele de propósito agora, mas a todo custo ele tinha que ser encontrado. O tempo estava se esgotando: o pensamento do ancião que partia não o abandonou nem por um minuto, nem por um segundo a partir da hora em que deixou o mosteiro.

Na ordem de Katerina Ivanovna, surgiu uma circunstância que também o interessou extremamente: quando Katerina Ivanovna mencionou um menino, um estudante, filho daquele capitão do estado-maior, que corria, chorando alto, ao lado de seu pai, então Alyosha de repente Tive um pensamento: que esse menino provavelmente era aquele velho estudante que mordeu o dedo quando ele, Alyosha, o interrogou sobre como ele o havia ofendido. Agora Aliócha tinha quase certeza disso, sem saber ainda por quê. Assim, levado por considerações estranhas, divertiu-se e decidiu não “pensar” nos “problemas” que agora causava, não se atormentar com o arrependimento. mas faça o trabalho e o que acontecer aparecerá. Com esse pensamento ele finalmente tomou coragem. Aliás, tendo entrado no beco de seu irmão Dmitry e sentindo fome, ele tirou do bolso um pedaço de pão que havia tirado de seu pai e comeu no caminho. Isso fortaleceu sua força.

Dmitry não estava em casa. Os donos da casa - um velho carpinteiro, seu filho e sua velha esposa - até olharam para Aliocha com desconfiança. “Já se passaram três dias desde que ele passou a noite, talvez ele tenha ido a algum lugar”, o velho respondeu às perguntas intensas de Aliocha. Aliocha percebeu que estava respondendo de acordo com essas instruções. Quando ele perguntou: “Ele não está na casa de Grushenka ou está escondido de novo na casa de Foma?” (Alyosha usou deliberadamente essas franquezas), todos os proprietários até olharam para ele com medo. “Eles o amam, portanto, seguram sua mão”, pensou Alyosha, “isso é bom”.

Por fim, encontrou a casa da burguesa Kalmykova na rua Ozernaya, uma casinha em ruínas, torta, com apenas três janelas voltadas para a rua, com um quintal sujo, no meio do qual estava uma vaca sozinha. A entrada era pelo pátio do vestíbulo - à esquerda do vestíbulo morava uma velha senhoria com a filha de uma velha, e parecia que ambas eram surdas. Em resposta à sua pergunta sobre o capitão do estado-maior, repetida várias vezes, uma delas, finalmente percebendo o que perguntavam aos moradores, apontou o dedo para ele pelo corredor, apontando para a porta da cabana limpa. O apartamento do capitão acabou sendo apenas uma simples cabana. Alyosha estava prestes a colocar a mão no suporte de ferro para abrir a porta, quando de repente o extraordinário silêncio atrás das portas o atingiu. Ele sabia, porém, pelas palavras de Katerina Ivanovna, que o capitão aposentado do estado-maior era um homem de família: “Ou estão todos dormindo, ou talvez ouviram que eu vim e estão esperando que eu abra; É melhor eu bater na porta deles primeiro”, e ele bateu. A resposta foi ouvida, mas não agora, mas talvez até dez segundos depois.

- Que é aquele! - alguém gritou em voz alta e intensamente irritada.

Aliócha então abriu a porta e atravessou a soleira. Ele se viu em uma cabana, embora bastante espaçosa, mas extremamente abarrotada de gente e todo tipo de pertences domésticos. À esquerda havia um grande fogão russo. Uma corda foi esticada do fogão até a janela esquerda em toda a sala, na qual estavam pendurados vários trapos. Em ambas as paredes, à esquerda e à direita, havia camas cobertas com mantas de tricô. Sobre uma delas, à esquerda, foi erguida uma pilha de quatro almofadas de chita, uma menor que a outra. Na outra cama à direita, apenas um travesseiro muito pequeno era visível. Mais adiante, no canto frontal, havia um pequeno espaço cercado por uma cortina ou lençol, também pendurado em uma corda esticada no canto. Atrás desta cortina via-se também uma cama lateral, disposta sobre um banco e sobre uma cadeira colocada ao lado. Uma simples mesa camponesa de madeira com quatro cantos foi movida do canto frontal para a janela do meio. Todas as três janelas, cada uma com quatro vidros pequenos, verdes e mofados, eram muito escuras e bem trancadas, de modo que a sala estava bastante abafada e não tão iluminada. Sobre a mesa havia uma frigideira com restos de ovos mexidos, uma fatia de pão meio comida estava sobre a mesa, e em cima dela havia uma meia doca com restos tênues de bens terrenos apenas no fundo. Perto da cama da esquerda, numa cadeira, havia uma mulher que parecia uma dama, vestida com um vestido de algodão. Ela tinha o rosto muito magro e amarelo; suas bochechas extremamente encovadas testemunharam desde a primeira vez sua condição dolorosa. Mas o que mais impressionou Aliocha foi o olhar da pobre senhora - um olhar extremamente questionador e ao mesmo tempo terrivelmente arrogante. E até que a própria senhora falasse e enquanto Alyosha explicava ao proprietário, ela o tempo todo, com a mesma arrogância e interrogação, voltava seus grandes olhos castanhos de um orador para outro. Ao lado desta senhora, na janela da esquerda, estava uma jovem de rosto um tanto feio, cabelos ruivos e ralos, mal vestida, embora muito bem vestida. Ela olhou para Alyosha quando ele entrou com desgosto. À direita, também ao lado da cama, estava outra criatura feminina. Ela era uma criatura muito lamentável, também uma menina, de cerca de vinte anos, mas corcunda e sem pernas, com pernas atrofiadas, como disseram mais tarde a Aliocha. As muletas dela estavam ali perto, no canto, entre a cama e a parede. Os olhos extraordinariamente belos e gentis da pobre menina olhavam para Aliocha com uma espécie de mansidão calma. À mesa, terminando os ovos mexidos, estava sentado um senhor de cerca de quarenta e cinco anos, baixo, magro, de constituição fraca, avermelhado, com uma barba ruiva rala, muito parecida com uma toalha desgrenhada (esta comparação e principalmente a palavra “toalha” brilhavam para alguma razão desde o primeiro olhar na mente de Alyosha, ele se lembrou disso mais tarde). Aparentemente esse mesmo senhor gritou por trás da porta: quem é esse! já que não havia outro homem na sala. Mas quando Aliocha entrou, ele pareceu pular do banco em que estava sentado à mesa e, enxugando-se apressadamente com um guardanapo furado, voou até Aliocha.

- O monge está pedindo um mosteiro, ele sabia a quem recorrer! - Enquanto isso, a garota parada no canto esquerdo disse em voz alta.

Mas o cavalheiro, que correu até Aliocha, imediatamente virou-se para ela e respondeu-lhe com uma voz excitada e entrecortada:

- Não, Varvara Nikolaevna, não é isso, senhor, você adivinhou errado! Deixe-me perguntar, por sua vez”, ele voltou-se de repente para Aliocha, “o que o levou a visitar... essas entranhas?”

Aliócha olhou-o atentamente; era a primeira vez que via aquele homem. Havia algo angular, apressado e irritado nele. Embora obviamente tivesse bebido, ele não estava bêbado. Seu rosto mostrava uma espécie de extrema impudência e ao mesmo tempo - era estranho - uma covardia visível. Parecia um homem que obedecia e sofria há muito tempo, mas que de repente dava um pulo e queria se declarar. Ou melhor ainda, uma pessoa que gostaria muito de bater em você, mas que tem muito medo de que você bata nele. Em seus discursos e na entonação de sua voz um tanto estridente, ouvia-se algum tipo de humor tolo, às vezes raivoso, às vezes. tímido, incapaz de manter o tom e desmoronando. Ele fez a pergunta sobre o “subsolo” como se estivesse tremendo, com os olhos esbugalhados e saltando para Alyosha tão à queima-roupa que ele automaticamente deu um passo para trás. Este senhor estava vestido com um casaco escuro, muito ruim, tipo nanquim, cerzido e manchado. Ele vestia uma calça extremamente leve, daquelas que ninguém usa há muito tempo, xadrez e feita de um material muito fino, amarrotada na parte inferior e portanto amontoada, como se ela tivesse crescido como um menino. .

“Eu... Alexei Karamazov...” Alyosha disse em resposta.

“Posso entender perfeitamente”, retrucou o cavalheiro imediatamente, deixando claro que já sabia quem era. - Quartel-general, sou o capitão, Snegirev, por sua vez, mas ainda é desejável descobrir o que exatamente motivou...

- Sim, acabei de entrar. Na verdade, eu gostaria de dizer uma palavra para você de mim mesmo... Se você me permitir...

- Nesse caso, aqui está a cadeira, por favor, sente-se, senhor. Foi nas comédias antigas que se dizia: “Por favor, sente-se” ... - e o capitão do estado-maior com um gesto rápido agarrou uma cadeira vazia (uma simples camponesa, toda de madeira e não estofada) e colocou-a quase em no meio da sala; então, pegando outra cadeira idêntica para si, sentou-se em frente a Aliocha, ainda à queima-roupa em sua direção e de modo que seus joelhos quase se tocassem.

- Nikolai Ilyich Snegirev, senhor, ex-capitão do estado-maior da infantaria russa, embora desonrado por seus vícios, mas ainda capitão do estado-maior. Seria mais provável dizer: Capitão do Estado-Maior Sloversov, e não Snegirev, pois somente a partir da segunda metade de sua vida ele começou a falar em Sloversov. A palavra-er-s é adquirida na humilhação.

“É tão preciso”, Alyosha sorriu, “mas foi adquirido involuntariamente ou de propósito?”

- Deus sabe, involuntariamente. Ele não falou, ele não falou em slovers a vida toda, de repente ele caiu e se levantou com slovers. Isso é feito por um poder superior. Vejo que você está interessado em questões modernas. Como, porém, poderia despertar tamanha curiosidade, pois vivo num ambiente impossível para a hospitalidade.

- Eu vim... exatamente sobre esse assunto...

- Sobre o mesmo assunto? - interrompeu o capitão do estado-maior com impaciência.

“Sobre aquele encontro entre você e meu irmão Dmitry Fedorovich”, Alyosha retrucou sem jeito.

- Que tipo de reunião é essa, senhor? Não é este mesmo, senhor? Então, sobre uma toalha, uma toalha de banho? - ele avançou de repente e desta vez bateu de joelhos em Aliócha. Seus lábios de alguma forma especialmente comprimidos em um fio.

- Que tipo de pano é esse? - Aliocha murmurou.

“Foi ele quem veio reclamar de mim, pai!” - gritou a voz do menino que já conhecia Aliocha por trás da cortina do canto. “Fui eu quem mordeu o dedo agora há pouco!” - A cortina se abriu e Aliocha viu seu antigo inimigo, no canto, sob os ícones, em uma cama apoiada em um banco e uma cadeira. O menino estava coberto com seu casaco e um velho cobertor de algodão. Ele estava obviamente indisposto e, a julgar pelos olhos ardentes, com febre febril. Ele agora olhava destemidamente para Aliocha, ao contrário de antes: “Você não pode comprar isso em casa agora”, dizem.

- Que tipo de dedo foi mordido? - O capitão do estado-maior deu um pulo da cadeira. - Ele mordeu seu dedo, senhor?

- Sim, para mim. Agora mesmo ele estava atirando pedras com os meninos na rua; Eles jogam seis nele e ele fica sozinho. Aproximei-me dele e ele atirou uma pedra em mim, depois outra na minha cabeça. Eu perguntei: o que eu fiz com ele? De repente, ele correu e mordeu meu dedo dolorosamente, não sei por quê.

- Agora vou chicotear você, senhor! “Vou chicotear você em um minuto”, o capitão do estado-maior já havia saltado da cadeira.

- Sim, não estou reclamando nada, apenas disse... - Não quero que você o açoite de jeito nenhum. Sim, ele parece estar doente agora...

- Você achou que eu iria chicoteá-lo, senhor? Por que eu deveria pegar Ilyusha agora mesmo e açoitá-lo na sua frente para sua total satisfação? Você precisa disso logo, senhor? - disse o capitão do estado-maior, virando-se repentinamente para Aliocha com um gesto como se quisesse atacar ele. “Lamento seu dedo, senhor, mas gostaria que eu cortasse meus quatro dedos com esta mesma faca, bem diante de seus olhos, para sua justa satisfação?” Quatro dedos, eu acho, serão suficientes para você saciar sua sede de vingança, senhor, não vai pedir um quinto?.. - Ele parou de repente e pareceu sufocar. Cada traço de seu rosto se moveu e se contraiu, e ele olhou com extremo desafio. Ele parecia estar em frenesi.

“Acho que entendo tudo agora.” - Alyosha respondeu calma e tristemente, continuando sentado. “Então o seu menino é um menino gentil, ama o pai e correu para mim como se eu fosse irmão do seu agressor... Agora entendo isso”, repetiu, pensando. “Mas meu irmão Dmitry Fedorovich se arrepende de sua ação, eu sei disso, e se ao menos for possível para ele vir até você, ou o melhor de tudo, encontrá-lo novamente naquele mesmo lugar, então ele lhe pedirá perdão em na frente de todos... se desejar.

- Ou seja, ele arrancou a barba e pediu desculpas... Dizem que ele terminou tudo e satisfez, né?

- Ah, não, pelo contrário, ele fará o que você quiser e como você quiser!

- Então, se eu pedisse a Sua Senhoria que se ajoelhasse diante de mim nesta mesma taberna, - “Capital” é o seu nome, - ou na praça, senhor, ele o faria?

- Sim, ele vai se ajoelhar também.

- Perfurado, senhor. Eles derramaram lágrimas e me perfuraram, senhor. Muito inclinado a sentir. Deixe-me apresentar-me completamente: minha família, minhas duas filhas e meu filho são minha ninhada, senhor. Se eu morrer, alguém os amará, senhor? E enquanto eu viver, alguém me amará, o desagradável, além deles? O Senhor providenciou esta grande coisa para cada pessoa da minha família, senhor. Pois é necessário que pelo menos alguém da minha família saiba amar, senhor...

- Ah, isso é absolutamente verdade! - exclamou Aliócha.

- Vamos, finalmente vamos fazer uma palhaçada, algum idiota vai aparecer e você vai desonrá-lo! — a menina gritou de repente pela janela, voltando-se para o pai com uma expressão de nojo e desprezo.

“Espere um pouco, Varvara Nikolaevna, deixe-me manter a direção”, gritou-lhe o pai, embora em tom imperativo, mas mesmo assim olhando para ela com muita aprovação. “Esse é apenas o nosso personagem”, ele se voltou novamente para Alyosha.

"E nada em toda a natureza

Ele não queria abençoar.” Ou seja, deveria ser no gênero feminino: ela não quis abençoar, senhor. Mas agora deixe-me apresentar minha esposa: aqui está Arina Petrovna, uma senhora sem pernas, com cerca de quarenta e três anos, suas pernas andam, mas um pouco. Dos mais simples, senhor. Arina Petrovna, suavize suas feições: aqui está Alexey Fedorovich Karamazov. Levante-se, Alexey Fedorovich”, pegou-o pela mão e com uma força que nem se poderia esperar dele, levantou-o de repente: “Você está se apresentando à senhora, precisa se levantar, senhor. Não aquele Karamazov, mamãe, que... hum e assim por diante, mas seu irmão, brilhando com virtudes humildes. Permita-me, Arina Petrovna, deixe-me, mamãe, deixe-me beijar sua mão primeiro.

E ele respeitosamente e com ternura até beijou a mão de sua esposa. A garota na janela, indignada, deu as costas ao palco, o rosto arrogantemente questionador de sua esposa de repente expressou uma ternura extraordinária.

“Olá, sente-se, Sr. Chernomazov”, disse ela.

“Karamazov, mamãe, Karamazov (somos simples, senhor)”, ele sussurrou novamente.

- Bem, Karamazov ou algo assim, mas eu sou sempre Chernomazov... - Sente-se, e por que ele te pegou? Uma senhora sem pernas, diz ele, eu tenho pernas, mas estão inchadas como baldes, e eu próprio estou seco. Antes eu era tão gordo, mas agora é como se eu tivesse engolido uma agulha...

“Somos dos simples, senhor, dos simples”, alertou novamente o capitão.

“Pai, oh pai”, disse de repente a menina corcunda, até então silenciosa em sua cadeira, e de repente cobriu os olhos com um lenço.

- Bobo da corte! - deixou escapar a garota na janela.

“Vejam as novidades que temos”, a mãe abriu os braços, apontando para as filhas, “como se as nuvens estivessem chegando; As nuvens passarão e nossa música retornará. Antes, quando éramos militares, muitos desses convidados vinham até nós. Pai, eu não igualo isso a negócios. Quem ama quem, ama. A diaconisa então chega e diz: Alexander Alexandrovich é um homem de alma excelente, e Nastasya, ela diz, Petrovna, é um demônio do inferno. Bem, eu respondo como se alguém adorasse quem, mas você é uma pilha pequena e fedorenta. “E você, ele diz, deve ser mantido em obediência.” - Ah, sua preta, eu digo a ela, uma espada, bom, quem você veio ensinar? “Eu”, diz ela, “deixo entrar ar limpo, mas você deixa entrar ar impuro”. “E pergunte, eu respondo a ela, todos os senhores oficiais, o ar em mim é impuro ou o quê?” E assim está na minha alma desde aquela mesma hora que outro dia eu estava sentado aqui, como agora vejo, entrou o mesmo general que veio aqui para o Dia Santo: o que, eu lhe digo, Excelência, é é possível que uma nobre dama deixe entrar ar livre? “Sim”, responde ele, você deve abrir a janela ou a porta, porque o ar não é fresco. Bem, isso é tudo! E por que eles pegaram meu ar? Os mortos cheiram ainda pior. Eu digo, não vou estragar o seu ar, mas vou pedir alguns sapatos e ir embora. Pais, queridos, não censurem a sua própria mãe! Nikolai Ilyich, pai, não te agradei, mas só tenho que Ilyushechka da aula virá e amará. Ontem trouxe uma maçã. Perdoem-me, pais, perdoem-me, queridos, querida mãe, perdoem-me, completamente sozinho, e por que meu ar é nojento para vocês!

E a pobre mulher de repente começou a chorar, as lágrimas correram em um riacho. O capitão do estado-maior correu rapidamente até ela.

- Mamãe, mamãe, querido, já chega, chega! Você não está sozinho. Todo mundo te ama, todo mundo te adora! - e ele começou a beijar as duas mãos novamente e a acariciar suavemente o rosto dela com as palmas; Ele pegou um guardanapo e de repente começou a enxugar as lágrimas do rosto dela. Até pareceu a Aliocha que ele próprio começou a brilhar em lágrimas. - Bem, você viu? Você ouviu isso? - de alguma forma ele de repente se virou furiosamente para ele, apontando a mão para a pobre mulher de mente fraca.

“Eu vejo e ouço”, murmurou Alyosha.

- Papai, papai! Você está realmente com ele...

- Deixe-o, pai! - gritou o menino de repente, levantando-se na cama e olhando para o pai com um olhar ardente.

“Sim, você finalmente está fazendo palhaçadas, exibindo seus truques estúpidos que nunca levam a nada!..” Varvara Nikolaevna, já completamente irritada, gritou daquele canto, até batendo o pé.

“É absolutamente justo que desta vez você se digne a perder a paciência, Varvara Nikolaevna, e eu rapidamente irei satisfazê-la.” Coloque seu boné, Alexey Fedorovich, e eu pego meu boné e vamos embora, senhor. Preciso dizer uma palavra séria para você, do lado de fora destas paredes. Esta garota sentada aqui é minha filha, Nina Nikolaevna, senhor, esqueci de apresentá-la a você, um anjo de Deus em carne e osso... voado para os mortais... se você puder entender isso...

“A coisa toda está tremendo, como se estivesse tendo um espasmo”, Varvara Nikolaevna continuou indignada.

- E é isso que agora está me pisando e me denunciando como palhaço - esse também é um anjo de Deus em carne e osso, senhor, e ela me chamou com razão, senhor. Vamos, Alexey Fedorovich, precisamos terminar...

E agarrando Aliócha pela mão, conduziu-o para fora da sala direto para a rua.

VII. E ao ar livre

“O ar é limpo, senhor, mas na minha mansão não é realmente fresco, em todos os sentidos.” Vamos caminhar, senhor, um passo de cada vez. Eu realmente gostaria de interessá-lo, senhor.

“Eu mesmo tenho algo extraordinário para fazer com você...” observou Aliocha, “e simplesmente não sei por onde começar”.

- Como posso não descobrir que o senhor tem assuntos a tratar comigo, senhor? Sem negócios, você nunca teria olhado para mim. Ali realmente só veio reclamar do menino? Então isso é incrível, senhor. E por falar no menino, senhor: não poderia lhe explicar tudo aí, senhor, mas aqui agora vou lhe descrever a cena, senhor. Veja, a toalha era mais grossa, senhor, há apenas uma semana - estou falando da minha barba, senhor; São os escolares que chamam minha barba de toalhinha, isso é o principal, senhor. Bem, senhor, então seu irmão Dmitry Fedorovich me puxou pela barba, me puxou para fora da taverna para a praça, e apenas os alunos estavam saindo da escola, e com eles Ilyusha. Quando ele me viu assim, senhor, ele correu até mim: “Pai, ele está gritando, pai!” Ele se agarra a mim, me abraça, quer me arrancar, grita para o meu agressor: “Deixe-me entrar, deixe-me entrar, este é meu pai, pai, perdoe-o”, e assim mesmo ele grita: “Eu sou desculpe"; Ele também o agarrou com as mãozinhas, e com a mão, essa mesma mão, e o beijou... Lembro naquele momento como era o rosto dele, não esqueci, e não vou esquecer, senhor!

“Eu juro”, exclamou Alyosha, “seu irmão irá expressar arrependimento a você da maneira mais sincera, da maneira mais completa, mesmo que apenas de joelhos naquela mesma praça... Vou forçá-lo, caso contrário ele não é meu irmão!

- Sim, então isso ainda está no projeto. Não diretamente dele, mas somente da nobreza do seu coração, o ardente emana. Isso é o que eles diriam, senhor. Não, nesse caso, permita-me falar sobre a mais alta nobreza de cavaleiros e oficiais de seu irmão, pois ele o expressou então, senhor. Ele terminou de me arrastar pela toalha e me soltou: “Você”, ele diz, “é um oficial e eu sou um oficial, se você encontrar uma segunda pessoa decente, então me mande e eu te darei satisfação, mesmo sendo um canalha!” Foi o que ele disse, senhor. Verdadeiramente um espírito cavalheiresco! Então Ilyusha e eu partimos, e a imagem da árvore genealógica ficou impressa para sempre na memória espiritual de Ilyusha. Não há lugar para permanecermos nobres, senhor. E julgue por si mesmo, senhor, você se dignou a estar em minha mansão agora - o que você viu, senhor? Três senhoras estão sentadas, senhor, uma é fraca de espírito sem pernas, a outra é corcunda sem pernas, e a terceira tem pernas, mas muito esperta, um estudante, senhor, está ansioso para voltar a São Petersburgo, lá no margens do Neva para encontrar os direitos de uma mulher russa. Não estou falando de Ilyusha, senhor, apenas nove anos, senhor, como um dedo, pois se eu morrer, o que acontecerá com todas essas profundezas, só vou perguntar uma coisa, senhor? E se for assim, então se eu desafiá-lo para um duelo, ele me matará imediatamente, e daí? Então o que acontecerá com todos eles? Pior ainda, se ele não me matar, mas apenas me aleijar: não posso trabalhar, mas minha boca ainda permanece, quem vai alimentá-la então, minha boca, e quem vai alimentar todos eles então, senhor? Deveria Al Ilyusha pedir esmolas todos os dias em vez de ir à escola? Então é isso que significa para mim desafiá-lo para um duelo, é uma palavra estúpida e nada mais.

“Ele vai te pedir perdão, ele vai se curvar aos seus pés no meio da praça”, gritou Alyosha novamente com um olhar ardente.

“Eu queria chamá-lo ao tribunal.” - continuou o capitão do estado-maior, - mas expandindo nosso código, quanta satisfação terei que receber do infrator pelo meu insulto pessoal? E de repente Agrafena Alexandrovna me liga e grita: “Não se atreva a pensar! Se você o chamar ao tribunal, eu o decepcionarei de tal forma que será publicamente revelado ao mundo inteiro que ele bateu em você por sua própria fraude, e então você mesmo será levado a julgamento.” Mas só Deus sabe de quem veio essa fraude, senhor, e sob as ordens de quem eu, como um peixe pequeno, agi aqui, senhor - não foi ordem dela ou de Fyodor Pavlovich? “E além disso”, acrescenta ele, vou afastá-lo para sempre e você nunca ganhará nada de mim no futuro. Também contarei ao meu comerciante (é assim que ela o chama, o velho: meu comerciante), e ele também expulsará você. Então eu penso, se o comerciante me afastar, e daí, com quem vou ganhar dinheiro? Afinal, são os dois únicos que me restam, já que seu pai, Fyodor Pavlovich, não só deixou de confiar em mim, por uma razão estranha, senhor, mas ele próprio, depois de garantir meus recibos, quer me arrastar para o tribunal. Como resultado de tudo isso, fiquei quieto e você viu as profundezas, senhor. Agora deixe-me perguntar: machucou seu dedo agora há pouco, Ilyusha? Na mansão, não ousei entrar nesse detalhe na frente dele.

- Sim, doeu muito e ele ficou muito irritado. Ele se vingou de mim como Karamazov por você, isso está claro para mim agora. Mas se você visse como ele e seus colegas atiravam pedras? Isso é muito perigoso, podem matá-lo, são crianças, estúpidos, a pedra voa e pode quebrar a cabeça dele.

- Sim, bateu mesmo, não na cabeça, mas no peito, acima do coração, hoje levei uma pedrada, fiquei com um hematoma, vim chorando, gemendo, mas agora estou doente.

“E você sabe, ele é o primeiro a chegar e ataca todo mundo, ele está com raiva de você, dizem que ele acabou de esfaquear um garoto, Krasotkin, na lateral com um canivete...

- Também ouvi falar disso, é perigoso, senhor: Krasotkin é um funcionário aqui, talvez haja problemas, senhor...

“Eu aconselharia você”, continuou Aliocha com fervor, “a não mandá-lo para a escola por um tempo, até que ele se acalme... e essa raiva passe dentro dele...

- Raiva, senhor! - o capitão do estado-maior atendeu, - é raiva, senhor. Numa criatura pequena, mas com muita raiva, senhor. Você não sabe de tudo isso, senhor. Deixe-me explicar essa história especialmente. O fato é que depois desse acontecimento todos os alunos da escola começaram a provocá-lo com uma toalha. As crianças nas escolas são um povo cruel: individualmente são anjos de Deus, mas juntas, especialmente nas escolas, são muitas vezes implacáveis. Eles começaram a provocá-lo e um espírito nobre surgiu em Ilyusha. Um menino comum, um filho fraco, teria se humilhado e ficado com vergonha de seu pai, mas este se rebelou contra todos os outros por seu pai. Pelo pai e pela verdade, senhor, pela verdade, senhor. Pelo que ele suportou então, como beijou as mãos do seu irmão e gritou para ele: “Perdoe papai, perdoe papai”, só Deus sabe e eu, senhor. E é assim que nossos filhos - isto é, não os seus, mas os nossos, senhor, os filhos de mendigos desprezíveis, mas nobres, senhor, aprenderão a verdade na terra aos nove anos de idade, senhor. Onde estão os ricos: eles não exploram essas profundezas durante toda a vida, mas meu Ilyushka, naquele exato momento na praça, senhor, quando ele beijou suas mãos, naquele exato momento toda a verdade aconteceu, senhor. “Essa verdade entrou nele e o derrubou para sempre”, disse o capitão do estado-maior com veemência e de novo, como se estivesse em frenesi, e ao mesmo tempo bateu na palma da mão esquerda com o punho direito, como se quisesse expressar na realidade como “ a verdade” derrubou Ilyusha. “Naquele mesmo dia eu tive febre, senhor, ele ficou delirando a noite toda.” Durante todo aquele dia ele falou pouco comigo, ficou até completamente calado, só notei: ele olha, me olha do canto, e cada vez mais se inclina para a janela e finge que está dando aula, mas vejo que não são aulas sobre sua mente. No dia seguinte eu bebi, senhor, e não me lembro de muita coisa, senhor, um homem pecador, de tristeza, senhor. Mamãe também começou a chorar aqui, senhor, - eu amo muito a mamãe, senhor, - bem, de tristeza, me apaixonei pelos últimos, senhor. Você, senhor, não me despreze: na Rússia, os bêbados são os mais gentis. Temos as pessoas mais gentis e mais bêbadas. Eu estava deitado ali e não me lembrava muito de Ilyusha naquele dia, mas naquele mesmo dia os meninos o fizeram rir na escola pela manhã: “Toalha”, gritaram para ele, arrastaram seu pai para fora da taverna pelo seu toalha, e você correu ao lado dele e pediu perdão. No terceiro dia ele voltou da escola e vi que ele não tinha rosto, estava pálido. O que você está dizendo? Silencioso. Bom, não tinha o que conversar nas mansões, senão agora a mamãe e as meninas iriam participar - além disso, as meninas já sabiam de tudo, ainda no primeiro dia. Varvara Nikolaevna já tinha começado a resmungar: “Bofões, palhaços, como é que vocês podem ter algo razoável?” “Isso mesmo, Varvara Nikolaevna, como podemos ter algo razoável?” Foi por isso que saí dessa vez. Então, à noite, levei o menino para passear. E ele e eu, você precisa saber, senhor, todas as noites e antes disso saíamos para passear, exatamente pelo mesmo caminho que você e eu estamos percorrendo agora. desde o nosso portão até aquela enorme pedra ali na estrada, abandonada pela cerca, e onde começa o pasto da cidade: o lugar é deserto e lindo, senhor. Ilyusha e eu caminhamos, a mão dele na minha, como sempre; Ele tem mão pequena, dedos finos e frios - afinal, ele sofre no meu peito. - “Pai, ele diz, pai!” "O que, eu digo a ele, vejo que seus olhos estão brilhando." - “Pai, como ele gostou de você então, pai!” “O que devo fazer, Ilyusha?” - “Não tolere ele, pai, não tolere ele. Os alunos dizem que ele lhe deu dez rublos por isso.” "Não, eu digo, Ilyusha, não vou aceitar dinheiro dele agora por nada." Então ele começou a tremer todo, agarrou minha mão com as duas e me beijou novamente. - “Pai”, diz ele, “Pai, desafie-o para um duelo, eles brincam com ele na escola, dizendo que você é um covarde e não vai desafiá-lo para um duelo, mas vai tirar dez rublos dele”. “Não posso desafiá-lo para um duelo, Ilyusha”, respondo, e conto brevemente tudo o que lhe contei sobre isso. Ele ouviu: “Pai, ele diz, pai. Mesmo assim, não tolere: eu vou crescer, vou ligar para ele e matá-lo! Os olhinhos brilham e queimam. Pois bem, apesar de tudo isto, sou pai, era preciso dizer-lhe as palavras da verdade: é pecado, digo-lhe, matar, mesmo em duelo. - “Pai”, diz ele, “Pai, vou derrubá-lo do tamanho que eu sou, vou nocauteá-lo com meu sabre, vou correr até ele, derrubá-lo, balançar meu sabre nele e diga a ele: eu poderia te matar agora, mas eu te perdôo, aqui está!” “Veja, senhor, que tipo de processo aconteceu na cabeça dele nesses dois dias, ele estava pensando dia e noite exatamente nessa vingança com um sabre, e à noite ele deve ter delirado com isso, senhor. Assim que ele começou a voltar da escola, muito espancado, foi anteontem que descobri tudo, e o senhor tem razão; Não vou mandá-lo para esta escola novamente, senhor. Eu descobri que ele estava indo sozinho contra toda a turma e chamando todo mundo, ele mesmo ficou com raiva, seu coração iluminou - eu estava com medo por ele então. Vamos dar um passeio novamente. - “Pai”, pergunta: “Pai, os ricos não são os mais poderosos do mundo?” “Sim, eu digo, Ilyusha, não existe homem rico mais forte no mundo.” “Pai, ele diz, vou ficar rico, vou me tornar um oficial e vou derrotar todos, o czar vai me recompensar, eu irei e ninguém ousará.” pequenos lábios ainda tremendo. - “Pai, ele diz, que cidade ruim é essa, pai!” “Sim, eu digo, Ilyushechka, nossa cidade não é muito boa.” - “Pai, vamos mudar para outra cidade, para uma boa, diz ele, uma cidade onde nem nos conhecem.” “Vamos nos mudar, eu digo, vamos nos mudar, Ilyusha, só vou economizar algum dinheiro.” Fiquei feliz por ter a oportunidade de distraí-lo de seus pensamentos sombrios e começamos a sonhar em como nos mudaríamos para outra cidade, compraríamos nosso próprio cavalo e carroça. Faremos a mamãe e as irmãs sentarem, fecharemos, e vamos para o lado, de vez em quando eu te dou uma carona, e vou caminhar ao seu lado, porque você precisa cuidar do seu cavalo, nem todo mundo pode sentar, então iremos. Ele admirava isso e, o mais importante, teria seu próprio cavalo e cavalgaria sozinho. E já sabemos que um menino russo vai nascer com cavalo. Conversamos bastante, graças a Deus, acho que o entretive e o consolei. Esta foi a noite do terceiro dia, mas ontem à noite foi diferente. Novamente ele foi para esta escola pela manhã, voltou sombrio, muito sombrio. À noite peguei ele pela mão, levei-o para passear, ele ficou calado, não falou. Aí começou a brisa, o sol eclipsou, sentiu o cheiro do outono e já estava escurecendo - vamos, estamos os dois tristes. “Bem, garoto, como podemos, eu digo, nos preparar para a viagem?” Silencioso. Acabei de ouvir seus dedos tremerem na minha mão. Eh, eu acho que é ruim, tem uma novidade. Acabamos de chegar a esta mesma pedra, sentei-me nesta pedra, e no céu todas as cobras foram lançadas, zumbindo e crepitando, trinta pipas eram visíveis. Afinal, é a temporada das cobras, senhor. Agora, eu digo, Ilyusha, é hora de empinarmos as pipas do ano passado. Deixe-me consertar, onde você escondeu? Meu menino fica em silêncio, olhando para o lado, ficando de lado para mim. E então o vento de repente começou a zumbir, a areia foi embora... De repente ele correu em cima de mim, abraçando meu pescoço com os dois braços. me apertou. Você sabe, se as crianças são silenciosas e orgulhosas, e as lágrimas lutam dentro de si por um longo tempo, mas quando elas surgem de repente, se uma grande dor vier, não é apenas que as lágrimas fluirão, mas elas irão espirrar como riachos, senhor. Com esses respingos quentes ele molhou de repente todo o meu rosto. Ele começou a soluçar como se estivesse em convulsão, tremeu, me apertou contra si, eu estava sentado em uma pedra. - “Papai, ele grita, papai, querido papai, como ele te humilhou!” Aqui eu também comecei a chorar, sentamos e nos apertamos, nos abraçando. - “Papai, ele diz, papai!” - Ilyusha, eu digo a ele, Ilyusha! Ninguém nos viu então, senhor, só Deus nos viu, talvez ele coloque isso na minha forma, senhor. Agradeça ao seu irmão, Alexey Fedorovich. Não, senhor, não vou açoitar meu filho para sua satisfação!

Ele terminou novamente com seu antigo toque maligno e tolo. Alyosha sentiu, no entanto, que já confiava nele e que se outra pessoa estivesse em seu lugar, essa pessoa não teria “falado” com outra pessoa daquela maneira e não teria lhe contado o que ele estava dizendo. Isso encorajou Alyosha, cuja alma tremia de lágrimas.

- Ah, como eu gostaria de fazer as pazes com o seu menino! - ele exclamou. - Se você organizou isso...

“Exatamente”, murmurou o capitão do estado-maior.

“Mas agora não é sobre isso, não é sobre isso, ouça”, Alyosha continuou a exclamar, “ouça!” Tenho uma ordem para você: esse mesmo irmão meu, esse Dmitry, insultou sua noiva, uma moça muito nobre, de quem você realmente ouviu falar. Tenho o direito de lhe revelar o insulto dela, até tenho que fazê-lo, porque ela, tendo sabido do seu insulto, e tendo sabido tudo sobre a sua infeliz situação, me instruiu agora... agora mesmo... a trazer você esta ajuda dela... mas só dela sozinha , não de Dmitry, que a abandonou, de jeito nenhum, e não de mim, de seu irmão, e não de ninguém, mas dela, apenas dela sozinha! Ela implora que você aceite a ajuda dela... vocês dois estão ofendidos pela mesma pessoa... Ela se lembrou de você apenas quando sofreu dele a mesma ofensa (em termos da força da ofensa) - como você sofreu dele! Isso significa que a irmã está indo até o irmão com ajuda... Ela me instruiu especificamente a persuadi-lo a aceitar esses duzentos rublos dela como se fossem de uma irmã. Ninguém saberá disso, nenhuma fofoca injusta pode acontecer... estes são estes duzentos rublos e, eu juro, você deve aceitá-los, caso contrário... caso contrário, portanto, todos devem ser inimigos uns dos outros no mundo! Mas existem irmãos no mundo... Você tem uma alma nobre... você deve entender isso, você deve!..

E Alyosha entregou-lhe dois novos cartões de crédito arco-íris de cem rublos. Os dois estavam parados ao lado de uma grande pedra, perto de uma cerca, e não havia ninguém por perto. Os cartões de crédito pareceram causar uma impressão terrível no capitão do estado-maior: ele estremeceu, mas a princípio como que de pura surpresa: nunca havia imaginado algo assim e não esperava tal resultado. Ajuda de alguém, e mesmo tão significativo, ele nunca sonhou. Ele pegou os cartões de crédito e por quase um minuto não conseguiu responder; algo completamente novo passou por seu rosto.

- Isso é para mim, para mim, senhor, isso é tanto dinheiro, duzentos rublos! Pais! Sim, faz quatro anos que não vejo tanto dinheiro - Senhor! E ele diz que irmã... isso é mesmo verdade?

- Eu juro que tudo que eu te contei é verdade! - Aliócha gritou. O capitão do estado-maior corou.

“Escute, meu querido, escute, senhor, mesmo que eu aceite, não serei um canalha, não é?” Aos seus olhos, Alexey Fedorovich, não vou. não serei um canalha? Não, Alexey Fedorovich, ouça, ouça, senhor”, ele se apressava a cada minuto, tocando Alyosha com as duas mãos, “você está tentando me persuadir a aceitar o que a “irmã” está enviando, mas por dentro, para si mesmo, - Você ganhou não sinta desprezo por mim se eu aceitar, hein?

- Não, não, não! Juro pela minha salvação que não! E ninguém jamais saberá, só nós: eu, você, ela, e mais uma senhora, sua grande amiga...

- Que senhora! Ouça, Alexey Fedorovich, ouça, senhor, porque agora chegou um momento, senhor, que você precisa ouvir, pois você nem consegue entender o que esses duzentos rublos podem significar para mim agora”, continuou o pobre homem, gradualmente chegando a algum deleite desordenado, quase selvagem. Ele parecia perplexo, mas falava com extrema pressa e pressa, como se temesse não ter permissão para expressar tudo. “Além de ter sido adquirido honestamente de uma “irmã” tão respeitada e santa, você sabia que agora posso tratar minha mãe e Ninochka, meu anjo corcunda, filha? O doutor Herzenstube veio até mim, pela bondade de seu coração, examinou os dois por uma hora: “Não entendo”, disse ele, “nada”, mas mesmo assim a água mineral que está na farmácia aqui (ele prescrevi) sem dúvida irá beneficiá-la, e banhos também prescrevi remédios para pernas para ela. A água mineral custa trinta copeques, mas você precisa beber talvez quarenta jarras. Então peguei a receita e coloquei na prateleira embaixo do ícone, e lá ficou. E receitou a Ninochka que se banhasse em algum tipo de solução, em banhos quentes como este, todas as manhãs e todas as noites, então onde poderíamos fazer tal tratamento, aqui, em nossas mansões, sem criados, sem ajuda, sem louça e sem água, senhor? E a Ninochka está toda com reumatismo, ainda não te contei isso, à noite toda a metade direita dói, ela sofre, e, acredite, um anjo de Deus, ela se fortalece para não nos incomodar, ela não ' não gemer para não nos acordar. Comemos tudo o que conseguimos, mas ela vai pegar o último pedaço que só pode ser jogado para o cachorro: “Não valho esse pedaço, dizem, estou tirando de você, sou um fardo para você.” É isso que seu olhar angelical quer retratar. Nós a servimos, mas é doloroso para ela: “Não valho a pena, não valho a pena, sou um aleijado indigno, um inútil”, mas ela não valeria a pena, senhor, quando nos implorou tudo vindo de Deus com sua mansidão angelical, sem ela, sem suas palavras calmas, teríamos o inferno, até Varya suavizou isso. E também não julgue Varvara Nikolaevna, senhor, ela também é um anjo, também ofendida. Ela veio até nós no verão e tinha dezesseis rublos com ela, ganhava dinheiro com aulas e reservava para sua partida, para que em setembro, ou seja, agora, pudesse voltar com ele para São Petersburgo. Mas pegamos o dinheiro dela e vivemos dele e agora ela não tem para onde voltar, é assim, senhor. Sim, e você não pode voltar, porque ela trabalha para nós como uma presidiária - afinal, nós a atrelamos e selamos como uma chata, ela vai atrás de todo mundo, conserta, lava, varre o chão, coloca mamãe na cama, e mamãe é caprichosa, senhor, e mamãe chora, senhor, e mamãe é louca, senhor!.. Então agora posso contratar uma empregada com esses duzentos rublos, senhor, entendeu. Alexey Fedorovich, posso fazer tratamento para criaturas fofas, vou mandar um aluno para São Petersburgo, vou comprar carne, vou começar uma nova dieta. Senhor, isso é um sonho!

Alyosha ficou muito feliz por ter trazido tanta felicidade e por o pobre homem ter concordado em ser feliz.

“Espere, Alexey Fedorovich, espere”, o capitão do estado-maior novamente agarrou-se a um novo sonho que de repente se apresentou a ele e novamente começou a balbuciar em um tamborilar frenético, “mas você sabe que Ilyushka e eu provavelmente iremos realmente realizar nosso sonho agora se torne realidade: vamos comprar um cavalo e uma carroça, e um cavalinho preto, com certeza ele pediu um cavalinho preto, e iremos como planejamos no dia anterior. Tenho um advogado conhecido na província K, senhor, um amigo de infância, senhor, me disseram através de uma pessoa fiel que se eu for, ele supostamente me dará um cargo de escriturário em seu escritório, senhor, mas quem sabe, talvez e ele dê... Bem, eu colocaria mamãe na prisão, colocaria Ninochka na prisão, colocaria Ilyushechka no comando e penhoraria, penhoraria e levaria todo mundo, senhor. .. Senhor, se ao menos eu conseguisse uma dívida que está desperdiçada aqui, talvez seja suficiente até para o ethos!

- Ele vai conseguir, ele vai conseguir! - exclamou Alyosha, - Katerina Ivanovna vai te mandar o quanto você quiser, e você sabe, eu também tenho dinheiro, pegue o quanto você precisar, como de um irmão, como de um amigo, depois devolva... ( Você vai ficar rico, você vai ficar rico!) E você sabe que nunca conseguiu pensar em nada melhor do que mudar para outra província! Esta é a sua salvação, e o mais importante para o seu menino - e você sabe, o mais rápido possível, antes do inverno, antes do frio, eles nos escreveriam de lá, e continuaríamos irmãos... Não, isso não é um sonho!

Alyosha queria abraçá-lo, ele estava tão satisfeito. Mas olhando para ele, ele parou de repente: ficou com o pescoço esticado, os lábios esticados, com o rosto frenético e pálido e sussurrando algo com os lábios, como se quisesse dizer alguma coisa; não houve sons, mas ele continuou sussurrando com os lábios, era de alguma forma estranho.

- O que você está falando! - Alyosha estremeceu de repente por algum motivo.

“Alexey Fedorovich... eu... você...”, o capitão do estado-maior murmurou e desabou, olhando para ele de forma estranha e selvagem à queima-roupa com o olhar de alguém que decidiu voar da montanha, e no ao mesmo tempo, como se sorrisse com os lábios: “Eu... você... ... Gostaria que eu lhe mostrasse um truque agora, senhor! - ele sussurrou de repente em um sussurro rápido e firme, sua fala não vacilou mais.

- Que truque?

“Hocus pocus, que hocus pocus”, sussurrava o capitão do estado-maior; com a boca curvada para a esquerda, o olho esquerdo semicerrado, ele, sem desviar o olhar, ficava olhando para Aliocha, como se estivesse acorrentado a ele.

- Qual é o seu problema, que truque? - ele gritou completamente assustado.

- Olha o que é! - gritou o capitão do estado-maior de repente. E tendo-lhe mostrado os dois cartões de crédito arco-íris, que o tempo todo, durante toda a conversa, ele mantivera ambos juntos pelo canto com o polegar e o indicador da mão direita, de repente, com certo frenesi, agarrou-os, esmagou-os e apertou-os com força no punho da mão direita.

- Nós vimos, nós vimos! - gritou ele para Aliocha, pálido e frenético, e de repente erguendo o punho no ar, jogou as duas notas amassadas na areia com toda a força, - você viu? - ele gritou novamente, apontando o dedo para eles - bem, é isso, senhor!..

E de repente, levantando o pé direito, ele correu com raiva selvagem para pisoteá-los com o calcanhar, exclamando e ofegando a cada golpe do pé.

- Aqui está o seu dinheiro, senhor! Aqui está o seu dinheiro, senhor! Aqui está o seu dinheiro, senhor! Aqui está o seu dinheiro, senhor! “De repente, ele deu um pulo para trás e se endireitou na frente de Alyosha. Toda a sua aparência mostrava um orgulho inexplicável.

- Informe a quem lhe enviou que a toalhinha não vende a honra, senhor! - ele gritou, estendendo a mão no ar. Então ele rapidamente se virou e começou a correr; mas ele não havia dado nem cinco passos quando, virando-se novamente, de repente fez um gesto com a mão para Aliocha. Mas novamente, sem correr cinco passos, ele se virou pela última vez, desta vez sem uma risada distorcida na cara, mas pelo contrário, estava todo abalado pelas lágrimas. Num tom de choro, quebradiço e engasgo, ele gritou:

“O que eu diria ao meu filho se aceitasse dinheiro de você para nossa vergonha?” - e, dito isso, correu para correr, desta vez sem olhar para trás. Alyosha cuidou dele com uma tristeza inexprimível. Ah, ele entendeu que até o último momento ele mesmo não sabia que iria se encolher e jogar fora os cartões de crédito. O homem que correu nunca se virou e Alyosha sabia que não iria se virar. Ele não queria persegui-lo e ligar para ele, ele sabia por quê. Quando ele desapareceu de vista, Alyosha pegou os dois cartões de crédito. Eles estavam apenas muito amassados, achatados e pressionados na areia, mas estavam completamente intactos e até amassados ​​como novos quando Alyosha os desenrolou e alisou. Depois de alisar, ele os dobrou. ele colocou-o no bolso e foi até Katerina Ivanovna para relatar o sucesso de sua missão.

I. Conluio

A Sra. Khokhlakova foi novamente a primeira a conhecer Alyosha. Ela estava com pressa: algo importante aconteceu: a histeria de Katerina Ivanovna terminou em desmaio, então “se instalou uma fraqueza terrível, terrível, ela se deitou, fechou os olhos e começou a delirar. Agora está calor, mandaram chamar o Herzenstube, mandaram chamar as tias. A tia já está aqui, mas o Herzenstube ainda não. Todo mundo senta em seu quarto e espera. Algo vai acontecer, mas ela não terá memória. E se você estiver com febre!

Exclamando isso, a Sra. Khokhlakova parecia seriamente assustada: “Isso é sério, sério!” ela acrescentou a cada palavra, como se tudo o que havia acontecido com ela antes não fosse sério. Alyosha ouviu-a com tristeza; Ele começou a contar suas aventuras, mas ela o interrompeu desde as primeiras palavras: ela não teve tempo, pediu que ele se sentasse com Lise e Lise esperasse por ela.

“Lise, querido Alexey Fedorovich”, ela sussurrou quase em seu ouvido, “Lise estranhamente me surpreendeu agora, mas também me tocou e, portanto, meu coração a perdoa tudo”. Imagine, assim que você saiu, ela de repente começou a se arrepender sinceramente de ter parecido rir de você ontem e hoje. Mas ela não riu, ela estava apenas brincando. Mas ela se arrependeu tão seriamente, quase a ponto de chorar, então fiquei surpreso. Ela nunca se arrependeu seriamente antes de rir de mim, mas foi tudo uma brincadeira. E você sabe, ela ri de mim a cada minuto. Mas agora ela está falando sério, agora tudo ficou sério. Ela valoriza extremamente a sua opinião, Alexey Fedorovich, e se você puder, não se ofenda com ela e não reclame. Tudo o que faço é poupá-la, porque ela é muito esperta – você acredita? Ela estava dizendo agora que você era um amigo de infância dela - “o amigo mais sério da minha infância” - imagina só, o mais sério, e eu? Ela tem sentimentos extremamente sérios sobre isso, e até mesmo memórias, e o mais importante, essas frases e palavras, essas palavras mais inesperadas, então você nunca espera que isso apareça de repente. Recentemente, sobre um pinheiro, por exemplo: Havia um pinheiro em nosso jardim na primeira infância dela, e talvez ainda exista, então não faz sentido falar sobre isso no passado. Os pinheiros não são pessoas, não mudam há muito tempo, Alexey Fedorovich. “Mãe”, diz ela, “lembro-me deste pinheiro, como se fosse um sonho”, ou seja, “pinheiro, como se fosse um sonho”, ela de alguma forma colocou de forma diferente, porque há confusão, pinheiro é uma palavra estúpida , mas ela foi a única que me contou sobre algo tão original que de forma alguma me comprometerei a transmitir. Sim, esqueci tudo. Bem, adeus, estou muito chocado e provavelmente enlouquecendo. Ah, Alexey Fedorovich, enlouqueci duas vezes na vida e eles me trataram. Vá para Lise. Encoraje-a, como você sempre sabe fazer com tanto encanto. Lise”, gritou ela, aproximando-se da porta, “trouxe até você Alexei Fedorovich, que ficou tão insultado por você, e ele não está nem um pouco zangado, garanto-lhe, pelo contrário, ele está surpreso com o que você pôde pensar!”

- Merci, mamãe, entre, Alexey Fedorovich.

Aliócha entrou. Lise parecia um tanto envergonhada e de repente corou. Ela aparentemente estava com vergonha de alguma coisa e, como sempre acontece, rapidamente começou a falar sobre estranhos, como se naquele momento só estivesse interessada em estranhos.

“Mamãe de repente me contou agora, Alexey Fedorovich, toda a história sobre esses duzentos rublos, e sobre esta ordem para você... para este pobre oficial... e contou toda essa história terrível de como ele ficou ofendido, e você sabe , apesar de minha mãe contar isso de forma muito sem graça... ela é toda saltitante... mas eu escutei e chorei. Bem, como você deu esse dinheiro, e o que acontece com esse infeliz agora?

“Isso é exatamente o que ele não deu, e há toda uma história aqui”, respondeu Alyosha, como se estivesse mais preocupado com o fato de ele não ter dado o dinheiro, e enquanto isso Lise percebeu perfeitamente que ele estava desviando o olhar, e aparentemente também tenta falar sobre pessoas de fora. Alyosha sentou-se à mesa e começou a conversar, mas desde as primeiras palavras deixou de ficar completamente envergonhado e, por sua vez, cativou Lise. Ele falou sob a influência de um sentimento forte e de uma impressão extraordinária recente, e conseguiu contá-lo bem e detalhadamente. Mesmo antes, em Moscou, na infância de Lise, ele adorava ir até ela e contar o que acontecia com ele agora, depois pelo que lia ou lembrava de sua infância. Às vezes eles até sonhavam juntos e escreviam histórias inteiras juntos, mas na maioria das vezes eram alegres e engraçados. Agora ambos pareciam subitamente transportados para a antiga época de Moscou, há dois anos. Lise ficou extremamente emocionada com sua história. Alyosha, com sentimento apaixonado, conseguiu desenhar a imagem de “Ilyushechka” na sua frente. Quando ele terminou com todos os detalhes a cena sobre como aquele infeliz pisoteou o dinheiro, Lise apertou as mãos e gritou com um sentimento incontrolável:

- Então você não deu o dinheiro, então deixou ele fugir! Meu Deus, se você pudesse correr atrás dele e alcançá-lo...

“Não, Lise, é melhor eu não ter corrido”, disse Alyosha, levantou-se da cadeira e caminhou ansiosamente pela sala.

- O que é melhor, o que é melhor? Agora eles vão morrer sem pão!

“Eles não morrerão, porque esses duzentos rublos não passarão despercebidos.” Ele vai levá-los amanhã de qualquer maneira. “Ele provavelmente aceitará amanhã”, disse Alyosha, caminhando pensativo. “Veja, Lise”, ele continuou, parando de repente na frente dela, “eu mesmo cometi um erro aqui, mas o erro acabou sendo para melhor”.

- Qual foi o erro e por que foi para melhor?

- E por isso, este é um homem covarde e de caráter fraco. Ele está tão exausto e muito gentil. Agora fico pensando: por que ele ficou tão repentinamente ofendido e pisoteado no dinheiro, porque, garanto, até o último momento ele não sabia que iria pisoteá-lo. E então me parece que ele foi ofendido por muita gente aqui... e não poderia ter sido de outra forma na posição dele... Em primeiro lugar, ele já estava ofendido pelo fato de estar muito feliz com o dinheiro na frente de mim e não escondeu isso de mim. Se ele estivesse feliz, mas não muito feliz, ele não tivesse demonstrado, ele teria começado a fazer caretas como os outros ao aceitar dinheiro, fazer caretas, bem, então ele poderia simplesmente ter suportado e aceitado, caso contrário ele era muito genuinamente feliz, e é isso que é ofensivo. Ah, Lise, ele é uma pessoa sincera e gentil, esse é o problema nesses casos! O tempo todo que ele estava falando então, a voz dele estava tão fraca, enfraquecida, e ele falava tão rápido, rápido, ele ficava rindo tanto, ou já estava chorando... sério, ele estava chorando, ele estava tão admirado ... e ele falou sobre suas filhas... e sobre o lugar que lhe dariam em outra cidade... E assim que ele derramou sua alma, de repente sentiu vergonha de me mostrar toda sua alma. Agora ele me odeia. E ele é um dos pobres terrivelmente tímidos. O principal é que ele ficou ofendido pelo fato de que logo me confundiu com seu amigo e logo se rendeu a mim; aí ele correu até mim, me assustou, e de repente ele viu o dinheiro e começou a me abraçar. Porque ele me abraçou e tocou tudo com as mãos. Era dessa forma que ele deveria ter sentido toda essa humilhação, e então cometi esse erro, um erro muito importante: de repente eu disse a ele que se ele não tiver dinheiro para se mudar para outra cidade, então eles vão dar ele mais, e até eu mesmo darei a ele tanto dinheiro quanto ele quiser. De repente, isso o atingiu: por que eu pulei para ajudá-lo? Você sabe, Lise, é terrível como é difícil para uma pessoa ofendida quando todos começam a vê-la como seus benfeitores... Eu ouvi, o mais velho me contou isso. Não sei como expressar isso, mas já vi isso muitas vezes. Sim, eu me sinto exatamente da mesma maneira. E o principal é que mesmo não sabendo até o último momento que iria atropelar os cartões de crédito, ainda tinha um pressentimento disso, isso é certo. Por isso a alegria dele foi tão forte, que ele teve um pressentimento... E mesmo sendo tudo tão ruim, ainda assim foi para melhor. Acho até que foi melhor, não poderia ter sido melhor...

- Por que, por que não poderia ter sido melhor? - exclamou Lise, olhando para Alyosha com grande surpresa.

“Porque, Lise, se ele não tivesse pisoteado, mas pegado esse dinheiro, ele teria chegado em casa uma hora depois e chorado pela humilhação, isso certamente teria acontecido.” Ele choraria e talvez amanhã viria até mim num piscar de olhos e talvez me jogasse cartões de crédito e me pisoteasse como antes. E agora ele saiu terrivelmente orgulhoso e triunfante, embora saiba que “se arruinou”. E, portanto, agora não há nada mais fácil do que forçá-lo a aceitar os mesmos duzentos rublos o mais tardar amanhã, porque ele já provou sua honra pisoteando o dinheiro... Ele não poderia saber quando estava pisoteando isso Eu traria para ele novamente amanhã. E ainda assim ele realmente precisa tanto desse dinheiro. Mesmo que agora esteja orgulhoso, ainda hoje ele pensará na ajuda que perdeu. À noite ele pensará ainda mais fortemente, verá coisas em seus sonhos e amanhã de manhã provavelmente estará pronto para correr até mim e pedir perdão. E aqui vou aparecer: “Aqui, dizem, você é uma pessoa orgulhosa, você provou isso, agora pega, nos perdoe”. É aqui que ele vai levar!

Alyosha disse com uma espécie de êxtase: “É aqui que ele vai levá-lo!” Lise bateu palmas.

- Ah, é verdade, ah, de repente percebi isso terrivelmente! Oh, Alyosha, como você sabe de tudo isso? Tão jovem e já sabe o que lhe vai na alma... Nunca teria imaginado isto...

“O principal agora é convencê-lo de que ele está em pé de igualdade com todos nós, apesar de receber dinheiro de nós”, continuou Alyosha em seu êxtase, “e não apenas em pé de igualdade, mas até mesmo em uma base superior.”

- “No pé mais alto” é maravilhoso, Alexey Fedorovich, mas fale, fale!

- Quer dizer, eu não coloquei dessa forma... em relação à perna de cima... mas tudo bem, porque...

- Ah, nada, nada, claro que nada! Perdoe-me, Alyosha, querido... Você sabe, até agora eu quase não te respeitei... isto é, eu te respeitei, mas em pé de igualdade, mas agora vou te respeitar no mais alto nível... Querido, don não fique com raiva por eu ser “esperta”, ela respondeu imediatamente com forte sentimento. “Eu sou engraçado e pequeno, mas você, você... escute, Alexey Fedorovich, não há em todo esse raciocínio o nosso... isto é, o seu... não." é melhor que a nossa... não há desprezo por ele, por essa coisa infeliz... no fato de agora dissecarmos a alma dele assim, de forma arrogante, com certeza, né? O fato é que provavelmente decidiram agora que ele aceitaria o dinheiro, né?

“Não, Lise, não há desprezo”, respondeu Alyosha com firmeza, como se já estivesse preparado para esta pergunta, “eu já estava pensando nisso, vindo para cá”. Considere que tipo de desprezo existe quando nós mesmos somos iguais a ele, quando todos são iguais a ele. Porque somos iguais, não melhores. E mesmo que fossem melhores, ainda seriam os mesmos no lugar dele... Não sei quanto a você, Lise, mas penso comigo mesmo que em muitos aspectos tenho uma alma superficial. E o dele não é mesquinho, pelo contrário, muito delicado... Não, Lise, aqui não há desprezo por ele! Você sabe, Lise, meu velho disse uma vez: você tem que cuidar das pessoas como se fossem crianças, e outros como você cuidam dos pacientes nos hospitais...

- Ah, Alexey Fedorovich, ah, querido, vamos cuidar das pessoas como se estivessem doentes!

- Vamos, Lise, estou pronto, mas eu também não estou pronto; Às vezes fico muito impaciente e outras vezes nem tenho olho. Aqui está outro assunto para você.

- Ah, não acredito! Alexey Fedorovich, como estou feliz!

- Que bom que você diz isso, Lise.

- Alexey Fedorovich, você é incrivelmente bom, mas às vezes parece um pedante... e ainda assim, você olha, você não é um pedante de jeito nenhum. Vá dar uma olhada nas portas, abra-as silenciosamente e veja se a mamãe está ouvindo”, Lise sussurrou de repente em uma espécie de sussurro nervoso e apressado.

Alyosha foi, abriu as portas e informou que ninguém estava ouvindo.

“Venha aqui, Alexey Fedorovich”, Lise continuou, corando cada vez mais, “dê-me sua mão, assim.” Escute, tenho uma grande confissão a lhe fazer: escrevi a carta de ontem não como uma brincadeira, mas falando sério...

E ela cobriu os olhos com a mão. Ficou claro que ela estava muito envergonhada de fazer essa confissão. De repente, ela agarrou a mão dele e beijou-a rapidamente três vezes.

“Oh, Lise, isso é maravilhoso”, exclamou Alyosha alegremente. “Mas eu tinha certeza absoluta de que você escrevia seriamente.”

- Tenho certeza, imagine! - Ela de repente tirou a mão dele. sem soltá-lo, porém, corando terrivelmente e rindo com uma risada pequena e feliz, beijei sua mão e ele disse: “e maravilhoso”. “Mas ela repreendeu injustamente: Alyosha também estava em grande confusão.

“Eu gostaria de sempre agradar você, Lise, mas não sei como fazer isso”, ele murmurou de alguma forma, e também corando.

- Alyosha, querido, você é frio e atrevido. Você vê, senhor. Ele se dignou a me escolher como esposa e se acalmou! Ele já tinha certeza que escrevi sério, o que é isso! Mas isso é insolência – é isso!

- É ruim eu ter certeza? - Alyosha riu de repente.

“Oh, Alyosha, pelo contrário, é terrível, mas é bom”, Lise olhou para ele com ternura e alegria. Alyosha ficou imóvel segurando a mão dele na dela. De repente, ele se abaixou e a beijou bem nos lábios.

- O que mais é isso? O que você tem? - Lise gritou. Alyosha estava completamente perdido.

- Bem, me perdoe se não for assim... Posso ser terrivelmente estúpido... Você disse que eu estava com frio, eu peguei e beijei... Só eu vejo que ficou estúpido...

Lise riu e cobriu o rosto com as mãos.

- E com esse vestido! - ela explodiu entre risadas, mas de repente parou de rir e ficou toda séria, quase severa.

“Bem, Alyosha, vamos esperar um pouco mais com beijos, porque nós dois ainda não sabemos como fazer isso e ainda temos muito tempo para esperar”, concluiu ela de repente. - Diga-me melhor, por que você me leva, tão idiota, tão idiota doente, você é tão esperto, tão pensante, tão atento? Oh, Alyosha, estou muito feliz, porque não sou digno de você!

- Pare, Lisa. Um dia destes deixarei completamente o mosteiro. Quando você sai para o mundo, você tem que se casar, eu sei disso. Isso é o que ele me disse. Quem eu aceitaria melhor que você... e quem me aceitará além de você? Eu estive pensando sobre isso. Em primeiro lugar, você me conhece desde a infância e, em segundo lugar, você tem muitas habilidades que eu não tenho. Sua alma é mais alegre que a minha; você, o mais importante, é mais inocente do que eu, e eu toquei muito, muito... Ah, você não sabe, eu também sou Karamazov! Por que você ri e brinca, e ri de mim também, pelo contrário, estou tão feliz com isso... Mas você ri como uma menininha, e pensa consigo mesma como uma mártir...

- Como um mártir? Como é isso?

“Sim, Lise, aqui está a sua pergunta agora: não temos desprezo por aquela coisa infeliz que dissecamos sua alma assim? Esta é uma pergunta de mártir... você vê, eu não sei como expressar isso,? mas quem tem essas perguntas é capaz de sofrer. Sentados em suas cadeiras, vocês deveriam ter mudado muito de ideia agora...

“Alyosha, me dê sua mão, por que você está tirando-a”, disse Lise, com a voz fraca de felicidade, de alguma forma caindo. - Escute, Alyosha, o que você vai vestir, como vai sair do mosteiro, que terno vai vestir? Não ria, não fique com raiva, isso é muito, muito importante para mim.

“Ainda não pensei no terno, Lise, mas o que você quiser, eu uso.”

“Quero que você use uma jaqueta de veludo azul escuro, um colete de piquê branco e um chapéu fofo e macio cinza... Diga-me, você acreditou agora mesmo que eu não te amo quando renunciei à carta de ontem?”

- Não, eu não acreditei.

- Oh, homem desagradável, incorrigível!

“Veja, eu sabia que você... parecia me amar, mas fingi que acreditava em você, que você não me amava, para que você ficasse... mais confortável..."

- Pior ainda! Tanto o pior quanto o melhor. Alyosha, eu te amo muito. Agora há pouco fiz um desejo para que você viesse: vou pedir a ele a carta de ontem, e se ele tirar com calma e me entregar (como você sempre pode esperar dele), significa que ele não ama eu não sinto nada, mas apenas um menino estúpido e indigno, e eu morri. Mas você deixou a carta na cela, e isso me animou: não é verdade, você a deixou na cela porque pressentiu que eu exigiria a carta de volta, para não devolvê-la? É assim? Não é verdade?

- Ah, Lise, não é nada disso, porque a carta está comigo agora, e agora também, neste bolso, aqui está.

Alyosha tirou a carta, rindo, e mostrou-a de longe.

"Mas eu não vou dar a você, cuidado fora das minhas mãos."

- Como? Então você mentiu agora há pouco, você é um monge e mentiu?

“Talvez eu tenha mentido”, Aliocha também riu, “menti para não lhe entregar as cartas”. É muito querido para mim”, acrescentou de repente com forte sentimento e corando novamente, “é para sempre e nunca o darei a ninguém!”

Lise olhou para ele com admiração.

“Alyosha”, ela balbuciou novamente, “olhe para a porta, sua mãe está ouvindo?”

- Tudo bem, Lise, vou dar uma olhada, mas não seria melhor nem olhar, né? Por que suspeitar de tal baixeza de sua mãe?

- Que maldade? Em que baixeza? É um direito dela, e não uma baixeza, que ela escute a filha”, Lise explodiu. - Fique tranquilo, Alexey Fedorovich, que quando eu mesma for mãe e tiver uma filha como eu, certamente irei espioná-la.

- Sério, Lisa? isso não é bom.

- Oh, meu Deus, quão vil é isso? Se houvesse alguma conversa social comum e eu estivesse escutando, então isso seria baixeza, mas aqui minha própria filha se trancou com um jovem... Ouça, Alyosha, saiba que também irei espionar você, assim que nós case-se, e saiba também que imprimirei todas as suas cartas e lerei tudo... Você deve estar avisado...

“Sim, claro, se for esse o caso...” murmurou Aliócha, “mas não é bom...”

- Ah, que desprezo! Alyosha, querido, não vamos brigar desde a primeira vez - é melhor eu te contar toda a verdade: certamente é muito ruim escutar, e claro que estou errado, e você está certo, mas ainda vou escutar .

- Faça isso. “Não me espie nada disso”, Alyosha riu.

- Alyosha, você vai me obedecer? Isso também precisa ser decidido com antecedência.

- Com muito prazer, Lise, e com certeza, só que não nas coisas mais importantes. E o mais importante: se você discordar de mim, ainda assim farei o que meu dever me manda.

- Isso mesmo. Portanto, saiba que eu, pelo contrário, não estou apenas pronto para obedecer nas coisas mais importantes, mas também vou ceder a você em tudo, e agora faço um juramento a você nisso - em tudo e no resto do meu vida”, gritou Lise apaixonadamente, “e isso é com felicidade, com felicidade! Além disso, juro que nunca vou escutar você, nunca vou ler uma única carta sua, porque você está certo e eu estou errado. E embora eu realmente quisesse escutar, eu sei disso, mas ainda não vou, porque você considera isso ignóbil. Você agora é como minha providência... Ouça, Alexey Fedorovich, por que você está tão triste todos esses dias, ontem e hoje; Eu sei que você tem problemas, desastres, mas vejo, além disso, que você tem algum tipo de tristeza especial - talvez secreta, né?

“Sim, Lise, existe um segredo”, disse Alyosha com tristeza. - Vejo que você me ama, se você adivinhou.

- Que tristeza? Sobre o quê? Você pode dizer? - Lise disse com um apelo tímido.

“Então eu vou te contar, Lise... depois...” Alyosha ficou envergonhado. - Agora talvez não fique claro. Sim, provavelmente não serei capaz de dizer isso sozinho.

“Além disso, eu sei que você está sendo atormentado por seus irmãos, pai?”

“Sim, e irmãos”, disse Alyosha, como se estivesse pensando.

“Não gosto do seu irmão Ivan Fedorovich, Alyosha”, comentou Lise de repente.

Alyosha notou esta observação com alguma surpresa, mas não a levantou.

“Os irmãos estão se arruinando”, continuou ele, “e o pai também”. E eles destroem os outros junto com eles mesmos. Aqui está a “força terrena de Karamazov”, como disse outro dia o Padre Paisiy, terrena e frenética, crua... Nem sei se o espírito de Deus está pairando no topo desta força. Só sei que sou Karamazov... Sou um monge, um monge? Eu sou um monge, Lise? Você disse uma vez neste exato momento que eu sou um monge?

- Sim, ela disse.

“Mas talvez eu não acredite em Deus.”

- Você não acredita, o que há de errado com você? — Lise disse calma e cuidadosamente. Mas Aliócha não respondeu. Havia algo muito misterioso e muito subjetivo aqui, nessas suas palavras tão repentinas, talvez pouco claras para ele, mas sem dúvida já o atormentando.

“E agora, além de tudo, meu amigo está indo embora, a primeira pessoa no mundo, deixando a terra.” Se você soubesse, se você soubesse, Lise, como estou conectado, como estou mentalmente unido com esse homem! E agora ficarei sozinho... irei até você, Lise... De agora em diante estaremos juntos...

- Sim, juntos, juntos! De agora em diante estaremos sempre juntos pela vida toda. Ouça, me beije, eu permito.

Aliócha a beijou.

- Bem, agora vá, Cristo está com você! (e ela cruzou com ele). Vá rapidamente até ele enquanto ele ainda está vivo. Vejo que o detive cruelmente. Vou orar por ele e por você hoje. Alyosha, ficaremos felizes! Seremos felizes, não é?

- Parece que sim, Lise.

Deixando Lise, Alyosha não se dignou a ir até a Sra. Khokhlakova e, sem se despedir dela, saiu de casa. Mas assim que ele abriu a porta e saiu para as escadas, do nada, na frente dele estava a própria Sra. Khokhlakova. Desde a primeira palavra, Aliocha adivinhou que ela o esperava ali de propósito.

- Alexey Fedorovich, isso é terrível. Isso são ninharias infantis e todo absurdo. Espero que você não tente sonhar... Bobagem, estupidez e estupidez! - ela o atacou.

“Só não diga isso a ela”, disse Alyosha, “caso contrário ela ficará animada, e isso é ruim para ela agora”.

“Ouço as palavras prudentes de um jovem prudente.” Devo entender que você mesmo concordou com ela apenas porque não quis, por compaixão por sua dolorosa condição, irritá-la contradizendo-a?

“Ah, não, de jeito nenhum, falei com ela completamente a sério”, afirmou Alyosha com firmeza.

“A seriedade aqui é impossível, impensável e, em primeiro lugar, não vou aceitar você nem uma vez agora e, em segundo lugar, vou embora e vou levá-la embora, saiba disso.”

“Mas por que”, disse Alyosha, “afinal, ainda não está perto, talvez tenhamos que esperar mais um ano e meio”.

- Ah, Alexey Fedorovich, isso com certeza é verdade, e em um ano e meio você vai brigar com ela mil vezes e terminar. Mas estou tão infeliz, tão infeliz! Mesmo que tudo isso seja um absurdo, isso me surpreendeu. Agora sou como Famusov na última cena, você é Chatsky, ela é Sophia, e imagine que corri deliberadamente aqui até a escada para encontrá-lo, e ainda assim tudo fatal aconteceu nas escadas. Ouvi tudo, mal pude resistir. Então esta é a explicação para os horrores de toda esta noite e de toda a histeria recente! Amor pela filha, morte pela mãe. Deite-se no caixão. Agora a segunda e mais importante: que carta é essa que ela escreveu para você, mostre-me agora, agora!

- Não, não. Diga-me como está Katerina Ivanovna. Eu realmente preciso saber.

— Ela continua delirando, não acordou; as tias dela estão aqui e ficam boquiabertas e orgulhosas de mim, e Herzenstube veio e ficou com tanto medo que eu não sabia o que fazer com ele ou como salvá-lo, até quis mandar chamar um médico. Ele foi levado em minha carruagem. E de repente, para completar, de repente você recebe esta carta. É verdade que ainda falta um ano e meio para tudo isso. Em nome de tudo o que é grande e sagrado, em nome do seu ancião moribundo, mostre-me esta carta, Alexei Fedorovich, para mim, mãe! Se quiser, segure-o com os dedos e eu lerei em suas mãos.

- Não, não vou mostrar, Katerina Osipovna, mesmo que ela permita, não vou mostrar. Venho amanhã e, se você quiser, falo com você sobre muitas coisas, e agora - adeus!

E Alyosha saiu correndo da escada para a rua.

II. Smerdyakov com um violão

E ele não teve tempo. Um pensamento passou por sua mente enquanto ele se despedia de Lise. O pensamento é: como posso pegar o irmão de Dmitry, que obviamente está se escondendo dele, da maneira mais astuta? Já não era cedo; era uma hora da tarde. Com todo o seu ser, Alyosha se esforçou para ir ao mosteiro para ver seu “grande” moribundo, mas a necessidade de ver seu irmão Dmitry dominou tudo: na mente de Alyosha a convicção de uma terrível catástrofe iminente, pronta para acontecer, cresceu com a cada hora. Qual foi exatamente a catástrofe e o que ele gostaria de dizer ao irmão naquele momento, talvez ele mesmo não tivesse determinado. “Deixe meu benfeitor morrer sem mim, mas pelo menos não vou me censurar durante toda a minha vida, que talvez eu pudesse ter salvado alguma coisa e não salvei, passei, estava com pressa para chegar em minha casa. Fazendo isso, farei conforme a sua grande palavra”...

Seu plano era capturar o irmão Dmitry por acidente, ou seja: pular aquela cerca como ontem, entrar no jardim e sentar naquele mirante. “Se ele não estiver”, pensou Aliocha, então, sem avisar nem Foma nem as donas de casa, esconda-se e espere no gazebo pelo menos até a noite. Se ele ainda está guardando a paróquia de Grushenka, então é bem possível que ele venha ao mirante...” Alyosha, porém, não falou muito sobre os detalhes do plano, mas decidiu executá-lo, mesmo que ele teve que evitar chegar ao mosteiro hoje...

Tudo aconteceu sem problemas: ele pulou a cerca quase no mesmo lugar de ontem e secretamente entrou no mirante. Ele não queria ser notado: tanto a anfitriã quanto Foma (se ele estivesse aqui) poderiam ficar do lado de seu irmão e obedecer às suas ordens e, portanto, ou não deixar Aliocha entrar no jardim, ou avisar a tempo seu irmão que eles estavam olhando para ele e fazendo perguntas. Não havia ninguém no gazebo. Alyosha sentou-se em seu lugar de ontem e começou a esperar. Ele olhou ao redor do mirante, por algum motivo lhe pareceu muito mais pobre do que ontem, desta vez lhe pareceu uma porcaria. O dia, porém, estava tão claro quanto ontem. Na mesa verde há um círculo impresso no copo de conhaque de ontem que deve ter derramado. Pensamentos vazios e inadequados, como sempre durante uma espera chata, vieram à sua cabeça: por exemplo, por que, tendo entrado aqui, ele se sentou exatamente no mesmo lugar em que se sentou ontem, e por que não outro? Finalmente ele se sentiu muito triste, triste pela incerteza alarmante. Mas ele não estava sentado nem há um quarto de hora quando de repente, bem perto, ouviu um acorde de violão. Alguém estava sentado ou agora sentado a cerca de vinte passos dele, não mais longe, em algum lugar no mato. Aliocha de repente teve um lampejo de lembrança de que, ontem, deixando seu irmão no mirante, ele viu, ou pareceu piscar diante dele, à esquerda, perto da cerca, um velho banco de jardim baixo, verde, entre os arbustos. Foi então que os convidados se sentaram nele. Quem? Uma voz masculina de repente cantou um doce verso de fístula, acompanhando-se ao violão:

Uma força invencível

Estou comprometido com meu amor

Senhor tenha piedade

Ela e eu!

Ela e eu!

Ela e eu!

A voz parou. Tenor lacaio e toque de lacaio na música. Outra voz, agora feminina, falou de repente com carinho e como que tímida, mas com grande afetação.

- Por que você não vem até nós há muito tempo, Pavel Fedorovich, por que todos vocês nos desprezam?

“Nada, senhor”, respondeu uma voz masculina, embora educadamente, mas sobretudo com dignidade persistente e firme. Aparentemente o homem era dominante e a mulher estava flertando. “O homem parece ser Smerdyakov”, pensou Alyosha, “pelo menos na voz, e a senhora, é verdade, a dona da casa local tem uma filha que veio de Moscou, usa um vestido com cauda e vai para Marfa Ignatievna para sopa...”

“Eu amo terrivelmente cada verso”, continuou a voz da mulher. - Por que você não continua? - A voz cantou novamente:

Coroa real

Se ao menos minha querida fosse saudável

Senhor tenha piedade

Ela e eu!

Ela e eu!

Ela e eu!

“Funcionou ainda melhor da última vez”, observou uma voz feminina. — Você cantou sobre a coroa: “Se ao menos minha querida fosse saudável”. Acabou sendo mais gentil, você provavelmente esqueceu hoje.

“Os poemas são absurdos”, retrucou Smerdyakov.

- Ah não, eu realmente amo o poema.

- Isso é apenas um versículo, então é uma bobagem significativa, senhor. Julgue por si mesmo: quem no mundo fala em rima? E se começássemos a falar tudo em rima, mesmo que apenas por ordem dos nossos superiores, quanto castigo teríamos, senhor? Os poemas não são importantes, Marya Kondratyevna.

- Como você é tão inteligente em tudo, como você chegou a estar em tudo? – uma voz cada vez mais feminina acariciou.

“Eu nem conseguiria, senhor, nem saberia disso, senhor, se não fosse a minha sorte desde a infância.” Eu teria matado em um duelo de pistola aquele que me dissesse que eu era um canalha, porque sem pai eu vim do Fedorento, e em Moscou cutucaram meus olhos, daqui, graças a Grigory Vasilyevich, ele rastejou, senhor. Grigory Vasilyevich me censura por me rebelar contra o Natal: “você diz que é falso para ela”. Pode ser falso, mas eu me permitiria ser morto no útero para que isso não viesse ao mundo, senhor. Disseram no mercado, e sua mãe também começou a me contar, por sua grande indelicadeza, que andava com uma esteira na cabeça e tinha apenas dois arshins de altura. Por que com pequeno, quando você pode simplesmente dizer com pequeno, como todas as pessoas pronunciam? Eu queria dizer algo entre lágrimas, mas isto é uma lágrima de camponês, por assim dizer, senhor, os próprios sentimentos de um camponês. Pode um camponês russo ter sentimentos contra uma pessoa educada? Devido à sua falta de educação, ele não pode ter sentimentos. Desde criança, assim que ouvia algo como “com o pequenino”, eu me jogava contra a parede. Odeio toda a Rússia, Marya Kondratyevna.

“Quando você era um cadete militar ou um jovem hussardo, você não falava assim, mas empunhava seu sabre e começava a defender toda a Rússia.”

“Não só não quero ser um hussardo militar, Marya Kondratievna, mas, pelo contrário, quero a destruição de todos os soldados, senhor.”

- E quando o inimigo vier, quem nos defenderá?

- Sim, e não há necessidade nenhuma, senhor. No décimo segundo ano houve uma grande invasão da Rússia pelo Imperador Napoleão da França o primeiro, o pai do atual, e seria bom se esses mesmos franceses nos tivessem conquistado então: Uma nação inteligente teria conquistado uma muito estúpida. e anexou-o a si mesmo. Haveria até ordens completamente diferentes, senhor.

- Como se eles lá fossem muito melhores que os nossos? Eu não trocaria outro dos nossos dândis por três jovens ingleses. - disse Marya Kondratyevna com ternura, provavelmente acompanhando suas palavras naquele momento com seus olhos mais lânguidos.

- É como se alguém adorasse, senhor.

“E você mesmo é definitivamente um estrangeiro, assim como um estrangeiro muito nobre, estou lhe dizendo isso por vergonha.”

“Se você quiser saber, então em termos de depravação, tanto os que estão lá quanto os nossos são todos iguais.” Todos canalhas, senhor, mas com o fato de que o local anda com botas de couro envernizado, e nosso canalha fede na pobreza e não encontra nada de ruim nisso. O povo russo deve ser açoitado, senhor, como disse ontem com razão Fyodor Pavlovich, embora ele seja um louco com todos os seus filhos, senhor.

“Você mesmo disse, você respeita muito Ivan Fedorovich.”

“E eles me trataram como se eu fosse um lacaio fedorento.” Eles acham que posso me rebelar; São eles que estão enganados, senhor. Se eu tivesse essa quantia de dinheiro no bolso, não estaria aqui há muito tempo. Dmitry Fedorovich é pior do que qualquer lacaio em seu comportamento, em sua inteligência e em sua pobreza, senhor, e ele não sabe fazer nada, mas pelo contrário, é respeitado por todos. Digamos que sou apenas um fabricante de caldos, mas se tiver sorte posso abrir um café-restaurante em Moscou, na Petrovka. Porque eu cozinho especialmente, e nenhum deles em Moscou, exceto os estrangeiros, pode servir especialmente. Dmitry Fedorovich é um tolo, senhor, mas se ele desafiasse o primeiro filho do conde para um duelo, ele iria com ele, senhor, e por que ele é melhor do que eu, senhor? Porque ele é muito mais estúpido do que eu. Quanto dinheiro desperdiçado sem qualquer utilidade, senhor.

“Acho que é muito bom para um duelo”, comentou Marya Kondratyevna de repente.

- O que é isso, senhor?

“É assustador e corajoso, especialmente quando jovens oficiais com pistolas nas mãos disparam uns contra os outros por alguma coisa.” Apenas uma foto. Ah, se ao menos as meninas pudessem assistir, eu realmente gostaria de assistir.

“É bom se ele mesmo apontar isso, mas se eles apontarem bem na cara, então esse é o sentimento mais estúpido, senhor.” Fuja deste lugar, Marya Kondratyevna.

- Você realmente correria?

Mas Smerdyakov não se dignou a responder. Após um minuto de silêncio, o acorde foi ouvido novamente e a fístula começou a cantar a última estrofe:

"Não importa o quanto você tente

vou começar a me afastar

Aproveite a vida

E more na capital!

Eu não vou demorar.

Eu não vou incomodar você de jeito nenhum,

Eu nem pretendo empurrar!”

Então aconteceu uma surpresa: Alyosha espirrou de repente; as pessoas no banco ficaram instantaneamente em silêncio. Alyosha levantou-se e caminhou em direção a eles. Era realmente Smerdyakov, bem vestido, untado e quase enrolado, usando botas de couro envernizado. O violão estava no banco. A senhora era Marya Kondratyevna, filha da senhoria; Ela estava usando um vestido azul claro, com uma cauda de dois metros de comprimento; a menina ainda era jovem e não era feia, mas tinha um rosto muito redondo e sardas terríveis.

— O irmão Dmitry retornará em breve? - disse Alyosha o mais calmamente possível.

Smerdyakov levantou-se lentamente do banco; Marya Kondratyevna também se levantou.

- Por que eu poderia saber sobre Dmitry Fedorovich? seria outra questão se eu fosse o vigia deles? - Smerdyakov respondeu calmamente, separadamente e com desdém.

- Sim, acabei de perguntar, você não sabe? - explicou Aliócha.

“Não sei nada sobre a estadia deles e não quero saber, senhor.”

“E meu irmão me disse que você o contou tudo o que está acontecendo na casa e prometeu avisá-lo quando Agrafena Alexandrovna chegar.”

Smerdyakov ergueu lenta e calmamente os olhos para ele.

“E como você se dignou a passar por esse tempo, já que os portões aqui estão trancados há uma hora?” - perguntou ele, olhando atentamente para Alyosha.

“E eu saí do beco e atravessei a cerca direto para o gazebo.” “Espero que você me perdoe por isso”, ele se virou para Marya Kondratyevna, “eu deveria ter capturado meu irmão antes”.

“Oh, podemos ficar ofendidos por você”, disse Marya Kondratyevna, lisonjeada com o pedido de desculpas de Alyosha, “já que Dmitry Fedorovich costuma ir ao gazebo dessa maneira, nem sabemos, mas ele já está sentado no gazebo”.

“Estou realmente procurando por ele agora, gostaria muito de vê-lo ou saber de você onde ele está agora.” Acredite, é um assunto muito importante para ele.

“Eles não nos afetam”, gaguejou Marya Kondratyevna.

“Mesmo que eu tenha vindo aqui através de um conhecido”, Smerdyakov começou novamente, “mas aqui eles me envergonharam desumanamente com exigências incessantes sobre o mestre: o que eles dizem, como estão eles, quem vem e quem vai, e se eu posso fazer mais alguma coisa.” Eles até me ameaçaram de morte duas vezes.

- Como é essa morte? - Aliocha ficou surpreso.

- Mas para eles é isso mesmo, senhor, segundo o seu caráter, que eles mesmos se dignaram observar ontem, senhor. Se, dizem, eu deixar passar Agrafena Alexandrovna e ela passar a noite aqui, você não será o primeiro a viver. Tenho muito medo deles, senhor, e se não tivesse mais medo ainda, deveria denunciá-los às autoridades municipais. Até Deus sabe o que eles podem produzir, senhor.

“Outro dia eles lhes disseram: “Vou bater em vocês com um pilão”, acrescentou Marya Kondratyevna.

“Bem, se estiver em um pilão, então isso só pode ser uma conversa...” observou Alyosha. - Se eu pudesse conhecê-lo agora, poderia lhe contar algo sobre isso...

“Esta é a única coisa que posso lhe dizer”, pensou Smerdyakov de repente, como se tivesse pensado nisso. - Sempre venho aqui como um vizinho conhecido, e como poderia não ir, senhor? Por outro lado, Ivan Fedorovich, que o mundo hoje, me mandou para seu apartamento na rua Ozernaya, sem carta, para que Dmitry Fedorovich em palavras certamente viesse à taberna local na praça para jantarem juntos. Eu fui, senhor, mas não encontrei Dmitry Fedorovich no apartamento deles, senhor, e já eram oito horas: “ele estava lá, dizem, mas estava fora”, disseram seus donos com estas mesmas palavras . Aqui eles definitivamente têm algum tipo de conspiração, senhor, mutuamente. Agora, talvez neste exato momento eles estejam sentados nesta taverna com o irmão Ivan Fyodorovich, já que Ivan Fyodorovich não voltou para casa para jantar, e Fyodor Pavlovich jantou sozinho há uma hora e agora foi descansar. No entanto, peço-lhe sinceramente que não lhes diga nada sobre mim ou sobre o que eu lhe contei, porque eles nunca o matarão, senhor.

— O irmão Ivan chamou Dmitry para a taverna hoje? - Alyosha perguntou rapidamente.

- Isso é exatamente verdade, senhor.

— Para a taverna da Capital City, na praça?

- Neste exato momento, senhor.

- É muito possível! - Alyosha exclamou com grande entusiasmo. “Obrigado, Smerdyakov, esta é uma notícia importante, irei para lá agora.”

“Não o entregue”, disse Smerdyakov depois dele.

- Ah não, vou aparecer na taverna como que por acidente, fique tranquilo.

“Aonde você está indo, vou abrir o portão para você”, gritou Marya Kondratyevna.

- Não, aqui é mais perto, passei pela cerca de novo.

A notícia chocou terrivelmente Alyosha. Ele partiu em direção à pousada. Era indecente para ele entrar na taberna vestido, mas era possível perguntar na escada e ligar para eles. Mas ele tinha acabado de se aproximar da taverna quando de repente uma janela se abriu e o próprio irmão Ivan gritou para ele da janela.

- Alyosha, você pode vir aqui agora ou não? Você emprestará terrivelmente.

“Eu realmente posso, mas não sei como me sinto com meu vestido.”

- E eu só estou em uma sala separada, vá até a varanda, vou correr em sua direção...

Um minuto depois, Aliócha estava sentado ao lado do irmão. Ivan estava sozinho almoçando.

III. Irmãos se encontram

Ivan, porém, não estava em uma sala separada. Era apenas um lugar perto da janela, cercado por telas, mas quem estava de fora não conseguia ver quem estava sentado atrás das telas. Esta era a sala de entrada, a primeira, com buffet encostado na parede lateral. Os sexos corriam constantemente por ela. Entre os visitantes havia apenas um velho militar aposentado, tomando chá num canto. Mas nas outras salas da taverna acontecia toda a agitação habitual da taverna, ouviam-se gritos de convite, garrafas de cerveja eram abertas, bolas de bilhar batiam e o órgão zumbia. Alyosha sabia que Ivan quase nunca ia a esta taberna e não era fã de tabernas; Portanto, foi exatamente por isso que ele se encontrou aqui, pensou ele, - para chegar a um acordo com seu irmão Dmitry. Mesmo assim, o irmão Dmitry não estava lá.

“Vou pedir sopa de peixe ou algo assim, você não vive só de chá”, gritou Ivan, aparentemente muito satisfeito por ter conquistado Aliocha. Ele próprio havia terminado o jantar e estava tomando chá.

“Vamos, vamos tomar um chá mais tarde, estou com fome”, disse Alyosha alegremente.

- E a geléia de cereja? Está aqui. Você se lembra de como você adorava geléia de cereja no Polenov's?

- Você se lembra disso? Venha e jam, eu ainda adoro isso.

Ivan chamou o policial e pediu sopa de peixe, chá e geléia.

“Lembro-me de tudo, Alyosha, lembro-me de você até os onze anos, eu tinha quinze anos então.” Quinze e onze anos, é uma diferença tão grande que os irmãos destes anos nunca são camaradas. Não sei se eu te amei. Quando fui para Moscou, nos primeiros anos nem pensei em você. Então, quando você chegou a Moscou, parece que só nos encontramos uma vez em algum lugar. Mas estou morando aqui há quatro meses e ainda não trocamos uma palavra. Amanhã estou indo embora e fiquei pensando agora, sentado aqui: como posso ver ele, me despedir e você passar.

“Você realmente queria me ver?”

“Eu realmente quero conhecer você de uma vez por todas e apresentá-lo a mim mesmo.” Sim, e diga adeus a isso. Na minha opinião, é melhor nos conhecermos antes da separação. Eu vi como você olhou para mim todos esses três meses, havia uma espécie de expectativa contínua em seus olhos, mas não aguento isso, por isso não me aproximei de você. Mas no final aprendi a respeitar você: o homenzinho permanece firme. Observe que embora eu esteja rindo agora, estou falando sério. Você está firme, não está? Eu amo esses fortes, não importa onde estejam, e mesmo que sejam meninos como você. No final, seu olhar expectante não me enojou em nada; pelo contrário, finalmente me apaixonei pelo seu olhar expectante... Você parece me amar por algum motivo, Alyosha?

- Eu te amo, Ivan. O irmão Dmitry diz sobre você: Ivan é um túmulo. Estou falando de você: Ivan é um mistério. Você ainda é um mistério para mim, mas já entendi algo sobre você, e ainda esta manhã!

- O que é isso? - Ivan riu.

- Você não vai ficar com raiva? - Alyosha também riu.

- Bem?

- E o fato de você ser exatamente o mesmo jovem que todos os outros jovens de vinte e três anos, o mesmo menino jovem, jovial, fresco e simpático, enfim, um menino de cabelos amarelos! O quê, eu realmente não te ofendi?

- Pelo contrário, me pareceu uma coincidência! - Ivan chorou alegre e apaixonadamente. “Você acredita que, depois do nosso encontro com ela recentemente, eu só estava pensando nisso comigo mesmo, sobre esse meu amarelo de vinte e três anos, e agora de repente você adivinhou exatamente e está começando exatamente com isso.” Eu estava sentado aqui agora e, você sabe, disse para mim mesmo: não acredito na vida, não acredito em uma mulher querida, não acredito na ordem das coisas, até me convenci de que tudo pelo contrário, é um caos caótico, maldito e talvez demoníaco, atinge-me com todos os horrores da decepção da humanidade - mas ainda quero viver, e assim que me apaixonar por esta taça, não vou me afastar dela até que eu dominei tudo! Porém, quando eu tiver trinta anos, provavelmente vou jogar o copo fora, mesmo que não termine tudo e vá embora... não sei para onde. Mas até os trinta anos, disso tenho certeza, minha juventude vencerá tudo, cada decepção, cada desgosto pela vida. Muitas vezes me perguntei: existe tanto desespero no mundo que essa sede frenética e talvez indecente de vida superaria em mim, e decidi que, ao que parece, não existe tal coisa, isto é, de novo, até esses trinta anos de idade, e então eu não quero, me parece. Essa sede de vida é muitas vezes chamada de vil por outros pirralhos e moralistas tuberculosos, especialmente poetas. É em parte uma característica de Karamazov, é verdade, esta sede de vida, não importa o que aconteça, certamente está em você também, mas por que é cruel? Ainda existe muita força centrípeta em nosso planeta, Alyoshka. Quero viver, e vivo, mesmo que contra a lógica. Mesmo que eu não acredite na ordem das coisas, mas as folhas pegajosas que florescem na primavera são queridas para mim, o céu azul é querido, outra pessoa é querida, que às vezes, acredite ou não, você não conhece por que e você o ama, outro feito humano amadureceu, que pode ter sido alcançado há muito tempo, parei de acreditar, mas ainda assim, pela memória antiga, você o honra com o coração. Aqui trouxeram sopa de peixe para você, coma para a saúde. A sopa de peixe é boa, bem preparada. Quero ir para a Europa, Aliocha, e partirei daqui; e eu sei que só irei ao cemitério, mas ao cemitério mais caro, é isso! Queridos mortos jazem ali, cada pedra acima deles fala de uma vida passada tão apaixonada, de uma fé tão apaixonada na minha façanha, na minha verdade, na minha luta e na minha ciência, que sei de antemão que cairei no chão e beijar essas pedras e chorar por elas, - ao mesmo tempo, convencido de todo o coração de que tudo isso há muito é um cemitério e nada mais. E não chorarei por desespero, mas simplesmente porque ficarei feliz com as lágrimas derramadas. Ficarei bêbado com minha própria ternura. Folhas pegajosas de primavera, adoro o céu azul, é isso! Não é inteligência, não é lógica, é com o seu instinto, é com o seu ventre, você ama a sua primeira força juvenil... Você entende alguma coisa nas minhas bobagens, Alyoshka, ou não? - Ivan riu de repente.

“Eu entendo demais, Ivan: com a barriga e a barriga você quer amar”, você disse isso perfeitamente, e estou muito feliz que você queira viver assim”, exclamou Alyosha. “Acho que todos deveriam, antes de tudo, amar a vida no mundo.”

- Amar a vida mais do que o seu sentido?

“Claro, ame primeiro a lógica, como você diz.” É imperativo que a lógica venha primeiro, e só então entenderei o significado. Isso é o que venho imaginando há muito tempo. Metade do seu trabalho está feito, Ivan, e adquirido: você adora viver. Agora você precisa tentar a sua outra metade e estará salvo.

“É você quem salva, e talvez eu não tenha morrido!” Qual é a sua outra metade?

- O fato é que você precisa ressuscitar seus mortos, que talvez nunca tenham morrido. Bem, vamos tomar um chá. Que bom que estamos conversando, Ivan.

- Você, pelo que vejo, está com algum tipo de inspiração. Eu realmente amo essas profissões de tais... novatos. Você é uma pessoa forte, Alexey. É verdade que você quer sair do mosteiro?

- É verdade. Meu mais velho me manda para o mundo.

“Então nos veremos de novo no mundo, nos veremos até os trinta anos, quando começar a me afastar da xícara.” Meu pai não quer se desvencilhar da xícara até os setenta anos, até sonha em ter oitenta, ele mesmo disse isso, é sério demais para ele, embora seja um bufão. Ele se sustentava em sua volúpia e também parecia estar sobre uma pedra... embora depois de trinta anos, é verdade, provavelmente não haja nada em que se apoiar, exceto isso... Mas até setenta é mesquinho, melhor até trinta: você pode manter uma “sombra de nobreza” inflando-se. Você viu Dmitry hoje?

- Não, não vi, mas vi Smerdyakov. “E Alyosha contou a seu irmão rápida e detalhadamente sobre seu encontro com Smerdyakov. De repente, Ivan começou a ouvir com muita ansiedade e até fez algumas perguntas.

“Só ele me pediu para não contar ao meu irmão Dmitry o que ele disse sobre ele”, acrescentou Alyosha. Ivan franziu a testa e pensou.

"Você está carrancudo por causa de Smerdyakov?" - perguntou Aliócha.

- Sim, por causa dele. Para o inferno com ele, eu realmente queria ver Dmitry, mas agora não preciso...” Ivan disse relutantemente.

“Você realmente vai embora tão cedo, irmão?”

- Sim.

- E quanto a Dmitry e pai? Como isso terminará para eles? - disse Alyosha ansiosamente.

- E você ainda é um truque! Por que estou aqui? Sou o vigia do meu irmão Dmitry? - Ivan estava prestes a gritar irritado, mas de repente sorriu amargamente - a resposta de Caim a Deus sobre seu irmão assassinado, hein? Talvez seja isso que você esteja pensando neste momento? Mas, caramba, eu realmente não posso ficar aqui como vigia, posso? Terminei meu trabalho e estou a caminho. Você não acha que estou com ciúmes de Dmitry, que tirei dele sua linda Katerina Ivanovna todos esses três meses? Eh, droga, eu tinha minhas próprias coisas para fazer. Terminei meu trabalho e fui embora. Terminei o negócio agora há pouco, você foi uma testemunha.

“Isso foi agora na casa de Katerina Ivanovna?”

- Sim, ela fez isso, e ele se desamarrou imediatamente. Então o que é isso? O que me importa com Dmitry? Dmitry não tem nada a ver com isso. Eu só tive meus próprios casos com Katerina Ivanovna. Você mesmo sabe, pelo contrário, que Dmitry se comportou como se estivesse conspirando comigo. Eu não perguntei nada a ele, mas ele mesmo me entregou solenemente e abençoou. Tudo isso é como uma risada. Não, Alyosha, não, se você soubesse como me sinto bem agora! Eu estava sentado aqui almoçando e, acredite, queria pedir champanhe para comemorar minha primeira hora de liberdade. Ugh, quase seis meses, e de repente, de uma vez, ele tirou tudo. Bom, eu desconfiei ainda ontem que se você quiser não custa nada terminar!

- Você está falando do seu amor, Ivan?

- Amor, se quiser, sim, me apaixonei por uma jovem, uma estudante universitária. Sofri com ela e ela me torturou. Eu estava sentado em cima dela... e de repente tudo voou. Agora há pouco falei com inspiração, mas saí e comecei a rir - você acredita. Não, estou literalmente dizendo isso.

“Você ainda diz isso com tanta alegria”, comentou Alyosha, olhando para seu rosto repentinamente alegre.

- Como eu sabia que não a amava de jeito nenhum! Xe-xe! Então descobriu-se que não. Mas como eu gostei dela! Como gostei dela agora mesmo, quando li o discurso. E você sabe, mesmo agora eu gosto muito dela, e ainda assim como é fácil deixá-la. Você acha que estou me exibindo?

- Não. Só que pode não ter sido amor.

“Alyoshka”, Ivan riu, “não comece a falar sobre amor!” É indecente para você. Agora mesmo, agora mesmo você pulou, oh! Também esqueci de te beijar por isso... E como ela me atormentou! Na verdade, eu estava no limite. Ah, ela sabia que eu a amava! Ela me amava, não Dmitry”, Ivan insistiu alegremente. - Dmitry está apenas irritado. Tudo o que eu disse a ela agora é a verdade absoluta. Mas a questão é que o mais importante é que ela precisa talvez de quinze ou vinte anos para perceber que não ama Dmitry, mas apenas ama a mim, a quem ela atormenta. Sim, ela provavelmente nunca adivinhará, mesmo apesar da lição de hoje. Bem, melhor: ele se levantou e foi embora para sempre. A propósito, o que ela é agora? O que havia quando eu saí?

Aliócha contou-lhe sobre a histeria e que agora ela parecia inconsciente e delirante.

— Khokhlakova não está mentindo?

- Parece que não.

- Temos que lidar. No entanto, ninguém jamais morreu de histeria. E mesmo que seja histérico, Deus enviou a mulher histérica de amor. Eu não irei lá de jeito nenhum. Por que se preocupar de novo?

"No entanto, você acabou de dizer a ela que ela nunca amou você."

- Eu fiz isso de propósito. Alyoshka, vou pedir champanhe, vamos brindar à minha liberdade. Não, se você soubesse como estou feliz!

“Não, irmão, é melhor não bebermos”, disse Alyosha de repente, “além disso, estou um pouco triste”.

- Sim, você está triste há muito tempo, eu já vejo isso há muito tempo.

- Então você definitivamente irá amanhã de manhã?

- Pela manhã? Eu não disse isso de manhã... Mas talvez de manhã. Você acredita, jantei aqui hoje só para não jantar com o velho, ele ficou tão nojento para mim. Eu o teria deixado sozinho há muito tempo. Por que você está tão preocupado que eu vá embora? Você e eu ainda temos Deus sabe quanto tempo antes de partirmos. Uma eternidade de tempo, imortalidade!

- Se você vai embora amanhã, o que é a eternidade?

- O que isso tem a ver com você e eu? - Ivan riu, - afinal teremos tempo para conversar sobre nossos assuntos, por que viemos aqui? Por que você está olhando surpreso? Resposta: por que viemos aqui? Falar sobre o amor por Katerina Ivanovna, sobre o velho e Dmitry? Sobre o exterior? Sobre a situação fatal da Rússia? Sobre o imperador Napoleão? É para isso que serve?

- Não, não por isso.

- Você entende o porquê. Para outros é uma coisa, mas para nós, os de coração amarelo, é outra coisa, antes de mais nada, precisamos resolver as questões eternas, essa é a nossa preocupação; Toda a jovem Rússia fala agora apenas sobre questões eternas. Foi agora que todos os idosos começaram subitamente a lidar com questões práticas. Por que você está olhando para mim com expectativa há três meses? Para me interrogar: “se você acredita ou não”, foi a isso que se resumiram suas opiniões durante três meses, Alexey Fedorovich, certo?

“Talvez sim”, Alyosha sorriu. "Você não está rindo de mim agora, irmão?"

- Estou rindo? Não quero incomodar meu irmão mais novo, que há três meses me olha com tanta expectativa. Alyosha, olhe direito: eu sou exatamente o mesmo menino que você, exceto que não sou um novato. Afinal, como os meninos russos ainda operam? Outros, é isso? Por exemplo, há uma taberna fedorenta aqui, então eles se reúnem e sentam no canto. Durante toda a vida eles não se conheceram antes, mas quando saírem da taverna, não se conhecerão novamente por quarenta anos, então sobre o que vão conversar enquanto passam um momento na taverna? Nada menos que as questões mundiais: existe Deus, existe imortalidade? E aqueles que não acreditam em Deus, bem, falarão sobre socialismo e anarquismo, sobre refazer toda a humanidade de acordo com um novo estado, mas é a mesma coisa, todas as mesmas questões, só que do outro lado. E muitos, muitos dos meninos russos mais originais não fazem nada além de falar sobre questões eternas do nosso tempo. Não é verdade?

“Sim, estas são perguntas russas sobre: ​​existe Deus e existe imortalidade, ou, como você diz, perguntas do outro lado, é claro, as primeiras perguntas e antes de tudo, e é assim que deveria ser”, disse Alyosha , ainda com o mesmo silêncio e olhando para o irmão com um sorriso penetrante.

“O problema é o seguinte, Alyosha: às vezes, ser russo não é nada inteligente, mas ainda assim é mais estúpido do que o que os meninos russos estão fazendo agora, e é impossível imaginar.” Mas eu amo terrivelmente um garoto russo, Alyosha.

“Como você resumiu bem”, Alyosha riu de repente.

- Bem, diga-me por onde começar, dê você mesmo a ordem - de Deus? Deus existe ou o quê?

- Comece com o que quiser, mesmo do “outro lado”. Afinal, ontem você proclamou ao seu pai que Deus não existe”, Alyosha olhou curiosamente para o irmão.

“Ontem, no jantar com o velho, provoquei você deliberadamente com isso e vi como seus olhos brilharam.” Mas agora não me importo nem um pouco de falar com você e digo isso muito a sério. Eu quero me dar bem com você. Alyosha, porque não tenho amigos, quero tentar. Bem, imagine só, talvez eu também aceite Deus”, Ivan riu, “isso é inesperado para você, hein?”

- Sim, claro, se não estiver brincando agora.

- Você está brincando. Ontem o mais velho disse que eu estava brincando. Veja, minha querida, havia um velho pecador no século XVIII que disse que se Deus não existisse, então seria necessário inventá-lo, s'il n'existait pas Dieu il faudrait l'inventer. E de fato o homem inventou Deus. E é estranho ou maravilhoso que Deus realmente exista, mas é maravilhoso que tal pensamento – o pensamento da necessidade de Deus – possa entrar na cabeça de um animal tão selvagem e mau como o homem, tão santo é, tão ela é comovente, tão sábio e tão honrado para uma pessoa. Quanto a mim, há muito decidi não pensar se o homem criou Deus ou se Deus criou o homem. É claro que também não abordarei todos os axiomas modernos dos meninos russos a esse respeito, todos inteiramente derivados de hipóteses europeias; porque seja qual for a hipótese, o rapaz russo tem imediatamente um axioma, e não só entre os rapazes, mas talvez também entre os seus professores, porque os professores russos são agora muitas vezes os mesmos rapazes russos. E, portanto, ignoro todas as hipóteses. Afinal, qual é a sua tarefa agora? A tarefa é que eu possa explicar minha essência para você o mais rápido possível. ou seja, que tipo de pessoa eu sou, em que acredito e o que espero, certo? E por isso declaro que aceito Deus direta e simplesmente. Mas aqui está o que precisa ser observado: se Deus existe e se ele realmente criou a Terra, então, como sabemos perfeitamente, ele a criou de acordo com a geometria euclidiana, e a mente humana tem apenas o conceito de três dimensões de espaço. Entretanto, existiram e ainda hoje existem geómetras e filósofos, e mesmo alguns dos mais notáveis, que duvidam que todo o universo, ou ainda mais extensivamente, toda a existência, tenha sido criada apenas de acordo com a geometria euclidiana que até se atrevem a sonhar; aquelas duas linhas paralelas, que de acordo com Não há como Euclides se encontrar na terra, talvez elas se encontrassem em algum lugar no infinito; Meu caro amigo, decidi que se não consigo nem entender isso, como posso entender sobre Deus? Admito humildemente que não tenho capacidade para resolver tais questões, tenho uma mente euclidiana, terrena, e portanto onde podemos decidir sobre o que não é deste mundo. Sim, e aconselho-te a nunca pensar nisso, amigo Aliocha, e sobretudo em Deus: ele existe ou não? Todas essas questões são completamente incomuns para uma mente criada com o conceito de apenas três dimensões. Então, aceito Deus e não só de boa vontade, mas, além disso, aceito tanto a sua sabedoria como o seu propósito, que nos são completamente desconhecidos, acredito na ordem, no sentido da vida, acredito na harmonia eterna, na qual nós todos parecem se fundir, acredito na palavra pela qual o universo se esforça e que está “além de Deus” e que é o próprio Deus, e assim por diante, etc. ao infinito. Muitas palavras foram ditas sobre isso. Parece que estou no bom caminho, né? Pois bem, imagine que no resultado final eu não aceito este mundo de Deus, e embora saiba que ele existe, não o permito de forma alguma. Eu não aceito Deus, entenda isso, não aceito o mundo criado por ele, o mundo de Deus, e não posso concordar em aceitá-lo. Farei uma reserva: estou convencido como um bebê de que o sofrimento irá curar e suavizar, que toda a comédia ofensiva das contradições humanas desaparecerá como uma miragem patética, como uma invenção vil dos fracos e pequenos como um átomo do mente euclidiana humana, que finalmente no final do mundo, no momento da harmonia eterna, acontecerá e aparecerá algo tão precioso que será suficiente para todos os corações, para extinguir todas as indignações, para expiar todas as atrocidades das pessoas, para todo o seu sangue derramado, o suficiente para que não só seja possível perdoar, mas também para justificar tudo o que aconteceu com as pessoas - deixe, deixe tudo ser e aparecer, mas eu não aceito e não quero aceitar ! Mesmo que as linhas paralelas convirjam e eu mesmo veja: verei e direi que elas convergiram, mas ainda assim não aceitarei. Esta é a minha essência, Alyosha, esta é a minha tese. Eu te disse isso sério. Eu deliberadamente comecei essa conversa entre você e eu da maneira mais estúpida possível, mas trouxe isso para minha confissão, porque isso é tudo que você precisa. Você não precisava falar sobre Deus, só precisava saber como vive seu amado irmão. Isso é o que eu disse.

Ivan concluiu seu longo discurso subitamente com algum sentimento especial e inesperado.

- Por que você começou assim “você não pode começar de forma mais estúpida”? - perguntou Alyosha, olhando para ele pensativo.

- Sim, em primeiro lugar, pelo menos para o russo: as conversas russas sobre estes temas são todas conduzidas da maneira mais estúpida possível. E em segundo lugar, novamente, quanto mais estúpido, mais próximo do ponto. Quanto mais estúpido for, mais claro será. A estupidez é curta e não astuta, mas a mente se mexe e se esconde. A inteligência é canalha, mas a estupidez é direta e honesta. Levei o assunto ao meu desespero e, quanto mais estúpido eu o tornava, mais lucrativo era para mim.

- Você pode me explicar por que “não aceita a paz”? - disse Aliócha.

“Claro que vou explicar, não é segredo, era para isso que eu estava levando.” Meu irmão, não é você que eu quero corromper e sair da sua fundação, talvez eu gostaria de me curar com você”, Ivan sorriu de repente, como um garotinho manso. Alyosha nunca tinha visto um sorriso assim em seu rosto.

4. Rebelião

“Tenho que fazer uma confissão a você”, começou Ivan: “Nunca consegui entender como você pode amar o próximo”. Na minha opinião, é impossível amar o próximo, mas talvez apenas aqueles que estão distantes. Li uma vez e em algum lugar sobre “João Misericordioso” (um santo), que quando um transeunte faminto e congelado veio até ele e pediu para aquecê-lo, ele deitou-se na cama com ele, abraçou-o e começou a respirar em ele estava com a boca inflamada e fedendo por causa de alguma doença terrível. Estou convencido de que o fez com angústia, com angústia de mentira, por causa do amor ordenado pelo dever, por causa da penitência que lhe foi imposta. Para amar uma pessoa é preciso que ela se esconda, e assim que ela mostra o rosto, o amor desaparece.

“O Élder Zosima falou sobre isso mais de uma vez”, observou Alyosha, “ele também disse que o rosto de uma pessoa muitas vezes impede que muitas pessoas que ainda são inexperientes no amor amem”. Mas também há muito amor na humanidade, e um amor quase cristão, eu mesmo sei disso, Ivan...

“Bem, ainda não sei disso e não consigo entender, nem inúmeras pessoas comigo.” A questão é se isso vem das más qualidades das pessoas ou do fato de que essa é a sua natureza. Na minha opinião, o amor de Cristo pelas pessoas é, à sua maneira, um milagre impossível na terra. É verdade que ele era um deus. Mas não somos deuses. Suponhamos que eu, por exemplo, possa sofrer profundamente, mas outra pessoa nunca poderá saber até que ponto eu sofro, porque ela é outra, não eu, e além disso, raramente uma pessoa concorda em reconhecer outra como sofredora (como se isso fosse uma classificação). ). Por que ele não concorda, você acha? Porque, por exemplo, eu cheiro mal, porque tenho cara de idiota, porque uma vez esmaguei a perna dele. Além disso, sofrimento e sofrimento: sofrimento humilhante que me humilha, fome, por exemplo, meu benfeitor ainda vai permitir em mim, mas sofrimento um pouco maior, por uma ideia, por exemplo, não, ele vai permitir isso em casos raros, porque ele , por exemplo, vai olhar para mim e de repente ver que não tenho a cara que, na sua fantasia, uma pessoa que sofre por tal ou tal ideia, por exemplo, deveria ter. Então ele me priva de seus benefícios imediatamente, e nem mesmo por causa de um coração maligno. Os mendigos, especialmente os mendigos nobres, nunca devem aparecer do lado de fora, mas mendigar através dos jornais. Você ainda pode amar o próximo de forma abstrata, e às vezes até à distância, mas quase nunca de perto. Se tudo fosse como no palco, num balé, onde os mendigos, quando aparecem, vêm em trapos de seda e rendas rasgadas e pedem esmola, dançando graciosamente, então ainda dá para admirá-los. Admirar, mas ainda não amar. Mas chega disso. Eu só tive que colocar você no meu ponto. Queria falar sobre o sofrimento da humanidade em geral, mas seria melhor concentrar-me apenas no sofrimento das crianças. Isso reduzirá o tamanho do meu argumento em dez vezes, mas é melhor falar apenas sobre crianças. Não menos lucrativo para mim, é claro. Mas, em primeiro lugar, é possível amar as crianças até de perto, mesmo as sujas, até as com cara feia (parece-me, porém, que as crianças nunca têm a cara feia). Em segundo lugar, não vou falar ainda dos grandes porque, além de serem nojentos e não merecerem amor, também têm retribuição: comeram uma maçã e conheceram o bem e o mal e tornaram-se “como deuses”. Eles continuam a comê-lo agora. Mas as crianças não comeram nada e ainda são inocentes de tudo. Você ama crianças, Alyosha? Eu sei que você ama, e você vai entender porque quero falar sobre eles sozinho agora. Se eles também sofrem terrivelmente na terra, então é claro que serão punidos por seus pais, por seus pais que comeram a maçã - mas este é um raciocínio de outro mundo, incompreensível para o coração humano aqui na terra. Uma pessoa inocente não pode sofrer por outra, especialmente por uma pessoa tão inocente! Maravilhe-se comigo, Alyosha, eu também adoro crianças. E observe para si mesmo, pessoas cruéis, apaixonadas, carnívoras, Karamazovitas, às vezes amam muito as crianças. As crianças, enquanto as crianças, até aos sete anos, por exemplo, estão terrivelmente distantes das pessoas, como se fossem uma criatura diferente e com uma natureza diferente. Conheci um ladrão na prisão: durante sua carreira, ele espancou famílias inteiras em casas onde subia à noite para roubar e, ao mesmo tempo, matou várias crianças. Mas, enquanto estava na prisão, ele os amava de maneira estranha. Da janela da prisão, tudo o que fez foi olhar as crianças brincando no pátio da prisão. Ele ensinou um garotinho a ir até sua janela e ficou muito amigo dele... Você não sabe por que estou dizendo tudo isso, Alyosha? Estou meio que com dor de cabeça e estou triste.

“Você fala com um olhar estranho”, observou Alyosha com preocupação, “como se estivesse enlouquecido”.

“A propósito, um búlgaro em Moscou me contou recentemente”, continuou Ivan Fedorovich, como se não ouvisse seu irmão, “como os turcos e circassianos lá, na Bulgária, estão cometendo crimes em todos os lugares, temendo uma revolta geral dos eslavos - isto é, eles queimam, massacram, estupram mulheres e crianças, pregam as orelhas dos prisioneiros na cerca e os deixam lá até de manhã, e pela manhã os enforcam - e assim por diante, tudo é impossível de imaginar. Na verdade, às vezes as pessoas falam sobre a crueldade “brutal” do homem, mas isso é terrivelmente injusto e ofensivo para os animais: um animal nunca pode ser tão cruel quanto uma pessoa, tão artisticamente, tão artisticamente cruel. O tigre simplesmente rói e rasga, e isso é tudo que ele pode fazer. Nunca teria passado pela sua cabeça pregar atrás das orelhas das pessoas à noite, mesmo que pudesse fazê-lo. A propósito, esses turcos também torturavam crianças com voluptuosidade, desde arrancá-las do ventre da mãe com uma adaga, até jogar bebês no ar e pegá-los com uma baioneta na frente de suas mães. Diante dos olhos das mães estava a principal doçura. Mas aqui está uma foto que realmente me interessou. Imagine: um bebê nos braços de uma mãe trêmula, rodeado de turcos. Começaram uma coisinha engraçada: acariciam o bebê, riem para fazê-lo rir, conseguem, o bebê ri. Naquele momento, o turco aponta uma pistola para ele, a dez centímetros de seu rosto. O menino ri alegremente, estende as mãozinhas para pegar a arma, e de repente o artista puxa o gatilho bem na cara dele e esmaga sua cabeça... Artístico, não é? A propósito, dizem que os turcos adoram doces.

- Irmão, para que é tudo isso? - perguntou Aliócha.

“Acho que se o diabo não existe e, portanto, o homem o criou, então ele o criou à sua imagem e semelhança.”

- Nesse caso, assim como Deus.

“E é incrível como você pode mudar as palavras, como diz Polônio em Hamlet”, Ivan riu. "Você acreditou na minha palavra, que assim seja, estou feliz." Seu deus é bom, pois o homem o criou à sua imagem e semelhança. Você perguntou agora por que estou fazendo tudo isso: eu, veja bem, sou um amante e colecionador de certos fatos e, você acredita, escrevo e coleciono algum tipo de anedota de jornais e histórias de qualquer lugar, e já tenho uma boa coleção. Os turcos, claro, estão incluídos na coleção, mas são todos estrangeiros. Tenho minhas próprias coisas que são ainda melhores que as turcas. Você sabe, temos mais surras, mais varas e chicotes, e isso é nacional: nossas orelhas pregadas nos pregos são impensáveis, ainda somos europeus, mas as varas, mas o chicote, isso é uma coisa que já é nossa e não pode ser tirado de nós. No exterior, agora é como se eles não batessem nas pessoas, talvez a moral tenha se esclarecido, ou as leis tenham se tornado tais que um homem parece não se atrever a açoitar um homem, mas por isso eles se recompensaram com outros e também puramente nacionais, como os nossos, e tão nacionais que nos parece impossível, embora, no entanto, pareça que nos está a ser inculcado, especialmente desde a época do movimento religioso na nossa alta sociedade. Tenho uma brochura encantadora, traduzida do francês, sobre como em Genebra, muito recentemente, há apenas cerca de cinco anos, executaram um vilão e assassino, Richard, um rapaz de 23 anos, ao que parece, que se arrependeu e se tornou à fé cristã pouco antes do cadafalso. Esse Richard era filho ilegítimo de alguém, que, ainda bebê, com cerca de seis anos de idade, foi dado pelos pais a alguns pastores das montanhas suíças, e eles o criaram para colocá-lo para trabalhar. Cresceu com eles como um bichinho selvagem, os pastores não lhe ensinaram nada, pelo contrário, ele já tinha sete anos e mandado pastar o rebanho, no frio e na chuva, quase sem roupa e quase sem comida para ele. E é claro que, ao fazê-lo, nenhum deles pensou ou se arrependeu; pelo contrário, consideraram-se com todo o direito, pois Richard lhes foi dado de presente e nem sequer acharam necessário alimentá-lo. O próprio Ricardo testemunha que naqueles anos ele, como o filho pródigo do Evangelho, queria desesperadamente comer pelo menos o purê que era dado aos porcos engordados para venda, mas nem isso lhe deram e bateram nele quando ele roubou dos porcos, e assim passou toda a sua infância e toda a sua juventude, até que cresceu e, fortalecido em forças, foi roubar a si mesmo. O selvagem começou a ganhar dinheiro com trabalho diário em Genebra, bebia o que conseguia, vivia como um monstro e acabou matando um velho e roubando-o. Ele foi capturado, julgado e condenado à morte. Eles não são sentimentais lá. E na prisão ele é imediatamente cercado por pastores e membros de diversas irmandades cristãs, senhoras de caridade, e assim por diante. Ensinaram-no a ler e escrever na prisão, começaram a interpretar-lhe o Evangelho, admoestaram, convenceram, pressionaram, serraram, pressionaram, e agora ele próprio confessa solenemente o seu crime. Ele se virou, ele mesmo escreveu ao tribunal que era um monstro e que finalmente era digno do fato de que o Senhor o iluminou e lhe enviou graça. Tudo estava animado em Genebra, toda Genebra caridosa e piedosa. Tudo o que era superior e bem-educado correu para sua prisão; Richard é beijado e abraçado: “Você é nosso irmão, a graça desceu sobre você!” E o próprio Richard apenas chora de emoção: “Sim, a graça veio até mim! Antes, durante toda a minha infância e juventude, eu gostava de alimentar os porcos, mas agora a graça veio sobre mim, estou morrendo no Senhor!” - “Sim, sim, Richard, morra no Senhor, você derramou sangue e deve morrer no Senhor. Mesmo que vocês sejam inocentes, que não soubessem, senhores, quando tiveram ciúmes da comida dos porcos e quando foram espancados por roubarem a comida deles (o que vocês fizeram muito mal, pois roubar não é permitido), mas você derramou sangue e deve morrer. E agora chega o último dia. O relaxado Richard chora e não faz nada além de repetir a cada minuto: “Este é o melhor dos meus dias, estou indo para o Senhor!” - “Sim”, gritam pastores, juízes e senhoras de caridade, “este é o seu dia mais feliz, porque você está indo para o Senhor!” Tudo isso se move em direção ao cadafalso seguindo a vergonhosa carruagem em que Richard está sendo carregado, em carruagens, a pé. Eles chegaram ao cadafalso: “Morra, nosso irmão”, gritam para Ricardo, “morra no Senhor, pois a graça desceu sobre você também!” E assim, coberto pelos beijos de seus irmãos, o irmão Richard foi arrastado para o cadafalso, colocado na guilhotina e sua cabeça foi decepada de maneira fraternal porque a graça havia descido sobre ele também. Não, isso é típico. Esta brochura foi traduzida para o russo por alguns benfeitores luteranos russos da alta sociedade e enviada gratuitamente para a educação do povo russo em jornais e outras publicações. O bom de Richard é que é nacional. Para nós é um absurdo cortar a cabeça de um irmão só porque ele se tornou nosso irmão e essa graça desceu sobre ele, mas, repito, temos a nossa, quase não pior. Temos um prazer histórico, imediato e imediato na tortura do espancamento. Nekrasov tem poemas sobre como um homem chicoteia um cavalo nos olhos, “nos olhos gentis”. Quem ainda não viu isso é o russo. Ele descreve como um cavalo fraco, sobre o qual foi colocada muita pressão, ficou preso na carroça e não conseguiu retirá-la. O homem bate nela, bate nela com frenesi, finalmente bate nela sem entender o que está fazendo, na embriaguez da surra, ele a chicoteia dolorosamente, inúmeras vezes: “Mesmo que você não seja forte o suficiente, é só pegar ela, morrer, e leve-a! O chato fica dilacerado e então começa a açoitá-la, indefesa, no seu choro, nos seus “olhos mansos”. Fora de si, ela correu e saiu e foi embora, tremendo, sem respirar, de alguma forma de lado, com algum tipo de salto, de alguma forma antinatural e vergonhoso - em Nekrasov é terrível. Mas este é apenas um cavalo, cavalos e o próprio Deus os deu para serem açoitados. Foi assim que os tártaros nos explicaram e nos deram um chicote como lembrança. Mas você também pode açoitar as pessoas. E então um cavalheiro inteligente e educado e sua senhora açoitam sua própria filha, um bebê de sete anos, com varas - escrevi sobre isso em detalhes. Papai fica feliz porque as hastes têm nós, “vai ficar mais triste”, diz ele, e então começa a “implantar” a própria filha. Provavelmente sei que existem secantes que, a cada golpe, aquecem até a voluptuosidade, à voluptuosidade literal, a cada golpe subsequente cada vez mais, cada vez mais progressivo. Eles chicoteiam por um minuto, finalmente chicoteiam por cinco minutos, chicoteiam por dez minutos, mais, mais, mais vezes, mais tristes. A criança grita, a criança finalmente não consegue gritar, ela engasga: “Papai, papai, papai, papai!” Algum maldito caso indecente acaba no tribunal. Um advogado é contratado. O povo russo há muito chama o nosso advogado de “ablacat – uma consciência contratada”. Um advogado grita em defesa de seu cliente. “O caso é tão simples, familiar e comum, o pai chicoteou a filha e agora, para vergonha dos nossos dias, chegou a tribunal!” O júri convencido se aposenta e retorna o veredicto de inocente. O público grita de felicidade porque o algoz foi absolvido. - Eh, eu não estava lá, teria gritado uma proposta para criar uma bolsa em homenagem ao nome do torturador!.. As fotos são lindas. Mas tenho informações ainda melhores sobre crianças, coletei muito, muito sobre crianças russas, Alyosha. Uma menina de cinco anos era odiada pelo pai e pela mãe, “as pessoas mais respeitáveis ​​e oficiais, educadas e bem-educadas”. Veja, mais uma vez afirmo positivamente que muitos na humanidade têm uma propriedade especial - este é o amor de torturar crianças, mas apenas crianças. Estes mesmos torturadores até tratam todos os outros sujeitos da raça humana de forma favorável e mansa, como povos europeus educados e humanos, mas eles realmente gostam de torturar crianças, até amam as próprias crianças neste sentido. É justamente a insegurança dessas criaturas que seduz os torturadores, a credulidade angelical de uma criança que não tem para onde ir e nem com quem ir - é isso que inflama o sangue vil do torturador. Em cada pessoa, é claro, espreita uma fera - uma fera de raiva, uma fera de inflamação voluptuosa dos gritos de uma vítima torturada, uma fera do que é incontrolavelmente solto, uma fera de doenças adquiridas através da libertinagem, gota, fígados doentes, e assim por diante. Esta pobre menina de cinco anos foi submetida a todo tipo de tortura por parte desses pais instruídos. Espancaram-na, chicotearam-na, pontapearam-na, sem saber porquê, transformaram todo o seu corpo em hematomas; finalmente chegaram ao mais alto refinamento: no frio, na geada, trancaram-na numa latrina a noite toda, e porque ela não perguntava à noite (como se uma criança de cinco anos, dormindo em seu sono angelical profundo, ainda poderia aprender a perguntar nesses anos) - para isso mancharam todo o rosto dela com as próprias fezes e a obrigaram a comer essas fezes, e foi a mãe dela, a mãe dela quem a forçou! E esta mãe conseguia dormir quando os gemidos da pobre criança, trancada num lugar vil, eram ouvidos à noite! Você entende isso quando uma pequena criatura, ainda sem conseguir compreender o que está sendo feito com ela, se bate em um lugar vil, no escuro e no frio, com seu pequeno punho no peito dilacerado e chora até sangrar, lágrimas gentis e gentis ao “deus” para que ele o protegesse - você entende essa bobagem, meu amigo e meu irmão, você é meu noviço de Deus e humilde, você entende porque essa bobagem é tão necessária e criada! Sem ela, dizem eles, o homem não poderia ter permanecido na terra, pois não teria conhecido o bem e o mal. Por que aprender esse maldito bem e mal quando custa tanto? Mas todo o mundo do conhecimento não vale essas lágrimas de uma criança ao “deus”. Não estou falando do sofrimento dos grandes, eles comeram a maçã e o diabo esteja com eles, e deixe o diabo levar todos, mas esses, esses! Estou torturando você, Alyoshka, você parece estar louco. Eu paro se você quiser.

“Está tudo bem, eu também quero sofrer”, murmurou Alyosha.

- Uma, só mais uma foto, e depois por curiosidade, é bem característica, e o principal é que acabei de ler em uma das nossas coleções de antiguidades, no Arquivo, em Antiguidades ou algo assim, preciso olhar tudo, esqueci até onde li. Isto foi durante a época mais sombria da servidão, no início do século, e viva o libertador do povo! Havia então, no início do século, um general, um general com grandes ligações e um proprietário de terras muito rico, mas um daqueles (embora ainda então, ao que parece, muito poucos) que, ao se aposentar do serviço, tinham quase certeza de que eles havia conquistado o direito à vida e à morte de seus súditos. Havia pessoas assim naquela época. Pois bem, o general mora em sua propriedade de duas mil almas, ele é arrogante, trata seus pequenos vizinhos como parasitas e seus bobos. Um canil com centenas de cães e quase cem cães, todos uniformizados, todos a cavalo. E então um jardineiro, um menino de apenas oito anos, de alguma forma se soltou enquanto brincava com uma pedra e machucou a perna do cão de caça favorito do general. “Por que meu amado cachorro é manco?” Eles relatam a ele que esse mesmo menino jogou uma pedra nela e machucou sua perna. “Oh, é você”, o general olhou para ele, “leve-o!” Eles o levaram, tiraram-no da mãe, ficaram na prisão a noite toda, na manhã seguinte o general saiu em desfile completo para caçar, montou em seu cavalo, cercado por seus parasitas, cães, cães de caça, caçadores, todos a cavalo . Os servos estão reunidos para edificação, e na frente de todos está a mãe do menino culpado. Eles tiram o menino da prisão. Um dia de outono sombrio, frio e nublado, bom para caçar. O general manda despir o menino, a criança fica completamente nua, ele está tremendo, louco de medo, não ousa dizer uma palavra... “Expulsem-no!” os comandos gerais, “Corra, corra!” os cães gritam para ele, o menino corre... “Ata-o!” o general grita e joga toda a matilha de galgos nele. Ele o caçou na frente da mãe e os cachorros despedaçaram a criança!.. Parece que o general foi levado sob custódia. Bem... o que é isso? Atirar? Atirar para satisfazer sentimentos morais? Fale, Alyoshka!

- Atirar! - Alyosha disse baixinho, olhando para o irmão com um sorriso pálido e distorcido.

- Bravo! - Ivan gritou com certo deleite, - se você disse isso, isso significa... Que monge do esquema! Então este é o diabinho que você tem no coração, Alyoshka Karamazov!

- Eu disse algo absurdo, mas...

“É exatamente isso, mas...” Ivan gritou. - Saiba disso, novato. que os absurdos são demasiado necessários na terra. O mundo assenta em absurdos e, sem eles, talvez nada tivesse acontecido nele. Nós sabemos o que sabemos!

- O que você sabe?

“Não entendo nada”, continuou Ivan, como se estivesse delirando, “não quero entender nada agora”. Eu quero permanecer factual. Há muito tempo decidi não entender. Se eu quiser entender alguma coisa, mudarei imediatamente o fato, mas decidi permanecer no fato...

- Por que você está me testando? - Alyosha exclamou tristemente e angustiado, - você finalmente vai me contar?

“Claro que direi, era isso que eu estava tentando dizer.” Você é querido para mim, não quero sentir sua falta e não vou ceder ao seu Zósima.

Ivan ficou em silêncio por um minuto, seu rosto de repente ficou muito triste.

- Escute: levei apenas as crianças para deixar mais óbvio. Sobre o resto das lágrimas humanas, com as quais toda a terra está saturada da crosta ao centro - não digo uma palavra, estreitei deliberadamente o meu tópico. Sou um inseto e admito com toda a humilhação que não consigo entender por que tudo está organizado dessa maneira. As próprias pessoas, portanto, são as culpadas: receberam o paraíso, quiseram a liberdade e roubaram o fogo do céu, sabendo que seriam infelizes, o que significa que não adianta ter pena delas. Ah, na minha opinião, na minha lamentável mente euclidiana terrena, só sei que há sofrimento, que não há culpados, que tudo sai um do outro direta e simplesmente, que tudo flui e é equilibrado - mas isso é apenas bobagens euclidianas. Afinal, eu sei disso, porque não posso concordar em viver de acordo com isso! O que me importa que não haja culpados e que tudo decorra direta e simplesmente um do outro, e que eu saiba disso - preciso de retribuição, caso contrário me destruirei. E a retribuição não está no infinito em algum lugar e algum dia, mas aqui já na terra, e para que eu mesmo possa ver. Acreditei, quero ver com meus próprios olhos, e se a essa hora eu já estiver morto, então que me ressuscitem, porque se tudo acontecer sem mim será muito ofensivo. Não sofri pelo mesmo motivo, para que comigo mesmo, com minhas atrocidades e sofrimentos, pudesse adubar a harmonia futura de alguém. Quero ver com meus próprios olhos como o cervo se deita ao lado do leão e como o abatido se levanta e abraça aquele que o matou. Quero estar aqui quando todos descobrirem de repente por que tudo aconteceu. Todas as religiões da terra são baseadas neste desejo, e eu acredito. Mas aqui estão as crianças, e o que vou fazer com elas então? Esta é uma questão que não consigo resolver. Repito pela centésima vez - são muitas perguntas, mas levei só as crianças, porque aqui fica irresistivelmente claro o que preciso dizer. Ouça: se todos devem sofrer para comprar a harmonia eterna através do sofrimento, então o que as crianças têm a ver com isso, diga-me, por favor? Não está claro por que eles tiveram que sofrer e por que deveriam comprar a harmonia através do sofrimento? Por que eles também entraram no material e carregaram consigo a harmonia futura de alguém? Eu entendo a solidariedade no pecado entre as pessoas, eu entendo a solidariedade na retribuição, mas não há solidariedade no pecado com os filhos, e se a verdade é que eles são solidários com seus pais em todas as atrocidades de seus pais, então é claro que esta verdade não é deste mundo e é incompreensível para mim. Provavelmente algum curinga dirá que a criança vai crescer de qualquer maneira e terá tempo para pecar, mas ela não cresceu, tinha oito anos e foi caçada por cachorros. Oh, Aliócha, não estou blasfemando! Compreendo como deve ser a convulsão do universo quando tudo no céu e debaixo da terra se funde numa só voz de louvor e tudo o que é vivo e vivo exclama: “Tu tens razão, Senhor, porque os teus caminhos foram abertos!” Quando a mãe abraça o algoz que despedaçou seu filho com cães, e os três exclamam em lágrimas: “Tu tens razão, Senhor”, então é claro que a coroa do conhecimento virá e tudo será explicado. Mas é aqui que entra a vírgula e é isso que não posso aceitar. E enquanto estou na terra, apresso-me em tomar minhas medidas. Veja, Alyosha, talvez realmente aconteça que quando eu mesmo viver para ver aquele momento, ou me levantar novamente para vê-lo, então talvez eu mesma exclame com todos, olhando para a mãe abraçando o algoz de seu filho: “Você' você está certo, Senhor! mas não quero então exclamar: Enquanto ainda há tempo, apresso-me em me proteger e, portanto, recuso completamente a mais alta harmonia. Não vale a pena chorar nem mesmo uma criança torturada que se bateu no peito com o punho e orou em seu canil fedorento com suas lágrimas não redimidas a “Deus”! Não vale a pena porque suas lágrimas não foram redimidas. Eles devem ser redimidos, caso contrário não poderá haver harmonia. Mas como, como você irá expiá-los? Isso é possível? Será mesmo que eles serão vingados? Mas por que preciso da vingança deles, por que preciso do inferno para os torturadores, o que o inferno pode fazer para corrigi-los quando já estão torturados? E que tipo de harmonia existe se inferno: quero perdoar e quero abraçar, não quero que eles sofram mais. E se o sofrimento das crianças foi para repor a quantidade de sofrimento necessária para adquirir a verdade, então afirmo de antemão que toda a verdade não vale esse preço. Por fim, não quero que uma mãe abrace o algoz que despedaçou seu filho com cães! Ela não ousa perdoá-lo! Se ele quiser, que perdoe a si mesmo, que perdoe o algoz pelo sofrimento incomensurável de sua mãe; mas ela não tem o direito de perdoar o sofrimento de seu filho dilacerado, ela não ousa perdoar o algoz, mesmo que a própria criança os tenha perdoado! E se sim, se não ousam perdoar, onde está a harmonia? Existe um ser no mundo inteiro que poderia e tinha o direito de perdoar? Não quero harmonia, não quero isso por amor à humanidade. Quero permanecer melhor com o sofrimento não vingado. Seria melhor se eu permanecesse com meu sofrimento não vingado e minha indignação insatisfeita, mesmo que estivesse errado. E eles valorizavam muito a harmonia, não podemos pagar tanto pela admissão; É por isso que estou com pressa em devolver meu ingresso. E se sou uma pessoa honesta, sou obrigado a devolvê-lo o mais cedo possível. Isso é o que eu faço. Não aceito Deus, Alyosha, apenas devolvo respeitosamente a passagem para ele.

“Isso é um motim”, disse Alyosha calmamente e com os olhos baixos.

- Rebelião? “Eu não gostaria de tal palavra de você”, disse Ivan emocionado. “É possível viver pela rebelião, mas eu quero viver.” Diga-me diretamente, estou ligando para você, responda: Imagine que você mesmo está erguendo o edifício do destino humano com o objetivo de fazer as pessoas felizes no final, dando-lhes finalmente paz e tranquilidade, mas para isso é necessário e inevitável teria que torturar apenas um pequeno criador, aquela mesma criança que bateu com o punho no peito e fundou este edifício sobre suas lágrimas não vingadas, você concordaria em ser arquiteto nessas condições, diga-me e não minta!

“Não, eu não concordaria”, disse Alyosha calmamente.

“E você pode admitir a ideia de que as pessoas para quem você está construindo concordariam em aceitar sua felicidade com o sangue injustificado de uma pequena pessoa torturada e, tendo aceitado, permaneceriam felizes para sempre?”

- Não, não posso permitir. Irmão”, disse Alyosha de repente com olhos brilhantes, “você disse há pouco: existe um ser no mundo inteiro que poderia e tinha o direito de perdoar? Mas este Ser existe e pode perdoar tudo, todos e tudo e por tudo, porque ele mesmo deu o seu sangue inocente por todos e por tudo. Você se esqueceu dele, mas a construção é baseada nele, e é a ele que exclamarão: “Tu tens razão, Senhor, porque os teus caminhos foram abertos”.

- Ah, este é o “único sem pecado” e seu sangue! Não, eu não esqueci dele e, pelo contrário, fiquei o tempo todo surpreso como você não o trouxe à tona por muito tempo, porque geralmente em todas as suas disputas ele é trazido à tona antes de tudo. Você sabe, Alyosha, não ria, uma vez compus um poema, há cerca de um ano. Se você pode perder comigo. mais dez minutos, então eu teria contado para você?

-Você escreveu um poema?

“Ah, não, não escrevi”, Ivan riu, “e nunca escrevi nem dois poemas na minha vida”. Mas eu inventei esse poema e lembrei dele. Pensei nisso com paixão. Você será meu primeiro leitor, ou seja, ouvinte. Por que o autor deveria realmente perder pelo menos um único ouvinte?” Ivan sorriu. - Devo te contar ou não?

“Eu realmente ouço”, disse Alyosha.

- Meu poema se chama “O Grande Inquisidor”, é uma coisa absurda, mas quero contar para vocês.

V. Grande Inquisidor

Afinal, também aqui é impossível sem prefácio – isto é, sem prefácio literário, ah! - Ivan riu, - e que escritor eu sou! Veja, minha ação se passa no século XVI, e então - você, porém, já deveria saber disso nas aulas - então era apenas costume trazer forças celestiais à terra em obras poéticas. Não estou falando de Dante. Na França, os escrivães da corte, bem como os monges dos mosteiros, faziam apresentações inteiras. em que trouxeram Madonna, anjos e santos para o palco. Cristo e o próprio Deus. Naquela época era tudo muito simplório. Em Notre Dame de Paris, na casa de Victor Hugo em homenagem ao nascimento do Delfim Francês, em Paris, sob Luís XI, no hall da Câmara Municipal, é apresentada ao povo uma performance edificante e de presente intitulada: Le bon jugement de la tres sainte et gracieuse Vierge Marie, onde ela mesma aparece pessoalmente e pronuncia seu bon jugement. Em Moscou, na antiguidade pré-petrina, as mesmas representações quase dramáticas, especialmente do Antigo Testamento, também eram realizadas de tempos em tempos; mas além das representações dramáticas, muitas histórias e “poemas” circularam por todo o mundo nos quais santos anjos e todos os poderes celestiais agiram conforme necessário. Em nossos mosteiros, eles também faziam traduções, copiavam e até compunham esses poemas, e mesmo durante a era tártara. Há, por exemplo, um poema monástico (do grego, claro): A jornada da Virgem Maria através do tormento, com imagens e com uma coragem não inferior à de Dante. A Mãe de Deus visita o inferno e o Arcanjo Miguel a guia em seu tormento. Ela vê os pecadores e seu tormento. A propósito, há uma categoria fascinante de pecadores em um lago em chamas: aqueles que mergulham neste lago para não poder mais nadar, então “Deus já os esquece” - uma expressão de extrema profundidade e poder. E assim, a maravilhada e chorosa Mãe de Deus cai diante do trono de Deus e pede misericórdia para todos que estão no inferno, para todos que ela viu lá, sem distinção. Sua conversa com Deus é extremamente interessante. Ela implora, não vai embora, e quando Deus lhe aponta as mãos e os pés feridos de seu filho e pergunta: como posso perdoar seus algozes, então ela ordena que todos os santos, todos os mártires, todos os anjos e arcanjos caiam com ela e implorar por misericórdia a todos indiscriminadamente. Termina com ela implorando a Deus que pare o tormento todos os anos, desde a Sexta-Feira Santa até o Dia da Trindade, e os pecadores do inferno imediatamente agradecem ao Senhor e clamam a ele: “Tu tens razão, Senhor, por teres julgado assim”. Bem, meu poema teria sido do mesmo tipo se tivesse surgido naquela época. Ele aparece no meu palco; É verdade que ele não diz nada no poema, apenas aparece e passa. Quinze séculos já se passaram desde que ele fez a promessa de vir em seu reino, quinze séculos desde que seu profeta escreveu: “Eis que venho sem demora.” “Nem o filho sabe desse dia e hora. apenas meu pai celestial”, como ele mesmo disse ainda na terra. Mas a humanidade espera-o com a mesma fé e com a mesma ternura. Oh, com fé ainda maior, já se passaram quinze séculos desde que cessaram as promessas do céu ao homem:

Acredite no que seu coração diz

Não há garantias do céu.

E só uma fé no que se diz com o coração! É verdade que houve muitos milagres naquela época. Houve santos que realizaram curas milagrosas; De acordo com suas biografias, a própria rainha do céu veio até algumas pessoas justas. Mas o diabo não dorme e a humanidade já começou a duvidar da veracidade destes milagres. Justamente então uma terrível nova heresia apareceu no norte, na Alemanha. Uma enorme estrela, “semelhante a uma lâmpada” (isto é, uma igreja), “caiu sobre as fontes de água, e elas se tornaram amargas”. Essas heresias começaram a negar milagres de forma blasfema. Mas aqueles que permanecem fiéis acreditam com ainda mais fervor. As lágrimas da humanidade sobem até ele como antes, esperam por ele, amam-no, esperam por ele, desejam sofrer e morrer por ele, como antes... E durante tantos séculos a humanidade rezou com fé e fogo: “Pela O Senhor apareceu-nos”, durante tantos séculos clamaram a ele, que ele, na sua incomensurável compaixão, desejou condescender com aqueles que oravam. Condescendente. Ele já havia visitado outras pessoas justas, mártires e eremitas santos enquanto ainda estava na terra, conforme registrado em suas “vidas”. Aqui Tyutchev, que acreditava profundamente na verdade de suas palavras, anunciou que

Abatido pelo fardo da madrinha

Todos vocês, querida terra,

Em forma de escravo, o rei do céu

Ele saiu abençoando.

Certamente foi esse o caso, vou lhe dizer isso. E então ele desejou aparecer, mesmo que por um momento, entre as pessoas - para as pessoas atormentadas, sofredoras, fedorentamente pecadoras, mas infantilmente amorosas. A minha acção teve lugar em Espanha, em Sevilha, durante o período mais terrível da Inquisição, quando para a glória de Deus queimavam fogueiras todos os dias no país e

Em magníficos auto-da-fés

Hereges maus foram queimados.

Oh, esta, é claro, não foi a descida em que ele, de acordo com sua promessa, apareceria no fim dos tempos em toda a glória do céu e que seria repentinamente, “como um relâmpago brilhando do leste para o oeste”. Não, ele queria visitar seus filhos pelo menos por um momento, e precisamente onde crepitava o fogo dos hereges. Por sua misericórdia incomensurável, ele mais uma vez passa entre as pessoas na mesma forma humana com que caminhou entre as pessoas durante três anos, quinze séculos atrás. Ele condescende com as “centenas quentes” da cidade do sul, justamente na qual na véspera, num “magnífico auto-de-fé”, na presença do rei, da corte, dos cavaleiros, dos cardeais e da mais bela corte senhoras, com a grande população de toda Sevilha, o Cardeal Grande Inquisidor foi queimado de uma só vez, um pouco não cem hereges ad majorem gloriam Dei. Ele apareceu silenciosamente, despercebido, e agora todos – estranhamente – o reconhecem. Esta poderia ser uma das melhores partes do poema - isto é, por que exatamente eles o reconhecem. O povo luta por ele com força invencível, cerca-o, cresce à sua volta, segue-o. Ele caminha silenciosamente entre eles com um sorriso tranquilo de infinita compaixão. O sol do amor arde em seu coração, raios de Luz, Iluminação e Poder fluem de seus olhos e, derramando-se sobre as pessoas, agitam seus corações com amor recíproco. Ele estende as mãos para eles, abençoa-os, e o poder de cura emana de tocá-lo, mesmo que seja apenas em suas roupas. Aqui, no meio da multidão, um velho, cego desde a infância, exclama: “Senhor, cura-me, para que eu também te veja”, e é como se escamas caíssem dos seus olhos e o cego o visse. As pessoas choram e beijam o chão onde ele anda. As crianças jogam flores na frente dele, cantam e gritam para ele: “Hosana!” “É ele, é ele, todo mundo repete, deve ser ele, não tem ninguém igual a ele.” Ele para no pórtico da Catedral de Sevilha no exato momento em que o caixão branco aberto de uma criança é trazido para o templo, chorando: nele está uma menina de sete anos, filha única de um nobre cidadão. Uma criança morta está coberta de flores. “Ele vai ressuscitar seu filho”, gritam para a mãe que chora no meio da multidão. O padre da catedral que saiu ao encontro do caixão parece perplexo e franze a testa. Mas então ouve-se o choro da mãe da criança morta. Ela se joga aos pés dele: “Se for você, então ressuscite meu filho!” ela exclama, estendendo os braços para ele. A procissão para, o caixão é baixado para a varanda a seus pés. Ele olha com compaixão, e seus lábios pronunciam calmamente e mais uma vez: “Talitha kumi” - “e a donzela rosa”. A menina sobe no caixão, senta-se e olha em volta, sorrindo com os olhos abertos e surpresos. Em suas mãos está um buquê de rosas brancas, com o qual ela estava no caixão. Há confusão entre as pessoas, gritos, soluços, e agora, neste exato momento, o próprio Cardeal Grande Inquisidor passa de repente pela catedral na praça. Este é um homem de quase noventa anos, alto e ereto, com rosto murcho, olhos fundos, mas cujo brilho ainda brilha como uma faísca de fogo. Ah, ele não está com suas magníficas vestes de cardeal, com as quais ontem se exibiu diante do povo quando queimaram os inimigos da fé romana - não, neste momento ele está apenas com sua velha e áspera túnica monástica. Ele é seguido a uma certa distância por seus sombrios assistentes e escravos e pela guarda “sagrada”. Ele para na frente da multidão e observa à distância. Ele viu tudo, viu como colocaram o caixão aos seus pés, viu como a menina ressuscitou e seu rosto escureceu. Ele franze as sobrancelhas grossas e grisalhas e seu olhar brilha com um fogo sinistro. Ele estica o dedo e manda os guardas pegá-lo. E assim, tal é a sua força e o povo está tão habituado, submisso e reverentemente obediente a ele que a multidão imediatamente se afasta diante dos guardas, e eles, em meio ao silêncio mortal que de repente se instala, impõem-lhe as mãos e o levam embora . A multidão instantaneamente, como uma só pessoa, inclina a cabeça até o chão diante do inquisidor mais velho, que silenciosamente abençoa o povo e passa. Os guardas levam o prisioneiro para uma prisão abobadada apertada e sombria no antigo edifício da corte sagrada e o trancam lá. O dia passa, chega a noite sevilhana escura, quente e “ofegante”. O ar “cheira a louro e limão”. No meio da escuridão profunda, a porta de ferro da prisão se abre de repente, e o próprio velho Grande Inquisidor, com uma lâmpada na mão, entra lentamente na prisão. Ele está sozinho, a porta é imediatamente trancada atrás dele. Ele para na entrada e olha seu rosto por um longo tempo, um ou dois minutos. Finalmente ele chega calmamente, coloca o abajur sobre a mesa e diz-lhe:

- É você? Você? - Mas não recebendo resposta, acrescenta rapidamente: - Não responda, fique calado. E o que você poderia dizer? Eu sei demais o que você vai dizer. Sim, você não tem o direito de acrescentar nada ao que já disse antes. Por que você veio nos perturbar? Pois você veio nos perturbar e você mesmo sabe disso. Mas você sabe o que vai acontecer amanhã? Não sei quem você é e não quero saber: é você ou apenas uma imagem dele, mas amanhã vou condená-lo e queimá-lo na fogueira como o pior dos hereges, e as próprias pessoas quem beijou seus pés hoje, amanhã, ao meu único aceno ele vai correr para juntar as brasas para o seu fogo, você sabia disso? Sim, talvez você saiba disso”, acrescentou ele com um pensamento sincero, sem tirar os olhos do prisioneiro por um momento.

- Não entendi muito bem, Ivan, o que é isso? - Alyosha, que ouvia silenciosamente o tempo todo, sorriu, “é apenas uma fantasia sem limites ou algum tipo de erro de velho, algum qui pro quo impossível?”

“Pelo menos aceite o último”, Ivan riu, “se você foi tão mimado pelo realismo moderno e não suporta nada fantástico - se quiser um qui pro quo, que assim seja”. É verdade”, ele riu novamente, “o velho tem noventa anos e poderia ter enlouquecido com sua ideia há muito tempo, mas o Prisioneiro poderia tê-lo impressionado com sua aparência”. Poderia finalmente ser apenas delírio, uma visão de um homem de noventa anos antes da morte, e até inflamado pelo auto-de-fé de ontem de cem hereges queimados. Mas será que realmente importa para você e para mim se é um qui pro quo ou uma fantasia sem limites? A única coisa aqui é que o velho precisa falar, que finalmente, durante todos os noventa anos, ele fale e diga em voz alta o que calou durante todos os noventa anos.

- O prisioneiro também está calado? Olha para ele e não diz uma palavra?

“Sim, é assim que deveria ser em todos os casos”, Ivan riu novamente. - O próprio velho avisa que não tem o direito de acrescentar nada ao que já foi dito. Se você quiser, esta é a característica mais básica do catolicismo romano, pelo menos na minha opinião: “tudo, dizem, foi entregue por você ao papa e agora tudo ficará com o papa, e mesmo que você não venha agora, não interfira até que chegue a hora.” Neste sentido, eles não só falam, mas também escrevem, pelo menos os jesuítas. Eu mesmo li isso de seus teólogos. “Você tem o direito de nos contar pelo menos um dos segredos do mundo de onde você veio?” - pergunta-lhe o meu velho e responde por ele, - “não, não faz, para não acrescentar ao que já foi dito antes, e para não tirar das pessoas a liberdade que tanto defendia. muito quando você estava na terra. Tudo o que você proclamar novamente interferirá na liberdade de fé das pessoas, pois aparecerá como um milagre, e a liberdade de sua fé era mais cara para você mesmo então, há mil e quinhentos anos. Não foi você quem disse tantas vezes: “Quero libertá-lo?” Mas agora você viu essas pessoas “livres””, acrescenta o velho de repente com um sorriso pensativo. “Sim, este assunto nos custou muito”, continuou ele, olhando-o severamente, “mas finalmente encerramos este assunto, em seu nome”. Durante quinze séculos sofremos com esta liberdade, mas agora ela está cada vez mais firme. Você não acredita que está forte demais? Você me olha com docilidade e nem sequer me digna a ficar indignado? Mas saibam que agora, e precisamente agora, estas pessoas estão mais confiantes do que nunca de que são completamente livres e, no entanto, elas próprias trouxeram-nos a sua liberdade e humildemente colocaram-na aos nossos pés. Mas conseguimos, mas era isso que você queria, esse tipo de liberdade?”

“Não entendo de novo”, interrompeu Aliocha, “ele está sendo irônico, está rindo?”

- Nem um pouco. Ele credita a si mesmo e ao seu povo o fato de terem finalmente conquistado a liberdade, e o fizeram para fazer as pessoas felizes. “Só por agora (isto é, ele está, claro, falando da Inquisição) é que pela primeira vez se tornou possível pensar na felicidade das pessoas. O homem foi feito para ser rebelde; os rebeldes podem ser felizes? Você foi avisado”, ele diz a ele, “você não teve falta de avisos e instruções, mas você não deu ouvidos aos avisos, você rejeitou a única maneira de fazer as pessoas felizes, mas felizmente, quando você saiu, você entregou o assunto passa para nós. Você prometeu, você confirmou com sua palavra, você nos deu o direito de amarrar e desatar, e é claro que você não pode nem pensar em tirar isso de nós agora. Por que você veio nos perturbar?

- O que significa: não faltaram avisos e instruções? - perguntou Aliócha.

“E esta é a principal coisa que precisa ser expressa ao velho.”

“Um espírito terrível e inteligente, um espírito de autodestruição e inexistência”, continua o velho, “o grande espírito falou com você no deserto, e nos é transmitido nos livros que ele supostamente “tentou” você. Isso é verdade? E seria possível dizer algo mais verdadeiro do que o que ele lhe disse em três perguntas, e o que você rejeitou, e o que é chamado de “tentações” nos livros? Entretanto, se alguma vez houve um milagre real e estrondoso realizado na terra, foi naquele dia, no dia destas três tentações. Foi na emergência destas três questões que residiu o milagre. Se fosse possível imaginar, apenas para testar e a título de exemplo, que estas três questões de um espírito terrível se perderam sem deixar vestígios nos livros e que precisam ser restauradas, reinventadas e compostas para serem recolocadas em os livros, e para isso reunir todos os sábios da terra - os governantes, sumos sacerdotes, cientistas, filósofos, poetas, e pedir-lhes uma tarefa: pensar, redigir três questões, mas de tal forma que não só correspondam a a dimensão do acontecimento, mas também expressaria, além disso, em três palavras, em apenas três frases humanas, toda a história futura do mundo e da humanidade - então você acha que toda a sabedoria da terra, unida, poderia apresentar pelo menos algo semelhante em força e profundidade a essas três questões que realmente foram propostas a você então por um espírito poderoso e inteligente no deserto? Somente a partir dessas questões, somente pelo milagre de seu aparecimento, pode-se entender que não se trata da mente humana atual, mas do eterno e do absoluto. Pois nessas três questões, por assim dizer, toda a história humana futura é combinada em um todo e prevista, e três imagens são reveladas nas quais convergirão todas as contradições históricas insolúveis da natureza humana em toda a terra. Então não poderia ter sido tão visível, pois o futuro era desconhecido, mas agora, passados ​​quinze séculos, vemos que tudo nestas três questões foi tão adivinhado e previsto e tão justificado que nada poderia ser adicionado ou subtraído delas. não mais.

Decida por si mesmo quem estava certo: você ou aquele que o questionou então? Lembre-se da primeira pergunta; embora não literalmente, seu significado é o mesmo: “Você quer ir ao mundo e vai com as próprias mãos, com uma espécie de voto de liberdade, que eles, em sua simplicidade e desordem inata, não conseguem compreender, que temem e temos medo.” - porque nada foi mais insuportável para uma pessoa e para a sociedade humana do que a liberdade! Você vê essas pedras neste deserto quente e nu? Transforme-os em pão, e a humanidade correrá atrás de você como um rebanho, agradecida e obediente, embora sempre tremendo porque você retirará sua mão e seu pão deixará de ser deles”. Mas você não quis privar uma pessoa da liberdade e rejeitou a oferta, para que tipo de liberdade, você raciocinou, se a obediência se compra com pão? Você objetou que o homem não vive só de pão, mas você sabe que em nome deste mesmo pão da terra o espírito da terra se levantará contra você e lutará com você e o derrotará e todos o seguirão, exclamando : “Quem é como esta besta, deu fogo do céu para nós! Você sabia que os séculos passarão e a humanidade proclamará pelos lábios de sua sabedoria e ciência que não existe crime e, portanto, não existe pecado, e só existem pessoas famintas. “Alimente-os e depois peça-lhes virtude!” Isto é o que escreverão na bandeira que será levantada contra você e com a qual seu templo será destruído. No lugar do seu templo será erguido um novo edifício, a terrível Torre de Babel será erguida novamente, e embora esta não seja concluída, como a anterior, você ainda poderá evitar esta nova torre e diminuir o sofrimento das pessoas por mil anos - pois eles virão até nós, tendo sofrido por mil anos com sua torre! Eles então nos encontrarão novamente no subsolo, nos esconderijos das catacumbas (pois seremos novamente perseguidos e atormentados), nos encontrarão e nos gritarão: “Alimente-nos, pois aqueles que nos prometeram o fogo do céu não o deram. ” E então terminaremos de construir a torre deles, pois quem alimenta completará a construção, e só nós alimentaremos, em seu nome, e mentiremos isso em seu nome. Oh, nunca, nunca eles se alimentarão sem nós. Nenhuma ciência lhes dará pão enquanto permanecerem livres, mas terminará com eles colocando a sua liberdade aos nossos pés e nos dizendo: “É melhor escravizar-nos, mas alimentar-nos”. Finalmente compreenderão por si mesmos que a liberdade e o pão terreno suficiente para todos são impensáveis ​​juntos, pois nunca, nunca poderão partilhar entre si! Eles também estarão convencidos de que nunca poderão ser livres, porque são fracos, cruéis, insignificantes e rebeldes. Você prometeu a eles o pão celestial, mas repito novamente, ele pode ser comparado aos olhos da raça humana fraca, eternamente cruel e eternamente ignóbil com a terrestre? E se milhares e dezenas de milhares te seguem, em nome do pão celestial, então o que acontecerá com milhões e dezenas de milhares de milhões de criaturas que não serão capazes de negligenciar o pão terreno pelos celestiais? Ou apenas dezenas de milhares dos grandes e fortes são queridos para você, e o resto dos milhões, tão numerosos quanto a areia do mar, fracos, mas amando você, deveriam servir apenas como material para os grandes e fortes? Não, os fracos também são queridos para nós. Eles são cruéis e rebeldes, mas no final se tornarão obedientes. Eles ficarão maravilhados conosco e nos considerarão deuses porque, tendo nos tornado seu líder, concordamos em suportar a liberdade e dominá-los - tão terrível será para eles no final serem livres! Mas diremos que te obedecemos e governamos em teu nome. Voltaremos a enganá-los, porque não deixaremos você entrar conosco. Nosso sofrimento residirá neste engano, pois teremos que mentir. Isto é o que significava aquela primeira pergunta no deserto, e é isso que vocês rejeitaram em nome da liberdade, que vocês colocaram acima de tudo. E ainda assim nesta questão reside o grande segredo deste mundo. Tendo aceitado o “pão”, você responderia ao anseio humano universal e eterno de um ser individual e de toda a humanidade conjunta - isto é: “diante de quem devemos nos curvar?” Não há preocupação mais incessante e dolorosa para uma pessoa do que, tendo permanecido livre, encontrar rapidamente alguém diante de quem se curvar. Mas uma pessoa procura curvar-se diante daquilo que já é indiscutível, tão indiscutível que todas as pessoas concordam imediatamente com a admiração universal diante dele. Pois a preocupação dessas lamentáveis ​​criaturas não é apenas encontrar algo diante do qual eu ou outro possamos nos curvar, mas encontrar algo para que todos acreditem e se curvem diante disso, e para que todos certamente o façam juntos. Esta necessidade de comunidade de culto é o principal tormento de cada pessoa individualmente e de toda a humanidade desde o início dos séculos. Por causa da admiração universal, eles se exterminaram com a espada. Eles criaram deuses e clamaram uns aos outros: “Abandonem seus deuses e venham adorar os nossos, caso contrário, morte para você e seus deuses!” E assim será até o fim do mundo, mesmo quando os deuses desaparecerem do mundo: eles ainda cairão diante dos ídolos. Você sabia, você não poderia deixar de conhecer este segredo fundamental da natureza humana, mas você rejeitou a única bandeira absoluta que lhe foi oferecida para forçar todos a se curvarem diante de você inegavelmente - a bandeira do pão terreno, e você a rejeitou em o nome da liberdade e do pão celestial. Veja o que você fez a seguir. E tudo de novo em nome da liberdade! Digo-vos que uma pessoa não tem preocupação mais dolorosa do que encontrar alguém a quem possa transferir rapidamente o dom da liberdade com que nasce esta infeliz criatura. Mas só quem acalma a consciência toma posse da liberdade das pessoas. Com o pão você recebeu uma bandeira indiscutível: dê o pão, e uma pessoa se curvará, pois não há nada mais indiscutível do que o pão, mas se ao mesmo tempo alguém tomar posse de sua consciência além de você, ah, então ele vai até jogar fora seu pão e vá atrás daquele que enganará sua consciência. Você estava certo sobre isso. Pois o segredo da existência humana não está apenas em viver, mas em por que viver. Sem uma ideia firme de por que deveria viver, uma pessoa não concordará em viver e preferirá destruir-se a permanecer na terra, mesmo que houvesse todos os pães ao seu redor. Isto é verdade, mas o que aconteceu: em vez de tomar posse da liberdade das pessoas, vocês aumentaram-na ainda mais! Ou você esqueceu que a paz e até a morte são mais valiosas para uma pessoa do que a livre escolha no conhecimento do bem e do mal? Não há nada mais sedutor para uma pessoa do que a liberdade de sua consciência, mas não há nada mais doloroso. E assim, em vez de bases sólidas para acalmar de uma vez por todas a consciência humana, você pegou tudo que era extraordinário, adivinhador e incerto, você pegou tudo que estava além da força das pessoas, e por isso agiu como se não amasse - e quem é este: aquele que veio dar a vida por eles! Em vez de tomar posse da liberdade humana, você a multiplicou e sobrecarregou o reino espiritual do homem com seu tormento para sempre. Desejaste o amor livre do homem, para que ele te seguisse livremente, seduzido e cativado por ti. Em vez de uma lei antiga e sólida, a pessoa tinha que decidir por si mesma a partir de agora com o coração livre o que é bom e o que é mau, tendo apenas a sua imagem diante de si como guia - mas você não achou que ele iria finalmente rejeitar e desafiar até mesmo a sua imagem e a sua verdade se ele for oprimido por um fardo tão terrível como a liberdade de escolha? Eles finalmente exclamarão que a verdade não está em você, pois era impossível deixá-los em mais confusão e tormento do que você, deixando-os com tantas preocupações e problemas insolúveis. Assim, você mesmo lançou as bases para a destruição do seu próprio reino e não culpa ninguém por isso. Entretanto, foi isso que lhe foi oferecido? Existem três forças, as únicas três forças na terra que podem derrotar e cativar para sempre a consciência destes rebeldes fracos, para a sua felicidade - estas forças: milagre, mistério e autoridade. Você rejeitou ambos e o terceiro e você mesmo deu o exemplo disso. Quando um espírito terrível e sábio te colocou no topo do templo e te disse: “Se você quer saber se você é filho de Deus, então olhe para baixo, pois está dito que os anjos irão buscá-lo e carregue-o, e ele não cairá ou se machucará, e então você saberá: “Você é o filho de Deus, e então provará qual é a sua fé em seu pai”, mas você, tendo ouvido, rejeitou a oferta e não cedeu e não se apressou. Ah, é claro que você agiu aqui com orgulho e esplêndida como um deus, mas essas pessoas são apenas uma tribo fraca e rebelde - são deuses? Ah, você percebeu então que dando apenas um passo, apenas um movimento para se jogar no chão, você imediatamente tentaria o Senhor e perderia toda a fé Nele, e cairia no chão que veio salvar, e o inteligente espírito que o tentou se alegraria. Mas, repito, existem muitas pessoas como você? E você poderia realmente admitir, mesmo por um minuto, que as pessoas seriam capazes de tal tentação? A natureza humana foi criada de forma a rejeitar milagres e em momentos tão terríveis da vida, momentos das mais terríveis questões espirituais básicas e dolorosas da alma, para permanecer apenas com a livre decisão do coração? Ah, você sabia que sua façanha seria preservada nos livros, alcançaria as profundezas do tempo e os últimos limites da terra, e esperava que, seguindo você, o homem permanecesse com Deus, não necessitando de milagre. Mas você não sabia que assim que uma pessoa rejeita um milagre, ela imediatamente rejeitará Deus, pois o homem não busca tanto a Deus, mas sim milagres. E como uma pessoa não pode ficar sem um milagre, ela criará para si novos milagres, já seus, e adorará o milagre do curandeiro, a feitiçaria da mulher, mesmo que tenha sido um rebelde, um herege e um ateu cem vezes sobre. Você não desceu da cruz quando gritaram com você, zombando e provocando: “Desça da cruz e acreditaremos que é você”. Você não desceu porque, novamente, não queria escravizar uma pessoa através de um milagre, e tinha sede de uma fé livre, não milagrosa. Ele tinha sede de amor livre, e não do deleite servil de um escravo diante do poder que o horrorizara de uma vez por todas. Mas mesmo aqui você julgou as pessoas muito bem, pois é claro que elas são escravas, embora tenham sido criadas por rebeldes. Olhe ao redor e julgue, quinze séculos se passaram, vá e olhe para eles: quem você elevou a si mesmo? Eu juro, o homem é mais fraco e de criação inferior do que você pensava dele! Ele pode, ele pode fazer o que você faz? Respeitando-o tanto, você agiu como se tivesse deixado de simpatizar com ele, porque exigia muito dele - e quem é esse, aquele que o amava mais do que a si mesmo! Respeitando-o menos, teria exigido menos dele, e isso estaria mais próximo do amor, pois seu fardo teria sido mais leve. Ele é fraco e mau. O que é que ele está agora em toda parte se rebelando contra o nosso poder e está orgulhoso de estar se rebelando? Este é o orgulho de uma criança e de um aluno. São crianças pequenas que se rebelaram na sala de aula e expulsaram a professora. Mas a alegria das crianças chegará ao fim; isso lhes custará caro. Eles derrubarão os templos e inundarão a terra com sangue. Mas as crianças estúpidas finalmente perceberão que, embora sejam rebeldes, são rebeldes fracos que não suportam a sua própria rebelião. Chorando com suas lágrimas estúpidas, eles finalmente confessam que aquele que os criou como rebeldes sem dúvida queria rir deles. Dirão isso em desespero, e o que disserem será uma blasfêmia, da qual ficarão ainda mais infelizes, pois a natureza humana não tolera a blasfêmia e, no final, sempre se repreenderá por isso. Então, inquietação, confusão e infortúnio - este é o destino atual das pessoas depois de terem sofrido tanto pela sua liberdade! Seu grande profeta, em visão e alegoria, diz que viu todos os participantes da primeira ressurreição e que havia doze mil deles de cada tribo. Mas se houvesse tantos deles, então eles não eram, por assim dizer, pessoas, mas deuses. Eles suportaram a sua cruz, suportaram décadas de deserto faminto e nu, comendo gafanhotos e raízes - e é claro que você pode apontar com orgulho para esses filhos da liberdade, do amor livre, de seu sacrifício gratuito e magnífico em seu nome. Mas lembre-se que havia apenas alguns milhares deles, e mesmo assim eles eram deuses, e o resto? E qual é a culpa do resto das pessoas fracas por não terem suportado o que os poderosos? Qual é a culpa de uma alma fraca que é incapaz de acomodar presentes tão terríveis? Mas você realmente veio apenas para os escolhidos e para os escolhidos? Mas se for assim, então há um mistério e não podemos compreendê-lo. E se for um segredo, então também tínhamos o direito de pregar o segredo e ensinar-lhes que não é a decisão livre dos seus corações que é importante e nem o amor, mas o segredo, ao qual devem obedecer cegamente, mesmo para além da sua capacidade. consciência. Foi isso que fizemos. Corrigimos seu feito e o baseamos em milagre, mistério e autoridade. E o povo se alegrou por ter sido novamente conduzido como um rebanho e por um presente tão terrível, que tanto tormento lhes trouxe, ter sido finalmente removido de seus corações. Estávamos certos em ensinar e fazer isso, me conta? Não amamos realmente a humanidade, reconhecendo tão humildemente a sua impotência, aliviando amorosamente o seu fardo e permitindo a sua natureza fraca, mesmo que fosse um pecado, com a nossa permissão? Por que você veio nos perturbar agora? E por que você olha para mim silenciosa e profundamente com seus olhos mansos? Fique com raiva, não quero o seu amor, porque eu mesmo não te amo. E o que devo esconder de você? Ou não sei com quem estou falando? O que tenho para te contar, você já sabe de tudo, li nos seus olhos. E vou esconder nosso segredo de você? Talvez você só queira ouvir dos meus lábios, ouça: não estamos com você, mas com ele, esse é o nosso segredo! Não estamos com você há muito tempo, mas com ele, há oito séculos. Há exatos oito séculos tiramos dele o que vocês rejeitaram com indignação, aquele último presente que ele te ofereceu, mostrando-te todos os reinos da terra; Tiramos dele Roma e a espada de César e nos declaramos apenas reis da terra, um rei, embora até hoje ainda não tenhamos conseguido encerrar completamente nosso trabalho. Mas quem é o culpado? Ah, isso ainda é apenas o começo, mas já começou. Ainda demorará muito para sua conclusão e a terra ainda sofrerá muito, mas vamos conseguir e nos tornarmos Césares, e então já pensaremos na felicidade universal das pessoas. Enquanto isso, você ainda poderia pegar a espada de César. Por que você rejeitou este último presente? Tendo aceitado este terceiro conselho do poderoso espírito, você teria cumprido tudo o que o homem na terra procura, isto é: alguém a quem se curvar, a quem confiar a consciência e como finalmente unir todos em um indiscutível comum e concordante formigueiro, pois a necessidade de unificação universal é o terceiro e último povo que atormenta. A humanidade como um todo sempre se esforçou para se estabelecer universalmente. Houve muitas grandes nações com uma grande história, mas quanto mais elevados eram esses povos, mais infelizes eram, porque eram mais conscientes do que outros da necessidade de uma unificação universal dos povos. Os grandes conquistadores, Timurs e Genghis Khans, voaram como um redemoinho pela terra, tentando conquistar o universo, mas, embora inconscientemente, expressaram a mesma grande necessidade da humanidade de unidade universal e universal. Tendo aceitado a paz e a púrpura de César, ele teria fundado um reino mundial e dado a paz mundial. Pois quem pode governar as pessoas senão aqueles que controlam a sua consciência e em cujas mãos está o pão? Pegamos a espada de César e, tendo-a tomado, é claro, rejeitamos você e fomos atrás dele. Ah, mais séculos se passarão dos excessos da mente livre, da sua ciência e da antropofagia, porque, tendo começado a construir a sua Torre de Babel sem nós, terminarão na antropofagia. Mas então a fera rastejará em nossa direção e lamberá nossos pés e os borrifará com lágrimas de sangue de seus olhos. E sentaremos na besta e ergueremos uma taça e nela estará escrito: “Mas então só então o reino de paz e felicidade virá para as pessoas”. Você tem orgulho dos seus escolhidos, mas só tem os escolhidos, e vamos acalmar a todos. E ainda é assim: quantos desses escolhidos, dos poderosos, que poderiam ter se tornado escolhidos, finalmente se cansaram de esperar por vocês, e carregaram e continuarão carregando a força de seu espírito e o calor de seus corações para outro campo e acabarão com você. Eles levantarão sua bandeira gratuita. Mas você mesmo levantou esta bandeira. Conosco, todos serão felizes e não se rebelarão mais nem se destruirão, como na sua liberdade, em todos os lugares. Ah, vamos convencê-los de que só então serão livres. quando eles abrem mão de sua liberdade por nós e se submetem a nós. E daí, vamos estar certos ou vamos mentir? Eles próprios verão que estão certos, pois se lembrarão dos horrores da escravidão e da confusão que a sua liberdade lhes trouxe. A liberdade, uma mente livre e a ciência os conduzirão a tais selvas e os exporão a tais milagres e mistérios insolúveis que alguns deles, rebeldes e ferozes, se destruirão, outros rebeldes, mas fracos, destruir-se-ão uns aos outros, e outros restantes, fracos e infelizes, eles rastejarão até nossos pés e gritarão para nós: “Sim, você estava certo, só você possuía seu segredo, e estamos voltando para você, salve-nos de nós mesmos”. Recebendo de nós o pão, claro, verão claramente que estamos tirando deles o pão deles, obtido com as próprias mãos, para distribuí-lo a eles, sem nenhum milagre, verão que não transformamos pedras em pão, mas verdadeiramente mais do que nós mesmos. Eles ficarão felizes em receber o pão das nossas mãos! Pois eles se lembrarão muito bem de que antes, sem nós, o próprio pão que obtinham se transformava em suas mãos apenas em pedras, e quando voltaram para nós, as próprias pedras se transformaram em pão em suas mãos. Eles apreciarão muito o que significa submeter-se de uma vez por todas! E até que as pessoas entendam isso, ficarão infelizes. Quem mais contribuiu para esse mal-entendido, me diga? Quem dividiu o rebanho e o espalhou por caminhos desconhecidos? Mas o rebanho se reunirá novamente e se submeterá novamente, e de uma vez por todas. Então lhes daremos uma felicidade tranquila e humilde, a felicidade das criaturas fracas, tal como foram criadas. Ah, finalmente os convenceremos a não serem orgulhosos, pois você os exaltou e assim os ensinou a serem orgulhosos; Vamos provar-lhes que são fracos, que são apenas crianças lamentáveis, mas que a felicidade das crianças é mais doce do que qualquer coisa. Eles ficarão tímidos e começarão a olhar para nós e a se agarrar a nós com medo, como pintinhos a uma galinha. Eles vão ameaçar e ficar horrorizados conosco e se orgulhar de sermos tão poderosos e tão inteligentes que poderíamos pacificar um rebanho tão violento de milhares de milhões. Eles ficarão relaxados com a nossa ira, suas mentes serão irrigadas, seus olhos ficarão lacrimejantes, como crianças e mulheres, mas passarão facilmente por nossa onda de diversão e risos, alegria brilhante e uma alegre canção infantil. Sim, vamos obrigá-los a trabalhar, mas nas horas livres organizaremos a vida deles como uma brincadeira infantil, com canções infantis, um coral, com danças inocentes. Oh, nós permitiremos que eles pequem, eles são fracos e impotentes, e eles nos amarão como crianças por permitir que pequem. Diremos a eles que todo pecado será redimido se for cometido com nossa permissão; Nós permitimos que eles pequem porque os amamos, o castigo por esses pecados, que assim seja, assuma sobre nós mesmos. E assumamos a nós mesmos, e eles nos adorarão como benfeitores que carregaram seus pecados sobre Deus diante de Deus. E eles não terão segredos para nós. Permitiremos ou proibiremos que vivam com suas esposas e amantes, tenham ou não filhos - tudo a julgar pela sua obediência - e eles se submeterão a nós com diversão e alegria. Os segredos mais dolorosos de suas consciências são todos, eles sofrerão tudo conosco, e todos nós seremos permitidos, e eles acreditarão com alegria em nossa decisão, porque isso os salvará de grandes preocupações e do terrível tormento atual de pessoal e soluções gratuitas. E todos ficarão felizes, todos os milhões de criaturas, exceto centenas de milhares de pessoas que os controlam. Pois só nós, nós, guardando um segredo, só nós seremos infelizes. Haverá milhares de milhões de bebês felizes e cem mil sofredores que assumiram a maldição do conhecimento do bem e do mal. Eles morrerão silenciosamente, desaparecendo silenciosamente em seu nome e somente a morte será desmontada atrás do caixão. Mas manteremos um segredo e para sua felicidade os atrairemos com uma recompensa celestial e eterna. Pois se houvesse algo no outro mundo, então, é claro, não para pessoas como eles. Dizem e profetizam que você virá e vencerá novamente, venha com seus escolhidos, com seus orgulhosos e poderosos, mas diremos que eles salvaram apenas a nós mesmos, e nós salvamos a todos. Diz-se que a prostituta sentada na besta e guardando o seu segredo será desonrada, que as sutilezas serão rebeladas, que rasgarão o seu pórfiro e exporão o seu corpo “feio”. Mas então eu me levantarei e mostrarei a você milhares de milhões de bebês felizes que não conheceram o pecado. E nós, que levamos seus pecados para nossa felicidade, começaremos diante de você e diremos: “Julgue-nos, se você puder ousar”. Saiba que não tenho medo de você. Saibam que estive no deserto, que também comi acre e raízes, que abençoei a liberdade com que vocês abençoaram as pessoas, e me preparei para me tornar um de seus escolhidos, entre os poderosos e fortes com sede de “reabastecer o número”. Mas acordei e não queria servir à loucura. Voltei-me e juntei-me à multidão daqueles que corrigiram o seu feito. Deixei os orgulhosos e voltei aos humildes para a felicidade destes humildes. O que eu digo se tornará realidade e nosso reino será criado. Repito para você, amanhã você verá esse rebanho obediente, que, segundo minha primeira onda, correrá para varrer brasas para o seu fogo, no qual vou queimá-lo porque vim nos incomodar. Pois se houve quem mereceu a todos o nosso fogo, então foi você. Eu vou queimar você amanhã. Dixi”.

Ivan parou. Ele ficava entusiasmado quando falava e falava com entusiasmo; quando ele terminou, ele sorriu de repente.

Alyosha, que o ouvia em silêncio, mas no final, em extrema excitação, tendo tentado muitas vezes interromper a fala do irmão, mas aparentemente se contendo, falou de repente, como se tivesse pulado da cadeira.

- Mas... isso é um absurdo! - ele gritou, corando. - Seu poema é um louvor a Jesus, e não uma blasfêmia... como você queria. E quem vai acreditar em você sobre liberdade? É assim, é assim que devemos entender! Ou o conceito na Ortodoxia... Isto é Roma, e não toda Roma, isso não é verdade - estes são os piores do catolicismo, inquisidores, jesuítas!.. E não pode haver uma pessoa tão fantástica como o seu inquisidor. Quais são esses pecados das pessoas assumidos? Que tipo de portadores de segredos são esses que assumiram algum tipo de maldição pela felicidade das pessoas? Quando eles foram vistos? Conhecemos os jesuítas, falam mal deles, não são como os seus? Eles não são de jeito nenhum, de jeito nenhum... Eles são apenas um exército romano para o futuro reino terrestre mundial, com o imperador - o sumo sacerdote romano à frente... este é o seu ideal, mas sem quaisquer segredos e sublime tristeza... O mais simples desejo de poder, bens sujos terrenos, escravização... como o futuro da servidão, com o fato de que eles se tornarão proprietários de terras... isso é tudo que eles têm. Eles podem nem acreditar em Deus. Seu inquisidor sofredor é apenas uma fantasia...

“Espere, espere”, Ivan riu, “você está tão animado”. Fantasia, você diz, deixe estar! Claro que é fantasia. Mas deixe-me dizer-lhe: você realmente acha que todo esse movimento católico dos últimos séculos é na verdade apenas um desejo de poder apenas por benefícios sujos? Não é o padre Paisiy quem lhe ensina isso?

“Não, não, pelo contrário, o padre Paisiy disse uma vez algo parecido com o seu... mas é claro que não é isso, de jeito nenhum”, Alyosha percebeu de repente.

“No entanto, informação valiosa, apesar da sua: “de jeito nenhum”. Estou perguntando exatamente por que seus jesuítas e inquisidores copularam apenas por benefícios materiais e prejudiciais? Por que não pode haver entre eles um único sofredor, atormentado por grande tristeza e amando a humanidade? Veja bem: suponha que houvesse pelo menos uma de todas essas pessoas que desejasse apenas bênçãos materiais e sujas - pelo menos uma como meu velho inquisidor, que comeu raízes no deserto e se enfureceu, conquistando sua carne para fazer ele mesmo era livre e perfeito, mas mesmo assim, durante toda a sua vida ele amou a humanidade e de repente viu a luz e viu que não é uma grande felicidade moral alcançar a perfeição da vontade para ao mesmo tempo se convencer de que milhões de outros seres de Deus permaneceu disposto apenas na zombaria, que eles nunca serão capazes de lidar com sua liberdade, que dos lamentáveis ​​​​rebeldes nunca surgirão gigantes para completar a torre, que não foi por esses gansos que o grande idealista sonhou com sua harmonia. Tendo entendido tudo isso, ele voltou e se juntou... a gente inteligente. Isso não poderia realmente acontecer?

—A quem você se juntou, que gente inteligente? - Alyosha exclamou quase entusiasmado. “Eles não têm tal inteligência, e não têm tais segredos e segredos... Apenas uma coisa é a impiedade, esse é todo o seu segredo.” Seu inquisidor não acredita em Deus, esse é todo o seu segredo!

- Pelo menos é isso! Finalmente você adivinhou. E de facto é, de facto este é todo o segredo, mas isto não é sofrimento, pelo menos para um homem como ele, que passou toda a sua vida a fazer feitos heróicos no deserto e não foi curado do seu amor pela humanidade? No final de seus dias, ele está claramente convencido de que somente o conselho do grande espírito terrível poderia, pelo menos de alguma forma, colocar os rebeldes fracos, “criaturas de teste inacabadas criadas como zombaria”, em uma ordem tolerável. E agora, tendo se convencido disso, ele vê que deve seguir as instruções do espírito inteligente, o terrível espírito de morte e destruição, e para aceitar mentiras e enganos, e levar conscientemente as pessoas à morte e destruição, e em ao mesmo tempo, enganá-los até o fim, para que de alguma forma não percebessem para onde estavam sendo conduzidos, para que pelo menos no caminho esses patéticos cegos se considerassem felizes. E observe para si mesmo, engano em nome daquele em cujo ideal o velho acreditou tão apaixonadamente ao longo de sua vida! Isso não é um infortúnio? E se pelo menos uma dessas pessoas se encontrasse à frente de todo este exército, “faminta de poder apenas por benefícios sujos”, então não seria realmente suficiente que apenas uma dessas pessoas causasse uma tragédia? Não só isso: basta uma pessoa assim à frente para que se encontre uma verdadeira ideia orientadora de toda a causa romana com todos os seus exércitos e jesuítas, a ideia mais elevada desta causa. Digo-lhe diretamente que acredito firmemente que esta pessoa nunca escasseou entre os que estão à frente do movimento. Quem sabe, talvez essas mesmas coisas tenham acontecido entre os sumos sacerdotes romanos. Quem sabe, talvez este velho maldito, que ama a humanidade com tanta teimosia e tanto à sua maneira, exista agora na forma de uma multidão de muitos desses velhos solteiros e não por acaso, mas existe como um acordo, como uma união secreta, há muito arranjada para guardar o segredo, para mantê-lo longe de pessoas infelizes e fracas, a fim de fazê-las felizes. Isso certamente existe e deveria ser assim. Parece-me que até os maçons têm algo parecido com este mesmo segredo em sua essência, e é por isso que os católicos odeiam tanto os maçons, porque os vêem como concorrentes, uma fragmentação da unidade da ideia, ao passo que deveria haver um rebanho e um pastor... Por mais que defenda meu pensamento, tenho a aparência de um escritor que não suportou suas críticas. Chega disso.

- Você também pode ser um maçom! - Alyosha explodiu de repente. “Você não acredita em Deus”, acrescentou. mas com extrema tristeza. Também lhe pareceu que seu irmão o olhava com zombaria. - Como termina o seu poema? - perguntou de repente, olhando para o chão, “ou já acabou?”

“Queria terminar assim: quando o inquisidor se calou, esperou algum tempo que o seu prisioneiro lhe respondesse. Seu silêncio é difícil para ele. Ele viu como o prisioneiro o ouvia o tempo todo com alma e calmamente, olhando-o diretamente nos olhos, e aparentemente não querendo se opor a nada. O velho gostaria que ele lhe contasse algo, mesmo que fosse amargo e terrível. Mas de repente ele se aproxima silenciosamente do velho e o beija silenciosamente em seus lábios exangues de noventa anos. Essa é a resposta completa. O velho estremece. Algo se moveu nas pontas de seus lábios; ele vai até a porta, abre e diz para ele: Vai e não volte mais... não venha de jeito nenhum... nunca, nunca! E o solta nos “palheiros escuros”. O prisioneiro vai embora.

- E o velho?

— O beijo arde em seu coração, mas o velho continua com a mesma ideia.

- E você e ele, e você? - Alyosha exclamou com tristeza. Ivan riu.

“Mas isso é um absurdo, Alyosha, é apenas um poema estúpido de um estudante estúpido que nunca escreveu dois poemas.” Por que você está levando isso tão a sério? Você realmente acha que agora irei direto para lá, para os jesuítas, para me tornar um dos anfitriões que corrigirão seu feito? Oh meu Deus, o que me importa! Eu te disse: só quero chegar aos trinta anos e aí a xícara cai no chão!

- E as folhas pegajosas, e os queridos túmulos, e o céu azul, e a mulher amada! Como você viverá, como você os amará? - Alyosha exclamou com tristeza. “Com tanto inferno em seu peito e cabeça, isso é realmente possível? Não, você é quem vai se juntar a eles... e se não, você vai se matar e não vai aguentar!

- Tem tanta força que aguenta tudo! - Ivan disse com um sorriso frio.

- Que poder?

- Karamazovskaya... o poder da baixeza de Karamazovskaya.

- Isso significa se afogar na devassidão, esmagar a alma na corrupção, sim, sim?

“Talvez isso também... talvez eu evite até os trinta anos, e então...

- Como você pode escapar? O que você evitará? Isso é impossível com seus pensamentos.

"Novamente, em Karamazov."

— É assim que “tudo é permitido”? Tudo é permitido, certo, certo?

Ivan franziu a testa e de repente ficou estranhamente pálido.

- Ah, foi você quem captou o comentário de ontem que deixou Miusov tão ofendido... e por que o irmão Dmitry tão ingenuamente saltou e respondeu? — ele sorriu ironicamente. — Sim, talvez: “tudo é permitido”, se a palavra já tiver sido dita. Eu não renuncio. E a redação de Mitenkin não é ruim.

Alyosha olhou para ele em silêncio.

“Quando parti, irmão, pensei que tinha pelo menos você no mundo inteiro”, disse Ivan de repente com um sentimento inesperado, “mas agora vejo que não há lugar para mim em seu coração, meu querido eremita”. Não vou renunciar à fórmula: “tudo é permitido”, e daí, você vai me renunciar por isso, sim, sim?

Alyosha levantou-se, caminhou até ele e silenciosamente beijou-o nos lábios.

- Roubo literário! - gritou Ivan, de repente passando por uma espécie de deleite, - você roubou do meu poema! Mas obrigado. Levante-se, Alyosha, vamos, é hora de você e eu.

Eles saíram, mas pararam na varanda da pousada.

“É isso, Alyosha”, disse Ivan com voz firme, “se eu realmente tiver o suficiente para folhas pegajosas, então só as amarei se me lembrar de você”. Para mim, basta que você esteja aqui em algum lugar e eu não queira morar ainda. Isso é suficiente para você? Se quiser, aceite pelo menos como uma declaração de amor. E agora você vai para a direita, eu vou para a esquerda - e isso é o suficiente, você ouve, é o suficiente. Isto é, se eu não tivesse partido amanhã (parece que provavelmente irei) e tivéssemos nos encontrado novamente de alguma forma, você não me diria mais uma palavra sobre todos esses tópicos. Eu realmente pergunto. E também sobre o irmão Dmitry, peço especialmente a você, nem mais fale comigo”, acrescentou de repente, irritado, “está tudo resolvido, tudo foi discutido, não é?” E de minha parte, também lhe darei uma promessa: quando, aos trinta anos, eu quiser “jogar o copo no chão”, então, não importa onde você esteja, voltarei para conversar com você. .. mesmo que seja apenas da América, isso você sabe. Eu irei de propósito. Será muito interessante olhar para você nessa hora: como você será então? Veja, uma promessa bastante solene. Mas, na verdade, podemos estar nos despedindo por sete ou dez anos. Pois bem, vá agora ao seu Pater Seraphicus, porque ele está morrendo; Se ele morrer sem você, talvez você fique com raiva de mim por detê-lo. Adeus, me beije de novo, assim, e vá...

Ivan de repente se virou e seguiu seu caminho, sem olhar para trás. Foi semelhante a como o irmão Dmitry deixou Alyosha ontem, embora ontem tenha sido completamente diferente. Esta estranha observação brilhou como uma flecha na mente triste de Aliocha, triste e triste naquele momento. Ele esperou um pouco, cuidando do irmão. Por alguma razão, de repente percebi que o irmão Ivan caminhava de alguma forma oscilando e que seu ombro direito, quando visto de trás, parecia mais baixo que o esquerdo. Ele nunca tinha notado isso antes. Mas de repente ele também se virou e quase correu em direção ao mosteiro. Já estava escurecendo e ele estava quase assustado; algo novo estava crescendo nele, ao qual ele não conseguia dar uma resposta. O vento aumentou novamente, como ontem, e os pinheiros centenários farfalhavam sombrios ao seu redor. quando ele entrou na floresta do eremitério. Ele quase correu. “Pater Seraphicus” – ele tirou esse nome de algum lugar – onde? passou pela mente de Alyosha. Ivan, pobre Ivan, e quando te verei agora... Aqui está o mosteiro, Senhor! Sim, sim, é ele, é Pater Seraphicus, ele vai me salvar... dele para sempre!

Então, com grande perplexidade, ele lembrou várias vezes em sua vida como pôde de repente, após se separar de Ivan, esquecer completamente seu irmão Dmitry, que pela manhã, poucas horas atrás, ele havia decidido encontrá-lo sem falta e não sairia sem pelo menos ter que nem voltar ao mosteiro naquela noite.

VI. Ainda não está muito claro

E Ivan Fedorovich, tendo se separado de Alyosha, foi para a casa de Fyodor Pavlovich. Mas uma coisa estranha, ele foi subitamente atacado por uma melancolia insuportável e, o mais importante, a cada passo que ele se aproximava da casa ela crescia cada vez mais. A estranheza não estava na melancolia, mas no fato de Ivan Fedorovich não poder de forma alguma determinar em que consistia a melancolia. Ele já havia se sentido triste muitas vezes antes, e não seria de surpreender que isso acontecesse num momento em que amanhã, tendo subitamente rompido com tudo o que o atraíra até aqui, ele se preparava para virar novamente para o lado e embarcar em um novo, caminho completamente desconhecido, e novamente completamente sozinho, como antes, esperando muito, mas sem saber o que, muito, esperando muito da vida, mas não podendo determinar nada por mim mesmo, nem nas minhas expectativas, nem mesmo nos meus desejos. E, no entanto, naquele momento, embora a saudade do novo e do desconhecido estivesse realmente em sua alma, não era isso que o atormentava. Não é nojento para a casa dos seus pais? - ele pensou consigo mesmo, “parece que ele está tão enojado, e embora hoje seja a última vez que entrarei nesse limiar desagradável, ainda é nojento...” Mas não, também não é isso. Não é uma despedida de Aliocha e da conversa com ele: “Durante tantos anos fiquei em silêncio com o mundo inteiro e não me dignava a falar, e de repente falei tantas bobagens”. Na verdade, poderia ter sido o aborrecimento juvenil da inexperiência e da vaidade juvenil, o aborrecimento de não poder falar, e mesmo com uma criatura como Aliocha, em quem ele sem dúvida tinha grandes esperanças no coração. Claro que isso também estava ali, ou seja, esse incômodo, até certamente tinha que existir, mas não era a mesma coisa, não era a mesma coisa. “Estou doente a ponto de enjoar, mas não consigo determinar o que quero. Você não deveria pensar”...

Ivan Fedorovich tentou “não pensar”, mas também não conseguiu evitar. O principal é que era chato, essa melancolia, e irritante porque tinha uma espécie de aparência aleatória, completamente externa; foi sentido. Alguma criatura ou objeto estava parado e se projetando em algum lugar, mais ou menos como algo às vezes se destaca diante de seus olhos, e por um longo tempo, enquanto você faz algo ou está em uma conversa acalorada, você não percebe, mas enquanto isso você parece ficar irritado, quase atormentado, e por fim... então você vai adivinhar retirar um objeto inutilizável, muitas vezes muito vazio e engraçado, alguma coisa esquecida fora do lugar, um lenço que caiu no chão, um livro que não foi guardado o armário, etc., etc. Finalmente, Ivan Fedorovich, no pior e mais irritado, chegou à casa dos pais e, de repente, a cerca de quinze passos do portão, olhando para o portão, imediatamente adivinhou o que tanto o atormentava e preocupava.

O lacaio Smerdyakov estava sentado em um banco no portão, refrescando-se no ar da noite, e Ivan Fedorovich percebeu à primeira vista que o lacaio Smerdyakov estava sentado em sua alma, e que era precisamente esse homem que sua alma não suportava . Tudo de repente se iluminou e ficou claro. Agora mesmo, desde a história de Aliocha sobre seu encontro com Smerdyakov, algo sombrio e repugnante de repente perfurou seu coração e imediatamente despertou nele uma resposta de raiva. Então, durante a conversa, Smerdyakov esqueceu por um tempo, mas mesmo assim permaneceu em sua alma, e Ivan Fedorovich tinha acabado de se separar de Alyosha e foi sozinho para casa, quando a sensação esquecida de repente começou a surgir novamente. “Será que esse canalha desprezível realmente me incomoda tanto!” ele pensou com raiva insuportável.

O fato é que Ivan Fedorovich realmente não gostava desse homem ultimamente e principalmente nos últimos dias. Ele até começou a notar esse quase ódio crescente por essa criatura. Talvez o processo de ódio tenha se agravado tanto justamente porque no início, quando Ivan Fedorovich acabava de chegar até nós, algo completamente diferente estava acontecendo. Então Ivan Fedorovich de repente assumiu um papel especial em Smerdyakov e até achou isso muito original. Ele mesmo o ensinou a falar consigo mesmo, sempre, porém, maravilhado com alguma estupidez, ou melhor ainda, com alguma inquietação de sua mente e sem entender o que “esse contemplador” conseguia perturbar tão constante e persistentemente. Conversaram sobre questões filosóficas e até sobre por que a luz brilhou no primeiro dia, quando o sol, a lua e as estrelas foram criados apenas no quarto dia, e como isso deveria ser entendido; mas Ivan Fedorovich logo se convenceu de que não se tratava do sol, da lua e das estrelas, que o sol, a lua e as estrelas, embora fossem um assunto interessante, eram completamente secundários para Smerdyakov e que ele precisava de algo completamente diferente. De uma forma ou de outra, mas em todo caso, um orgulho imenso e, ao mesmo tempo, ofendido começou a se manifestar e a ser exposto. Ivan Fedorovich não gostou muito disso. Foi aqui que começou seu desgosto. Posteriormente, os problemas começaram na casa, Grushenka apareceu, as histórias começaram com o irmão Dmitry, os problemas começaram - eles conversaram sobre isso também, mas embora Smerdyakov sempre falasse sobre isso com grande entusiasmo, mas novamente não havia como conseguir o que ele mesmo deseja isso aqui. Poderíamos até nos maravilhar com a ilogicidade e a desordem de seus outros desejos, que inevitavelmente apareciam e eram sempre, no entanto, pouco claros. Smerdyakov continuou fazendo perguntas, fazendo algumas perguntas indiretas, obviamente rebuscadas, mas com que propósito ele não explicou, e geralmente no momento mais acalorado de suas perguntas ele de repente ficou em silêncio ou mudou para algo completamente diferente. Mas a principal coisa que finalmente irritou completamente Ivan Fedorovich e incutiu nele tanto desgosto foi algum tipo de familiaridade nojenta e especial que Smerdyakov começou a demonstrar fortemente em relação a ele, e com o passar do tempo, ainda mais. Não é que ele se permitisse ser indelicado, pelo contrário, sempre falava com muito respeito, mas a situação era tal que Smerdyakov aparentemente começou a se considerar, Deus sabe por quê, em alguns aspectos, finalmente, como se estivesse solidário com Ivan Fedorovich , ele sempre falava nesse tom, como se houvesse algo já combinado entre os dois e, por assim dizer, secreto, algo dito uma vez por ambos os lados, apenas conhecido por ambos, e até incompreensível para o outros mortais fervilhando ao seu redor. Ivan Fedorovich, porém, mesmo aqui por muito tempo não entendeu o verdadeiro motivo de sua crescente repulsa e, finalmente, só muito recentemente conseguiu adivinhar o que estava acontecendo. Com um sentimento de nojo e irritação, ele agora queria passar pelo portão em silêncio e sem olhar para Smerdyakov, mas Smerdyakov levantou-se do banco e, a partir desse gesto, Ivan Fedorovich imediatamente adivinhou que queria ter uma conversa especial com ele . Ivan Fedorovich olhou para ele e parou, e o fato de ele ter parado tão de repente e não ter passado, como queria há um minuto, irritou-o a ponto de tremer. Com raiva e desgosto, ele olhou para o rosto escópico e desgastado de Smerdyakov, com as têmporas penteadas e um pequeno topete fofo. Seu olho esquerdo ligeiramente estreitado piscou e sorriu, como se dissesse: “Por que você está indo, você não vai passar, você vê que nós dois, pessoas inteligentes, temos algo para conversar”. Ivan Fedorovich tremeu:

“Vá embora, canalha, que tipo de companhia eu sou para você, idiota!” estava prestes a sair voando de sua língua, mas, para sua maior surpresa, algo completamente diferente saiu de sua boca:

— O pai está dormindo ou acordado? - disse ele baixinho e humildemente, inesperadamente para si mesmo, e de repente, também de forma totalmente inesperada, sentou-se no banco. Por um momento ele quase sentiu medo, lembrou-se disso mais tarde. Smerdyakov ficou à sua frente, com as mãos atrás das costas e olhou com confiança, quase severamente.

“Eles ainda estão dormindo, senhor”, disse ele lentamente. (“Foi ele quem falou primeiro, não eu.”) “Estou surpreso com você, senhor”, acrescentou ele após uma pausa, baixando os olhos de alguma forma timidamente. colocando o pé direito para frente e brincando com a ponta do sapato de couro envernizado.

- Por que você está surpreso comigo? - disse Ivan Fedorovich de forma abrupta e severa, tentando se conter com todas as suas forças, e de repente percebeu com desgosto que sentia uma curiosidade intensa e que nunca sairia daqui sem satisfazê-la.

- Por que você não vai para Chermashnya, senhor? — Smerdyakov de repente ergueu os olhos e sorriu familiarmente. “E por que sorri, ele mesmo deveria entender, se for uma pessoa inteligente”, como seu olho esquerdo semicerrado parecia dizer.

- Por que estou indo para Chermashnya? - Ivan Fedorovich ficou surpreso. Smerdyakov ficou em silêncio novamente.

“Até o próprio Fyodor Pavlovich lhe implorou sobre isso, senhor”, ele finalmente disse lentamente e como se não apreciasse sua resposta: dizem que estou me safando com um motivo de terceira categoria só para dizer alguma coisa.

- Eh, droga, me diga com mais clareza, o que você quer? - Ivan Fedorovich finalmente gritou com raiva, passando da humildade à grosseria.

Smerdyakov colocou a perna direita à esquerda, esticou-se mais, mas continuou a olhar com a mesma calma e com o mesmo sorriso.

- Não há nada significativo, senhor... bem, vamos conversar... Houve silêncio novamente. Eles ficaram em silêncio por quase um minuto. Ivan Fedorovich sabia que agora deveria se levantar e ficar com raiva, e Smerdyakov ficou na frente dele e parecia estar esperando: “Mas vou ver se você está com raiva ou não?” Pelo menos foi o que pareceu a Ivan Fedorovich. Finalmente ele balançou para ficar de pé. Smerdyakov capturou o momento com precisão.

“Minha situação é terrível, senhor, Ivan Fedorovich, nem sei como me ajudar”, disse de repente com firmeza e separação, e com sua última palavra suspirou. Ivan Fedorovich sentou-se imediatamente novamente.

“Ambos são completamente abençoados, senhor, ambos atingiram o nível mais baixo de infantilidade”, continuou Smerdyakov. — Estou falando de seus pais e de seu irmão, Dmitry Fedorovich. Agora eles vão se levantar, Fyodor Pavlovich, e vão começar a me incomodar a cada minuto: “Por que você não veio? Por que você não veio? - e assim por diante até meia-noite, mesmo depois da meia-noite. E se Agrafena Alexandrovna não vier (porque ela provavelmente nem pretende vir, senhor), então eles vão me atacar novamente amanhã de manhã: “Por que você não veio? Por que você não veio quando ele veio? - Definitivamente sou culpado disso na frente deles. Por outro lado, tal artigo, senhor, assim que escurecer, e antes mesmo, seu irmão com uma arma nas mãos vai aparecer na vizinhança: “Olha, dizem, o malandro, o bordel: você irá ignorá-la e não me deixará saber que ela veio: "Eu vou matar você primeiro." A noite vai passar e pela manhã eles também, como Fyodor Pavlovich, vão começar a me atormentar dolorosamente: “Por que você não veio, vai aparecer logo”, e é como se eu, de novo, fosse culpado antes eles, senhor, pelo fato de sua amante não ter aparecido. E tanto que a cada dia e a cada hora os dois ficam cada vez mais irritados, senhor, isso, eu acho, mais uma hora, por medo de tirar a própria vida, senhor. Eu, senhor, não confio neles, senhor.

- Por que você se envolveu? Por que Dmitry Fedorovich começou a remarcar? - Ivan Fedorovich disse irritado.

- Como eu poderia não me envolver, senhor? Sim, não me envolvi de jeito nenhum, se quer saber exatamente, senhor. Desde o início permaneci em silêncio, sem ousar objetar, mas eles próprios me nomearam como seu servo, Licharda, para estar com eles. Desde então, eles só conhecem uma palavra: “Eu mato você, seu canalha, se você me deixar passar!” Provavelmente acredito, senhor, que amanhã me acontecerá um longo episódio epiléptico.

- Quanto tempo dura esse epiléptico?

“É um ajuste longo, senhor, extremamente longo”, senhor. Algumas horas, senhor, ou talvez um dia e outro continua, senhor. Como isso durou três dias comigo, caí do sótão. Ele vai parar de bater e engravidar novamente; e por três dias não consegui entrar em minha mente. Fyodor Pavlovich foi então enviado para chamar Herzenstube, o médico local, senhor, então ele aplicou gelo no topo da cabeça e usou outro remédio... Ele poderia ter morrido, senhor.

- Mas, dizem eles, você não pode prever com antecedência o que acontecerá em tal e tal hora quando você estiver epiléptico. Como você diz que o amanhã chegará? - Ivan Fedorovich perguntou com curiosidade especial e irritada.

- Isto é definitivamente algo que não pode ser previsto, senhor.

"Além disso, você caiu do sótão."

“Eu subo no sótão todos os dias, senhor, posso cair do sótão amanhã.” Se não for do sótão, vou cair no porão, senhor, também vou todos os dias ao porão, senhor, conforme a minha necessidade.

Ivan Fedorovich olhou para ele longamente.

“Você está tecendo, pelo que vejo, e não entendo você por algum motivo”, disse ele calmamente, mas de forma ameaçadora: “Você quer fingir que está com epilepsia por três dias amanhã?” UM?

Smerdyakov, que olhava para o chão e brincava novamente com a ponta do pé direito, colocou o pé direito no lugar, em vez disso colocou o esquerdo para frente, ergueu a cabeça e disse com um sorriso:

“Mesmo que eu pudesse fazer exatamente isso, senhor, isto é, fingir, senhor, e como não é nada difícil para uma pessoa experiente fazer, então tenho todo o direito de usar esse meio para salvar minha vida de morte; pois quando estou doente, mesmo que Agrafena Alexandrovna tenha ido até os pais, eles não podem perguntar a uma pessoa doente: “por que você não contou”. Eles terão vergonha de si mesmos.

- Ei, droga! — Ivan Fedorovich deu um pulo de repente, o rosto contorcido de raiva. - Por que você é tão covarde com sua vida? Todas essas ameaças do irmão Dmitry são apenas palavras imprudentes e nada mais. Ele não vai matar você; Isso não vai te matar!

- Ele vai matar como uma mosca, senhor, e antes de tudo a mim, senhor. E mais, tenho medo de outra coisa: não serei considerado na comunidade deles quando algo ridículo for feito aos meus pais.

- Por que você será considerado cúmplice?

“Porque eles vão considerar um cúmplice o fato de eu ter contado a eles esses mesmos sinais em grande segredo, senhor.”

- Que sinais? Para quem você contou? Droga, fale com mais clareza!

“Devo confessar completamente”, Smerdyakov falou lentamente com uma calma pedante. - que existe um segredo entre mim e Fyodor Pavlovich. Eles, como você mesmo se digna saber (se ao menos se dignar a saber), já existem há vários dias, isto é, noite ou mesmo noite, e imediatamente se trancarão lá dentro. No final das contas, você começou a voltar cedo para o andar de cima, mas ontem não saiu, senhor, e por isso talvez não saiba com que diligência eles agora começaram a se trancar à noite. E mesmo que o próprio Grigory Vasilyevich viesse, eles, a menos que fossem convencidos por sua voz, abririam a porta para ele, senhor. Mas Grigory Vasilyevich não vem, senhor, então agora sou o único que os atende nos quartos, senhor, - foi o que eles próprios decidiram desde o minuto em que começaram esta ideia com Agrafena Alexandrovna, e durante a noite, agora , por ordem deles, vou embora e pernoito no anexo, para não dormir até meia-noite, mas fique de guarda, levante-se e dê uma volta no quintal, e espere a chegada de Agrafena Alexandrovna, senhor, já que eles estão esperando por ela há vários dias, como se estivessem loucos. Eles raciocinam assim: ela, dizem, tem medo dele, Dmitry Fedorovich (eles o chamam de Mitka, senhor) e, portanto, mais tarde à noite ela caminhará atrás de mim; Você, ele diz, é a guarda dela até meia-noite e mais. E se ela vier, então corra até a porta e bata com a mão na minha porta, ou na janela do jardim, as duas primeiras vezes baixinho, assim: uma ou duas vezes, e agora três vezes rapidamente: bata- toc-toc. Então, dizem, agora vou entender que foi ela quem veio e vou abrir a porta aos poucos para você. Outro sinal me foi dado caso algo urgente acontecesse: primeiro, duas vezes rapidamente: toc-toc, e depois, depois de esperar mais uma vez, com muito mais força. Então eles vão entender que algo repentino aconteceu e que eu preciso muito vê-los, e eles também vão abrir a porta para mim, e eu vou entrar e relatar. Tudo para o caso de Agrafena Alexandrovna não vir pessoalmente, mas mandá-la informar sobre alguma coisa; Além disso, Dmitry Fedorovich também pode vir e informá-lo de que está próximo. Eles têm muito medo de Dmitry Fedorovich, então mesmo que Agrafena Aleksandrovna já tivesse vindo e eles se trancassem com ela, e enquanto isso Dmitry Fedorovich aparecesse por perto, eu certamente seria obrigado a reportá-los imediatamente batendo três vezes, de modo que a primeira - depois uma placa com cinco batidas significa: “Agrafena Alexandrovna chegou”, e uma segunda placa com três batidas significa “dizem que é muito chato”; Então eles próprios me ensinaram e me explicaram várias vezes através de exemplos. E como em todo o universo só eu e eles sabemos desses sinais, eles vão destrancar a porta sem qualquer hesitação e sem gritar (têm muito medo de gritar em voz alta). Esses mesmos sinais agora se tornaram conhecidos por Dmitry Fedorovich.

- Por que eles são conhecidos? Você passou adiante? Como você ousa transmitir isso?

- Deste mesmo medo, senhor. E como eu poderia ousar ficar em silêncio diante deles, senhor? Dmitry Fedorovich pressionava todos os dias: “Você está me enganando, o que está escondendo de mim? Vou quebrar suas duas pernas!” Aqui eu lhes contei esses sinais muito secretos, para que eles pudessem pelo menos ver meu servilismo e assim se certificarem de que eu não os estava enganando, mas os informando de todas as maneiras possíveis.

“Se você acha que ele vai aproveitar esses sinais e quer entrar, não o deixe entrar.”

- E se eu mesmo estou tendo um ataque, senhor, como posso não deixá-los entrar, senhor, mesmo que eu pudesse ousar não deixá-los entrar, senhor, sabendo que eles estão tão desesperados, senhor.

- Ei, droga! Por que você tem tanta certeza de que a epilepsia virá, maldito? Você está rindo de mim ou não?

“Como eu poderia ousar rir de você, e é ridículo quando existe tanto medo?” Tenho um pressentimento de que vai ter epilepsia, tenho um pressentimento que vai sair do medo, senhor.

- Ei, droga! Se você se deitar, Gregory cuidará de você. Avise Gregory com antecedência, ele não o deixará entrar.

“Não me atrevo a informar Grigory Vasilyevich sobre os sinais de forma alguma sem a ordem do mestre.” Quanto ao fato de Grigory Vasilyevich ir ouvi-los e não deixá-los entrar, eles adoeceram hoje e Marfa Ignatievna pretende tratá-los amanhã. Então concordamos agora há pouco. E o tratamento deles é muito interessante, senhor: Marfa Ignatievna conhece essa tintura, senhor, e a mantém constantemente, forte, em algum tipo de erva - eles têm esse segredo, senhor. E eles tratam Grigory Vasilyevich com este remédio secreto três vezes por ano, senhor, quando toda a parte inferior das costas é removida, senhor, é como paralisia com ele, senhor, três vezes por ano, senhor. Aí eles pegam uma toalha, senhor, embebem nessa infusão e Marfa Ignatievna esfrega as costas inteiras por meia hora, senhor, até secar, senhor, até ficar completamente vermelho e inchado, senhor, e depois dão o resto para ele o que tem na garrafa para beber, senhor, com alguma oração, senhor, mas não tudo, porque nesta rara ocasião eles guardam uma pequena parte para si, senhor, e também bebem, senhor. E os dois, vou lhe dizer, se não beberem, vão adormecer aqui, senhor, e dormir profundamente por muito tempo; e quando Grigory Vasilyevich acorda, quase sempre fica ótimo depois disso, mas Marfa Ignatievna acorda e sempre fica com dor de cabeça depois disso, senhor. Então, se amanhã Marfa Ignatievna cumprir sua intenção, senhor, é improvável que eles ouçam alguma coisa, senhor, e impeçam Dmitry Fedorovich de fazê-lo. Eles vão dormir, senhor.

- Que bobagem! E tudo acontece como se fosse de propósito: você tem epilepsia e os dois não têm memória! - Ivan Fedorovich gritou: - Você mesmo não quer deixar as coisas acontecerem para que tudo dê certo? - ele explodiu de repente, e franziu a testa ameaçadoramente.

“Como pude decepcioná-lo assim, senhor... e por que me decepcionar, quando tudo aqui depende apenas de Dmitry Fedorovich, senhor, e apenas de seus pensamentos, senhor... Se eles quiserem fazer alguma coisa, eles farão faça isso, senhor, mas não, não sou eu.” Vou trazê-los de propósito para empurrá-los para seus pais.

“Por que ele deveria vir até o pai, e às escondidas, se, como você mesmo diz, Agrafena Alexandrovna não vem”, continuou Ivan Fedorovich, empalidecendo de raiva; - Você mesmo diz isso, e o tempo todo, enquanto morava aqui, eu tinha certeza de que o velho só estava fantasiando e que essa criatura não iria até ele. Por que Dmitry invadiria o velho se ela não viesse? Falar! Eu quero saber seus pensamentos.

- Você mesmo gostaria de saber por que eles estão vindo, o que eu penso aqui? Eles sairão por sua própria maldade, ou por sua desconfiança no caso de algo como a minha doença, eles duvidarão e entrarão nos quartos com impaciência, como ontem: se disserem que ela de alguma forma faleceu deles às escondidas. Eles também sabem perfeitamente que Fyodor Pavlovich tem um grande envelope preparado, e nele três mil estão selados, sob três selos, amarrados com uma fita e inscritos de próprio punho: “ao meu anjo Grushenka, se ele quiser vir”, e então, três dias depois Eles também assinaram: “e uma galinha”. Então é isso que é duvidoso, senhor.

- Bobagem! - Ivan Fedorovich gritou quase frenético. - Dmitry não irá roubar dinheiro e até matar seu pai. Ele poderia tê-lo matado ontem por Grushenka, como um tolo frenético e malvado, mas não vai roubá-lo!

“Eles realmente precisam de dinheiro agora, senhor, precisam até o último extremo, Ivan Fedorovich.” “Você nem sabe o quanto é necessário”, explicou Smerdyakov com extrema calma e clareza notável. “Além disso, eles consideram esses mesmos três mil como seus e eles mesmos me explicaram: “Dizem que meu pai ainda me deve exatamente três mil”. E além de tudo isso, Ivan Fedorovich, considere alguma verdade pura: afinal, isso é quase certamente verdade, é preciso dizer, que Agrafena Alexandrovna, se eles próprios quiserem, certamente os obrigará a se casar com ele, o mestre ele mesmo - Sim, Fyodor Pavlovich, senhor, se eles quiserem, senhor, - bem, mas talvez eles queiram, senhor. Afinal, só estou dizendo que ela não virá, mas pode até querer se tornar uma dama, senhor. Eu mesmo sei que o comerciante Samsonov disse a ela com toda a franqueza que esse negócio não seria muito estúpido e, ao mesmo tempo, eles riram. E eles próprios não são muito estúpidos, senhor. Eles não podem se casar com um homem nu como Dmitry Fedorovich, senhor. Então agora, tendo levado isso em consideração, julgue por si mesmo, Ivan Fedorovich, que nem Dmitry Fedorovich, nem mesmo você e seu irmão Alexei Fedorovich terão mais nada após a morte de seus pais, nem um rublo, porque Agrafena Alexandrovna é para isso e eles vão se casar com eles para atribuir tudo a si mesmos e transferir para si todo o capital que tiverem, senhor. E se seu pai morrer agora, enquanto isso ainda não é nada, então cada um de vocês terá imediatamente quarenta mil fiéis, até mesmo Dmitry Fedorovich, a quem eles odeiam tanto, já que não fizeram testamento, senhor... Dmitry Fedorovich sabe tudo isso muito bem...

Algo pareceu deformar-se e tremer no rosto de Ivan Fedorovich. De repente ele corou.

"Então por que você está", ele interrompeu Smerdyakov de repente, "depois de tudo isso, você está me aconselhando a ir para Chermashnya?" O que você quis dizer com isso? Eu irei embora e é isso que vai acontecer com você. - Ivan Fedorovich mal conseguia recuperar o fôlego.

“Muito bem, senhor”, disse Smerdyakov calma e criteriosamente, mantendo, no entanto, um olhar atento sobre Ivan Fedorovich.

- Quão absolutamente verdade? - Ivan Fedorovich perguntou novamente, contendo-se com esforço e seus olhos brilhando ameaçadoramente.

- Falei com pena de você. Se eu fosse você, se ao menos estivesse aqui, desistiria de tudo imediatamente... por que ficar sentado com uma coisa dessas, senhor... - respondeu Smerdyakov, olhando com o olhar mais aberto para os olhos brilhantes de Ivan Fedorovich. Ambos ficaram em silêncio.

“Você parece um grande idiota e, claro... um terrível bastardo!” - Ivan Fedorovich levantou-se repentinamente do banco. Então ele imediatamente quis passar pelo portão, mas parou de repente e se virou para Smerdyakov. Algo estranho aconteceu: Ivan Fedorovich de repente, como se estivesse em convulsão, mordeu o lábio, cerrou os punhos e - em outro momento, é claro, teria atacado Smerdyakov. Pelo menos ele percebeu isso, no mesmo momento em que estremeceu e puxou todo o corpo para trás. Mas o momento passou com segurança para Smerdyakov, e Ivan Fedorovich silenciosamente, mas como se estivesse em algum tipo de perplexidade, virou-se para o portão.

“Vou para Moscou amanhã, se você quiser saber, amanhã de manhã cedo, só isso!” - ele disse de repente com raiva, separadamente e em voz alta, mais tarde se perguntando como deveria dizer isso a Smerdyakov então.

“Isto é o melhor, senhor”, ele respondeu, como se já esperasse por isso, “só talvez que de Moscou eles possam incomodá-lo por telégrafo daqui, senhor, em algum caso assim.”

Ivan Fedorovich parou novamente e voltou-se rapidamente para Smerdyakov. Mas foi exatamente isso que aconteceu. Toda a sua familiaridade e descuido desapareceram instantaneamente; todo o seu rosto expressava extrema atenção e expectativa, mas já tímido e obsequioso: “Você poderia me dizer mais alguma coisa, gostaria de acrescentar algo mais”, e foi isso que se leu em seu olhar, que estava fixo e fixo em Ivan Fedorovich .

“Eles não teriam ligado de Chermashnya também... em algum caso assim?” - Ivan Fedorovich gritou de repente, não se sabe por que, de repente levantando a voz horrivelmente.

“Eles também vão incomodá-lo de Chermashnya, senhor...” murmurou Smerdyakov quase em um sussurro, como se estivesse perdido, mas atentamente, atentamente continuando a olhar Ivan Fedorovich diretamente nos olhos.

“Só Moscou está mais longe, e Chermashnya está mais perto, então você se arrepende do dinheiro da viagem, ou algo assim, insistindo em ir para Chermashnya, ou você sente pena de mim por fazer um grande desvio?”

“Muito bem, senhor...” murmurou Smerdyakov com uma voz que já havia parado, sorrindo vilmente e novamente se preparando freneticamente para voltar no tempo. Mas Ivan Fedorovich de repente, para surpresa de Smerdyakov, riu e passou rapidamente pelo portão, continuando a rir. Qualquer um que olhasse para o rosto dele provavelmente concluiria que ele não riu porque era muito divertido. E ele mesmo nunca teria explicado o que aconteceu com ele naquele momento. Ele se movia e caminhava como se estivesse em um espasmo.

VII. “É interessante conversar com uma pessoa inteligente.”

Sim, ele disse isso também. Ao encontrar Fyodor Pavlovich no corredor, acabando de entrar, de repente gritou para ele, agitando os braços: “Vou subir, não para você, adeus”, e passou, mesmo tentando não olhar para o pai. Pode muito bem ser que o velho fosse muito odioso para ele naquele momento, mas uma manifestação tão pouco cerimoniosa de sentimentos hostis foi inesperada até mesmo para Fyodor Pavlovich. Mas era evidente que o velho queria dizer-lhe algo o mais rápido possível, e para isso saiu ao seu encontro no corredor; Ao ouvir tal cortesia, parou silenciosamente e com olhar zombeteiro seguiu o filho com os olhos subindo as escadas até o mezanino até que ele desapareceu de vista.

- Por que ele está? - perguntou rapidamente a Smerdyakov, que entrou depois de Ivan Fedorovich.

“Eles estão zangados com alguma coisa, senhor, quem sabe”, ele murmurou evasivamente.

- Caramba! Deixe-o ficar com raiva! Dê-me o samovar e saia rápido, rápido. Há algo novo?

Aqui começaram as perguntas, exatamente aquelas de que Smerdyakov agora reclamava com Ivan Fedorovich, ou seja, tudo sobre o esperado visitante, e omitiremos essas perguntas aqui. Meia hora depois, a casa estava trancada e o velho maluco andava sozinho pelos quartos, na expectativa trêmula de que cinco batidas convencionais estavam prestes a ser ouvidas, ocasionalmente olhando pelas janelas escuras e não vendo nada nelas, exceto a noite.

Já era muito tarde e Ivan Fedorovich ainda estava acordado e pensando. Ele foi dormir tarde naquela noite, por volta das duas horas. Mas não transmitiremos todo o fluxo de seus pensamentos, e não é hora de entrarmos nesta alma: esta alma tem a sua vez. E mesmo que tentassem transmitir algo, seria muito difícil fazê-lo, porque não havia pensamentos, mas havia algo muito vago e, o mais importante, muito animado. Ele mesmo sentiu que havia perdido todos os seus fins. Ele também foi atormentado por vários desejos estranhos e quase completamente inesperados, por exemplo: depois da meia-noite ele de repente teve uma vontade urgente e insuportável de descer, destrancar a porta, entrar no anexo e bater em Smerdyakov, mas se você perguntasse por quê, ele mesmo iria absolutamente não fui capaz de expor exatamente uma única razão, exceto que esse lacaio começou a ser odiado por ele como o mais grave criminoso que poderia ser encontrado no mundo. Por outro lado, mais de uma vez naquela noite sua alma foi tomada por alguma timidez inexplicável e humilhante, da qual ele, ele sentiu, até pareceu perder repentinamente as forças físicas. Sua cabeça doía e estava tonto. Algo odioso estava beliscando sua alma, como se ele estivesse prestes a se vingar de alguém. Ele até odiava Aliocha, lembrando-se da conversa que tivera com ele, e em alguns momentos também se odiava. Ele quase se esqueceu de pensar em Katerina Ivanovna, e ficou muito surpreso com isso mais tarde, especialmente porque ele próprio se lembrava firmemente de como ainda ontem de manhã, quando se gabou tão abertamente para Katerina Ivanovna de que amanhã partiria para Moscou, ele sussurrou em sua alma ao mesmo tempo para si mesmo: “Mas é um absurdo, você não irá e não será tão fácil para você se separar como agora é alarde”. Lembrando-se daquela noite muito mais tarde, Ivan Fedorovich lembrou com particular desgosto como ele se levantava de repente do sofá e silenciosamente, como se estivesse com muito medo de que pudessem espioná-lo, abria as portas, subia as escadas e escutava o andar de baixo. salas como Fyodor Pavlovich se movia e andava até lá, ouvia - por um longo tempo, cerca de cinco minutos de cada vez, com um estranho tipo de curiosidade, com a respiração suspensa e com o coração batendo, e por que ele fez tudo isso, por que ele ouviu - é claro, ele mesmo não sabia. Durante toda a sua vida ele mais tarde chamou esse “ato” de “vil” e durante toda a sua vida ele considerou, no fundo de sua alma, o ato mais vil de toda a sua vida. Naqueles momentos, ele nem sentia ódio pelo próprio Fyodor Pavlovich, mas por algum motivo estava apenas curioso com todas as suas forças: como ele desceu até lá, o que deveria estar fazendo por aí agora, ele previu e descobriu como ele deveria estar lá embaixo, olhar pelas janelas escuras e de repente parar no meio da sala e esperar, esperar, para ver se alguém está batendo. Ivan Fedorovich subiu algumas vezes para esta lição. Quando tudo se acalmou e Fyodor Pavlovich já estava acomodado, por volta das duas horas, Ivan Fyodorovich também se deitou com o firme desejo de adormecer o mais rápido possível, pois se sentia terrivelmente exausto. E de fato: de repente adormeceu profundamente e dormiu sem sonhos, mas acordou cedo, às sete horas, quando já era madrugada. Abrindo os olhos, para seu espanto, de repente sentiu uma onda de uma energia extraordinária em si mesmo, levantou-se rapidamente e vestiu-se rapidamente, depois puxou a mala e sem hesitação começou a arrumá-la apressadamente. A roupa chegou ontem de manhã, toda da lavadeira. Ivan Fedorovich até sorriu ao pensar que tudo aconteceu dessa forma, que não houve demora para a partida repentina. E a partida foi realmente repentina. Embora Ivan Fedorovich tenha dito ontem (a Katerina Ivanovna, Alyosha e depois a Smerdyakov) que partiria amanhã, quando foi para a cama ontem, lembrou-se muito bem que naquele momento não pensou em ir embora, pelo menos não pensou em tudo isso pela manhã. Ao acordar, seu primeiro passo é correr para fazer a mala. Finalmente, a mala e a bolsa estavam prontas: já eram cerca de nove horas quando Marfa Ignatievna se aproximou dele com a habitual pergunta diária: “Onde você gostaria de tomar chá ou gostaria de descer?” Ivan Fedorovich desceu com um ar quase alegre, embora houvesse algo nele, nas suas palavras e nos seus gestos, que parecia solto e precipitado. Depois de cumprimentar calorosamente o pai, e até mesmo perguntar especialmente sobre sua saúde, ele, sem esperar o fim da resposta dos pais, anunciou imediatamente que partiria para Moscou em uma hora, completamente, e pediu que mandasse buscar os cavalos. O velho ouviu a mensagem sem a menor surpresa, esquecendo-se indecentemente de lamentar a partida do filho; Em vez disso, de repente ele ficou extremamente ocupado, lembrando-se, na hora certa, de um assunto urgente de sua autoria.

- Ah, você! Ei! Eu não disse isso ontem... bem, de qualquer forma, vamos resolver isso agora. Faça-me um grande favor, meu querido pai, venha para Chermashnya. Afinal, tudo o que você precisa fazer na estação Volovya é virar à esquerda, cerca de doze verstas, e aí está, Chermashnya.

“Pelo amor de Deus, não posso: a ferrovia fica a oitenta milhas de distância e o carro sai da estação para Moscou às sete da noite - só para nos atualizar.”

“Você chegará a tempo amanhã ou depois de amanhã, mas hoje vá para Chermashnya.” O que você precisa fazer para acalmar seus pais? Se não tivesse o que fazer aqui, eu já teria voado há muito tempo, porque as coisas lá são urgentes e emergenciais, mas aqui eu não tenho o mesmo tempo agora... Veja, tem esse bosque de minha, em duas áreas em Begichev, e em Dyachkino, nos terrenos baldios, Os Maslovs, um velho e seu filho, comerciantes, dão apenas oito mil por uma casa de toras, mas no ano passado o comprador estava se esforçando, então ele deu doze, mas não daqui, é onde está a linha. É por isso que as pessoas aqui agora não têm vendas: o pai e o filho de Maslov são kulaks de centenas de milhares: tudo o que eles oferecem, eles pegam, e nenhuma das pessoas aqui ousa competir contra eles. E o padre Ilyinsky escreveu de repente aqui na quinta-feira passada que Gorstkin, também comerciante, havia chegado, eu o conheço, mas o tesouro é que ele não é daqui, mas de Pogrebov, o que significa que ele não tem medo dos Maslovs, portanto ele é não daqui. Onze mil, ele diz, vou dar pelo bosque, ouviu? E ele ficará aqui, escreve o padre, apenas mais uma semana. Então você deveria ir e fazer um acordo com ele...

- Então você escreve para o padre, ele vai chegar a um acordo.

- Ele não sabe como, é isso. Esse cara não sabe olhar. O homem é ouro, vou dar-lhe vinte mil agora sem recibo para guarda, mas ele não sabe olhar para nada, como se não fosse homem, o corvo vai enganá-lo. Mas um homem culto, imagine isto. Esse Gorstkin parece um homem, de jaqueta azul, mas em caráter é um canalha completo, e este é o nosso problema comum: ele mente, essa é a questão. Às vezes ele mente tanto que você só se pergunta por que ele fez isso. Ele mentiu durante três anos que sua esposa morreu e que ele já era casado com outra pessoa, e nada disso aconteceu, imagine: sua esposa nunca morreu, ela ainda vive e bate nele uma vez a cada três dias. Então agora precisamos descobrir: ele está mentindo ou está mesmo dizendo que quer comprar e dar onze mil?

- Bom, aqui também não farei nada, também não tenho olho.

“Espere, espere, você também está bem, então vou lhe contar todos os sinais sobre ele, Gorstkina, faço negócios com ele há muito tempo.” Você vê: você precisa olhar para a barba dele; Sua barba é ruiva, feia e rala. Se a barbicha está tremendo, e ele mesmo fala e fica bravo, isso significa que tudo bem, ele está falando a verdade, ele quer terminar o trabalho; e se ele acaricia a barba com a mão esquerda e ri, bem, isso significa que ele quer trapacear, ele está trapaceando. Nunca olhe nos olhos dele, você não consegue distinguir nada dos olhos dele, a água é escura, ele é um malandro, olhe a barba dele. Vou lhe dar um bilhete para ele e você mostra a ele. Ele é Gorstkin, só que não é Gorstkin, é Lyagavy, então não diga a ele que ele é Lyagavy, ele ficará ofendido. Se você chegar a um acordo com ele e perceber que está tudo bem, escreva aqui imediatamente. Basta escrever isto: “dizem que ele não mente”. Fique às onze, você pode perder mil, não perca mais. Pense nisso: oito e onze são três mil de diferença. Encontrei esses três mil exatamente como encontrei, quando você conseguirá um comprador, mas preciso desesperadamente do dinheiro. Se você me avisar que é sério, eu mesmo sairei daqui e terminarei, de alguma forma ganhando algum tempo. Agora, por que estou indo para lá se meu pai inventou tudo? Bem, você vai ou não?

- Eh, não há tempo, me poupe.

- Eh, pegue seu pai emprestado, vou lembrar! Vocês estão todos sem coração, é isso! O que você precisa por um dia ou dois? Para onde você vai agora, para Veneza? Sua Veneza não desmoronará em dois dias. Eu enviaria Alyoshka, mas o que Alyoshka tem a ver com esses assuntos? Só estou porque você é uma pessoa inteligente, não vejo? Você não comercializa madeira, mas está de olho. Está aqui apenas para ver se uma pessoa está falando sério ou não. Eu digo, olha a barba: se a barba está tremendo é porque é sério.

"É você quem está me empurrando para esse maldito Chermashnya, hein?" - Ivan Fedorovich gritou, sorrindo maliciosamente.

Fyodor Pavlovich não percebeu a raiva, ou não quis vê-la, mas sorriu:

- Então você vai, você vai? Agora vou escrever um bilhete para você.

“Não sei se irei, não sei, vou decidir o caminho.”

- Bem, querido, decida agora. Querido, decida! Se você concordar, escreva-me duas linhas, entregue ao padre e ele me enviará instantaneamente sua tsidulka. E então, não vou te impedir, vá para Veneza. Papai irá levá-lo de volta à estação Volovya em seus homens...

O velho ficou simplesmente encantado, rabiscou um bilhete, mandou buscar os cavalos, serviu salgadinhos e conhaque. Quando o velho estava feliz, ele sempre começava a se tornar expansivo, mas desta vez parecia estar se contendo. Sobre Dmitry Fedorovich, por exemplo, ele não disse uma única palavra. Ele não foi afetado pela separação. Era como se eu não conseguisse encontrar nada para conversar; e Ivan Fedorovich percebeu isso muito bem: “Mas ele está cansado de mim”, pensou consigo mesmo. Ao ver o filho na varanda, o velho pareceu se apressar um pouco e começou a beijá-lo. Mas Ivan Fedorovich rapidamente estendeu a mão para apertar, aparentemente afastando os beijos. O velho entendeu imediatamente e controlou instantaneamente.

- Bem, com Deus, com Deus! - repetiu ele da varanda. — Você voltará em algum momento da sua vida, não é? Bem, venha, sempre ficarei feliz. Bem, Cristo está com você!

Ivan Fedorovich entrou no tarantass.

- Tchau, Ivan, não me repreenda muito! - gritou o pai pela última vez.

Toda a família saiu para se despedir deles: Smerdyakov, Marfa e Grigory. Ivan Fedorovich deu dez rublos a todos. Quando já estava sentado no tarantass, Smerdyakov deu um pulo para endireitar o tapete.

“Você vê... eu estou indo para Chermashnya...” de alguma forma, de repente, Ivan Fedorovich explodiu, novamente como ontem, simplesmente saiu de si mesmo, e com uma espécie de risada nervosa. Ele se lembrou disso muito tempo depois.

“Então, o que as pessoas dizem é verdade, que é interessante conversar com uma pessoa inteligente”, respondeu Smerdyakov com firmeza, olhando com alma para Ivan Fedorovich.

Os Tarantas sobressaltaram-se e saíram correndo. A alma do viajante era vaga, mas ele olhava ansiosamente para os campos, para as colinas, para as árvores, para o bando de gansos voando alto acima dele no céu claro. E de repente ele se sentiu tão bem. Ele tentou falar com o taxista e ficou terrivelmente interessado em algo que o homem lhe respondeu, mas depois de um minuto percebeu que tudo havia passado pelos seus ouvidos e que ele, na verdade, não entendeu o que o homem respondeu. Ele ficou em silêncio, já era bom: o ar estava limpo, fresco, um pouco frio, o céu estava limpo. Imagens de Alyosha e Katerina Ivanovna passaram por sua mente; mas ele riu baixinho e soprou suavemente nos fantasmas fofos e eles voaram para longe: “Haverá outro momento para eles”, pensou ele. Eles rapidamente acenaram para a estação, trocaram de cavalo e correram para Volovya. “Por que é interessante conversar com uma pessoa inteligente, o que ela queria dizer?” de repente, ele ficou sem fôlego. “Por que eu disse a ele que estava indo para Chermashnya?” Galopamos até a estação Volovya. Ivan Fedorovich desceu da carruagem e os cocheiros o cercaram. Eles se vestiram em Chermashnya, doze milhas ao longo de uma estrada rural, em liberdade. Ele ordenou que fosse aproveitado. Ele entrou na delegacia, olhou em volta, olhou para o zelador e de repente voltou para a varanda.

- Não há necessidade de ir para Chermashnya. Não vou me atrasar, irmãos, para a ferrovia às sete horas?

- Teremos apenas algum tempo. Aproveitar o quê?

- Aproveite-o imediatamente. Algum de vocês estará na cidade amanhã?

- Como não poderia ser, Mitriy estará lá.

- Você poderia, Mitri, me fazer um favor? Vá até meu pai, Fyodor Pavlovich Karamazov, e diga-lhe que não fui para Chermashnya. Você pode ou não pode?

- Por que não entramos, vamos entrar; Conhecemos Fyodor Pavlovich há muito tempo.

“Mas aqui vai uma dica para você, porque provavelmente ele não vai dar para você...” Ivan Fedorovich riu alegremente.

“Eles realmente não vão”, Mitri riu. - Obrigado, senhor, certamente faremos isso...

Às sete horas da noite, Ivan Fedorovich entrou na carruagem e voou para Moscou. “Fora com tudo o que existia antes, acabasse com o velho mundo para sempre, e para que não houvesse notícias ou resposta dele; para um novo mundo, para novos lugares, e sem olhar para trás!” Mas em vez de deleite, tal escuridão de repente desceu sobre sua alma, e uma tristeza doeu em seu coração, como ele nunca havia sentido antes em toda a sua vida. Ele pensou a noite toda; A carruagem voava e só de madrugada, já entrando em Moscou, ele de repente pareceu recuperar o juízo:

- Eu sou um canalha! - ele sussurrou para si mesmo.

E Fyodor Pavlovich, depois de se despedir do filho, ficou muito satisfeito. Durante duas horas inteiras ele se sentiu quase feliz e bebeu conhaque; mas de repente uma circunstância infeliz e muito desagradável aconteceu na casa, que instantaneamente mergulhou Fyodor Pavlovich em grande confusão: por algum motivo, Smerdyakov entrou no porão e caiu do degrau mais alto. Que bom que Marfa Ignatievna estava lá fora naquele momento e ouviu a tempo. Ela não viu a queda, mas ouviu um grito, um grito especial, estranho, mas que ela conhecia há muito tempo - o grito de um epiléptico que caiu em convulsão. Ele teve uma convulsão no momento em que descia a escada, de modo que, é claro, teve que cair imediatamente inconsciente, ou. pelo contrário, Smerdyakov, um conhecido epiléptico, teve uma convulsão em consequência da queda e do choque - era impossível decifrar, mas encontraram-no já no fundo da adega, contorcendo-se e convulsionando, debatendo-se e espumando pela boca. A princípio pensaram que ele provavelmente quebrou alguma coisa, um braço ou uma perna, e se machucou, mas, no entanto, “Deus salvou”, como disse Marfa Ignatievna: nada disso aconteceu, mas foi apenas difícil tirá-lo de a adega e para a luz do dia. Mas eles pediram ajuda aos vizinhos e de alguma forma conseguiram. O próprio Fyodor Pavlovich esteve presente durante toda a cerimônia, ajudando-se, aparentemente assustado e aparentemente perdido. O paciente, porém, não recuperou os sentidos: embora as crises parassem por um tempo, elas recomeçaram, e todos concluíram que aconteceria a mesma coisa do ano passado, quando ele também caiu acidentalmente do sótão. Lembramos que naquela época aplicaram gelo em sua coroa. Ainda havia gelo na adega, e Marfa Ignatievna deu as ordens, e à noite Fyodor Pavlovich mandou chamar o doutor Herzenstube, que chegou imediatamente. Depois de examinar cuidadosamente o paciente (era o médico mais minucioso e atencioso de toda a província, um velho idoso e respeitável), concluiu que a convulsão era extrema e “poderia ser perigosa”, que por enquanto ele, Herzenstube, não ainda entende tudo, mas que amanhã de manhã, se os remédios atuais não ajudarem, ele decidirá tomar outros. O paciente foi colocado no anexo, em um quarto ao lado do quarto de Grigory e Marfa Ignatievna. Então Fyodor Pavlovich passou o dia inteiro sofrendo apenas infortúnio após infortúnio: o jantar foi preparado por Marfa Ignatievna, e a sopa, comparada ao preparo de Smerdyakov, saiu “como água de lavar louça”, e o frango ficou tão seco que não havia como para mastigá-lo. Marfa Ignatievna opôs-se às críticas amargas, embora justas, do mestre de que a galinha já estava muito velha e de que ela própria não tinha formação como cozinheira. À noite, surgiu outra preocupação: relataram a Fyodor Pavlovich que Grigory, que estava doente desde o terceiro dia, acabara de ficar completamente doente e a região lombar estava fraca. Fyodor Pavlovich terminou o chá o mais cedo possível e trancou-se sozinho em casa. Ele estava com uma expectativa terrível e ansiosa. O fato é que naquela noite ele quase certamente esperava a chegada de Grúchenka; pelo menos recebeu de Smerdyakov, de manhã cedo, quase uma garantia de que “eles certamente prometeram chegar, senhor”. O coração do velho inquieto batia ansiosamente, ele andava pelos quartos vazios e escutava. Ela tinha que manter os ouvidos abertos: Dmitry Fedorovich poderia estar protegendo-a em algum lugar, e assim que ela bateu na janela (Smerdyakov garantiu a Fyodor Pavlovich no dia anterior que ele havia lhe dito onde e onde bater), ela teve que destrancar a porta. portas o mais rápido possível e de jeito nenhum. Seria em vão mantê-la no corredor por um segundo, para que, Deus me livre, ela não se assustasse e fugisse. Fyodor Pavlovich estava perturbado, mas nunca antes o seu coração tinha sido banhado por uma esperança mais doce: era quase certo que era possível dizer que desta vez certamente chegaria!

I. Ancião Zosima e seus convidados

Quando Aliocha, com ansiedade e dor no coração, entrou na cela do idoso, parou quase de espanto: em vez de o paciente sair, talvez já sem memória, pois tinha medo de encontrá-lo, de repente o viu sentado em uma cadeira, embora exausto de fraqueza, mas com um rosto alegre e alegre, rodeado de convidados e conduzindo com eles uma conversa tranquila e leve. No entanto, ele saiu da cama não mais do que um quarto de hora antes da chegada de Aliócha; os convidados já se tinham reunido mais cedo na sua cela e esperavam que ele acordasse, segundo a firme garantia do Padre Paisius de que “o professor sem dúvida se levantará para falar mais uma vez com aqueles que lhe são queridos, como ele próprio disse e como ele mesmo prometeu pela manhã.” O Padre Paisius acreditou firmemente nesta promessa, e em cada palavra do ancião que partia, a tal ponto que se o tivesse visto completamente inconsciente e até sem respirar, mas tivesse a promessa de que se levantaria novamente e se despediria dele, então talvez ele o fizesse. não ter acreditado na própria morte, ainda esperando que o moribundo acordasse e cumprisse sua promessa. De manhã, o Élder Zosima falou positivamente com ele enquanto ele ia dormir: “Não morrerei antes de ficar bêbado conversando com você mais uma vez, amado de meu coração, olharei para seus doces rostos, derramarei meu alma para você mais uma vez.” Aqueles que se reuniram para esta última conversa com o mais velho eram provavelmente seus amigos mais devotados de muitos anos atrás. Eram quatro: os hieromonges Padre Joseph e Padre Paisiy, os hieromonges Padre Mikhail, reitor do mosteiro, um homem não muito velho, longe de ser tão culto, de posição simples, mas forte de espírito, um crente indestrutível e simples, severo na aparência, mas imbuído de profunda ternura no coração, embora aparentemente escondesse sua ternura a ponto de uma espécie de vergonha. O quarto convidado era um monge muito velho, simples, da classe camponesa mais pobre, irmão Anfim, quase analfabeto, calado e quieto, raramente falando com alguém, entre os mais humildes, os mais humildes e tinha aparência de homem como se sempre assustado por algo grande e terrível, isso não combina com sua mente. O Élder Zosima amou muito este homem aparentemente trêmulo e durante toda a sua vida o tratou com um respeito extraordinário, embora talvez com ninguém em toda a sua vida ele tenha dito menos palavras do que com ele, apesar do fato de que uma vez por muitos anos passou viajando junto com ele por toda a Santa Rússia. Já foi há muito tempo, já há quarenta anos, quando o Ancião Zósima iniciou a sua façanha monástica num pobre e pouco conhecido mosteiro de Kostroma, e quando pouco depois foi acompanhar o Padre Anfim nas suas andanças para recolher doações para seu pobre mosteiro de Kostroma. Todos, tanto o proprietário como os convidados, instalaram-se no segundo quarto do ancião, onde ficava a sua cama, o quarto, como foi indicado anteriormente, era muito apertado, de modo que todos os quatro (exceto o noviço Porfiry, que estava de pé) mal cabia nas cadeiras do ancião nas cadeiras trazidas da primeira sala. Já estava escurecendo, a sala estava iluminada por luminárias e velas de cera em frente aos ícones. Ao ver Aliocha, envergonhado na entrada e parado na porta, o mais velho sorriu alegremente para ele e estendeu a mão:

- Olá, quieto, olá, querido, aqui está você. E você sabia que chegaria.

Alyosha se aproximou dele, curvou-se diante dele e começou a chorar. Algo explodia em seu coração, sua alma tremia, ele queria chorar.

“Por que você não espera para chorar”, o velho sorriu, colocando a mão direita na cabeça, “você vê, estou sentado e conversando, talvez viva mais vinte anos, como aquele tipo, querido de Vyshegorye me desejou ontem, com a garotinha Lizaveta nos braços. Senhor, lembre-se da mãe e da menina Lizaveta! (fez o sinal da cruz.) Porfiry, o presente a levou para onde eu disse?

Ele se lembrou das seis hryvnias de ontem, doadas por um torcedor alegre para dar “aquele que é mais pobre que eu”. Tais sacrifícios ocorrem como penitências, impostas voluntariamente a si mesmo por algum motivo, e certamente com dinheiro obtido pelo próprio trabalho. O mais velho enviou Porfiry à noite a uma de nossas burguesas recentemente queimada, uma viúva com filhos, que foi mendigar depois do incêndio. Porfiry apressou-se em comunicar que a ação já havia sido realizada e que ele havia se submetido, conforme lhe havia sido ordenado, “a um benfeitor desconhecido”.

“Levante-se, querido”, continuou o mais velho para Alyosha, “deixe-me olhar para você”. Você visitou seu povo e viu seu irmão?

Pareceu estranho a Aliocha que ele perguntasse com tanta firmeza e precisão apenas sobre um dos irmãos - mas sobre qual deles: significa que foi por esse irmão que ele o mandou embora ontem e hoje.

“Eu vi um dos irmãos”, respondeu Alyosha.

“Estou falando daquele de ontem, o mais velho, a quem me curvei até o chão.”

“Só vi isso ontem, mas hoje não consegui encontrar”, disse Alyosha.

“Apresse-se para encontrá-lo, volte amanhã e se apresse, deixe tudo e se apresse.” Talvez você ainda tenha tempo de evitar algo terrível. Ontem me curvei diante de seu grande sofrimento futuro.

De repente ele ficou em silêncio e pareceu pensar. As palavras eram estranhas. Padre José, testemunha da prostração do ancião ontem, trocou olhares com Padre Paisius. Alyosha não aguentou:

“Pai e professor”, disse ele com extrema emoção, “suas palavras são muito pouco claras... Que tipo de sofrimento o espera?”

- Não fique curioso. Algo terrível me pareceu ontem... como se todo o seu destino tivesse sido expresso ontem pelo seu olhar. Ele tinha uma aparência tão... que fiquei imediatamente horrorizado em meu coração com o que esse homem estava preparando para si mesmo. Uma ou duas vezes na minha vida vi a mesma expressão facial em algumas pessoas... como se retratasse todo o destino dessas pessoas, e o seu destino, infelizmente, se extraviou. Mandei você até ele, Alexey, porque pensei que seu rosto fraterno o ajudaria. Mas tudo vem do Senhor e todos os nossos destinos. “A menos que um grão de trigo caia na terra e morra, ele permanece só; e se morrer, dará muito fruto.” Lembre-se disso. E você, Alexei, eu o abençoei mentalmente muitas vezes em minha vida por causa do seu rosto, saiba disso”, disse o mais velho com um sorriso tranquilo. “Penso em você desta forma: você sairá destas paredes e permanecerá no mundo como um monge.” Você terá muitos oponentes, mas até seus inimigos irão te amar. A vida lhe trará muitos infortúnios, mas com eles você será feliz e abençoará sua vida e forçará outros a abençoá-lo – o que é o mais importante. Bem, isso é o que você é. “Meus pais e professores”, voltou-se para os convidados, sorrindo ternamente, “até agora nunca contei, nem mesmo a ele, por que o rosto deste jovem era tão caro à minha alma. Agora direi apenas: seu rosto foi como um lembrete e uma profecia para mim. No início dos meus dias, ainda criança, tive um irmão mais velho que morreu jovem, diante dos meus olhos, com apenas dezessete anos. E então, ao longo da minha vida, fui gradualmente me convencendo de que esse meu irmão estava no meu destino, por assim dizer, uma indicação e um destino do alto, pois se ele não tivesse aparecido na minha vida, se ele não tivesse sido ali, e talvez eu nunca pensasse assim, não teria aceitado ordens monásticas e entrado neste precioso caminho. Essa primeira aparição foi ainda na minha infância, e agora, na encosta do meu caminho, uma repetição dela apareceu-me com os meus próprios olhos. É maravilhoso, pais e professores, que, sem ser tão parecido com ele no rosto, mas só um pouco, Alexei me pareceu tão parecido com ele espiritualmente que muitas vezes o considerei igual àquele jovem, meu irmão, quem veio até mim no final da minha jornada era misterioso, por algum tipo de lembrança e percepção, de modo que fiquei até surpreso comigo mesmo e com meu estranho sonho. Você está ouvindo isso, Porfiry”, ele se virou para o noviço que o servia. “Muitas vezes vi em seu rosto uma espécie de decepção por amar Alexei mais do que você.” Agora você sabe por que foi assim, mas eu também te amo, saiba disso, e muitas vezes fiquei triste por você estar chateado. A vocês, queridos convidados, quero falar deste jovem, meu irmão, pois em minha vida não houve fenômeno mais precioso do que este, mais profético e comovente. Meu coração se emociona e contemplo toda a minha vida neste exato momento, como se estivesse vivendo tudo de novo...

Devo observar aqui que esta última conversa do ancião com os convidados que o visitaram no último dia de sua vida foi parcialmente preservada por escrito. Alexey Fedorovich Karamazov escreveu-o algum tempo depois da morte do mais velho, como lembrança. Mas se esta foi uma conversa completa naquele momento ou se ele acrescentou algo em sua nota e em conversas anteriores com seu professor, não posso mais decidir, além disso, todo o discurso do mais velho nesta nota é conduzido como se fosse continuamente, como se expusesse a sua própria vida em forma de história, dirigindo-se aos amigos, embora sem dúvida, de acordo com as histórias que se seguiram, na realidade tudo aconteceu de forma um pouco diferente, pois a conversa daquela noite foi conduzida em geral, e embora os convidados do anfitrião não interrompessem muito, eles ainda falavam por conta própria, interferindo na conversa, talvez até de si mesmos contassem e contassem algo, além disso, não poderia haver tanta continuidade nessa narração, pois o mais velho às vezes engasgava , perdeu a voz e até deitou-se para descansar na cama, embora não tenha adormecido, mas os convidados não saíram de seus lugares. Uma ou duas vezes a conversa foi interrompida pela leitura do Evangelho, lido pelo Padre Paisius. É também notável que nenhum deles, porém, acreditasse que ele morreria naquela mesma noite, especialmente porque nesta última noite de sua vida, após um sono profundo durante o dia, ele de repente parecia ter ganhado em si uma nova força que o sustentava. em sua vida. Esta foi, por assim dizer, a última emoção que sustentou nele um incrível renascimento, mas apenas por um curto período de tempo, porque sua vida foi interrompida repentinamente... Mas falaremos mais sobre isso mais tarde. Agora quero informar que preferi, sem expor todos os detalhes da conversa, limitar-me apenas à história do ancião baseada no manuscrito de Alexei Fedorovich Karamazov. Será mais curto e não tão cansativo, embora, claro, repito, Alyosha tirou muito das conversas anteriores e juntou tudo.

II. Da vida em Deus do falecido hieroschemamonk Ancião Zósima, compilada a partir de suas próprias palavras por Alexei Fedorovich Karamazov

Informações biográficas.

a) Sobre o jovem, irmão do mais velho Zoshima.

Amados pais e professores, nasci numa distante província do norte, na cidade de V., de pai de um nobre, mas não nobre e pouco oficial. Ele morreu quando eu tinha apenas dois anos e não me lembro dele. Deixou para minha mãe uma casinha de madeira e algum capital, não grande, mas suficiente para viver com os filhos sem necessidade. E minha mãe só tinha dois de nós: eu, Zinovy, e meu irmão mais velho, Markel. Ele era oito anos mais velho que eu, de temperamento explosivo e irritadiço, mas gentil, não zombeteiro e estranhamente silencioso, especialmente em sua casa, comigo, com sua mãe e com os criados. Ele estudava bem no ginásio, mas não se dava bem com os companheiros, embora não brigasse, pelo menos era o que sua mãe lembrava dele. Seis meses antes de sua morte, já com dezessete anos, adquiriu o hábito de ir até uma pessoa solitária em nossa cidade, como um exilado político expulso de Moscou para nossa cidade por pensar livremente. Este exilado não era um pequeno cientista e um ilustre filósofo na universidade. Por alguma razão, ele se apaixonou por Markel e começou a aceitá-lo. O jovem sentou-se com ele as noites inteiras e assim por diante durante todo o inverno, até que exigiram que o exilado voltasse ao serviço público em São Petersburgo, a seu pedido, pois tinha patronos. A Grande Quaresma começou, e Markel não quer jejuar, repreende e ri: “tudo isso é bobagem, ele diz, e Deus não existe”, então ele horrorizou tanto sua mãe quanto os servos, e até a pequena eu, pois embora eu tivesse nove anos no total, quando ouvi essas palavras, fiquei muito assustado. Nossos servos eram todos servos, quatro pessoas, todos comprados em nome de um proprietário de terras que conhecíamos. Lembro-me também de como, desses quatro, minha mãe vendeu uma, a cozinheira Afimya, manca e idosa, por sessenta rublos em notas, e contratou uma mulher livre para substituí-la. E então, na sexta semana de jejum, meu irmão piorou de repente, e ele sempre foi pouco saudável, tinha peito forte, era fraco e propenso à tuberculose; não de pequena estatura, mas magro e frágil, com um rosto muito bonito. Ele pegou um resfriado ou algo assim, mas o médico chegou e logo sussurrou para a mãe que a tuberculose era passageira e que ele não sobreviveria à primavera. A mãe começou a chorar e a pedir ao irmão com cautela (mais para não assustá-lo) que jejuasse e participasse dos santos mistérios de Deus, pois ele ainda estava de pé naquele momento. Ao ouvir isso, irritou-se e amaldiçoou o templo de Deus, mas pensou: imediatamente adivinhou que estava gravemente doente e que era por isso que sua mãe o mandava, enquanto tinha forças, para falar e receber a comunhão. Porém, ele mesmo já sabia que não estava bem há muito tempo, e um ano antes disse uma vez à mesa para mim e minha mãe a sangue frio: “Não sou uma boa pessoa no mundo entre vocês, posso não viverá nem um ano”, e foi como se ele tivesse profetizado. Três dias se passaram e a Semana Santa chegou. E então o irmão jejuou na manhã de terça-feira. “Na verdade, estou fazendo isso por você, mãe, para agradá-la e acalmá-la”, disse ele. “A mãe chorou de alegria e também de tristeza: “saber que sua morte está próxima”. se houver uma mudança tão repentina nele. Mas ele não foi à igreja por muito tempo, adoeceu, então confessaram e deram-lhe a comunhão em casa. Os dias chegaram claros, claros, perfumados, a Páscoa estava atrasada. Lembro que ele tosse a noite toda, dorme mal e de manhã sempre se veste e tenta sentar nas poltronas macias. É assim que me lembro dele: sentado quieto, manso, sorridente, doente e com o rosto alegre e alegre. Ele mudou completamente mentalmente - uma mudança maravilhosa começou de repente nele! Uma velha babá entrará em seu quarto: “Deixa, meu querido, acenderei sua lamparina na frente do ícone”. Mas ele não permitiu antes, até explodiu. “Acenda, querido, acenda, eu era um monstro que te odiava antes. Você ora a Deus acendendo uma lâmpada, e eu oro a você com alegria. Então oramos somente a Deus.” Essas palavras nos pareciam estranhas, e a mãe ia até a casa dela e ficava chorando, só que ao entrar nele ela enxugava os olhos e ficava com um olhar alegre. “Mãe, não chore, minha querida”, diz ela, “antes eu ainda tenho muita vida para viver, muita diversão com você, mas a vida, a vida é alegre, alegre!” - “Ah, querido, que graça você tem quando está queimando de calor à noite e tossindo até o peito quase explodir?” “Mãe”, ele responde, “não chore, a vida é o paraíso, e estamos todos no paraíso, mas não queremos saber disso, mas se quiséssemos saber, amanhã seria o paraíso no todo mundo." E todos ficaram maravilhados com as suas palavras, ele falou de forma tão estranha e tão decisiva; foram tocados e choraram. Conhecidos vieram até nós: “queridinhos dizem, queridos, e como eu mereci que vocês me amassem, por que vocês me amam tanto e como eu não sabia disso antes, não apreciava”. Ele falava a cada minuto com os servos que chegavam: “Meus queridos, meus queridos, por que vocês me servem e realmente vale a pena me servir? Se Deus tivesse misericórdia e te deixasse vivo, eu mesmo te serviria, pois todos devem servir uns aos outros”. A mãe balançou a cabeça enquanto ouvia: “Minha querida, você está falando assim porque está doente”. - “Mãe, minha alegria, diz, é impossível que não haja senhores e servos, mas que eu seja servo também dos meus servos, assim como eles são para mim. E também direi a você, mãe, que cada um de nós é o culpado de tudo antes de todos, e eu sou mais do que ninguém.” Mesmo aqui minha mãe sorriu, chorando e sorrindo: “Bem, por que você é, diz ele, o mais culpado antes de todos os outros? Há assassinos e ladrões lá, mas que pecado você conseguiu cometer que faz com que você se culpe mais do que qualquer outra pessoa?” - “Mãe, você é meu sanguinário, diz ele (começou então a dizer palavras tão gentis, inesperadas), você é meu sanguinário querido e alegre, saiba que na verdade todos são os culpados por todos antes de todos e por tudo. Não sei como interpretar isso para você, mas sinto que isso é dolorosamente verdadeiro. E como vivemos, ficamos com raiva e não sabemos de nada então? Então ele se levantou do sono, cada dia mais emocionado e regozijado, e todo tremendo de amor. Às vezes vinha um médico e o velho Eisenschmidt alemão dizia: “Bem, doutor, vou viver mais um dia no mundo?” - ele costumava brincar com ele. - “Não é só um dia, você viverá muitos dias”, respondia o médico, “você ainda viverá meses e anos”, “Por que anos, por que meses!” - exclamava ele, - por que contar os dias, e um dia é suficiente para uma pessoa conhecer toda a felicidade. “Meus queridos, por que estamos brigando, nos gabando, lembrando das queixas um do outro: vamos direto para o jardim e comecemos a caminhar e brincar, amar e elogiar uns aos outros, e beijar e abençoar nossas vidas.” “Ele não é uma boa pessoa no mundo, seu filho”, disse o médico à mãe quando ela o acompanhou até a varanda, “ele está enlouquecendo de doença”. As janelas do seu quarto davam para o jardim, e o nosso jardim era sombreado, com árvores centenárias, os botões primaveris começavam a aparecer nas árvores, os madrugadores tinham chegado, cacarejando e cantando nas suas janelas. E de repente ele começou, olhando para eles e admirando-os, a pedir-lhes perdão: “Aves de Deus, pássaros alegres, perdoem-me também, porque eu também pequei diante de vocês”. Ninguém conseguia entender isso então, mas ele grita de alegria: “Sim”, diz ele, havia tanta glória de Deus ao meu redor: pássaros, árvores, prados, céus, só eu vivia na vergonha, só eu desonrei tudo, mas eu não notei a beleza e a glória." “Você assume muitos pecados”, minha mãe chorava. - “Mãe, minha alegria, estou chorando de alegria, não de tristeza; Eu mesmo quero me sentir culpado diante deles, mas não posso explicar isso para você, porque não sei como amá-los. Mesmo sendo um pecador diante de todos, todos vão me perdoar por isso, isso é o paraíso. Não estou no céu agora?

E havia muito mais que não consigo lembrar ou anotar. Lembro-me que um dia fui vê-lo sozinho, quando ele não tinha ninguém. A hora era tarde, claro, o sol se punha e toda a sala estava iluminada por um raio oblíquo. Ele me acenou, quando me viu, me aproximei dele, ele me pegou pelos ombros com as duas mãos, olhou meu rosto com ternura, amor; Ele não disse nada, apenas olhou para ele por um minuto: “Bem”, disse ele, “vá agora, brinque, viva para mim!” Então saí e fui brincar. E mais tarde na vida lembrei-me muitas vezes, com lágrimas, de como ele me disse para viver para mim mesmo. Ele falou muitas outras palavras maravilhosas e belas, embora fossem incompreensíveis para nós naquela época. Morreu na terceira semana depois da Páscoa, em memória, e embora já tivesse parado de falar, não mudou até à última hora: olhou com alegria, havia alegria nos seus olhos, olhou-nos com os olhos, sorriu para nós, nos chamou. Até na cidade se falava muito sobre sua morte. Tudo isso me chocou então, mas não muito, embora eu tenha chorado muito quando o enterraram. Yun era uma criança, mas tudo permaneceu indelevelmente em seu coração, um sentimento espreitava. No devido tempo, tudo teve que se levantar e responder. E assim aconteceu.

b) Sobre a sagrada escritura da vida do Padre Zósima.

Depois ficamos sozinhos com a mãe. Bons amigos logo a avisaram que você só tem mais um filho, e você não é pobre, você tem capital, então, seguindo o exemplo de outros, por que não mandar seu filho para São Petersburgo e, ficando aqui, talvez privá-lo de seu nobre destino. E minha mãe decidiu me levar a São Petersburgo para o corpo de cadetes, para que eu pudesse ingressar na guarda imperial. A mãe hesitou muito: como seria separar-se do último filho, mas mesmo assim decidiu, embora não sem muitas lágrimas, pensar em contribuir para a minha felicidade. Ela me levou para São Petersburgo e me curou, mas desde então não a vi mais; pois três anos depois ela mesma morreu, durante todos os três anos ela ficou triste e tremeu por nós dois. Da casa dos meus pais tirei apenas lembranças preciosas, pois uma pessoa não tem lembranças mais preciosas do que a da primeira infância na casa dos pais, e quase sempre é assim, mesmo que haja um pouco de amor e união na família. Mesmo da pior família, memórias preciosas podem ser preservadas, se apenas a sua própria alma for capaz de procurar o precioso. Junto às lembranças de casa acrescento também lembranças de história sagrada, que na casa dos meus pais, desde criança, eu tinha muita curiosidade de conhecer. Eu tinha então um livro, uma história sagrada, com lindas gravuras, chamado: “Cento e Quatro Histórias Sagradas do Antigo e do Novo Testamento”, e com ele aprendi a ler. E agora tenho-o aqui na minha estante, preservando-o como uma lembrança preciosa. Mas mesmo antes de aprender a ler, lembro-me da primeira vez que algum insight espiritual me visitou, quando eu ainda tinha oito anos. Minha mãe me levou sozinho (não me lembro onde estava meu irmão) à Igreja do Senhor, na segunda-feira da Semana Santa, para a missa. O dia estava claro e, lembrando-me agora, pareço ver novamente como o incenso subiu do incensário e subiu silenciosamente, e de cima da cúpula, através de uma janela estreita, os raios de Deus caíram sobre nós na igreja, e, subindo para eles em ondas, era como se o incenso estivesse derretendo neles. Olhei com emoção e pela primeira vez na vida aceitei em minha alma a primeira semente da palavra de Deus de forma significativa. Um jovem saiu para o meio do templo com um livro grande, tão grande que me pareceu que o carregava com dificuldade, e colocou-o no púlpito, abriu-o e começou a ler, e de repente eu entendi algo pela primeira vez, pela primeira vez na minha vida percebi que no templo eles liam para Deus. Havia um homem na terra de Uz, verdadeiro e piedoso, e ele tinha tantas riquezas, tantos camelos, tantas ovelhas e burros, e seus filhos estavam se divertindo, e ele os amava muito e orava a Deus por eles : talvez eles tenham pecado enquanto se divertiam. E assim o diabo sobe a Deus junto com os filhos de Deus e diz ao Senhor que ele passou por toda a terra e debaixo da terra. “Você viu meu servo Jó?” Deus lhe pergunta. E Deus se vangloriou diante do diabo, apontando para seu grande servo santo. E o diabo sorriu com as palavras de Deus: “Entregue-o a mim e você verá que o seu servo reclamará e amaldiçoará o seu nome”. E Deus traiu seu homem justo, tão amado por ele, ao diabo, e o diabo feriu seus filhos e seu gado, e espalhou sua riqueza, de repente, como se fosse um trovão de Deus, e Jó rasgou suas roupas e se jogou no chão, e gritou: “Ele saiu nu do ventre da minha mãe, nu e eu voltarei para a terra, Deus deu, Deus tirou. Bendito seja o nome do Senhor, de agora em diante e para sempre!” Pais e professores, poupem minhas lágrimas atuais, pois toda a minha infância parece ressurgir diante de mim, e respiro agora, como respirei então com o peito de meu filho de oito anos, e sinto, como então, surpresa e confusão, e alegria. E então os camelos ocuparam minha imaginação, e Satanás, que fala assim com Deus, e Deus, que entregou seu servo à destruição, e seu servo, exclamando: “Bendito seja o teu nome, apesar de você me executar”, - e então um canto calmo e doce no templo: “Que minha oração seja corrigida”, e novamente o incenso do incensário do sacerdote e a oração ajoelhada! Desde então, ainda ontem o peguei e não consigo ler esta sagrada história sem lágrimas. E quanta coisa grande, secreta, inimaginável existe aqui! Mais tarde ouvi as palavras de escarnecedores e detratores, palavras orgulhosas: como pôde o Senhor dar o seu amado de seus santos para diversão do diabo, tirar seus filhos, afligi-lo com doenças e úlceras para que ele limpasse o pus de suas feridas com um caco, e por quê: apenas para se gabar diante de Satanás: “Isso é o que dizem que meu santo pode suportar por minha causa!” Mas o mais importante é que há um mistério aqui - que a face passageira da terra e a verdade eterna entram em contato aqui juntas. Antes da verdade terrena ocorre a ação da verdade eterna. Aqui o criador, como nos primeiros dias da criação, terminando cada dia com louvor: “Que bom que eu criei”, olha para Jó e volta a gabar-se da sua criação. E Jó, louvando ao Senhor, não serve apenas a ele, mas servirá toda a sua criação por gerações e gerações e para todo o sempre, pois é para isso que ele foi destinado. Senhor, que livro é este e que lições! Que tipo de livro é esta escritura sagrada, que milagre e que poder é dado ao homem com ele! É como uma estátua do mundo e do homem e dos personagens humanos, e tudo tem nome e indicação por toda a eternidade. E quantos mistérios foram resolvidos e revelados: Deus restaura Jó novamente, dá-lhe riqueza novamente, muitos anos se passam novamente, e agora ele tem novos filhos, diferentes, e ele os ama - Senhor: “Como ele poderia, ao que parecia, amar esses novos, quando os antigos se forem, quando esses se perderem? Lembrando-se disso, é possível ser completamente feliz como antes com os novos, por mais queridos que sejam para ele? Mas é possível, é possível: a velha dor do grande segredo da vida humana gradualmente se transforma em alegria tranquila e terna; em vez de sangue jovem e fervente, surge uma velhice mansa e clara: abençoo o nascer do sol diário, e meu coração ainda canta para ele, mas amo mais seu pôr do sol, seus longos raios oblíquos, e com eles quietos, mansos, ternos lembranças, doces imagens de toda a vida longa e abençoada - e todos precisam da verdade de Deus, comovente, reconciliadora, perdoadora! Minha vida está acabando, eu sei e ouço isso, mas sinto a cada dia que resta de minha vida como minha vida terrena já está em contato com uma nova, infinita, desconhecida, mas próxima vida futura, de cuja premonição minha alma treme com alegria, minha mente brilha e meu coração chora de alegria... Amigos e professores, ouvi mais de uma vez, e agora recentemente tornou-se ainda mais audível, como nossos sacerdotes de Deus, e principalmente os rurais, reclamam chorando e em todos os lugares sobre sua baixa manutenção e sua humilhação, e asseguram diretamente, mesmo na imprensa, - eu mesmo li isso, - que agora eles supostamente não podem interpretar as Escrituras para o povo, porque têm pouco conteúdo, e se luteranos e hereges vierem e comece a recapturar o rebanho, depois deixe-os recapturá-lo, pois temos pouco conteúdo. Deus! Acho que Deus lhes conceda mais deste conteúdo, que é tão precioso para eles (pois a sua reclamação também é válida), mas em verdade digo: se alguém é culpado por isso, metade disso somos nós mesmos! Pois mesmo que não haja tempo, mesmo que ele diga com razão que está oprimido o tempo todo com trabalho e cobranças, mas não é tempo todo, afinal ele tem pelo menos uma hora na semana inteira para se lembrar de Deus. E não funciona o ano todo. Ele se reúne em sua casa uma vez por semana, à noite, a princípio apenas os filhos - os pais ouvirão e os pais começarão a vir. E não construa mansões para esse fim, mas apenas leve-as para sua cabana; Não tenha medo, eles não vão estragar sua cabana, pois você só precisa embalá-la por uma hora. Desdobre-lhes este livro e comece a ler sem palavras sábias e sem arrogância, sem se elevar acima delas, mas com ternura e mansidão, regozijando-se por estar lendo para eles e por eles te ouvirem e te compreenderem, amando você mesmo essas palavras , pare apenas ocasionalmente e explique outra palavra que é incompreensível para as pessoas comuns, não se preocupe, todos entenderão, o coração ortodoxo entenderá tudo! Leia para eles sobre Abraão e Sara, sobre Isaque e Rebeca, sobre como Jacó foi até Labão e lutou com o Senhor em um sonho e disse: “Este lugar é terrível”, e você surpreenderá a mente piedosa de um plebeu. Leia para eles, e especialmente para as crianças, sobre como os irmãos venderam seu próprio irmão, o querido jovem José, o sonhador e grande profeta, como escravo, e contaram ao pai que a besta despedaçou seu filho, mostrando seu corpo sangrento. roupas. Leia como mais tarde os irmãos vieram ao Egito em busca de pão, e José, já um grande cortesão, não reconhecido por eles, os atormentou, acusou, deteve seu irmão Benjamim, e amando, amando: “Eu te amo e te atormento em amar. ” Durante toda a sua vida ele se lembrou incansavelmente de como foi vendido em algum lugar da estepe quente, perto de um poço, para mercadores, e como ele, torcendo as mãos, chorou e implorou a seus irmãos que não o vendessem como escravo para uma terra estrangeira, e agora, ao vê-los depois de tantos anos, voltou a amá-los imensamente, mas os atormentou e atormentou, amando tudo. Ele finalmente os abandona, incapaz de suportar o tormento de seu coração, se joga na cama e chora; Depois enxuga o rosto e sai radiante e radiante e anuncia-lhes: “Irmãos, eu sou José, vosso irmão!” Deixe-o ler mais sobre como o velho Jacó se alegrou quando soube que seu querido filho ainda estava vivo, e ele foi para o Egito, deixando até mesmo sua terra natal, e morreu em uma terra estrangeira, tendo proferido por toda a eternidade em seu testamento o maior palavra, que esteve misteriosamente contida no coração manso e medroso durante toda a sua vida, que da sua geração, de Judá, viria a grande esperança do mundo, o seu reconciliador e salvador! Pais e professores, perdoem-me e não fiquem zangados porque estou falando como um bebezinho sobre algo que vocês já sabem há muito tempo e que me ensinam, cem vezes mais habilmente e lindamente. Só estou dizendo isso de alegria e perdoe minhas lágrimas, pois adoro este livro! Que ele, o sacerdote de Deus, também chore, e veja que os corações dos seus ouvintes tremerão em resposta a ele. Tudo que você precisa é de uma pequena semente, minúscula: jogue-a na alma de um plebeu, e ela não morrerá, ela viverá em sua alma por toda a vida, espreitando nele entre as trevas, entre o fedor de seus pecados, como um ponto de luz, como um grande lembrete. E não precisa, não precisa interpretar e ensinar muito, ele vai entender tudo de forma simples. Você acha que as pessoas comuns não vão entender? Experimente ler para ele a próxima história, comovente e comovente, sobre a bela Esther e a arrogante Vastia; ou a maravilhosa lenda sobre o profeta Jonas no ventre da baleia. Não se esqueça também das parábolas do Senhor, principalmente do Evangelho de Lucas (foi o que fiz), e depois dos Atos dos Apóstolos a conversão de Saulo (isto é certamente, absolutamente!), e finalmente, do Chetya Menaion, pelo menos a vida de Alexei, o homem de Deus e o maior dos grandes sofredores alegres, vidente de Deus e portador de Cristo, Mãe Maria do Egito - e você perfurará seu coração com essas lendas simples, e apenas um hora por semana, apesar do pequeno conteúdo, uma hora. E ele verá por si mesmo que nosso povo é misericordioso e grato, e lhe agradecerá cem vezes mais; lembrando-se do zelo do sacerdote e das suas ternas palavras, ele o ajudará voluntariamente no seu campo, o ajudará na sua casa e o recompensará com maior respeito do que antes – e a sua manutenção já aumentará. O assunto é tão simplório que às vezes temos medo até de expressá-lo, pois eles vão rir de você, mas como isso é verdade! Quem não acredita em Deus não acreditará no povo de Deus. Quem acredita no povo de Deus verá o seu santuário, mesmo que ele próprio não tenha acreditado nele antes. Somente o povo e o seu poder espiritual vindouro converterão os nossos ateus que foram arrancados da sua terra natal. E o que é a palavra de Cristo sem exemplo? A destruição de um povo sem a palavra de Deus, pois a alma tem sede da sua palavra e de toda bela percepção. Na minha juventude, há muito tempo, há quase quarenta anos, o Padre Anfim e eu caminhávamos por toda a Rússia, recolhendo esmolas para o mosteiro, e uma vez passamos a noite num grande rio navegável, na margem, com pescadores e um belo jovem sentou-se conosco, um camponês, já com aparência de dezoito anos, correu para sua casa no dia seguinte para puxar a barcaça do comerciante com um cabo de reboque. E eu o vejo olhando para frente com emoção e clareza. A noite está clara, tranquila, quente, julho, o rio é largo, dele sobe vapor, nos refresca, os peixes espirram levemente, os pássaros silenciam, tudo é silenciosamente lindo, todos rezam a Deus. E só nós dois estamos acordados, eu e este jovem, e começamos a conversar sobre a beleza deste mundo de Deus e sobre o seu grande mistério. Cada grama, cada inseto, cada formiga, cada abelha dourada, todos eles conhecem o caminho até o espanto, sem ter mente, eles testemunham o mistério de Deus, eles mesmos o realizam constantemente, e, eu vejo, o coração do querido jovem explodiu. Ele me disse que ama a floresta e os pássaros da floresta; Ele era um apanhador de pássaros, entendia cada assobio, sabia como atrair cada pássaro; Melhor que isso, não conheço nada da floresta, diz ele, e está tudo bem. “Em verdade, respondo-lhe, tudo é bom e magnífico, porque tudo é verdade. Olha, digo-lhe, para o grande cavalo que está ao lado de um homem, ou para o boi que o alimenta e trabalha para ele, abatido e pensativo, olha para os seus rostos: que mansidão, que carinho por uma pessoa que muitas vezes lhe bate sem piedade , que gentileza, que credulidade e a beleza em seu rosto. Até isso é comovente e saber que não há pecado nele, pois tudo é perfeito, tudo, exceto o homem, é sem pecado, e Cristo está com eles antes mesmo de nós”. - “É mesmo possível”, pergunta o jovem, que eles também tenham Cristo? “Como poderia ser de outra forma, digo-lhe, pois para todos a palavra, toda a criação e toda a criação, cada folha corre para a palavra, canta a glória de Deus, clama a Cristo, desconhecido para si mesmo, realiza isso através do mistério de sua vida sem pecado. Olha, eu digo a ele, há um urso terrível vagando pela floresta, ameaçador e feroz, e inocente de tudo.” E eu contei a ele como uma vez um urso veio até o grande santo, que estava se salvando na floresta, em uma pequena cela, e o grande santo foi tocado por ele, destemidamente foi até ele e deu-lhe um pedaço de pão: “ Vá, eles dizem, Cristo está com você”, e foi embora. A fera feroz, obediente e mansamente, não fez mal. E o jovem ficou comovido pelo fato de ter ido embora sem causar nenhum dano e de que Cristo estava com ele. “Oh, como, diz ele, isso é bom, como todas as coisas de Deus são boas e maravilhosas!” Ele se senta, pensativo, quieto e docemente. Vejo que entendo. E ele adormeceu ao meu lado, um sono leve e sem pecado. Deus abençoe a juventude! E eu mesmo orei por ele aqui, indo para a cama. Senhor, envie paz e luz ao seu povo!

c) Memórias dos jovens e da juventude do Ancião Zósima enquanto ainda estava no mundo. Duelo.

Fiquei muito tempo em São Petersburgo, no corpo de cadetes, quase oito anos, e com minha nova formação abafei muitas de minhas impressões de infância, embora não tenha esquecido de nada. Em troca, adotou tantos novos hábitos e até opiniões que se transformou em uma criatura quase selvagem, cruel e absurda. Junto com a língua francesa, ele adquiriu um brilho de polidez e um tratamento secular, e todos considerávamos os soldados que nos serviam no corpo como brutos completos, e eu também. Posso ser mais do que ninguém, porque de todos os meus companheiros fui mais receptivo a tudo. Quando nos tornamos oficiais, estávamos prontos para derramar nosso sangue por nossa insultada honra regimental, mas quase nenhum de nós sabia que a verdadeira honra existia, e se ele descobrisse, a primeira pessoa a teria ridicularizado imediatamente. Eles estavam quase orgulhosos de sua embriaguez, comportamento turbulento e bravata. Não direi que eram ruins; Todos estes jovens eram bons, mas comportavam-se mal e, acima de tudo, eu. O principal é que eu tinha capital próprio e por isso me propus a viver para o meu prazer, com todas as minhas aspirações juvenis, sem restrições, naveguei a todo vapor. Bem, eis o que é incrível: eu lia livros naquela época, e até com muito prazer; Quase naquela época ele nunca abriu a Bíblia sozinho, mas nunca se separou dela, mas a levou consigo para todos os lugares: na verdade, ele guardou este livro, sem saber, “para o dia e a hora, para o mês e o ano .” Depois de servir assim por quatro anos, finalmente me encontrei na cidade de K., onde nosso regimento estava então estacionado. A sociedade da cidade era diversificada, lotada e alegre, hospitaleira e rica, mas fui bem recebido em todos os lugares, pois nasci com um temperamento alegre e, além disso, não fui considerado pobre, o que significa muito no mundo. Então aconteceu uma coisa que deu início a tudo. Apeguei-me a uma moça jovem e bonita, inteligente e digna, de caráter brilhante e nobre, filha de pais respeitáveis. O povo não era pequeno, tinha riqueza, influência e poder, recebeu-me com carinho e cordialidade. E agora mostre-me que a garota tem uma disposição calorosa para comigo”, meu coração queimou com esse sonho. Então eu mesmo percebi e adivinhei que talvez não a amasse tanto, mas apenas respeitasse sua inteligência e caráter exaltado, o que não poderia ter acontecido. O amor próprio, porém, impediu-me de propor casamento naquela época: parecia difícil e assustador abandonar as tentações de uma vida depravada, solteira e livre tão jovem, tendo, além disso, dinheiro. No entanto, dei dicas. De qualquer forma, ele adiou por um curto período qualquer passo decisivo. E então, de repente, houve uma viagem de negócios a outro condado por dois meses. Volto dois meses depois e de repente descubro que a menina já é casada com um rico proprietário de terras suburbano, um homem, embora mais velho que eu, mas ainda jovem, que tinha ligações na capital e na melhor sociedade, o que eu fiz não tenho, um homem muito gentil e, além disso, educado, e eu não tive educação nenhuma. Fiquei tão impressionado com esse incidente inesperado que até minha mente ficou turva. O principal é que, como fiquei sabendo então, esse jovem fazendeiro era seu noivo há muito tempo, e eu mesma o encontrei muitas vezes na casa deles, mas não percebi nada, cego pelos meus próprios méritos. Mas foi isto que me ofendeu principalmente: como é que todos quase sabiam, mas eu era o único que não sabia de nada? E de repente senti uma raiva insuportável. Com o rosto corado, comecei a lembrar quantas vezes quase havia expressado meu amor por ela, e como ela não me impediu nem me avisou, então, concluí, ela estava rindo de mim. Então, é claro, percebi e lembrei que ela não ria nada, mas pelo contrário, ela mesma interrompeu essas conversas de brincadeira e começou outras em seu lugar - mas então eu não consegui entender isso e queimei de vingança . Lembro-me com surpresa que essa vingança e minha raiva foram extremamente dolorosas e nojentas para mim, porque, tendo um caráter leve, não pude ficar com raiva de ninguém por muito tempo e, portanto, por assim dizer, me inflamei artificialmente, e finalmente tornou-se feio e absurdo. Esperei a minha hora e uma vez numa grande sociedade consegui de repente ofender o meu “rival” como que pela razão mais estranha, rir da sua opinião sobre um acontecimento importante naquela época - foi no ano vinte e seis - e rir, diziam as pessoas, conseguiu espirituosamente e habilmente. Aí forcei-o a dar uma explicação e fui tão rude durante a explicação que ele aceitou meu desafio, apesar da enorme diferença entre nós, pois eu era mais jovem que ele, insignificante e de baixa posição social. Mais tarde tive a certeza de que ele aceitou o meu desafio como se também por ciúme de mim: ele já tinha tido ciúmes de mim antes, um pouco, da mulher, que ainda era sua noiva; Agora eu pensava que se ela descobrisse que ele sofreu um insulto meu, mas não ousasse desafiá-lo para um duelo, então ela não o desprezaria involuntariamente e seu amor não vacilaria. Rapidamente consegui um segundo, um camarada, nosso tenente do regimento. Naquela época, embora os duelos fossem cruelmente perseguidos, havia até uma moda para eles entre os militares - então os preconceitos selvagens às vezes crescem e se fortalecem. Era final de junho, e então nos encontramos no dia seguinte, fora da cidade, às sete horas da manhã - e realmente algo fatal aconteceu comigo aqui. Voltando para casa à noite, feroz e feio, fiquei zangado com meu ordenança Atanásio e bati nele duas vezes no rosto com todas as minhas forças, de modo que seu rosto ficou ensanguentado. Ele serviu comigo há pouco tempo, e já aconteceu antes de ele bater nele, mas nunca com tanta crueldade. E acreditem, queridos, quarenta anos se passaram desde aquela época, mas ainda me lembro disso com vergonha e tormento. Fui para a cama, adormeci umas três horas, levantei e o dia já havia começado. Levantei-me de repente, não queria mais dormir, fui até a janela, abri - dava para o meu jardim - vi o sol nascendo, estava quente, lindo, os pássaros cantavam. O que é, penso eu, que sinto em minha alma, como se fosse algo vergonhoso e vil? Não é porque vou derramar sangue? Não, acho que não é por isso. É porque tenho medo da morte, medo de ser morto? Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum... E de repente percebi imediatamente qual era o problema: que eu havia derrotado Afanasy naquela noite! De repente, tudo me pareceu de novo, como se estivesse acontecendo de novo: ele estava parado na minha frente, e eu estava batendo nele com força bem no rosto, e ele segurava as mãos ao lado do corpo, a cabeça reta , com os olhos esbugalhados como se estivesse na frente, ele treme a cada golpe e até levantou os braços, para se proteger, ele não ousa - e é o homem que é levado a isso, e é o homem que bate no homem . Que crime! Foi como se uma agulha afiada perfurasse toda a minha alma. Estou ali parado, atordoado, e o sol está brilhando, as folhas estão alegres e brilhando, e os pássaros, os pássaros estão louvando a Deus... Cobri o rosto com as duas mãos, caí na cama e chorei muito. E então me lembrei de meu irmão Markel e de suas palavras aos servos antes de sua morte: “Meus queridos, queridos, por que vocês me servem, por que vocês me amam e vale a pena me servir?” “Sim, estou de pé”, de repente surgiu na minha cabeça. Na verdade, por que valho tanto que outra pessoa, da mesma imagem e semelhança de Deus que eu, me sirva? Então essa pergunta ficou na minha cabeça pela primeira vez na vida. “Mãe, você é meu pequeno sangue. Na verdade, todos são culpados antes de todos, por todos, só que as pessoas não sabem disso, e se soubessem, seria o paraíso agora! Senhor, isso realmente não é verdade, eu choro e penso - na verdade, para todos, posso ser mais culpado do que qualquer outra pessoa, e ainda pior do que qualquer outra pessoa no mundo! E de repente toda a verdade se apresentou a mim, em toda a sua iluminação: o que vou fazer? Vou matar um homem gentil, inteligente, nobre, inocente de qualquer coisa diante de mim, e assim privar sua esposa da felicidade para sempre, torturá-lo e matá-lo. Fiquei deitado na cama, de bruços, com o rosto no travesseiro, e não percebi como o tempo havia passado. De repente meu camarada, o tenente, chega atrás de mim, com pistolas: “Ah”, diz ele, que bom que você já está acordado, está na hora, vamos embora”. Eu estava correndo por aqui, completamente perdido, mas saímos para entrar na carruagem: “Espere aqui um pouco”, digo a ele, “vou fugir daqui a pouco, esqueci minha carteira”. E ele voltou correndo para o apartamento sozinho, direto para o armário de Afanasy: “Afanasy”, eu disse, “ontem bati duas vezes na sua cara, me perdoe”, eu disse. Ele estremeceu, como se estivesse assustado, olhou, e eu vi que isso não bastava, não bastava, mas de repente, como estava de dragonas, bateu os pés com a testa no chão: “Perdoe-me!” eu digo. Nesse momento ele ficou completamente estupefato: “Meritíssimo pai, mestre, como vai você... eu vale a pena...” e de repente ele começou a chorar, assim como eu havia feito agora, cobriu o rosto com ambos palmas das mãos, virado para a janela e tremendo de lágrimas, corri para o meu amigo, entrei na carruagem, “pega”, gritei: “Eu vi, grito para ele, o vencedor, aqui está ele. está na sua frente! Estou tão encantada, rio, falo e falo o tempo todo, nem lembro o que falei. Ele olha para mim: “Bom, irmão, muito bem, vejo que você vai apoiar o uniforme”. Então chegamos ao local, e eles já estavam lá, nos esperando. Nos colocaram a doze passos um do outro, ele deu o primeiro tiro - estou na frente dele alegre, cara a cara, não pisco um olho, olho para ele com carinho, sei o que vou fazer fazer. Ele disparou, uma gota apenas arranhou minha bochecha e atingiu minha orelha - “graças a Deus, gritei, não mataram homem!” Sim, ele pegou sua pistola, virou-se, jogou-a na floresta e lançou-a: “Pronto, eu grito, você está a caminho!” Ele se voltou para o inimigo: “Caro senhor, eu digo, perdoe-me, um jovem estúpido que, por minha culpa, o ofendeu e agora o forçou a atirar em si mesmo. Eu mesmo sou dez vezes pior que você, e talvez até mais. Dê isso à pessoa que você honra mais do que qualquer outra pessoa no mundo.” Assim que eu disse isso, os três gritaram: “Por misericórdia, diz meu oponente”, ele até ficou bravo, “se você não queria lutar, por que se preocupar?” “Ontem, digo a ele, ainda era estúpido, mas hoje me tornei mais sábio”, respondo alegremente. - “Acredito em ontem”, diz ele, mas em relação a hoje é difícil concluir na sua opinião.” - “Bravo, eu grito para ele, bati palmas, - concordo com você nisso, eu mereço!” - “Você, meu caro senhor, atirará ou não?” “Não vou”, digo, “e se você quiser, atire de novo, mas seria melhor se você não atirasse”. Os segundos, principalmente os meus, também gritam: “Como é desonrar um regimento, parado na barreira, pedindo perdão; Se eu soubesse disso! Fiquei aqui na frente de todos e não ri mais: “Meus senhores, eu digo, é realmente tão surpreendente em nossa época encontrar uma pessoa que se arrependeria de sua estupidez e admitiria publicamente do que ele próprio é culpado?” “Mas não na barreira”, meu segundo grita novamente. “É isso”, respondo, “isso é o que é surpreendente, porque eu deveria apenas ter obedecido quando chegamos aqui, antes mesmo do tiro, e não levá-los a um pecado grande e mortal, mas é tão feio, eu digo , arranjamos para nós mesmos no mundo que era quase impossível fazê-lo, pois só depois de resistir ao tiro deles a doze passos, minhas palavras agora podem significar algo para eles, e se antes do tiro, como eles chegaram aqui? , diriam simplesmente: ele é um covarde, tem medo da arma e não adianta ouvi-lo. Senhores, exclamei de repente de todo o coração, olhem em volta para os dons de Deus: o céu claro, o ar puro, a grama tenra, os pássaros, a natureza bela e sem pecado, e nós, só nós somos ímpios e estúpidos e não entenda que a vida é o paraíso, pois assim que quisermos entender, ela imediatamente aparecerá em toda a sua beleza, nos abraçaremos e choraremos...” Eu queria continuar, mas não consegui, me tirou o fôlego, foi tão doce, tão jovem, e em meu coração havia uma felicidade como nunca senti em toda a minha vida. “Tudo isso é prudente e piedoso”, diz-me o oponente, “e, em todo caso, você é uma pessoa original”. “Ria”, eu rio dele, “e depois elogie a si mesmo”. “Sim, agora estou pronto, diz ele, para elogiar, por favor, estendo-lhe a mão, porque parece que você é uma pessoa verdadeiramente sincera”. - “Não, eu digo, não é necessário agora, mas mais tarde, quando eu melhorar e ganhar o seu respeito, então aguente, você se sairá bem.” Voltamos para casa, meu segundo repreendeu o tempo todo e eu o beijei. Imediatamente todos os meus camaradas ouviram e se reuniram para me julgar naquele mesmo dia: “Meu uniforme, dizem, está sujo, deixe-o renunciar”. Os defensores também apareceram: “Mesmo assim, dizem que ele sobreviveu ao chute”. - “Sim, mas tive medo de outros tiros e pedi perdão na barreira.” “Se ele tivesse medo de tiros”, objetam os defensores, teria disparado primeiro a pistola antes de pedir perdão, mas jogou-a na floresta, ainda carregada, não, aqui saiu outra coisa, algo original.” Eu escuto, olhando para eles com alegria: “Meus queridos amigos e camaradas, eu digo, não se preocupem comigo pedindo demissão, porque eu já fiz isso, já entreguei, hoje no escritório, de manhã, e quando eu receber minha demissão, irei imediatamente para o mosteiro, e é por isso que estou renunciando.” Assim que eu disse isso, cada um deles caiu na gargalhada: “Você deveria ter me contado desde o início, bem, agora está tudo explicado, você não pode julgar um monge”, eles riem, eles não pare, e nem um pouco zombeteiro, mas riem com tanto carinho, com alegria, se apaixonaram De repente todos, até os mais ardentes acusadores, e depois todo esse mês, até sair minha demissão, foi como se estivessem me carregando seus braços: “Oh, seu monge”, eles disseram. E todos me diziam uma palavra gentil, começaram a me dissuadir, até a sentir pena de mim: “O que você está fazendo consigo mesmo?” - “Não, dizem que ele é corajoso conosco, ele resistiu a um tiro e podia atirar com sua pistola, mas ele teve um sonho no dia anterior para se tornar monge, por isso.” Exatamente a mesma coisa quase aconteceu na sociedade urbana. Antes eles não me notavam particularmente, apenas me recebiam com cordialidade, mas agora de repente todos que competiam entre si me reconheceram e começaram a me convidar para sua casa: eles próprios riem de mim, mas me amam. Observo aqui que, embora todos estivessem falando em voz alta sobre a nossa luta, as autoridades encerraram o caso, porque meu oponente era parente próximo do nosso general, e como o assunto terminou sem derramamento de sangue, e como se fosse uma piada, e eu finalmente renunciou, então eles realmente transformaram isso em uma piada. E então comecei a falar alto e sem medo, apesar das risadas deles, porque afinal as risadas não eram más, mas gentis. Todas essas conversas aconteciam principalmente à noite, na companhia de mulheres; as mulheres adoravam me ouvir mais e forçavam os homens. “Como é possível que eu seja o culpado por todos”, todos riem na minha cara, “bem, como posso, por exemplo, ser o culpado por você?” “Mas onde”, respondo-lhes, “vocês deveriam saber disso, quando o mundo inteiro há muito seguiu um caminho diferente e quando consideramos uma mentira completa como a verdade e exigimos as mesmas mentiras dos outros. Então, uma vez na minha vida eu aceitei e agi com sinceridade, e bem, me tornei um idiota por todos vocês: mesmo que vocês me amem, vocês ainda riem de mim, eu digo. - “Como posso não te amar assim?” A anfitriã ri alto para mim e sua reunião estava lotada. De repente, vejo que surge entre as damas a mesma jovem, por causa de quem então desafiei para um duelo e que tão recentemente havia previsto como minha noiva, e nem percebi como ela havia chegado agora para o noite. Ela se levantou, veio até mim, estendeu a mão: “Deixe-me”, diz ele, explicar que não sou o primeiro a rir de você, mas pelo contrário, agradeço com lágrimas e declaro meu respeito por você por sua ação naquele momento. O marido dela também veio aqui e de repente todos se aproximaram de mim e quase me beijaram. Fiquei tão feliz, mas mais do que qualquer outra pessoa, de repente notei um senhor, um homem já idoso, que também se aproximou de mim, que, embora eu já conhecesse pelo nome antes, nunca o tinha conhecido, e até aquela noite até conversei com ele não disse.

d) Visitante misterioso.

Ele estava há muito tempo a serviço de nossa cidade, ocupava posição de destaque, era respeitado por todos, era rico, era famoso por sua caridade, doou capital significativo para um asilo e um orfanato, e além disso , ele fez muitas boas ações secretamente, sem publicidade, que mais tarde, após a morte, foi descoberto. Ele tinha cerca de cinquenta anos, tinha uma aparência quase severa e era taciturno; Ele foi casado por não mais de dez anos com sua ainda jovem esposa, com quem teve três filhos pequenos. Na noite seguinte, eu estava sentado em casa, quando de repente minha porta se abriu e esse mesmo senhor veio até mim.

E convém ressaltar que naquela época eu não morava mais no meu apartamento anterior, mas assim que pedi demissão, mudei para outro e contratei uma senhora idosa, viúva de um funcionário, e seus empregados, porque minha mudança para este apartamento só aconteceu porque acompanhei Atanásio de volta à empresa no mesmo dia em que voltei do duelo, porque tive vergonha de olhá-lo nos olhos depois do que fiz com ele outro dia - tão inclinado é um homem mundano e despreparado a tenha vergonha até mesmo de sua outra causa mais justa.

“Eu”, diz o senhor que me procurou, “há vários dias que o ouço em diferentes casas com grande curiosidade e finalmente desejei conhecê-lo pessoalmente para conversar com você ainda mais detalhadamente. Você pode me fornecer, caro senhor, um serviço tão bom?” “Posso, digo, com muito prazer, e considero isso uma honra especial”, digo isso a ele, e eu mesmo fiquei quase assustado, de tão surpreso que ele ficou comigo desde a primeira vez. Pois embora me ouvissem e estivessem curiosos, nunca ninguém se aproximou de mim com um olhar interior tão sério e severo. E este veio pessoalmente ao meu apartamento. Ele se sentou. “Vejo grande força de caráter em você”, continua ele, “pois você não teve medo de servir a verdade em um assunto em que arriscava, pela sua verdade, o desprezo geral de todos”. “Você pode estar me elogiando de forma muito exagerada”, digo a ele. “Não, não é exagero”, ele me responde, “acredite, é muito mais difícil cometer tal ato do que você pensa. “Na verdade”, ele continua, “fiquei impressionado com isso e foi por isso que vim até você”. Descreva-me, se você não desdenha algo tão obsceno, talvez seja curiosidade minha, o que exatamente você sentiu naquele momento em que decidiu pedir perdão durante o duelo, se ao menos se lembra? Não considere minha pergunta frívola; pelo contrário, ao fazer tal pergunta, tenho meu próprio objetivo secreto, que provavelmente lhe explicarei mais tarde, se Deus quiser nos aproximar ainda mais brevemente”.

Durante todo o tempo em que ele dizia isso, olhei diretamente para seu rosto e de repente senti uma forte confiança nele, e também uma curiosidade extraordinária de minha parte, porque senti que ele tinha algum tipo de segredo especial em sua alma.

“Você está perguntando o que exatamente eu senti naquele momento quando pedi perdão ao inimigo”, respondo, “mas é melhor eu lhe contar desde o início o que ainda não contei aos outros”, e eu disse ele tudo o que aconteceu comigo Atanásio e como ele se curvou até o chão. “A partir disso você pode ver por si mesmo”, concluí para ele, “que já durante a luta foi mais fácil para mim, pois comecei em casa, e uma vez que entrei neste caminho, tudo o que se seguiu não só não foi difícil, mas até alegre e alegre.”

Ele me ouviu e me olhou tão bem: “Tudo isso, disse ele, é extremamente interessante, voltarei até você sempre”. E a partir daí ele começou a vir até mim quase todas as noites. E teríamos ficado muito amigáveis ​​se ele também tivesse me contado sobre si mesmo. Mas ele não disse quase uma palavra sobre si mesmo e continuou perguntando sobre mim. Apesar de eu o amar muito e confiar nele totalmente em todos os meus sentimentos, pois penso: para que preciso dos seus segredos, vejo mesmo sem isso que ele é um homem justo. Além disso, este homem é tão sério e desigual comigo em anos, mas vem até mim, um jovem, e não me desdenha. E aprendi muitas coisas úteis com ele, pois era um homem de grande inteligência. “Essa vida é o paraíso”, ele me disse de repente, “estou pensando nisso há muito tempo”, e de repente acrescentou: “Isso é tudo em que estive pensando”. Ele olha para mim e sorri. “Estou mais convencido disso do que você”, diz ele, “e então você descobrirá o porquê”. Ouço isso e penso comigo mesmo: “Ele provavelmente quer me revelar algo”. “O paraíso”, diz ele, está escondido em cada um de nós, e agora está escondido em mim, e quero que ele venha para mim amanhã pelo resto da minha vida.” Eu olho: ele fala emocionado e me olha misteriosamente, como se estivesse me questionando. “E sobre o fato”, continua ele, de que cada pessoa é culpada por tudo e todos, além de seus próprios pecados, você julgou isso de forma absolutamente correta e é incrível como de repente você pôde abraçar esse pensamento com tanta plenitude. E é verdadeiramente verdade que quando as pessoas compreenderem esta ideia, então o reino dos céus virá para elas, não num sonho, mas na realidade.” “E quando”, exclamei para ele aqui com tristeza, “isso se tornará realidade, e algum dia se tornará realidade novamente? Isso não é apenas um sonho? “Mas você”, diz ele, “não acredita, você prega e não acredita em si mesmo. Saiba que sem dúvida esse sonho, como você diz, se tornará realidade, acredite, mas não agora, pois cada ação tem sua lei. Esta é uma questão espiritual e psicológica. Para refazer o mundo de uma nova maneira, é necessário que as próprias pessoas se voltem mentalmente para um caminho diferente. Até que você realmente se torne irmão de todos, a fraternidade não virá. As pessoas, por maior que seja a ciência ou qualquer benefício, alguma vez conseguirão dividir-se inofensivamente nas suas propriedades e nos seus direitos. Nem tudo será suficiente para todos e todos irão resmungar, invejar e destruir uns aos outros. Você pergunta quando isso se tornará realidade. Isso se tornará realidade, mas primeiro deve haver um período de solidão humana. “Que tipo de privacidade é essa?”, pergunto a ele. - “E aquele que agora reina em todos os lugares, e especialmente no nosso século, mas a sua totalidade ainda não está concluída e a sua hora ainda não chegou. Pois cada um agora se esforça ao máximo para separar o seu rosto, quer experimentar a plenitude da vida em si mesmo, e ainda assim de todos os seus esforços, em vez da plenitude da vida, só sai o suicídio completo, porque em vez da plenitude de definir o seu ser , ele cai em completa solidão. Pois na nossa época todos se dividiram em unidades, cada um se retira para o seu buraco, cada um se afasta dos outros, esconde e esconde o que tem, e acaba se afastando das pessoas e afastando as pessoas de si mesmo. Ele acumula riquezas na solidão e pensa: quão forte e quão rico sou agora, mas o louco não sabe que quanto mais acumula, mais mergulha na impotência suicida. Pois ele se acostumou a confiar apenas em si mesmo e se separou do todo como uma unidade, ensinou sua alma a não acreditar na ajuda humana, nas pessoas e na humanidade, e apenas treme que seu dinheiro e seus direitos adquiridos sejam perdidos. Hoje em dia, em todos os lugares, a mente humana começa a não compreender zombeteiramente que a verdadeira segurança de uma pessoa não reside no seu esforço pessoal e solitário, mas na integridade humana comum. Mas certamente acontecerá que chegará o momento desta terrível solidão, e todos compreenderão imediatamente como se separaram de forma anormal. Este será o espírito dos tempos, e eles ficarão surpresos por terem ficado sentados nas trevas por tanto tempo e não terem visto a luz. Então o sinal do filho do homem aparecerá no céu... Mas até então ainda é preciso cuidar da bandeira e não, não, mas pelo menos uma vez a pessoa deve de repente dar o exemplo e tirar a alma da solidão à façanha da comunicação amorosa fraterna, mesmo que apenas na categoria de um santo tolo. Isto é para que um grande pensamento não morra...”

Foi em conversas tão ardentes e deliciosas que nossas noites passaram uma após a outra. Até abandonei a sociedade e comecei a aparecer nos convidados com muito menos frequência, além de a moda para mim ter começado a desaparecer. Digo isso não como uma condenação, pois eles continuaram a me amar e a me tratar com alegria; mas o fato de a moda ser realmente uma grande rainha no mundo, ainda temos que admitir. Finalmente comecei a olhar com admiração para meu misterioso visitante, pois, além de desfrutar de sua mente, comecei a ter o pressentimento de que ele estava abrigando algum tipo de plano e se preparando para uma façanha talvez grande. Talvez ele tenha gostado do fato de eu não estar aparentemente curioso sobre seu segredo, não ter perguntado direta ou indiretamente. Mas finalmente percebi que ele próprio parecia ter começado a ansiar pelo desejo de me revelar algo. Pelo menos isso ficou muito claro cerca de um mês depois, quando ele começou a me visitar. “Você sabe”, ele me perguntou um dia, “que na cidade eles têm muita curiosidade sobre nós dois e ficam surpresos por eu ir até você com tanta frequência; mas deixe-os, pois em breve tudo estará explicado. Às vezes, uma excitação extrema o atacava repentinamente e, quase sempre, nesses casos, ele se levantava e ia embora. Às vezes ele me olha por um longo tempo, como se fosse penetrante, e eu penso: “Ele vai falar alguma coisa agora”, e de repente ele interrompe e começa a falar sobre algo conhecido e comum. Ele também começou a reclamar frequentemente de dores de cabeça. E então um dia, de forma bastante inesperada, depois de ter falado por muito tempo e com paixão, vejo que de repente ele empalideceu, seu rosto estava completamente distorcido e ele próprio estava olhando para mim como se estivesse à queima-roupa.

“O que há de errado com você”, eu digo, “você não está se sentindo mal?”

E ele estava reclamando de dor de cabeça.

- Eu... você sabe... eu... matei um homem.

Ele falou e sorriu, mas estava branco como giz. Por que ele está sorrindo?” esse pensamento de repente perfurou meu coração, antes mesmo que eu percebesse qualquer coisa. Eu mesmo fiquei pálido:

-O que você está falando? - eu grito para ele.

“Você vê”, todos me respondem com um sorriso pálido, “como custou para mim dizer a primeira palavra”. Agora ele disse e, ao que parece, pegou a estrada. Eu irei.

Por muito tempo não acreditei nele, e mais de uma vez acreditei nele, mas só depois que ele me visitou por três dias e me contou tudo detalhadamente. Achei-o louco, mas acabei por me convencer, claramente com muita tristeza e surpresa. Cometeram um grande e terrível crime, quatorze anos antes, contra uma senhora rica, uma jovem e bela viúva, proprietária de terras, que tinha casa própria em nossa cidade para sua visita. Sentindo um grande amor por ela, ele lhe fez uma declaração de amor e começou a persuadi-la a se casar com ele. Mas ela já havia entregado seu coração a outro, um nobre militar de posição não pequena, que naquela época estava em campanha e que ela esperava, no entanto, que logo viesse até ela. Ela rejeitou a proposta e pediu-lhe que não fosse à casa dela. Parando de caminhar, ele, sabendo a localização da casa dela, dirigiu-se até ela à noite, vindo do jardim pelo telhado, com grande audácia, correndo o risco de ser descoberto. Mas, como muitas vezes acontece, todos os crimes cometidos com extraordinária audácia são, na maioria das vezes, bem-sucedidos. Entrando no sótão da casa pela mansarda, desceu até a sala dela pelas escadas do sótão, sabendo que a porta do final da escada nem sempre estava trancada por descuido dos criados. Eu também esperava esse erro desta vez e simplesmente percebi. Depois de entrar nos aposentos, ele, na escuridão, entrou no quarto dela, onde uma lamparina estava acesa. E como que de propósito, as duas criadas foram embora tranquilamente, sem convidar, na casa ao lado, para uma festa de aniversário que acontecia na mesma rua. O restante dos criados e empregadas dormiam nos aposentos dos empregados e na cozinha, no andar inferior. Ao ver a mulher adormecida, a paixão explodiu nele, e então uma raiva vingativa e ciumenta tomou conta de seu coração e, sem se lembrar de si mesmo, como um bêbado, ele se aproximou e enfiou uma faca direto no coração dela, para que ela fez não grite. Depois, com cálculos infernais e criminosos, fez com que pensassem nos criados: não hesitou em pegar a bolsa dela, abriu a cômoda com as chaves que tirou de debaixo do travesseiro e pegou algumas coisas dele, exatamente como um servo ignorante teria feito então - deixei alguns títulos, mas peguei apenas dinheiro, peguei várias coisas maiores de ouro e dez vezes as mais preciosas, mas negligenciei as pequenas coisas. Também peguei outra coisa como lembrança, mas falaremos mais sobre isso depois. Tendo realizado esse feito terrível, ele saiu pelo mesmo caminho. Nem no dia seguinte, quando o alarme foi dado, e nunca mais em toda a minha vida, ocorreu a alguém suspeitar de um verdadeiro vilão! E ninguém sabia de seu amor por ela, pois ele foi e sempre teve um caráter silencioso e pouco comunicativo, e não tinha amigo a quem confiasse sua alma. Consideravam-no simplesmente um conhecido da mulher assassinada e nem tão próximo, pois nas últimas duas semanas ele não a visitara. Imediatamente suspeitaram de seu servo Pedro, e todas as circunstâncias se uniram para confirmar essa suspeita, pois este servo sabia, e a própria falecida não escondeu que pretendia entregá-lo como soldado, como recruta de seus camponeses, já que ele estava sozinho e com mau comportamento além disso. Eles o ouviram, bêbado e furioso, ameaçando matá-la em uma casa de bebidas. Dois dias antes de sua morte, ele fugiu e morou em algum lugar da cidade em lugares desconhecidos. No dia seguinte ao assassinato, encontraram-no na estrada, ao sair da cidade, completamente bêbado, com uma faca no bolso e com a palma direita manchada de sangue por algum motivo. Ele alegou que o sangue saía do nariz, mas eles não acreditaram. As empregadas confessaram que estiveram em uma festa e que as portas de entrada da varanda permaneceram destrancadas até o retorno. E muito mais do que isso houve sinais semelhantes a este, segundo os quais o servo inocente foi capturado. Eles o prenderam e iniciaram um julgamento, mas apenas uma semana depois o homem preso adoeceu com febre e morreu no hospital sem memória. Foi assim que o assunto terminou, entregaram-no à vontade de Deus, e todos, os juízes, as autoridades e toda a sociedade, permaneceram convencidos de que ninguém cometeu o crime, a não ser o servo morto. E por isso começou o castigo.

O misterioso convidado, e agora meu amigo, me disse que a princípio nem mesmo foi atormentado pelo remorso. Ele foi atormentado por muito tempo, mas não pelo arrependimento, mas apenas pelo arrependimento de ter matado sua amada, de ela não estar mais lá, de que, ao matá-la, ele tivesse matado seu amor, enquanto o fogo da paixão permanecia em seu sangue. Mas quase então ele nem pensou em derramar sangue inocente, em matar uma pessoa. A ideia de que sua vítima pudesse se tornar esposa de outra pessoa lhe parecia impossível e, portanto, por muito tempo ele esteve convencido em sua consciência de que não poderia fazer de outra forma. A princípio ele foi atormentado pela prisão de seu servo, mas a doença súbita e depois a morte do prisioneiro o acalmaram, pois ele morreu, com toda a probabilidade (ele raciocinou então), não de prisão ou susto, mas de um resfriado. adquirido justamente durante os dias de sua fuga, quando ele, bêbado, ficou deitado no chão úmido a noite toda. As coisas e o dinheiro roubados não o incomodavam muito, pois (ele ainda raciocinava) o roubo não foi feito por interesse próprio, mas para desviar as suspeitas em outra direção. A quantidade de bens roubados era insignificante e ele rapidamente doou todo esse valor, e ainda muito mais, para um asilo estabelecido em nossa cidade. Ele fez isso de propósito para acalmar sua consciência sobre o roubo e, surpreendentemente, por um tempo, e até por muito tempo, ele realmente se acalmou - ele mesmo me transmitiu isso. Embarcou então numa grande carreira, ele próprio pediu uma incómoda e difícil missão, que o ocupou durante dois anos, e, sendo de carácter forte, quase se esqueceu do ocorrido; quando se lembrava, tentava não pensar nele. Ele também fez caridade, organizou e doou muito em nossa cidade, declarou-se nas capitais e foi eleito em Moscou e São Petersburgo como membro das sociedades de caridade locais. Mesmo assim, ele finalmente começou a pensar com tormento, além de suas forças. Então ele se apaixonou por uma garota bonita e prudente, e rapidamente se casou com ela, sonhando que com o casamento afastaria sua melancolia solitária, e ao entrar em um novo caminho e cumprir zelosamente seu dever para com sua esposa e filhos, ele se mudaria longe de velhas memórias completamente. Mas aconteceu exatamente o oposto dessa expectativa. Ainda no primeiro mês de casamento, um pensamento contínuo começou a confundi-lo: “Minha esposa me ama, mas e se ela descobrir?” Quando engravidei do meu primeiro filho e lhe contei isso, ele de repente ficou sem graça: “Eu dou a vida, mas eu tirei a vida”. As crianças disseram: “Como ouso amá-los, ensiná-los e educá-los, como vou falar-lhes da virtude: eu derramei sangue”. As crianças estão crescendo lindas, quero acariciá-las: “Mas não consigo olhar para seus rostos inocentes e claros; não é digno disso." Finalmente, ele começou a imaginar de forma ameaçadora e amarga o sangue da vítima assassinada, sua jovem vida arruinada, sangue clamando por vingança. Ele começou a ter sonhos terríveis. Mas sendo forte de coração, ele suportou o tormento por muito tempo: “Vou expiar tudo com este meu tormento secreto”. Mas esta esperança foi em vão: quanto mais avançava, mais forte se tornava o sofrimento. Na sociedade, começaram a respeitá-lo pelas suas atividades de caridade, embora tivessem cada vez mais medo do seu caráter rígido e sombrio, mas quanto mais começaram a respeitá-lo, mais insuportável isso se tornou para ele. Ele admitiu para mim que estava pensando em se matar. Mas em vez disso, ele começou a imaginar outro sonho. - um sonho que a princípio considerou impossível e louco, mas que finalmente se prendeu tanto ao seu coração que foi impossível arrancá-lo. Ele sonhou assim: rebelar-se, sair na frente do povo e anunciar a todos que havia matado um homem. Durante três anos ele viveu com esse sonho, e ele lhe pareceu de diferentes formas. Por fim, acreditou de todo o coração que, tendo declarado o seu crime, sem dúvida curaria a sua alma e descansaria em paz de uma vez por todas. Mas, tendo acreditado, senti horror em meu coração, pois como cumpri-lo? E de repente esse incidente aconteceu durante minha luta. "Olhando para você, agora me decidi." Eu olho para ele:

“E realmente”, exclamei para ele, apertando as mãos, “poderia um incidente tão pequeno dar origem a tamanha determinação em você?”

“Minha determinação levou três anos para se formar”, ele me responde, “e seu incidente apenas deu-lhe um impulso”. Olhando para você, me repreendi e invejei você”, ele me disse isso com severidade.

“Eles não vão acreditar em você”, comentei com ele, “quatorze anos se passaram”.

- Tenho ótimas provas. Eu vou te apresentar. E então eu chorei e o beijei.

- Decida uma coisa por mim, uma coisa! - ele me disse (como se tudo dependesse de mim agora): - esposa, filhos! A esposa pode morrer de tristeza, e os filhos, embora não percam sua nobreza e propriedade, serão filhos de Varnak, e para sempre. E que lembrança, que lembrança deixarei em seus corações!

Estou em silêncio.

- E separar-se deles, deixá-los para sempre? Afinal, para sempre, para sempre!

Sento-me, sussurrando silenciosamente uma oração para mim mesmo. Finalmente me levantei, estava com medo.

- O que? - olha para mim.

“Vá”, eu digo, anuncio ao povo. Tudo vai passar, só a verdade permanecerá. As crianças compreenderão quando crescerem quanta generosidade esteve presente na sua grande determinação.

Ele me deixou então como se realmente tivesse se decidido. Mas mesmo assim ele veio me ver por mais de duas semanas, todas as noites seguidas, ainda se preparando, ainda sem conseguir se decidir. Ele atormentou meu coração. Aí ele vem com firmeza e diz com ternura:

“Eu sei que o paraíso virá para mim, virá assim que eu anunciar.” Fiquei no inferno por quatorze anos. Eu quero sofrer. Aceitarei o sofrimento e começarei a viver. Você passará pelo mundo pela mentira, mas não retornará. Agora não me atrevo a amar não só o meu próximo, mas também os meus filhos. Senhor, os filhos compreenderão, talvez, o que me custou o meu sofrimento e não me condenarão! O Senhor não está no poder, mas na verdade.

“Todos entenderão sua façanha”, digo a ele, “não agora, mas depois entenderão, porque serviram à verdade, à verdade mais elevada, sobrenatural...

E ele me deixa como que consolado, e no dia seguinte volta de repente, zangado, pálido, e diz zombeteiro:

“Cada vez que entro na sua casa você olha com muita curiosidade: “Ele não anunciou de novo?” Espere, não despreze muito. Não é tão fácil de fazer quanto você pensa. Posso não fazer isso ainda. Você não vai me denunciar então, vai?

E não apenas olhei com uma curiosidade irracional, como tive medo até de olhar para ele. Eu estava exausto a ponto de adoecer e minha alma estava cheia de lágrimas. Até perdi o sono à noite.

“Estou vindo agora”, continua ele, “da minha esposa”. Você entende o que é uma esposa? As crianças, quando saí, gritaram para mim:

“Adeus, pai, venha rapidamente conosco ler leituras infantis.” Não, você não entende isso! O infortúnio de outra pessoa não dá a mínima para a pessoa.

Seus olhos brilharam, seus lábios começaram a dançar. De repente ele bateu na mesa com o punho, fazendo com que as coisas sobre a mesa saltassem - um homem tão gentil, foi a primeira vez que isso aconteceu com ele.

- É necessário? - exclamou, - é necessário? Afinal, ninguém foi condenado, ninguém foi mandado para trabalhos forçados por minha causa, o servo morreu de doença. E pelo sangue que derramei, fui punido com tormento. E eles não vão acreditar em mim, não vão acreditar em nenhuma das minhas evidências. É necessário anunciá-lo, é necessário? Estou pronto para sofrer toda a minha vida pelo sangue derramado, só para não prejudicar minha esposa e meus filhos. Seria justo destruí-los com você? Estamos errados? Onde está a verdade aqui? E as pessoas conhecerão esta verdade, irão apreciá-la, irão honrá-la?

"Deus! Eu penso comigo mesmo, penso no respeito das pessoas nesse momento!” E senti tanta pena dele que, ao que parecia, eu mesmo teria compartilhado seu destino, só para torná-lo mais fácil. Vejo que ele está frenético. Fiquei horrorizado, entendendo não mais apenas com minha mente, mas com minha alma viva, o que valia tal determinação.

- Decida seu destino! - ele exclamou novamente.

“Vá e anuncie”, sussurrei para ele. Eu não tinha voz suficiente, mas sussurrei com firmeza. Peguei o Evangelho, a tradução russa, da mesa e mostrei-lhe de João, capítulo XII, versículo 24:

“Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo não cair na terra e morrer, ele permanecerá só, mas se morrer, dará muito fruto.” Acabei de ler este versículo antes de sua chegada.

Ele leu: “É verdade”, disse ele, mas sorriu amargamente: “Sim, nestes livros”, diz ele, após uma pausa, “é terrível o que você vai encontrar”. É fácil enfiá-los debaixo do nariz. E quem os escreveu, realmente pessoas?

“O Espírito Santo escreveu”, eu digo.

“É fácil para você conversar”, ele sorriu novamente, mas agora quase com ódio. Peguei novamente o livro, desdobrei-o em outro lugar e mostrei-lhe Hebreus, capítulo X, versículo 31. Ele leu:

“É assustador cair nas mãos do deus vivo.”

Ele leu e jogou o livro fora. Ele até tremeu todo.

“É um versículo terrível”, diz ele, “não há nada a dizer, eles o pegaram”. Ele se levantou da cadeira: “Bem”, disse ele, “adeus, talvez eu não volte mais... vejo você no céu”. Isso significa que já se passaram quatorze anos desde que “caí nas mãos do Deus vivo” – é assim que esses quatorze anos são chamados. Amanhã pedirei a estas mãos que me soltem...

Eu queria abraçá-lo e beijá-lo, mas não ousei - seu rosto estava tão contorcido e ele parecia pesado. Ele saiu. “Senhor, pensei, para onde foi o homem!” Ajoelhei-me diante do ícone e chorei por ele ao Santíssimo Theotokos, rápido intercessor e ajudante. Meia hora se passou desde que eu estava chorando em oração, e já era tarde da noite, por volta do meio-dia. De repente, vejo a porta se abrir e ele entrar novamente. Fiquei surpreso.

-Onde você esteve? - pergunto a ele.

“Eu”, diz ele, “parece que esqueci alguma coisa... um lenço, parece... Bem, pelo menos não esqueci nada, deixe-me sentar...”

Ele se sentou em uma cadeira. Estou de pé em cima dele. “Sente-se”, ele diz, “você também”. Eu sentei. Ficamos ali sentados por uns dois minutos, me olhamos atentamente e de repente sorrimos, lembrei disso, depois me levantei, me abracei forte e me beijei...

“Lembre-se”, diz ele, “de como cheguei até você em outra ocasião”. Você ouve, lembre-se disso!

A primeira vez que você me contou. E ele foi embora. “Amanhã”, pensei.

E assim se tornou realidade. E eu não sabia naquela noite que amanhã era seu aniversário. Eu mesmo não saí para lugar nenhum nos últimos dias e, portanto, não consegui saber de ninguém. Neste mesmo dia todos os anos ele fazia uma grande reunião, toda a cidade se reunia. Nós fomos morar juntos agora. E assim, após o almoço, ele sai para o meio, e em suas mãos está um papel - um relatório formal aos seus superiores. E como seus superiores estavam ali mesmo, ele imediatamente leu o jornal em voz alta para todos os presentes, e nele havia uma descrição completa de todo o crime em todos os detalhes: “Ao me expulsar do meio das pessoas, Deus me visitou”, concluiu o jornal: “Eu quero sofrer!” Ele imediatamente tirou e colocou sobre a mesa tudo o que achou que poderia usar para provar seu crime e que guardava há quatorze anos: as coisas de ouro da mulher assassinada, que ele roubou, pensando em desviar as suspeitas de si mesmo, dela medalhão e cruz, tirados de seu pescoço, - no medalhão havia um retrato de seu noivo, um bilhete de seu livro e finalmente duas cartas: uma carta de seu noivo para ela informando-a de sua chegada iminente, e sua resposta a esta carta , que começou e não terminou de escrever, deixou sobre a mesa para ser enviado amanhã ao correio. Ele levou as duas cartas consigo - para quê? Por que ele o guardou por quatorze anos em vez de destruí-lo como prova? E foi isso que aconteceu: todos ficaram surpresos e horrorizados, e ninguém quis acreditar, embora todos ouvissem com extrema curiosidade, mas como se fosse um doente, e poucos dias depois estava completamente decidido em todas as casas e foi sentenciou que o infeliz era louco. As autoridades e o tribunal não puderam deixar de avançar com o caso, mas também fizeram uma pausa: embora as coisas e cartas apresentadas fizessem pensar, foi aqui decidido que mesmo que estes documentos se revelassem verdadeiros, então a acusação final poderia não será pronunciada com base apenas nesses documentos. E ele poderia ter todas as coisas dela, como um conhecido dela, e por procuração. Ouvi dizer, porém, que a autenticidade das coisas foi posteriormente verificada através de muitos conhecidos e parentes da mulher assassinada, e que não havia dúvidas quanto a isso. Mas este assunto novamente não estava destinado a terminar. Cinco dias depois, todos souberam que o doente havia adoecido e temiam por sua vida. Não sei explicar com que doença ele adoeceu, disseram que era um distúrbio cardíaco, mas soube-se que o conselho dos médicos, por insistência da esposa, também atestou o seu estado mental, e que vieram ao conclusão de que já havia insanidade. Não revelei nada, embora tenham se apressado em me questionar, mas quando quis visitá-lo me proibiram por muito tempo, principalmente a esposa dele: “Foi você”, ela me disse, que o chateou, ele estava sombrio antes, e no ano passado todos notaram nele uma excitação extraordinária e ações estranhas, e então você simplesmente o arruinou; Foi você quem leu, ele não saiu do seu lado por um mês inteiro. E bem, não só minha esposa, mas todos na cidade me atacaram e me acusaram: “É tudo você”, dizem. Estou em silêncio e estou feliz em minha alma, pois vi a indubitável misericórdia de Deus para com aquele que se rebelou contra si mesmo e se executou. Mas eu não conseguia acreditar em sua insanidade. Finalmente me permitiram vê-lo e ele mesmo exigiu insistentemente que se despedisse de mim. Entrei e vi que não só seus dias, mas também suas horas estavam contadas. Ele estava fraco, amarelo, suas mãos tremiam, ele estava sem fôlego, mas parecia com ternura e alegria.

- Acabou! - Ele me disse: “Faz muito tempo que desejo ver você, por que você não veio?”

Eu não disse a ele que não tinha permissão para vê-lo.

“Deus teve pena de mim e está me chamando para ele. Sei que estou morrendo, mas sinto alegria e paz pela primeira vez depois de tantos anos. Imediatamente senti o paraíso em minha alma, apenas fiz o que precisava fazer. Agora me atrevo a amar meus filhos e beijá-los. Eles não acreditam em mim e ninguém acreditou em mim, nem minha esposa nem meus juízes; Mesmo as crianças nunca acreditarão nisso. Vejo a misericórdia de Deus nisso para meus filhos. Eu morrerei e meu nome será imaculado para eles. E agora tenho um pressentimento de Deus, meu coração está tão feliz como no céu... cumpri meu dever...

Ele não consegue falar, está engasgado, aperta minha mão calorosamente, olha para mim com raiva. Mas não conversamos por muito tempo; a esposa dele continuou nos monitorando. Mas ele conseguiu sussurrar para mim:

“Você se lembra de como cheguei até você naquela outra vez, à meia-noite?” Ele disse para você se lembrar de mais alguma coisa? Você sabe por que eu entrei? Eu vim para te matar!

Estremeci tanto.

“Então eu deixei você na escuridão, vaguei pelas ruas e lutei comigo mesmo. E de repente eu te odiei tanto que meu coração mal aguentou. “Agora, creio, só ele me amarrou, e meu juiz, não posso mais recusar minha execução amanhã, pois ele sabe de tudo.” E não realmente. Tive medo que você denunciasse (não pensei nisso), mas penso: “Como vou olhar para ele se não me denunciar?” E mesmo que você estivesse longe, você estava vivo, mesmo assim, esse pensamento de que você estava vivo e sabia de tudo e estava me julgando era insuportável. Eu te odiei, como se você fosse a causa de tudo e o culpado de tudo. Voltei para você então, lembro que tinha uma adaga na sua mesa. Sentei-me e pedi que você se sentasse e pensei por um minuto inteiro. Se eu tivesse matado você, ainda teria morrido por esse assassinato, mesmo que não tivesse anunciado o crime anterior. Mas eu não pensei nisso e não queria pensar nisso naquele momento. Eu simplesmente te odiava e queria me vingar de você com todas as minhas forças por tudo. Mas meu Senhor derrotou o diabo em meu coração. Saiba, porém, que você nunca esteve tão perto da morte.

Uma semana depois ele morreu. A cidade inteira acompanhou seu caixão até o túmulo. O arcipreste disse uma palavra sincera. Eles lamentaram a terrível doença que encerrou seus dias. Mas toda a cidade se rebelou contra mim quando o enterraram e até deixaram de me aceitar. É verdade que alguns, a princípio alguns, e depois cada vez mais, começaram a roubar a verdade do seu testemunho, e começaram a visitar-me e a questionar-me com grande curiosidade e alegria: pois o homem ama a queda do justo e a sua vergonha. Mas calei-me e rapidamente deixei completamente a cidade, e cinco meses depois fui honrado pelo Senhor Deus por seguir o caminho firme e esplêndido, abençoando o dedo invisível que tão claramente me mostrou esse caminho. E lembro-me do sofredor servo de Deus Michael em minhas orações até hoje, todos os dias.

III. Das conversas e ensinamentos do Élder Zosima

e) Algo sobre o monge russo e seu possível significado.

Pais e professores, o que é um monge? No mundo iluminado, esta palavra é hoje pronunciada por alguns com zombaria e por alguns como um insulto. E quanto mais longe, mais. É verdade, ah, é verdade, existem muitos parasitas, carnívoros, sensualistas e vagabundos insolentes no monaquismo. Pessoas seculares instruídas apontam para isso: “Vocês, dizem, são membros preguiçosos e inúteis da sociedade, vivem do trabalho dos outros, mendigos sem vergonha”. E, no entanto, há tantas pessoas humildes e mansas no monaquismo, ansiando pela solidão e pela oração fervorosa em silêncio. Estes são menos apontados e até mesmo ignorados por completo, e quão surpresos ficariam se eu dissesse que destes mansos e sedentos de oração solitária, talvez a salvação da terra russa venha mais uma vez! Pois, na verdade, eles estão preparados em silêncio “para o dia, e a hora, e o mês, e o ano”. Por enquanto, a imagem de Cristo está preservada na sua solidão, esplêndida e sem distorções, na pureza da verdade de Deus, desde os antigos pais, apóstolos e mártires, algum dia será necessário revelá-la à verdade abalada do mundo; Este é um ótimo pensamento. Esta estrela brilhará no leste.

É assim que penso sobre o monge, e isso é realmente falso, é realmente arrogante? Olhe entre os mundanos e em todo o mundo que se exalta acima do povo de Deus, a face de Deus e Sua verdade foram distorcidas neles? Eles têm ciência, e na ciência só existe aquilo que está sujeito aos sentimentos. O mundo espiritual, a metade superior do ser humano, é completamente rejeitado, expulso com certo triunfo, até com ódio. O mundo proclamou a liberdade, especialmente ultimamente, e o que vemos nesta liberdade deles: apenas escravidão e suicídio! Pois o mundo diz: “Vocês têm necessidades e, portanto, satisfazem-nas, pois têm os mesmos direitos que as pessoas mais nobres e mais ricas. Não tenha medo de satisfazê-los, mas até mesmo aumentá-los”, é o ensinamento atual do mundo. Isto é o que eles vêem como liberdade. E o que resulta deste direito de aumentar as necessidades? Os ricos têm solidão e suicídio espiritual, e os pobres têm inveja e assassinato, porque deram direitos, mas ainda não indicaram os meios para satisfazer suas necessidades. Afirmam que quanto mais longe o mundo vai, mais ele se une, forma uma comunhão fraterna, encurtando distâncias e transmitindo pensamentos pelo ar. Infelizmente, não acredite nessa unidade das pessoas. Entendendo a liberdade como o aumento e a rápida satisfação das necessidades, distorcem a sua natureza, pois dão origem a muitos desejos, hábitos e às mais absurdas invenções sem sentido e estúpidos. Eles vivem apenas pela inveja um do outro, pela carnalidade e pela arrogância. Ter jantares, viagens, carruagens, fileiras e servos já é considerado uma necessidade tal que chegam a sacrificar a vida, a honra e a filantropia para satisfazer essa necessidade, e até se matam se não conseguirem satisfazê-la. Para quem não é rico, vemos a mesma coisa, mas para os pobres, as necessidades insatisfeitas e a inveja ainda são abafadas pela embriaguez. Mas em breve, em vez de vinho, eles ficarão embriagados com sangue, e é para isso que estão sendo levados. Eu lhe pergunto: essa pessoa é livre? Conheci um “lutador pela ideia” que me disse que quando foi privado de tabaco na prisão, ficou tão exausto por esta privação que quase traiu a sua “ideia” só para que lhe dessem tabaco. Mas esse cara diz: “Vou lutar pela humanidade”. Bem, para onde esse cara irá e do que ele é capaz? Ele não será capaz de tolerar uma ação precipitada por muito tempo. E não é de estranhar que em vez da liberdade tenham caído na escravidão, e em vez de servirem o amor fraterno e a unidade humana, tenham caído, pelo contrário, no isolamento e na solidão, como me disse o meu misterioso convidado e professor na minha juventude. E portanto, no mundo, o pensamento de servir a humanidade, da fraternidade e da integridade das pessoas está desaparecendo cada vez mais, e na verdade esse pensamento é até recebido com zombaria, pois como alguém pode ficar para trás em seus hábitos, para onde irá esse escravo? , se ele está tão acostumado a satisfazer suas inúmeras necessidades, qual Você mesmo inventou? Ele está na solidão, e o que ele se importa com o todo. E chegaram a um ponto em que acumularam mais coisas, mas houve menos alegria.

O caminho monástico é outra questão. Eles até riem da obediência, do jejum e da oração, mas somente neles está o caminho para a liberdade real e verdadeira: eu elimino de mim as necessidades supérfluas e desnecessárias, humilho minha vontade amorosa e orgulhosa e flagelo-a com obediência, e alcançar assim, com a ajuda de Deus, a liberdade de espírito e com ela a alegria espiritual! Qual deles é mais capaz de elevar um grande pensamento e ir servi-lo - o rico solitário ou este liberto da tirania das coisas e dos hábitos? O monge é repreendido pela sua solidão: “Você se isolou para se salvar dentro dos muros do mosteiro, mas esqueceu o seu serviço fraterno à humanidade”. Mas vamos ver quem é mais zeloso pelo amor fraternal? Pois a solidão não está conosco, mas com eles, mas eles não a veem. E desde os tempos antigos, os líderes populares vieram de nós, por que não podem existir agora? Os mesmos humildes e mansos jejuadores e silenciosos se levantarão e irão para uma grande causa. A salvação da Rus' vem do povo. O mosteiro russo está com o povo desde tempos imemoriais. Se as pessoas estão na solidão, então estamos na solidão. As pessoas acreditam do nosso jeito, mas um incrédulo na Rússia não fará nada, mesmo que seja sincero de coração e um gênio de mente. Lembre-se disso. O povo encontrará o ateu e o superará, e haverá uma Rússia Ortodoxa unida. Cuide das pessoas e proteja seus corações. Crie-o em silêncio. Esta é a sua façanha monástica, pois este povo é portador de Deus.

f) Algo sobre senhores e servos e se é possível que senhores e servos se tornem irmãos em espírito.

Deus, que fala, e há pecado entre o povo. E a chama da corrupção está se multiplicando, até aparentemente, de hora em hora, vindo de cima. A solidão se instala entre as pessoas: começam os punhos e os devoradores de mundo; o comerciante já deseja cada vez mais honras, se esforça para se mostrar educado, não tendo nenhuma educação, e por isso negligencia repugnantemente o antigo costume e se envergonha até da fé de seus pais. Ele vai até os príncipes, mas o próprio homem é mimado. As pessoas apodreceram de embriaguez e não podem mais desistir dela. E quanta crueldade existe para com a família, para com a esposa, até para com os filhos; é tudo por causa da embriaguez. Até vi crianças de nove anos em fábricas: frágeis, atrofiadas, curvadas e já depravadas. Um quarto abafado, uma máquina barulhenta, trabalho o dia todo, palavras obscenas e vinho, vinho, mas será que a alma de uma pessoa tão pequena precisa de outro filho? Ele precisa do sol, das brincadeiras infantis e de um exemplo brilhante em todos os lugares e de pelo menos uma gota de amor por ele. Que isso não aconteça, monges, que não haja tortura de crianças, levantem-se e preguem isso rapidamente, rapidamente. Mas Deus salvará a Rússia, pois embora o plebeu seja depravado e não possa mais negar a si mesmo o pecado fedorento, ele ainda sabe que o seu pecado fedorento é amaldiçoado por Deus e que ele está agindo mal ao pecar. Portanto, nosso povo ainda acredita incansavelmente na verdade, reconhece Deus e chora comoventemente. O mesmo não acontece com os superiores. Aqueles que seguem a ciência querem resolver a justiça apenas com a mente, mas sem Cristo, como antes, e já proclamaram que não há crime, não há mais pecado. Sim, na opinião deles está correto: pois se você não tem um Deus, então qual é o crime? Na Europa, as pessoas estão a rebelar-se contra os ricos pela força, e os líderes populares em todo o mundo estão a conduzi-los ao sangue e a ensinar-lhes que a sua raiva está certa. Mas “amaldiçoada é a sua raiva, pois é cruel”. E Deus salvará a Rússia, como já salvou muitas vezes. A salvação virá do povo, da sua fé e humildade. Padres e professores, cuidem da fé do povo, e isso não é um sonho: toda a minha vida fiquei maravilhado com a sua magnífica e verdadeira dignidade no nosso grande povo, eu mesmo vi, eu mesmo posso testemunhar, eu vi e fiquei surpreso, vi, apesar do fedor dos pecados e da aparência pobre do nosso povo. Ele não é servil, e isso depois de dois séculos de escravidão. Livre na aparência e nos modos, mas sem qualquer ofensa. E não vingativo e não invejoso. “Você é nobre, você é rico, você é inteligente e talentoso, e que Deus o abençoe. Eu honro você, mas sei que também sou humano. Pelo fato de te honrar sem inveja, é por isso que demonstro minha dignidade humana diante de você.” Na verdade, se eles não dizem isso (pois ainda não sabem dizer isso), então agem assim, eu mesmo vi, eu mesmo experimentei, e você acreditaria: quanto mais pobres e mais baixos forem os nossos O russo é, mais esta magnífica verdade é perceptível nele, pois os ricos são de Existem muitos deles, punhos e comedores de mundo, que já foram corrompidos, e muitos, muitos deles resultaram de nossa negligência e falta de atenção! Mas Deus salvará o seu povo, pois a Rússia é grande na sua humildade. Sonho em ver e como se já visse com clareza o nosso futuro: pois será que até o nosso rico mais depravado acabará tendo vergonha da sua riqueza diante dos pobres, e o pobre, vendo esta humildade, compreenderá e se renderá a ele com alegria e responderá com carinho à magnífica vergonha dele. Acredite que isso vai acabar: é disso que se trata. Só existe igualdade na dignidade espiritual humana, e só nós compreenderemos isso. Se houvesse irmãos, haveria irmandade, mas antes as irmandades nunca seriam divididas. Preservamos a imagem de Cristo, e ela brilhará como um diamante precioso para o mundo inteiro... Acorde, acorde!

Pais e professores, uma vez aconteceu-me uma coisa comovente. Enquanto vagava, conheci certa vez, na cidade provinciana de K., meu ex-ordenado Afanasy, e já haviam se passado oito anos desde que me separei dele. Ele sem querer me viu no mercado, me reconheceu, correu até mim e, meu Deus, como ele ficou feliz. então ele correu até mim: “Pai, mestre, isso é um uivo? Posso realmente ver você? Ele me levou para a casa dele. Ele já estava aposentado, casado e já tinha dois filhos. Ele morava com a esposa como pequeno comerciante no mercado de uma barraca. Seu quarto é pobre, mas limpo e alegre. Ele me fez sentar, preparou o samovar, mandou chamar a esposa, como se eu tivesse lhe dado uma espécie de férias quando apareci em sua casa. Ele trouxe as crianças para mim: “Abençoe, pai”. “Devo abençoar, respondo-lhe, sou um monge simples e humilde, rezarei a Deus por eles, mas por você, Afanasy Pavlovich, e sempre, todos os dias, a partir daquele mesmo dia, rezo a Deus, por, Eu digo, tudo veio de você" E expliquei isso a ele da melhor maneira que pude. Então o que é esse homem: ele olha para mim e ainda não consegue imaginar que eu, seu ex-mestre, um oficial, estou agora na frente dele com essa forma e com essas roupas: até chorei. “Por que você está chorando, eu digo a ele, você é uma pessoa inesquecível, é melhor alegrar-se com sua alma por mim, querido, pois meu caminho é alegre e brilhante.” Ele não falou muito, mas continuou gemendo e balançando a cabeça para mim com emoção. “Onde está sua riqueza, ele pergunta?” Eu lhe respondo: “Mandei-o para um mosteiro, mas moramos em um albergue”. Depois do chá, comecei a me despedir deles, e de repente ele me trouxe meio rublo, um sacrifício pelo mosteiro, e vi que ele enfiou a outra metade na minha mão, com pressa: “Isso, ele diz, para você, um viajante estranho, pode ser útil para você, pai.” Aceitei seu meio rublo, fiz uma reverência para ele e sua esposa e saí muito feliz, e pensei no caminho: “Agora estamos os dois, ele em casa e eu caminhando, devemos estar gemendo e sorrindo de alegria, na alegria de nosso corações, balançando a cabeça e lembrando como Deus nos trouxe para nos encontrarmos”. E desde então nunca mais o vi. Eu era seu mestre e ele meu servo, e agora, ao beijá-lo com amor e ternura espiritual, uma grande unidade humana ocorreu entre nós. Pensei muito sobre isso e agora penso assim: é realmente tão incompreensível para a mente que esta grande e simplória unidade possa acontecer no devido tempo e em todos os lugares entre o nosso povo russo? Acredito que isso vai acontecer e os prazos estão próximos.

E sobre os criados, acrescento o seguinte: eu costumava ficar zangado, quando jovem, com muitos criados: “A cozinheira servia quente, o ordenança não lavava o vestido”. Mas então o pensamento do meu querido irmão, que ouvi dele na minha infância, de repente me ocorreu: “Eu valho tudo, para que outro me sirva, e para que eu, por sua pobreza e escuridão, empurre ele por perto? E então fiquei maravilhado com a rapidez com que os pensamentos mais simples, claramente visíveis aos nossos olhos, aparecem em nossas mentes. É impossível no mundo sem servos, mas certifique-se de que seu servo seja mais livre em espírito do que se não fosse servo. E por que não posso ser servo do meu servo e para que ele veja isso, e sem nenhum orgulho da minha parte, e da parte dele, incredulidade? Por que meu servo não deveria ser como minha própria família, para que eu possa finalmente aceitá-lo em minha família e me alegrar com isso? Mesmo agora isto ainda é alcançável, mas servirá de base para a futura magnífica unidade das pessoas, quando as pessoas não procurarem servos para si e não quiserem converter pessoas como elas em servos, como agora, mas pelo contrário , com todas as suas forças, desejarão tornar-se servos de todos segundo o evangelho. E é realmente um sonho que no final uma pessoa encontre suas alegrias apenas em feitos de iluminação e misericórdia, e não em alegrias cruéis, como agora - na gula, na fornicação, na arrogância, na ostentação e na invejosa superioridade de um sobre o outro ? Acredito firmemente que não, e que o momento está próximo. Eles riem e perguntam: quando vai chegar essa hora e parece que vai chegar? Acho que Cristo e eu resolveremos este grande assunto. E quantas ideias existiram na terra, na história da humanidade, que eram impensáveis ​​mesmo em dez anos, e que apareceram de repente quando chegou o seu tempo misterioso para elas, e varreram toda a terra? Assim será conosco, e nosso povo brilhará para o mundo e todas as pessoas dirão: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular”. E os escarnecedores deveriam se perguntar: se tivermos um sonho, então quando você erguerá seu prédio e se organizará de maneira justa apenas com sua mente, sem Cristo? Se eles próprios afirmam que, pelo contrário, caminham para a unidade, então só os mais simplórios deles acreditam verdadeiramente nisso, pelo que podemos até ficar surpreendidos com esta simplicidade. Na verdade, eles têm mais fantasias oníricas do que nós. Eles pensam em resolver as coisas com justiça, mas ao rejeitarem a Cristo acabarão inundando o mundo com sangue, pois o sangue exige sangue, e quem desembainha a espada morrerá pela espada. E se não fosse pela promessa de Cristo, eles teriam destruído um ao outro até as duas últimas pessoas na terra. E estes dois últimos não teriam sido capazes de manter um ao outro em seu orgulho, então o último teria destruído o penúltimo e depois a si mesmo. E teria se tornado realidade se não fosse pela promessa de Cristo de que, por causa dos mansos e humildes, esta obra seria abreviada. Então, ainda com uniforme de oficial, depois do meu duelo, comecei a falar sobre servos na sociedade, e lembro que todos ficaram maravilhados comigo: “Por que, dizem, devemos colocar o servo no sofá e trazer chá para ele?” E então eu respondi: “por que não, pelo menos às vezes”. Todos então riram. A pergunta deles era frívola e minha resposta não era clara, mas acho que havia alguma verdade nela.

g) Da oração, do amor e do contacto com outros mundos.

Jovem, não se esqueça de suas orações. Cada vez que em sua oração, se você for sincero, um novo sentimento irá brilhar, e nele um novo pensamento que você não conhecia antes, e que novamente o encorajará; e compreendereis que a oração é educação. Lembre-se também: todos os dias, e sempre que puder, repita para si mesmo! “Senhor, tenha misericórdia de todos que vieram antes de você hoje.” Pois a cada hora e a cada momento, milhares de pessoas deixam suas vidas nesta terra e suas almas estão diante do Senhor - e quantas delas se separaram da terra isoladamente, ninguém sabe, na tristeza e na angústia, que ninguém o fará se arrepende deles e nem sabe nada sobre eles: se viveram ou não. E assim, talvez do outro lado da terra a sua oração suba ao Senhor pelo seu repouso, mesmo que você não o conheça e ele não conheça você. Como foi tocante para a sua alma, estando no temor do Senhor, sentir naquele momento que havia uma oração por ele, que havia um ser humano deixado na terra e alguém que o amava. E Deus olhará com mais misericórdia para vocês dois, pois se você já teve tanta pena dele, quanto mais ele se arrependerá, infinitamente mais misericordioso e amoroso do que você. E ele o perdoará por sua causa.

Irmãos, não tenham medo do pecado das pessoas, amem uma pessoa até no seu pecado, pois esta semelhança com o amor divino é o cúmulo do amor na terra. Ame toda a criação de Deus, tanto todo como cada grão de areia. Ame cada folha, cada raio de Deus. Ame os animais, ame as plantas, ame tudo. Você amará tudo e compreenderá o mistério de Deus nas coisas. Depois de compreendê-lo, você começará a entendê-lo incansavelmente, mais e mais, a cada dia. E você finalmente amará o mundo inteiro com amor completo e universal. Ame os animais: Deus deu-lhes o início do pensamento e da alegria serena. Não a perturbe, não a atormente, não tire a sua alegria, não resista ao pensamento de Deus. Homem, não se eleve acima dos animais: eles não têm pecado, e você, com sua grandeza, apodrece a terra com sua aparência e deixa seu rastro purulento para trás - infelizmente, quase todos nós! - Ame especialmente as crianças, pois elas também são sem pecado, como os anjos, e vivem para a nossa ternura, para a purificação dos nossos corações e como uma espécie de instrução para nós. Ai de quem insultou o bebê. E o Padre Anfim ensinou-me a amar as crianças: era meigo e calado nas nossas viagens, e com os tostões que lhes dávamos comprava e distribuía biscoitos de gengibre e rebuçados; Não pude passar pelas crianças sem um choque mental: esse é o homem.

Diante de outro pensamento, você ficará perplexo, principalmente ao ver o pecado das pessoas, e se perguntará: “Devo tomá-lo à força ou por amor humilde?” Sempre decida: “Vou aceitar com amor humilde”. Se você decidir fazer isso de uma vez por todas, poderá conquistar o mundo inteiro. A humildade amorosa é uma força terrível, a mais forte de todas, e não há nada igual. A cada dia, a cada hora, a cada minuto, ande ao seu redor e cuide de si para que sua imagem seja esplêndida. Então você passou por uma criança pequena, uma criança zangada com um palavrão, com uma alma zangada; Você pode nem ter notado a criança, mas ela viu você, e sua imagem, feia e perversa, pode ter permanecido em seu coração indefeso. Você nem sabia disso, mas talvez já tenha jogado nele uma semente ruim, e ela provavelmente vai crescer, e tudo porque você não se protegeu do seu filho, porque não cultivou em si mesmo um amor prudente e ativo. Irmãos, o amor é professor, mas vocês precisam saber adquiri-lo, porque é difícil adquiri-lo, é comprado por um preço alto, com muito trabalho e por muito tempo, porque é preciso amar não só por um momento o que é acidental, mas durante todo o período. Mas por acaso qualquer um pode se apaixonar, e até um vilão pode se apaixonar. Meu irmão mais novo pediu perdão aos pássaros: parece não ter sentido, mas é verdade, porque tudo é como um oceano, tudo flui e toca, você toca em um lugar, reverbera no outro extremo do mundo. Pode ser uma loucura pedir perdão aos pássaros, mas seria mais fácil para os pássaros, para a criança e para todos os animais ao seu redor, se você mesmo fosse mais bonito do que é agora, mesmo que fosse apenas uma gota. Tudo é como um oceano, eu lhe digo. Então você começaria a orar aos pássaros, atormentados por um amor completo, como se estivesse em algum tipo de deleite, e orar para que eles também perdoassem seu pecado. Valorize esta delícia, não importa quão sem sentido possa parecer para as pessoas.

Meus amigos, peçam diversão a Deus. Seja tão alegre quanto as crianças. como os pássaros do céu. E não deixe que o pecado das pessoas te confunda no seu trabalho, não tenha medo que ele sobrecarregue o seu trabalho e não permita que ele seja concluído, não diga: “O pecado é forte, a maldade é forte, o ambiente ruim é fortes, mas estamos sozinhos e impotentes, o ambiente ruim nos dominará e não permitirá que boas ações sejam realizadas”. Fujam, filhos, deste desânimo! Só existe uma salvação para você: tome-se e torne-se responsável por todos os pecados humanos. Amigo, é verdade, pois assim que você se responsabilizar sinceramente por tudo e por todos, verá imediatamente que realmente é assim e que você é o culpado por tudo e todos. E ao jogar sua própria preguiça e impotência sobre as pessoas, você acabará se juntando ao orgulho satânico e reclamando de Deus. Sobre o orgulho de Satanás, penso assim: é difícil para nós na terra compreendê-lo e, portanto, como é fácil cair no erro e nos juntarmos a ele, e até mesmo acreditar que estamos fazendo algo grande e lindo. E muitos dos sentimentos e movimentos mais poderosos de nossa natureza que ainda não podemos compreender na terra, não se deixem tentar por isso e não pensem que isso possa servir de desculpa para você de alguma forma, pois o juiz eterno lhe perguntará o que você pôde compreender, e não o que não pôde, você mesmo se convencerá disso, porque então verá tudo corretamente e não discutirá mais. Na terra, na verdade, parecemos estar vagando, e se não houvesse diante de nós uma imagem preciosa de Cristo, pereceríamos e ficaríamos completamente perdidos, como a raça humana antes do dilúvio. Muito na terra está escondido de nós, mas em troca recebemos um sentimento secreto e íntimo de nossa conexão viva com outro mundo, com o mundo montanhoso e superior, e as raízes de nossos pensamentos e sentimentos não estão aqui, mas em outros mundos . É por isso que os filósofos dizem que a essência das coisas não pode ser compreendida na terra. Deus pegou sementes de outros mundos e semeou nesta terra e cultivou seu jardim, e tudo que poderia brotar brotou, mas o que foi cultivado vive e está vivo apenas pela sensação de seu contato com outros mundos misteriosos, se esse sentimento enfraquece ou é destruído em você, então o que foi cultivado morre em você. Então você se tornará indiferente à vida e até mesmo a odiará. Eu penso que sim.

h) É possível ser juiz da sua espécie? Sobre fé até o fim.

Lembre-se especialmente de que você não pode ser juiz de ninguém. Pois não pode haver um juiz de um criminoso na terra até que este próprio juiz reconheça que ele é tão criminoso quanto aquele que está diante dele, e que ele pode ser culpado acima de todos os outros pelo crime daquele que está diante dele. Quando ele compreender isso, ele poderá se tornar um juiz. Por mais louco que possa parecer, é verdade. Pois se eu fosse justo, talvez não houvesse uma posição criminosa diante de mim. Se você for capaz de assumir o crime de um criminoso que está diante de você e é julgado pelo seu coração, então imediatamente aceite e sofra por ele você mesmo, e liberte-o sem censura. E mesmo que a própria lei tenha feito de você seu juiz, então, tanto quanto possível, faça-o com este espírito, pois ele irá embora e se julgará ainda mais amargamente do que o seu julgamento. Se ele se afastar com o seu beijo, insensível e rindo de você, então não se deixe tentar: significa que a hora dele ainda não chegou, mas chegará no devido tempo; mas se ele não vier, não importa: se não for ele, alguém saberá por ele e sofrerá, e se condenará, e se culpará, e a verdade será cumprida. Acredite nisso, acredite sem dúvida, pois nisto reside toda a esperança e toda a fé dos santos.

Faça isso incansavelmente. Se você se lembrar à noite, ao dormir: “Não fiz o que precisava fazer”, levante-se imediatamente e faça-o. Se as pessoas ao seu redor são más e insensíveis e não querem ouvi-lo, então prostre-se diante delas e peça perdão, pois realmente é sua culpa que elas não queiram ouvi-lo. E se você não consegue mais falar com os amargurados, sirva-os em silêncio e humilhação, sem nunca perder a esperança. Se todos te abandonarem e te expulsarem à força, então, ficando sozinho, caia no chão e beije-o, molhe-o com suas lágrimas, e a terra dará frutos de suas lágrimas, mesmo que ninguém tenha visto ou ouvido você na sua solidão. Acredite até o fim, mesmo que acontecesse que todos na terra se desviassem e você fosse o único que permaneceu fiel: faça um sacrifício e depois louve a Deus, você, o único que restou. E se dois de vocês assim se unem, então este é o mundo inteiro, um mundo de amor vivo, abracem-se com ternura e louvem ao Senhor: pois embora esteja em vocês dois, sua justiça se cumpriu.

Se você mesmo peca e está triste até a morte por seus pecados, ou por seu pecado repentino, então regozije-se por outro, regozije-se pelos justos, regozije-se no fato de que se você pecou, ​​​​então ele é justo e não pecou.

Se a vilania das pessoas te indigna com uma indignação e uma dor que já é irresistível, a ponto de querer vingança dos vilões, então tema acima de tudo esse sentimento; vá imediatamente e procure o tormento para si mesmo, como se você mesmo fosse culpado dessa atrocidade de pessoas. Aceite esses tormentos e suporte, e seu coração ficará satisfeito, e você entenderá que você mesmo é culpado, pois você poderia brilhar para os vilões mesmo sendo o único sem pecado e que não brilhou. Se você tivesse brilhado, então com a sua luz você teria iluminado o caminho dos outros, e aquele que cometeu o crime poderia não tê-lo cometido à sua luz. E mesmo que você seja a luz, mas veja que as pessoas não são salvas nem mesmo pela sua luz, então permaneça forte e não duvide do poder da luz celestial; acredite que se você não for salvo agora, será salvo mais tarde. Se mesmo assim eles não forem salvos, seus filhos serão salvos, pois a sua luz não morrerá, mesmo que você já tenha morrido. O justo parte, mas a sua luz permanece. Eles são sempre salvos pela morte de quem salva. A raça humana não aceita os seus profetas e bate-lhes, mas as pessoas amam os seus mártires e honram aqueles a quem torturaram. Você trabalha para o todo, você faz isso para o futuro. Nunca busque recompensa, pois a sua recompensa nesta terra já é grande: a sua alegria espiritual, que só os justos alcançam. Não tenha medo dos nobres ou dos fortes, mas seja sábio e sempre gracioso. Conheça seus limites, conheça seu momento, aprenda isso. Permanecendo na solidão, ore. Adoro se jogar no chão e beijá-lo. Beije a terra e ame incansavelmente, insaciavelmente, ame a todos, ame tudo, busque o deleite e esse frenesi. Molhe a terra com as lágrimas da sua alegria e ame essas suas lágrimas. Não tenha vergonha desse frenesi, valorize-o, pois é um grande presente de Deus e não é dado a muitos, mas aos escolhidos.

i) Sobre o inferno e o fogo do inferno, raciocínio místico.

Pais e professores, penso: “O que é o inferno?” Eu raciocino assim:

“O sofrimento de não poder mais amar.” Certa vez, numa existência infinita, imensurável pelo tempo ou pelo espaço, um certo ser espiritual recebeu, pelo seu aparecimento na terra, a capacidade de dizer a si mesmo: “Eu sou e amo”. Uma vez, apenas uma vez, ele teve um momento de amor ativo e vivo, e para isso a vida terrena foi dada, e com ela tempos e estações, e o que: este ser feliz rejeitou o presente inestimável, não o apreciou, não amou isso, olhou zombeteiramente e permaneceu insensível. Tal pessoa, já tendo partido da terra, vê o seio de Abraão, e fala com Abraão, como nos é dito na parábola do rico e de Lázaro, e contempla o paraíso, e pode ascender ao Senhor, mas é precisamente por isso ele está atormentado, que ascenderá ao Senhor aquele que não amou, entrará em contato com aqueles que amaram, aquele que os desprezou com amor. Pois ele vê com clareza e declara para si mesmo: “Agora já tenho conhecimento e mesmo tendo sede de amar, não haverá mais realização no meu amor, não haverá sacrifício, pois a vida terrena acabou e Abraão não virá mesmo com uma gota de água viva (isto é, novamente com o dom da vida terrena, antiga e ativa) para esfriar a chama da sede de amor espiritual, que agora arde, tendo-a negligenciado na terra; não há mais vida e não haverá mais tempo! Mesmo que eu estivesse feliz em dar a minha vida pelos outros, isso não é mais possível, pois a vida que poderia ter sido sacrificada por amor já passou, e agora existe um abismo entre essa vida e esta existência”. Falam da chama material do inferno: não exploro esse mistério e tenho medo, mas penso que se existisse uma chama material, eles se alegrariam verdadeiramente com ela, pois, sonho, em tormento material, pelo menos por um momento, eles esqueceriam esse terrível tormento espiritual. E é impossível tirar deles esse tormento espiritual, pois esse tormento não é externo, mas dentro deles. E mesmo que fosse possível retirá-lo, creio que isso nos deixaria ainda mais infelizes. Pois embora os justos do paraíso os perdoassem, contemplando seu tormento, e os chamassem para si, amando infinitamente, eles aumentariam ainda mais seu tormento, pois despertariam neles uma chama ainda mais forte de sede recíproca, ativa e amor grato, o que não é mais possível. Na timidez do meu coração, porém, penso que a própria consciência desta impossibilidade lhes serviria finalmente de alívio, por terem aceitado o amor dos justos com a impossibilidade de retribuir, nesta submissão e na ação de desta humildade, encontrariam finalmente, por assim dizer, uma espécie de imagem daquele amor ativo, que foi negligenciado na terra, e, por assim dizer, alguma ação semelhante a ela... Lamento, meus irmãos e amigos, que Não posso dizer isso claramente. Mas ai daqueles que se exterminaram na terra, ai dos suicidas! Acho que ninguém pode ser mais infeliz do que estes. É um pecado, dizem-nos, orar a Deus por estas coisas, e a igreja exteriormente parece rejeitá-las, mas penso no segredo da minha alma que também poderia orar por elas. Cristo não ficará irado por amor. Rezei internamente por essas pessoas durante toda a minha vida, confesso isso a vocês, pais e professores, e ainda agora rezo todos os dias.

Ah, também há aqueles no inferno que permaneceram orgulhosos e ferozes, apesar de já possuírem conhecimentos indiscutíveis e contemplarem a verdade irresistível; Existem pessoas terríveis que se juntaram inteiramente a Satanás e ao seu espírito orgulhoso. Para estes, o inferno já é voluntário e insaciável; esses já são mártires voluntários. Pois eles próprios se amaldiçoaram, amaldiçoando a Deus e à vida. Eles se alimentam de seu orgulho maligno, como se um homem faminto no deserto começasse a sugar o próprio sangue do próprio corpo. Mas eles são insaciáveis ​​para todo o sempre e rejeitam o perdão e amaldiçoam o Deus que os chama; Eles não podem contemplar o Deus vivo sem ódio e exigir que não exista um deus da vida, que Deus destrua a si mesmo e a toda a sua criação. E eles queimarão no fogo da sua ira para sempre, sedentos pela morte e pela inexistência. Mas eles não receberão a morte...

Aqui termina o manuscrito de Alexei Fedorovich Karamazov. Repito; é incompleto e fragmentário. As informações biográficas, por exemplo, abrangem apenas a juventude de um homem idoso. A partir de seus ensinamentos e opiniões se reúnem, como se num único todo, o que foi dito obviamente em momentos diferentes e por motivos diferentes. No entanto, o que foi dito pelo mais velho nestas últimas horas de sua vida não é definido com exatidão, mas apenas o conceito do espírito e do caráter dessa conversa é dado, se comparado com o que é dado no manuscrito de Alexei Fedorovich de ensinamentos anteriores . A morte do mais velho aconteceu de forma totalmente inesperada. Pois embora todos os que se reuniram para vê-lo naquela última noite entendessem perfeitamente que sua morte estava próxima, ainda era impossível imaginar que ela aconteceria tão repentinamente; pelo contrário, os seus amigos, como já referi acima, ao vê-lo naquela noite tão aparentemente alegre e falante, ficaram até convencidos de que tinha havido uma notável melhoria na sua saúde, mesmo que por pouco tempo. Mesmo cinco minutos antes de sua morte, como mais tarde relataram com surpresa, ainda era impossível prever alguma coisa. De repente, ele sentiu uma espécie de dor forte no peito, empalideceu e pressionou as mãos com força contra o coração. Todos então se levantaram de seus lugares e correram em sua direção; mas ele, embora sofrendo, ainda olhando para eles com um sorriso, afundou-se silenciosamente da cadeira no chão e ajoelhou-se, depois curvou o rosto até o chão, estendeu as mãos e, como que em alegria alegre, beijou o chão e orando (como ele mesmo ensinou), silenciosa e alegremente entregou sua alma a Deus. A notícia de sua morte se espalhou imediatamente pelo mosteiro e chegou ao mosteiro. Os mais próximos do recém-falecido e os que deveriam ter posição começaram a remover seu corpo de acordo com o antigo rito, e todos os irmãos se reuniram na igreja catedral. E ainda antes do amanhecer, como mais tarde foi transmitido por boatos, a notícia do recém-falecido chegou à cidade. Pela manhã, quase toda a cidade falava sobre o acontecimento e muitos cidadãos acorreram ao mosteiro. Mas falaremos disso no próximo livro, e agora apenas acrescentaremos que não se passou um dia em que aconteceu algo tão inesperado para todos, e pela impressão causada no ambiente do mosteiro e em cidade, foi tão estranho, alarmante e confuso que até hoje, depois de tantos anos, a lembrança mais vívida daquele dia alarmante para muitos permanece em nossa cidade...

I. Espírito corruptor

O corpo do falecido hieroschemamonk Padre Zosima foi preparado para o sepultamento de acordo com a ordem estabelecida. Como é sabido, os monges falecidos e os monges do esquema não são lavados. “Sempre que alguém deixa os monges ao Senhor (é dito no Grande Trebnik), então o monge ordenado (isto é, nomeado para esse fim) enxuga seu corpo com água morna, primeiro fazendo uma cruz com o lábio (isto é, uma esponja grega) na testa do falecido, na testa, nas mãos, nos pés e nos joelhos, nada mais.” O próprio Padre Paisius fez tudo isso sobre o falecido. Depois de enxugá-lo, vestiu-o com vestes monásticas e envolveu-o num manto; para o qual, segundo a regra, cortou-o várias vezes para torcê-lo transversalmente. Ele colocou uma boneca com uma cruz de oito pontas na cabeça. A boneca ficou aberta, mas o rosto do falecido ficou coberto de ar negro. Um ícone do Salvador foi colocado em suas mãos. Dessa forma, pela manhã o transferiram para um caixão (que já havia sido preparado há muito tempo). Pretendiam deixar o caixão na cela (na primeira sala grande, na mesma em que o falecido presbítero recebia os irmãos e leigos) durante todo o dia. Visto que o falecido era um hieroschemamonk por categoria, os hieromonges e hierodiáconos deveriam ter lido sobre ele não o Saltério, mas o Evangelho. Padre Joseph começou a ler, já depois do funeral; Padre Paisiy, que mais tarde quis ler o dia todo e a noite toda, ainda estava muito ocupado e preocupado, junto com seu pai, o reitor do mosteiro, porque de repente começou a aparecer, e à medida que avançava, ainda mais, ambos nos irmãos do mosteiro e naqueles que chegam dos hotéis do mosteiro e da cidade em multidões de pessoas do mundo, algo extraordinário, algum tipo de excitação inédita e “inadequada” até mesmo e expectativa impaciente. Tanto o abade como o padre Paisius fizeram todos os esforços para acalmar aqueles que estavam tão preocupados. Quando já bastava, alguns até começaram a chegar da cidade, levando consigo seus enfermos, principalmente seus filhos, como se esperassem propositalmente esse momento, aparentemente contando com o poder imediato de cura, que, segundo à sua fé, não poderia demorar a revelar-se. E só então ficou claro até que ponto todos nós nos acostumamos a considerar o falecido ancião, ainda em vida, um grande e indiscutível santo. E entre os que chegaram estavam longe de ser apenas pessoas comuns. Esta grande expectativa dos fiéis, expressa de forma tão precipitada e abertamente e até com impaciência e quase com exigência, pareceu ao Padre Paisius uma tentação indubitável e, embora a tivesse antecipado há muito tempo, na verdade superou as suas expectativas. Encontrando-se com os monges agitados, o Padre Paisius até começou a repreendê-los: “Tal e tal expectativa imediata de algo grande”, disse ele, “é frivolidade, possível apenas entre pessoas seculares, mas é inadequada para nós”. Mas eles o ouviram pouco, e o padre Paisiy percebeu isso com preocupação, apesar de até ele mesmo (se nos lembrarmos de tudo com sinceridade), embora se indignasse com expectativas muito impacientes e encontrasse nelas frivolidade e vaidade, mas secretamente para si mesmo, no fundo de sua alma, ele esperava quase a mesma coisa que aqueles excitados, o que ele não podia deixar de admitir para si mesmo. No entanto, alguns encontros foram especialmente desagradáveis ​​​​para ele, o que, segundo alguma premonição, lhe suscitou grandes dúvidas. Na multidão aglomerada na cela do falecido, ele notou com desgosto espiritual (pelo qual imediatamente se repreendeu) a presença, por exemplo, de Rakitin, ou do distante convidado do monge Obdorsk, que ainda estava no mosteiro, e ambos foram subitamente considerados suspeitos pelo Padre Paisius, - embora não fossem os únicos que podiam ser notados no mesmo sentido. De todos os que estavam preocupados, o monge Obdorsky destacou-se como o mais exigente; podia-se notá-lo em todos os lugares, em todos os lugares: em todos os lugares ele fazia perguntas, em todos os lugares que ouvia, em todos os lugares ele sussurrava com um ar especial e misterioso. A expressão em seu rosto era a mais impaciente e como se já estivesse irritada pelo fato de o que era esperado não acontecer há tanto tempo. Quanto a Rakitin, ele, como se descobriu mais tarde, acabou no mosteiro tão cedo por ordem especial da Sra. Essa mulher gentil, mas covarde, que ela mesma não podia ser admitida no mosteiro, assim que acordou e soube da morte, foi subitamente imbuída de uma curiosidade tão rápida que imediatamente enviou Rakitin para o mosteiro em seu lugar, então que ele observaria tudo e reportaria imediatamente a ela por escrito, aproximadamente a cada meia hora, tudo o que aconteceria. Ela considerava Rakitin o jovem mais piedoso e religioso - ele sabia se dar bem com todos e se apresentar a todos de acordo com seu desejo, desde que visse nisso o menor benefício para si mesmo. O dia estava claro e claro, e muitos dos peregrinos que chegavam aglomeraram-se em torno dos túmulos do skete, que estavam mais lotados ao redor do templo, bem como espalhados por todo o skete. Caminhando pelo mosteiro. O padre Paisius lembrou-se de repente de Alyosha e de que fazia muito tempo que não o via, quase à noite. E assim que me lembrei dele, imediatamente o notei no canto mais remoto do mosteiro, perto da cerca, sentado na lápide de um monge falecido desde os tempos antigos e famoso por suas façanhas. Ele sentou-se de costas para o mosteiro, de frente para a cerca e parecia estar escondido atrás do monumento. Chegando perto, o padre Paisiy viu que ele, cobrindo o rosto com as duas mãos, chorava amargamente, embora silenciosamente, sacudindo todo o corpo em soluços. Padre Paisiy ficou um tempo ao lado dele.

“Já chega, querido filho, já chega, amigo”, ele finalmente disse emocionado, “o que você está fazendo?” Alegre-se, não chore. Ou você não sabe que este dia é o maior de seus dias? Onde ele está agora, neste momento, lembre-se disso!

Aliócha olhou para ele, abrindo o rosto inchado de lágrimas, como o de uma criança pequena, mas imediatamente, sem dizer uma palavra, virou-se e cobriu-se novamente com as duas mãos.

“E talvez sim”, disse o padre Paisiy pensativo, “talvez chore, Cristo lhe enviou essas lágrimas”. “Suas comoventes lágrimas são apenas descanso espiritual e servirão para alegrar seu querido coração”, acrescentou para si mesmo, afastando-se de Aliocha e pensando nele com amor. Porém, ele se afastou rapidamente, pois sentiu que provavelmente ele próprio iria chorar, olhando para ele. Enquanto isso, o tempo passou, os serviços monásticos e os serviços fúnebres para os falecidos continuaram em ordem. Padre Paisius novamente substituiu Padre Joseph no túmulo e novamente recebeu dele a leitura do Evangelho. Mas antes que passassem as três horas da tarde, aconteceu algo que mencionei no final do último livro, algo tão inesperado entre nós e tão contrário à esperança de todos que, repito, uma história detalhada e vã sobre este incidente ainda até hoje é lembrado com extrema vivacidade em nossa cidade e em todo o entorno. Aqui, acrescentarei mais uma vez em meu nome: é quase nojento para mim lembrar desse acontecimento vão e sedutor, que é essencialmente o mais vazio e natural, e eu, claro, o teria divulgado em minha história sem mencionar isso, se não tivesse tido uma influência muito forte e conhecida na alma e no coração do principal, embora futuro herói da minha história, Alyosha, criando em sua alma uma espécie de ponto de viragem e revolução, que abalou, mas também fortaleceu completamente a sua mente, para o resto da vida e em direção a um determinado objetivo.

Então vamos à história: quando, ainda antes do amanhecer, colocaram o corpo do mais velho, preparado para o sepultamento, no caixão e o carregaram para a primeira, antiga sala de recepção, surgiu uma dúvida entre os que estavam no caixão: deveria o as janelas da sala estão abertas? Mas esta questão, expressa por alguém de passagem e de passagem, permaneceu sem resposta e quase despercebida - a menos que eles apenas percebessem, e depois para si mesmos, alguns dos presentes apenas no sentido de que a expectativa de decadência e um espírito pernicioso do corpo de uma pessoa tão falecida é um absurdo, digno até de arrependimento (se não de um sorriso), relativamente à pouca fé e frivolidade de quem fez esta pergunta. Porque eles esperavam exatamente o oposto. E assim, no início da tarde, algo começou, que a princípio foi aceito por quem entrava e saía apenas silenciosamente e silenciosamente, e mesmo com o visível medo de todos comunicarem seu pensamento inicial a qualquer um, mas por volta das três horas do tarde já foi revelado de forma tão clara e irrefutável que a notícia de Num instante, correu por todo o mosteiro e por todos os peregrinos que o visitaram, imediatamente penetrou no mosteiro e surpreendeu a todos no mosteiro, e finalmente, depois de muito num curto período de tempo, alcançou a cidade e empolgou todos os que nela habitavam, tanto crentes como não-crentes. Os incrédulos se alegraram, e quanto aos crentes, houve alguns deles que se alegraram ainda mais do que os próprios incrédulos, pois “as pessoas amam a queda dos justos e sua vergonha”, como o próprio falecido ancião disse em um de seus ensinamentos. O fato é que um espírito pernicioso começou a emanar do caixão aos poucos, mas quanto mais longe, mais perceptível, por volta das três horas da tarde já estava muito claro e se intensificava gradativamente. E há muito tempo isso não acontecia e era até impossível lembrar em toda a vida passada do nosso mosteiro tal tentação, grosseiramente desenfreada, e em outro caso até impossível, que foi revelada imediatamente após este acontecimento até mesmo entre os próprios monges . Mais tarde, e mesmo depois de muitos anos, outros monges nossos inteligentes, recordando detalhadamente aquele dia inteiro, ficaram surpresos e horrorizados ao ver como a tentação poderia então atingir tal grau. Pois mesmo antes disso acontecer, os monges morreram de uma vida muito justa e cuja justiça era visível para todos. Os anciãos eram tementes a Deus, mas de seus túmulos humildes saiu um espírito corruptor, que apareceu naturalmente como todos os mortos. mas isso não produziu tentação nem mesmo a menor excitação. Claro, houve alguns de nós que faleceram desde os tempos antigos, cuja memória ainda estava vivamente preservada no mosteiro, e cujos restos mortais, segundo a lenda, não apresentavam decadência, o que teve um efeito comovente e misterioso nos irmãos. e foi preservado em sua memória como algo magnífico e maravilhoso e como uma promessa de glória ainda maior no futuro de seus túmulos, mesmo que apenas pela vontade de Deus chegue a hora. Destes, a memória do Élder Jó, que viveu até os cento e cinco anos, foi especialmente preservada; (Este é o mesmo túmulo em que o Padre Paisiy encontrou Alyosha sentado pela manhã.) Além deste antigo ancião falecido, a mesma memória estava viva do grande Padre Hieroschemamonk, Ancião Barsanuphius, que faleceu há relativamente pouco tempo - o mesmo de a quem o Padre Zósima recebeu o presbitério e que, durante a sua vida, todos os peregrinos que vieram ao mosteiro o consideraram um santo tolo. Sobre ambos, foi preservado na lenda que eles jaziam em seus caixões como se estivessem vivos e foram enterrados completamente incorruptíveis, e que até seus rostos pareciam brilhar no caixão. E alguns até se lembraram com tanta força que uma fragrância distinta pôde ser sentida em seus corpos. Mas mesmo apesar destas memórias impressionantes, ainda seria difícil explicar a razão directa pela qual um fenómeno tão frívolo, absurdo e maligno poderia ocorrer no túmulo do Ancião Zósima. Quanto a mim pessoalmente, acredito que muitas outras coisas se juntaram ao mesmo tempo, muitos motivos diferentes que influenciaram ao mesmo tempo. Destes, por exemplo, havia até esta hostilidade profundamente enraizada em relação ao presbitério, como uma inovação prejudicial, profundamente escondida no mosteiro, nas mentes de muitos mais monges. E então, é claro, e o mais importante, havia inveja da santidade do falecido, que foi tão fortemente estabelecida durante sua vida que era como se fosse proibido objetar. Pois embora o falecido ancião tenha atraído muitos para si, e não tanto por milagres, mas por amor, e erguido em torno de si, por assim dizer, um mundo inteiro daqueles que o amavam, no entanto, e ainda mais, por esta mesma coisa deu origem a pessoas invejosas, e depois a inimigos ferrenhos, tanto abertos como secretos, e não apenas entre os monásticos, mas mesmo entre os seculares. Por exemplo, ele não fez mal a ninguém, mas: “Por que ele é considerado tão santo?” E esta pergunta, repetida gradualmente, finalmente deu origem a todo um abismo da raiva mais insaciável. É por isso que penso que muitos, tendo ouvido o espírito corruptor vindo de seu corpo, e mesmo com tal velocidade - pois nem um dia se passou desde sua morte - ficaram imensamente encantados; assim como entre aqueles que eram devotados ao mais velho e que até então o reverenciavam, houve imediatamente aqueles que ficaram quase ofendidos e pessoalmente ofendidos por este acontecimento. O processo gradual do assunto ocorreu da seguinte forma.

Assim que a decadência começou a ser revelada, já se podia concluir, pela própria visão dos monges entrando na cela do falecido, por que eles estavam vindo. Ele entrará, ficará parado por um breve período e sairá rapidamente para confirmar a notícia aos outros, uma multidão esperando do lado de fora. Alguns dos que esperavam acenaram tristemente com a cabeça, mas outros nem sequer queriam esconder a alegria, que brilhava claramente no seu olhar amargurado. E ninguém mais os repreendeu, ninguém levantou uma boa voz, o que foi até maravilhoso, pois a maioria dos que eram devotos do falecido ancião estavam no mosteiro; mas está claro que o próprio Deus permitiu que a minoria ganhasse temporariamente a vantagem desta vez. Logo visitantes seculares e mais instruídos começaram a aparecer na cela como espiões. Poucas pessoas comuns entraram, embora muitas delas se aglomerassem nos portões do mosteiro. Não há dúvida de que foi depois das três horas que o afluxo de visitantes seculares aumentou muito, e precisamente por causa das notícias tentadoras. Aqueles que talvez nem tivessem chegado naquele dia, e não planejavam chegar, agora vieram de propósito, entre eles algumas pessoas de posição significativa. No entanto, o decoro ainda não tinha sido violado exteriormente, e o Padre Paisius com firmeza e separação, com rosto severo, continuou a ler o Evangelho em voz alta, como se não percebesse o que estava acontecendo, embora já tivesse notado algo extraordinário há muito tempo. Mas então vozes começaram a chegar até ele, a princípio muito baixas, mas gradualmente tornando-se mais firmes e encorajadas. “Conhecer o julgamento de Deus não é o mesmo que o do homem!” Padre Paisiy ouviu de repente. Isto foi dito principalmente por um funcionário secular da cidade, um homem idoso e, pelo que se sabia sobre ele, muito piedoso, mas, tendo dito isso em voz alta, ele repetiu apenas o que os monges vinham repetindo uns aos outros há muito tempo. nos ouvidos um do outro. Há muito que pronunciavam esta palavra desesperada, e o pior é que a cada minuto um certo triunfo se revelava e aumentava com esta palavra. Logo, porém, até o próprio decoro começou a ser violado, e era como se todos sentissem que tinham algum tipo de direito de violá-lo. “E por que isso aconteceu”, disseram alguns monges, a princípio como se estivessem arrependidos, “eu não tinha um corpo grande, seco, preso aos ossos, onde poderia estar o espírito aqui?” “Isso significa que Deus deliberadamente quis apontar”, acrescentaram outros apressadamente, e sua opinião foi aceita de forma indiscutível e imediata, pois novamente eles apontaram que mesmo que fosse natural que o espírito existisse, como acontece com todo pecador caído, ele seria ainda saíram mais tarde, não com tanta pressa óbvia, pelo menos dentro de um dia, mas “esta natureza avisou”, portanto, não há ninguém aqui como Deus e seu dedo deliberado. Eu queria ressaltar. Este julgamento foi irresistível. O manso padre Hieromonge Joseph, bibliotecário, favorito dos falecidos, começou a objetar a alguns dos caluniadores que “este não é o caso em todos os lugares” e que a necessidade da incorruptibilidade dos corpos dos justos não é um dogma em Ortodoxia, mas apenas uma opinião, e que mesmo nos países mais ortodoxos, em Athos, por exemplo, não são tão perturbados pelo espírito corruptor, e não é a incorruptibilidade do corpo que ali é considerada o principal sinal da glorificação dos salvos, mas a cor dos seus ossos, quando os seus corpos estão deitados no chão há muitos anos e até apodrecem nele, “e se os ossos ficarem amarelos, como cera, este é o sinal mais importante de que Deus glorificou os justos falecidos; Se forem pretos em vez de amarelos, significa que Deus não honrou tal pessoa com glória, assim como no Monte Athos, um grande lugar onde a Ortodoxia foi preservada inviolável e na mais brilhante pureza desde os tempos antigos”, Padre concluiu José. Mas os discursos do humilde pai passaram sem inspiração e até provocaram uma rejeição zombeteira: “Isso tudo é aprendizado e inovação, não há nada para ouvir”, decidiram os monges. “É o jeito antigo conosco; Quantas inovações estão surgindo agora e que todos deveriam imitar?” outros acrescentaram. “Não tivemos padres menos santos que os deles. Eles estão sentados sob o comando do turco e esqueceram tudo. A Ortodoxia deles está turva há muito tempo e eles nem sequer têm sinos”, acrescentaram os mais zombeteiros. Padre Joseph partiu triste, principalmente porque ele próprio não expressou sua opinião com muita firmeza, mas como se ele próprio tivesse pouca fé nela. Mas com embaraço ele previu que algo muito impróprio estava começando e que mesmo a maior desobediência levantaria a cabeça. Aos poucos, seguindo o Padre Joseph, todas as vozes razoáveis ​​​​caíram em silêncio, e de alguma forma aconteceu que todos aqueles que amavam o falecido ancião e aceitaram o estabelecimento do presbitério com terna obediência ficaram de repente com um medo terrível de alguma coisa e, encontrando-se, timidamente eles apenas se olharam na cara. Os inimigos da velhice, assim como a inovação, ergueram orgulhosamente a cabeça. “O falecido ancião Barsanuphius não estava apenas sem fôlego, mas exalava uma fragrância”, lembraram maliciosamente, “mas ele merecia isso não por causa de sua condição de ancião, mas porque ele próprio era justo”. E depois disso, condenações e até acusações começaram a recair sobre o presbítero recém-falecido: “Ensinei injustamente; ensinou que a vida é uma grande alegria e não uma humildade chorosa”, disseram alguns dos mais estúpidos. “Ele acreditava na moda, mas não reconhecia o fogo material no inferno”, acrescentaram outros que eram ainda mais estúpidos. “Ele não era rigoroso com o jejum, se permitia doces, comia geléia de cereja com chá, adorava muito, as senhoras mandavam coisas para ele. O esquemanik deveria beber chá?” ouvido de outras pessoas invejosas. “Sentava-se orgulhoso, os mais maliciosos eram lembrados com crueldade, considerava-se um santo, caíam de joelhos diante dele, como se aceitassem o que lhe era devido.” “Ele abusou do sacramento da confissão”, acrescentaram os mais fervorosos oponentes do presbítero num sussurro raivoso, e isso veio até mesmo dos monges mais antigos e severos em sua peregrinação, verdadeiros jejuadores e silenciosos, que ficaram em silêncio durante a vida do falecido, mas de repente agora abriu os lábios, o que já era terrível, pois Suas palavras influenciaram muito os monges jovens e ainda não estabelecidos. O convidado obdoriano das freiras de São Silvestre ouviu tudo isso, suspirando profundamente e balançando a cabeça: “Não, aparentemente o padre Ferapont julgou com justiça ontem”, pensou consigo mesmo, e então o padre Ferapont apareceu; como se fosse precisamente para agravar o choque que ele saiu.

Já mencionei antes que ele raramente saía da cela de madeira do apiário, fazia muito tempo que nem ia à igreja, e que lhe permitiam fazer isso supostamente como um santo tolo, sem o vincular a uma regra comum a todos. Mas, para falar a verdade, tudo isso lhe foi permitido até por alguma necessidade. Para um homem tão rápido e silencioso, que orava dia e noite (até adormeceu de joelhos), era de alguma forma até vergonhoso ser urgentemente sobrecarregado com a carta geral se ele próprio não quisesse obedecer. “Ele é mais santo do que todos nós e cumpre as coisas mais difíceis do que de acordo com as regras”, diriam então os monges, “e se ele não vai à igreja, isso significa que ele mesmo sabe quando ir, ele tem o seu próprias regras.” Por causa desse provável murmúrio e tentação, deixaram o padre Ferapont sozinho. O Ancião Zosima, como todos já sabiam, era extremamente odiado pelo Padre Ferapont; e de repente chegou-lhe em sua cela a notícia de que “o julgamento de Deus não é o mesmo que o dos homens, e isso a natureza até avisou”. É preciso supor que o convidado de Obdorsk, que o visitou ontem e o deixou horrorizado, foi o primeiro a correr para lhe contar a notícia. Mencionei também que o Padre Paisius, que se mantinha firme e inabalável e lia sobre o caixão, embora não pudesse ouvir nem ver o que se passava fora da cela, no seu coração previu inequivocamente tudo o que era importante, pois conhecia completamente o seu ambiente. Ele não se envergonhou, mas esperou tudo o que ainda poderia acontecer, sem medo, observando com olhar penetrante o desfecho futuro da excitação que já se apresentava ao seu olhar mental. Quando de repente um barulho extraordinário e já claramente perturbador na entrada atingiu seus ouvidos. A porta se abriu e o padre Ferapont apareceu na soleira. Atrás dele, como foi notado, e mesmo claramente visíveis da cela, amontoados abaixo do pórtico estavam muitos monges que o acompanhavam, e entre eles havia monges seculares. Os que os acompanhavam, porém, não entraram e não subiram ao alpendre, mas pararam e esperaram para ver o que o padre Ferapont diria e faria a seguir, pois tiveram um pressentimento, e até com algum medo, apesar de toda a ousadia, que ele não veio em vão. Parando na soleira, o padre Ferapont ergueu as mãos e, por baixo da mão direita, olharam os olhos penetrantes e curiosos do convidado Obdorsky, o único que não resistiu e subiu as escadas correndo atrás do padre Ferapont por causa de sua grande curiosidade. Outros além dele, assim que a porta se abriu com um barulho, pelo contrário, recuaram ainda mais com medo repentino. Erguendo as mãos em sinal de tristeza, o padre Ferapont gritou de repente:

- Vou vomitar! - e imediatamente começou, girando alternadamente nas quatro direções, a cruzar as paredes e os quatro cantos da cela com a mão. Esta ação do Padre Ferapont foi imediatamente compreendida por aqueles que o acompanhavam; pois sabiam que ele sempre fazia isso, onde quer que entrasse, e que não se sentava e dizia uma palavra antes de expulsar os espíritos malignos.

- Satã vá embora, Satã vá embora! - ele repetia a cada cruz. - Vou vomitar! - ele gritou novamente. Ele estava com sua batina áspera, amarrada com corda. Seu peito nu aparecia por baixo da camisa feita sob medida; coberto de cabelos grisalhos. Meus pés estavam completamente descalços. Assim que começou a agitar os braços, as cruéis correntes que usava sob a batina começaram a tremer e a ressoar. Padre Paisiy interrompeu a leitura, deu um passo à frente e ficou na frente dele, esperando.

- Por que você veio, honesto pai? Por que você está violando o decoro? Por que você perturba um rebanho humilde? - ele finalmente disse, olhando para ele com severidade.

- Por que você veio aqui? Você está pedindo alguma coisa? Como você acredita? - gritou o padre Ferapont, agindo como um tolo, - o afluxo de seus convidados aqui está vindo para expulsar os demônios imundos. Vejo quantos eles acumularam sem mim. Quero varrê-los com uma vassoura de bétula.

“Você expulsa o impuro, mas talvez você mesmo o sirva”, continuou o Padre Paisius destemidamente, “e quem pode dizer a si mesmo: “ele é santo”? Não é você, pai?

- Estou imundo, não sou santo. Não vou sentar em uma cadeira e não vou me adorar como um ídolo! - Padre Ferapont trovejou. - Hoje em dia as pessoas estão destruindo a santa fé. O falecido, seu santo”, ele se virou para a multidão, apontando o dedo para o caixão, “demônios rejeitados”. Ele deu Purganets dos demônios. Então eles estão espalhados pelos seus cantos como aranhas. E hoje eu estou fedendo. Nisto vemos a grande instrução do Senhor.

E isso realmente aconteceu uma vez durante a vida do Padre Zosima. Um dos monges começou a sonhar e, no final, até na realidade, imaginar espíritos malignos. Quando ele, com muito medo, revelou isso ao mais velho, aconselhou-o à oração contínua e ao jejum intenso. Mas quando isso não ajudou, ele aconselhou, sem abrir mão do jejum e da oração, a tomar um remédio. Muitos ficaram então tentados sobre isso e conversaram entre si, balançando a cabeça - principalmente o Padre Ferapont, a quem alguns detratores imediatamente se apressaram em transmitir sobre esta ordem “extraordinária” do ancião em um caso tão especial.

- Vá embora, pai! - disse o Padre Paisiy em tom de comando, - não são os homens que julgam, mas Deus. Talvez aqui vejamos uma “indicação” que nem você, nem eu, nem ninguém consegue entender. Vá embora, pai, e não perturbe o rebanho! - ele repetiu insistentemente.

- A postagem não continha postagens de acordo com a classificação do esquema dele, por isso saiu o pedido. Isso é claro, mas é pecado esconder! - o fanático, que estava perdido de zelo, não desistiu. - Ele foi seduzido pelos doces, as senhoras traziam para ele no bolso, ele se deliciava com o chá, sacrificava a barriga, enchendo-a de doces, e a mente com pensamentos arrogantes... Portanto, ele suportou a vergonha...

- Suas palavras são frívolas, pai! - Padre Paisius levantou a voz, - Estou maravilhado com o seu jejum e ascetismo, mas as suas palavras são frívolas, teria dito um jovem no mundo, inconstante e de espírito jovem. “Vá embora, pai, eu te ordeno”, trovejou o padre Paisius em conclusão.

- Eu vou embora! - disse o padre Ferapont, como que um tanto envergonhado, mas sem deixar a amargura, - vocês são cientistas! Com grande inteligência eles superaram minha insignificância. Cheguei aqui analfabeto, mas aqui esqueci o que sabia, o próprio Senhor Deus protegeu a pequena mim da sua sabedoria...

Padre Paisiy ficou ao lado dele e esperou com firmeza. Padre Ferapont fez uma pausa e de repente, sentindo-se triste e colocando a palma da mão direita na bochecha, disse em voz cantante, olhando para o caixão do falecido ancião:

“Sobre ele pela manhã, “Ajudante e Patrono” será cantado - um cânone glorioso, mas acima de mim, quando eu morrer, é apenas “Que doçura mundana” - um pequeno poema [1]”, disse ele com lágrimas e pesar . - Eles ficaram orgulhosos e ascenderam, esse lugar está vazio! - ele gritou de repente como um louco e, acenando com a mão, rapidamente se virou e desceu rapidamente os degraus da varanda. A multidão que esperava abaixo hesitou; alguns seguiram-no imediatamente, mas outros abrandaram, pois a cela ainda estava destrancada, e o Padre Paisius, seguindo o Padre Ferapont até ao alpendre, ficou a observar. Mas o velho que se dispersava ainda não tinha terminado tudo: depois de caminhar vinte passos, de repente virou-se para o sol poente, ergueu as duas mãos acima de si e, como se alguém o tivesse derrubado, caiu no chão com um grande grito:

- Meu Senhor venceu! Cristo conquistou o sol poente! - gritou furiosamente, erguendo as mãos para o sol e caindo de bruços no chão, soluçando alto como uma criança, tremendo todo de lágrimas e espalhando as mãos no chão. Neste momento todos correram para ele, houve exclamações, uma resposta de soluços... Uma espécie de frenesi tomou conta de todos.

- Esse é quem é santo! esse é quem é justo! - não se ouviam mais exclamações com medo, “aqui está quem deveria sentar-se nos mais velhos”, acrescentaram outros, já amargurados.

“Ele não se sentará entre os mais velhos... Ele mesmo a rejeitará... ele não servirá à maldita inovação... ele não imitará a tolice deles”, outras vozes imediatamente captaram, e é difícil imaginar o que isso significa. teria acordado, mas naquele momento a campainha tocou, chamando para atendimento. Todos de repente começaram a ser batizados. O Padre Ferapont também se levantou e, protegendo-se com o sinal da cruz, foi para a sua cela sem olhar para trás, continuando ainda a exclamar, mas agora algo completamente incoerente. Alguns o seguiram, em pequeno número, mas a maioria começou a se dispersar, correndo para o serviço. Padre Paisiy entregou a leitura ao Padre Joseph e desceu. Ele não podia ser influenciado pelos gritos frenéticos dos fanáticos, mas seu coração de repente ficou triste e ansiava por algo em particular, e ele sentiu isso. Ele parou e de repente se perguntou: “Por que essa minha tristeza chega ao ponto de perder o ânimo?” e com surpresa percebeu imediatamente que essa tristeza repentina aparentemente vinha do menor e mais especial motivo: o fato é que na multidão que agora se aglomerava na entrada da cela, ele notou Alyosha entre os outros que estavam preocupados, e ele lembrou que, ao vê-lo, imediatamente sentiu uma espécie de dor no coração. “Este jovem realmente significa tanto em meu coração agora?” ele de repente se perguntou surpreso. Naquele momento, Aliocha estava passando por ele, como se estivesse correndo para algum lugar, mas não em direção ao templo. Seus olhares se encontraram. Alyosha rapidamente desviou os olhos e baixou-os até o chão, e apenas pelo olhar do jovem, o padre Paisios adivinhou que forte mudança estava acontecendo nele naquele momento.

- Ou você também ficou tentado? - exclamou repentinamente o padre Paisiy, - mas você está mesmo com os de pouca fé? - acrescentou ele com tristeza.

Alyosha parou e olhou vagamente para o padre Paisius, mas novamente desviou o olhar rapidamente e baixou-os novamente no chão. Ele ficou de lado e não se virou para encarar o questionador. Padre Paisiy observou atentamente.

-Para onde você está correndo? “Eles estão anunciando as novidades para o serviço religioso”, perguntou novamente, mas Aliocha novamente não respondeu.

“Você está saindo do mosteiro?” Como você pode fazer isso sem pedir, sem abençoar?

Alyosha de repente sorriu ironicamente, estranhamente, muito estranhamente, ele ergueu os olhos para seu pai questionador, para aquele a quem seu ex-líder moribundo, o ex-governante de seu coração e mente, seu amado mais velho, o havia confiado, e de repente, ainda sem resposta, ele acenou com a mão, como se não se importasse com o respeito, e caminhou com passos rápidos até o portão de saída do mosteiro.

- Você vai voltar de novo! - sussurrou Padre Paisiy, olhando para ele com triste surpresa.

Notas de rodapé do capítulo

[1]—Quando o corpo é retirado (da cela para a igreja e depois do funeral, da igreja para o cemitério) do monge e do esquemamonk, cantam-se as stichera: “Que doçura mundana...” Se o falecido era um hieroesquemamonk, então o cânon é cantado: “Ajudante e patrono...”

II. Um momento assim

Padre Paisiy, é claro, não se enganou ao decidir que seu “querido menino” retornaria novamente, e talvez até (embora não completamente, mas ainda perspicazmente) penetrou no verdadeiro significado do humor espiritual de Alyosha. No entanto, admito francamente que seria muito difícil para mim agora transmitir com clareza o significado exato deste momento estranho e incerto na vida do herói da minha história, tão querido por mim e ainda tão jovem. À triste pergunta do Padre Paisius dirigida a Alyosha: “ou você também está com os de pouca fé?” - Eu, claro, poderia responder com firmeza por Alyosha: “Não, ele não está com os de pouca fé”. Além disso, aqui era exatamente o contrário: toda a sua confusão vinha justamente do fato de ele acreditar muito. Mas o constrangimento ainda existia, ainda acontecia, e era tão doloroso que mesmo então, muito depois, Aliocha considerou aquele dia triste um dos mais dolorosos e fatais de sua vida. Se perguntarem diretamente: “Será que toda essa melancolia e tanta ansiedade realmente aconteceram nele apenas porque o corpo do mais velho, em vez de começar imediatamente a produzir cura, pelo contrário, sofreu uma decadência precoce”, então responderei sem hesitação: “Sim, realmente foi assim.” Gostaria apenas de pedir ao leitor que não se apressasse em rir muito do coração puro do meu jovem. Eu próprio não só não pretendo pedir-lhe perdão, nem desculpar e justificar a sua fé simplória pela sua tenra idade, por exemplo, ou pelos pequenos sucessos nas ciências que anteriormente completou, etc., etc., mas farei até o oposto e declararei firmemente que sinto um respeito sincero pela natureza de seu coração. Sem dúvida, outro jovem que aceita com cautela as impressões do coração, que já sabe amar não com ardor, mas apenas com carinho, com uma mente que, embora fiel, é muito a julgar pela idade (e portanto barata), tal um jovem, eu digo, evitaria o que aconteceu com o meu jovem, mas em outros casos, é realmente mais honroso sucumbir a outra paixão, mesmo que seja irracional, mas ainda decorrente de um grande amor, do que não sucumbir a isso de jeito nenhum. E ainda mais na juventude, porque um jovem sempre muito sensato não é confiável e seu preço é barato - essa é a minha opinião! “Mas”, talvez exclamarão aqui pessoas razoáveis, “é impossível para todo jovem acreditar em tal preconceito, e seu jovem não é um decreto para o resto”. A isto responderei novamente: sim, meu jovem acreditou, acreditou sagrada e inviolavelmente, mas ainda não peço perdão para ele.

Veja bem: embora eu tenha afirmado acima (e talvez com muita pressa) que não irei explicar, pedir desculpas ou justificar meu herói, vejo que algo ainda precisa ser entendido para uma maior compreensão da história. Vou te dizer uma coisa: não há exatamente milagres aqui. A expectativa de milagres não era frívola em sua impaciência. E não era para o triunfo de quaisquer convicções que Aliócha precisava então de milagres (isso não é mais o caso), não para alguma ideia antiga e preconcebida que rapidamente triunfaria sobre outra - ah, não, de jeito nenhum: aqui em tudo este e antes de tudo, em primeiro lugar, estava diante dele um rosto, e apenas um rosto - o rosto de seu amado mais velho, o rosto daquele homem justo a quem ele reverenciava com tanta adoração. É precisamente isso que acontece, que todo o amor escondido no seu coração jovem e puro por “todos e tudo”, naquela época e durante todo o ano anterior, parecia estar às vezes concentrado, e talvez até incorretamente, em apenas um sendo principalmente, pelo menos nos impulsos mais fortes de seu coração, seu amado mais velho, já falecido. É verdade que esta criatura permaneceu diante dele por tanto tempo como um ideal indiscutível que todas as suas forças juvenis e todas as suas aspirações não podiam mais deixar de ser direcionadas exclusivamente para esse ideal, e por alguns minutos, até o esquecimento de “todos e tudo”. (Ele mesmo lembrou mais tarde que neste dia difícil se esqueceu completamente do irmão Dmitry, por quem tanto se importava e sofreu no dia anterior; também se esqueceu de levar duzentos rublos ao pai de Ilyusha, o que ele tão ansiosamente pretendia fazer. no dia anterior.) Mas, novamente, não foram necessários milagres para ele, mas apenas “a mais alta justiça”, que, segundo sua crença, havia sido violada e pela qual seu coração foi tão cruel e repentinamente ferido. E o que é que esta “justiça”, nas expectativas de Aliocha, pelo próprio curso do assunto, tomou a forma de milagres imediatamente esperados das cinzas do seu antigo líder, a quem ele adorava? Mas era isso que todos no mosteiro pensavam e esperavam, mesmo aqueles cuja inteligência Alyosha se curvava. O próprio Padre Paisios, por exemplo, e Aliocha, sem se preocuparem com dúvidas, vestiram seus sonhos da mesma forma com que vestiram todos os outros. Sim, e há muito que isso se instalou assim no seu coração, durante um ano inteiro da sua vida monástica, e o seu coração já adquiriu o hábito de esperar assim. Mas ele tinha sede de justiça, de justiça, e não apenas de milagres! E aqui está aquele que, segundo as suas esperanças, deveria ter sido exaltado acima de todos os outros no mundo inteiro - esse mesmo, em vez da glória que lhe era devida, foi repentinamente derrubado e desgraçado! Para que? Quem julgou? Quem poderia raciocinar assim? Estas são as questões que imediatamente atormentaram seu coração inexperiente e virgem. Ele não podia suportar sem insulto, mesmo sem amargura sincera, que o mais justo dos justos fosse traído por uma zombaria tão zombeteira e maliciosa por uma multidão tão frívola que era tão inferior a ele. Bem, mesmo que não houvesse nenhum milagre, mesmo que nada de milagroso aparecesse e o que era imediatamente esperado não se concretizasse, mas por que apareceu a desonra, por que a vergonha foi permitida acontecer, por que essa decadência precipitada, “advertindo a natureza”, como os monges malvados disseram? Por que é esta “instrução” que eles agora deduzem tão triunfalmente junto com o Padre Ferapont, e por que eles acreditam que receberam o direito de deduzi-la desta forma? Onde está a providência e seu dedo? Por que escondeu o dedo “no momento certo” (pensou Alyosha) e, por assim dizer, quis subordinar-se às leis cegas, mudas e impiedosas da natureza?

É por isso que o coração de Aliócha sangrava e, claro, como eu disse, antes de tudo havia o rosto que ele amava mais do que qualquer outra coisa no mundo, e estava “desgraçado”, também estava “desgraçado”! Que este murmúrio do meu jovem seja frívolo e imprudente, mas, novamente, repito pela terceira vez (e concordo de antemão que também pode ser frívolo): estou feliz que meu jovem tenha se mostrado não tão razoável em tal um momento, porque a razão sempre chegará, o tempo não é estúpido para um homem, e se mesmo em um momento tão excepcional não houver amor no coração de um jovem, então quando isso chegará? No entanto, não quero calar nesta ocasião sobre algum fenômeno estranho, embora instantâneo, que ainda assim apareceu na mente de Aliocha naquele momento fatal e confuso. Essa nova coisa que apareceu e brilhou consistiu em uma impressão dolorosa de Aliocha, agora incansavelmente, relembrando sua conversa com seu irmão Ivan ontem. Agora mesmo. Ah, não é que nada tenha sido abalado em sua alma desde as crenças básicas, elementares, por assim dizer. Ele amava seu Deus e acreditava nele inabalavelmente, embora de repente tenha começado a resmungar contra ele. Mesmo assim, alguma impressão vaga, mas dolorosa e maligna, da memória da conversa de ontem com seu irmão Ivan, de repente começou a se agitar novamente em sua alma e cada vez mais pedia para chegar ao topo. Quando já estava escurecendo, Rakitin, que passava pelo pinhal de mosteiro em mosteiro, de repente notou Alyosha deitado debaixo de uma árvore com o rosto no chão, imóvel e como se estivesse dormindo. Ele se aproximou e gritou para ele:

-Você está aqui, Alexei? “Pode realmente ser você...” ele disse surpreso, mas não chegou a terminar. Ele queria dizer: “Você realmente chegou a isso?” Aliocha não olhou para ele, mas, por alguns de seus movimentos, Rakitin adivinhou que ele o ouvia e o entendia.

- O que você tem? - Ele continuou surpreso, mas a surpresa já começava a dar lugar a um sorriso em seu rosto, que ganhava uma expressão cada vez mais zombeteira.

"Escute, estou procurando por você há mais de duas horas." Você desapareceu de repente de lá. O que você está fazendo aqui? Que tipo de bobagem é essa com você? Basta olhar para mim...

Alyosha ergueu a cabeça, sentou-se e encostou as costas na árvore. Ele não chorou, mas seu rosto expressava sofrimento e a irritação era visível em seus olhos. No entanto, ele não estava olhando para Rakitin, mas para algum lugar ao lado.

- Você sabe, seu rosto mudou completamente. Não há nada da sua antiga mansidão notória. Zangado com quem ou o quê? Ofendido?

- Deixe-me em paz! - Alyosha disse de repente, ainda sem olhar para ele e acenando cansadamente com a mão.

- Uau, aqui estamos! Assim como outros mortais, eles começaram a gritar. Este é um dos anjos! Bem, Alyoshka, você me surpreendeu, você sabe disso, digo com sinceridade. Faz muito tempo que não me surpreendo com nada aqui. Afinal, eu ainda considerava você uma pessoa educada...

Alyosha finalmente olhou para ele, mas de alguma forma distraidamente, como se ainda o entendesse pouco.

- É mesmo só porque o seu velho fede? Você realmente acreditou seriamente que ele começaria a fazer milagres? - exclamou Rakitin, novamente passando pelo mais sincero espanto.

- Eu acreditei, acredito e quero acreditar, e vou acreditar, bom, o que mais você precisa! - Alyosha gritou irritado.

- Absolutamente nada, meu querido. Droga, um estudante de treze anos não acredita nisso agora. Mas o diabo... Então agora você está com raiva do seu deus, você se rebelou: dizem que te contornaram com a patente, não te deram ordem para o feriado! Ah, você!

Alyosha olhou longamente e estreitamente para Rakitin, e algo de repente brilhou em seus olhos... mas não raiva de Rakitin.

“Eu não me rebelo contra meu Deus, simplesmente não aceito sua paz”, Alyosha de repente sorriu ironicamente.

- Por que você não aceita o mundo? — Rakitin pensou um pouco em sua resposta. - Que tipo de besteira?

Aliócha não respondeu.

- Bem, chega de ninharias, agora vamos direto ao ponto: você já comeu hoje?

- Não lembro... comi, acho.

- Você precisa se refrescar, a julgar pelo seu rosto. Olhar para você traz compaixão. Afinal você não dormiu à noite, ouvi dizer que você tinha uma reunião lá. E então toda essa confusão... Tudo o que o Antidoriano precisa fazer é mastigar um pedaço. Tenho uma linguiça no bolso, peguei na cidade só para garantir, vindo para cá, mas você não vai comer linguiça...

- Dê-me algumas salsichas.

- Ei! então é assim que você é! Isso significa que há absolutamente um motim, barricadas! Bem, irmão, este assunto não deve ser negligenciado. Venha para minha casa... eu mesmo beberia um pouco de vodca agora, estou cansado da morte. Você provavelmente não se atreverá a beber vodca... ou talvez você a beba?

- Venha tomar um pouco de vodca.

-Evona! Maravilhoso, irmão! - Rakitin parecia descontroladamente. - Bom, de um jeito ou de outro, vodca ou linguiça, mas isso é uma coisa arrojada, boa e impossível de perder, vamos lá!

Alyosha levantou-se silenciosamente do chão e seguiu Rakitin.

“O irmão Vanichka deveria ter visto isso, ele ficaria surpreso!” A propósito, seu irmão Ivan Fedorovich partiu esta manhã para Moscou, você sabia disso?

“Eu sei”, disse Alyosha com indiferença, e de repente a imagem de seu irmão Dmitry brilhou em sua mente, mas apenas brilhou, e pelo menos o lembrou de algo, algum assunto urgente que não poderia mais ser adiado por um minuto, alguma dívida , um dever terrível, mas essa lembrança não lhe impressionou, não atingiu seu coração, e naquele exato momento saiu de sua memória e foi esquecida. Mas Alyosha se lembrou disso há muito tempo.

“Seu irmão Vanichka disse uma vez sobre mim que sou um “liberal medíocre”. Você também não resistiu uma vez e me fez entender que eu era “desonesto”... Deixa estar! Deixe-me agora ver seu talento e honestidade (Rakitin terminou isso sozinho, em um sussurro). Ugh, ouça! - voltou a falar alto, - vamos passar pelo mosteiro, vamos pelo caminho direto para a cidade... Hm. A propósito, preciso ver Khokhlakova. Imagine: escrevi para ela sobre tudo o que aconteceu, e imagine, ela instantaneamente me responde com um bilhete a lápis (esta senhora adora escrever bilhetes) que “ela nunca esperou tal ato de um velho tão venerável como o Padre Zósima!” Por isso ela escreveu: “escritura”! Eu também fiquei com raiva: ah, todos vocês! Espere! - ele gritou de repente de novo, parou de repente e, segurando Alyosha pelo ombro, parou-o também:

“Você sabe, Alyoshka”, ele olhou curiosamente em seus olhos, completamente sob a impressão de um novo pensamento repentino que de repente lhe ocorreu, e embora ele próprio estivesse rindo externamente, ele aparentemente estava com medo de expressar esse novo pensamento repentino de sua parte. alto, ele ainda não conseguia acreditar no humor estranho e nada inesperado com que agora via Alyosha - Alyosha, você sabe para onde seria melhor irmos agora? - ele finalmente disse, tímido e perscrutador.

- Não importa... onde você quiser.

- Vamos para Grushenka, certo? Você irá? - Rakitin finalmente disse, mesmo tremendo de tímida antecipação.

“Vamos para Grushenka”, respondeu Alyosha com calma e imediatamente, e isso foi tão inesperado para Rakitin, ou seja, um acordo tão rápido e calmo, que ele quase deu um pulo para trás.

- B-bem!.. aqui! - gritou espantado, mas de repente, agarrando Alyosha com força pelo braço, arrastou-o rapidamente pelo caminho, ainda com muito medo de que sua determinação desaparecesse. Eles caminharam em silêncio, Rakitin tinha até medo de falar.

“E como ela ficará feliz, como ela ficará feliz...” ele murmurou, mas ficou em silêncio novamente. E não foi para alegria de Gruchenkina que ele atraiu Aliocha para ela; Ele era um homem sério e não empreendia nada sem um objetivo que fosse benéfico para si mesmo. Seu objetivo agora era duplo, em primeiro lugar, vingativo, isto é, ver a “vergonha dos justos” e a provável “queda” de Aliócha “de santos para pecadores”, com a qual ele já havia se deleitado de antemão, e em segundo lugar, ele tinha aqui em mente e algum objetivo material muito benéfico para ele, que será discutido a seguir.

“Então chegou este momento”, pensou ele consigo mesmo, alegre e zangado, “então vamos pegá-la pelo colarinho, neste momento, pois é muito apropriado para nós”.

III. Lukovka

Grushenka morava no lugar mais movimentado da cidade, perto da Praça da Catedral, na casa da viúva comerciante Morozova, de quem alugou um pequeno anexo de madeira em seu quintal. A casa de Morozova era grande, de pedra, de dois andares, velha e de aparência muito feia; a própria proprietária, uma senhora idosa, vivia ali na solidão com as duas sobrinhas, também meninas muito idosas. Ela não precisava alugar seu anexo no quintal, mas todos sabiam que ela havia permitido que Grúchenka morasse com ela (quatro anos atrás) apenas para agradar seu parente, o comerciante Samsonov, patrono declarado de Grúchenka. Disseram que o velho ciumento, ao colocar seu “favorito” com Morozova, inicialmente tinha em mente o olhar atento da velha para observar o comportamento do novo inquilino. Mas um olhar atento logo se revelou desnecessário e o resultado final foi que Morozova raramente se encontrava com Grushenka e, no final, nem a incomodava com nenhuma supervisão. É verdade que já se passaram quatro anos desde que o velho trouxe da cidade provinciana para esta casa uma menina de dezoito anos, tímida, tímida, magra, magra, pensativa e triste, e desde então muita coisa passou debaixo da ponte. Em nossa cidade, porém, a biografia dessa menina era pouco e inconsistentemente conhecida; Não descobriram mais recentemente, mesmo quando muitas pessoas já se interessavam pela “beleza” que Agrafena Alexandrovna se transformou aos quatro anos. Corriam apenas rumores de que quando ela ainda era uma menina de dezessete anos, foi enganada por alguém, supostamente algum oficial, e imediatamente abandonada por ele. O oficial foi embora e se casou em algum lugar mais tarde, mas Grushenka ficou na vergonha e na pobreza. Eles disseram, no entanto, que embora Grushenka tenha sido de fato tirada da pobreza por seu velho, ela era de uma família honesta e de alguma forma vinha de uma posição clerical, era filha de algum diácono comum ou algo parecido. E assim, aos quatro anos, de uma órfã sensível, ofendida e lamentável, surgiu uma beldade russa corada e rechonchuda, uma mulher de caráter corajoso e decidido, orgulhosa e insolente, que entendia muito de dinheiro, uma adquirente, mesquinha e cautelosa, por bem ou por mal, mas que já tinha conseguido falar sobre ela, fazendo seu próprio capital. Todos estavam convencidos de apenas uma coisa: que o acesso a Grushenka era difícil e que, além do velho, seu patrono, não havia uma única pessoa em todos os quatro anos que pudesse se orgulhar de seu favor. O fato era sólido, porque muitos caçadores saltaram para adquirir esse favor, principalmente nos últimos dois anos. Mas todas as tentativas foram em vão, e alguns dos buscadores foram forçados a recuar, mesmo com um resultado cômico e vergonhoso, graças a uma rejeição firme e zombeteira da característica jovem. Sabiam também que a jovem, especialmente no ano passado, embarcou no que se chama “gesheft”, e que deste lado revelou ter capacidades extraordinárias, de modo que no final muitos a chamaram de verdadeira judia. Não é que ela emprestasse dinheiro a juros, mas sabia-se, por exemplo, que, na companhia de Fyodor Pavlovich Karamazov, ela realmente passava algum tempo comprando notas por quase nada, um copeque por um rublo, e depois comprava algumas dessas notas. por um rublo por um copeque. O doente Samsonov, que no ano passado perdeu o uso das pernas inchadas, viúvo, tirano dos filhos adultos, grande centenário, homem mesquinho e implacável, caiu, no entanto, sob a forte influência de seu protegido, a quem a princípio ele segurou com punhos de ferro e em corpo negro, “em óleo vegetal”, como diziam então os escarnecedores. Mas Grushenka conseguiu emancipar-se, inspirando-lhe, no entanto, uma confiança ilimitada quanto à sua fidelidade a ele. Este velho, um grande empresário (já falecido há muito tempo), também tinha um caráter notável, o mais importante, mesquinho e duro como pedra, e mesmo que Grushenka o tivesse golpeado, ele não poderia viver sem ela (nos últimos dois anos, por exemplo, este foi o caso), mas ele ainda não alocou um capital grande e significativo para ela, e mesmo que ela tivesse ameaçado abandoná-lo completamente, mesmo assim ele teria permanecido implacável. Mas ele separou um pequeno capital e, quando isso foi descoberto, também surpreendeu a todos. “Você também é uma boa mulher”, ele disse a ela, dando-lhe cerca de oito mil, administre você mesma, mas saiba que além da manutenção anual como antes, você não receberá mais nada de mim até minha morte, e eu não vou te dar mais nada em meu testamento ". Por isso cumpriu a sua palavra: morreu e deixou tudo para os filhos, que manteve consigo durante toda a vida como servos, com as suas esposas e filhos, e nem sequer mencionou Grushenka no seu testamento. Tudo isso ficou conhecido mais tarde. Ele ajudou Grushenka bastante com conselhos sobre como administrar “seu próprio capital” e mostrou-lhe “coisas para fazer”. Quando Fyodor Pavlovich Karamazov, que inicialmente contatou Grushenka sobre um “gesheft” aleatório, terminou inesperadamente se apaixonando por ela sem memória e, por assim dizer, até enlouquecendo, o então velho Samsonov, que já estava respirando na palma da mão em daquela vez, riu fortemente. É notável que Grushenka tenha sido total e até sinceramente franca com seu velho durante todo o tempo em que se conheceram, e isso parece acontecer com a única pessoa no mundo. Ultimamente, quando Dmitry Fedorovich apareceu de repente com seu amor, o velho parou de rir. Pelo contrário, uma vez ele aconselhou Grushenka com seriedade e severidade: “Se você vai escolher entre ambos, pai ou filho, então escolha o velho, mas com isso em mente, o velho canalha certamente deve se casar com você, e primeiro escrever pelo menos algum capital. E não mexa com o capitão, não vai ter jeito.” Estas foram as próprias palavras do velho sensualista a Grushenka, que então já tinha um pressentimento de sua morte iminente, e de fato cinco meses após o conselho deste falecido. Também observarei brevemente que, embora muitos em nossa cidade soubessem então da absurda e feia rivalidade entre os Karamazov, pai e filho, cujo tema era Grushenka, poucas pessoas compreenderam então o verdadeiro significado de seu relacionamento com os dois, com o velho e com seu filho. Até mesmo os dois servos de Grushenka (depois que a catástrofe já havia estourado, que será discutida mais tarde) testemunharam posteriormente no julgamento que Dmitry Fedorovich foi aceito por Agrafena Alexandrovna por puro medo, porque, supostamente, “ele estava ameaçando matá-lo. ” Ela tinha duas empregadas, uma cozinheira muito idosa, ainda da família dos pais, doente e quase surda, e a neta, uma jovem e vivaz de cerca de vinte anos, empregada de Grúchenka. Grushenka vivia com muita moderação e em ambientes muito pobres. Ela tinha apenas três quartos no anexo, mobiliados pelo proprietário com móveis antigos de mogno, no estilo dos anos vinte. Quando Rakitin e Alyosha entraram, já era crepúsculo completo, mas os quartos ainda não estavam iluminados. A própria Grushenka estava deitada em sua sala de estar, em seu grande e desajeitado sofá com encosto de mogno, duro e estofado em couro, que estava desgastado há muito tempo e tinha buracos. Sob sua cabeça havia dois travesseiros brancos de plumas de sua cama. Ela ficou deitada de costas, imóvel, com as duas mãos atrás da cabeça. Ela estava arrumada, como se esperasse alguém, com um vestido de seda preta e um cocar de renda leve que lhe caía muito bem; Um lenço de renda estava jogado sobre seus ombros, preso por um enorme broche de ouro. Era ela quem esperava alguém, deitada como melancólica e impaciente, com o rosto um tanto pálido, lábios e olhos quentes, com a ponta do pé direito batendo impacientemente no braço do sofá. Assim que Rakitin e Alyosha apareceram, houve uma pequena comoção: do corredor você podia ouvir Grushenka pulando rapidamente do sofá e de repente gritando de medo: “Quem está aí?” Mas uma menina cumprimentou os convidados e respondeu imediatamente à senhora.

- Não, senhor, estes são outros, estes não são nada.

"O que ela teria?" - murmurou Rakitin, conduzindo Alyosha pela mão para a sala. Grushenka ficou ao lado do sofá, como se ainda estivesse assustada. Uma mecha grossa de sua trança loira escura saiu de repente de seu grampo e caiu em seu ombro direito, mas ela não percebeu e não a endireitou até que olhou atentamente para os convidados e os reconheceu.

- Ah, é você, Rakitka? Isso me assustou completamente. Quem está com você? Quem está com você? Senhor, foi isso que ele trouxe! - ela exclamou ao ver Alyosha.

- Sim, peça algumas velas! - disse Rakitin com o ar atrevido do conhecido mais curto e da pessoa mais próxima, que tem até o direito de dar ordens na casa.

- Velas... claro velas... Fenya, traga uma vela para ele... Bem, encontrei tempo para trazê-lo! - ela exclamou novamente, acenando para Aliocha e, virando-se para o espelho, rapidamente começou a endireitar a trança com as duas mãos. Ela parecia infeliz.

- Al não gostou de você? - perguntou Rakitin, instantaneamente quase ofendido.

“Você me assustou, Rakitka, foi isso”, Grushenka virou-se para Alyosha com um sorriso. “Não tenha medo de mim, meu querido Alyosha, estou tão feliz em ver você, você é meu convidado inesperado.” E você, Rakitka, me assustou: pensei que Mitya estava quebrando. Veja, eu o enganei agora há pouco e aceitei sua palavra de honra para que ele acreditasse em mim, mas menti. Eu disse a ele que iria passar a noite inteira com Kuzma Kuzmin, meu velho, e contaria dinheiro com ele até o anoitecer. Toda semana vou até ele a noite toda para acertar contas. Vamos nos trancar: ele bate nas contas e eu fico ali sentado, anotando-as nos livros, ele confia apenas em mim; Mitya acreditou que eu estava lá, mas me tranquei em casa - estava sentado esperando novidades. Como Fenya deixou você entrar? Fenya, Fenya! corra até o portão, abra-o e olhe em volta, tem capitão em algum lugar? Talvez ele esteja se escondendo e olhando, tenho medo da morte!

“Não tem ninguém, Agrafena Alexandrovna, só olhei em volta, subo e olho pela fresta a cada minuto, estou com medo e tremendo.”

- As venezianas estão trancadas, Fenya, mas a cortina deveria ser abaixada - assim! “Ela mesma baixou as cortinas pesadas, caso contrário ele simplesmente voaria para o fogo.” Mitya, seu irmão, Alyosha, estou com medo hoje. “Grushenka falou alto, embora alarmado, mas também como se estivesse quase encantado.

- Por que você está com tanto medo de Mitenka hoje? - indagou Rakitin, - parece que ela não é tímida com ele, ela dança ao seu som.

“Estou lhe dizendo, estou esperando por notícias, notícias de ouro como esta, para que Mitenka não seja mais necessária agora.” E ele não acreditou em mim, sinto que fui para Kuzma Kuzmich. Ele deve estar sentado lá agora, no jardim dos fundos de Fyodor Pavlovich, me protegendo. E se ele estiver instalado lá, significa que não virá para cá, tanto melhor! Mas na verdade corri para Kuzma Kuzmich, Mitya me despediu, disse que eu ficaria sentado até meia-noite e que ele certamente voltaria para casa para me despedir à meia-noite. Ele saiu, e eu fiquei uns dez minutos com o velho, e depois voltei aqui, ah, tive medo - corri para não encontrá-lo.

—Onde acabou? Que boné curioso você está usando, não é?

- E como você está curioso, Rakitin! Estou te dizendo, estou esperando por esse tipo de notícia. A notícia vai chegar, vou pular e voar, você só me viu aqui. Por isso dei alta para poder sentar.

-Para onde você vai voar?

“Você saberá muito, logo envelhecerá.”

- Olha, afinal. Todos de alegria... Nunca te vi assim antes. “Ela está vestida como se fosse a um baile”, Rakitin olhou para ela.

- Você entende muito de bolas.

- Você é muito?

- Eu vi a bola. Há três anos, Kuzma Kuzmich se casou com seu filho, então assisti no refrão. Por que eu deveria, Rakitka, falar com você quando um príncipe assim está aqui? Isso é um convidado! Aliócha, meu querido, olho para você e não acredito; Senhor, como você veio até mim! Para falar a verdade, não esperei, não me perguntei e nunca acreditei antes que você pudesse vir. Mesmo que não seja o mesmo momento agora, estou feliz que você esteja com medo! Sente-se no sofá, aqui, assim, você é meu jovem mês. Realmente, parece que ainda não recobrei o juízo... Ah, Rakitka, se você o tivesse trazido ontem ou outro dia!... Bem, estou feliz de qualquer maneira. Talvez seja melhor que agora, neste momento, e não no dia anterior...

Ela sentou-se rapidamente no sofá com Aliocha, ao lado dele, e olhou-o decididamente com admiração. E eu realmente fiquei feliz, não estava mentindo quando disse isso. Seus olhos ardiam, seus lábios riam, mas eles riam com bom humor e alegria. Alyosha nem esperava uma expressão tão gentil em seu rosto... Ele a conhecia pouco até ontem, formou uma ideia assustadora sobre ela, e ontem ele ficou terrivelmente chocado com seu ataque maligno e insidioso contra Katerina Ivanovna e ficou muito surpreso que agora ele de repente viu que parecia haver uma criatura completamente diferente e inesperada nela. E não importa o quão arrasado ele estivesse por sua própria dor, seus olhos involuntariamente focaram nela com atenção. Todos os seus modos pareciam ter mudado desde ontem, completamente para melhor: não havia quase nada daquela doçura de ontem na sua pronúncia, aqueles movimentos afeminados e educados... tudo era simples, ingénuo, os seus movimentos eram rápidos, directos, confiantes, mas ela estava muito animada.

“Senhor, todas essas coisas estão se tornando realidade hoje, de verdade”, ela balbuciou novamente. “E por que estou tão feliz com você, Alyosha, eu mesmo não sei.” Basta perguntar, não sei.

- Bem, você não sabe por que está feliz? - Rakitin sorriu. “Antes, por algum motivo, ela me incomodava: traz ele, traz ele, ela tinha um objetivo.”

“Antes eu tinha um objetivo diferente, mas agora isso passou, não é esse o momento.” Eu vou tratar você, é isso. Estou melhor agora, Rakitka. Sente-se também, Rakitka, quanto você vale? Já sentou? Provavelmente Rakitushka não se esquecerá. Agora aqui está ele, Alyosha, sentado à nossa frente, e está ofendido: por que não o convidei para se sentar antes? Nossa, meu Rakitka é melindroso, melindroso! - Grushenko riu. - Não fique com raiva, Rakitka, agora sou gentil. Por que você está sentado aí triste, Alyoshechka, você tem medo de mim? - Ela olhou nos olhos dele com uma zombaria alegre.

- Ele está de luto. Eles não me deram posição”, disse Rakitin em voz profunda.

- Qual classificação?

- O velho sentiu o cheiro dele.

- Como cheirava? Você está falando bobagem, quer dizer alguma coisa desagradável. Cale a boca, idiota. Deixe-me, Alyosha, sentar no seu colo, assim! “E de repente ela instantaneamente deu um pulo e pulou no colo dele, rindo, como um gato carinhoso, segurando suavemente seu pescoço com a mão direita: “Vou fazer você rir”. garoto, você é meu piedoso! Não, sério, você vai mesmo me deixar sentar no seu colo, não vai ficar com raiva? Se você pedir, eu pularei.

Aliócha ficou em silêncio. Ele sentou-se, com medo de se mexer, ouviu as palavras dela: “Se você mandar, eu pulo”, mas não respondeu, como se tivesse congelado. Mas não havia nada nele que ele pudesse esperar e que até mesmo Rakitin, por exemplo, pudesse imaginar nele agora, observando carnívoramente de seu lugar: A grande dor de sua alma absorveu todas as sensações que poderiam ter surgido em seu coração, e se ao menos ele pudesse, se neste momento se prestasse um relato completo, então ele próprio teria adivinhado que agora estava na armadura mais forte contra todas as tentações e tentações. No entanto, apesar de toda a vaga inexplicabilidade do seu estado mental e de toda a dor que o oprimia, ele ainda involuntariamente se maravilhava com uma sensação nova e estranha que nasceu em seu coração: esta mulher, esta mulher “terrível”, não só não assustou ele agora como antes, medo, medo que antes surgia nele com cada sonho de mulher, se algum brilhasse em sua alma, mas pelo contrário, esta mulher, a quem ele temia mais do que qualquer outra pessoa, sentada em seu colo e abraçando. ele, de repente agora despertou nele algo completamente diferente, inesperado e um sentimento especial, um sentimento de alguma curiosidade extraordinária, maior e mais sincera por ela, e tudo isso sem nenhum medo, sem o menor horror anterior - isso era o principal e o que o surpreendeu involuntariamente.

“É muita bobagem falar sobre isso”, gritou Rakitin, “mas melhor ainda, me dê champanhe, a dívida é sua, você mesmo sabe disso!”

- É realmente um dever. Afinal, eu, Alyosha, prometi-lhe champanhe acima de tudo para você, se ele lhe trouxesse. Dê-me um pouco de champanhe e eu beberei! Fenya, Fenya, traga-nos um pouco de champanhe, aquela garrafa que Mitya deixou, corra rápido. Mesmo sendo mesquinho, não vou te dar mamadeira, Rakitka, você é um cogumelo, mas ele é um príncipe! E mesmo que minha alma esteja cheia de outra coisa agora, vou tomar um drink e estarei com você, quero fazer briga!

- De que minuto você está falando e que tipo de “notícia” existe, pode-se perguntar, é segredo? - Rakitin se virou novamente com curiosidade, fingindo com todas as suas forças que não estava prestando atenção aos cliques que voavam constantemente em sua direção.

“Oh, não é segredo, e você mesmo sabe disso”, disse Grushenka de repente preocupada, virando a cabeça para Rakitin e inclinando-se um pouco para longe de Alyosha, embora ainda continuasse sentado em seu colo, com o braço em volta de seu pescoço, “o oficial está vindo, Rakitin, meu oficial está vindo!

“Ouvi dizer que isso estava chegando, mas será que está tão perto assim?”

- Em Mokroye agora, de lá ele vai mandar uma corrida de revezamento aqui, foi o que ele escreveu, acabei de receber uma carta. Estou sentado esperando o revezamento.

- Pronto! Por que em Mokroye?

- É uma longa história, mas isso é o suficiente para você.

- Agora Mitenka, - oh, oh! Ele sabe ou não?

- O que ele sabe! Ele não sabe nada! Se eu tivesse descoberto, eu o teria matado. Sim, não tenho medo disso agora, não tenho medo da faca dele agora. Cale a boca, Rakitka, não mencione Dmitry Fedorovich para mim: ele esmagou meu coração. Sim, não quero pensar em nada sobre isso neste momento. Posso pensar em Alyoshechka, olho para Alyoshechka... Sim, sorria para mim, minha querida, anime-se, sorria da minha estupidez, sorria da minha alegria... Mas você sorriu, sorriu! Veja como ele parece ternamente. Você sabe, Alyosha, fiquei pensando que você estava com raiva de mim pelo terceiro ano, pela jovem. Eu era um cachorro, é isso... Mas ainda bem que isso aconteceu. E foi ruim e foi bom”, Grushenka de repente sorriu pensativamente, e alguma linha cruel de repente brilhou em seu sorriso. - Mitya disse que gritou: “Precisamos chicoteá-la!” Eu realmente a ofendi então. Ela me convidou, queria ganhar, me seduzir com seu chocolate... Não, que bom que isso aconteceu”, sorriu novamente. - Sim, temo que você esteja com raiva...

“Mas é verdade”, acrescentou Rakitin de repente com séria surpresa. “Afinal, ela tem muito medo de você, Alyosha, sua galinha.”

- Isso é para você, Rakitka, ele é uma galinha, é isso... porque você não tem consciência, é isso! Eu, você vê, eu o amo com minha alma, é isso! Você acredita, Alyosha, que eu te amo com toda a minha alma?

- Ah, seu sem-vergonha! É ela quem explica seu amor por você, Alexey!

- Bem, eu adoro isso.

- E o oficial? E as notícias de ouro de Mokroye?

- Isso é uma coisa e isso é outra.

- É assim que parece uma mulher!

“Não me deixe com raiva, Rakitka”, Grushenka respondeu com veemência, “isso é uma coisa e isso é outra”. Eu amo Alyosha de uma maneira diferente. É verdade, Alyosha, antes tive uma ideia astuta para você. Mas estou desanimado, estou frenético, bem, mas outras vezes eu costumava olhar para você, Alyosha, como minha consciência. Fico pensando: “como alguém tão desagradável pode me desprezar agora?” E há três dias eu estava pensando em como fugi da jovem para cá. Notei que você está assim há muito tempo, Alyosha, e Mitya sabe, ela disse a ele. É assim que Mitya entende. Você acredita, às vezes, sério, Alyosha, eu olho para você e tenho vergonha, tenho muita vergonha de mim mesmo... E como comecei a pensar em você e desde quando, não sei e não não me lembro...

Fenya entrou e colocou uma bandeja sobre a mesa, sobre ela uma garrafa aberta e três copos servidos.

- O champanhe chegou! - gritou Rakitin, - você está animada, Agrafena Alexandrovna, e fora de si. Você vai beber um copo e ir dançar. Eh-eh; “Eles também não conseguiram fazer isso”, acrescentou, olhando para o champanhe. “A velha derramou na cozinha e trouxeram uma garrafa sem rolha e um pouco de água morna.” Bom, vamos fazer assim...

Ele foi até a mesa, pegou um copo, bebeu de um só gole e serviu-se de outro.

“Você não encontra champanhe com muita frequência.” - disse ele, lambendo os lábios, - nootka, Alyosha, pegue um copo, mostre-se. Por que devemos beber? além das portas do céu? Pegue, Pêra, um copo, beba e você estará às portas do céu.

- Que portas celestiais são essas?

Ela pegou o copo. Aliocha pegou o seu, tomou um gole e guardou o copo.

- Não, é melhor não! - Ele sorriu baixinho.

- E ele se vangloriou! - Rakitin gritou.

“Bem, se for assim, não vou”, respondeu Grushenka, “e não quero”. Beba, Rakitka, a garrafa inteira sozinha. Alyosha beberá e então eu beberei.

- A ternura da vitela está aqui! - brincou Rakitin. - E ela senta no colo dele! Digamos que ele esteja com problemas, mas e você? Ele se rebelou contra seu deus e ia comer linguiça...

- O que está errado?

- Morreu hoje o mais velho dele, o velho Zósima, um santo.

- Foi assim que o Ancião Zosima morreu! - exclamou Grushenka, - Senhor, eu nem sabia disso! — Ela se benzeu com devoção. - Senhor, o que estou fazendo e agora estou sentado no colo dele! — ela de repente deu um pulo como se estivesse assustada, imediatamente pulou de joelhos e sentou-se no sofá. Alyosha olhou para ela por um longo tempo surpreso, e algo pareceu brilhar em seu rosto.

“Rakitin”, disse ele de repente em voz alta e firme, “não me provoque dizendo que me rebelei contra meu Deus”. Não quero ter nenhuma malícia contra você, então seja mais gentil também. Perdi um tesouro que você nunca teve e você não pode me julgar agora. Melhor olhar para ela aqui: você viu como ela me poupou? Vim aqui para encontrar uma alma má - fiquei tão atraída por isso, porque era má e zangada, mas encontrei uma irmã sincera, encontrei um tesouro - uma alma amorosa... Ela agora me poupou... Agrafena Alexandrovna . Estou falando de você. Você agora restaurou minha alma.

Os lábios de Aliócha começaram a tremer e sua respiração ficou difícil. Ele parou.

- Como se eu realmente tivesse te salvado! - Rakitin riu com raiva. - E Oda queria te engolir, você sabia disso?

- Pare, Rakitka! - Grushenka deu um pulo de repente, - fiquem quietos, vocês dois. Agora direi tudo: você, Alyosha, fique quieto, porque suas palavras assim me envergonham, porque sou mau, não gentil, é isso que sou. E você, Rakitka, fique em silêncio porque está mentindo. Teve um pensamento tão vil que tive vontade de engoli-lo, e agora você está mentindo, agora não é nada... e para que eu não ouça mais você, Rakitka! “Grushenka disse tudo isso com um entusiasmo extraordinário.

- Olha, os dois estão bravos! - Rakitin sibilou, olhando para os dois surpreso, “como loucos, como se eu tivesse acabado em um hospício”. Nós dois relaxamos e agora eles vão começar a chorar!

- E vou começar a chorar, e vou começar a chorar! - Grushenka disse, “ele me chamou de irmã, e nunca esquecerei disso no futuro!” A única coisa é, Rakitka, mesmo estando com raiva, ainda servi a cebola.

- Que tipo de cebola? Fu, droga, estamos mesmo loucos! Rakitin ficou surpreso com o entusiasmo deles e com uma raiva tocante, embora pudesse ter percebido que os dois tinham acabado de se unir com tudo que poderia abalar suas almas de uma forma que não acontece com frequência na vida. Mas Rakitin, que sabia compreender com muita sensibilidade tudo o que lhe dizia respeito, era muito rude na compreensão dos sentimentos e sensações dos seus vizinhos - em parte devido à sua jovem inexperiência, e em parte devido ao seu grande egoísmo.

“Você vê, Alyoshechka,” Grushenka de repente riu nervosamente, virando-se para ele. - Eu me gabei para Rakitka de ter dado a cebola para ele, mas não vou me gabar para você, vou te contar isso com um propósito diferente. Isto é apenas uma fábula, mas é uma boa fábula, ouvi da minha Matryona, que agora é minha cozinheira, quando eu ainda era criança. Você vê como é: “Era uma vez uma mulher mal-humorada e desprezadora, e ela morreu. E nem uma única virtude permaneceu depois dela. Os demônios a agarraram e a jogaram no lago de fogo. E seu anjo da guarda se levanta e pensa: que tipo de virtude posso lembrar dela para contar a Deus. Ele se lembrou e disse a Deus: ela, diz ele, arrancou uma cebola da horta e deu a um mendigo. E Deus lhe responde: pegue, ele diz, essa mesma cebola, estique no lago, deixe-a agarrar e esticar, e se você tirar do lago, então deixe ir para o céu, mas se a cebola quebrar, então a mulher ficará ali, onde Agora. O anjo correu até a mulher, entregou-lhe a cebola: aqui, disse a mulher, agarre e estenda a mão, e ele começou a puxar com cuidado, e estava prestes a tirar tudo, mas os outros pecadores no lago viram que ela estava sendo puxada para fora, e todos começaram a agarrá-la para que pudessem ser puxados junto com ela. Mas a mulher ficou furiosa e com desprezo e começou a chutar as pernas: “Eles estão puxando a mim, não a você, à minha cebola, não à sua”. Assim que ela disse isso, a cebola quebrou. E a mulher caiu no lago e está queimando até hoje. E o anjo chorou e foi embora.” Ela memorizou esta fábula, Alyosha, porque eu mesma sou uma mulher muito agressiva. Eu me gabei para Rakitka de ter lhe dado uma cebola, mas direi de outra forma: só dei algum tipo de cebola durante toda a minha vida e só tenho virtudes. E não me elogie depois disso, Alyosha, não me considere bom, sou mau, zangado e desprezível, mas se você me elogiar, você me envergonhará. Eh, sim, vou me arrepender completamente. Ouça, Alyosha: eu queria tanto que você viesse até mim e importunei tanto Rakitka que prometi a ele vinte e cinco rublos se ele trouxesse você até mim. Pare, Rakitka, espere! “Ela caminhou rapidamente até a mesa, abriu uma gaveta, tirou uma bolsa e dela um cartão de crédito de vinte e cinco rublos.

- Que bobagem! Que absurdo! - exclamou o intrigado Rakitin.

- Aceite, Rakitka, a dívida, provavelmente você não vai recusar, você mesmo perguntou. — E joguei para ele um cartão de crédito.

“Eu gostaria de poder recusar”, disse Rakitin em voz profunda, aparentemente envergonhado, mas habilmente encobrindo sua vergonha, “isso seria ótimo para nós, os tolos existem para o lucro de uma pessoa inteligente”.

- Agora fique calado, Rakitka, agora tudo o que eu disser não será para os seus ouvidos. Sente-se aqui no canto e fique em silêncio, você não nos ama, e fique em silêncio.

- Por que eu deveria te amar? - Rakitin retrucou, não escondendo mais sua raiva. Ele colocou o cartão de crédito de vinte e cinco rublos no bolso e ficou completamente envergonhado na frente de Aliócha. Ele esperava receber o pagamento mais tarde, para não descobrir, mas agora estava furioso e envergonhado. Até aquele momento, ele achava muito político não contradizer muito Grúchenka, apesar de todos os seus cliques, porque estava claro que ela tinha algum tipo de poder sobre ele. Mas agora ele também estava com raiva:

- Eles te amam por alguma coisa, mas o que vocês dois fizeram comigo?

- E você ama de graça, é assim que Alyosha ama.

- Por que ele te ama e o que ele te mostrou que você anda por aí?

Grushenka ficou no meio da sala, falou apaixonadamente e havia notas histéricas em sua voz.

- Cale a boca, Rakitka, você não entende nada sobre nós! E não se atreva a me dizer no futuro, eu não quero deixar, e por que você teve tanta coragem, é isso! Sente-se no canto e fique em silêncio como meu lacaio. E agora, Alyosha, vou lhe contar toda a verdade, para que você possa ver que criatura eu sou! Não para Rakitka, mas para você. Eu queria destruir você, Alyosha, a verdade é ótima, eu a deixei completamente de lado; Eu queria tanto que subornei Rakitka com dinheiro para trazer você. E por que eu queria tanto isso? Você, Alyosha, não sabia de nada, você se afastou de mim, se você passar, você abaixará os olhos, mas eu já olhei para você uma centena de vezes, comecei a perguntar a todos sobre você. Seu rosto permanece em meu coração: “Ele me despreza, acho que não vai querer nem olhar para mim”. E no final tive uma sensação tão grande que me perguntei: por que tenho medo de um menino assim? Vou engolir tudo e rir. Fiquei completamente irritado. Você acredita nisso: ninguém aqui se atreve a dizer ou pensar em vir a Agrafena Alexandrovna por causa dessa coisa ruim; Só tenho um velho aqui, estou amarrado e vendido a ele, Satanás nos casou, mas nenhum dos outros. Mas olhando para você eu disse: vou engolir. Vou engolir e rir. Você vê que cachorro malvado eu sou, a quem você chamou de irmã! Agora chegou esse meu agressor, agora estou sentado esperando notícias. Você sabe o que esse agressor significou para mim? Cinco anos desde que Kuzma me trouxe aqui, eu ficava sentado lá, me escondendo das pessoas para que elas não me vissem ou me ouvissem, magro, estúpido, eu sentava e chorava, não dormia a noite toda, eu' pensaria: “E onde ele está agora?”, meu agressor? Ele deve estar rindo de mim com outra pessoa, e eu estou pensando nele, só para vê-lo, para conhecê-lo algum dia: então eu vou retribuir, eu vou retribuir! À noite, no escuro, soluço no travesseiro e mudo de ideia sobre tudo isso, dilacero meu coração de propósito, satisfaço-o com raiva: “Vou retribuir, vou retribuir!” Aconteceu e eu gritava no escuro. Mas quando de repente me lembro que não farei nada com ele, e ele está rindo de mim agora, ou talvez ele tenha esquecido completamente e não se lembre, vou me jogar da cama no chão, cair em lágrimas impotentes e agite e agite até o amanhecer. De manhã levantarei com mais raiva que um cachorro, feliz por engolir toda a luz. Então, o que você acha: comecei a acumular capital, fiquei sem dó, engordei, você acha que fiquei mais sábio, né? Então não, ninguém vê ou sabe disso em todo o universo, mas quando cai a escuridão da noite, assim como quando eu era menina, há cinco anos, às vezes fico ali deitada, rangendo os dentes e chorando a noite toda: “Eu vou dizer a ele: “Sim, vou dar a ele”, eu acho! Você já ouviu tudo isso? Pois bem, como você me entende agora: há um mês, de repente me chegou esta mesma carta: ele está viajando, é viúvo, quer me ver. Meu espírito foi levado então, Senhor, e de repente pensei: ele virá e assobiará para mim, me chamará, e eu rastejarei até ele como um cachorrinho, espancado e culpado! Acho que sou eu quem não acredita em mim mesmo: “Sou mau ou não, vou correr para ele ou não vou correr?” E essa raiva tomou conta de mim durante todo este mês, o que é ainda pior do que há cinco anos. Você vê agora, Alyosha, como estou frenético, como estou furioso, eu lhe expressei toda a verdade! Mitya se divertiu para não correr para lá. Cale a boca, Rakitka, não cabe a você me julgar, eu não te contei. Agora, antes de você chegar, eu estava deitado aqui, esperando, pensando, decidindo todo o meu destino, e você nunca saberá o que estava em meu coração. Não, Alyosha, diga à sua jovem para não ficar zangada com o terceiro ano!.. E ninguém no mundo inteiro sabe como é para mim agora, e não pode saber... É por isso que talvez eu tome um faca aí comigo hoje, ainda não decidi...

E tendo pronunciado esta palavra “patética”, Grushenka de repente não aguentou, não terminou, cobriu o rosto com as mãos, atirou-se no sofá entre os travesseiros e começou a soluçar como uma criança. Alyosha levantou-se e foi até Rakitin.

“Misha”, disse ele, “não fique com raiva”. Você está ofendido por ela, mas não fique com raiva. Você a ouviu agora? Não se pode pedir tanto da alma de uma pessoa, é preciso ser mais misericordioso...

Aliocha disse isso num impulso incontrolável de seu coração. Ele precisava falar e se virou para Rakitin. Se Rakitin não estivesse lá, ele teria exclamado sozinho. Mas Rakitin olhou zombeteiramente e Alyosha parou de repente.

“Eles acusaram você de seu mais velho agora há pouco, e agora você deixou escapar seu mais velho para mim, Alyoshenka, o homenzinho de Deus”, disse Rakitin com um sorriso odioso.

“Não ria, Rakitin, não sorria, não fale do morto: ele é mais alto do que todos que existiram na terra!” - Alyosha gritou com lágrimas na voz. “Vim falar com você não como juiz, mas como o último dos réus.” Quem sou eu diante dela? Eu vim aqui para morrer e falei: “deixa, deixa!” e isso é por causa da minha covardia, e ela, depois de cinco anos de tormento, alguém veio primeiro e disse uma palavra sincera para ela - ela perdoou tudo, esqueceu tudo e está chorando! Seu agressor voltou, liga para ela, e ela o perdoa tudo e corre alegremente até ele, e não vai pegar a faca, não vai pegar! não, eu não sou assim. Não sei se você é assim, Misha, mas eu não sou assim! Hoje, agora, aprendi esta lição... Ela está mais apaixonada do que nós... Você já ouviu falar dela antes o que ela disse agora? Não, não tenho; se eu tivesse ouvido, já teria entendido tudo há muito tempo... e deixado a outra mulher ofendida perdoá-la! E ele perdoará se descobrir... e descobrir... Esta alma ainda não está reconciliada, devemos poupá-la... pode haver um tesouro nesta alma...

Alyosha ficou em silêncio porque estava sem fôlego. Rakitin, apesar de toda a sua raiva, olhou surpreso. Ele nunca esperou tal discurso do quieto Alyosha.

- O advogado apareceu! Você se apaixonou por ela ou o quê? Agrafena Alexandrovna, afinal, nosso jejuador se apaixonou mesmo por você, ele venceu! - ele gritou com uma risada atrevida.

Grushenka levantou a cabeça do travesseiro e olhou para Alyosha com um sorriso terno brilhando em seu rosto, repentinamente inchado pelas lágrimas atuais.

“Deixe-o em paz, Alyosha, você é meu querubim, veja como ele é, ele encontrou alguém com quem conversar.” “Eu, Mikhail Osipovich”, ela se virou para Rakitin, “queria pedir perdão por amaldiçoá-lo, mas agora não quero mais. Alyosha, venha até mim, sente-se aqui”, ela acenou para ele com um sorriso alegre, “assim, sente-se aqui, diga-me (ela pegou a mão dele e olhou em seu rosto, sorrindo), “diga-me: eu o amo. ”ou não? Eu amo meu agressor ou não? Eu estava deitada aqui no escuro diante de você, ainda questionando meu coração: eu o amo ou não? Se você me der permissão, Alyosha, chegou a hora, diga o que disser, assim será. Devo perdoá-lo ou não?

“Mas eu já te perdoei”, disse Alyosha, sorrindo.

“Eu realmente te perdoei”, disse Grushenka pensativamente. - Que coração vil! Para meu vil coração! - De repente ela pegou um copo da mesa, bebeu de uma vez, pegou e jogou no chão com um floreio. O vidro quebrou e tocou. Alguma linha cruel brilhou em seu sorriso.

“Mas talvez eu ainda não tenha te perdoado”, disse ela de forma ameaçadora, baixando os olhos para o chão, como se estivesse sozinha falando sozinha. - Talvez o coração esteja prestes a perdoar. Eu ainda vou lutar com meu coração. Você vê, Alyosha, eu me apaixonei pelas lágrimas de medo do meu filho de cinco anos... Talvez eu só tenha me apaixonado pelo meu insulto, e não por ele!

- Bem, eu não gostaria de estar na pele dele! - Rakitin sibilou.

“E você não vai, Rakitka, você nunca estará na pele dele.” Você vai costurar sapatos para mim, Rakitka, então vou usá-la para alguns trabalhos, mas você nunca verá alguém como eu... E ele pode nunca ver um...

- Ele? Por que você se vestiu? - Rakitin brincou zombeteiramente.

“Não me culpe por me vestir bem, Rakitka, você ainda não conhece meu coração!” “Se eu quiser, arranco minha roupa, arranco agora mesmo”, gritou ela bem alto. “Você não sabe para que serve essa roupa, Rakitka!” Talvez eu vá até ele e diga: “Você me viu assim ou ainda não? “Afinal, ele me deixou, um bebê chorão de dezessete anos, magro e tuberculoso.” Deixe-me sentar ao lado dele, deixe-me seduzi-lo, deixe-o inflamá-lo: “Você viu como eu sou agora, vou dizer, bem, fique com isso, querido senhor, estava escorrendo pelo meu bigode , mas não entrou na minha boca!” - é isso que esse cara pode fazer, Rakitka”, concluiu Grushenka com uma risada maligna. - Estou furioso, Alyosha, furioso. Vou arrancar minha roupa, vou me mutilar, minha linda, vou queimar meu rosto e cortá-lo com faca, vou implorar. Se eu quiser, não irei a lugar nenhum nem a ninguém agora, se eu quiser, amanhã mandarei para Kuzma tudo o que ele me deu e todo o seu dinheiro, e irei trabalhar como diarista para o resto da minha vida!.. Você acha que não farei isso, Rakitka, não me atrevo a fazer isso? Eu vou fazer, eu vou, eu posso fazer agora, só não me irrite... senão eu mando ele embora, vou exibi-lo, ele não vai me ver!

Ela gritou as últimas palavras histericamente, mas não aguentou de novo, cobriu o rosto com as mãos, jogou-se no travesseiro e voltou a tremer de soluços. Rakitin levantou-se da cadeira:

“Está na hora”, disse ele, “é tarde, eles não vão deixar você entrar no mosteiro”.

Grushenka deu um pulo da cadeira.

- Você realmente quer ir embora, Alyosha? - ela exclamou com triste espanto; - mas o que você está fazendo comigo agora: você me chamou, me atormentou, e agora é noite de novo, de novo tenho que ficar sozinho!

- Ele não deveria passar a noite com você? E se ele quiser, deixe! Eu irei sozinho! - Rakitin brincou sarcasticamente.

“Fique em silêncio, alma maligna”, Grushenka gritou furiosamente para ele, “você nunca me disse as palavras que ele veio me dizer”.

- O que ele te contou? - Rakitin resmungou irritado.

“Não sei, não sei, não sei de nada que ele falou isso para mim, afetou meu coração, ele virou meu coração de cabeça para baixo... Ele foi o primeiro, o único, a tenha pena de mim, é isso! Por que você, querubim, não veio antes? Ela de repente caiu de joelhos na frente dele, como se estivesse em frenesi. “Esperei por alguém como você durante toda a minha vida, sabia que alguém assim viria e me perdoaria.” Acreditei que alguém iria me amar também, o nojento, não só pela minha vergonha!..

- O que eu fiz com você? - Alyosha respondeu, sorrindo ternamente, inclinando-se para ela e pegando-lhe ternamente as mãos: “Eu te dei uma cebola, uma cebola bem pequena, só, só!..

E tendo falado, ele começou a chorar. Naquele momento, de repente, ouviu-se um barulho no corredor; Grushenka deu um pulo como se estivesse com um medo terrível. Fenya correu para a sala com barulho e gritos.

- Senhora, querida, senhora, o revezamento galopou! - ela exclamou alegremente e sem fôlego. - Tarantas de Mokroye está atrás de você. Timofey é cocheiro de uma troika, agora vão trocar cavalos novos... Carta, carta, senhora, aqui está a carta!

A carta estava em sua mão e ela a agitava no ar o tempo todo enquanto gritava. Grushenka arrancou-lhe a carta e levou-a até à vela. Era apenas um bilhete, algumas linhas, e ela leu num instante.

- Clicado! - gritou ela, toda pálida e com o rosto contorcido por um sorriso doloroso, - assobiou! Rasteja cachorrinho!

Mas por apenas um momento ela ficou parada como se estivesse indecisa; de repente o sangue correu para sua cabeça e encheu suas bochechas de fogo.

- Estou a caminho! - ela exclamou de repente. - Meus cinco anos! Até a próxima! Adeus, Alyosha, o destino está decidido... Vá, vá, afaste-se de mim agora, pessoal, para que eu não os veja novamente! Talvez eu esteja indo para a minha morte! Uau! Como se ela estivesse bêbada!

De repente, ela os deixou cair e correu para seu quarto.

- Bem, ela não tem tempo para nós agora! - Rakitin resmungou. “Vamos, senão o grito dessa mulher vai recomeçar, cansei desses gritos chorosos...

Alyosha permitiu-se ser retirado automaticamente. Havia um tarantass no quintal, eles desatrelavam os cavalos, andavam com uma lanterna e se agitavam. Uma nova troika foi trazida pelos portões abertos. Mas Alyosha e Rakitin tinham acabado de sair da varanda quando de repente a janela do quarto de Grushenka se abriu e ela gritou atrás de Alyosha com uma voz retumbante:

- Alyoshechka, faça uma reverência ao seu irmão Mitenka, e diga-lhe para não se lembrar de mim, seu vilão, de forma arrojada. Sim, diga-lhe com minhas palavras: “O canalha pegou Grushenka, e não o nobre!” Sim, acrescente-lhe também que Grushenka o amou por uma hora, ela amou apenas uma hora de tudo - para que ele se lembre desta hora para o resto da vida, como se Grushenka lhe ordenasse para o resto da vida! .

Ela terminou com uma voz cheia de soluços. A janela se fechou.

- Hum, hum! - Rakitin murmurou, rindo, - ela esfaqueou seu irmão Mitenka, e também ordenou que ele se lembrasse dela pelo resto da vida. Que carnivoria!

Alyosha não respondeu nada, como se não tivesse ouvido; ele caminhou ao lado de Rakitin rapidamente, como se estivesse com muita pressa; ele parecia estar em estado de esquecimento, andando mecanicamente. Rakitin foi repentinamente picado por alguma coisa, como se alguém tivesse tocado seu ferimento recente com o dedo. Isso não era nada do que ele esperava agora, quando reuniu Grúchenka e Aliocha; algo completamente diferente aconteceu, e não o que ele realmente queria.

“Ele é um polonês, esse oficial dela”, ele falou novamente, contendo-se, “e ele não é mais um oficial agora, ele serviu como funcionário da alfândega na Sibéria em algum lugar na fronteira chinesa, ele deve ser algum tipo de polonês inteligente .” Dizem que ele perdeu o lugar. Agora ouvi dizer que Grushenka tinha algum capital, então ele voltou - esses são todos os milagres.

Alyosha novamente definitivamente não ouviu. Rakitin não aguentou:

- Bem, você converteu o pecador? - ele riu maldosamente de Alyosha. — Você desviou a prostituta para o caminho da verdade? Expulsar sete demônios, hein? Aqui estão eles, onde aconteceram nossos tão esperados milagres!

“Pare com isso, Rakitin”, Alyosha respondeu com sofrimento em sua alma.

“É você quem agora, por vinte e cinco rublos, me “despreza” agora há pouco?” Vendido, dizem, um verdadeiro amigo. Mas você não é Cristo e eu não sou Judas.

“Oh, Rakitin, garanto-lhe, esqueci disso”, exclamou Alyosha, “você mesmo acabou de me lembrar... Mas Rakitin ficou completamente zangado.

- Malditos sejam, cada um de vocês! “ele gritou de repente:“ por que, diabo, eu me envolvi com você! Eu não quero mais te conhecer. Vá sozinho, aí está o seu caminho!

E ele virou bruscamente para outra rua, deixando Aliocha sozinho na escuridão. Alyosha deixou a cidade e atravessou o campo até o mosteiro.

4. Caná da Galileia

Já era muito tarde, como num mosteiro, quando Aliocha chegou ao mosteiro; O porteiro o deixou passar de uma maneira especial. Já são nove horas - uma hora de descanso e paz geral depois de um dia tão alarmante para todos. Aliocha abriu timidamente a porta e entrou na cela do ancião, onde agora estava seu caixão. Além do padre Paisius, que lia o Evangelho na solidão sobre o caixão, e do jovem noviço Porfiry, cansado da conversa da noite anterior e da agitação de hoje, e dormindo em outro quarto no chão em seu sono profundo de jovem, não havia ninguém em a célula. O Padre Paisios, embora tenha ouvido Aliocha entrar, nem sequer olhou em sua direção. Alyosha virou-se para a direita da porta no canto, ajoelhou-se e começou a orar. Sua alma estava cheia, mas de alguma forma vaga, e nenhuma sensação se destacava muito, pelo contrário, uma substituía a outra numa espécie de rotação silenciosa e uniforme; Mas o coração era doce e, estranhamente, Aliocha não ficou surpreso com isso. Novamente ele viu diante de si este caixão, este círculo fechado de seu precioso cadáver, mas a piedade chorosa, dolorida e dolorosa não estava em sua alma, como havia acontecido naquela manhã. Tendo agora entrado no túmulo, ele caiu como se estivesse diante de um santuário, mas alegria, alegria brilhou em sua mente e em seu coração. Uma janela da cela estava aberta, o ar estava fresco e frio - “significa que o espírito ficou ainda mais forte se eles decidissem abrir a janela”, pensou Alyosha. Mas mesmo esse pensamento sobre o espírito corruptor, que só agora lhe parecia tão terrível e inglório, não despertou nele a melancolia e a indignação de antes. Ele começou a orar silenciosamente, mas logo sentiu que estava orando quase mecanicamente. Fragmentos de pensamentos brilharam em sua alma, iluminaram-se como estrelas e imediatamente se apagaram, substituídos por outros, mas por outro lado, algo inteiro, sólido, satisfatório reinou em sua alma, e ele mesmo percebeu isso. Às vezes ele começava a oração com paixão, queria tanto agradecer e amar... Mas, tendo começado a oração, de repente passou para outra coisa, ficou pensativo, esqueceu tanto a oração como o que a interrompeu. Começou a ouvir o que o Padre Paisius lia, mas, cansado, aos poucos começou a cochilar...

“E no terceiro dia houve um casamento em Caná da Galiléia”, leu o Padre Paisius, e lá estava a Mãe de Jesus. Jesus e seus discípulos foram rapidamente chamados ao casamento”.

- Casado? O que é isso... casamento... - correu como um redemoinho na mente de Alyosha, - ela também está feliz... foi para a festa... Não, ela não pegou faca, não pegou uma faca... Foi apenas uma palavra “patética”... Bem... palavras patéticas devem ser perdoadas, é claro. Palavras lamentáveis ​​confortam a alma... sem elas, a dor seria pesada demais para as pessoas. Rakitin foi para o beco. Enquanto Rakitin pensar em suas queixas, ele sempre irá para o beco... E a estrada... a estrada é grande, reta, brilhante, cristalina e o sol no final dela... Eh?.. o que eles estão lendo?

“...E não vou buscar o vinho, disse-lhe a Mãe de Jesus: “Eles não têm vinho”... foi ouvido por Aliócha.

- Ah sim, senti falta daqui, mas não queria perder, adoro esse lugar: Esta é Caná da Galiléia, o primeiro milagre... Ah, isso é um milagre, ah, isso é um doce milagre ! Cristo visitou não a dor, mas a alegria das pessoas, pela primeira vez criando um milagre, ajudando a alegria das pessoas... “Quem ama as pessoas ama a sua alegria”... O falecido repetia isso a cada minuto, este foi um dos seus mais pensamentos importantes... É impossível viver sem alegria, diz ele Mitya... Sim, Mitya... Tudo o que é verdadeiro e belo está sempre cheio de perdão, disse novamente...

“...Disse-lhe Jesus: Que esposa há para mim e para ti; Minha hora ainda não chegou. Verbo da mãe aos Seus servos: tudo o que Ele vos disser, façam.”

- Criar... Alegria, alegria de alguns pobres, muito pobres... Claro que os pobres, se não houvesse vinho suficiente nem para o casamento... Os historiadores escrevem que perto do Lago Genesaré e em todos esses lugares a população mais pobre possível foi resolvido naquele momento, imagine... E outro grande coração de outro grande ser que estava bem ali, sua mãe, sabia que ele não havia descido então apenas por seu grande e terrível feito, mas que a alegria simplória e imprudente de algumas pessoas sombrias, sombrias e astutas também era acessível às criaturas do seu coração que o convidaram carinhosamente para seu casamento miserável. “A minha hora ainda não chegou”, diz ele com um sorriso tranquilo (certamente sorriu mansamente para ela)... Na verdade, ele veio realmente à terra para multiplicar o vinho nos casamentos pobres? Mas ele foi e fez o mesmo a pedido dela... Ah, ele lê novamente:

“...Jesus disse-lhes: Encham os potes de água e encha-os até cima.

“E ele lhes disse: desenhem agora e tragam aos arquitriclinos, e tragam-nos.

“Como se o arquitriclin provasse o vinho que sai da água e não soubesse onde comer: os servos do vedai tiraram a água: convide o noivo para o arquitriclin.

“E foi-lhe dito o verbo: Todo homem bebe primeiro o bom vinho, e quando se embriaga, então piora; mas até agora guardaste o bom vinho.”

- Mas o que é isso, o que é isso? Por que a sala está se afastando... Ah, sim... isso é um casamento, um casamento... sim, claro. Aqui estão os convidados. Aqui estão os jovens sentados e uma multidão alegre e... onde está o sábio Arquitriclino? Mas quem é? Quem? A sala se alargou novamente... Quem se levanta da mesa grande aí? Como... E ele está aqui? Ora, ele está num caixão... Mas ele está aqui também... ele levantou, me viu, vem aqui... Senhor!..

Sim, ele se aproximou dele, um velho enrugado, com pequenas rugas no rosto, alegre e rindo baixinho. O caixão havia sumido e ele estava sentado com eles com as mesmas roupas de ontem, quando os convidados se reuniram para vê-lo. O rosto está todo aberto, os olhos brilhando. Como é que ele também estava na festa, também convidado para as bodas em Caná da Galileia...

“Além disso, querido, liguei também, liguei e liguei”, uma voz baixa soa acima dele. "Por que você se escondeu aqui para não ser visto... vamos até nós também."

A voz dele, a voz do Ancião Zosima... E como poderia não ser ele, já que está ligando? O mais velho levantou Alyosha com a mão e ele se levantou.

“Estamos nos divertindo”, continua o velho enrugado, “estamos bebendo vinho novo, o vinho da nova e grande alegria; Você vê quantos convidados há? Aqui estão os noivos, aqui está o sábio Arquitriclino, provando vinho novo. Por que você está surpreso comigo? Servi a cebola e aqui estou. E muitos aqui só serviram cebola, só uma cebola pequena... O que estamos fazendo? E você, calado, e você, meu menino manso, e hoje conseguiu dar uma cebola para quem tem fome. Comece, querido, comece, manso, o seu trabalho!.. Você vê o nosso Sol, você o vê?

“Tenho medo... não me atrevo a olhar...” Alyosha sussurrou.

- Não tenha medo dele. Ele é medroso em sua grandeza diante de nós, terrível em sua altura, mas infinitamente misericordioso, por amor se tornou como nós e se diverte conosco, transforma água em vinho para que a alegria dos convidados não seja interrompida, espera por novos convidados , convida constantemente novos e para todo o sempre. Olha, eles estão trazendo vinho novo, você vê, eles estão carregando vasilhas...

Algo queimou no coração de Aliocha, algo de repente o encheu até a dor, lágrimas de alegria brotaram de sua alma... Ele estendeu os braços, gritou e acordou...

Novamente o caixão, a janela aberta e a leitura tranquila, importante e separada do Evangelho. Mas Aliocha não ouvia mais o que liam. É estranho, ele adormeceu de joelhos e agora estava de pé; de repente, como se tivesse saltado da cadeira, caminhei até o caixão com três passos firmes e rápidos. Ele até tocou o padre Paisius com o ombro e não percebeu. Ele ergueu os olhos do livro por um momento, mas imediatamente desviou o olhar novamente, percebendo que algo estranho havia acontecido com o jovem. Aliócha olhou durante meio minuto para o caixão, para o morto fechado e imóvel estirado no caixão, com um ícone no peito e uma boneca com uma cruz de oito pontas na cabeça. Agora só ele ouvia a sua voz, e esta voz ainda se ouvia nos seus ouvidos. Ele ainda escutou, esperou por mais sons... mas de repente, virando-se bruscamente, saiu da cela.

Ele não parou na varanda, mas desceu rapidamente. Sua alma, cheia de alegria, ansiava por liberdade, espaço e amplitude. Acima dele, a cúpula celestial, cheia de estrelas brilhantes e silenciosas, virou ampla e incomensuravelmente. Do zênite ao horizonte, a ainda obscura Via Láctea apareceu em duas. A noite, fresca e tranquila ao ponto da quietude, cobriu a terra. As torres brancas e as cúpulas douradas da catedral brilhavam no céu de Yakhon. Luxuosas flores de outono nos canteiros perto da casa adormeceram até de manhã. O silêncio da terra parecia se fundir com o celestial, o mistério terreno entrou em contato com o estrelado... Alyosha levantou-se, olhou e de repente, como se tivesse sido derrubado, caiu no chão.

Ele não sabia por que a abraçou, não se deu ideia de por que queria beijá-la tão irresistivelmente, beijá-la inteira, mas beijou-a chorando, soluçando e derramando lágrimas, e jurou freneticamente amá-la , para amá-la para todo o sempre. “Encharque a terra com as lágrimas da sua alegria e ame essas suas lágrimas...” ressoava em sua alma. Por que ele estava chorando? Ah, ele chorou de alegria até por essas estrelas que brilhavam para ele do abismo, e “não se envergonhou desse frenesi”. Era como se os fios de todos esses incontáveis ​​mundos de Deus se unissem ao mesmo tempo em sua alma, e tudo tremesse, “tocando outros mundos”. Ele queria perdoar a todos e por tudo, e pedir perdão, ah! não para si mesmo, mas para todos, para tudo e para todos, mas “os outros estão perguntando por mim”, ressoou novamente em sua alma. Mas a cada momento ele sentia de forma clara e, por assim dizer, tangível, como algo sólido e inabalável, como esta abóbada celeste, descia em sua alma. Algum tipo de ideia reinou em sua mente - e pelo resto de sua vida e para todo o sempre. Ele caiu no chão como um jovem fraco e permaneceu como um lutador forte pelo resto de sua vida, e ele percebeu e sentiu isso de repente, naquele exato momento de sua alegria. E Alyosha nunca, nunca poderia esquecer aquele momento em toda a sua vida. “Alguém visitou minha alma naquela hora”, disse ele mais tarde com firme fé em suas palavras...

Três dias depois, ele deixou o mosteiro, o que também era consistente com a palavra do seu falecido ancião, que lhe ordenou que “permanecesse em paz”.

I. Kuzma Samsonov

E Dmitry Fedorovich, a quem Grushenka, voando para uma nova vida, “ordenou” que transmitisse suas últimas saudações e ordenou que ele se lembrasse para sempre de uma hora de seu amor, estava naquele momento, sem saber nada sobre o que havia acontecido com ela, também em terríveis confusões e problemas. Nos últimos dois dias ele esteve em um estado tão inimaginável que realmente poderia ter sofrido uma inflamação no cérebro, como disse mais tarde. Alyosha não conseguiu encontrá-lo na manhã do dia anterior, e o irmão Ivan não conseguiu marcar um encontro com ele na taverna naquele mesmo dia. Os proprietários do apartamento em que ele morava, por ordem dele, esconderam seus rastros. Durante esses dois dias, ele literalmente correu em todas as direções, “lutando contra seu destino e se salvando”, como disse mais tarde, e até voou para fora da cidade por várias horas para tratar de alguns assuntos importantes, apesar de estar com medo de partir, deixando Grushenka sem olhar para ela nem por um minuto. Tudo isso posteriormente ficou claro da forma mais detalhada e documentada, mas agora delinearemos de fato apenas o mais necessário da história desses terríveis dois dias de sua vida, anteriores à terrível catástrofe que tão repentinamente eclodiu sobre seu destino.

Embora Grushenka o tenha amado verdadeira e sinceramente por uma hora, é verdade, ela também o atormentou ao mesmo tempo, às vezes de forma realmente cruel e impiedosa. O principal é que ele não conseguia adivinhar nada sobre as intenções dela; atraí-lo com carinho ou força também não era possível: ela não teria cedido a nada, apenas teria ficado com raiva e se afastado dele completamente, ele entendeu isso claramente então. Ele suspeitou então com muita razão que ela mesma estava em algum tipo de luta, em algum tipo de indecisão extraordinária, ela estava decidindo algo e não podia decidir tudo e, portanto, não sem razão, ele presumiu, com o coração apertado, que por minutos que ela teria era simplesmente odiá-lo com sua paixão. Pode ter sido esse o caso, mas o que exatamente Grushenka ansiava, ele ainda não entendia. Na verdade, para ele, toda a questão que o atormentava consistia em apenas duas definições: “ou ele, Mitya ou Fyodor Pavlovich”. Aqui, aliás, é necessário apontar um fato firme: ele tinha certeza de que Fyodor Pavlovich certamente ofereceria (se ainda não o tivesse feito) um casamento legal a Grushenka, e não acreditou nem por um minuto que o velho sensualista esperava escapar com apenas três mil. Mitya deduziu isso, conhecendo Grushenka e sua personagem. É por isso que às vezes lhe pode parecer que todo o tormento de Grushenka e toda a sua indecisão também decorre apenas do fato de ela não saber qual deles escolher e qual deles será mais lucrativo para ela. Estranhamente, naquela época ele nem pensava no retorno iminente do “oficial”, isto é, daquele homem fatal na vida de Grushenka, cuja chegada ela aguardava com tanta excitação e medo. É verdade que Grushenka manteve silêncio sobre isso com ele nos últimos dias. No entanto, ele estava plenamente ciente, pelo próprio relato dela, da carta que recebera há um mês daquele seu ex-sedutor, e em parte o conteúdo da carta também era conhecido. Então, num momento de raiva, Grushenka mostrou-lhe esta carta, mas, para sua surpresa, ele quase não atribuiu valor a esta carta. E seria muito difícil explicar por quê: talvez simplesmente porque, oprimido por toda a feiúra e horror de sua luta com o próprio pai por aquela mulher, ele não conseguia mais imaginar nada mais terrível e perigoso para si mesmo, pelo menos naquela época. . Ele simplesmente nem acreditou no noivo, que de repente saltou de algum lugar após um desaparecimento de cinco anos, e principalmente que ele chegaria em breve. E mesmo nesta primeira carta do “oficial”, que foi mostrada a Mitenka, a chegada deste novo rival foi falada de forma muito vaga: a carta era muito vaga, muito pomposa e cheia apenas de sensibilidade. Deve-se notar que naquela época Grushenka escondeu dele as últimas linhas da carta, que falavam de forma um pouco mais definitiva sobre o retorno. Além disso, Mitenka lembrou mais tarde que naquele momento sentiu algum desprezo involuntário e orgulhoso por esta mensagem da Sibéria na pessoa da própria Grushenka. Então Grushenka não relatou mais nada a Mitenka sobre todas as relações futuras com este novo rival. Assim, aos poucos, ele se esqueceu completamente do oficial. Ele apenas pensava que não importava o que acontecesse e como as coisas acontecessem, o confronto final iminente entre ele e Fyodor Pavlovich era muito próximo e deveria ser resolvido antes de qualquer coisa. Com a alma afundada, ele esperou cada minuto pela decisão de Grushenka e continuou acreditando que isso aconteceria como que de repente, por inspiração. De repente ela lhe dirá: “Leva-me, sou sua para sempre” - e tudo acabará: ele a agarrará e a levará imediatamente até os confins do mundo. Ah, ele irá imediatamente levá-la o mais longe possível, se não até os confins do mundo, então em algum lugar nos confins da Rússia, casar com ela lá e estabelecer um acordo com ela incógnito, para que ninguém saiba sobre eles, nem aqui nem lá e em lugar nenhum. Então, ah, então, uma vida completamente nova começará imediatamente! Ele sonhava com esta vida diferente, renovada e já “virtuosa” (“certamente, certamente virtuosa”) a cada minuto e freneticamente. Ele ansiava por esta ressurreição e renovação. A piscina vil em que ficou preso por sua própria vontade o pesou demais, e ele, como tantos nesses casos, acreditou acima de tudo em uma mudança de lugar: se não nessas pessoas, se não nessas circunstâncias , se ao menos ele pudesse voar para longe deste lugar amaldiçoado e - tudo renascerá, seguirá um novo caminho! Era nisso que ele acreditava e pelo que ansiava.

Mas isso ocorreu apenas no caso da primeira e feliz solução para o problema. Havia outra solução, imaginava-se outro resultado, mas já terrível. De repente ela lhe dirá: “Vá, agora decidi com Fyodor Pavlovich e vou me casar com ele, mas não preciso de você” - e então... mas então... Mitya, porém, não sabia o que aconteceria então, até a última hora ele não sabia, nisso deve ser justificado. Ele não tinha intenções definidas, o crime não foi pensado. Ele apenas assistiu, espiou e sofreu, mas ainda assim se preparava apenas para o primeiro desfecho feliz de seu destino. Eu até afastei todos os outros pensamentos. Mas aqui já estava começando um tormento completamente diferente, surgiu uma circunstância completamente nova e estranha, mas também fatal e insolúvel.

Ou seja, se ela disser a ele: “Eu sou sua, leve-me embora”, então como ele a levará embora? Onde ele tem os meios, o dinheiro? Nessa altura, todos os seus rendimentos provenientes das esmolas de Fyodor Pavlovich, que não eram interrompidos há tantos anos, tinham acabado. É claro que Grushenka tinha dinheiro, mas Mitya de repente mostrou um orgulho terrível a esse respeito: ele queria levá-la embora e começar uma nova vida com ela às suas próprias custas, não às dela; ele não conseguia nem imaginar que tiraria o dinheiro dela e sofreu com esse pensamento a ponto de sentir um doloroso desgosto. Não vou entrar em detalhes sobre esse fato aqui, não estou analisando, apenas estou constatando: essa era a disposição da alma dele naquele momento. Tudo isso poderia ter acontecido indiretamente e, por assim dizer, inconscientemente, até mesmo pelas dores secretas de sua consciência pelo dinheiro que roubou de Katerina Ivanovna: “antes de um sou um canalha e antes de outro vou imediatamente me revelar para seja um canalha de novo”, pensou então, como ele mesmo admitiu mais tarde: “Sim, Grushenka, se descobrir, ela mesma não vai querer tal canalha”. Então, onde podemos conseguir os fundos, onde podemos conseguir esse dinheiro fatal? Caso contrário, tudo estará perdido e nada acontecerá, “e só porque não havia dinheiro suficiente, que pena!”

Estou me adiantando: o fato é que ele poderia saber onde conseguir esse dinheiro, ele poderia saber onde estava. Desta vez não direi mais nada, pois tudo será explicado mais tarde; mas este era o seu principal problema e, embora não esteja claro, vou expressá-lo; para levar esses fundos que estavam em algum lugar, para ter o direito de retirá-los, era preciso primeiro devolver três mil para Katerina Ivanovna - caso contrário, “sou um batedor de carteiras, sou um canalha e não ' Não quero começar uma nova vida como um canalha”, decidiu Mitya, e por isso decidiu entregá-lo ao mundo inteiro, se necessário, mas sem dúvida dar esses três mil a Katerina Ivanovna a todo custo e acima de tudo. O processo final desta decisão aconteceu-lhe, por assim dizer, nas últimas horas da sua vida, precisamente desde o último encontro com Alyosha, há dois dias à noite, na estrada, depois de Grushenka ter insultado Katerina Ivanovna, e Mitya , depois de ouvir a história de Aliocha, admitiu que era um canalha e ordenou que transmitisse isso a Katerina Ivanovna, “se isso puder fazê-la se sentir melhor”. Então, naquela noite, depois de se separar de seu irmão, ele sentiu em seu frenesi que era ainda melhor “matar e roubar alguém, mas devolver a dívida a Katya”. “É melhor que eu me apresente como assassino e ladrão na frente de todas as pessoas e vá para a Sibéria, do que se Katya tiver o direito de dizer que eu a traí e roubei dinheiro dela, e com seu próprio dinheiro. ”fugiu com Grushenka para começar uma vida virtuosa! Eu não posso fazer isso! Então Mitya disse com ranger de dentes e às vezes podia realmente imaginar que acabaria com uma inflamação no cérebro. Mas enquanto eu estava lutando...

É uma coisa estranha: parece que com tal decisão não lhe restou nada a não ser o desespero; pois onde alguém pode de repente conseguir tanto dinheiro, especialmente para uma pessoa tão nua como ele? Enquanto isso, durante todo esse tempo ele esperava até o fim que conseguiria esses três mil, que eles viessem, voassem até ele de alguma forma por conta própria, até mesmo do céu. Mas é exatamente isso que acontece com aqueles que, como Dmitry Fedorovich, durante toda a vida só sabem gastar e desperdiçar o dinheiro que herdaram à toa e não têm ideia de como o dinheiro é obtido. Um turbilhão fantástico surgiu em sua cabeça agora, depois que ele se separou de Aliócha, no terceiro dia, e confundiu todos os seus pensamentos. Assim, descobriu-se que ele começou com o empreendimento mais selvagem. Sim, pode ser precisamente em tais situações que para essas pessoas os empreendimentos mais impossíveis e fantásticos pareçam ser os primeiros a serem possíveis. De repente, ele decidiu ir até o comerciante Samsonov, patrono de Grushenka, e oferecer-lhe um “plano”, para obter dele para esse “plano” toda a quantia necessária de uma só vez; em termos de seu lado comercial, ele não tinha nenhuma dúvida, mas apenas duvidava de como o próprio Samsonov encararia seu truque se quisesse vê-lo além do lado comercial. Mitya, embora conhecesse esse comerciante de vista, não o conhecia e nunca havia falado com ele. Mas por alguma razão, e mesmo por muito tempo, baseava-se nele a convicção de que esse velho corruptor, agora respirando na palma de sua mão, talvez, não se oporia de forma alguma no momento presente se Grushenka de alguma forma organizasse sua vida honestamente e se casou com um “homem confiável” se casar. E que não só ele não resistirá, mas que ele mesmo o deseja e, se acontecer o acaso, ele próprio contribuirá. Seja por algum boato ou por algumas palavras de Grushenka, ele também concluiu que o velho poderia preferi-lo a Fyodor Pavlovich para Grushenka. Talvez muitos dos leitores de nossa história considerem essa expectativa de tal ajuda e a intenção de tirar sua noiva, por assim dizer, das mãos de seu patrono, muito rude e desdenhosa por parte de Dmitry Fedorovich. Só posso notar que o passado de Grushenka parecia para Mitya completamente passado. Ele olhou para esse passado com infinita compaixão e decidiu com toda a chama de sua paixão que assim que Grushenka lhe dissesse que o amava e estava indo atrás dele, então uma Grushenka completamente nova começaria imediatamente, e com ela um Dmitry Fedorovich completamente novo, sem mais vícios, mas apenas com algumas virtudes: ambos se perdoarão e começarão suas vidas de uma maneira completamente nova. Quanto a Kuzma Samsonov, considerou-o, neste anterior passado falhado de Grushenka, o homem da sua vida fatal, a quem ela, no entanto, nunca amou e que, isto é o principal, também já tinha “passado”, terminado , de modo que ele também já não estava agora. E, além disso, Mitya não podia nem considerá-lo uma pessoa agora, porque era do conhecimento de todos e de todos na cidade que ele era apenas um doente, que mantinha seu relacionamento com Grushenka, por assim dizer, apenas como pai, e não pelos mesmos motivos de antes e que isto tem sido assim há muito tempo, tem sido assim há quase um ano. De qualquer forma, havia muita inocência por parte de Mitya, pois, apesar de todos os seus vícios, ele era uma pessoa muito simplória. Como resultado dessa sua inocência, entre outras coisas, ele estava seriamente convencido de que o velho Kuzma, preparando-se para partir para outro mundo, sentia sincero arrependimento por seu passado com Grushenka, e que agora ela não tinha patrono e amigo mais devotado do que este agora velho inofensivo.

No dia seguinte, depois de sua conversa com Alyosha no campo, após a qual Mitya quase não dormiu a noite toda, ele apareceu na casa de Samsonov por volta das dez horas da manhã e ordenou que fizesse um relatório sobre si mesmo. Esta casa era velha, sombria, muito espaçosa, de dois andares, com anexos e um anexo. No andar inferior moravam os dois filhos casados ​​de Samsonov com suas famílias, sua irmã mais velha e uma filha solteira. Na ala estavam dois de seus escriturários, um dos quais também tinha uma família numerosa. Crianças e empregados amontoavam-se nos seus quartos, mas o andar de cima da casa era ocupado apenas por um velho que nem sequer permitia que a filha, que cuidava dele, morasse com ele, e que em certas horas e em certas chamadas de ele tinha que correr até ele por baixo todas as vezes, apesar da minha falta de ar de longa data. Este “superior” consistia em muitas grandes salas de aparato, decoradas no antigo estilo mercantil, com longas e enfadonhas fileiras de poltronas desajeitadas e cadeiras de mogno ao longo das paredes, com lustres de cristal nas capas, com espelhos sombrios nas paredes. Todos esses cômodos estavam completamente vazios e desabitados, porque o velho doente encolhia-se em apenas um cômodo, em seu pequeno quarto remoto, onde era servido por uma velha criada com o cabelo preso em um lenço, e um “pequenino” que estava em um banco no corredor. Por causa das pernas inchadas, o velho era quase completamente incapaz de andar e apenas ocasionalmente se levantava da cadeira de couro, e a velha, segurando-o pelos braços, passeava com ele uma ou duas vezes pela sala. Ele era rígido e taciturno mesmo com aquela velha. Quando o informaram da chegada do “capitão”, ele imediatamente ordenou a recusa. Mas Mitya insistiu e relatou novamente. Kuzma Kuzmich questionou detalhadamente o garotinho: como ele é, está bêbado? Ele não é turbulento? E recebeu a resposta de que “está firme, mas não quer sair”. O velho novamente ordenou que recusasse. Então Mitya, que havia previsto tudo isso e levado consigo papel e lápis especialmente para esta ocasião, escreveu claramente uma linha em um pedaço de papel: “Sobre um assunto muito urgente que diz respeito intimamente a Agrafena Alexandrovna”, e enviou-o ao velho homem. Depois de pensar um pouco, o velho ordenou ao pequeno que conduzisse o visitante até o corredor e mandou a velha descer com ordens para que seu filho mais novo aparecesse imediatamente no andar de cima. Este filho mais novo, um homem de cerca de trinta centímetros de altura e de força incomensurável, que raspou o rosto e se vestiu de alemão (o próprio Samsonov usava cafetã e barba), apareceu imediata e silenciosamente. Todos estavam maravilhados com o pai. O pai deste jovem convidou este rapaz não tanto por medo do capitão, ele não tinha um caráter muito tímido, mas apenas por segurança, mais para que pudesse ter uma testemunha. Acompanhado do filho, que pegou seu braço. e pequeno, ele finalmente flutuou para o corredor. É preciso pensar que ele também sentiu uma curiosidade bastante forte. Este salão, onde Mitya esperava, era uma sala enorme e sombria que matava a alma de melancolia, com duas luzes, com coros, com paredes “mármore” e com três enormes lustres de cristal em coberturas. Mitya sentou-se em uma cadeira perto da porta da frente e esperou com impaciência nervosa por seu destino. Quando o velho apareceu na entrada oposta, a dez lugares da cadeira de Mitya, ele de repente deu um pulo e com seus passos firmes e de linha de frente, arshin, caminhou em sua direção. Mitya estava vestido decentemente, com sobrecasaca abotoada, chapéu redondo nas mãos e luvas pretas, assim como estava há três dias no mosteiro, com o mais velho, em uma reunião de família com Fyodor Pavlovich e seus irmãos. O velho ficou esperando por ele, sério e severo, e Mitya imediatamente sentiu que, ao se aproximar, ele deu uma boa olhada nele. Mitya também ficou impressionado ultimamente com o rosto extremamente inchado de Kuzma Kuzmich: seu lábio inferior, já grosso, agora parecia uma espécie de bolo achatado e flácido. Ele curvou-se grave e silenciosamente ao convidado, apontou-lhe as poltronas perto do sofá e, lentamente, apoiando-se na mão do filho e gemendo dolorosamente, começou a sentar-se em frente a Mitya no sofá, para que ele, vendo seus dolorosos esforços, imediatamente sentiu arrependimento e sentimentos delicados em seu coração por sua atual insignificância diante de uma pessoa tão importante e preocupada.

- O que você quer de mim, senhor? - disse finalmente o velho, sentando-se, devagar, separadamente, severamente, mas educadamente.

Mitya estremeceu e começou a pular, mas sentou-se novamente. Então ele imediatamente começou a falar alto, rápido, nervoso, com gestos e num frenesi decisivo. Estava claro que o homem havia chegado à linha, morrido e procurava uma última saída, mas se não conseguisse, pelo menos entraria na água agora. O velho Samsonov provavelmente entendeu tudo isso em um instante, embora seu rosto permanecesse inalterado e frio, como o de um ídolo.

“O mais nobre Kuzma Kuzmich provavelmente já ouviu mais de uma vez sobre meus conflitos com meu pai, Fyodor Pavlovich Karamazov, que roubou minha herança depois de minha própria mãe... já que toda a cidade já está tagarelando sobre isso... porque aqui todo mundo está tagarelando sobre o que não é necessário... E além disso, poderia ter vindo de Grushenka... culpado: de Agrafena Alexandrovna... da muito respeitada e reverenciada Agrafena Alexandrovna por mim...” então Mitya começou e interrompeu com a primeira palavra. Mas não citaremos todo o seu discurso literalmente, mas apresentaremos apenas um resumo. A questão, dizem eles, é que ele, Mitya, há três meses, consultou deliberadamente (ele disse “deliberadamente”, não de propósito) um advogado na cidade provincial, “com o famoso advogado Kuzma Kuzmich, Pavel Pavlovich Korneplodov, eles provavelmente se dignaram ouvir? Uma testa larga, uma mente quase de estadista... conhece você também... respondeu da melhor maneira possível... Mitya interrompeu-se outra vez. Mas os penhascos não o impediram; ele imediatamente saltou sobre eles e correu cada vez mais longe. Este mesmo Korneplodov, tendo questionado e examinado detalhadamente os documentos que Mitya poderia apresentar a ele (Mitya não tinha certeza sobre os documentos e estava especialmente com pressa neste momento), disse o que dizer da aldeia de Chermashnya, que supostamente deveria ter pertencido a ele, Mitya, por parte de mãe, aliás, seria possível iniciar uma ação judicial e assim atordoar o velho feio... “porque nem todas as portas estão trancadas, e a justiça já sabe por onde passar”. Em uma palavra, pode-se esperar até dez mil acréscimos de Fyodor Pavlovich, até sete, já que Chermashnya ainda custa pelo menos vinte e cinco mil, ou seja, provavelmente vinte e oito, - “trinta, trinta, Kuzma Kuzmich, e eu , imagine, eu nem escolhi dezessete desse homem cruel!..” Então eu, dizem, Mitya, abandonei esse caso, porque não sei lidar com a justiça, e, tendo chegado aqui, eu fiquei atordoado com uma reconvenção (aqui Mitya novamente ficou confuso e novamente pulou abruptamente): então, eles dizem, você não, nobre Kuzma Kuzmich, gostaria de tirar todos os meus direitos sobre este monstro, e apenas me dar três mil.. . Você não pode perder em nenhum caso, nesta honra, juro pela minha honra, mas pelo contrário, você pode ganhar seis ou sete mil, em vez de três... E o principal é acabar com isso “ainda hoje”. .” “Estou lá para você no cartório ou algo assim... Em uma palavra, estou pronto para tudo, vou te dar todos os documentos que você pedir, vou assinar tudo... e nós faça essa papelada imediatamente, e se for possível, se ao menos for possível, então esta mesma manhã... Você teria me dado esses três mil... já que quem é o capitalista nesta pequena cidade contra você... e assim você teria me salvado de... em uma palavra, você teria salvado minha pobre cabeça por uma causa nobre, por uma causa elevada, pode-se dizer... pois tenho os mais nobres sentimentos por uma pessoa famosa que você também conhece muito e com quem você se preocupa de maneira paternal. Caso contrário, ele não teria vindo se não fosse pelo seu espírito paternal. E, se quiser, aqui estão as três cabeças batidas, pois o destino é um monstro, Kuzma Kuzmich! Realismo, Kuzma Kuzmich, realismo! E como você deveria ter sido expulso há muito tempo, sobrarão duas testas, como eu disse, talvez não de forma inteligente, mas não sou escritor. Ou seja, uma testa é minha e a outra é desse monstro. Então escolha: eu ou um monstro? Tudo está agora em suas mãos - três destinos e dois lotes... Desculpe, me perdi, mas você entende... Posso ver pelos seus veneráveis ​​olhos que você entendeu... E se você não entende, então hoje na água, aqui!”

Mitya interrompeu seu discurso absurdo com este “aqui” e, pulando da cadeira, esperou uma resposta à sua proposta estúpida. Com a última frase, ele sentiu repentina e desesperadamente que tudo havia explodido e, o mais importante, que ele havia criado um absurdo terrível. “É uma coisa estranha, enquanto eu estava vindo para cá tudo parecia bem, mas agora é um absurdo!” de repente passou por sua cabeça desesperada. Durante todo o tempo em que falou, o velho ficou imóvel e observou-o com uma expressão gelada nos olhos. Depois de esperar um minuto, porém, Kuzma Kuzmich finalmente disse no tom mais decisivo e desolado:

— Desculpe, senhor, não lidamos com essas coisas.

Mitya de repente sentiu que suas pernas estavam enfraquecendo.

“Como estou agora, Kuzma Kuzmich”, ele murmurou, sorrindo palidamente. - Afinal, estou sumido agora, o que você acha?

- Desculpe, senhor...

Mitya ainda estava parado e parecia imóvel, à queima-roupa, e de repente percebeu que algo havia se movido no rosto do velho. Ele estremeceu.

“Veja, senhor, esses casos são inconvenientes para nós”, disse o velho lentamente, “haverá julgamentos, advogados, um verdadeiro desastre!” E se quiser, tem uma pessoa aqui, entre em contato com ele...

“Meu Deus, quem é esse!.. você está me ressuscitando, Kuzma Kuzmich”, Mitya de repente começou a balbuciar.

“Ele não é daqui, este homem, e também não está aqui agora.” Ele é camponês e comercializa madeira, apelidado de Lyagavy. Fyodor Pavlovich está vendendo este seu bosque em Chermashnya há um ano, mas eles discordam sobre o preço, talvez você tenha ouvido falar. Agora ele acabou de chegar e está com o padre Ilyinsky, a cerca de dezenove quilômetros da estação Volovya, na aldeia de Ilyinsky. Ele escreveu aqui e para mim exatamente sobre esse assunto, isto é, sobre esse bosque, pedindo conselhos. O próprio Fyodor Pavlovich quer ir até ele. Então, se você tivesse avisado Fyodor Pavlovich e oferecido a Lyagavy exatamente o que me disse, então ele poderia se tornar...

- Uma ideia brilhante! - Mitya interrompeu com entusiasmo. - É ele, está na mão dele! Ele negocia, eles pedem caro, e aqui ele consegue um documento de propriedade real, ha-ha-ha! - E Mitya de repente riu sua risada curta e dura, completamente inesperada, de modo que até Samsonov balançou a cabeça.

“Como posso agradecer a você, Kuzma Kuzmich”, Mitya fervia de raiva.

“Nada, senhor”, Samsonov baixou a cabeça.

- Mas você não sabe, você me salvou, ah, fui atraído por você por uma premonição... Então, para esse padre!

- Não há necessidade de gratidão, senhor.

- Estou com pressa e voando. Abusou da sua saúde. Não esquecerei um século, um russo está lhe contando isso, Kuzma Kuzmich, um russo!

— Te-ex.

Mitya agarrou a mão do velho para apertá-la, mas algo maligno brilhou em seus olhos. Mitya retirou a mão dele, mas imediatamente se censurou por estar desconfiado. “Ele é quem está cansado...” passou por sua mente.

- Para ela! para ela, Kuzma Kuzmich! Você entende que isso é para ela! - latiu de repente para todo o salão, curvou-se, virou-se bruscamente e com os mesmos passos rápidos de arshin, sem se virar, correu para a saída. Ele tremeu de prazer. “Tudo já estava perecendo, e agora um anjo da guarda foi salvo”, passou por sua mente. “E se um homem de negócios como este velho (um velho muito nobre, e que postura!) apontou este caminho, então... então é claro que o caminho foi conquistado. Agora é voar. Voltarei antes do anoitecer, voltarei à noite, mas o assunto está resolvido. Será que o velho realmente está rindo de mim?” - exclamou então Mitya, entrando em seu apartamento, e claro que sua mente não conseguia imaginar mais nada, ou seja: ou conselhos práticos (de tal e tal empresário) - com conhecimento do assunto, com conhecimento deste Lyagavy (estranho sobrenome!) ou - ou o velho riu dele! Infelizmente! o último pensamento foi o único correto. Então, muito mais tarde, quando toda a catástrofe já havia acontecido, o próprio velho Samsonov confessou, rindo, que então ridicularizou o “capitão”. Ele era uma pessoa raivosa, fria e zombeteira, e também com dolorosas antipatias. É o olhar entusiasmado do capitão, é a convicção estúpida deste “desperdício e perdulário” de que ele, Samsonov, pode sucumbir a um jogo como o seu “plano”, é um sentimento de ciúme por Grushenka, em cujo nome “esta moleca ” veio até ele com o que - jogo por dinheiro - não sei exatamente o que motivou o velho então, mas naquele momento em que Mitya ficou na frente dele, sentindo que suas pernas estavam enfraquecendo, e exclamou insensatamente que estava perdido - naquele momento o velho olhou para ele com uma malícia sem fim e resolveu rir dele. Quando Mitya saiu, Kuzma Kuzmich, pálido de raiva, virou-se para o filho e ordenou que no futuro aquele maltrapilho não fosse autorizado a entrar no quintal, ou então...

Ele não terminou o que ameaçou, mas até seu filho, que muitas vezes o via com raiva, estremeceu de medo. Uma hora depois, o velho estava até tremendo de raiva e, à noite, adoeceu e mandou chamar um “médico”.

II. Deitado

Então, era preciso “cavalgar”, mas ainda não havia um centavo para os cavalos, ou seja, eram dois copeques, e isso é tudo, tudo o que sobrou de tantos anos de prosperidade anterior! Mas ele tinha em casa um velho relógio de prata que há muito havia parado de funcionar. Ele os agarrou e os levou ao relojoeiro judeu, que estava em sua loja no mercado. Ele deu seis rublos por eles. “Eu também não esperava isso!” - gritou o encantado Mitya (ele continuou admirado), pegou seus seis rublos e correu para casa. Em casa, ele complementou o valor pedindo três rublos emprestados aos seus donos, que lhe deram com prazer, apesar de terem doado o último dinheiro, eles o amavam muito. Mitya, em seu estado de êxtase, imediatamente revelou-lhes que seu destino estava sendo decidido, e contou-lhes, com muita pressa, é claro, quase todo o seu “plano”, que ele acabara de apresentar a Samsonov, depois a decisão de Samsonov, sua esperanças futuras e assim por diante. e assim por diante. Mesmo antes disso, os proprietários conheciam muitos de seus segredos, e é por isso que o viam como seu próprio homem, e não como um mestre orgulhoso. Depois de coletar nove rublos, Mitya enviou cavalos para a estação de Volovya. Mas desta forma foi lembrado e destacado o fato de que “na véspera de algum evento, ao meio-dia, Mitya não tinha um centavo e que, para conseguir dinheiro, vendeu seu relógio e pediu três rublos emprestados aos proprietários, e tudo na frente de testemunhas.

Observo esse fato com antecedência e então será explicado por que faço isso.

Tendo galopado até a estação Volovya, embora Mitya estivesse radiante com um alegre pressentimento de que finalmente terminaria e desvendaria “todo esse negócio”, ele ainda tremia de medo: o que aconteceria com Grushenka agora em sua ausência? Bem, foi hoje que você finalmente decidiu ir para Fyodor Pavlovich? Por isso ele saiu sem avisar e ordenando aos proprietários que não revelassem para onde ele tinha ido caso viessem perguntar de algum lugar. “Certamente, definitivamente, devemos estar de volta esta noite”, repetiu ele, tremendo na carroça, “e talvez arrastar este Lyagavy aqui... para realizar este ato...” então, com a alma afundada, Mitya sonhou , mas, infelizmente, seus sonhos não estavam destinados a acontecer de acordo com seu “plano”.

Em primeiro lugar, ele estava atrasado, tendo pegado uma estrada de terra saindo da estação Volovya. A estrada de terra não ficava a doze, mas a dezoito milhas de distância. Em segundo lugar, ele não encontrou o “pai” de Ilyinsky em casa; ele foi para uma aldeia vizinha; Enquanto Mitya o encontrou ali, indo para a aldeia vizinha nos mesmos cavalos já exaustos, já era quase noite. “Pai”, um homenzinho tímido e de aparência gentil, imediatamente explicou-lhe que este Lyagavy, embora tivesse ficado com ele desde o início, estava agora no assentamento Sukhoi, onde passaria a noite na cabana do guarda florestal hoje, porque tinha uma floresta lá também comércios. Em resposta aos árduos pedidos de Mitya para levá-lo imediatamente a Lyagavoy e “por assim dizer, salvá-lo”, o padre, embora tenha hesitado a princípio, concordou em levá-lo a Sukhoi Poselok, aparentemente sentindo curiosidade; mas infelizmente ele me aconselhou a ir “a pé”, pois seriam apenas cerca de um quilômetro “com um pequeno excedente”. Mitya, é claro, concordou e caminhou com passos largos, de modo que o pobre padre quase correu atrás dele. Ele ainda não era velho e era um homenzinho muito cauteloso. Mitya imediatamente falou com ele sobre seus planos, exigiu acaloradamente e nervosamente conselhos sobre Lyagavy e conversou o tempo todo. O pai ouviu com atenção, mas aconselhou pouco. Mitya respondeu às perguntas evasivamente: “Não sei, ah, não sei, onde posso saber isso”, etc. Quando Mitya começou a falar sobre suas diferenças com o pai em relação à herança, o pai até se assustou, pois mantinha algum tipo de relação de dependência com Fyodor Pavlovich. Com surpresa, porém, ele perguntou por que chamava esse camponês comerciante de Gorstkin de Lyagavy, e fez questão de explicar a Mitya que, embora ele fosse de fato Lyagavy, ele não era Lyagavy, porque ficou cruelmente ofendido por esse nome, e que certamente deveria ser chamou Gorstkin, “caso contrário, “não faça nada com ele e ele não ouvirá”, concluiu o padre. Mitya ficou um tanto surpreso e rapidamente explicou que o próprio Samsonov o chamava assim. Ao saber desta circunstância, o padre imediatamente abafou a conversa, embora tivesse feito bem se tivesse explicado ao mesmo tempo o seu palpite a Dmitry Fedorovich: que se o próprio Samsonov o enviasse a este camponês, como a Lyagavoy, então por alguma razão ele não fez isso para rir, e há algo de errado aqui? Mas Mitya não teve tempo para pensar em “essas ninharias”. Ele se apressou, caminhou e só quando chegou a Sukhoy Poselok percebeu que eles não haviam caminhado um quilômetro ou um quilômetro e meio, mas provavelmente três; Isso o irritou, mas ele suportou. Entramos na cabana. O guarda florestal, conhecido do padre, estava localizado em uma metade da cabana, e na outra metade limpa, do outro lado do corredor, estava Gorstkin. Entramos nesta cabana limpa e acendemos uma vela de sebo. A cabana foi fortemente inundada. Sobre a mesa de pinho havia um samovar apagado, uma bandeja com xícaras, uma garrafa de rum pronta, um copo de vodca pela metade e pedaços de pão de trigo. O próprio visitante estava deitado no banco, com uma roupa exterior amassada sob a cabeça em vez de um travesseiro, e roncava pesadamente. Mitya ficou perplexo. “Claro que preciso te acordar: meu negócio é muito importante, estava com tanta pressa, tenho pressa de voltar hoje”, Mitya ficou alarmado; mas o padre e o vigia permaneceram em silêncio, sem expressar suas opiniões. Mitya se aproximou e começou a acordá-lo ele mesmo, começou energicamente, mas o dorminhoco não acordou. “Ele está bêbado”, decidiu Mitya, “mas o que devo fazer, Deus, o que devo fazer!” E de repente, com terrível impaciência, começou a puxar o adormecido pelos braços e pernas, balançá-lo pela cabeça, levantá-lo e sentá-lo no banco, e ainda assim, depois de muito esforço, só conseguiu que começou mugir absurdamente e com firmeza, embora pronunciando de forma pouco clara, xingar.

“Não, é melhor você esperar”, disse finalmente o padre, “porque ele aparentemente não consegue”.

“Bebi o dia todo”, respondeu o vigia.

- Deus! - gritou Mitya, - se você soubesse o quanto sou necessário e o quanto estou desesperado agora!

“Não, seria melhor você esperar até de manhã”, repetiu o padre.

- Até de manhã? Tenha piedade, isso é impossível! - E em desespero, quase correu para acordar o bêbado novamente, mas saiu imediatamente, percebendo a futilidade de seus esforços. O pai ficou em silêncio, o vigia sonolento estava sombrio.

- Que terríveis tragédias o realismo causa às pessoas! - Mitya disse em completo desespero. O suor escorria de seu rosto. Aproveitando o momento, o padre explicou com muita razão que embora tenha conseguido acordar o adormecido, mas, estando bêbado, ainda não conseguia conversar, “e você tem um assunto importante, então seria melhor deixe até de manhã...” Mitya abriu as mãos e concordou.

- Eu, pai, ficarei aqui com as velas e aproveitarei o momento. Ele vai acordar, e então eu vou começar... Pagarei pela vela”, ele se virou para o vigia, “pela estadia também, você vai se lembrar de Dmitry Karamazov”. Mas agora, pai, não sei o que fazer com você: onde você vai se deitar?

- Não, vou para minha casa, senhor. “Vou chegar lá montado na potranca dele”, ele apontou para o vigia. - Por isso, adeus, senhor, desejo-lhe total prazer.

Então eles decidiram. O padre montou na potranca, feliz por finalmente ter se livrado dela, mas ainda balançando a cabeça confuso e se perguntando se amanhã seria necessário avisar com antecedência o benfeitor Fyodor Pavlovich sobre este curioso incidente, “caso contrário, o a hora for irregular, ele descobrirá, ficará com raiva e interromperá seus favores.” O vigia, depois de se coçar, foi silenciosamente para sua cabana, e Mitya sentou-se em um banco para aproveitar, como ele disse, o momento. Uma profunda melancolia tomou conta de sua alma como uma densa neblina. Melancolia profunda e terrível! Ele sentou-se e pensou, mas não conseguiu pensar em nada. A vela se apagou, o grilo começou a estalar e a sala aquecida ficou insuportavelmente abafada. De repente, ele imaginou um jardim, passagem após jardim, uma porta se abrindo misteriosamente na casa de seu pai, e Grushenka correndo pela porta... Ele pulou do banco.

- Tragédia! - disse ele, cerrando os dentes, caminhou mecanicamente até o homem adormecido e começou a olhar para seu rosto. Era um homem magro, ainda não velho, de rosto muito comprido, cachos castanhos claros e uma longa e fina barba avermelhada, vestindo uma camisa de algodão e um colete preto, de cujo bolso aparecia uma corrente de relógio de prata. Mitya olhou para esse rosto com um ódio terrível e, por algum motivo, odiou especialmente o fato de ter cachos. O principal é que era insuportavelmente ofensivo que aqui ele, Mitya, estivesse sobre ele com seu assunto urgente, tendo sacrificado tanto, abandonado tanto, todo exausto, e esse parasita, “de quem agora depende todo o meu destino, ronca como se nada tivesse acontecido, definitivamente de outro planeta." “Oh, a ironia do destino!” Mitya exclamou e de repente, perdendo completamente a cabeça, correu para acordar o bêbado novamente. Ele o acordou com uma espécie de frenesi, atacou-o, empurrou-o e até bateu nele, mas depois de se preocupar por cerca de cinco minutos e novamente não conseguir nada, em desespero impotente, ele voltou ao banco e sentou-se.

- Estúpido, estúpido! - exclamou Mitya, - e... como tudo isso é desonroso! - ele acrescentou de repente por algum motivo. Sua cabeça começou a doer terrivelmente: “Devo parar? Saia completamente”, passou por sua mente. “Não, até de manhã. Vou ficar de propósito, de propósito! Por que eu vim depois disso? E não há com o que sair, como você pode sair daqui agora, ah, bobagem!

No entanto, sua cabeça começou a doer cada vez mais. Ele ficou sentado imóvel e não se lembrava mais de como cochilou e de repente adormeceu sentado. Aparentemente ele dormiu duas horas ou mais. Acordei com uma dor de cabeça insuportável, insuportável a ponto de gritar. Sentia uma dor latejante nas têmporas, o alto da cabeça doía; Ao acordar, por muito tempo ele não conseguiu voltar a si e compreender o que isso havia acontecido com ele. Finalmente percebi que havia uma fumaça terrível na sala aquecida e que ele poderia morrer. E o bêbado continuou ali deitado e roncava; a vela flutuou e estava pronta para apagar. Mitya gritou e correu, cambaleando, pela entrada da cabana do vigia. Logo acordou, mas ao saber que havia fogo na outra cabana, embora tenha ido dar ordens, aceitou o fato com estranha indiferença, o que surpreendeu ofensivamente Mitya.

- Mas ele morreu, ele morreu, e então... e depois? - Mitya exclamou diante dele em frenesi.

Abriram as portas, abriram a janela, abriram a chaminé, Mitya trouxe um balde d'água do corredor, primeiro molhou a cabeça e depois, encontrando algum tipo de pano, mergulhou-o na água e aplicou-o na cabeça de Lyagavy. O vigia continuou a tratar todo o acontecimento com algum desprezo e, abrindo a janela, disse sombriamente: “Tudo bem, é mesmo”, e voltou a dormir, deixando Mitya com uma lanterna de ferro acesa. Mitya mexeu com o bêbado bêbado por meia hora, molhando constantemente a cabeça, e pretendia seriamente ficar acordado a noite toda, mas, exausto, sentou-se por um minuto para recuperar o fôlego e instantaneamente fechou os olhos, depois imediatamente inconscientemente esticou-se no banco e adormeceu como morto.

Ele acordou terrivelmente tarde. Já eram cerca de nove horas da manhã. O sol brilhava forte através das duas janelas da cabana. O homem de cabelos cacheados de ontem estava sentado em um banco, já vestido com um moletom com capuz. Diante dele estava um novo samovar e um novo damasco. O antigo de ontem já estava terminado e o novo estava mais da metade vazio. Mitya deu um pulo e imediatamente percebeu que o maldito homem estava bêbado de novo, profunda e irrevogavelmente bêbado. Ele olhou para ele por um minuto, com os olhos arregalados. O homem olhou para ele silenciosa e maliciosamente, com algum tipo de calma ofensiva, até mesmo com algum tipo de arrogância desdenhosa, como parecia a Mitya. Ele correu em direção a ele.

- Com licença, você vê... eu... você provavelmente ouviu do vigia local naquela cabana: Eu sou o tenente Dmitry Karamazov, filho do velho Karamazov, com quem você se digna a negociar bosques...

- Você está mentindo! — o homem disse de repente com firmeza e calma.

- Como estou mentindo? Você quer conhecer Fyodor Pavlovich?

“Não me digno a conhecer nenhum dos seus Fyodor Pavlovich”, disse o homem, de alguma forma movendo a língua com força.

- Você negocia bosques, bosques com ele; Acorde, recupere o bom senso. Padre Pavel Ilyinsky me acompanhou aqui... Você escreveu para Samsonov e ele me mandou até você... - Mitya engasgou.

- Você está mentindo! - Lyagavy bateu novamente. As pernas de Mitya ficaram frias.

- Tenha piedade, isso não é brincadeira! Você pode estar embriagado. Você pode finalmente falar, entender... senão... senão eu não entendo nada!

- Você é um tintureiro!

- Tenha piedade, eu sou Karamazov, Dmitry Karamazov, tenho uma oferta para você... uma oferta vantajosa... muito vantajosa... especificamente em relação ao bosque.

O homem estava acariciando sua barba de maneira importante.

- Não, você filmou seguido e saiu o canalha. Seu canalha!

- Garanto que você está enganado! - Mitya torceu as mãos em desespero. O homem continuou acariciando a barba e de repente estreitou os olhos maliciosamente.

- Não, só me mostre isso: me mostre uma lei que permita a construção de truques sujos, ouviu! Você é um canalha, entende isso?

Mitya recuou sombriamente e de repente foi como se “algo o tivesse atingido na testa”, como ele disse mais tarde. Num instante, algum tipo de insight ocorreu em sua mente, “uma luz se acendeu e eu compreendi tudo”. Ele ficou pasmo, imaginando como ele, afinal de contas, um homem inteligente, pôde sucumbir a tamanha estupidez, se apaixonar por tal aventura e continuar tudo isso por quase um dia inteiro, brincando com esse Lyagav, molhando a cabeça... “Bem, o homem está bêbado, bêbado até os demônios e vai beber demais por mais uma semana - o que há para esperar? E se Samsonov me mandou aqui de propósito? E se ela... Oh Deus, o que eu fiz!..”

O homem sentou-se, olhou para ele e riu. Se fosse um caso diferente, Mitya poderia ter matado esse idiota de raiva, mas agora ele está fraco como uma criança. Ele caminhou silenciosamente até o banco, pegou o casaco, vestiu-o silenciosamente e saiu da cabana. Na outra cabana ele não encontrou vigia; Ele tirou cinquenta copeques do bolso em trocos e colocou-os sobre a mesa, para pernoite, para uma vela e para problemas. Saindo da cabana, ele viu que só havia floresta ao redor e nada mais. Ele caminhou ao acaso, sem nem lembrar para onde sair da cabana - para a direita ou para a esquerda; Ontem à noite, correndo para cá com o padre, ele não percebeu a estrada. Não houve vingança contra ninguém em sua alma, nem mesmo contra Samsonov. Ele caminhou pelo estreito caminho da floresta sem sentido, perdido, com uma “ideia perdida” e sem se importar nem um pouco para onde estava indo. Ele poderia ter sido vencido por uma criança que se aproximava, tão fraco estava de repente de corpo e alma. De alguma forma, porém, ele saiu da floresta: campos nus comprimidos apareceram de repente em um vasto espaço: “Que desespero, que morte ao redor!” ele repetiu, andando para frente e para frente.

Ele foi salvo por transeuntes: um motorista de táxi carregava um velho comerciante por uma estrada rural. Quando eles estavam nivelados, Mitya perguntou sobre a estrada e descobriu-se que eles também estavam indo para Volovya. Entramos em negociações e fizemos de Mitya um companheiro de viagem. Chegamos três horas depois. Na estação Volovya, Mitya imediatamente ordenou que os carteiros fossem à cidade e de repente percebeu que estava com muita fome. Enquanto os cavalos eram atrelados, eles prepararam ovos mexidos para ele. Ele comeu tudo instantaneamente, comeu todo o pão grande, comeu a salsicha que encontrou e bebeu três copos de vodca. Depois de se refrescar, ele ganhou coragem e sua alma ficou clara novamente. Ele estava voando pela estrada, perseguindo o motorista, e de repente fez um plano novo e já “imutável” sobre como conseguir “aquele maldito dinheiro” naquela mesma noite. “E pensar, só de pensar, que por causa desses insignificantes três mil, o destino humano está perdido!” ele exclamou com desdém. “Eu decidirei hoje!” E se não fosse pelo pensamento constante em Grushenka e se algo havia acontecido com ela, ele poderia ter ficado completamente alegre novamente. Mas o pensamento dela perfurava sua alma a cada minuto como uma faca afiada. Finalmente eles chegaram e Mitya correu imediatamente para Grushenka.

III. Minas de ouro

Esta foi precisamente a visita a Mitya sobre a qual Grushenka contou a Rakitin com tanto medo. Ela estava então esperando por sua “corrida de revezamento” e estava muito feliz por Mitya não ter vindo nem ontem nem hoje, ela esperava que talvez se Deus quisesse ele não viria antes de ela partir, mas de repente ele apareceu. O resto nós sabemos: para tirá-lo de suas mãos, ela imediatamente o convenceu a levá-la para Kuzma Samsonov, onde era como se ela precisasse desesperadamente ir “contar dinheiro”, e quando Mitya imediatamente se despediu dela, então , despedindo-se dele no portão de Kuzma, fez-o prometer que iria buscá-la ao meio-dia para acompanhá-la de volta para casa. Mitya também ficou satisfeito com esta ordem: “Ele sentar-se-á com Kuzma, o que significa que não irá ter com Fyodor Pavlovich... a menos que esteja a mentir”, acrescentou imediatamente. Mas aos olhos dele, parecia que ela não estava mentindo. Ele era uma pessoa tão ciumenta que, ao se separar da mulher que amava, imediatamente inventava sabe Deus que horrores sobre o que estava acontecendo com ela e como ela o estava “traindo” ali, mas, correndo novamente para ela, chocado , morto, já irrevogavelmente confiante de que havia conseguido traí-lo, ao primeiro olhar para o rosto dela, para o rosto risonho, alegre e afetuoso desta mulher, ele imediatamente renasceu em espírito, imediatamente perdeu todas as suspeitas e com alegria vergonha repreendeu-se por seu ciúme. Depois de se despedir de Grushenka, ele correu para sua casa. Oh, ele ainda tinha muito o que fazer hoje! Mas pelo menos meu coração ficou aliviado. “Só precisamos descobrir com Smerdyakov o mais rápido possível se houve alguma coisa lá ontem à noite, se ela veio, pelo amor de Deus, para Fyodor Pavlovich, uau!” passou por sua cabeça. Então, antes que ele tivesse tempo de correr para seu apartamento, o ciúme já estava novamente girando em seu coração inquieto.

Ciúme! “Otelo não é ciumento, ele é confiante”, observou Pushkin, e esta observação por si só atesta a extraordinária profundidade mental de nosso grande poeta. A alma de Otelo foi simplesmente esmagada e toda a sua visão de mundo ficou turva, porque seu ideal havia perecido. Mas Otelo não vai se esconder, espionar ou espiar: ele está confiando. Pelo contrário, teve que ser guiado, empurrado, inflamado com esforços extraordinários, para que apenas adivinhasse a traição. O verdadeiro não é assim, ele tem ciúmes. É impossível sequer imaginar toda a vergonha e degradação moral com que uma pessoa ciumenta é capaz de conviver sem nenhum remorso. E não é que todas essas almas fossem vulgares e sujas. Pelo contrário, com um coração elevado, com amor puro, cheio de abnegação, pode-se ao mesmo tempo esconder-se debaixo das mesas, subornar as pessoas mais cruéis e conviver com a pior sujeira da espionagem e da escuta clandestina. Otelo não poderia ter aceitado a traição em nenhuma circunstância - ele não poderia perdoar, mas reconciliar - embora sua alma seja gentil e inocente como a alma de um bebê. O mesmo não acontece com uma pessoa ciumenta de verdade: é difícil imaginar com o que outra pessoa ciumenta pode conviver e se reconciliar e o que ela pode perdoar! Pessoas ciumentas têm maior probabilidade de perdoar a todos, e todas as mulheres sabem disso. Um ciumento com extrema rapidez (claro, depois de uma cena terrível no início) pode e é capaz de perdoar, por exemplo, uma traição quase comprovada, abraços e beijos que ele mesmo já viu, se, por exemplo, ao mesmo tempo ele poderia de alguma forma ter certeza de que era “pela última vez” e que a partir desta hora sua rival desapareceria, iria até os confins da terra, ou que ele mesmo a levaria para algum lugar onde esse terrível rival não existiria mais. vir. Claro que a reconciliação só vai acontecer por uma hora, porque mesmo que o rival realmente desapareça, amanhã ele vai inventar outro, novo e terá ciúmes do novo. E parece que nesse amor que precisa ser vigiado tão de perto, e qual o valor do amor que precisa ser guardado tão intensamente? Mas isso é algo que uma pessoa verdadeiramente ciumenta nunca entenderá e, ainda assim, entre eles, realmente, existem pessoas até com corações elevados. O que também é notável é que essas mesmas pessoas de coração elevado, paradas em algum armário, escutando e espionando, embora entendam claramente com seus “corações elevados” toda a vergonha em que eles próprios se envolveram voluntariamente, mas mesmo assim naquele momento, pelo menos Pelo menos enquanto estiverem neste armário, eles nunca sentirão remorso. Quando Mitya viu Grushenka, seu ciúme desapareceu e por um momento ele se tornou confiante e nobre, desprezando até mesmo a si mesmo por seus sentimentos ruins. Mas isto significava apenas que o seu amor por esta mulher continha algo muito mais elevado do que ele próprio imaginara, e não apenas paixão, não apenas a “curva do corpo” de que falava com Aliócha. Mas quando Grushenka desapareceu, Mitya imediatamente começou a suspeitar novamente de toda a baixeza e traição da traição que havia nela. Não senti nenhum remorso por isso.

Então, o ciúme começou a ferver dentro dele novamente. De qualquer forma, tivemos que nos apressar. O primeiro passo foi conseguir pelo menos um pouco de dinheiro para interceptação. Quase todos os nove rublos de ontem foram gastos em viagens e, sem dinheiro, você sabe, não dá para dar um passo em lugar nenhum. Mas ele, junto com seu novo plano, pensou onde consegui-lo e interceptá-lo ainda na carroça. Ele tinha um par de boas pistolas de duelo com cartuchos e, se ainda não as havia penhorado, era porque amava aquela coisa mais do que qualquer outra coisa que tivesse. Na taverna “Capital City”, ele havia conhecido há muito tempo um jovem oficial e de alguma forma aprendeu na taverna que esse oficial solteiro e muito rico adorava armas, comprava pistolas, revólveres, punhais, pendurava-os nas paredes , mostrou que se gaba para seus conhecidos de ser um mestre em explicar o sistema de um revólver, como carregá-lo, como atirar, etc. Sem pensar muito, Mitya imediatamente foi até ele e ofereceu-lhe para penhorar as pistolas por dez rublos. Felizmente, o funcionário começou a persuadi-lo a vender completamente, mas Mitya não concordou e deu-lhe dez rublos, declarando que não cobraria juros por nada. Nós nos separamos como amigos. Mitya estava com pressa, correu para as costas de Fyodor Pavlovich, em seu gazebo, para ligar rapidamente para Smerdyakov. Mas desta forma descobriu-se novamente que apenas três, quatro horas antes de alguma aventura, da qual falarei a seguir, Mitya não tinha um centavo de dinheiro e penhorou sua coisa favorita por dez rublos, quando de repente, três horas depois, milhares acabaram em suas mãos... Mas estou me adiantando.

Na casa de Marya Kondratyevna (vizinha de Fyodor Pavlovich), ele era aguardado pela notícia extremamente surpreendente e embaraçosa da doença de Smerdyakov. Ouviu a história da queda no porão, depois do ataque epiléptico, da chegada do médico, das preocupações de Fyodor Pavlovich; Também fiquei sabendo com curiosidade que o irmão Ivan Fedorovich já havia partido para Moscou naquela manhã. “Ele deve ter passado por Volovya antes de mim”, pensou Dmitry Fedorovich, mas Smerdyakov o preocupou terrivelmente: “E agora, quem vai guardá-lo, quem vai entregá-lo para mim?” Ele ansiosamente começou a perguntar a essas mulheres se elas notaram alguma coisa na noite passada. Eles entenderam muito bem o que ele estava descobrindo e o dissuadiram completamente: não havia ninguém ali, Ivan Fedorovich passou a noite, “estava tudo em perfeita ordem”. Mitya pensou sobre isso. Sem dúvida, devemos vigiar hoje, mas onde: aqui ou no portão de Samsonov? Ele decidiu que estava aqui e ali. tudo fica a seu critério, mas por enquanto, por enquanto... O fato é que agora estava diante dele esse “plano”, o plano antigo, novo e já seguro, inventado por ele na carroça, e não era mais possível adiar a sua execução. Mitya decidiu sacrificar uma hora para isso: “em uma hora vou resolver tudo, vou descobrir tudo, e depois, primeiro, para a casa de Samsonov, vou descobrir se Grushenka está lá, e instantaneamente volte aqui, e aqui até as onze horas, e depois leve-a novamente para Samsonov para levá-la de volta para casa. Foi assim que ele decidiu.

Ele voou para casa, lavou-se, penteou o cabelo, limpou o vestido, vestiu-se e foi até a Sra. Khokhlakova. Infelizmente, seu “plano” estava lá. Ele decidiu pedir três mil emprestados a esta senhora. E o mais importante, de repente, de alguma forma, ele teve uma confiança extraordinária de que ela não o recusaria. Talvez eles fiquem surpresos que, se houvesse tanta confiança, então por que ele não veio aqui antecipadamente, por assim dizer, para sua própria sociedade, mas foi para Samsonov, um homem de tipo estranho, com quem ele nem sequer saiba falar. Mas o fato é que no último mês ele conheceu Khokhlakova quase completamente, e pouco o conhecia antes e, além disso, sabia muito bem que ela mesma não o suportava. Esta senhora o odiou desde o início simplesmente porque ele era noivo de Katerina Ivanovna, enquanto por algum motivo ela de repente queria que Katerina Ivanovna o deixasse e se casasse com o “doce e cavalheiresco Ivan Fedorovich, que tem maneiras tão maravilhosas”. Ela odiava as maneiras de Mitya. Mitya até riu dela e uma vez disse sobre ela que essa senhora era “tão animada e atrevida quanto sem instrução”. E ainda esta manhã, no carrinho, o pensamento mais brilhante lhe ocorreu: “Sim, se ela realmente não quer que eu me case com Katerina Ivanovna, e não quer tanto (ele sabia que estava quase histérico), então por que ela recusaria que eu preciso desses três mil agora, justamente para que com esse dinheiro eu possa, deixando Katya, ir embora daqui para sempre? Essas senhoras mimadas, se realmente querem algo por capricho, não pouparão nada para que aconteça do seu jeito. Além disso, ela é tão rica”, argumentou Mitya. Quanto ao “plano” em si, era tudo igual a antes, ou seja, uma oferta dos direitos de Chermashnya, mas não mais para fins comerciais, como Samsonov fez ontem, sem seduzir esta senhora, como Samsonov fez ontem, a oportunidade de adquirir o dobro do jackpot em vez de três mil, seis ou sete mil, mas simplesmente como uma nobre garantia da dívida. Desenvolvendo esse seu novo pensamento, Mitya chegou ao deleite, mas isso sempre acontecia com ele em todos os seus empreendimentos, em todas as suas decisões repentinas. Ele se dedicou a cada novo pensamento seu até o ponto da paixão. No entanto, quando pisou na varanda da casa da Sra. Khokhlakova, de repente sentiu um arrepio de horror nas costas: naquele único segundo ele percebeu bastante e já matematicamente claramente que esta era sua última esperança, que não havia mais nada no mundo, se aqui interromper, “é possível esfaquear e roubar alguém por três mil e nada mais…” Eram sete horas e meia quando ele tocou a campainha.

A princípio, as coisas pareciam sorrir: assim que ele relatou, foi imediatamente recebido com extraordinária rapidez. “Ela definitivamente estava esperando por mim”, passou pela mente de Mitya, e então, de repente, assim que o trouxeram para a sala de estar, a anfitriã quase entrou correndo e anunciou diretamente a ele que estava esperando por ele...

- Eu esperei, esperei! Afinal, eu nem imaginava que você viria até mim, você deve concordar, mas eu estava esperando por você, maravilhe-se com meu instinto, Dmitry Fedorovich, tive certeza a manhã toda que você viria hoje.

“Isso é realmente surpreendente, senhora”, disse Mitya, sentando-se sem jeito, “mas... cheguei a um assunto extremamente importante... o mais importante dos mais importantes, para mim, isto é, senhora, para mim sozinho, e estou com pressa...”

“Eu sei que o assunto mais importante, Dmitry Fedorovich, não é algum tipo de premonição, nem desejos retrógrados de milagres (você já ouviu falar do Élder Zosima?), aqui, aqui está a matemática: você não poderia vir depois de tudo isso aconteceu com Katerina Ivanovna, você não poderia, você não poderia, isso é matemática.

- Realismo da vida real, senhora, é isso! Mas deixe-me, no entanto, afirmar...

— É realismo, Dmitry Fedorovich. Agora sou totalmente a favor do realismo, também aprendi uma lição sobre milagres. Você já ouviu falar que o Élder Zosima morreu?

“Não, senhora, é a primeira vez que ouço isso”, Mitya ficou um pouco surpreso. A imagem de Aliócha surgiu em sua mente.

- Esta noite, e imagine...

“Senhora”, interrompeu Mitya, “só posso imaginar que estou na situação mais desesperadora e que se você não me ajudar, tudo irá falhar e eu falharei primeiro”. Desculpe a trivialidade da expressão, mas estou com calor, estou com calor...

“Eu sei, eu sei que você está com febre, eu sei de tudo, você não pode estar com um estado de espírito diferente e não importa o que você diga, eu sei tudo de antemão.” Há muito tempo levei em consideração o seu destino, Dmitry Fedorovich, estou observando e estudando... Ah, acredite, sou um médico espiritual experiente, Dmitry Fedorovich.

“Senhora, se você é um médico experiente, então eu sou um paciente experiente”, Mitya persuadiu com força, “e tenho o pressentimento de que se você seguir meu destino tão de perto, você a ajudará em sua morte, mas para isso, deixe-me finalmente dizer que você é o plano com o qual me arrisquei a vir... e o que espero de você... eu vim, senhora...

- Não explique, isso é de menor importância. E quanto à ajuda, não sou o primeiro a ajudá-lo, Dmitry Fedorovich. Você provavelmente já ouviu falar de minha prima Belmesova, o marido dela morreu, falhou, como você disse caracteristicamente, Dmitry Fedorovich, e bem, eu o indiquei para a criação de cavalos, e agora ele está prosperando. Você tem alguma ideia sobre criação de cavalos, Dmitry Fedorovich?

- Nem um pouco, senhora - ah, senhora, nem um pouco! - Mitya gritou de impaciência nervosa e até se levantou da cadeira. “Só peço, senhora, que me escute, me dê apenas dois minutos de conversa livre, para que eu possa primeiro lhe explicar tudo, todo o projeto com o qual vim.” Além disso, preciso de tempo, estou com muita pressa!..” Mitya gritou histericamente, sentindo que ela estava prestes a começar a falar novamente e na esperança de calá-la aos gritos: “Cheguei em desespero... no último grau de desespero, pedir-lhe um empréstimo de três mil dólares, emprestado, mas com a garantia mais segura, com a garantia mais segura, senhora, com a segurança mais segura! Deixe-me apenas afirmar...

- São todos vocês mais tarde, mais tarde! - A Sra. Khokhlakova acenou com a mão para ele, - e diga o que você disser, eu sei tudo com antecedência, já lhe disse isso. Você está pedindo uma certa quantia, precisa de três mil, mas eu vou te dar mais, imensamente mais, vou te salvar, Dmitry Fedorovich, mas você precisa me ouvir!

Mitya pulou da cadeira novamente.

- Senhora, você é realmente tão gentil! - ele gritou com extremo sentimento. - Senhor, você me salvou. Você salva um homem, senhora, de uma morte violenta, de uma pistola... Minha eterna gratidão...

- Vou te dar infinitamente, infinitamente mais de três mil! - gritou a Sra. Khokhlakova, olhando para a alegria de Mitya com um sorriso radiante.

- Infinitamente? Mas você não precisa de tanto. Bastam esses três mil fatais para mim, e eu, de minha parte, vim garantir-lhe esse valor com infinita gratidão e oferecer-lhe um plano que...

“Chega, Dmitry Fedorovich, dito e feito”, retrucou a Sra. Khokhlakova com o triunfo casto de uma benfeitora. “Eu prometi salvá-lo e o farei.” Eu vou te salvar, assim como Belmesova. O que você acha das minas de ouro, Dmitry Fedorovich?

- Sobre as minas de ouro, senhora! Nunca pensei nada sobre eles.

- Mas pensei por você! Pensei nisso e mudei de ideia! Estou acompanhando você há um mês inteiro com esse propósito. Olhei cem vezes para você enquanto você passava e repetia para mim mesmo: aqui está um homem enérgico que precisa ir às minas. Até estudei seu andar e decidi: esse homem vai encontrar muitas minas.

- Pelo seu andar, senhora? - Mitya sorriu.

- Bem, e pela marcha. Bem, você realmente nega que pode reconhecer seu personagem pelo seu andar, Dmitry Fedorovich? As ciências naturais confirmam o mesmo. Ah, agora sou realista, Dmitry Fedorovich. A partir de hoje, depois de toda essa história no mosteiro, que tanto me perturbou, sou um realista completo e quero me lançar em atividades práticas. Estou curado. Suficiente! como disse Turgenev.

“Mas, senhora, esses três mil, com os quais você tão generosamente prometeu me emprestar...

“Eles não vão passar por você, Dmitry Fedorovich”, interrompeu imediatamente a Sra. Khokhlakova, “esses três mil são iguais ao que está no seu bolso, e não três mil, mas três milhões, Dmitry Fedorovich, no menor tempo possível !” Vou te contar a sua ideia: você vai encontrar minas, ganhar milhões, voltar e se tornar ativo, você vai nos mover também, nos direcionando para o bem. É realmente possível deixar tudo para os judeus? Você construirá edifícios e vários empreendimentos. Você ajudará os pobres e eles o abençoarão. Hoje é a era das ferrovias, Dmitry Fedorovich. Você se tornará conhecido e necessário para o Ministério das Finanças, que agora está em grande necessidade. A queda do nosso rublo de crédito não me deixa dormir, Dmitry Fedorovich, pouco se sabe sobre mim deste lado...

- Senhora, senhora! - Dmitry Fedorovich interrompeu novamente em algum tipo de premonição inquieta, - eu muito, muito possivelmente seguirei seu conselho - seu conselho inteligente, senhora - e talvez eu vá lá... para essas minas... e eu irei para você novamente para falar sobre isso... até muitas vezes... mas agora esses três mil, que você tão generosamente... Ah, eles me desamarrariam, e se possível hoje... Ou seja, você vê, agora Não tenho uma hora, nem uma hora de tempo...

— Chega, Dmitry Fedorovich, chega! - a Sra. Khokhlakova interrompeu insistentemente; - a pergunta: você vai para as minas ou não, já decidiu, responda matematicamente.

- Eu vou, senhora, então... vou para onde a senhora quiser, senhora... mas agora...

- Espere! - gritou a senhora Khokhlakova, deu um pulo e correu para sua magnífica cômoda com inúmeras gavetas e começou a puxar uma gaveta após a outra, procurando alguma coisa e com muita pressa.

"Três mil!" pensou Mitya, congelando, “e isso agora, sem nenhum papel, sem ato... ah, isso é cavalheiresco! Uma mulher magnífica, e se ela não fosse tão faladora..."

- Aqui! - a Sra. Khokhlakova gritou de alegria, voltando para Mitya, “era isso que eu estava procurando!”

Era um pequeno ícone prateado preso a um cordão, do tipo que às vezes é usado junto com uma cruz peitoral.

“Isto é de Kiev, Dmitry Fedorovich”, ela continuou com reverência, “das relíquias de Varvara, o Grande Mártir”. Deixe-me colocá-lo em seu pescoço e assim abençoá-lo com uma nova vida e novas façanhas.

E ela realmente jogou o ícone em volta do pescoço dele e começou a endireitá-lo. Mitya, muito envergonhado, abaixou-se e começou a ajudá-la e finalmente empurrou o ícone através da gravata e do colarinho da camisa até o peito.

- Agora você pode ir! - disse a Sra. Khokhlakova, sentando-se solenemente novamente.

“Senhora, estou tão emocionado... e nem sei como agradecer... por tais sentimentos, mas... se você soubesse o quanto o tempo é precioso para mim agora!.. Essa quantia que eu tanto espere de sua generosidade... Oh, senhora, se Você é tão gentil, tão comoventemente generoso comigo (Mitya exclamou de repente inspirado) - então deixe-me revelar a você... que, a propósito, você já sabe por há muito tempo... que eu amo uma criatura aqui... traí Katya... Katerina Ivanovna, quero dizer. Ah, fui desumano e desonesto diante dela, mas aqui me apaixonei por outra... uma mulher, senhora, talvez desprezada por você, porque você já sabe de tudo, mas a quem não posso abandonar de forma alguma, de jeito nenhum, e portanto agora, estes três mil...

- Deixe tudo, Dmitry Fedorovich! - Sra. Khokhlakova interrompeu no tom mais decisivo. - Deixe-os em paz, principalmente as mulheres. Seu objetivo são as minas e não há necessidade de levar mulheres para lá. Então, quando você retornar com riqueza e fama, encontrará uma namorada na mais alta sociedade. Esta será uma menina moderna, com conhecimento e sem preconceitos. Nessa altura, a questão das mulheres que agora começou amadurecerá e uma nova mulher aparecerá...

“Senhora, isso não é isso, isso não é aquilo...” Dmitry Fedorovich cruzou as mãos suplicante.

- Exatamente o que você precisa, Dmitry Fedorovich, exatamente o que você deseja sem saber. Não sou nada avesso à atual questão das mulheres, Dmitry Fedorovich. O desenvolvimento das mulheres e mesmo o papel político das mulheres num futuro muito próximo é o meu ideal. Eu mesmo tenho uma filha, Dmitry Fedorovich, e deste lado eles me conhecem pouco. Escrevi ao escritor Shchedrin sobre isso. Esse escritor me mostrou tanto, indicou tanto na nomeação de uma mulher que lhe enviei no ano passado uma carta anônima em duas linhas: “Eu abraço e beijo você, meu escritor, para uma mulher moderna, continue”. E ela assinou: “mãe”. Eu queria assinar “mãe moderna” e hesitei, mas optei simplesmente por mãe: mais beleza moral, Dmitry Fedorovich, e a palavra “moderno” os teria lembrado de Sovremennik, uma lembrança amarga para diante da censura atual... Meu Deus, o que há de errado com você?

“Senhora”, Mitya finalmente deu um pulo, cruzando as mãos na frente dela com as palmas em uma oração impotente, “você vai me fazer chorar, senhora, se adiar o que é tão generoso...

- E chore, Dmitry Fedorovich, chore! É uma sensação maravilhosa... você tem uma jornada enorme pela frente! As lágrimas irão aliviá-lo, depois volte e você se alegrará. Você virá da Sibéria até mim com o propósito de se alegrar comigo...

“Mas permita-me também”, gritou Mitya de repente, “pela última vez eu imploro, diga-me, posso receber de você esta quantia prometida hoje?” Se não, quando exatamente devo ir buscá-la?

— Que quantia, Dmitry Fedorovich?

- Os três mil que você prometeu... que você tão generosamente...

- Três mil? São rublos? “Ah, não, não tenho três mil”, disse a Sra. Khokhlakova com uma certa surpresa calma. Mitya ficou atordoada...

- Como você... agora... você disse... você até expressou isso. que eles estão como se estivessem no meu bolso...

- Ah, não, você me entendeu mal, Dmitry Fedorovich. Se sim, então você não me entendeu. Falei das minas... É verdade, prometi-te mais, infinitamente mais de três mil, lembro-me de tudo agora, mas referia-me apenas às minas.

- E o dinheiro? Que tal três mil? - Dmitry Fedorovich exclamou absurdamente.

- Ah, se você quer dizer dinheiro, então eu não tenho. Agora não tenho dinheiro nenhum, Dmitry Fedorovich, estou em guerra com meu empresário e outro dia peguei emprestado quinhentos rublos de Miusov. Não, não, não tenho dinheiro. E você sabe, Dmitry Fedorovich, mesmo que eu os tivesse, não os daria a você. Em primeiro lugar, não empresto dinheiro a ninguém. Emprestar significa brigar. Mas eu não daria para você, eu não daria para você, te amando, eu não daria para você, eu não daria para te salvar, porque você só precisa de uma coisa: minas, minas e minas!..

“Oh, droga!” Mitya rugiu de repente e bateu na mesa com toda a força.

- Ah-ah! - Khokhlakova gritou de susto e voou para o outro lado da sala.

Mitya cuspiu e saiu rapidamente da sala, de casa, para a rua, para a escuridão! Ele caminhou como um louco, batendo no peito, no mesmo lugar do peito em que se bateu há dois dias na frente de Alyosha, quando o viu pela última vez à noite, no escuro, na estrada . O que significava bater no peito neste lugar e o que ele queria apontar - ainda era um segredo que ninguém no mundo sabia, que ele nem revelou a Alyosha, mas neste segredo havia mais do que uma vergonha para ele, significava morte e suicídio, ele já havia decidido que se não conseguisse aqueles três mil para pagar Katerina Ivanovna e assim tirar do peito, “daquele lugar do peito”, a vergonha que carregava. ela, e que pesava tanto em sua consciência. Tudo isso será explicado ao leitor mais tarde, mas agora, depois que sua última esperança desapareceu, esse homem fisicamente forte, que acabara de caminhar alguns passos da casa de Khokhlakova, de repente começou a chorar como uma criança pequena. Ele caminhou e inconscientemente enxugou as lágrimas com o punho. Então ele saiu para a praça e de repente sentiu que havia esbarrado em algo com todo o corpo. Houve um uivo estridente de uma velha, que ele quase derrubou.

- Senhor, eu quase o matei! Por que você está andando em vão, sua moleca!

- Como, é você? - gritou Mitya, vendo a velha na escuridão. Foi você, o servo mais velho que serviu Kuzma Samsonov, e que Mitya notou muito ontem.

-Quem é você, pai? “- a velha disse com uma voz completamente diferente: “Eu não te reconheceria no escuro.”

- Você mora com Kuzma Kuzmich, você o serve?

“Exatamente, pai, agora mesmo corri para Prokhorych... Por que não consigo reconhecer todos vocês?”

- Diga-me, mãe, Agrafena Alexandrovna está com você agora? - Mitya disse, fora de si de ansiedade: "Agora mesmo eu mesmo a vi."

“Ela estava, pai, ela veio, sentou um pouco e foi embora.”

- Como? Perdido? - Mitya gritou: - Quando você foi embora?

“Sim, ela foi embora naquela hora, ficou conosco apenas um minuto, contou um conto de fadas a Kuzma Kuzmich, o fez rir e depois fugiu.”

- Você está mentindo, droga! - Mitya gritou.

- Ah-ah! - gritou a velha, mas Mitya desapareceu sem deixar vestígios; ele correu o mais rápido que pôde para a casa de Morozova. Foi precisamente nessa hora que Grushenka partiu para Mokroe, não mais de um quarto de hora depois de sua partida. Fenya estava sentada com a avó, a cozinheira Matryona, na cozinha quando de repente o “capitão” entrou correndo. Ao vê-lo, Fenya gritou obscenidades.

- Você está gritando? - Mitya gritou: - Onde ela está? - Mas sem permitir que Fena, que estava estupefata de medo, respondesse mais alguma palavra, de repente ele caiu a seus pés:

- Fenya, pelo amor de nosso Senhor Cristo, diga-me onde ela está?

“Pai, eu não sei de nada, meu querido Dmitry Fedorovich, eu não sei de nada, pela minha vida eu não sei de nada”, jurou Fenya, “Você mesmo foi com ela agora há pouco...”

- Ela voltou!..

- Querido, eu não vim, juro por Deus, não vim!

“Você está mentindo”, gritou Mitya, “só pelo seu medo eu sei onde ela está!”

Ele saiu correndo. A assustada Fenya ficou feliz por ter saído barato, mas ela entendeu muito bem que ele simplesmente não tinha tempo, caso contrário ela poderia não estar bem de vida. Mas enquanto fugia, ele ainda surpreendeu Fenya e a velha Matryona com um truque inesperado: sobre a mesa havia um almofariz de cobre e nele um pilão, um pequeno pilão de cobre com um quarto de arshin de comprimento. Mitya, saindo correndo e já tendo aberto a porta com uma das mãos, de repente pegou o pilão do almofariz com a outra, enfiou-o no bolso lateral e saiu com ele.

- Ai meu Deus, ele quer matar quem quer que seja! - Fenya apertou as mãos.

4. No escuro

Para onde ele correu? Sabe-se: “Onde ela poderia estar senão com Fyodor Pavlovich? De Samsonov ela correu direto para ele, agora está claro. Toda a intriga, todo o engano agora é óbvio”... Tudo isso voou como um redemoinho em sua cabeça. Ele não correu para o quintal de Marya Kondratyevna: “Não há necessidade de ir lá, não há necessidade nenhuma... para que não haja o menor alarme... eles vão te entregar imediatamente e te trair... Marya Kondratyevna está obviamente em uma conspiração. Smerdyakov também, todos foram subornados! Ele tinha outra intenção: correu em um grande desvio, por um beco, até a casa de Fyodor Pavlovich, correu pela rua Dmitrovskaya, depois atravessou a ponte e foi direto para um beco isolado nos fundos, vazio e desabitado, cercado de um lado pela cerca do jardim de um vizinho e, por outro, por uma cerca alta que circundava o jardim de Fyodor Pavlovich. Então ele escolheu um lugar e, ao que parece, o mesmo lugar onde, segundo a lenda, ele conheceu. Lizaveta Stinking uma vez pulou a cerca. “Se ela foi capaz de escalar”, Deus sabe por que passou por sua cabeça, “então como eu poderia não escalar?” E, de fato, ele pulou e instantaneamente conseguiu agarrar o topo da cerca com a mão, então ele se levantou energicamente, subiu imediatamente e sentou-se montado na cerca. Perto do jardim havia uma casa de banhos, mas as janelas iluminadas da casa também eram visíveis da cerca. “Isso mesmo, o quarto do velho está iluminado, ela está aí!” e ele pulou da cerca para o jardim. Embora soubesse que Grigory estava doente, e talvez Smerdyakov estivesse realmente doente, e que não havia ninguém para ouvi-lo, ele instintivamente se escondeu, congelou no lugar e começou a ouvir. Mas em todos os lugares havia um silêncio mortal e, como que propositalmente, uma calma completa, nem a menor brisa.

“E apenas o silêncio sussurra”, por algum motivo este poema passou por sua cabeça, “mas ninguém teria ouvido como eu pulei; Eu não acho." Depois de ficar parado por um minuto, ele caminhou silenciosamente pelo jardim, ao longo da grama; andando em volta das árvores e arbustos, ele caminhou muito, escondendo cada passo, ouvindo cada passo seu. Demorou cerca de cinco minutos para chegar à janela iluminada. Ele lembrou que ali, bem embaixo das janelas, havia vários arbustos grandes, altos e densos de sabugueiro e viburno. A porta de saída da casa para o jardim, no lado esquerdo da fachada, estava trancada, e ele percebeu isso deliberada e cuidadosamente ao passar. Finalmente chegou aos arbustos e escondeu-se atrás deles. Ele não estava respirando. “Agora precisamos esperar”, pensou ele, “se eles ouviram meus passos e agora estão ouvindo, então deveriam perder a fé... apenas para não tossir, não espirrar...”

Ele esperou dois minutos, mas seu coração batia terrivelmente e por momentos ele quase sufocou. “Não, meu batimento cardíaco não vai embora”, pensou ele, “não posso esperar mais”. Ele ficou atrás de um arbusto na sombra; a metade frontal do arbusto estava iluminada pela janela. “Viburnum, essas frutas são tão vermelhas!” ele sussurrou, sem saber por quê. Silenciosamente, com passos separados e inaudíveis, ele se aproximou da janela e ficou na ponta dos pés. Todo o quarto de Fyodor Pavlovich apareceu diante dele à vista de todos. Era uma sala pequena, toda dividida por telas vermelhas, “chinesas”, como Fyodor Pavlovich as chamava. “Chinês”, passou pela mente de Mitya, “e atrás das telas está Grushenka”. Começou a olhar para Fyodor Pavlovich. Ele estava com seu novo manto de seda listrado, que Mitya nunca tinha visto antes, amarrado com um cordão de seda com borlas. Por baixo da gola do manto aparecia uma roupa íntima limpa e elegante, uma camisa holandesa fina com abotoaduras douradas. Fyodor Pavlovich tinha na cabeça o mesmo curativo vermelho que Alyosha tinha visto nele. “Estou todo arrumado”, pensou Mitya. Fyodor Pavlovich estava perto da janela, aparentemente imerso em pensamentos, de repente levantou a cabeça, ouviu um pouco e, não ouvindo nada, foi até a mesa, serviu meio copo de conhaque da garrafa e bebeu. Então ele respirou fundo, levantou-se novamente, caminhou distraidamente até o espelho na parede, com a mão direita levantou levemente o curativo vermelho da testa e começou a olhar seus hematomas e feridas que ainda não haviam desaparecido. “Ele está sozinho”, pensou Mitya, “provavelmente, sozinho”. Fyodor Pavlovich afastou-se do espelho, virou-se de repente para a janela e olhou pela janela. Mitya saltou instantaneamente para as sombras.

“Ela pode estar atrás das telas dele, talvez já esteja dormindo”, ele sentiu uma pontada no coração. Fyodor Pavlovich afastou-se da janela. “Era ele quem estava procurando por ela pela janela, então ela não estava lá: por que ele deveria olhar para a escuridão? O velho já estava sentado em frente à mesa, aparentemente entristecido. Finalmente, ele se apoiou no cotovelo e colocou a palma da mão direita na bochecha. Mitya olhou com avidez.

"Um, um!" ele repetiu novamente. “Se ela estivesse aqui, ele teria um rosto diferente.” É uma coisa estranha: algum aborrecimento insensato e maravilhoso de repente começou a ferver em seu coração pelo fato de ela não estar aqui. “Não é porque ela não está aqui”, pensou Mitya e respondeu imediatamente, “mas porque não consigo saber com certeza se ela está aqui ou não”. O próprio Mitya lembrou mais tarde que sua mente estava excepcionalmente clara naquele momento e entendia tudo até o último detalhe, captando cada característica. Mas a melancolia, a melancolia da ignorância e da indecisão cresceu em seu coração com uma velocidade exorbitante. "Ela finalmente está aqui ou não?" ferveu com raiva em seu coração. E de repente ele se decidiu, estendeu a mão e bateu silenciosamente no batente da janela. Ele bateu o sinal convencional do velho com Smerdyakov: as primeiras duas vezes silenciosamente, e depois três vezes rapidamente: toc-toc-toc - um sinal indicando que “Grushenka chegou”. O velho estremeceu, ergueu a cabeça, deu um pulo rápido e correu para a janela. Mitya saltou para as sombras. Fyodor Pavlovich destrancou a janela e colocou a cabeça inteira para fora.

- Grushenka, é você? O que você está fazendo? - ele disse em um meio sussurro trêmulo. - Onde você está, anjinho, onde você está? “Ele estava muito excitado, sem fôlego.

"Um!" Mitya decidiu.

- Onde você está? - o velho gritou novamente e esticou ainda mais a cabeça, esticou os ombros, olhando em todas as direções, direita e esquerda; - venha aqui; Preparei um miminho, vem que vou te mostrar!..

“Ele está falando sobre um pacote com três mil”, passou pela mente de Mitya.

- Onde está?.. Ali está na porta? vou abrir agora...

E o velho quase saiu pela janela, olhando para a direita, para o lado onde ficava a porta do jardim, e tentando enxergar na escuridão. Num segundo certamente teria corrido para destrancar as portas sem esperar pela resposta de Grúchenka. Mitya olhou de lado e não se mexeu. Todo o perfil do velho, tão nojento para ele, todo o seu pomo de adão caído, seu nariz adunco sorrindo em doce expectativa, seus lábios, tudo isso estava fortemente iluminado pela luz oblíqua da lâmpada à esquerda da sala. Uma raiva terrível e frenética de repente ferveu no coração de Mitya: “Aqui está ele, seu rival, seu algoz, o algoz de sua vida!” Foi uma onda daquela mesma raiva repentina, vingativa e frenética, que, como se a antecipasse, ele anunciou a Alyosha em uma conversa com ele no gazebo há quatro dias, quando respondeu à pergunta de Alyosha: “como você pode dizer que você vai matar seu pai?

“Não sei, não sei”, disse ele então; “Talvez eu não mate, ou talvez mate. Tenho medo de odiá-lo de repente e me tornar “minha cara naquele exato momento”. Odeio seu pomo de adão, seu nariz, seus olhos, sua zombaria desavergonhada. Sinto repulsa pessoal. É disso que tenho medo, é por isso que não consigo resistir...”

A repulsa pessoal cresceu insuportavelmente. Mitya não se lembrava mais de si mesmo e de repente tirou um pilão de cobre do bolso...

Deus, como o próprio Mitya disse mais tarde, estava cuidando de mim: justamente naquela hora, o doente Grigory Vasilyevich acordou em sua cama. Na noite do mesmo dia, ele realizou em si mesmo o conhecido tratamento, que Smerdyakov contou a Ivan Fedorovich, ou seja, com a ajuda de sua esposa, enxugou-se todo com vodca com alguma infusão secreta muito forte, e bebeu o resto com “alguma oração” sussurrada para ele por sua esposa e foi para a cama. Marfa Ignatievna também provou e, como quem não bebe, adormeceu ao lado do marido em um sono profundo. Mas então, de forma bastante inesperada, Grigory acordou de repente no meio da noite, parou um momento para pensar e, embora imediatamente sentisse novamente uma dor ardente na parte inferior das costas, levantou-se na cama. Então ele pensou em algo novamente, levantou-se e se vestiu rapidamente. Talvez o remorso o tenha picado pelo fato de estar dormindo e a casa estar sem guarda “em um momento tão perigoso”. Abalado pela epilepsia, Smerdyakov ficou imóvel em outro armário. Marfa Ignatievna não se mexeu: “a mulher enfraqueceu”, pensou Grigory Vasilyevich, olhando para ela e, gemendo, saiu para a varanda. Claro, ele só queria olhar da varanda, porque não conseguia andar, as dores na parte inferior das costas e na perna direita eram insuportáveis. Mas de repente ele se lembrou de que não trancava o portão do jardim desde a noite. Ele era um homem muito cuidadoso e preciso, um homem de ordem estabelecida e hábitos de longo prazo. Mancando e se contorcendo de dor, ele saiu da varanda e foi em direção ao jardim. Isso mesmo, o portão está completamente aberto. Ele entrou mecanicamente no jardim: talvez tenha imaginado alguma coisa, talvez tenha ouvido algum som, mas, olhando para a esquerda, viu a janela aberta do mestre, a janela já estava vazia, ninguém olhava mais para fora. “Por que está aberto, não é verão agora!” pensou Gregory e de repente, naquele exato momento, algo extraordinário brilhou bem na sua frente no jardim. Cerca de quarenta passos à sua frente, um homem parecia estar correndo na escuridão, algum tipo de sombra se movia muito rapidamente. “Senhor!”, disse Grigory e, sem se lembrar, esquecendo-se da dor na região lombar, partiu para interromper o homem que corria. Ele analisou brevemente, o jardim era aparentemente mais familiar para ele do que para o homem que corria; o mesmo estava indo em direção ao balneário, correu atrás do balneário. correu para a parede... Grigory o seguiu, sem perdê-lo de vista, e correu sem se lembrar de si mesmo. Ele alcançou a cerca no momento em que o fugitivo já estava pulando a cerca. Grigory gritou fora de si, correu e agarrou sua perna com as duas mãos.

Assim é, sua premonição não o enganou; ele o reconheceu, era ele “o monstro-parricídio”!

- Patricídio! - gritou o velho para toda a vizinhança, mas foi tudo o que conseguiu gritar; ele caiu de repente como se tivesse sido atingido por um trovão. Mitya saltou de volta para o jardim e inclinou-se sobre o homem prostrado. Mitya tinha um pilão de cobre nas mãos e automaticamente o jogou na grama. O pilão caiu a dois passos de Gregório, mas não na grama, mas no caminho, no lugar mais visível. Por vários segundos ele olhou para a pessoa deitada à sua frente. A cabeça do velho estava coberta de sangue; Mitya estendeu a mão e começou a sentir. Mais tarde, ele se lembrou claramente de que naquele momento ele queria terrivelmente “ter certeza absoluta” se havia quebrado o crânio do velho ou apenas o “atordoado” com um pilão no alto da cabeça? o sangue fluiu, fluiu terrivelmente e instantaneamente derramou um jato quente sobre os dedos trêmulos de Mitya. Lembrou-se de ter tirado do bolso seu novo lenço branco, que havia estocado durante sua ida a Khokhlakova, e colocado na cabeça do velho, tentando inutilmente limpar o sangue de sua testa e rosto. Mas o lenço ficou imediatamente molhado de sangue. “Senhor, para que sirvo?” Mitya acordou de repente, “se eu já quebrei, como posso descobrir agora... E isso realmente importa agora!” ele acrescentou de repente, desesperadamente: "ele matou, ele matou... O velho foi pego e deitou-se!" ele disse em voz alta e de repente correu para a cerca, pulou no beco e começou a correr. O lenço encharcado de sangue estava amassado em seu punho direito e, enquanto corria, ele o colocou no bolso de trás do casaco. Ele correu precipitadamente, e vários raros transeuntes que o encontraram no escuro nas ruas da cidade mais tarde lembraram como encontraram um homem correndo freneticamente naquela noite. Ele voou novamente para a casa de Morozova. Agora mesmo, Fenya, imediatamente após sua partida, correu até o zelador sênior Nazar Ivanovich e começou a orar a ele “por Cristo Deus”. para que “não deixe mais o capitão entrar, nem hoje nem amanhã”. Nazar Ivanovich, depois de ouvir, concordou, mas infelizmente subiu as escadas até sua amante, onde foi chamado de repente, e no caminho, encontrando seu sobrinho, um rapaz de cerca de vinte anos, recém-chegado da aldeia, ordenou-lhe que ficasse em no pátio, mas esqueci de pedir ao capitão. Ao chegar ao portão, Mitya bateu. O cara o reconheceu instantaneamente: Mitya já havia lhe dado gorjeta mais de uma vez. Ele imediatamente abriu o portão para ele, deixou-o entrar e, sorrindo alegremente, apressou-se em avisá-lo em forma de advertência. que “afinal, Agrafena Alexandrovna não está mais em casa, senhor”.

- Onde ela está, Prokhor? - Mitya parou de repente.

“Saí há pouco, há cerca de duas horas, com Timofey, para Mokroe.

- Para que? - Mitya gritou.

“Não posso saber, senhor, para algum oficial, alguém ligou de lá e eles mandaram cavalos...

Mitya o abandonou e correu para Fenya como um louco.

V. Decisão repentina

Ela estava sentada na cozinha com a avó, ambas se preparando para ir dormir. Contando com Nazar Ivanovich, eles novamente não se trancaram por dentro. Mitya entrou correndo, correu para Fenya e agarrou-a com força pelo pescoço.

- Diga-me agora, onde ela está, com quem ela está agora em Mokroye? - ele gritou em frenesi.

Ambas as mulheres gritaram.

“Ah, vou te contar, ah, meu querido Dmitry Fedorovich, agora vou te contar tudo, não vou esconder nada”, a assustada Fenya gritou rapidamente até a morte: “ela foi a Mokroye para ver o oficial. ”

- Para qual oficial? - Mitya gritou.

“Para o velho oficial, para o mesmo, para o velho, que esteve lá por cinco anos, saiu e saiu”, Fenya estalou no mesmo tamborilar.

Dmitry Fedorovich tirou as mãos com as quais apertava a garganta dela. Ele estava diante dela, pálido como a morte e sem palavras, mas estava claro em seus olhos que ele entendia tudo de uma vez, tudo. Entendi tudo de uma vez, até a última linha, e adivinhei tudo. É claro que não cabia ao pobre Fenya observar naquele momento se ele entendia ou não. Ela permaneceu como estava, sentada no peito quando ele entrou correndo, toda tremendo e, estendendo as mãos à sua frente, como se quisesse se defender, congelou nesta posição. Com as pupilas assustadas dos olhos dilatadas de medo, ela olhou para ele imóvel. E bem na hora, ambas as mãos estavam manchadas de sangue. Querido, quando ele correu, ele deve ter tocado a testa com eles, enxugando o suor do rosto, de modo que havia manchas vermelhas de sangue manchado na testa e na bochecha direita. Fenya poderia ter ficado histérica agora, mas a velha cozinheira deu um pulo e parecia louca, quase perdendo a consciência. Dmitry Fedorovich ficou parado por um minuto e de repente afundou-se mecanicamente em uma cadeira ao lado de Fenya.

Ele sentou-se e realmente não pensou, mas parecia estar assustado, como se estivesse com algum tipo de tétano. Mas tudo estava claro como o dia: este oficial - ele sabia dele, sabia tudo perfeitamente, sabia pela própria Grushenka, sabia que havia enviado uma carta há um mês. Isso significa que durante um mês, um mês inteiro, esse assunto foi tratado em profundo sigilo dele até a chegada desse novo homem, e ele nem pensou nisso! Mas como ele poderia, como ele poderia não pensar nele? Por que ele se esqueceu desse oficial então, esqueceu assim que descobriu sobre ele? Esta foi a questão que surgiu diante dele como uma espécie de monstro. E ele contemplou esse monstro verdadeiramente com medo, frio de medo.

Mas de repente ele falou baixinho e mansamente, como uma criança quieta e afetuosa, com Fenya, esquecendo completamente que ele a tinha assustado tanto, ofendido e atormentado. De repente, com extrema e até surpreendente precisão em sua posição, começou a questionar Fenya. E embora Fenya olhasse loucamente para suas mãos ensanguentadas, ela também começou a responder a todas as perguntas com incrível prontidão e pressa, mesmo como se estivesse com pressa de contar a ele toda a “verdade de Pravdin”. Aos poucos, mesmo com uma espécie de alegria, ela começou a expor todos os detalhes, sem querer atormentar, mas como se corresse com todas as forças do coração para servi-lo. Ela contou-lhe até os mínimos detalhes durante todo o dia de hoje, a visita a Rakitin e Alyosha, como ela, Fenya, ficou de guarda, como a senhora foi e como ela gritou uma reverência para ele, Mitenka, pela janela para Alyosha, e para que “ele se lembrasse para sempre de como ela o amava”. Tendo ouvido falar do arco, Mitya de repente sorriu e um rubor surgiu em suas bochechas pálidas. Fenya disse-lhe naquele exato momento, já sem medo da sua curiosidade:

“Suas mãos, Dmitry Fedorovich, estão cobertas de sangue!”

“Sim”, Mitya respondeu mecanicamente, olhou distraidamente para as mãos e imediatamente se esqueceu delas e da pergunta de Fenya. Ele caiu em silêncio novamente. Vinte minutos já haviam se passado desde que ele entrou correndo. Seu medo recente havia passado, mas aparentemente ele já havia tomado posse de uma determinação nova e inabalável. De repente ele se levantou e sorriu pensativo.

- Mestre, o que aconteceu com você? - Fenya disse novamente, apontando para as mãos dele, - ela falou com pesar, como se a criatura que agora estava mais próxima dele em luto fosse dele.

Mitya olhou para as mãos novamente.

“Isso é sangue, Fenya”, disse ele, olhando para ela com uma expressão estranha, “isto é sangue humano e, Deus, por que foi derramado!” Mas... Fenya... há uma cerca aqui (ele olhou para ela como se estivesse lhe perguntando uma charada), uma cerca alta e assustadora de se olhar, mas... amanhã ao amanhecer, quando o sol “decolar, ” Mitenka vai pular essa cerca... Você não entende, Fenya, que cerca, bom, nada... não importa, amanhã você vai ouvir e entender tudo... e agora adeus! Não vou interferir e vou fugir, vou conseguir fugir. Viva, minha alegria... ela me amou por uma hora, então lembre-se de Mitenka Karamazov para sempre... Afinal, ela sempre me chamou de Mitenka, lembra?

E com estas palavras ele saiu de repente da cozinha. E Fenya ficou quase mais assustada com essa saída do que quando ele entrou correndo e correu para ela agora há pouco.

Exatamente dez minutos depois, Dmitry Fedorovich entrou na sala daquele jovem oficial, Pyotr Ilyich Perkhotin, a quem acabara de penhorar as pistolas. Já eram oito e meia e Piotr Ilitch, depois de tomar chá em casa, acabava de vestir novamente a sobrecasaca para ir à taberna da Capital City jogar bilhar. Mitya agarrou-o na saída. Ele, vendo ele e seu rosto manchado de sangue, gritou:

- Deus! o que você tem?

"Mas", disse Mitya rapidamente, "ele veio buscar minhas pistolas e trouxe dinheiro para você." Com gratidão. Estou com pressa, Pyotr Ilyich, por favor, apresse-se.

Pyotr Ilyich ficou cada vez mais surpreso: nas mãos de Mitya o jovem de repente olhou para uma pilha de dinheiro e, o mais importante, ele estava segurando essa pilha e entrou com ela, pois ninguém segura dinheiro e ninguém entra com ele: ele carregava todos os cartões de crédito na mão direita, como que ostensivamente, mantendo a mão esticada à sua frente. O menino, servo do funcionário, que encontrou Mitya no corredor, disse mais tarde que entrou no corredor com dinheiro nas mãos e, portanto, ao longo da rua, ainda o carregava à sua frente na mão direita. As notas eram todas de cem rublos, da cor do arco-íris, e ele as segurava com os dedos ensanguentados. Pyotr Ilyich, depois às perguntas posteriores dos interessados: quanto dinheiro havia? afirmou que naquela época era difícil contar a olho nu, talvez dois mil, talvez três, mas o bando era grande, “denso”. O próprio Dmitry Fedorovich, como também mostrou mais tarde, “também estava completamente fora de si, mas não bêbado, mas como se estivesse em algum tipo de deleite, muito distraído e ao mesmo tempo como se estivesse concentrado, como se sobre alguma coisa.” Pensei e tentei, mas não consegui decidir. Ele estava com pressa, respondeu de forma brusca, muito estranha, mas em alguns momentos ele parecia não estar triste, mas até alegre.”

- O que há de errado com você, o que há de errado com você agora? - Pyotr Ilyich gritou novamente, olhando descontroladamente para seu convidado. - Como você se abriu tanto, caiu, olha!

Ele o agarrou pelo cotovelo e o colocou na frente do espelho. Mitya, vendo seu rosto manchado de sangue, estremeceu e franziu a testa com raiva.

- Ei, droga! “Estava faltando”, ele murmurou com raiva, transferiu rapidamente os cartões de crédito da mão direita para a esquerda e puxou freneticamente o lenço do bolso. Mas o lenço também estava coberto de sangue (com o mesmo lenço ele enxugou a cabeça e o rosto de Grigory): nem uma única mancha era branca, e não apenas começou a secar, mas de alguma forma endureceu até formar um caroço e não queria se virar. Mitya o jogou violentamente no chão.

- Ei, droga! Você tem algum pano... que eu possa me limpar...

- Então você só se sujou e não se machucou? “É melhor lavar-se”, respondeu Piotr Ilitch. - Aqui está um lavatório, vou te dar.

- Lavatório? Isso é bom... mas onde coloco? - com um espanto muito estranho, apontou para Piotr Ilyich seu maço de notas de cem rublos, olhando-o interrogativamente, como se tivesse que decidir onde colocar seu próprio dinheiro.

“Coloque no bolso, ou coloque na mesa aqui, não vai para o lixo.”

- No seu bolso? Sim, no seu bolso. Isso é bom... Não, você vê, isso tudo é bobagem! - gritou ele, como se de repente emergisse de sua distração. “Veja: vamos terminar este assunto primeiro, dê-me as pistolas, mas dê-me o seu dinheiro... porque eu realmente preciso dele... e de tempo, nem uma gota de tempo...”

E, tirando a nota de cem rublos da pilha, entregou-a ao funcionário.

“Não quero nem troco”, comentou: “Você não tem troco menor?”

“Não”, disse Mitya, olhando novamente para a pilha e, como se não tivesse certeza de suas palavras, experimentou dois ou três pedaços de papel por cima com os dedos, “não, são todos iguais”, acrescentou e novamente olhou interrogativamente para Piotr Ilitch.

- Como você ficou tão rico? - ele perguntou. - Espere, vou mandar meu filho correr para os Plotnikovs. Eles trancam tarde, então não vão trocá-lo. Olá Misha! - ele gritou para o corredor.

- Para a loja dos Plotnikovs - uma coisa magnífica! - Mitya também gritou, como se tivesse algum pensamento. “Misha”, ele se virou para o menino que havia entrado, “você vê, corra até os Plotnikovs e diga a eles que Dmitry Fedorovich ordenou que nos curvássemos e estaremos lá agora... Sim, ouça, ouça: para que o champanhe seja preparado para sua chegada, cerca de três dúzias, e disposto como então, quando fui para Mokroe... Então tirei quatro dúzias deles (de repente ele se virou para Pyotr Ilyich), “eles já sabem, não se preocupe, Misha ”, ele se virou novamente para o menino. - Sim, ouça: para que haja queijo, tortas de Estrasburgo, peixe branco defumado, presunto, caviar, enfim, tudo, tudo o que eles têm, por cento ou cento e vinte rublos, como antes... Sim, ouça: então que não se esqueçam dos presentes, doces, peras, duas ou três melancias, talvez quatro - bem, não, uma melancia é suficiente, mas chocolate, pirulitos, monpensiers, cranberries - bem, tudo o que eles colocaram comigo em Mokroye atrás então, com champanhe por trezentos rublos, então... Bem, agora é exatamente a mesma coisa. Sim, lembre-se, Misha, se você, Misha... Afinal, o nome dele é Misha? - ele voltou-se novamente para Pyotr Ilyich.

“Mas espere”, interrompeu Piotr Ilyich, ouvindo-o e examinando-o com preocupação, “é melhor você ir sozinho, então você dirá e ele mentirá”.

- É mentira, vejo que é mentira! Eh, Misha, eu ia te beijar por uma comissão... Se você não mente, dez rublos para você, vá rápido... Champanhe, o principal é champanhe para rolar, e conhaque, e tinto, e branco, e tudo isso como então. Eles já sabem como foi então.

- Sim, ouça! - Pyotr Ilyich interrompeu impacientemente. “Eu digo: deixe ele correr para trocar, e mande que não tranquem, e você mesmo vai dizer... Me dá seu cartão de crédito.” Março, Misha, um pé está aí, o outro está aqui! - Pyotr Ilyich, ao que parece, afastou deliberadamente Misha rapidamente, porque ele ficou na frente do convidado, arregalando os olhos para o rosto ensanguentado e as mãos ensanguentadas com um maço de dinheiro nos dedos trêmulos, e ficou ali, boquiaberto de surpresa e medo, e provavelmente entendeu pouco de tudo que Mitya o puniu.

“Bem, agora vamos nos lavar”, disse Piotr Ilitch severamente. - Coloque o dinheiro na mesa, ou coloque no bolso... É isso, vamos lá. Sim, tire o casaco.

E ele começou a ajudá-lo a tirar o casaco e de repente gritou de novo:

- Olha, tem sangue no seu casaco também!

- Isto... isto não é uma sobrecasaca. Só um pouquinho aqui perto da manga... E é só aqui, onde estava o lenço. Vazou do meu bolso. “Sentei-me no lenço de Fenya e o sangue vazou”, explicou Mitya imediatamente com uma credulidade incrível. Piotr Ilitch ouviu com o cenho franzido.

- Foi uma pena para você; “Devemos ter brigado com alguém”, ele murmurou.

Começamos a lavar. Piotr Ilitch segurou uma jarra e serviu água. Mitya estava com pressa e não ensaboava bem as mãos. (Suas mãos tremiam, como recordou Piotr Ilitch mais tarde.) Piotr Ilitch imediatamente pediu mais sabão e mais esfrega. Era como se ele estivesse de alguma forma ganhando vantagem sobre Mitya naquele momento, e quanto mais avançava, mais ainda. Notemos, a propósito: o jovem era de caráter tímido.

- Olha, eles não lavaram embaixo das unhas; Bom, agora esfregue o rosto, aqui mesmo: nas têmporas, perto da orelha... Vai viajar com essa camisa? Onde você está indo? Olha, todo o punho da manga direita está coberto de sangue.

“Sim, com sangue”, observou Mitya, examinando o punho da camisa.

- Então troque de roupa íntima.

- Não há tempo. E aqui estou, você vê...” Mitya continuou com a mesma confiança, já enxugando o rosto e as mãos com uma toalha e vestindo a sobrecasaca, “Vou dobrar a ponta da manga aqui, ganhou”. não fica visível sob a sobrecasaca... Você vê!

- Diga-me agora, onde isso te levou? Você brigou com alguém? Não está na taverna de novo, como antes? Não foi a mesma coisa com o capitão de novo, como naquela época, bateram nele e arrastaram? - lembrou Piotr Ilyich, como que em tom de censura. - Quem mais foi morto... ou talvez morto?

- Bobagem! - Mitya disse.

- Que bobagem?

“Não há necessidade”, disse Mitya e de repente sorriu: “Fui eu quem acabou de esmagar a velha na praça”.

- Esmagado? Uma senhora idosa?

- Velho! - gritou Mitya, olhando Piotr Ilyich diretamente no rosto, rindo e gritando para ele como se ele fosse surdo.